EQA DE QUEIRÓS • REVISTA DE PORTUGAL

COBRAL

1501021962



"COBRAL"
LIVROS EM COLEÇÃO
DISTRIBUIDORA DE MATERIAL ESCOLAR
M. E. C. FENAME
Rua Joaquim Nabuco, 749 - Fone, 3-2228
PRESIDENTE PRUDENTE — S.P.

REVISTA

DE

PORTUGAL

LN445

—

VOLUME III

Exemplar com a variante de reimpressão de diversas páginas.

REVISTA

DE

PORTUGAL

21962 X.X

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME III

PORTO

EDITORES, LUGAN & GENELIOUX

Successores de Ernesto Chardron

1890

Todos os direitos reservados

21962

A REVISTA

A Revista de Portugal conseguiu, pelo esforço fiel de alguns collaboradores illustres, percorrer o seu primeiro anno com auctoridade e com brilho; mas a experiencia d'esse anno trabalhoso impôz aos fundadores da Revista a necessidade de remodelar não só o seu Programma inicial, mas ainda o molde pesado e estreito em que ella gradualmente crystallisára. D'outro modo seria certo o deperecimento e desapparecimento d'uma obra que elles teimosamente consideram educadora e indispensavel á dignidade das Letras patrias.

Fundada com os elevados intuitos, entre outros, de crear um orgão especial e profissional de critica; de erguer entre as discussões tumultuarias da Politica um logar mais alto e sereno que no meio das paixões e dos interesses fosse como o refugio da superior razão; de formar um resumo do movimento intellectual de Portugal que tornasse praticavel á Critica estrangeira a apreciação das nossas obras e dos nos-

sos homens; de fundar um registro permanente da nossa actividade em todos os ramos que nos permittisse ter, o mais exacta e visivelmente que ser podesse, a consciencia de nós mesmos — a REVISTA DE PORTUGAL, logo desde os seus primeiros passos, ainda vivos de esperança, encontrou por um lado difficuldades insuperaveis em preencher estes fins, e não encontrou por outro uma sympathia bastante prompta e quente para mostrar que fosse esta, precisamente, a Publicação appetecida e esperada pelas curiosidades intellectuaes do Publico.

Por um lado, forçoso foi aos fundadores da REVISTA reconhecer que em Portugal não existia ainda um grupo de escriptores que, exclusivamente empregados no exercicio das Letras, livres de todas as influencias de Partido ou de Escóla, e disciplinados por habitos estrictamente regulares de trabalho, podessem assegurar a uma Revista uma collaboração abundante, diligente, variada, opportuna, pontual e efficaz. E por outro lado, ainda forçoso lhes foi reconhecer que o Publico, por motivos multiplos de raça, de educação, de costumes e de occupações, deseja encher aquellas horas livres em que folheia um livro ou uma Revista, não no severo esforço de adquirir uma instrucção systematica, mas no mero consolo de receber uma distracção intelligente.

N'estas condições foi indispensavel preparar uma reorganisação da REVISTA [1]. Por um lado ella devia tornar-se mais independente da collaboração nacional, sempre escassa, sempre irregular, sempre retardada, indo recolher através

[1] Estes trabalhos de reorganisação forçaram a REVISTA a interromper, durante os mezes de julho, agosto e setembro, a sua publicação regular. Começando o seu segundo anno, a REVISTA toma como primeira data a do mez em que reapparece.

das grandes publicações estrangeiras a sua provisão mensal, idéas que ensinem e os factos que interessem; e por outro lado devia offerecer ao Publico aquella leitura facil, ligeira, clara, diversa, nova, que é a unica que, sem o fatigar ou desanimar, lhe póde ainda assim levar ao espirito cultura e informação. De facto a REVISTA, querendo viver e actuar como um factor efficaz de educação, devia adoptar aquelle typo especial de Publicação a que se dá na Europa o nome de *Magazine*.

Uma Revista tal como os fundadores da REVISTA DE PORTUGAL a conceberam no seu programma inicial, não é ainda realisavel dentro das nossas condições litterarias e sociaes. Para cumprir tão alto Programma surgirá por muito tempo ainda entre nós a difficuldade da collaboração. Não faltam, é certo, para constituir um grupo de collaboradores, homens excellentemente competentes; mas esses, infelizmente, ou seja por estarem absorvidos em occupações profissionaes (e não possuindo o methodo intellectual que habilita um inglez ou um allemão a encher de manhã um livro de escripturação e a compôr á noite um estudo de critica), ou seja por se acharem presos á disciplina partidaria (unico sentimento que entre nós permanece vivo entre tantos outros que se apagam) — esses raramente têm o calmo vagar de produzir, e quasi nunca a inteira liberdade de julgar. O mal do nosso paiz, a *falta de pessoal*, pesa tão gravemente nas letras como em todos os outros ramos da actividade nacional.

A unica publicação, pois, que a nossa sociedade comporta é um *Magazine*, onde destaquem sim, por vezes, obras de Critica, de Historia, de Philosophia, tão valiosas como as que honraram o primeiro volume da REVISTA DE PORTUGAL, mas onde sobretudo predominem as obras de imaginação,

as vulgarisações scientificas, narrações de viagens, os trabalhos biographicos, os estudos de costumes, as actualidades politicas e sociaes, toda essa Litteratura, ou fórmas de Litteratura, mais adaptadas e proprias para um largo Publico, que ás idéas e aos factos nunca póde dedicar um estudo exhaustivo, apenas uma fugitiva curiosidade.

Este *Magazine* assim comprehendido, será aceito pelo Publico e viverá? Conseguiremos nós, escriptores e leitores, uns pela pontualidade do seu trabalho, outros pela fidelidade do seu apoio, dotar Portugal com uma Publicação, que, se não tão completa como as grandes Revistas Europêas, será ainda assim honrosa para a sua reputação litteraria?

A Revista de Portugal, apesar de tão nova na carreira, começava recentemente a ser citada com sympathia e respeito no estrangeiro por jornaes e revistas. Teremos nós ainda de supprimir este fio unico que nos prendia á Europa intellectual?

O esforço que hoje imploramos, e esperamos, não é um esforço enorme para crear um mundo. É apenas o limitado esforço de trabalho e de apoio da parte de Escriptores e da parte dos Leitores, para que em todo este reino de Portugal, que ainda é um reino da Europa culta, possa viver affirmando a vitalidade do nosso Pensamento e a nossa participação nas coisas da Intelligencia — uma Revista, uma modesta Revista de 130 paginas, uma Revista isolada e unica. A Armenia que é uma provincia inculta da Turquia Asiatica — tem tres.

O TRATADO COM A INGLATERRA

E A SITUAÇÃO DE PORTUGAL

Nos mezes que vão decorridos d'este anno de 1890, singularmente funesto para nós por tantas desgraças, a Inglaterra póde dizer-se que confiscou a Africa em seu beneficio, instituindo-se em potencia quasi suzerana, e repartindo com a Allemanha, com a França, e finalmente comnosco, os restos de um banquete em que tomou para si a parte do leão.

Coube a Portugal a sorte do cordeiro, como na fabula tão conhecida; embora se deva dizer, em abono da verdade, que os deploraveis erros da nossa politica interna concorreram para tornar facil á Inglaterra o desempenho do seu papel de lobo cerval. Quando, em janeiro, a imprensa de todo o continente europeu verberava o procedimento violentamente inaudito com que a Inglaterra, segura já de que nada tinha a temer do lado da Allemanha, punha termo ao debate diplomatico comnosco; quando se denunciava um movimento de sympathia pela nossa pobre causa, e a Europa parecia querer acordar para a verdadeira comprehensão dos interesses continentaes, o espectaculo que nós démos suffocou esse movimento.

Subordinando o debate da questão ingleza ás conveniencias de mesquinhas questiunculas partidarias, suffocando a um tempo os tumultos anarchicos e a explosão generosa do patriotismo ingenuo; afastando-se systematicamente da publicidade que é a

unica defeza dos fracos, para se lançar na illusoria esperança da benevolencia de uma nação que nos olha com um desdem excitado pela cubiça: o ministerio de janeiro pensou que a *questão ingleza* se media pela bitola ordinaria dos problemas minusculos da nossa politica interna, e que a hostilidade ávida da Inglaterra se reduzia á inimizade pessoal de lord Salisbury pelo ministro que durante annos defendera palmo a palmo, com uma tenacidade digna de melhor exito, os restos do nosso patrimonio historico.

O tratado de 20 de agosto foi a mais cruel e a mais fulminante desillusão para todos os que partilhavam as opiniões governamentaes; porque para o nosso governo havia muito que as imposições descaroaveis da Inglaterra lhe teriam mostrado a temeridade com que se lançára n'um caminho errado. Forçado a passar sob as forcas caudinas, fôra todavia elle quem de coração leve se mettera n'um bêco sem outra sahida mais do que o diploma verdadeiramente monstruoso que teve a deploravel coragem de subscrever.

Era tarde para voltar a traz.

Dado o golpe de 11 de janeiro, a Inglaterra durante mezes entreteve-nos com a prorogação das negociações. Satisfeitissima com a marcha das coisas em Portugal: vendo como a nossa attitude prejudicava as sympathias europeias e desfazia o principio de resistencia que poderia vir a tornar-se na convocação de uma segunda conferencia que fizesse para a Africa oriental o que a de Berlim fizera para as regiões do Zaire: a Inglaterra tratou primeiro de ajustar as suas contas com a Allemanha, celebrando com ella o tratado de partilha; passou depois á França, deixando-lhe o Saharâ; e quando isoladamente tinha liquidado com essas nações que a podiam incommodar, voltou-se para Portugal e disse: agora nós!

Comprehendemos, adivinhamos, os dolorosos momentos que os negociadores portuguezes do tratado passaram, e tanto mais pungentes quanto a consciencia propria lhes estava decerto mostrando o erro do caminho em que tinham entrado, vendados os olhos para fôra, sómente abertos para descortinarem a urdidura

do tecido raro e podre da politica domestica. Decerto, a consciencia, remordendo, lhes disse muitas vezes que tinham anteposto a sua condição de *regeneradores* á sua qualidade de portuguezes, e que tinham commettido o crime de sacrificarem os interesses da patria ás conveniencias do partido. Crimes d'estes foram sempre communs nos paizes moralmente abatidos e socialmente desorganisados.

Mas, se a historia não perdoa porque não tem auctoridade para tanto, é mister confessarmos que a condemnação unanime do paiz que sente e pensa, fulminando os auctores do tratado de 20 de agosto, é um castigo mortal.

Parce sepultis.

*
* *

Deixemos portanto em paz os homens politicamente mortos, qualquer que venha a ser o futuro d'esse funesto diploma datado de 20 de agosto, para dizermos a respeito d'elle, não aquillo que nos ditam o coração dilacerado, e o amor patrio mal ferido, mas sim e unicamente o exame critico da politica e da historia.

Não é este o logar, nem cabe nas proporções de um artigo, expôr com desenvolvimento os fastos da nossa vida de povo colonisador. Digamos, porém, apenas o que summariamente interessa para a comprehensão do assumpto discutido agora.

Nos tempos historicos das nossas descobertas e conquistas, quando o imperio portuguez se estendia pelos tres continentes da Africa, da Asia e da America, completado por um enxame de ilhas dispersas por todos os mares, o nosso poder assentava na força da nossa marinha. Tendo descoberto o caminho da India, conservavamos cerrados os mares do Oriente ás bandeiras europeias, da mesma fórma que cerrados lhes mantinhamos os portos continentaes da Africa e da America. Tinhamos o monopolio dos mares, e á sombra d'elle, novos phenicios ou gregos, iamos commerciando por todas as costas, estabelecendo feitorias,

*

levantando fortalezas para as proteger, instituindo estancos, como o do assucar nas ilhas atlanticas, do pau-brazil na America, e da pimenta na India, para crear, ao lado da riqueza particular dos armadores e negociantes, a riqueza publica do monarcha ou do estado.

O typo classico da colonia-feitoria manteve-se principalmente no Oriente, e emquanto se nos manteve o poder eminente de nação maritima.

Ao lado d'este typo, porém, já na Africa, já principalmente no Brazil, creamos o typo das colonias de plantação, isto é, d'aquellas colonias que, sem dependerem de uma forte emigração, prosperavam com as culturas industriaes servidas pelo trabalho de indigenas dirigidos e salariados por portuguezes. E apparecendo, como appareceram no Brazil, vastos jazigos de ouro e pedras preciosas, aos lucros das fazendas juntou-se o das minas, e a riqueza publica achou tambem no monopolio dos diamantes e no *quinto* do ouro uma opipara fonte de receitas.

Embora os dias aureos do nosso poder maritimo já tivessem passado; embora os mares não fossem já couto nosso exclusivo: bastava para a fructifera exploração d'estas colonias o regimen de seclusão em que as conservavamos, e a sufficiente administração com que as regiamos.

Ao lado, finalmente, d'estes dois typos coloniaes, as ilhas atlanticas tinham apresentado o terceiro e ultimo, que é o das colonias de povoação, vasadouro do excesso de população pretropolitana, onde os portuguezes, do Minho e do Algarve principalmente, podiam ir installar-se, continuando os seus misteres ordinarios de lavradores, pescadores ou mareantes. Como a emigração portugueza em tempo algum foi absolutamente consideravel, as nossas colonias de população nunca tiveram a vastidão e a importancia, nem das feitorias orientaes, nem das fazendas americanas.

Ao mesmo tempo que a colonisação civil procurava assim adaptar-se ás condições variaveis dos extensos territorios avassallados, a colonisação pela catechese, isto é, as missões, principalmente jesuitas, tentavam, já no Congo, já em Moçambique, já no

Brazil, converter os indigenas á fé christã, procurando por essa fórma extrahil-os da sua barberie nativa. E isto era sobretudo praticado em Africa, onde até aos nossos dias a exploração colonial póde dizer-se que se reduzia á exportação de escravos.

Tal foi, em breves e summarios traços, o systema historico do nosso imperio colonial.

Perdido o poder maritimo, é de vêr que estava prejudicada a conservação da rêde de feitorias com que bordavamos os continentes orientaes. A longa crise das guerras da independencia que succederam á revolução de 1640 consummou a perda do Oriente, sanccionada pelos tratados successivos celebrados com inglezes e hollandezes.

Restava-nos o Brazil; mas tambem a crise do principio do seculo XIX, a emigração da côrte para o Rio de Janeiro e os tratados de 1810, precipitando o termo ao regimen de seclusão, que mais tarde ou mais cedo havia de ser condemnado e abolido, vieram determinar a perda do nosso imperio americano, cuja independencia força foi reconhecer em 1825.

Quer da India, quer no Brazil; quer no seculo XVII, quer em 1810, foi porém a Inglaterra que, dispensando á dynastia restauradora da independencia um auxilio, mais de uma vez illusorio e sempre onerosissimo, aproveitou dos nossos apuros para estender sobre o corpo desangrado de Portugal a sua garra adunca de animal rapace.

O restabelecimento de instituições representativas, devolvendo ao povo o seu governo e terminando o periodo bisecular do absolutismo monarchico, veio porém estabelecer em outras bases os elementos politicos. E ao mesmo tempo, do nosso velho imperio colonial restava-nos a Africa, mas não com o caracter antigo de viveiro de escravos, pois decididamente cooperavamos com a Inglaterra na repressão de um trafico em que todas as nações coloniaes collaboravam.

É este o momento de proferir o nome glorioso do marquez de Sá da Bandeira, que dedicou a sua vida simultaneamente á abolição da escravatura e ao renascimento da nossa vida colonial pela exploração da Africa. Se nos tumulos os cadaveres

podessem chorar, seriam de sangue as lagrimas do nosso Bayard, ao vêr a obra dos seus carinhos retalhada hoje e para sempre condemnada!

Tambem o marquez de Sá foi, na recente historia do nosso paiz, o mais illustre adversario da politica tradicional ingleza, pois que assim se tem de dizer a politica seguida a partir de 1640 e continuada até 1826, com o breve intervallo da dictadura pombalina e o fugaz momento da revolução de 1820. Depois do estabelecimento das instituições liberaes, com effeito, ninguem póde affirmar que houvesse uma nórma de proceder semelhante á que determinou a expulsão dos inglezes no movimento de 1820; embora accidentalmente episodios tristes como a Belemzada, por exemplo, viessem mostrar que as antigas tradições se não tinham de todo apagado. E é incontestavel que, especialmente a partir de 1881 e da rejeição do tratado de Lourenço Marques, a influencia ingleza em Portugal não era maior do que a franceza ou allemã, embora da anglomania regeneradora do gabinete de 1879 nos tivesse ficado o tratado da India que a acabou de enfeudar á Grã-Bretanha.

Desde os tempos já distantes em que, abolindo a escravidão em Africa, o marquez de Sá da Bandeira abriu um periodo novo á nossa ultima colonia (porque o resto são padrões historicos apenas), desde então até hoje o caminho andado foi consideravel; apesar de luctarmos com a inclemencia dos climas, com a extincção progressiva da marinha mercante, com a nullidade da emigração nacional, com os defeitos monstruosos da administração colonial, com a propria vastidão dos nossos dominios perante a dos nossos recursos, finalmente com a instabilidade da nossa machina politica e a consequente falta de sequencia na regencia colonial.

Pouco ou muito, caminhára-se, porém; e a Africa, especialmente Angola, apresentava-se como o succedaneo da India e do Brazil, para nos garantir geographica e economicamente uma autonomia que nos não garante por si só o territorio portuguez da peninsula hispanica. Abolido o seu caracter historico de feitoria commercial de escravos, Angola desenvolve-se simulta-

neamente com o trafego sertanejo e com o caracter cada vez mais pronunciado de uma colonia-fazenda, ou de plantação, especie de que S. Thomé nos proporciona um exemplar perfeito e sobremaneira prospero.

As perspectivas que já de longe se descortinavam ácerca do futuro colonial da nossa provincia de Angola accentuaram-se progressivamente. Capitalisámos alguns milhares de contos de reis para a dotar com elementos de prosperidade economica: subsidiámos o cabo submarino, construimos estradas e pontes, construimos o caminho de ferro de Ambaca, e vamos fazer o de Mossamedes, canalisámos as aguas do Bengo. Ao mesmo tempo, o commercio *portuguez* da provincia crescia d'um modo notavel. Em 1887, as remessas para a metropole eram de 1:940 contos; em 1888, de 2:464 contos. Em 1887 exportavamos para Angola 1:430 contos, dos quaes 364 nacionaes; em 1880 exportavamos 2:120, entrando por 465 contos as fazendas nacionaes. Já as estamparias de Lisboa concorriam em somma consideravel no abastecimento do mercado africano; e agora em Ruães, junto a Braga, se está edificando uma fabrica de algodões destinados ao consumo angolense.

Por outro lado, a descoberta dos jazigos auriferos de Moçambique, promettendo-nos n'essa provincia uma historia semelhante á que teve a metade austral do Brazil, veio, porém, aguçar o appetite insaciavel da Inglaterra que, pela terceira vez, se lançou sobre nós a despojar-nos da nossa ultima ancora de salvação. Comprehende-se por isso como o tratado de 20 de agosto agitou e commoveu o que ainda resta vivo na alma portugueza. É que ella vê dissipar-se de todo a ultima esperança no porvir, e considera com exacção que esse funesto diploma seria a mortalha funerea de Portugal.

*
* *

Em que, porém, e como é que o tratado destroe assim por completo o futuro colonial portuguez? Será por causa das per-

das de territorio? Não; porque territorios tinhamos nós demasiados para a extensão dos nossos recursos; e se em Portugal houvesse a força necessaria para antepôr o bom senso ás phantasias do patriotismo, e para não explorar a sentimentalidade morbida d'um povo infeliz, nunca teriamos, como ultimamente fizemos, alargado o nosso dominio aos vastos sertões do Zaire d'onde nenhum proveito nos póde vir, e que nos custam pesados encargos. Será porque o tratado destroe a ambição geographica de ligarmos de costa a costa o nosso imperio, vedando assim a communicação entre as colonias inglezas do extremo sul da Africa, e as colonias rudimentares do norte do Zambeze? Tambem não; porque essa ambição nunca poderia tornar-se, de um romance que foi, n'uma realidade positiva e pratica. Será, finalmente, porque o tratado consagra o principio da collaboração estrangeira em colonias que nós não podemos cabalmente explorar? Tambem não; porque, apesar das nossas tradições funestas a tal respeito, a idéa da necessidade da cooperação é geralmente aceite.

Então porque é?

É porque o tratado impõe-nos essa cooperação pela fórma humilhante de um quasi protectorado.

É tambem porque o tratado nos impossibilita de explorarmos com proveito o que nos deixa da nossa Africa, ao mesmo tempo que nos impõe encargos esmagadores. Vergando ao peso d'elles, e na impossibilidade de os satisfazer, teremos de nos entregar nos braços da Inglaterra, que assim adquirirá de graça esta nossa derradeira herança.

Examinemos, pois, summariamente, o que o tratado é.

Com relação a Moçambique, dois motivos capitaes impelliam a Inglaterra: franquear a passagem para as suas colonias do Nyassa, e ao mesmo tempo garantir a communicação do sul para o do norte do Zambeze, era um; outro era apossar-se das regiões auriferas da margem norte do Zambeze e do interior dos districtos de Manica e de Sofala. Para obter estes dois pontos capitaes, exigiu e obteve a nossa expulsão da margem norte do Zambeze, entre Tete e Zumbo, deixando-nos apenas na margem

sul uma faxa de dez milhas de largura; exigiu e obteve a mutilação de Manica e Sofala, retalhando os estados do Gungunhama que, de vassallo exclusivamente nosso, passa a ficar sob a influencia mixta de inglezes e portuguezes; exigiu e obteve a liberdade de navegação do Zambeze, e seus ramaes e affluentes, podendo estabelecer entrepostos ou feitorias em todas as margens; exigiu e obteve a feitoria de Chinde na embocadura do Zambeze; exigiu e obteve de nós a obrigação de fazermos o caminho de ferro do Pungue, e varias linhas telegraphicas.

De fórma que, retalhado o nosso territorio, ameaçado o que nos resta pelos inevitaveis conflictos com os vatuas, franqueados todos os rios, annullado o rendimento das alfandegas, Moçambique, com que não mantemos commercio de especie alguma, fica-nos apenas servindo de colonia nossa *in nomine*, pelo preço de a policiarmos, de lhe construirmos obras publicas, de a administrarmos, para que os inglezes possam lavrar as minas de ouro e navegar e commerciar livremente, melhor do que em sua casa d'elles, pois somos nós que pagamos as despezas de exploração.

Eis ahi onde levou a errada politica de seclusão, herdada das antigas tradições coloniaes! Por não termos querido acceitar a cooperação estrangeira em regiões que nós isoladamente não podiamos fructificar, vêmo-nos hoje na dura collisão de perder tudo, até a soberania, ou de sermos esmagados com despezas para a conservar!

Se a venda fosse operação compativel com a nossa situação politica, incontestavelmente seria melhor negocio vender Moçambique do que dal-a assim de mão beijada, ficando obrigados ainda por cima a correr-lhe com os gastos.

E em compensação dão-se-nos mais territorios, a nós que não podemos já com os que temos. É verdade que esses dois territorios nos extremos norte e sul da costa de Moçambique se reduzem a nesgas de areaes insalubres e estereis: um o do Rovuma que, diga-se de passagem, já era nosso, porque o regulo local se nos tinha submettido; outro, o do Pungolo, onde a

Inglaterra se limita a consentir que nos installemos, se podermos e quizermos.

Com relação á Africa occidental, tambem ha novas extensões, nas baixas apauladas que se estendem até ao Zambeze e ao Kabompo; deixando-nos duvidosa, senão perdida, a esperança de occuparmos a Lunda que o Estado-livre do Congo á ultima hora reclama para si.

E em Angola, e em Moçambique, por toda a parte, patenteamos as nossas colonias ás missões protestantes que ficamos obrigados a proteger; e á invasão das mercadorias inglezas, ou preceituando abertamente a liberdade do commercio e navegação, ou garantindo-a de facto, como succede em Angola, por meio do transito concedido através d'uma faxa littoral, nem sequer delimitada! E tudo isto funccionará sob o regimen de tribunaes arbitraes que constituem um verdadeiro condominio, e sujeitando-nos ao consentimento da Inglaterra, se quizermos dispôr do que se diz ser nosso, o que importa um verdadeiro protectorado. E tudo isto, que são convenções commerciaes, sempre temporarias nos tratados, fica estipulado *ad perpetuum!*

Esta positiva diminuição da soberania é a punhalada dada em cheio no coração portuguez; a franquia outorgada ás missões e á navegação e ao commercio apunhalam por igual a riqueza colonial nascente, no ponto de vista da economia metropolitana — em Angola com a lavoura e o commercio, em Moçambique com a lavra das minas.

Vimos como a perda do nosso poder maritimo determinou a perda do nosso imperio oriental; depois, como o termo da seclusão em que mantinhamos o Brazil foi a causa da sua separação. Agora, a concorrencia livre do commercio inglez na Africa occidental matará por completo, e a breve praso, o trafego já importantissimo entre Angola e Lisboa. Emquanto, para ir ao sertão, o commercio tinha de forçosamente submetter-se ao regimen de pautas protectoras, o trafego colonial vinha a Lisboa obter o beneficio da nacionalisação. Agora que, em transito, passam pelos portos as mercadorias inglezas, para que virão aqui incorrer nos gastos de uma viagem inutil? O commercio

de Angola transferir-se-hia em breve para Londres e Liverpool.

Assim o tratado, rasgando as cartas de fôro de um povo até aqui livre, ao mesmo tempo lhe rouba a esperança que era licito pôr em Africa para a sua regeneração economica.

Quando a India se perdeu, ficou o Brazil; quando se perdeu o Brazil, ficou a Africa. Perdida, que resta agora? Nada. O espaço obscuro de uma valla onde o cadaver portuguez irá jazer sepultado nos cemiterios da historia.

Por isso, e com razão, o instincto popular considerou este desastre semelhante ao de 1578. Dois annos depois, Portugal acabava.

*
* *

Todos os portuguezes, não obcecados pelo facciosismo, nem inteiramente dominados pelo materialismo pratico, pensam que, nem a dignidade nacional, nem o interesse publico permittem a aceitação do tratado de 20 de agosto.

Póde affirmar-se que a opinião se pronunciou unanimemente contra elle.

Uma parte porém da opinião, senão a mais consideravel ou a mais judiciosa, nem por isso a menos cheia de impetos vehementes, entende que só a mudança de regimen ha de salvar Portugal, e que só o rompimento com a Inglaterra é conveniente n'esta hora angustiosamente solemne.

Vamos pois considerar este ultimo lado da questão.

Em primeiro logar, convem repetir agora a conhecida e sempre verdadeira lição de que as nações têm sempre o governo que merecem. No systema representativo em que vivemos, especialmente depois de terminado o nosso periodo de guerras civis, é absurdo imputar aos governantes, só, os males que nos affligem. O povo que os elege e os tolera é o principalissimo responsavel. Imputal-o porém ao monarcha, emquanto elle obedece aos preceitos constitucionaes, é o cumulo da iniquidade. Se por ve-

zes, com effeito, o throno, exorbitando, foi pedir auxilio á Inglaterra, como já dissemos; não é menos verdade que ainda nos tempos agitados das nossas luctas civis, mais de uma vez o throno sanccionou tambem actos positivos de hostilidade declarada a essa mesma Inglaterra. Se no seculo XVII a dynastia lhe pediu soccorro, se ainda isso se repetiu na crise do principio do seculo XIX: o facto é que desde 1834 a historia é outra, porque o rei apenas reina, são os ministros que governam, e é o povo quem faz os ministros por via dos parlamentos.

Ponhamos portanto de parte a responsabilidade do throno pelos actos dos ministros e dos parlamentos, que assim o manda o mais elementar bomsenso. Applaudamos, provisoriamente, a condemnação total e summaria formulada pelos republicanos, e por outros que o não são, contra as classes governantes. Depois? Pensa alguem, com dois dedos de juizo no cerebro, que a suppressão do throno supprime os homens e os seus vicios, fazendo brotar do chão outros portuguezes differentes do que somos? É insensato.

Tudo isto, porém, presuppõe a hypothese falsa de que nós podemos livremente dispôr dos nossos destinos. Não o póde talvez nação alguma da Europa, nos dias de hoje, engrenadas como se acham todas pelas condições da vida internacional. Menos do que nenhuma o podemos, porém, nós, encravados na Hespanha que nos cerca, e com a qual nos achamos em contacto cada dia mais intimo.

Na hora em que uma republica se proclamasse em Portugal, n'esse proprio instante transporiam a fronteira os exercitos hespanhoes. Ninguem contesta este facto; mas os republicanos allegam que na hora em que a republica se proclamasse em Portugal, proclamar-se-hia em Hespanha. *Quod erat demonstrandum.* E se assim succedesse? Qual seria a independencia d'esta republica de áquem do Caya, perante a de além? O regimen do dualismo, praticavel com a monarchia, é impossivel com a republica.

De fórma que a solução proposta, sem alterar os defeitos, os vicios, as molestias que se imputam ás classes governantes,

pois seriam os mesmos portuguezes a governar, importaria apenas a perda da independencia, quer a Hespanha viesse (como em 1834 e em 1847) intervir para repôr as coisas no estado anterior, quer a Hespanha sacrificasse a sua monarchia á satisfação de vêr a Peninsula unida sob a fórma republicana.

Contra estes argumentos póde haver declamações, invectivas, injurias: argumentos não ha.

Além de tudo isto, o motivo determinante do estabelecimento da republica seria o tratado; o fim, um rompimento formal com a Inglaterra. E depois? Depois, dizem, a França republicana dar-nos-hia as mãos e bateriamos a Inglaterra. Gente ingenua, que ainda crê em sympathias para determinar os actos politicos dos povos! Como investiria com a Inglaterra, por causa de nós, essa propria França que por causa dos seus proprios interesses se não atreve a fazer valer os seus direitos no Egypto! ella que até supportou a partilha de Africa, em que tambem a Inglaterra lhe deu o Saharâ, guardando para si o valle fertilissimo do Niger!

Força é reconhecer, portanto, que se ha momento em que a implantação da republica seja a consummação da catastrophe, esse momento é o de agora. Perderiamos ao mesmo tempo as colonias e a metropole, resvalando de chofre na agitação da anarchia obscura em que morrem miseravelmente as nações apodrecidas.

E se em todos os casos a monarchia é o penhor da nossa independencia nacional, muito mais o é n'este instante em que sómente considerações de ordem conservadora poderão arrancar-nos das garras da Inglaterra.

Quererão as nações monarchicas da Europa continental precipitar Portugal n'uma revolução, a nosso vêr inevitavel, se o tratado fosse approvado. Consentirão em que, despojando-nos do patrimonio colonial, nossa esperança futura, nos precipitem, com os encargos que lançam sobre nós, no abysmo medonho de uma bancarrota? Sacrificando, como quasi sempre, ao dia de hoje o futuro de ámanhã; vendendo, como Esaú, a primogenitura por um prato de lentilhas, os nossos governos de-

certo padecem de myopia; mas a questão portugueza póde ser agora, como foi em 1828, o signal de uma commoção grave em todo o occidente europeu. Republicana a Hespanha unificada, o equilibrio actual da Europa estaria compromettido.

Considerações d'esta ordem sempre commoveram pouco a Inglaterra, cuja fortuna medrou constantemente com as desgraças do continente; mas se a não commovem os azares dos povos com cuja ruina póde lucrar, impressiona-se com as advertencias das nações poderosas cuja amizade não deseja perder.

Reflecte, por via de regra; e reflectindo, a Inglaterra ha de reconhecer que, garantindo-lhe nós a liberdade de navegação no Zambeze e o transito em Moçambique; estabelecendo no Chinde um posto nosso para as baldeações; facilitando aos seus *prospectors* o accesso ás regiões auriferas, e as concessões mineiras; mas deixando-nos ella absolutamente para nós a provincia de Angola com os seus sertões, e abandonando as pretenções que ultrajam a nossa dignidade de povo brioso ou diminuem a nossa soberania de nação independente — ha ainda campo para restabelecer relações pacificas.

Ha de reconhecel-o, acreditamol-o; porque os inglezes são sobretudo uma nação pratica, e não quereriam incorrer no desagrado das nações poderosas da Europa, por precipitarem, acaso toda a Hespanha, nos azares de uma revolução. Além d'isso, porém, e talvez ainda antes d'isso, está a circumstancia de que não é decerto provocando a nossa inimizade que melhor poderão penetrar no cubicado interior d'Africa. Incontestavelmente nada podemos contra a Inglaterra na Europa; mas se, pelos sertões de Tete, ou do Zumbo, e no interior de Manica, os exploradores inglezes encontrassem em cada um dos nossos chefes sertanejos um inimigo armado, por cuja acção e represalias o governo portuguez jámais póde ser responsavel, desde logo haviam de reconhecer a conveniencia de transigir, até no seu proprio e exclusivo interesse.

Por todos os motivos, pois, acreditamos que se chegará a um *modus vivendi* reciprocamente aceitavel. O erro capital da nossa politica em Africa foi querer abraçar esse mundo com

ambas as mãos, sem dispormos de meios, nem para occuparmos, nem para explorarmos um continente. Agora, o erro da Inglaterra foi por seu lado suppôr, que a nossa fraqueza era já uma cachexia senil. Enganou-se. Emendemos cada qual os respectivos erros, e largos dias correrão ainda antes que nos acotovelemos no centro d'Africa. O mundo é largo ainda: não queiramos reduzil-os á estreiteza mesquinha de ambições mercantis, quando se trata da vida de um povo que agora mesmo, n'este seu generoso impeto, se mostra digno herdeiro das tradições dos seus maiores.

Spectator.

REALIDADES

DA

REVOLUÇÃO FRANCEZA

« Dans les révolutions l'autorité reste aux plus scélerats. »

DANTON.

I

O talento de exposição, a arte de pôr ao alcance de todas as intelligencias, de uma maneira simples e precisa, os mais altos e graves problemas de philosophia, fizeram com que em França, no seculo XVIII, as idéas avançadas dos philosophos inglezes penetrassem em todas as camadas sociaes. O que em Inglaterra era apenas restricto a um circulo de pensadores como Brolingbroke, Collins, Tyndal e outros, em França, graças ao trabalho habil de vulgarisação, corria as ruas: todos philosophavam, e todos se julgavam com direito de reformar a sociedade. Até Marat, o infeliz auctor da *Optica*, pensava ter resolvido todos os problemas humanos. Com aquella leviandade propria de intelligencias simplistas, com esse enthusiasmo pela novidade tão natural no gaulez (vidè Commtar. J. Cesar), a philosophia epicurista do seculo XVIII apossou-se facilmente dos salões onde as damas elegantes, as *amigas*, davam o tom, e collaboravam nas obras picantes dos Delille e Crébillon. Os espiritos fortes começam por escarnecer da Divindade, como o primeiro e natural impeço á philosophia elegante; depois nivelam o homem com a besta e, n'um crescendo destruidor, atacam o governo da monarchia e todos os governos, a religião

christã e toda a religião, a sociedade inteira com os seus ideaes politicos e moraes. Ficava apenas o homem livre, isto é, o homem com a plena liberdade para todos os seus instinctos; e reduzia-se a psychologia a um systema de sensações. O ideal da vida era o estado natural, a liberdade selvagem do prazer e da rapina; e Marmontel e Diderot convidam os francezes a imitar os *Incas* e os *Otaitianos*. O *Catechismo Universal* de Saint-Lambert ensinava que o homem «é um sêr sensivel e raciocinante e que, por esta qualidade, evita a dôr e procura o prazer». «Quereis vós saber (escreve Diderot no seu *Supplément au voyage de Bougainville*) a historia resumida de quasi todos os nossos males? Eil-a: havia um homem *natural*, metteu-se n'este um homem *artificial*, e creou-se assim uma guerra civil que dura toda uma vida... Se quereis ser o vosso tyranno envernizai-vos com uma moral contraria á natureza, embaraçai com mil obstaculos todos os vossos movimentos, cercai-vos de phantasmas que vos atemorisem. Quereis ser feliz e livre? Despi-vos de todos esses preconceitos». «Duas necessidades ou funcções (diz outro philosopho) resultam da constituição do animal, a nutrição e a evacuação. Podem os homens alimentar-se dos seus semelhantes? Sim, porque os sêres têm o direito de se nutrirem de toda a substancia propria a satisfazer as suas necessidades. Homem da natureza, segue o teu desejo, escuta a voz dos teus appetites — eis o teu unico guia. Sentes tu, em frente de uma mulher, correr-te nas veias um fogo de cubiça? Pois bem, ella pertence-te; as tuas caricias serão desde logo innocentes, puros os teus beijos. O amor é o unico titulo do gozo, como a fome é o unico titulo da propriedade». Helvetius (*De l'Esprit*) estabelece por base da moral o amor proprio: «a dôr e o prazer são as unicas molas do mundo moral; e o sentimento do amor de si mesmo é a unica base de uma moral util». O barão de Holbach (*Système de la Nature*) cheio de um materialismo ardente, conclama n'estes termos: «Ó vós, diz a natureza, que, pela impulsão que vos dou, vos inclinaes a cada instante para a felicidade, não resistaes á minha lei soberana, trabalhai pela vossa felicidade, gozai sem medo, sêde felizes!»

De uma semelhante concepção da vida e do homem deve resultar um estado social correspondente que se traduz nos habitos, nos costumes, nas maneiras, nos sentimentos, nas artes, na litteratura. O patriarcha Voltaire pinta assim a sociedade d'então: «Nada ha que se compare á dôce vida que ahi se leva no seio das artes e de uma volupia tranquilla e delicada... O coração amollece e dissolve-se como as plantas aromaticas se derretem docemente a um fogo brando, exhalando deliciosos perfumes». As ceias em casa do barão d'Holbach, as de Voltaire em Ferney e em casa de M^me^ Chatelet terminavam (diz um dos comparsas) *par une polissonnerie générale*. «Todas as vezes que as *amigas* trocam entre si expressões e phrases *sensiveis*, devem fazel-o com uma voz fina e languida; se se olham é amoravelmente, deixando pender a cabeça; e pela menor coisa abraçam-se com ternura. É de uso entre meninas elegantes enternecerem-se, ter *faniquitos* ao chegar á presença de M. de Voltaire. Lançam-se nos seus braços, choram balbuciantes de amor e enthusiasmo». Em Chantilly, a duqueza de Bourbon vestida de Naiade e docemente reclinada nos braços do duque do Norte, á popa de uma gondola doirada, veleja, ás aromaticas brisas da tarde, até á ilha d'Amor; o principe de Conti faz de piloto; e a tripulação, gente da alta sociedade, vestida de trajes allegoricos, perde-se entre os braços de guapas *divas* de seios nús. Nos salões, nos theatros, em casa dos philosophos e até em Versailles, onde a rainha fazia o papel de Rosina no *Barbeiro de Sevilha*, representavam-se em meio de applausos delirantes a *Nicaisse* e *L'amant poussif*, de Collé! Para mais se embeberem n'essa atmosphera de corrupção, mãos delicadas transcreviam em papel assetinado os dithyrambos da *Pucelle*. «Em casa de minha avó (escreve G. Sand) achei pastas cheias de coplas, de madrigaes e satyras crúas. Queimei muitos d'esses papeis sem me atrever a lêl-os até ao fim, tão obscenos eram». Barère não se enganava quando dizia aos francezes nos turvados dias da Convenção: «Vós sois chamados a recomeçar a historia!»

Não era, porém, chegado ainda o momento decisivo. A in-

tima alliança da philosophia e da sensibilidade não podia só por si levar o povo francez a recomeçar a historia. Embora Voltaire escrevesse o *Essai sur les mœurs* para a edificação de M^me^ Chatelet, e Condillac o *Traité des sensations*, segundo as idéas de M^elle^ Ferrand, o espirito publico, o geral dos homens, nunca é impulsionado por um principio dissolvente ou por uma força corruptora. E é util pensar-se n'isto. Só póde ser uma força nas sociedades humanas um ideal, verdadeiro ou não, mas que pelo menos traduza uma aspiração nobre.

Foi preciso, por isso, que as idéas tomassem um novo curso, direi mesmo um curso opposto, para que a França se lançasse na perigosa ideologia do feminino e hysterico Rousseau. Com Voltaire e Montesquieu só poderiamos esperar os males melhorados; com Diderot, Cabanis e Condillac, um Eldorado de sensações; Rousseau veio abrir-nos as portas do Paraiso cerradas para o pobre e para o fraco pela dureza dos homens. Reina a fome, reina o vicio, reina a prostituição, tanta miseria, tanta loucura, tantos horrores? A culpa é da sociedade, dos governos, do poderoso e do rico. Aqui está o *Emilio* bom, nobre, generoso, que a sociedade corrompe com os seus sophismas, que o egoismo dos seus semelhantes impelle ao mal. E partindo do singular para o plural, do individuo para a sociedade, Rousseau, o ingenuo, o bom, levado pela logica da utopia, condemna tudo em nome do amor e da justiça, e funda, sem o saber, o nihilismo moderno.

Alma delicada e sensivel, apaixonado e crente, poeta pela visão plena das coisas, ninguem sentiu como elle a causa fundamental dos males humanos. E por isso venceu os *philosophos*, seduziu as turbas, arrastou após si, n'uma onda de enthusiasmo, todas as almas ingenuas, que viam n'elle o seu messias. Eis como elle faz fallar n'um dos seus livros um homem rico a um outro pobre: « Vós precisaes de mim, porque eu sou rico e vós pobre: façamos, portanto, um accordo entre nós; eu permittirei que tenhaes a honra de me servir com a condição de dardes o pouco que possuis pelo incommodo que tenho de vos dominar ». « Os reis (diz elle em outro logar) e os seus delega-

*

dos só têm em mira firmar e estender o seu dominio, e tornarem-se cada vez mais despotas. As palavras *bem publico, felicidade dos subditos, gloria da nação*, tão pomposamente empregadas nos editos, não significam mais, do que ordens funestas, e o povo continúa a soffrer cada vez mais, a despeito dos governantes lhe fallarem nos seus cuidados paternaes». (*Disc. sur l'origine de l'inégal. Contr. soc.*).

Compare-se agora esta linguagem dilacerante e sentida, tendo um fundo de verdade e utopia, e capaz de operar ainda sobre cerebros os mais refractarios, com a eloquencia dos posteriores jacobinos, e vêr-se-ha porque se fez a revolução e como se fez, o que ella poderia ter sido e o que ella de facto foi. Na *France libre*, de Camillo Desmoulins, este heroe da Bastilha falla ao povo n'esta linguagem, que é a expressão concreta da Revolução: «Nunca presa mais rica se offereceu a vencedores! Quarenta mil palacios, castellos e os dois quintos dos bens da França, serão o premio do seu valor!» A linguagem do prazer e da philosophia elegante, que adquirira a unção philantropica de Rousseau, descamba afinal com os homens de 89 e 93 n'essa torva eloquencia do roubo e do assassinato: Sois chamados a recomeçar a Historia!

II

Tal sociedade, taes idéas, taes costumes, deviam produzir raros exemplares humanos. De feito, homens e successos assumem n'essa época proporções estranhas. Carlyle viu claro; e foi o primeiro que viu, que a revolução oscillava entre o crime e o ridiculo, entre o sorriso de Voltaire e o furor de Marat. Ainda hoje a França no seu centenario é loucamente grandiosa na glorificação do trabalho, como então o foi no da liberdade. Ainda hoje, com uma republica aliás forte e prospera, Boulanger quer á viva força purificar a França de braço dado a Rochefort, o heroe das *brasseries*, como pretendiam Danton e Marat. Ainda hoje a *sciencia moderna* faz-se representar pela

torre Eiffel topetando com os céos, como no seculo passado a *Montanha Santa* pretendia symbolisar a maior época da especie humana. Infeliz destino esse o da sympathica França! Louca vertigem essa, que promette outra vez aluïr os estados europeus e atrazar por muitos seculos a nossa civilisação!

Mas voltemos ao passado, estudemos os primordios d'essa gigantesca e sangrenta Farça, observemos detidamente as figuras monstruosas, assistamos compungidos ás paradas theatraes, aos delirios burlescos, para d'elles tirarmos uma liçao proveitosa e duradoura. Custa a crêr que n'um periodo de plena floração scientifica, dos maiores progressos na mathematica, na physica, na chimica e na geologia, em todos os ramos do saber humano emfim, um bello povo se abandonasse a uma tão brutal desordem de idéas e de actos! Pois que! Dir-se-ha que cada conquista no campo da sciencia positiva vale por uma derrota no campo da dignidade moral! Pois Leibnitz, Newton, Bernouilli, Taylor, Maclaurin, Laplace e Descartes, brilhando nas mathematicas puras; Herschell, librando-se por esses mundos fulgurantes; Newton decompondo o raio luminoso, medindo a celeridade do som e precisando a fórma das ondulações; Sauveur, Chladni e Bernouilli estabelecendo os theoremas fundamentaes da acustica; Kraft e Lambert achando as leis do calor radiante, e Black a do calor latente; Scheele, Priestly, Stahl e Lavoisier fundando a chimica, e Hauy e Romé de Lisle a mineralogia; Buffon, Hurton, Werner, Grew e Lineo fundando a geologia; Réaumur e Spallanzani explicando o mecanismo da digestão, Lavoisier o da respiração, Prochaska o das acções reflexas e Haller as condições e as phases da geração; e emfim, todos esses philosophos, todos esses pensadores, todos esses sabios, que são a gloria e o orgulho da especie humana, arrancam á Natureza os seus mais preciosos segredos para que a França nos ensine que o homem é uma besta e a sua unica lei o gozo?! E em nome da Sciencia e da Razão, fundadoras da hierarchia e da ordem, que a França estabelece por base das sociedades a anarchia permanente, e préga aos povos a paz na ponta das bayonetas? A liberdade, que é o apanagio da con-

sciencia, póde acaso fundar o communismo, que ataca o direito da propriedade? A igualdade, expressão concreta da civilisação, funda-se jámais no regimen da força bruta?... Felizmente estas não podiam ser as causas reaes da revolução: não podiam e não o foram. «Notre révolution purement politique (dil-o Desmoulins) n'a ses racines que dans l'egoisme et dans les amours-propres de chacun, de la combinaison desquels s'est composé l'intérêt général».

Duas, na realidade, foram as forças que actuaram nos animos: a philosophia materialista e o desequilibrio economico, o luxo de *poucos* e a miseria de *muitos*, o individualismo e o pompadourismo. D'este contraste, da miseravel choupana do camponez e a sumptuosidade de Versailles, veio o odio tenaz e sangrento, e d'ahi a Revolução. É esta de resto a causa de todas as catastrophes sociaes; porque não é na Natureza que está a ordem, mas nas idéas e no sentimento, reguladoras do equilibrio social e economico. E esse equilibrio não existia em França nas vesperas de 89. «Senhor (reclamava a communa de Champagne), todos os delegados que nos são enviados em vosso nome vêm sempre para nos arrancar os nossos já pobres recursos. Praza aos céos que o rei tome a peito a defeza do pobre camponez extorquido e tyrannisado pelos commissarios régios, pelos executores do fisco, pela justiça e pelo clero. A população rural dos nossos campos vive em horrivel miseria, sem leitos para dormir, sem moveis; durante seis mezes falta-lhes até o pão de cevada e aveia que constitue o seu unico alimento, e d'este pouco, d'este mesmo nada, elles se privam para pagar os pesados impostos». Este estado de coisas levou só a Normandia a revoltar-se nove vezes no periodo que decorre de 1725 a 1768. Accrescente-se á miseria a alluvião de impostos, o imposto directo real, o dizimo, os direitos feudaes e outros, que representavam uma percentagem de 81 francos e 71 centimos. Não só os impostos mas a desproporção, pois ao passo que os grandes proprietarios contribuiam para o thesouro com 1.450:000 libras, os pequenos, os desprotegidos, pagavam 11.636:000. Durante o periodo de dez annos, sob a administra-

ção de Necker, Fleury e Calonne, os emprestimos ao thesouro subiam a 1:630 milhões, os juros montavam em 1789 a 205 milhões além de 15.800:000 de despezas da divida e anticipações. O *deficit* annual, que em 1770 era de 70 milhões, subia a 80 em 1783. Quando o quizeram reduzir foi por meio de successivas bancarrotas, de 2 milhares no tempo de Luiz XIV e outro tanto no tempo de Law, o iniciador de todas as aventuras financeiras. O ministro Loménie, para fazer face ás despezas, gasta o producto d'uma subscripção particular para hospicios, e dos 400:000 francos que ficavam em caixa metteu no bolso 200:000 ao despedir-se do ministerio. Esta penuria, porém, não obstava a que se gastasse só com a Pompadour 36 milhões de libras, e que as estrebarias absorvessem por anno 6.200:000 libras! O povo gemia sob o duro azorrague do fisco, o pequeno proprietario era esmagado pela usura dos que lhe forneciam dinheiro, a divida publica com os seus encargos cada vez mais pesados, ainda que não chegassem a 50 por cento da receita, tomava proporções assustadoras e, como se isto não fosse bastante, os clubs e os jornaes vinham dizer ao povo que a Republica era o ocio e o gozo da riqueza dividida!

A alta sociedade, corrompida naturalmente pela riqueza e ainda mais pelo luxo, tinha a lisongear-lhe os appetites a doutrina aduladora dos que se diziam philosophos; a classe média quasi que se confundia com o povo pela mingua de recursos, tanto intellectuaes como monetarios; faltava apenas emocionar o grande inconsciente, o povo. N'esse sentido trabalharam os especuladores politicos, os revolucionarios, esses que nada tinham a perder, mas tudo a ganhar com a anarchia, com o terror. Já o epicurismo dos philosophos tivera em Voltaire, sobretudo, o seu mais poderoso auxiliar, e nada ha para curvar o caracter, para matar todo o sentimento digno, para tornar os homens um rebanho de miseraveis como esse systema de philosophia positiva, que faz do estomago o centro do Universo. Foi elle, o *demonio encarnado*, que com a ironia, nunca d'antes vista, levou das consciencias o escrupulo, arremessando para o charco do ridiculo todos os symbolos antigos. Que faltava mais?

Nada, absolutamente nada. De um lado estava a aristocracia enervada e flaccida pavoneando a sua insultante riqueza; d'outro, o povo ignorante, agora ávido do prazer tambem, aguilhoado pela fome, fortemente solicitado pela miragem do Eldorado que Rousseau phantasiára n'um momento de sensualismo mystico. D'ahi esse antagonismo entre o rei e o povo, a aristocracia e a plebe. No fundo só havia isto: a Riqueza e a Pobreza, que se iam combater sob bandeiras mais ou menos pomposas — Liberdade, Fraternidade, etc. Era, com effeito, a guerra da cubiça contra um monturo de ouro. Foi essa guerra, a unica que sempre subsistirá, a que vai armar os braços dos mais terriveis homens de que reza a Historia. Conhecer, pois, esses homens, chefes da Revolução, o mesmo é que definir o seu caracter e o seu fim. E em primeiro logar está Danton, o *cyclope*, o *Plutão da eloquencia*.

Unico d'entre todos dotado de uma rara habilidade politica, comprehendeu logo que o seu palco devia ser mais amplo que o dos Cordeliers, e que para subir, vencer, empolgar a França nas suas robustas e plebeas mãos, havia um só caminho, um unico meio e este seguro: « de l'audace et encore de l'audace et toujours de l'audace ». É por ella que Danton triumpha e impera; é por ella que vibra os golpes mortaes de 10 de agosto, de 2 de outubro, de 31 de maio e 2 de junho no *comité* da salvação publica. Elle negoceia a retirada pacifica de Brunswick, elle trabalha para desligar a Prussia da coalição, elle obtem a alliança da Suecia, elle estabelece as bases do tratado da Basilea, elle até procura salvar o rei! Porque? Talvez Danton o não soubesse, e essa febre se explique pela sua vontade de triumphar e não pelos desejos que tinha de fazer vingar o ideal da republica. Na sua actividade phenomenal, na sua audacia taurina devia entrar por muito o seu temperamento sanguineo. Robusto, com um aspecto de luctador, a sua voz possante, de selvagem indomavel, fazia-se ouvir a cincoenta passos na rua com as janellas fechadas. Sobre uns hombros largos, fortes e movediços assentava-lhe a cabeça, quasi redonda, cheia de sangue e de força como a do

touro farpeado. No rosto bexigoso e convulso, de *bull-dog*, dois olhos pequenos e redondos, quasi encobertos pelas palpebras entumecidas, dardejavam o fogo da ambição e a furia da posse. Rugindo nos clubs e nas assembléas, vociferando imprecações na prisão, Danton, que é o symbolo e o typo mais perfeito da revolução, caminhou convulso e espumante para o cadafalso. — Não se póde cantar? perguntou ao seu carrasco Samsão. E canta:

Nous sommes menés au trepas
Par quantité de scélérats,
C'est ce qui nous désole.
Mais bientôt le moment viendra
Ou chacun d'eux y passera
C'est ce qui nous console.

Danton era um pobre advogado em Champagne a quem o sogro soccorria com um *luiz* por mez. Mais tarde foi espião dos jacobinos ao serviço da côrte, de quem recebeu 30:000 libras...

Marat, o infeliz medico das cavalhariças do conde d'Artois, com pretensões a sabio, é uma outra especie de homem. A sua figura inspirava asco e a sua alma horror. Shakspeare entrevira esse typo convulsivo da malvadez no Macbeth: *I have supped full with horrors!* Quando na sessão de 25 de setembro de 1792, durante a Convenção, o terror de si mesmo lhe ditára estas palavras: «J'ai dans cette assemblée un grand nombre d'ennemis personnels» — todos se puzeram de pé gritando-lhe: «Tous, tous!» A lividez do seu rosto; o vestir desordenado e porco; o olhar de uma fixidez de illuminado, como se visse espectros em redor de si; os seus gestos curtos, rapidos e sacudidos, tão tormentosos como as suas idéas; o seu andar feito de saltos, como de quem tropeça e tem necessidade de fugir de si (andar tornado ainda mais brusco pela constante comichão das empigens que lhe cobriam o corpo), tudo n'elle, emfim, denunciava um homem empolgado pelo delirio da ambição. Curto de pernas e de idéas, era largo no radicalismo, e

descommunal no crime. Para elle havia só um meio de regenerar a França: matar, e ainda matar e sempre matar! Dessem-lhe um punhado de napolitanos armados de punhaes, duzentas e setenta mil cabeças decepadas pela guilhotina, e veriam como se implantava a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade! « Voici le moment de faire tomber les têtes des ministres et de leur subalternes, de Lafayette, de tous les scélérats de l'état majeur, de tous les commandants anti-patriotes des bataillons, de Bailly, de tous les municipaux contre-révolutionnaires, de tous les traîtres de l'Assemblée nationale ». Marat era filho d'um apostata hespanhol, dr. Juan Mara, casado com uma genoveza, e morreu ás mãos d'uma mulher.

Robespierre com Danton e Marat fórma a terceira face da Revolução. Este é a ideologia bordada de manhas, o rancor, a ambição, vasados em moldes rhetoricos d'um pedantismo chôcho. Tudo é ritual n'este Lama da Revolução, desde o cabello alinhado e a sobrecasaca formalista até á prosa bem adjectivada e repleta de mysticas prosopopeias. Adular a plebe, mostrar-se victima, chorar, lamentar-se, eis a grande arma d'este Tartufo. « J'ai un cœur droit, une âme ferme, je n'ai jamais su plier sous le joug de la bassesse et de la corruption. Qui suis-je moi qu'on accuse? Un esclave de la liberté, un martyr vivant de la République, la victime autant que l'ennemi du crime ». A sua vaidade não desce ao ridiculo do seu adversario, que se assignava « d'Anton » em escripturas publicas, nem a sua lingua possue a aspereza viperina de Marat.

Elle é o *incorruptivel*, e Madame Chalabre offerece a mão e 40:000 libras de renda a este seu anjo tutelar, *ma divinité suprême!* Povo e Republica, eis ós seus adorados idolos; e Povo e Republica era elle, sêr de vaidade reprimida, de hypocrisia amaneirada e ductil, mixto de reptil e hyena. No seu discurso de 21 de abril de 1793, falla assim do primeiro: « Le peuple est le souverain, le gouvernement est son ouvrage et sa propriété, les fonctionnaires publiques sont ses commis. Le peuple peut, quand il lui plaît, changer son gouvernement et révoquer ses mandataires ». E que eloquencia elle desenvolve,

que estylo, que redundancia, que extasis, mão no peito, o olhar em alvo, parando, medindo a impressão da phrase, saboreando-se n'uma delicia de rhetorico sybarita. « O vieillesse honorée! O généreuse ardeur des enfants de la patrie! O larmes délicieuses des mères attendries! O joie naive et pure des jeunes citoyens! O charme divin de l'innocence et de la beauté! O majesté d'un grand peuple heureux par le seul sentiment de sa force, de sa gloire et de sa vertu! » (disc. 8. thermidor). E, depois, pezaroso e suspirante, como quem mede o sacrificio e avalia o perigo, n'uma voz surda, monotona e rouca, de quem em vão prega o bem, o amor e a virtude, prosegue quasi desfallecido: « Je suis certain de payer de ma tête les vérités que je viens de dire... » Vêde-o agora no palco, nas theatradas da Convenção, nos dias do seu triumpho, no seu solio pontifical. Pomposo e solemne, de casaca azul-celeste, calça de ganga, cinta tricolor, chapéo de penachos, Robespierre, á testa da Convenção, marcha grave e cadenciado com a cornucopia da Abundancia na dextra, na sinistra o symbolo da Paz e, alçando o gesto pontifical, lança fogo ao véo que cobre o Atheismo e descobre a estatua da Sabedoria. Salvas, musicas, côros de levitas entoando o novo *hosanna* reboam nos ares, e a geração revolucionaria, ferida de assombro e respeito, escuta silenciosa o seu novo oraculo: « Voilà la plus intéressante portion de l'humanité! O nature, que ta puissance est sublime et délicieuse! Comme les tyrans doivent pâlir à l'idée de cette fête! » Succede, porém, que Lecointre não querendo tomar aquillo a sério, ri-se da farça e do farçante. Insultar Robespierre! profanar o incorruptivel! E Robespierre desceu do estrado, livido, sêcco, offegante, terrivelmente irritado contra a impiedade. Para onde vai? quem tocou no *ungido* do Senhor?... Curvam-se os sacerdotes, afasta-se o povo, a guarda nacional faz as continencias, e Robespierre, dos seus dubios olhos verdes, dardeja contra os profanos os relampagos da ira santa. Caminha, entra e, com Couthon ao seu lado, redige e faz votar de assalto a terrivel lei de 22 *praisial*, que punha á sua disposição a vida de todos os cidadãos! *Quos ego*...

Se dos discursos pomposos passarmos á eloquencia dos factos, das festas burlescas á sedenta guilhotina, dos homens da Constituinte e da Legislativa aos da Convenção e do Comité da salvação publica, por mais imparcial que deva ser o critico, o horror assombra o pensamento, o tedio paralysa a penna. Quanta razão tinha madame Roland ao exclamar: Oh Liberdade, que de crimes se não praticaram em teu nome! Nem o delirio da Fé nos sectarios, nem o furor da posse nos Barbaros, nem a sordida animalidade dos Orientaes deixaram quadros tão torvos e ensanguentados como os d'esta Regeneração. Nunca os formidaveis idolos do Paganismo tiveram cultos mais orgiasticos e sangrentos, e os sombrios sacerdotes de Baal ou de Moloch jámais excederam estes levitas da Razão. E a tudo isto se convencionou chamar o Direito e a Fraternidade, a maior época da especie humana! Vêde essa bella França, a primogenita de entre as nações civilisadas, a gloriosa patria de Bossuet e Fénélon, a aristocratica por excellencia, calcada a pés juntos por uma horda de scelerados! O salão convertido em pocilga, forçadas as donzellas, cuspidos os altares, o incendio, o roubo, a carnificina, ondas de sangue e de violencia brutal rompendo, galgando d'um extremo ao outro. Cem mil francezes expulsos da sua patria, seiscentos e oito mil encarcerados, dezesete mil condemnados á guilhotina, e entre os quaes se contavam mulheres, creanças e octogenarios; quarenta mil cadeias e mil e duzentas prisões atulhadas de gente; sete mil e cento e vinte milhões desbaratados em quatro annos e meio; sabios como Lavoisier e Bailly, o delicado poeta Chénier, jurisconsultos como Etienne Pasquier, Lefèvre, Lamoignon, arrancados á vida. Bordeaux diminuia em $^1/_{12}$ da sua população, Reims $^1/_8$, Chamberi $^1/_4$, Rennes $^1/_3$, Argenton-le-Château $^2/_3$, Bréssuire, possuindo apenas seiscentos e trinta de tres mil, Lyon oitenta mil de cento e trinta mil habitantes — eis o saldo da Liberdade, Igualdade e Fraternidade prégada aos povos! E quem são esses homens que dominam a França e pretendem dar leis á Europa? Triste é dizel-o. Bandidos uns, scelerados outros, corruptos todos. Sombrio e tragico bando esse dos Santerre, Saint-

Just, Legendre, Carra, Huguenin, Rossignol, Barbaroux, Fréron, Henriot, Hébert, Marat, Robespierre, Couthon, Dumont, Carrier, Gasabeau, Tallien e tantos e tantos de sanguinolenta memoria. « Je ne crois pas (escrevia o barão Brinckman, embaixador da Suecia) que les différentes classes de la société soient plus corrompues en France qu'ailleurs; mais j'ose espérer que jamais un peuple ne sera gouverné par la volonté de scélérats plus imbeciles et plus cruels que la France ne l'a été depuis le commencement de sa nouvelle liberté ». Brissot, auctor d'um livro obsceno (*Le Diable dans un bénétier*), tendo recebido, em 1783, 13:335 francos para fundar um escóla em Londres, fica com essa quantia. Carra tinha sido condemnado pelo tribunal de Macon por furtos e roubos; Saint-Just, auctor d'um poema no genero da *Pucelle,* rouba á mãe uma baixella de prata e vai viver entre *divas* na rua Fromenteau; Dartigoyte, o sardanapalesco Dartigoyte, depois de ter insultado todas as senhoras n'um theatro em Auch, põe-se nú no seu camarote; Carrier, em Nantes, apropria-se da casa d'um cidadão, e estabelece n'ella o seu sumptuoso serralho; Collot d'Herbois, em Lyon, assistia aos supplicios, á mesa de jantar entre estalos de champagne e beijos de prostitutas. E assim eram os mais, assim todos.

Estes são os homens que, embora maus, consciente ou inconscientemente, pugnavam pela Justiça! Consola-nos, porém, vêr que no mar revolto das paixões ha sempre uma corrente de verdade e justiça, que é um grito e um documento da superioridade humana. Os conscientemente desgraçados, os malditos da honra e reprobos da verdade, são sempre poucos, mercê d'essa centelha divina que em nós habita. Por isso, e mais ainda devido ao conflicto que em nós se dá, o crime torna-se uma loucura, um frenesi: *abyssus, abyssum invocat!* É d'esta fatalidade physiologica que vêm os suicidios ou o suicidio da alma, que é a confirmação na mentira e no odio tão bem personificada no Satan de Milton: « evil be thou my good! » É ainda por isso que se depara em muitos dos vultos da Revolução esse riso terrivel dos condemnados, que é o desespero, a maldição da mentira.

Citemos alguns factos comprovativos. A 12 de julho Desmoulins annuncia n'um dos clubs de Paris uma Saint-Barthélemy dos patriotas. N'esse mesmo dia e no seguinte pelos *faubourgs* Saint-Antoine, Saint-Honoré e Saint-Jacques «des brigands armés de piques et de batons se portent partout en plusieurs divisions, pour livrer au pillage les maisons». Proximo, as portas dos Lazaristas tinham sido arrombadas, e d'ahi aos gritos de — «á Bastilha, á Bastilha!» — o bando heroico rolou até ao inexpugnavel reducto da Tyrannia. D'entre essa onda de gente, que ia arrazar o velho Despotismo symbolisado pela Bastilha, destaca-se «un nombre de femmes élégants, et de fort bon air qui avaient laissé leurs voitures à quelque distance!» Um dia, na Assembléa Constituinte, apparece Anacharsis Clootz seguido de sessenta homens, vestidos com os costumes de quasi todos os povos, indios, turcos, chins, e apresenta-se como supremo representante do genero humano. A Assembléa, commovida por essa espontanea fraternisação das linguas e dos povos, admitte ás honras da sessão o embaixador! Clootz discursa e a Assembléa ouve: «Dieu débrouilla le cahos primitif; les Français débrouilleront le cahos féodal; Dieu est puissant et a voulu; nous sommes puissants et nous voulons... Plus le théâtre de la guerre sera grand, plus le procés des plébéiens contre les nobles sera terminé promptement et heureusement. Il nous faut des ennemis... la Savoie, la Toscane, et vite, vite!» Ninguem se riu, nem um murmurio perturbou o embaixador!

N'um outro dia, a 20 de junho, um cortejo de oito a dez homens capitaneado por Huguenin, Santerre e Saint-Huruge desfila pela sala. Ao meio, um d'elles levava na ponta da lança este distico — *Vivent les sans-culottes* — e um outro n'uma forquilha o coração d'um bezerro — *Cœur d'aristocrate.* Huguenin lê e a Europa escuta: «Le peuple le veut ainsi, et sa tête est l'arbre généalogique de la nation et devant cette tête robuste, le faible roseau doit plier».

O patriota Palloy organisa a festa de 10 d'agosto de 1793 que custou á França 1.200:000 francos, além das despezas feitas com os setecentos delegados que vieram da provincia. Na

praça da Bastilha ergue-se a colossal estatua da Natureza deitando pelos peitos a *agua regeneradora*. O presidente Hérault enche a taça, liba, e passa aos oitenta e sete decanos, representantes dos oitenta e sete departamentos, o symbolo augusto da confraternisação universal. Depois, caminham todos, cada um com bandeirola e o nome dos respectivos departamentos, solemnes na sua faxa tricolor, ao som do tambor, dos clarins e do ribombo dos canhões, até ao campo de Marte. Ahi vão os delegados formando em circulos concentricos a *Montanha Santa*, do alto da qual o presidente, curvando-se, lhes entrega a Arca contendo a acta constitucional e o recenseamento dos votos, ao tempo que vai colhendo n'um feixe as lanças — symbolo da Republica unica e indivisivel. Nunca os povos se reuniram «pour célébrer la plus grande époque de l'espèce humaine!» Que importa que a fome e a guerra dizimem os franczes? «Périssent cent mille fois les 25 millions de français plutôt qu'une seule fois la république une et indivisible!»

A melhor porção da humanidade assim fortalecida e refeita, não contente nem com a Igualdade, nem com a Fraternidade, nem com a Liberdade, vai agora fundar o culto da Razão, a ultima, a exclusiva conquista da Republica. Pelos dias de 20, 22 e 30 brumario, magotes de bandidos entrelaçam-se pelas ruas a desenfreadas rameiras, aos uivos da Carmagnole — *ah! le bel oiseau*. Param aqui uns de mitra e baculo arrastando pelos braços bacchantes de seios núa; alli, ao pé d'uma taverna, com o calix a transbordar de aguardente e vestidos de paramentos ecclesiasticos, parodiam outros a missa; mais além, grupos de megeras arrastando sumptuosos vestidos preparam o banquete de sardas fritas em patenas de ouro! Refeitos, caminham em jericos mitrados, tendo em vez de redeas estolas, por selim douradas dalmaticas, vomitando e cantando. Chegam, e tudo aquillo desfila pela sala da Convenção. Nota-se a graça com que este imita um certo bispo levando solemnemente erguida a sagrada pyxide, como aquelle garganteia em lingua bunda a musica dos psalmos; e, quando em meio do zurrar dos sacros jumentos e do gargalhar das bacchantes cahem as mas-

caras e se descobrem os uniformes nacionaes, os membros da Convenção, commovidos, descem e apertam as mãos aos novos levitas da Razão.

Á tarde organisa-se em Notre-Dame a festa grandiosa, o novo culto da Humanidade. Uma actriz de gorro vermelho e saiote rompe o prestito á guiza de David. No côro da igreja ergueram um novo templo feito de pranchas e papelão. Na nave, sacerdotisas *presque décullotées, le col et la poitrine nues,* entoam a antiphona da nova liturgia *en hurlant la Carmagnole.* Sobre um monticulo de verdura a Razão, branca como a Belleza e núa como a Verdade, recebe entre nuvens de aromas o culto dos fieis, que vão depôr aos pés d'uma das *habituées* das ceias do duque de Soumise o preito da sua fé ardente e pura. Já o crepusculo religioso da tarde vinha descendo das abobadas, amorteciam os cantos, expiravam os cirios, desvaneciam os aromas, e nas capellas lateraes á luz da razão tragicas rameiras *font des lupanars avec des cris aigus!...*

Com uma tal liberdade, uma tal philosophia e um tal culto o homem do seu estado civilisado devia passar a ser uma fera. Ponham-se embora de parte os crimes politicos que a paixão sincera póde mas não deve desculpar; esqueçam-se ainda os martyrios inquisitoriaes do *Grand-Cesar, Saint-Vicent, Bel-Air* e outras prisões; fechem-se embora os olhos aos altares cuspidos e ás blasphemias impotentes contra a Divindade; o que porém entristece e humilha é a furia jovial e o *aplomb* sinistro com que se commettiam as mais deshumanas atrocidades. Não seria exaggero dizer-se que nenhuma revolução, nem mesmo as commoções religiosas, que são as peores, deixou de si tantos documentos de insania como a da França. Citemos mais alguns factos.

Guillin-Dumontel, em tempos capitão d'um navio mercante e depois commandante no Senegal, vivia retirado no seu castello de Polegmieux em companhia de sua mulher, dois filhinhos e suas irmãs, ao todo dez pessoas. Era bom e bemfazejo, mas rico. Tanto bastou para que na manhã de 26 de junho de 1791 visse a sua casa cercada de gente furiosa, que brandia

fouces. Arrancaram-no de casa, deceparam-lhe a cabeça, e o seu corpo, feito em pedaços, distribuiram-no pelas povoações. Muitos «trempent leurs mains dans son sang et s'en barbouillent le visage... *quelques-uns, saisis par la gendarmerie à Chasselay, avaient fait rôtir l'avant-bras du mort et le dévoraient à table*». Damiens, d'um só golpe, abre o peito de Lalenn, arranca-lhe o coração e leva-o em triumpho agarrado aos dentes. Na rua Saint-Antoine outro selvagem passeava o coração da pobre Madame Lamballe na ponta d'um chuço... A penna recusa contar tantas atrocidades.

III

Indicámos até aqui as causas remotas e proximas da Revolução, tanto quanto nos permittiu este limitado estudo, e formamos d'ella uma idéa sob o duplo ponto de vista historico-social e moral. Falta-nos agora examinal-o debaixo de outro aspecto, estudar o seu lado pratico, os seus resultados politicos e economicos. Desculpar-se-iam á Revolução, como querem os seus defensores, todos os erros, todas as demasias e até todos os crimes, se porventura ella tivesse contribuido para um resultado pratico. Longe d'isso. Não ha na historia exemplo de assembléas legislativas que desconhecessem tanto as noções mais elementares do direito commum, da propriedade, da economia, de tudo emfim que faz com o homem um todo natural e evolutivo.

É com justa razão, por isso, que o snr. Molinari attribue á Revolução apenas duas conquistas, o codigo, em parte, e o systema metrico — o que é pouquissimo não só perante os sacrificios e perdas por que passou a França, mas perante a petulancia com que se pretendeu remodelar pela base todo o trabalho humano sem afinal alterar um ápice do que existia.

Se se fallar na salutar interferencia do povo na administração da coisa publica, nas bellezas da liberdade do voto, no suffragio universal, póde-se responder que foram conquistas essas que os factos se encarregaram de reduzir a mesquinhas pro-

porções. Os politicos gostam d'esses sophismas com que se arma ao effeito; mas a crúa realidade vem ensinar-nos o que realmente valem esses romanticos ideaes. Nós com a nossa *sciencia moderna*, que fazemos a physiologia e a anatomia do espirito, concordamos todavia com visivel enthusiasmo em que todo o homem tem a completa capacidade de poder e saber escolher os melhores e mais sabios governantes! A propria França que assim pensou no momento mais solemne da sua vida politica, isto é, no momento em que affirmava os *direitos do homem*, veio dizer-nos que n'essa época (1790) sobre 81:200 eleitores se abstiveram de votar 67:200, chegando a não votar 74:000 em 1791. (Veja-se para épocas posteriores o excellente folheto *Suffragio Universal* do snr. Taine).

Não nos enganemos. A liberdade da consciencia não é um direito, é uma condição; não é uma conquista, está na propria natureza moral do homem. Quem póde *querer* é necessariamente livre, embora essa faculdade não tenha uma representação concreta. E, se quizermos mesmo tomar as coisas exteriormente, como ellas parecem e não como de facto são, a Allemanha de Luthero, a Inglaterra puritana de Cromwell e até o Novo-Mundo de Washington, para não fallarmos dos gregos, romanos e até dos barbaros, antecederam á França no que exclusivamente se attribue a ella. A divisão da propriedade (cujo valor economico não nos cabe discutir agora) que geralmente se lança á conta dos beneficios provenientes da Revolução, já era notada nada menos de vinte annos antes das famosas leis da Constituinte. (Vidè Arthur Yong, Relat. de Colbert e Turgot em Taine, Tocqueville e Molinari).

Por mais que nos demos ao trabalho de indagar qual o bem que nos adveio da Revolução, não chegamos a descobril-o. Ella nem ao menos aboliu a pena de morte. Todos os seus apologistas nos fallam apenas em coisas abstractas: *words, words, words!* Enganam-se tambem os que pensam que a Republica é um advento infallivel na marcha politica das instituições. Em primeiro logar as fórmas de governo não obedecem a leis physico-biologicas, mas sim a leis moraes, porque não são pro-

ductos naturaes, são creações da intelligencia. Quem *vê* que a razão da Republica é o individualismo, não póde admittir que a sociedade, na sua marcha progressiva, caminhe para esse ideal, para esse principio, que é a negação da Familia e do Estado, e por conseguinte da propria Civilisação.

Pelo fructo se conhece a arvore; e é pelos seus fructos que conhecemos a arvore da Revolução.

Se as leis de 21 de março e 5 de outubro fossem postas em pratica, a França teria tido em vez de 21:500 *comités* revolucionarios 45:000, custando 591 milhões; isto é, a administração publica despenderia 100 milhões a mais do que no tempo da monarchia. Pelos decretos de 8, 12 e 24 de agosto de 93 e pelo de 24 de julho de 94 o *regimen da liberdade* confiscava ás communas, aos estabelecimentos de caridade e até ás sociedades litterarias todos os seus bens. Não admira. Coffinhal tinha já dito triumphantemente a Lavoisier: «la République n'a pas besoin de savants!» A revolução e a guerra, no curto espaço de quatro annos e meio, custaram á Republica 7:121 milhões, o que equivale ao triplo de despezas no antigo regimen. O thesouro que no tempo da monarchia obtinha dinheiro a juros de 6,5 e 4 p. c. ao anno, só o conseguia sob a Republica á razão de 5 p. c. *ao mez,* chegando em 1796 a custar 6 a 8 p. c. Uma sacca de trigo que d'antes se vendia a 50 francos custava em maio de 93, 100 a 150 francos; o pão de 3 soldos a libra importava em 6, 10 e 12; a carne em vez de 6 soldos a libra, passa a custar 20; o assucar de 20 soldos sobe a 4 francos e 10 soldos. Em agosto de 94, o papel-moeda perdia 66 p. c.; 72 em outubro, e em dezembro 78. Em 11 de março de 1795 um luiz em ouro vendia-se em papel-moeda por 205 francos; em 11 de maio por 400; em 12 de junho por 1:000; em outubro por 1:700; em 13 de novembro por 2:850, chegando a vender-se por 19:000 francos seis mezes depois. Portanto o papel-moeda de 100 francos valia em junho de 1795, 4 francos, em agosto 3; 15 soldos em novembro e afinal 5 soldos! Proporcionalmente, em 1796, comprava-se por 50 francos em papel-moeda uma libra de pão; a carne custava 60, um alqueire de batatas 200, uma garrafa

*

de vinho 100! Com a fome e a guerra, que de 1792 a 1800 tinham dizimado um milhão de francezes, a mortalidade que era de 1 para 30 (o que dá para 26 milhões de habitantes 866:666 mortes), quasi que triplicou nos annos II, III e 1.º semestre do IV. Só em Paris no anno IV morrem 2:907 expostos sobre 3:122. Os mendigos percorriam em bandos a cidade, verdadeira leva de vagabundos que a fome, a falta de trabalho, a anarchia e a violencia na administração publica vasavam dos campos sobre Paris, onde a Republica celebrava a maior época da especie humana! «Un silence morne, une détresse concentrée peinte sur tous les visages, la haine la plus caractérisée pour le gouvernement en général développée dans toutes les conversations... les denrées de toute espéce augmentant de prix soixante fois par heure... les maisons de commerce transformées en cavernes de voleurs; les fripons devenus commerçants; la cupidité la plus sordide, l'égoisme le plus mortel: voilà le tableau de Paris». D'ahi nos mezes de germinal, prairial e messidor sedições populares em Evreux, Dieppe, Verviens e Lille, e em quasi todos os departamentos. «Si le régiment d'Aunis (mandava dizer o directorio de Calvados) ne nous est pas rendu sur-le-champ, s'il n'est pas pris de mesures efficaces et promptes pour nous procurer une force publique, nous abandonnerons tous un poste, où il ne nous est plus permis de tenir au milieu de l'insubordination, de la licence, du mépris de toutes les autorités, et conséquemment de l'impossibilité absolue de remplir les fonctions qui nous sont confiées». Não era este o regimen da Paz e da Abundancia? Não é este o governo sob o qual até as mulheres paririam sem dôr, segundo a phrase pittoresca de Daird? Que importava, pois, que do Palais-Royal sahissem de braço dado ás Théroigne e ás Chabray os novos prophetas da Razão calcando o Despotismo e topetando triumphantes com as estrellas? «Citoyennes, êtes-vous bonnes républicaines? — Oui, oui, notre général. — N'auriez-vous, par hasard, caché dans vos cabinets quelque prêtre réfractaire, quelque Autrichien, quelque Prussien? — Fi, fi, nous ne recevons que de sans-culottes».

Mas aboliram-se os dizimos e os direitos feudaes, dizem.

Engano, diz o snr. Molinari; apenas se lhe mudaram o nome e crearam-se impostos ainda mais onerosos. Assim, a *taille*, as *vingtièmes*, o direito *marc d'or*, que se pagava para exercer o commercio e a industria, foram substituidos pelos *patents;* o direito de *contrôle* foi substituido pelo do *timbre;* os *aides* chamaram-se contribuições indirectas; a *gabelle*, o odioso imposto de sal, e o *octrois*, abolidos ao principio, reapparecem para breve sob o titulo *d'octrois-de-bienfaisance;* as *corvées* ficaram supprimidas, mas os camponezes tinham que pagar em generos o equivalente; o imposto sobre a propriedade, a *taille*, de que estavam isentos os nobres na razão de 15 milhões em um total de 91 foi supprimido é verdade, mas em compensação a *contribuition foncière*, que é o equivalente d'aquelle, triplicou 242 milhões e meio de francos, dos quaes 120 milhões em centimos addicionaes! Os impostos directos, que tanto affligiam os novos legisladores e de cuja regular percepção tanto depende o thesouro cobravam-se já regularmente no tempo de Turgot; mas os *droits-réunis*, que os substituiram, sabem-no todos quão odioso se tornaram sob o primeiro imperio.

A actividade livre foi restringida, como nunca, por uma série de monopolios e de privilegios, tanto financeiros como industriaes. O commercio externo que, graças ao tratado de 1786 entre a França e a Inglaterra, sommava (importação e exportação) em 1787, 88 e 89 — 991, 983 e 1:018 milhões de libras respectivamente, desceu, devido ás medidas restrictivas e attentatorias da liberdade do commercio a 611 milhões em 1815, e levou trinta e seis annos para voltar ao seu antigo nivel!

Não só a decadencia do commercio, que é o fiel da balança economica, mas as despezas do orçamento foram crescendo fabulosamente depois da revolução, emquanto a população indicava um augmento menor que o normal. O commercio decahia, como vimos, e com elle a riqueza publica; mas as despezas pelos varios ministerios subiam em 1801 de 835.223:000 de francos a 3.770.000:000 — mais do que o triplo no tempo da monarchia.

Afinal — «Le servage militaire, qui était en voie de dispa-

raître sous l'ancien régime (escreve o snr. Molinari) a été rétabli et généralisé avec les exceptions du remplacement et, plus tard, du volontariat qui, en le rendant plus léger pour la classe gouvernante, au sein de laquelle se recrute presque exclusivement, la hiérarchie militaire à appointements, en alourdissent le poids pour la multitude. Cette rétrogression dans le régime du servage suffirait seule à balancer toutes les réformes progressives, ou pretendues telles, que l'on a coutume de mettre à l'actif de la révolution».

Não será licito perguntar depois do que vimos expondo qual o beneficio que adveio á França e á Europa d'essa apregoada conquista sobre o despotismo feudal? d'essa liberdade que foi o maior dos despotismos? d'essa igualdade que roçou pela bestialidade? d'essa fraternidade que foi a guerra entre irmãos, e o exterminio e a rapina levados a todos os povos europeus? Esse beneficio será por acaso o regimen de anarchia permanente em que vive a França desde que proclamou a guerra contra o throno e a igreja?

Nada, por isso, caracterisa tão bem a Revolução como o homem que d'ella nasceu. Conhecer Napoleão, é definil-a. E Napoleão foi um genial bandido. Do ventre revolto da França sahiu este seu filho, o maior, uma combinação hybrida do genio gaulez e transalpino que, arrancando á incendiada França um facho rubro d'entre os seus destroços, correu a Europa toda como uma onda de fogo rompendo, lambendo, destruindo. Guerra e rapina — eis a glorificação do regimen da liberdade, igualdade e fraternidade. E guerra e rapina quer dizer barbarismo. O que os exercitos de Bonaparte arrancam ás nações invadidas, constitue o roubo mais formidavel das idades modernas. Á Belgica, Hollanda, Allemanha e Italia — em dinheiro 655 milhões; em saques de objectos de ouro e prata — 305 milhões; em requisições em generos — 361 milhões; em confiscação de bens moveis e immoveis do clero, dos hospitaes e varias outras corporações, incluindo as corporações litterarias — 700 milhões. Pratas e alfaias saqueadas ás egrejas de Liege e aos eleitorados do Baixo-Rheno — 25 milhões. Exigencias á Lombardia, estados veneziа-

nos e Modena — 65 milhões; diamantes, cruzes de ouro e outros objectos extorquidos aos monte-pios de Milão, Bolonha, Ravena e outras cidades da Italia — 56 milhões; caixas do hospital de Milão e outras — 5 milhões; mobilia e objectos de arte das villas venezianas e palacios de Brenta — 6 e meio milhões; alfaias, quadros e até o annel pastoral do Papa extorquidos ao Vaticano — 43 milhões. Ao todo — 2:656 e meio milhões! Accrescentem-se as cidades reduzidas a pó, os thronos usurpados em beneficio dos Bonapartes, a apropriação de riquezas artisticas e historicas, as leis e as tradições de outros povos calcadas com nunca visto impudor, os roubos feitos aos particulares, as victimas ensanguentadas de mil campos de batalha — e só assim é que a Revolução revive na Historia, encarnada na symbolica figura de Bonaparte. O Saturno da Revolução, depois de se devorar a si, começa a devorar a Europa. « La République française mange L'Europe feuille à feuille comme une pomme de artichaut. C'est pour dépouiller les nations qu'elle les révolutionne, et c'est pour subsister elle-même qu'elle les dépouille ».

F. d'Ayalla.

AS COMMUNIDADES DE GOA [1]

«Na India designam-se pelo nome de Gôa todas as terras do dominio portuguez contiguas á velha cidade conquistada em 1510 por Affonso d'Albuquerque. Essas terras abrangem uma área de 3:368,5 kilometros quadrados, e têm uma população superior a 420:775 habitantes. Paiz cortado de numerosos rios e correntes navegaveis, muito humido desde que se define a monção do sudoeste, de junho a outubro, e sêcco durante o resto do anno; fertil nos valles e bacias, arido nos outeiros, que lhe empolam a superficie, todo elle é dominado pela cordilheira dos Ghates, ao longo dos quaes se estende contra o mar».

Essas terras dividem-se em Velhas e Novas Conquistas, segundo a data da sua acquisição, pois entraram no dominio portuguez separadas e não conjuntamente, através de diversos e prolongados incidentes de guerras e de tratados.

Para nós, europeus, ha muito familiarisados com os regimens abertamente individualistas, o facto que n'aquellas paragens primeiro percebemos, pela sua evidencia como que externa, é a exploração da agricultura em proveito commum das aldeias

[1] *As Communidades de Gôa*, por Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, juiz de direito. Livraria Bertrand, 1890.

que respectivamente povoam os palmares. Esse facto sem ser novo, pois que na Europa subsistem ainda restos, e quasi intactos, de instituições primitivas congeneres, interessa-nos todavia como um elemento historico de primeira grandeza, que tinha escapado ao saber dos velhos e venerandos mestres na materia.

« Não deve ser muito remota a época em que aquellas terras eram occupadas por communidades de povos primitivos, como as de curumbins que ainda hoje se encontram em Salsete, no recesso dos outeiros de Dicarpalle e Davorlim. São talvez os monumentos mais antigos de Gôa, e as raizes d'essas instituições eram tão profundas que muitas resistiram até agora, apesar dos golpes com que as têm mutilado successivas migrações e mudanças politicas». Nas Velhas Conquistas ainda hoje as melhores terras conservam-se communs; mas, nas Novas Conquistas, ou já foram divididas ou foram apropriadas pelos cobradores de impostos a que chamam *dessais*.

Como, por que modo se fazia a repartição da terra pelos casaes? Deixando de parte modificações secundarias, que circumstancias particulares impunham a determinadas aldeias, encontramos dois modos de repartição principaes, a divisão das glebas e divisão da producção total arrendada por licitação.

« Emquanto, por quasi toda a India, a propriedade passou definitivamente da communidade para a familia, em Gôa conservam-se exemplares notabilissimos d'aquelle regimen primitivo.

« Figuremos no centro as melhores varzeas de arroz, ao lado o pagode ou a igreja, e á volta, dispersos por entre os palmares, os bairros da aldeia. Os palmares entremeados de casas foram quasi todos divididos pelos visinhos e pagam á communidade um pequeno fôro; o fundo commum é constituido pelas varzeas, que se arrendam por licitação, entre os membros da communidade; os outeiros susceptiveis da cultura arrendam-se do mesmo modo.

« Do producto dos fôros pagos á communidade e do producto da licitação tira-se em primeiro logar o fôro ha muito fixado e os impostos que se devem ao Estado; satisfazem-se ou-

tras despezas da aldeia e o resto divide-se em quinhões iguaes pela gente que a povôa».

Este é o typo mais simples, mas «em algumas communidades as varzeas em logar de licitadas de tres em tres annos, segundo o costume, eram divididas glebariamente pelas familias, e foi por este processo que em outro tempo nas Velhas Conquistas, e ainda recentemente nas Novas Conquistas, se separaram muitas terras, tornando-se permanente a partilha». Em 1825 informava o Tanador-mór das ilhas de Gôa: «Desde a primitiva e até 1735 separava-se de cada communidade uma porção de terra, que se arrematava, cujo producto chegasse ao pagamento do fôro e mais contribuição ao dominante; e o resto tinham reduzido em tiras a que chamam bandys, sendo a divisão com tanta igualdade, que não havia nenhuma differença em producção d'um bandy a outro; estes bandys cultivavam os interessados, segundo o interesse que tinham na communidade, e todos os cultivadores formavam uma corporação, como já disse, chamada bouço e este fazia todas as despezas precisas para a conservação dos campos».

Por estes exemplos poderemos avaliar do caracter da communidade emquanto á posse e usufruição da terra, pondo de parte, como disse, modificações de aldeia para aldeia que, embora não sejam destituidas de valor, nem por isso destroem a base da propriedade.

Penetrando mais intimamente esta especie de relações na communidade, um outro facto nos revela o historiador que, junto ao que deixamos apontado, ensina que larga distancia vai das leis e costumes europeus ás communidades da India. E vem a ser que «a terra e os direitos que recahiam sobre ella eram inalienaveis».

Dizia o foral de 1526: «Se algum gancar ou outra pessoa quizer vender alguma herança em alguma das ditas aldeias, não o poderá fazer sem licença de todos os gancares da tal aldeia e assim mesmo ninguem poderá comprar sem a dita licença, e se se fizer alguma venda, ou compra sem haver a dita licença será em si nenhuma, e cada vez que os gancares quize-

rem será tudo desfeito...» Costumes eram estes tão differentes dos nossos que logo os portuguezes pediram a D. João III que mandasse fossem abolidos; e do aferro que lhe mostraram e das vicissitudes por que têm passado, tiramos prova cabal de quanto era essencial na estructura das communidades a inalienabilidade dos direitos relativos á propriedade da terra.

Não importam porém reclamações perante quem os governa nem a tenacidade com que se apegam á tradição; com a queda de todos os demais elementos d'esses organismos, vai tambem a propriedade collectiva das communidades. E para só lembrarmos um dos muitos casos de apropriação individual citaremos as usurpações dos dessais. Abundam exemplos.

«Em Satary as communidades extinguiram-se e em Pernem conservaram o mecanismo necessario para a distribuição e cobrança dos fôros, mas deixaram de ter a administração das terras. Os dessais usurparam tudo e a instituição ia assumindo o caracter feudal quando o dominio portuguez foi implantado nas Novas Conquistas». Publicações officiaes do governo de Bombaim referem quanto os dessais eram pesados ás communidades, absorvendo o melhor das suas rendas sem em troca prestarem serviço que as valesse, e considerando as suas mercês não como remuneração, mas como direitos livres de todas as condições.

Comprehende-se facilmente este genero de usurpação, a lenta transformação do imposto em obrigação devida a uma familia ou a uma casta, a absorpção gradual de toda a renda até annullar a parte livre que anteriormente se dividia pela communidade.

Este é o exemplo de transformação economica das communidades, de mais prompta e clara comprehensão, mas muitos outros elementos têm concorrido no mesmo fim. Nem admira; os incidentes de emigrações e conquistas com as ambições e dominios correlativos necessariamente sujeitavam a contínuas e diversas transformações as instituições primitivas das aldeias, succedendo-se e accumulando-se na povoação, como de facto aconteceu, gentes de tão variadas origens.

«A stratificação dos povos de Gôa funda-se na raça cu-

rumbim, a mais antiga e de formação mais simples. Encontra-se depois um extenso coglomerado sudra. Sobre estas, em época muito posterior, assentaram as duas raças dominantes — marathas e brahmanes». Isto em ultima analyse; porque o historiador accrescenta que seria impossivel a classificação sem eliminar muitas differenciações «importantissimas sob o ponto de vista social».

Dois caracteres bem accentuados encontramos na gente de Gôa: a multiplicidade de origens ethnicas, e um forte sentimento de exclusão relativa.

«Os factos actuaes, as relações que se observam, circumscrevem-se por circulos muito estreitos. O primeiro e o mais importante é o da familia. A intensidade das ligações de sangue corresponde um sentimento de exclusão, mais ou menos profundo, a respeito de todas as outras relações. Os circulos de familia estão comprehendidos dentro da casta, agora determinada em regra pela profissão, mas cujas raizes se entranham solidamente na religião e na raça. O ultimo circulo é descripto pelos limites da aldeia. Póde considerar-se ainda um facto geral a rivalidade entre aldeias visinhas e a desconfiança reciproca entre os habitantes.

«A composição da sociedade de Gôa, a diversidade de elementos de que ella se compõe, é um facto de primeira ordem e que deve ter-se em vista sempre. Os povos mais antigos — curumbins e sudras, estavam organisados em communidades muito antes dos marathas e brahmanes se estabelecerem no paiz; algumas d'essas communidades chegaram até nós, como se vê em Dicarpale, Telaulim, Dramapur e Sirlim de Salsete, e restam-nos monumentos vivos da antiga homogeneidade de muitas outras, que são os gancares curumbins e bhandarís, hoje depostos geralmente nas aldeias das Novas Conquistas.

«Ora estas camadas sociaes não se cruzam e acham-se tão separadas umas das outras como a agua se separa do azeite, o que todavia não obsta a que tenham exercido umas sobre outras notavel influencia».

A maneira de possuir a terra é o facto mais evidente das

communidades de Gôa, mas a diversidade das raças que as constituem, as rivalidades, odios e desconfianças mutuas, estas innumeras barreiras levantadas n'um terreno estreito são sem duvida o facto mais importante que nos offerecem. Porventura esta falta de homogeneidade seria um elemento de conservação; toda a transformação se tornaria difficil á falta de força sufficiente dos que a emprehendessem, contrariados pelos sentimentos adversos de castas de igual ou maior força.

Sem discriminarmos claramente até onde determinado costume é producto da simples emigração, da vontade do vencedor ou de necessidade impreterivel da ordem social, sem podermos estabelecer uma relação exacta entre os elementos constituintes da communidade e a sua origem historica, percebe-se todavia que todo aquelle systema de sociedade proveio d'um conflicto de raças — pedaços de differentes vasos soldados pelo interesse da existencia e mantidos intactos no seu barro primitivo pela tenacidade da tradição.

Para que a tradição se obliterasse ou perdesse faltou-lhes a escóla, este cadinho das sociedades europeias onde vão fundir-se n'uma materia amorpha as melhores heranças de virtude e os mais baixos legados de instinctos ruins.

«Parece que em algumas communidades da India a escóla entrava na organisação das aldeias, e em Gôa a instrucção elementar esteve algum tempo a cargo d'ellas sob o dominio portuguez. Nas Novas Conquistas encontra-se um grande numero de aldeias oneradas com *haccas* ou pensões para differentes *mothos*, casas religiosas sob a direcção de dois prelados (suamys) de Smarts e Vaishnavas». Mas os limites do ensino dado alli afastam todo o perigo de prejuizo para a tradição, porque «n'essas casas, hoje em decadencia, apenas se ensina a recitar alguns textos dos Vedas repetidos nas ceremonias e ritos hindus. As primeiras letras da lingua maratha e as lições de arithmetica, que constituem quasi todo o saber das classes hindus, têm sido até ha pouco tempo professadas exclusivamente por mestres particulares, mantidos muitas vezes como pessoas de familia na companhia dos discipulos».

Estes mesmos rigores de exclusão entre as castas e aldeias, que a tradição alimenta, presuppõem uma organisação n'aquellas collectividades, dependencias que convem não alterar pela introducção de corpos estranhos; e, de facto, verifica-se que essa organisação existe e o seu elemento inicial é a familia.

« A familia hindu agrupa-se á roda do chefe, e cada filho é um membro da grande arvore, e ao mesmo tempo um novo tronco, de raizes independentes.

« As casas são geralmente habitadas por varias familias, algumas com economia separada, mas o pae e os filhos e os netos, ou os irmãos e sobrinhos, continuam em regra a viver em sociedade e o culto domestico dos antepassados e de Ganesh, deus da prudencia e da sabedoria mundana, fazem-se quasi sempre em commum.

« A familia conjunta, caracterisada pela communhão de bens sob o patrio poder do *Waddil,* embora restricta a uma ou duas gerações, é ainda a unidade da aldeia e portanto da sociedade hindu.

« Está escripto nos livros sagrados que um dos principaes deveres do brahmane é continuar a sua geração e pagar aos progenitores com um filho a divida dos sacrificios. Porque a familia perpetua-se unicamente pelos descendentes masculinos, e as mulheres entram pelo facto do casamento na familia dos maridos ».

O matrimonio tem regras que se cumprem a rigor; nem póde celebrar-se entre pessoas da mesma familia, descendentes por varonia d'um tronco commum, nem entre pessoas de casta differente, determinada a casta pela profissão ou por certa ordem de profissões, e tambem pela seita.

A condição da mulher brahmane é miseravel. O casamento é tratado pelos paes, sem intervenção dos noivos, e as mães breve se arruinam physicamente pela procreação excessivamente precoce. « Reclusas dentro de casa, occupadas na cozinha e em intrigas, e martyrisadas emquanto noras, vingam-se quando chegam a ser sogras. Comem depois dos maridos, nos pratos de folhas de que elles se serviram, e resignam-se ou suicidam-

se, ao vêl-os gastar a vida e a fortuna entre bailadeiras». Viuvas, «são repellidas em toda a parte como coisa de mau agouro».

«A noiva, em regra, leva para o casal um dote que varía, conforme a fortuna das familias; os curumbins *compram-nas;* dão por ellas um preço nominal que entre os christãos é de tres ou quatro rupias.

«Apesar de se sujeitarem a trabalhos pesados, tanto as mulheres curumbins como as das outras classes inferiores se podem talvez considerar mais felizes que as brahmanes; as suas relações com os maridos estão n'um pé de maior igualdade; homens e mulheres occupam-se na labutação dos campos, e as casas de terra e cabanas apenas servem para os abrigar e aquecer durante as chuvas e nas noites de terral».

Ao despotismo da familia correspondia o despotismo na communidade, n'este sentido, que a administração da justiça fazia-se irregular e arbitrariamente, segundo o uso e costume, sem lei fixa nem quanto ás penas e direitos nem quanto aos julgadores. Havia assembléas das aldeias nascidas «espontaneamente da necessidade de manter a ordem, julgando e resolvendo os negocios que tocavam a todos»; mas «não havia diplomas que limitassem os seus poderes».

Não podia ir mais longe uma civilisação tão primitiva que, como as antigas, de que os historiadores nos dão relação, confundia n'um só pensamento e n'um só corpo de doutrina toda a auctoridade e toda a obediencia. «Os costumes hindus, assim como os livros sagrados, abrangiam no mesmo systema religioso toda a conducta dos homens entre si e para com Deus. A separação d'essas relações e a concepção da lei que d'ahi resultou é um facto estranho áquella sociedade».

«O desenvolvimento dos usos e costumes hindus em corpo de doutrina é um dos factos mais notaveis da civilisação a que estão ligados os povos de Gôa; a sciencia dos deveres (*dharma*), como preparação para o estudo dos Vedas, era professada na India muitos seculos antes da éra christã, e para instrucção dos alumnos colligiram-se institutas, primeiro em aphorismos e

sentenças, depois metrificadas, que eram entregues á memoria e se transmittiam assim de geração em geração. Pertence a esta classe de institutas um livro muito conhecido na Europa pelo nome improprio de *Codigo de Manu*, andam traduzidos muitos outros e sabe-se que existiram para cima de cem.

« Com o tempo essas obras, todas em sanscrito, foram adquirindo auctoridade e consideraram-nas de inspiração divina. Se os Vedas foram *vistos* pelos *rishis*, que nós podemos chamar com grande propriedade *videntes*, as regras para os sacrificios, os ritos e systemas de deveres, que constituem os *dharma-shastras*, passaram da *memoria* dos *rishis* para a tradição ».

Tudo se foi incorporar na religião. É assim nas sociedades primitivas em que o sentimento e a razão não alcançaram um desenvolvimento parallelo. O direito, a moral e hygiene confundem-se, tudo são obrigações e deveres, tudo é obediencia, não dá para mais a intelligencia d'aquella gente; dividiu a terra, esboçou o casamento, mas d'ahi para diante ficou n'um estado mais ou menos cahotico, frequentes vezes arbitrario, sempre confuso, *Knowing is classifying*, disse o philosopho; e os povos das communidades da India conheceram pouco porque não foram além d'uma classificação grosseira.

É verdade que presentiram um systema de leis naturaes fixas, mas não conseguiram determinal-o nem definil-o. « Ha dias propicios e aziagos. É uma coisa assente que um casamento, uma viagem, qualquer emprehendimento, não podem principiar ou celebrar-se indifferentemente n'este ou n'aquelle dia, e tambem não póde haver duas opiniões a respeito de certos signaes ».

« Estes factos exercem uma grande influencia e formam um corpo de doutrina, muito complicada e obscura; as primeiras linhas encontram-se em livros populares, mas só os ministros brahmanes, *purôhitos e joshis*, lhe conhecem a profundeza. Por isso elles adivinham e prevêem o futuro, reconhecendo d'este modo implicitamente que ha uma ordem de coisas fixa e inalteravel... Consideradas por este lado taes superstições são os primeiros signaes da confiança em leis permanentes ».

Dois espirros seguidos, uma gralha que vôa da esquerda para a direita, são *shecún*, bom agouro; um só espirro, uma gralha que vôa da direita para a esquerda, é *apshecún*, mau agouro.

«De o esfregar d'um pau, observa Lyall, sem sacrificios nem invocações divinas, produziu fogo, um resultado maravilhoso, porque é que duas facas atravessadas no limiar, ou um farrapo vermelho pendurado na verga da porta, não haviam de chamar ou afugentar a doença? O raciocinio não põe limites a analogias d'esta ordem na imaginação do homem primitivo».

Não lhes põe limites o raciocinio, e o medo associado á ignorancia favorece-as. Por isso a communidade, tão profundamente dominada pelo espirito de exclusão, é tolerante para as religiões. Tambem o povo dos nossos campos, quando afflicto, nao se fia em um unico santo e a muitos faz promessas e orações, sem prejuizo de bruxarias e dos conselhos do mestre barbeiro; tambem a gente fina quando doente, vai de medico em medico, por todas as igrejas e por todos os systemas de curar, sempre com igual ardor e devoção, sem prejuizo das orações e das promessas aos santos.

Ha cultos e ritos e divindades, cada aldeia tem o seu deus proprio a cargo do qual está protegel-a, livrando-a de males e favorecendo-a com beneficios; mas, quem sabe? talvez os deuses estranhos não sejam peores, sempre é bom experimentar. Porque não, se o systema religioso carece de base solida, isto é, não tem a sustental-o uma philosophia, uma concepção unica dos fins da vida e das causas dos phenomenos naturaes? «O hinduismo não repelle nenhuma crença, absorve-as e vai-as transformando lentamente».

«Curumbins e sudras entram com os seus deuses para dentro da civilisação brahmanica desde que reconhecem o caracter divino da casta levitica. A influencia social determina a influencia religiosa, e os costumes, as crenças e as instituições brahmanicas vão penetrando, embora modificadas, na massa do povo, insensivelmente, sem proselytismo, por imitação.

«O *purôhito*, no seu encargo de cura d'almas, não exclue

nenhuma casta; abre o registo dos nascimentos e obitos, intervem nos casamentos e funeraes, e recebe esmolas de todos, igualmente».

A casta, tão zelosa da sua pureza quando tratou do casamento, foi tolerante e generosa quando se tratou dos deuses. Talvez na India, como na Europa, o mundo seja regido pelos mais baixos instinctos: determinou-se com rigor a usufruição dos bens da terra, perpetuou-se os interesses de classe pelo casamento exclusivamente dentro da mesma casta, mas quanto a obter o favor dos deuses, admitte-se transacção, podem confundir-se por um momento castas e classes, são permittidos serviços communs.

O que foram essas communidades no dominio dos portuguezes? Em Salsete, na igreja de Rachol, lê-se sobre uma sepultura: «Aqui jaz Diogo Rodrigues, o do Forte, capitão d'esta Fortaleza, o qual derrubou os pagodes d'estas terras. Falleceu a 21 de abril de 1577 annos».

Se a religião consubstanciava a vida social das communidades, destruir o pagode seria o mesmo que n'um só momento destruir templos, escolas, museus, edificios do Estado e tudo o mais que as sociedades europeias levantaram para o exercicio da sua vida. Não foi outra coisa o que fez o capitão; e se lembrarmos que falleceu em 1577 e Gôa foi conquistada em 1510 podemos avaliar da fórma por que o dominio portuguez se iniciou na India.

É profundamente doloroso desenrolar o sudario d'esses tres seculos de miserias. Hoje destruiam-se os pagodes, e ámanhã apavorados com o despovoamento das aldeias e o abandono dos campos faziam-se concessões de tolerancia religiosa para restaurar a riqueza perdida. O fanatismo deu as mãos á mais sordida ganancia, os momentos de sensatez foram raros e breves; na lucta contra os *infieis*, a paixão e o roubo, a mais dura crueldade e a mais inteira ignorancia juntaram-se e succediam-se por fórma que não sabemos bem o que julgar dos casos estupendos que o historiador nos apresenta. Mas sempre é de crêr que a maior parte foi unicamente gerada pela ignorancia, que

destruia e aniquilava, sem saber que o melhor caminho era transformar.

*
* *

Não duvido lançar á conta de ignorancia quanto por lá se fez; e a prova está em que só hoje possuimos um estudo inteiro e completo das communidades de Gôa.

É uma perola do melhor quilate o livro com que o snr. Antonio Emilio dotou a litteratura portugueza. Revela-nos um mundo novo, inteiramente novo, pelo qual os seus antecessores passaram de olhos fechados, e dá-nos uma imagem definida e luminosa.

Percebe-se alli o erudito, o longo trabalho de exploração pela litteratura ingleza da India e o trabalho de observação directa, as canseiras de descobrir e os embaraços de interpretar, que só conhecem os que alguma vez sentiram a impenetravel desconfiança da gente do povo para os homens de classe superior, desconfiança que ha de necessariamente aggravar-se entre os povos de differente raça; percebe-se mas sem lhe sentir o peso, porque o historiador nos encurtou o caminho, levando-nos directamente d'um a outro ponto e occultando-nos as longas veredas tortuosas a que a descoberta o obrigou.

Adivinha-se a escóla, o discipulo d'essa geração de juristas que Sumner Maine creou. Para chegar a um estudo como o do snr. Antonio Emilio não bastam diligencias de averiguação; é preciso ter aprendido a classificar os factos, a determinar-lhe o logar, as relações e o valor.

O estylo é correcto, conciso, cingindo a expressão do pensamento a um molde preciso, d'um extremo rigor didactico. Não exaggero affirmando que *As Communidades de Gôa* pertencem á mais perduravel das especies de livros.

Jayme de Magalhães Lima.

*

OS PEGUREIROS

I

Ao toque matutino das Trindades, badalado lá em baixo na capella do logar pela vibrante sineta, cuja metallica voz delgada e plangente, cantando a alvorada, tinha como uma frescura velada através dos leves nevoeiros do valle, já a pequena filha do Rêpas subia madrugadoramente para as altas leiras maninhas, com o seu rancho de ovelhas, sósinha entre os perfumosos mattos da vertente alpestre; e, um pouco estremunhada ainda, tal como a dubia manhã indecisa sob o céo empardecido, espertava-se ao barulho d'um velho borrifador, rouco e fanhoso, em que vinha batendo cadentemente com uma pedra, ao modo de tambor ou pandeiro. De vez em quando interrompia-se, arrepellando-se toda porque alguma das rezes se arredava, ameaçava tresmalhar-se; e atirava-lhe com zunentes rebólos, n'um frenesi, ou, quasi maguadamente, com uma curiosa ternura familiar, pedia-lhe que não fugisse.

Na portella penhascosa do monte, sentou-se a descançar, e molhando as mãos no orvalho, que emperolava as hervagens rasteiras como uma ligeira e lassa geada, pôz-se a esfregar e a lavar a cara. Em seguida, cofiou os cabellos despenteados com essa maravilhosa e simples agua do espaço, e limpou-se á po-

bre saiota esfarrapada. As gordas ovelhas espalhavam-se agora á vontade, procurando vorazmente o pasto, graves e comilonas, de cabeças cahidas para o chão; e, sem as perder de vista, a pastora começou de novo a espancar estridentemente o seu tosco e monotono instrumento falhado, levantando um contínuo tam-tam de taramella raivosa que guarda as searas, agitada pelos ventos, ou escorraça das figueiras a passarada larapia.

Em torno, vastamente, arredondava-se o circo immenso das serranias ensombradas, na sua immovel magestade carrancuda, conservando obscuridades de noite nas dobras das cavadas gargantas; e, com as fumosas nuvens algodoentas, entaladas nas ravinas a denunciarem a passagem dos ribeiros despenhados, como que figurava a metade deslocada e aberta, grandiosamente espedaçada, d'um mundo partido. Na placidez dos ares, zoavam as rompantes revoadas dos gaios, que se iam ao assalto das fructas nos campos mais proximos, e ás vezes insinuavam-se os dôces gorgeios longinquos das cotovias. E os cumes recortados, rotos, erriçados de granitos denegridos, d'um soberbo aspecto rebarbativo, mostraram pouco a pouco as suas cristas bafejadas sinistramente d'uma estranha claridade auroral.

Era o sol que vinha nascendo, por traz do horisonte escuro, arreganhado em dentaduras de rochas pontudas. Alçando-se lentamente, o disco espreitava a terra como uma pupilla vermelha, energica, opaca, e dura, côr de lacre; emquanto que, em roda, as lisas brumas ensanguentavam-se d'um intenso clarão rubro. Este singular luzeiro, ao mesmo tempo mortiço e profundo, candente e humido, estendia-se e alastrava á maneira d'uma vaporosa nodoa escarlate, até se perder n'um vago tom de casca de pecego, em que a nevoa subtil parecia uma avelludada pennugem. E jurar-se-ia, perante o imprevisto espectaculo da eclosão tragica da luz, que o astro fosse victima d'uma emboscada espantosa, nas trevas, ferido, assassinado talvez, e revelasse ao dia a traição da sombra, não podendo derramar sobre a natureza entristecida senão os reflexos lugubres do crime.

II

Estremeceu de medo, a rapariga, e cessou de tamborilar, quando reparou na sangoeira estarrecedora do sol. Uma idéa indefinida de que qualquer cousa superior, alguma desgraça insondavel e malvada estivesse para acontecer ás gentes, irremissivelmente, a repentina morte de tudo annunciada por aquelle aspecto original da atmosphera, consoante os vulgares e primitivos receios camponios, encheu-a de terror, obrigando-a a esconder-se debaixo d'uma lapa, a furtar-se ao temivel olho do céo, carmineo e perseguidor; porque a solidão completa, silenciosa e indifferente, que a cercava, entregando-a aos perigos do acaso, mais aggravava os sustos do seu ingenuo sêr, herdeiro das antigas superstições indestructiveis.

Sem tardança, ouviu tilintar fracamente um chocalho somnolento, que se avisinhava, acompanhado pelos assobios e gritos agudos d'um pastor. A filha do Rèpas sahiu do seu esconderijo, consolada, procurando vêr quem se aproximava; e logo um cão de pello fulvo, com o rabo alçado e festeiro, farto e empennachado como o de uma raposa, se lançou a correr para ella, ladrando amigavelmente. Bastava-lhe sentir perto outra pessoa, para esmorecer a sua afflicção raladora, augmentada pelo isolamento; e quando avistou o moço do Flandóra cortador, parado e encostado ao pau, a contemplar justamente o mysterioso sol nascente, desabafou, alliviada e risonha:

— Olha que lumieira aquella, ó Pitinho!

O rapaz voltou-se, com um ar sério. Na cara magra tinha a pallidez d'um grande respeito amedrontado; e com a falla vagarosa e meditadora, que hesitava e queria adivinhar, retrucou timoratamente:

— Tu nun te rias, Telvina! Talvez aquillo seja má signal, por hi a fim do mundo...

E, como o sol foi rolando pela abobada embaciada sempre embrulhado nas sangrentas gazes aéreas, e só tarde conseguiu

desembaraçar-se, boiar no infinito mais á vontade, conservando ainda a sua redonda e cegante cara hieratica toda tocada d'uma lividez melancolica, doentiamente amarellada, os dois pegureiros continuaram a trocar as suas impressões de pavor. A Telvina mostrou a lura, onde se acoitára prudentemente; ao passo que o outro confessou, sem pejo, que por pouco não fugira para casa, abandonando até o gado na serra. Desdobrando em liberdade os seus pensamentos frustes, vaticinavam phantasias tetricas para a destruição final do universo. O Pitinho ouvira contar que o cataclysmo derradeiro, consummado á tremenda ordem jehovanesca d'um Deus corpulento e rubicundo, que na sua imaginação tomava a figura do velho abbade da freguezia, com as mesmas sobrancelhas carregadas e o mesmo troante vozeirão de prégador, seria feito pelo fogo, por um abrazamento geral, um chaos de devoradoras labaredas e fumos asphyxiantes; mas a rapariga tagarella interrompia-o, não acreditava isso, porque a sua avó affirmára uma vez, conversando sisudamente á lareira, que a incalculavel catastrophe resultaria sem duvida d'um temeroso banho d'aguas diluviaes.

— Então, 'stamos nós bem aqui, n'êstas alturas! — observou elle, docilmente, sem questionar. E como esta idéa os alegrasse, dando-lhes o pueril prazer egoista da sua salvação n'aquella circumstancia casual, puzeram-se a descobrir, longe, os logarejos que tambem poderiam escapar á medonha e phantastica inundação: d'um lado, as casarias brancas, comparaveis a duros montões de neve petrificada, espalhadas numerosamente pelo entaboleirado e pittoresco paiz das vinhas, cuja opulencia se manifestava no estrepitoso luxo das bonitas habitações caiadas; e, da outra banda, as aldeias modestas, mais desguarnecidas de cal, das terras do milho, cercadas de castanheiraes. Repetiam com interesse os nomes das povoações felizes, como elles, resguardadas da fatal maré; e, para além dos successivos morros escalvados, tão distantes que se coloriam d'um esbatido tom violeta, diligenciavam enxergar outras, afincadamente, perdendo os seus olhares scismadores, afeitos aos largos horisontes e aos panoramas severos, pelas fragosas regiões ignoradas.

III

Que extraordinarios mares se atreveriam a trepar até aos picos do Marão e suas redondezas, envolvendo-os, atabafando-os, afogando-os na immensidade das suas revoltas ondas incombativeis? — ajuizava o Pitinho, arrastando os tamancos entre os sargaços, com o grosso cajado ao hombro, soberbo do seu raciocinio de fino rapazola serrano. Mais commedida e temente, a filha do Rèpas lembrou:

— Não qu'elle diz que s'arraza tudo!

O que esfriou subitamente o jubiloso enthusiasmo d'ambos. Entretanto, fazia já um calor ardente, mal temperado por esse delicioso vento fresco, que passa sempre sobre as descobertas cumiadas, — acariciador nos estios, para se tornar nos invernos flagellante e gelado. Dominando os incontaveis ruidos da vida rustica, que chegavam apagados e esvaídos, côro imperceptivel de sons fundidos no mudo socego das cousas, o silencio era absoluto por toda a montanha; e distinguiam-se os suaves estalidos crepitantes dos saltaricos, pinchando elasticamente na carqueja, emquanto que algum abelhão, vagabundeando n'um vôo negro, deixava o rastro zumbente do seu bordão. E, como todas as folhas dos arbustos sylvestres, transformadas em accesas caçouletas, exhalavam fortemente as suas essencias acres, d'uma gostosa intensidade na calma estimulante, o ar penetrava-se d'um divino e são perfume, e dir-se-ia, elle proprio, uma condensação balsamica d'aromas.

A Telvina e o Pitinho iam andando, sem rumo sabido, atraz das rezes que pastavam ás soltas, pacificamente. Davam-se irmãmente um com o outro; e, todas as vezes que se encontravam, percorriam os montes de sucia, bons camaradas encarregados d'igual tarefa. Tanto, que as ovelhas da rapariga, embora ao principio se tivessem mostrado arredias, com o vezo acabaram por misturar-se, confiadas, com os chibos do rebanho guardado pelo moço do Flandóra. Com o seu feitio lanzudo de

bestas d'industria, objectos viventes d'utilidade rendosa, as mansas ovelhas bem tratadas, leiteiras e parideiras, contrastavam pacatamente com os inquietos bodes, armados de longos cornos, em pennachos mephistophelicos, trabalhados como se fossem de cartão, malcheirosos animalejos pelludos e barbudos, d'um caracter exotico que suggere e evoca reminiscencias de lendas populares, recheiadas d'aventuras diabolicas. E no meio dos tremelicados balidos, que de vez em quando se cruzavam, só o chibo mór, guia intelligente e grave da suja manada, tintinnulava o seu chocalho, somnolento.

Passeando sempre de sentinella, o cão ladrava n'um alarme, logo que alguma vez se desgarrava; e o pastor chamava-a com um longo assobio, ou, descontente, acudia devagar, gritando:

— Eh, catinga! Toma pr'áqui, eh! Espera, que te racho a cornaça, diab'alma!...

A rapariga atiçava:

— Curre lá, curre!

E rufava no seu tambor metallico, como se batesse um convencionado toque de reunir, invariavelmente obedecido.

Nos visos baldios, desiguaes pedaços de natureza virgem, livres ainda do arado devassador, e arranhados apenas por alguma estreita vereda ziguezagueante, raramente soupinhada por caminheiros peões, o pedregoso terreno desembaraçado dos pinheiros bravos, que pouco a pouco vão enflorestando todas as eminencias estereis, revestia-se de hervagens ruças, d'uma apparencia alourada de pelle de leôa, ao perto; emquanto que, nos cumes distantes, vermelhava n'uma côr macia de tijolo. A variegada floração de setembro, outoniça e saudosa, alcatifava tafulamente a atormentada e núa paizagem, salpicando-a de ramilhetes coloridos. Eram, por entre as espessas rendas verdes dos feitos, os tufos dourados e asperos dos cardos, que lembram gyrasoes rachiticos; e as timidas corollas azues dos poêjos; e os cachos de botões miudos do tojo, d'um amarello tenro; e as coralinas contas dos giestêlos, com que o demonio costuma enfeirar os seus falsos rosarios de feiticeiro noctambulo;

e as abundantes espigas roxas da torga; e as alvas candeinhas, que parecem pequeninos frocos de neve suspensos na ponta fina das hervas; e as pétalas redondas das estevas, brancas e como tocadas d'uma dedada de mel; e tambem uma exquisita florinha, côr d'assucena e de violeta, uma flôr montesinha que ficaria bem nas dôces mãos alongadas das virgens, nas ingenuas pinturas dos primitivos, e que rebenta do chão em hastes velludineas de lyrio rudimentar, assignalando os vestigios das passadas de Nossa Senhora quando, levemente, desce a laurear pela terra os seus ocios sagrados. E toda esta dispersa efflorescencia decorativa, desabrochando risonhamente no sólo selvagem, acastellado de pedreiras, tinha uma delicadeza encantadora.

A Telvina entreteve-se a compôr um ramo florido; e, depois de o atar cuidadosamente com um vencilho delgadinho de giesta, offereceu-o ao seu companheiro:

— Péga lá, que te dou eu.

Mas o rapaz, importando-se pouco com a linda prenda, que a outra lhe arranjára com a sua instinctiva graça feminina:

— P'ra que quero eu isso? perguntou rudemente. Então ella, pondo-se nas pontas dos pés, agarrou-lhe o cebento chapéo d'abas desapparelhadas, e entalou no barbante que substituia a fita cahida o seu ramo airoso, á moda d'uma altiva pluma farfalhuda, que logo proporcionou ao pastor farrapão um divertido quê de petulancia.

IV

Em frente d'elles, na esverdegada encosta d'além, um campanario em bico branquejava por cima d'um souto viçoso, na visinhança d'uma quéda d'agua encascatada, que desabava espumantemente sem bulha, na distancia. Quando, através do valle, o sino bateu o Meio-dia, em bronzeas pancadas tão cheias e tão claras, que se supporia festejarem a plenitude da luz, os pegureiros foram-se aos seus jantares, sem demora, correndo

para a sombra d'um pinheiro manso, que se erguia esbeltamente ao centro d'uma acanhada chan, pujante e solitario, semelhante a um gigantesco tortulho desenvolvido ás soalheiras, com o rotundo tronco elegantemente alçado n'um jacto, e a sua transparente copa em guardasol tracejada no ambiente como um tenue e verdenegro bordado d'aranha.

Sob o murmurio das françcas agulhosas, em que zoava dôcemente a serena canção do vento, os dois saborearam o seu repasto frugal, sentados no musgo lenhoso d'um fôfo tapete de tormentello. Do seu farnel o Pitinho tirou um canto de brôa e a porção de maçãs camoezas, que trazia para se governar durante o dia; emquanto que a filha do Rêpas atordoou-o d'admiração e d'uma inconfessada inveja, apresentando a rica pitança de meia duzia de sardinhas assadas, postas em mólho sobre um naco massiço de pão, e que rescendiam um cheiro tantalisante, furiosamente aperitivo. Babado de desejo, elle propoz trocas interesseiramente, dando maçãs por sardinhas; a rapariga, gulosa de fructa, aceitou; e ambos entraram a brincar com o cão famelico e ganidôr, obrigando-o a arriscar pulos desastrados de pobre funambulo quadrupede para alcançar os restos das espinhas, contentes e crueis, gargalhando risadas sem fim. Quando acabaram de comer, o pastor ficou-se um pedaço a considerar a surrenta cara corada e o robusto corpo da Telvina; e de repente:

— Quantos annos tens tu?

— Inda hei de fazer onze, pelas castanhas.

Pois elle não sabia a sua idade, ainda que quizesse declaral-a. E com vagar, penosamente, como quem revolve e desabafa confusas dôres concentradas, deixou-se ir dizendo que não conhecia familia, nem jámais pessoa alguma o acariciára. Desde que tinha entendimento, vivia em casa do Flandóra cortador, que ás vezes, quando se arrenegava, lhe chamava engeitado ou zôrro; e não se recordava de ter ouvido alguem tratal-o por qualquer um nome christão. Era o Pitinho, para todos. Por um ai, por um espirro, o amo melava-o com pancadaria bruta; e fartava-se de levar má vida, mal alimentado e mal vestido,

gastando as suas noites a dormir e os seus dias a guardar gado, — ora pelos despovoados barrocaes da borda do rio, ora pelos algares áridos dos montes. Á força de ser aggredido e injuriado pelos donos dos campos, que se queixavam de pequenos estragos causados pelas rezes, sem culpa d'elle, já não andava descançado senão por sitios onde não encontrasse gente; e preferia os maninhos, mesmo, porque folgava e cantava á larga por lá, não sonhando sequer com os temidos lobos, e vendo sómente passar um ou outro caçador, que espantava os echos com os seus tiros estrondeantes, emquanto a canzoada ladrava encarniçada na pista.

Escutando-o attentamente, a pastora comprehendia agora com pezar a figura doentia e enfezada d'aquelle rapaz, cujos olhos luzidios, penados de soffrimento, a enterneciam. E aconselhou-lhe, á tôa:

— Foge do Flandóra, abala!

Ah, bô! Fugir para onde, e para que! Prendel-o-iam vergonhosamente, ou morreria talvez de fome por essas terras desconhecidas. Não! Aturaria pacientemente os trabalhos para que nascera; ou então, se perdesse o animo antes de chegar a homem, esmagado por alguma angustia intoleravel, tinha a sua tenção feita, — botar-se-ia a afogar. E o Pitinho expunha convictamente, de caso pensado, este plano de futuro duvidoso e amedrontador, um pouco excitado pelo desvanecimento indefinivel de patentear á commovida companheira a superioridade da sua coragem mascula perante a morte provavel. Mas sobreveiu-lhe uma curiosidade, e fitando a filha do Rêpas:

— Porque te manda o teu pae támem pr'áqui desgarrada, tanto a eito?...

Por sua vez, ella tomou um ar de seriedade compenetrada, e como possuindo a pratica e precoce consciencia do combate ineluctavel da vida, explicou simplesmente que não havia remedio senão ajudar o seu pae, que era caseiro dos Lamaes, e custosamente apurava com que pagar a renda. E, se a mãe não negociasse pelas feiras em porcos e bacorinhos, gallinhas e coe-

lhos, e ella não cuidasse das ovelhas, achar-se-iam sempre em casa sem uma sonante peça de dinheiro.

O outro, então, observou:

— Mas tu, 'ó menos, 'stás bem medrada!

V

Invadido bruscamente d'uma grande alegria disparatada, o Pitinho pegou na rapariga ás cavalleiras, e, com berros doidos, largou n'uma carreira estabalhoada; porém, ou porque o carrego fosse demasiado, ou porque tropeçasse e embaraçasse os pés no matto, as pernas dobraram-se-lhe, perdeu o equilibrio, e ambos cahiram n'um trambulhão.

A rir-se da inesperada tropelia, a Telvina chacoteou, vexando-o:

— Ih, que podriqueiro! Sempre és um canilhas, um cinco rêis de gente... E mais olha que nun tens menos altôr do qu'eu.

E assentou-se n'uma pedra, magoada, reparando com desgosto n'um rasgão que, na queda, lhe estiraçára a barra da saia, mosaicada de remendos. Arrependido e solicito, o garoto aninhou-se no chão junto d'ella, submissamente; e com os olhos empiscados de maroteira, arregaçou-lhe o vestido com geito, balbuciando n'um disfarce, emquanto lhe espreitava as coixas:

— Deixa vêr...

Desconfiada, a rapariga prevenia-o:

— Está quieto, se queres!

E como elle continuou, desnudando-lhe as pernas desaforadamente, d'arremeço, agatanhando-lhe a carne e casquinando, n'um gozo indeciso de joven macho que acorda, a Telvina esbofeteou-o, damnada, recuou a chorar de raiva, e, armando-se valentemente com um pedregulho, promettia rachar a cabeça ao atrevido, se elle avançasse uma passada! O rapaz ameaçou-a vagamente com uma troçada do seu arrôcho; mas afastou-se,

descoroçoado e corrido. Bem perto, levantava-se um d'esses amontoamentos de penedias monumentaes, que diademam os cumes com os seus negrejantes blocos, desconjunctados, carrancudos, sobrepostos em tropel, encodeados de musguedo, e affectando grosseiramente fórmas de termos e dolmens colossaes, d'elmos impavidos, d'agachadas garupas de mastodontes, corpulencias atarracadas de sphinges, e monstruosas cabeças de Hercules nunca vistos, decepadas e immobilisadas na contemplação perpetua dos céos, onde se desenrola e ri o setim luminoso do azul ou galopam os batalhões turbulentos das nuvens, na debandada das tormentas. Á frente, um penhasco mais destacado fazia o effeito d'uma asselvajada peanha, com o seu bojo ventrudo e o tôpo chato; o Pitinho, impellido d'um novo capricho, conseguiu ir empoleirar-se sobre elle. Então, aquelle vulto de pequeno montanhez maltrapilho parecia resuscitar alli, de relance, o idolo abolido d'alguma fabulosa e esquecida mythologia barbara, adorado n'outras éras pela inventiva raça humana, bipede e pensante, parasita victoriosa do globo.

E o pastor não se apeou do seu pedestal senão quando a boa rapariga, communicativa e conciliadora, avisou:

— Se caes d'ahi abaixo, estoiras!

Entardeceu. No poente illuminado a radiantes clarões de topazio, o sol escondia-se por traz d'uns nublamentos lividos, cujos rebordos debruava vivamente de braza; emquanto que, a um lado, reunia-se uma multidão de nuvens recortadas e reclinadas, semelhando uma verdadeira assembléa de visões veneraveis, vestidas de dalmaticas deslumbrantes, que se douravam de gemma d'ovo incandescente, por diante, afofando-se celestialmente de arminhos pela banda opposta. Eram os santos que assistiam á desapparição do astro, n'uma aberta do paraiso, — conforme o Pitinho inculcou á Telvina, na sua crença investigadora. As cotovias despediam-se da luz, cantoriando os seus gorgeios trillados e meigos; a espaços, algumas surdiam d'entre as hervas queimadas, de salto, voavam bruscamente como pedras despedidas com força, e iam pousar mais longe. Depois, o crepusculo veiu melancolico e frio; e todas as nuvens escu-

recidas lembravam, no céo baço, fragmentações cinzentas de gelo fluctuando n'uma desmedida laguna polar.

Desencadeou-se gradualmente uma ventania desabalada, que sibilava pelos desamparados rochedos das portellas como as refégas dos vendavaes, quando vergastam as fragas cavernosas das praias; ao mesmo tempo, os pinheiraes cerrados reforçavam a sua zoeira, em redor, roncando n'um surdo e poderoso marulho d'oceano em procella. E já os melros ariscos, mais negros do que os sonhados passaros da treva, e gordinhos com o bom alimento das uvas depinicadas pelas vinhas, choquejavam em appellos, ou retriniam os seus estridulos silvos, recolhendo-se pelos matagaes.

— Toca p'ra casa, rapariga! — clamou o pegureiro, cuja voz se perdeu quasi, esfrangalhada pelo vento. Ambos d'accordo, sentindo nos seus corações o confrangimento vago dos pavores que começam quando a luz se esváe, resolveram deixar as agrestes alturas tempestosas; e desciam já a encosta, caminho do logar, um assobiando á ordeira rebanhada do gado, a outra batendo rijamente no seu tambor improvisado, quando a sineta plangente da capella, annunciando a noite, vibrou lá em baixo o repousado toque vespertino das Ave-Marias.

Alto-Douro — Outono de 1887.

Monteiro Ramalho.

SONETOS

SANTA IRIA

Ao conde de Rezende.

« O pequeno dedal nos dedos finos,
Ella cosia á porta do casal,
Alevantando os olhos peregrinos
Ao céo azul de limpido cristal.

« Passava o cavalleiro desleal,
Ferino o instincto, os braços assassinos...
E levou esse lirio virginal,
Desbotando-lhe os labios purpurinos.

« E, impiedoso, matou-a... » No alvo rosto
Da minha amada, um intimo desgosto
Se esbateu, para em mim achar abrigo...

É que a Lenda tambem me despertara
A infancia, ao longe, rumorosa e clara...
Que nostalgia desse tempo antigo!

ALVÉOLA

À noite, quando dormes emballada
Num sonho aerio, timido, suave,
Como no ninho a pequenina ave,
Sob a aza de Deus agasalhada,

Visão gracil de múrmura ballada,
Dôce madona em misteriosa nave,
Ha no teu vulto dulcido de agave
A frescura das tintas da alvorada.

Então, meu taciturno pensamento,
Mais rapido, mais rapido que o vento,
Vai ter comtigo, vai beijar-te, flôr!

E nos teus sonhos côr de rosa passa,
Cheia de luz e de perfume e graça,
Como uma nuvem de infinito amor!

O COVEIRO

Ao dr. Thomaz de Carvalho.

Moça e amada, casara nesse dia
A filha do coveiro. O pobre lar,
Festivo, embandeirado, parecia
Um pittoresco e radioso altar.

Que esplendente! que limpida alegria!
Écôa palpitante pelo ar
Das violas a languida harmonia,
Esbatida na luz crepuscular...

Horas felizes passam num momento!
— O coveiro, cavado e macilento,
Breve da ingenua festa desertava,

E, posta ao hombro a enxada, silencioso,
Seguia absorto, mudo e vagaroso,
Pelos caminhos que o luar banhava...

SULAMITE

A Luiz Botelho.

«Trago-o dentro de mim, o meu amado,
Dentro em meu coração ao sol desperto,
Como em berço de estrellas emballado,
Sob as palmeiras verdes do deserto.

«Dorme sorrindo, dorme socegado,
Tem na fronte de luz um céo aberto:
Como o linho floresce, além, no prado,
Alveja-lhe na bôca um riso incerto.

«Ah! deixal-o dormir no brando ninho,
Que eu lhe fiz, de assucena e rosmaninho...
Ah! deixal-o dormir, o meu amado:

«Que o vinho dos seus olhos graciosos
Embebeda os meus olhos amorosos,
Num dôce encantamento de noivado...»

Setembro, 1890.

Joaquim de Araujo.

CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA

A ALLEMANHA E GUILHERME II

A figura dominante da politica europêa contemporanea é certamente o imperador d'Allemanha. Este moço de trinta annos, que não conta bem tres de reinado, já tem dado bastante que fallar de si. Viagens continuadas e variadas que o levariam a comparar ao Cesar Adriano se houvesse paridade entre o sceptico imperador da Roma decadente e o audacioso chefe da novissima Allemanha, rescriptos que tocam nas mais variadas questões desde a reorganisação fundamental do imperio até á disciplina interna do exercito, brindes politicos, proclamações militares, visitas soberanas e inspecções sem numero parecem não esgotar nem cançar a actividade do joven monarcha que fixa n'este momento a attenção da diplomacia europêa. Depois de ter dispensado com a energia mais amavel os serviços do ministro indomavel e lucido que completou a obra do grande Frederico e firmou a velha corôa imperial na cabeça dos monarchas prussianos, Guilherme II parece ter tomado a peito mostrar que o movel que o inspirou ao despedir o seu glorioso chanceller não foi a sêde juvenil do mando, nem o amor-proprio offuscado por uma grandeza consagrada, mas a consciente concepção d'um corpo de idéas politicas e a resoluta vontade de as fazer passar ao campo dos factos. Quanto haja de enygmatico no caracter do joven imperador, não é preciso encarecel-o. Só a perspicacia dos mais habeis d'entre os diplomatas acredi-

*

tados junto á corte de Berlim poderá apurar, através da multidão de medidas por que se manifesta a actividade um pouco turbulenta do dynasta allemão, as linhas determinantes d'um caracter e colligir elementos que se possam tornar base para a previsão e o calculo. E, seguramente, a uma critica esclarecida não é licito fundar juizos sobre os boatos que uma reportagem pouco sisuda e assaz charlatanesca accumula dia a dia para pasto d'uma curiosidade tão tonta como indiscreta. Mas é desde já possivel discriminar, através d'essas medidas, senão os contornos precisos d'uma figura moral, ao menos a intenção preponderante d'um plano de governo.

E considerado sob este ponto de vista, Guilherme II apresenta-se como um monarcha revolucionario. Manter a paz européa em proveito da conservação das derradeiras acquisições germanicas, cimentar um systema de allianças capaz de conter em respeito as ambições russas e os resentimentos francezes, ligar ao destino do imperio o destino de nações que as difficuldades internas e os perigos externos tornam pouco exigentes e faceis de contentar, estimular o zelo dos seus amigos com ameaças de abandono e conter a má vontade dos inimigos com ameaças de repressão terrivel, affirmar a supremacia do Estado em frente das resistencias da Egreja e contra as avançadas do socialismo, porém affirmal-a conservando os seus grandes orgãos historicos e fugindo como de peste do papel de reformador, professar o scepticismo mais desdenhoso tocante o alcance pratico das theorias sociaes e uma misanthropia quasi cynica tocante ao valor moral dos homens, e fazer tudo isto com a mão no punho da espada e uma salutar confiança no primado soberano da força, tal foi o programma que o principe de Bismarck concebeu e seguiu com uma tenacidade de ferro na segunda parte da sua gloriosa carreira. Guilherme II parece não se querer afastar da linha de proceder do grande chanceller no que toca á politica exterior; as suas continuadas viagens, os seus innumeraveis discursos não manifestam senão desejos de travar relações cordeaes com os seus visinhos e consolidar a conservação da paz; a manutenção da triplice alliança e a sua renovação n'um pe-

riodo proximo parecem entrar nos seus planos diplomaticos e a propria visita ao imperador da Russia, por occasião das grandes manobras militares, não tem nada que destoe d'esse systema de coquetteria politica que fez comparar o principe de Bismarck á Celimène do *Misanthropo*. Mas no que toca a politica interna o moço imperante tem idéas pessoaes que nutre convicto e professa com desassombro. Quanto estas idéas se afastam das do chanceller, a retirada d'este provou-o de sobra. Quanto esta acção irá revolver fundo o organismo social e politico da Allemanha, as medidas tomadas, como a reunião da conferencia operaria e a não-renovação das leis de excepção contra os socialistas, bem como as reformas que se annunciam para breve, e que têm por objecto a escóla primaria, a communa e o imposto, provam-no bastante. Guilherme II é tão moço na alma como nos annos e a audacia é uma qualidade dos moços.

O professor Ernesto Renan na sua famosa *Carta a um amigo d'Allemanha* denunciava com uma aspereza que lhe é pouco habitual, mas com um grande fundo de razão, o regimen de ferro implantado pelos estadistas prussianos, esse confessado desdem por toda a tentativa destinada a resolver as velhas questões pendentes e a fundar a harmonia das classes, esse desamor pelos interesses superiores da cultura humana, tratados de chimeras, e esses sarcasmos contra as nobres aspirações do coração humano qualificados de sentimentalismo. E o eminente publicista ajuntava que as nações são chamadas cada uma a seu turno a exercer uma hegemonia moral, e aos grandes homens que as encarnam incumbe a missão de assombrar, deslumbrar, consolar os homens. E quanto ao regimen contemporaneo elle não representava mais que a bancarrota do idealismo germanico feita em proveito da rasteira diplomacia prussiana.

A diplomacia prussiana poderia responder-lhe alguma coisa. Não o faremos nós. Mas seja como fôr, o professor Renan deve estar satisfeito. Eis que subiu ao primeiro throno da Europa um moço audacioso, incansavel no trabalho, cheio de talento, rico de cultura e que parece precisamente arder no desejo de *assombrar, deslumbrar e consolar os homens.*

Mas para levar ávante os seus planos o imperador terá de cortar ou derrubar formidaveis obstaculos. As difficuldades interiores do Imperio germanico são enormes. E as reformas projectadas não tendem a pallial-as, antes a fazel-as entrar n'um periodo agudo. Apontemos em breves traços as principaes, e com ellas os recursos com que o imperador póde contar para as vencer.

Em primeiro logar ha o espirito separatista dos estados secundarios, contido em limites plausiveis nos tempos normaes mas que póde destruir a unidade germanica sob a acção d'um abalo consideravel. Com effeito, é sabido como essa unidade é de recente creação, á custa de que violencias e iniquidades foi realisada, que fundos resentimentos provocou, que odios e invejas chamou contra a dynastia dos Hohenzollern e finalmente como é real o dualismo geographico e moral da Allemanha manifesto tanto no contraste physico da rasa planicie prussiana com o pittoresco planalto da Germania meridional, como na opposição moral entre o positivismo e o jurismo formalista de Kant e o profundo naturalismo religioso e mystico de Schelling, de Gœthe e de Hegel. Certamente este dualismo está encerrado dentro de certos limites e mal adveio a Luiz Napoleão em contar demasiado com elle. Mas limitado como é, esse dualismo existe, esse separatismo persiste, um abalo interno ou um choque exterior póde exacerbal-o e é sabido que apoio encontrariam esses elementos de desunião, junto á diplomacia das potencias inimigas da Allemanha.

Ajuntem-se as difficuldades religiosas. Após o grande movimento da Reforma, a contra-revolução religiosa do seculo XVI veio oppôr um dique á corrente das innovações e a actividade dos grandes papas dos seculos XVI e XVII secundada pela poderosa companhia de Jesus, conseguiu preservar do contagio protestante a Hespanha e a Italia, esmagar a heresia em França e reconquistar ao inimigo no seu proprio terreno metade dos seus recrutas, arrancando-lhe a Baviera, o Hanover e a Austria, e preparando as armas para a terrivel guerra dos Trinta annos; e como nada do que é emprehendido com fé e amor se perde n'este mundo, é ao esforço d'esse punhado de hespanhoes e por-

tuguezes, que foram Loyola e os seus companheiros, que a igreja deve um dos seus mais robustos esteios e tambem os governantes do Imperio um dos seus mais serios cuidados. O numeroso partido commandado por Windthorst e denominado Centro catholico, é um dos elementos mais importantes na vida constitucional do imperio, e o seu antagonismo com as confissões protestantes e com as escólas liberaes constitue um motivo de perpetuos conflictos ainda aggravados pela arrogancia das pretenções theocraticas e a correspondente reacção das intransigencias lutheranas ou liberaes. A proxima reforma do ensino, em que o imperador parece intervir pessoalmente, não fará senão exacerbar este conflicto, conhecida a importancia que a igreja liga á questão da escóla primaria e á resistencia que os seus adversarios opporão a desandar no caminho das conquistas seculares realisadas.

Tomem-se ainda em conta as difficuldades propriamente politicas. Comquanto possa surprehender os que não são lidos na historia contemporanea da Europa, é certo que o principio monarchico é d'uma solidez relativa na Allemanha, que a velha fé dynastica obliterou-se em toda a Europa occidental n'um tempo em que até os reis não crêem bem na legitimidade dos seus direitos, que poderosos elementos republicanos já existiam, mesmo antes do movimento socialista, no Wurtemberg e nas provincias rhenanas vinte annos occupadas pela França revolucionaria, que nos annos de 48 e 49 as corôas allemãs andaram á matroca como boias arrancadas pela tempestade, e a Revolução tripudiou em Berlim como em Paris, que a fidelidade dos grandes proprietarios e dos grandes industriaes que constituem o nervo das classes conservadoras, é condicional, limitada pelo interesse, e ha d'isso provas recentes, que finalmente no dia em que se pozesse em questão o throno, Guilherme II só poderia contar com a constancia da fidalguia rural e militar prussiana. Ora a reforma da communa que virá destruir os vestigios do velho regimen feudal e completar as medidas que modificaram profundamente a Prussia depois de Iena, não póde senão desgostar os membros da aristocracia prussiana, como a reforma

proporcional do imposto e a protecção ao operario não farão senão irritar os grandes proprietarios e os grandes industriaes, e envenenar a campanha que desde já levantam na imprensa os orgãos dos grandes patrões mineiros da Allemanha occidental.

Finalmente, atraz de tudo, como o dragão no fundo da caverna, negreja a questão social. E é para ella que Guilherme II vai direito como o cavalleiro da lenda. Terá elle a espada encantada e as palavras que esconjuram? Nunca heroe algum haverá mais precisado d'ellas. Porque se trata de resolver um problema que a Historia deixa aberto, um problema que por não têl-o resolvido morreram de morte affrontosa as duas civilisações classicas, e que é realmente o problema visceral da Historia. Porque se trata de realisar uma empreza nunca conseguida, não de fundar ou derrubar uma dynastia, não de transformar uma revolução religiosa n'uma revolução politica como Cromwell, não de lançar as bases d'uma monarchia militar sobre as ruinas d'uma revolução suffocada como Napoleão, não de ganhar batalhas ou tomar cidades de assalto, mas de salvar o fundo abysmo que a fatalidade abriu entre classe e classe, de extirpar o antigo cancro da Miseria, e dobrar até beijar as pontas esse duro arco fundido no ferro do egoismo, cujos extremos se chamam Capital e Trabalho. Que o imperador pensa n'isto, que a conferencia operaria não representa uma velleidade ou uma bravata, que a grandeza das difficuldades não o faz recuar parece sobejamente provado. No momento mesmo em que escrevo estas linhas as noticias chegadas sobre o discurso pronunciado em Breslau indicam que o imperador persiste no seu plano e espera o auxilio de todos os bons allemães para obter a paz social e debellar os perigos do anarchismo.

Para vencer tão grandes obstaculos o imperador póde contar com recursos tambem grandes: e são elles a docilidade germanica tão bem disposta para a authoridade legitima, a provada fidelidade da fidalguia militar, a força do seu numeroso, aguerrido e disciplinado exercito, o mecanismo da sua admiravel burocracia, o prestigio dos seus dotes pessoaes e das tradi-

ções da sua gloriosa familia, a sympathia que inspira uma tão nobre tentativa a todos os corações generosos, e finalmente os seus proprios talentos secundados pelos mais variados estudos e educados n'essa grande escóla de bom-senso chamada a guerra, que o preservará de chimeras e lhe fará vêr o que é possivel e pratico através das illusões que naturalmente assaltam um reformador moço.

Entre as numerosas palavras que uma reportagem avida tem attribuido ao principe de Bismarck conta-se um juizo critico do velho ministro sobre os planos reformadores do moço imperador, juizo critico penetrado d'aquella grande sabedoria bebida na experiencia da vida e na pratica dos negocios, e que constitue o traço distinctivo do seu genio. Graves e profundas palavras essas em que se insinua o perigo de desencadear as esperanças revolucionarias, e se estabelece a solidariedade entre todas as peças do edificio politico, de sorte que se se desloca uma só pedra compromette-se toda a construcção e com ella as pedras coronaes. Graves palavras essas d'onde escapam como settas despedidas através das brumas dos tempos sinistras previsões sobre o futuro do imperio e do seu chefe. Mas Guilherme II tem no fundo razão. Uma grande politica deve ser realista nos meios, mas idealista nos fins. E se a sua audacia não provar senão temeridade, se o seu esforço fôr vão em frente d'uma empreza que talvez exceda o esforço humano, se essa tentativa não fôr senão uma aventura e se essa aventura tem de acabar de modo tragico, se o seu corpo tem de tombar varado de balas no campo da guerra estrangeira ou decepado pelo cutello no alto do cadafalso revolucionario, ainda assim terá escolhido o melhor quinhão. E junto ao ataúde onde o seu cadaver repousar amortalhado na nuvem dourada e sangrenta das illusões desfeitas, o historiador poderá murmurar as palavras do poeta:

> ... il est d'un grand cœur et d'un heureux destin
> D'expirer comme toi pour un amour divin.

G. Côrte-Real.

PRATICAS E THEORIAS

DA

DICTADURA REPUBLICANA

NO BRAZIL

« Aucuns, voyants la place du gouvernement politique saisie par des hommes incapables, s'en sont reculés.

« Et celuy qui demanda à Crates jusques à quand il faudrait philosopher, en receut cette response : Jusques à tant que ce ne soient plus des asniers qui conduisent nos armées ».

Montaigne, livre I, cap. XXIV.

Ha algumas semanas a Dictadura brazileira fez telegraphar para o estrangeiro a noticia de que fôra solemnemente promulgada, no Rio de Janeiro, a nova Constituição do Brazil. Acreditou a Europa por alguns dias que havia cessado n'aquelle paiz o extraordinario regimen do arbitrario inutil, sem precedente na historia dos paizes cultos.

Chegaram, porém, os jornaes, e o publico europeu teve occasião de verificar uma vez mais a audacia phenomenal com que um pretenso governo, sem necessidade, mente tão repetidamente ao mundo.

A solemne promulgação que, segundo o telegramma official, fôra tão applaudida em todo o paiz, na verdade nada tivera de solemne. Não foi sequer uma promulgação verdadeira, pois a Constituição não entrou em vigor; e não foi applaudida, como se vê da leitura dos jornaes dos Estados.

Nos circulos officiaes no Brazil, e entre os endeusadores da Dictadura, está por tal modo obliterada e esquecida a noção da soberania popular, que esta pseudo-promulgação do novo codigo

constitucional foi um acto que teve toda a apparencia de um presente devido á generosidade do snr. Deodoro — presente concedido e festejado em familia.

Uma folha illustrada, inspirada n'esse meio, representou, n'uma abominavel lithographia, uma mulher de mãos tortas, adiantadas para o snr. Deodoro, recebendo d'este militar um livro grosso, mal encadernado, que tem na capa este nome: CONSTITUIÇÃO [1]. Ao lado do liberal e magnanimo dador da Constituição está a figura do snr. Ruy Barbosa.

Os jornaes officiosos e amigos do governo noticiaram minuciosamente esse pretendido acto solemne da assignatura e promulgação da Constituição — acto que na realidade não foi senão um acontecimento da estricta intimidade da familia do Dictador. Veja o leitor a singularidade burlesca, e commova-se a posteridade, com a grandeza da scena a que vamos assistir [2]:

«O snr. ministro da fazenda levou em sua pasta o autographo. Lido pelo snr. secretario Fonseca Hermes (sobrinho do Generalissimo) e feitas algumas emendas de redacção, passou o projecto ás mãos do Generalissimo chefe do Governo Provisorio.

«O menino Mario da Fonseca (este innocente tambem é sobrinho da Dictadura) offereceu então a s. exc.ª uma penna de ouro adquirida pelos snrs. ministros para essa assignatura solemne. O autographo foi assignado ás 5 horas e 50 minutos da tarde.

«Depois da assignatura passaram para o salão de jantar os snrs. ministros e secretarios presentes. Foi uma festa toda intima.

«A exc.ma esposa do Generalissimo sentou-se no topo da mesa. O Generalissimo occupou o centro da mesa» [3].

O *Diario de Noticias* disse que o ministerio tinha deliberado, decerto em attenção á grande solemnidade do dia, que só houvesse dois brindes: um ao Generalissimo, outro a M.me Deo-

[1] A *Revista Illustrada* do Rio de Janeiro.

[2] *Gazeta de Noticias* de 23 de junho.

[3] A Dictadura ignora as regras da distribuição de logares á mesa, admittidas na boa sociedade. Esses pequenos factos dão ás vezes idéa justa do grau de cultura social dos individuos.

doro da Fonseca. O Generalissimo porém não fez caso d'essa deliberação do seu ministerio (como não tem feito caso de muitas outras) e rompeu logo n'um brinde ao snr. Ruy Barbosa que retorquiu promptamente n'outro brinde ao snr. Deodoro, e entre as amabilidades ditas ao Generalissimo teve a idéa de o comparar a Washington [1]. «O snr. Quintino Bocayuva saudou a exc.ma esposa do Generalissimo. Foi este o ultimo brinde».

O povo brazileiro, a nação, não foram lembrados nem deviam sel-o, porque o povo e a nação não tiveram parte alguma na obra d'essa Constituição. O innocente Mario da Fonseca collaborou mais n'essa obra do que o povo brazileiro. Ao levantar da mesa, talvez entre o charuto e o café, foi assignado o telegramma para a Europa, annunciando a solemne promulgação da Constituição no meio dos applausos de todo o paiz. Em seguida, dizem os jornaes, o Generalissimo e os ministros assignaram uma circular telegraphica aos governadores dos Estados, annunciando a assignatura da Constituição, dando conta do banquete, sem esquecer de mencionar que a penna offerecida ao Dictador era «de ouro com pedras preciosas».

Estas foram as fórmas externas da publicação da Constituição, cuja assignatura foi um aperitivo de nova especie, um vermuth constitucional e reconstituinte que precedeu o jantar intimo do snr. Deodoro.

E essa Constituição promulgada e festejada em familia? que documento é esse? No seu preambulo é mais uma affronta, mais uma humilhação para o povo brazileiro:

DECRETO N.º 510 DE 22 DE JUNHO DE 1890

«O Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, *constituido pelo exercito e pela armada,* em nome e com o assenso da nação:

[1] Jornaes do Rio de Janeiro de 23 de junho. A *Gazeta de Noticias* diz que o snr. Ruy Barbosa fez este brinde «em phrases *ligeiras porém eloquentes*». Os novos manuaes de rhetorica deverão mencionar o novo genero; a eloquencia ligeira — para occasiões solemnes, anniversarios, promulgações de constituições, baptisados, etc. etc.

« Considerando na suprema urgencia de accelerar a organisação definitiva da Republica, e entregar no mais breve prazo possivel á nação o governo de si mesma, resolveu formular sob (*sic*) as mais amplas bases democraticas e liberaes, de accordo com as lições da experiencia, as nossas necessidades e os principios que inspiraram a revolução de 15 de novembro, origem actual *de todo o nosso direito publico*, a Constituição dos Estados-Unidos do Brazil, que com este acto se publíca, no intuito de ser submettida á representação do paiz em sua proxima reunião, entrando em vigor, desde já nos pontos abaixo especificados;

« E em consequencia,

« Decreta:

« Art. 1.º É convocado para 15 de novembro do corrente anno o Congresso Nacional dos representantes do povo brazileiro, procedendo-se á sua eleição a 15 de setembro proximo vindouro.

« Art. 2.º Este Congresso terá poderes especiaes do eleitorado para julgar a Constituição que n'este acto se publíca e será o primeiro objecto de suas deliberações.

« Art. 3.º A Constituição ora publicada vigorará desde já *unicamente* no tocante á dualidade das duas camaras do Congresso, á sua composição e á funcção que são chamadas a exercer, de approvar a dita Constituição e proceder em seguida de accordo com as suas disposições;

« Pelo que o Governo Provisorio toma desde já o compromisso de cumprir e fazer cumprir *n'esses pontos* a dita Constituição que é do theor seguinte... »

Segue-se a chamada Constituição.

*
* *

A Constituição publicada pela Dictadura não entrou em vigor. Porque? Porque a dictadura não quiz cercear o seu proprio poder. Os direitos do homem proclamados no art. 72.º me-

nos claramente e em peor portuguez do que os proclamava o art. 179.º da antiga Constituição: esses direitos não estão em vigor. A eleição vai ser feita sob o regimen dictatorial, sem haver liberdade de imprensa nem de reunião; sob um regimen que permitte que qualquer cidadão seja banido, deportado e enviado para os presidios do Estado sem processo, sem garantia legal, mettido na cadeia sob o pretexto mais futil e até sem nenhum pretexto [1].

Não contente com fazer perdurar a Dictadura, não pondo em vigor as disposições constitucionaes que são a garantia da liberdade individual, o governo, para melhor assegurar o resultado da eleição, expediu um regulamento destinado a favorecer visivelmente a corrupção e a fraude officiaes. Por esse regulamento, os governadores, chefes de policia, commandantes de armas e de corpos policiaes podem ser eleitos (e hão de sêl-o com certeza) pelos estados e districtos federaes onde exercem auctoridade e pressão (Art. 4.º). Em paiz algum do mundo existe escandalo igual.

Os partidos politicos do Imperio, em opposição, tinham conseguido depois de grandes luctas a incompatibilidade eleitoral d'aquellas auctoridades. As mesas eleitoraes eram compostas pelo elemento electivo, isto é, os juizes de paz e os fiscaes

[1] O cidadão Bellarmino Pessoa de Mello, achando-se n'um logar publico do Rio de Janeiro, foi violentamente insultado por um dos irmãos do Marechal Deodoro. Esse irmão accusou o snr. Pessoa de Mello de ter tido a audacia de vir, durante um trajecto n'um tramway, *fazendo olho* á mulher d'elle irmão do Dictador. Para terminar, o irmão do snr. Deodoro ameaçou com a prisão o snr. Pessoa de Mello que se apressou em vir contar o caso pelas folhas, implorando a justiça e a imparcialidade do Dictador. Não lhe valeu de nada esta reclamação, nem os protestos que fez da sua innocencia. D'ahi a dias foi o snr. Pessoa de Mello recolhido ao carcere onde esteve trinta dias por ordem do Governo Provisorio, ficando o publico sabendo que tal é o castigo de quem, para o futuro, tiver a infelicidade de piscar o olho ás cunhadas da Dictadura.

O negociante portuguez José Pereira Ramalheira accusado, em Sepetiba, por algumas pessoas, de «viver a fallar mal da vida alheia», foi recolhido á casa de correcção do Rio de Janeiro por ordem do chefe de policia. (*Gazeta de Noticias* de 16 de junho).

nomeados pelos candidatos. O regulamento eleitoral emanado da Dictadura supprimiu todas essas garantias. As mesas eleitoraes serão compostas no districto de paz, séde do municipio, pelo presidente, dois membros da intendencia municipal e dois eleitores designados pelo mesmo presidente da intendencia; — nos outros districtos de paz e suas secções por um presidente e quatro cidadãos nomeados pelo presidente da intendencia; — o presidente da intendencia é nomeado e demittido á vontade do governador candidato (Art. 13.º); — a mesa funccionará em logar separado do recinto franqueado aos eleitores, sem nenhuma fiscalisação contra os actos que não possam ser vistos de fóra, taes como: a leitura de um nome por outro na cedula, a maior e mais veseira fraude eleitoral que se póde praticar (Art. 47.º); — as cedulas serão queimadas logo após a apuração (Art. 43.º); — o governo não poderá mandar força para o recinto dos collegios eleitoraes, *salvo se ella fôr requisitada pelo seu preposto presidente da intendencia ou pelos presidentes das outras mesas* designados pelo dito preposto!!! (Art. 52.º) [1].

A Constituição do snr. Deodoro declara (Art. 26.º) inelegiveis os padres, os governadores dos Estados, os commandantes e os funccionarios militares, os magistrados e os funccionarios administrativos demissiveis sem processo.

Pois bem: o governo que julga indispensaveis essas incompatibilidades para a pureza das eleições ordinarias, agora que se trata da eleição mais importante que um paiz póde fazer, da eleição de uma constituinte que deve ser a mais isenta de toda e qualquer suspeita de fraude, esse governo decretou n'umas *Disposições transitorias*, que, *d'esta vez*, não haverá incompatibilidades! O que é immoral nas eleições ordinarias deixa de o ser

[1] Em resumo; diz um articulista da *Gazeta de Noticias*:

« Os ministros e governadores candidatos elegem os presidentes das intendencias, estes com seus collegas, tambem pelos ministros e governadores eleitos, presidem ás mesas dos districtos, sédes dos municipios, e designam á vontade quem presida ás outras; recebem as cedulas com todas as formalidades de limpeza; apuram-nas como querem, sem que alguem possa penetrar na divisão em que estão; queimam depois as cedulas o ficam nomeados membros do congresso! »

na primeira eleição republicana! E para cumulo de irrisão só é mantida a incompatibilidade dos padres, dos padres que só têm armas moraes para convencer e influir, ao passo que os militares e as auctoridades candidatos têm mil meios de compressão e de corrupção. Qual a razão d'esta injusta desigualdade? A razão está no facto de que a Republica brazileira é uma indefeza prisioneira dos militares ambiciosos que a fizeram, que a mantêm, e que a escravisam. Quizessem os theoristas republicanos do governo applicar os seus principios excluindo do Congresso os militares, e não durariam mais um momento esses pobres ministros civis.

A Republica brazileira, querendo constituir-se por meio de uma eleição em que vai preponderar, pela força da propria força, o elemento militar, abjurou, ao nascer, o ideal republicano de um povo culto.

Na França republicana é respeitado o dogma democratico de que a politica está fóra da esphera militar. Segundo o art. 9.º da lei do recrutamento, os militares de todas as patentes, tanto de terra como de mar, não tomam parte em voto algum, quando estão no exercicio das suas funcções. Os militares e os officiaes de marinha, em serviço activo, não podem ser eleitos, e o mesmo acontece aos que estão em disponibilidade, salvo os militares fazendo parte da segunda secção do Estado Maior geral e aquelles que commandaram em chefe diante do inimigo (Lei de 30 de novembro de 1875, art. 7.º). O general Lewal, um dos militares republicanos de mais prestigio, escreveu estas palavras: «O exercito não póde ter direitos politicos. Conceder-lhe esses direitos é coisa contraria ao bom senso, pois o militar está submettido a um codigo especial, a chefes seus e não possue a sua liberdade. É coisa incompativel com a disciplina, pois o exercicio dos direitos politicos póde gerar um antagonismo entre o subalterno e o superior» [1].

Um escriptor insuspeito aos homens da Dictadura brazileira, porque é um republicano e é um discipulo de Comte, o

[1] General Jung, *La Guerra et la Societé*, Paris, 1889, pag. 295.

general Jung, n'um livro revisto e approvado por Gambetta, escreveu esta phrase que bem caracterisa a verdade:

« Os legisladores que votaram a interdicção dos direitos politicos ao exercito, fizeram uma coisa justa e conforme á moral social » [1].

Pois bem: os republicanos do Brazil, cedendo ás ambições dos militares e entregando-lhes as primeiras eleições da Republica, commetteram uma injustiça e praticaram uma clamorosa immoralidade social.

O primeiro Congresso sahirá do quartel, como do quartel sahiu a Republica [2].

*
* *

O Congresso, que nos termos do decreto de 23 de junho será chamado a « exercer a funcção de approvar a Constituição » do snr. Deodoro, não podia ser eleito por outra fórma. Ideada pela Dictadura, por ella convocada e gerada com todas as fraudes e todas as violencias caracteristicas dos regimens arbitrarios, aquella assembléa trará o estigma da sua origem. Ella não duvidará exercer a sua funcção approvando a Constituição assignada, antes da sôpa, em casa do Dictador.

Fallam muito os thuriferarios da Dictadura brazileira em Washington e nos Estados-Unidos. E o exemplo dos Estados-Unidos é no entanto a mais fulminante condemnação do que se está passando no Brazil.

« Nós, o Povo dos Estados-Unidos, com o fim de formar uma união mais perfeita, de estabelecer a Justiça, de assegurar a Tranquillidade domestica, prover á defeza commum, promover o bem-estar geral e assegurar os beneficios da Liberdade para nós e para a nossa Posteridade, ordenamos e estabelece-

[1] Ob. cit., pag. 296.

[2] No Paraná é o commandante das armas que preside ás reuniões eleitoraes e organisa as listas. Em Sergipe é o proprio governador que tomou a si esta tarefa.

mos esta Constituição para os Estados-Unidos da America».

Que grande e bella linguagem exprimindo a mais sublime grandeza d'este mundo, a de um povo livre, no exercicio dos seus direitos, conscio da sua liberdade! Que differença entre estas phrases dos grandes patriotas norte-americanos (grandes phrases, porque as escreveram grandes homens depois de grandes feitos), que differença entre esta nobreza de sentimento e de palavra, e a degradante humilhação que, mais uma vez, a Dictadura inflinge ao paiz, dando-lhe uma Constituição em nome do exercito e da armada apossados dos poderes publicos!

O primeiro Imperador proclamou a Constituição em nome «dos povos do Imperio juntos em camaras». O snr. Deodoro fal-o em seu proprio nome.

E no jantar da assignatura d'aquelle papel o snr. Ruy Barbosa, homem lido nos livros inglezes e norte-americanos, comparou o snr. Deodoro a Washington esquecido de que *non licet parva componere magnis.*

O snr. Ruy Barbosa ousou pronunciar o nome purissimo de Washington em casa do snr. Deodoro da Fonseca.

Nós tambem vamos fazer a nossa comparação:

Washington

Washington tinha sido official de milicias e depois coronel de voluntarios. Quando começou a Revolução era um simples agricultor. Não faltou aos seus juramentos. Acompanhou os seus compatriotas na sua resistencia aos impostos inconstitucionaes votados pelo parlamento inglez, e foi eleito deputado ao Congresso de Philadelphia (1777). Quando os representantes do povo americano resolveram resistir pelas armas, foi Washington unanimemente nomeado, pelo Congresso, general em chefe do exercito e mostrou-se sempre submisso ás decisões dos representantes eleitos dos Estados-Unidos.

Deodoro

O snr. Deodoro, em 15 de novembro, pertencia ao exercito brazileiro, e havia empenhado a sua palavra de honra, palavra de soldado, para a defeza do Imperador e das instituições politicas da sua patria. Não recebeu commando algum confiado pelo governo ou pelos representantes da nação brazileira. Poz-se á frente de algumas tropas rebeldes, esqueceu os seus juramentos, dispersou os representantes da nação, destruiu as instituições que jurára defender e depoz o velho Imperador que o accumulára de distincções e de quem se dizia amigo.

Washington acceitou a presidencia da Republica quando livremente eleito pelos seus concidadãos (1789). Não tinha commando algum nem exercia nenhum poder politico n'essa occasião; estava retirado em Mount Vernon. Repelliu a dictadura e o poder supremo da realeza que lhe offereciam e que tinha toda a liberdade e facilidade para aceitar [1].

De Washington, diz Thomaz Jefferson: «Nenhum motivo de interesse, de parentesco, de amizade ou de odio influiu jamais em suas decisões. Durante toda a sua carreira civil e militar mostrou sempre um respeito tão religioso pela lei, como a historia do mundo não offerece outro exemplo» [2].

«Washington nunca mostrou para com o exercito nem complacencias nem fraquezas. Não perdia uma só occasião

[1] *Washington's Writings*, tom. VIII, pag. 300; Guizot, *Washington*, étude historique, pag. XLVI, na Hist. de Washington, de Cornelis de Witt; Washington Irving, *Life of Georges Washington*, tom. IV, pag. 1362; Cabot Lodge, *Georges Washington*, Cambridge, 1889, vol. I, pag. 330.

[2] *Washington Irving*, tom. IV, pag. 1580.

O snr. Deodoro fez-se Dictador, o primeiro que o Brazil tem tido [1] e chefe do unico governo que n'aquelle paiz tem governado sem lei alguma. Vai ser eleito presidente emqnanto exerce esta dictadura, tendo debaixo do seu poder absoluto os futuros e indefesos eleitores.

O snr. Deodoro reservou para si um ordenado 20 % maior do que o povo norte-americano dá ao seu primeiro magistrado. Á sombra e com a protecção do snr. Deodoro medra no Brazil um nepotismo nunca visto; os sobrinhos numerosos são nomeados para empregos, recebem promoções escandalosas, cercam os ministros, influem nas suas decisões, e ao redor d'elles só se ouve o degradante clamor dos aduladores. O snr. Deodoro varias vezes declarou que o seu fim era vingar-se dos ministros pouco se importando que *levasse a bréca a monarchia* [2]. Quanto ao seu respeito á lei, está claro que, sendo o Dictador o desprezador de toda a lei, esse respeito é uma das virtudes desconhecidas do snr. Deodoro.

O snr. Deodoro, um official bravo, que teve diante dos olhos os exemplos de civismo dos seus chefes gloriosos,

[1] Os vice-reis e os governadores do tempo da colonia governavam segundo a lei escripta. O absolutismo colonial reconhecia um direito publico e era limitado por elle. O absolutismo do snr. Deodoro não tem limite.

[2] Vid. *Gazeta de Noticias* de 17 de julho — artigo *Apontamentos para a Historia*.

*

de lhe inculcar esta verdade: *que a subordinação e a dedicação,* não sómente á patria, mas ao *poder civil,* são coisas da condição natural do exercito e são o seu *primeiro dever*» [1].

Em 1781 alguns regimentos da Pensylvania, amotinados e conduzidos pelos seus sargentos (e não pelos officiaes, que esses foram fieis) foram reclamar do Congresso reunido em Philadelphia o reconhecimento e o pagamento dos prets atrazados. O Congresso entrou em transacção com os amotinados; Washington reprovou essa solução como *perigosa e destruidora da disciplina* [2]. Dias depois os regimentos de Jersey, acampados em Prompton, imitaram o exemplo dos da Pensylvania e marcharam contra o Congresso. Washington mandou ao encontro d'elles o general Howe com uma força reduzida com instrucções positivas de não admittir arranjo algum que não fosse uma rendição incondicional. Recommendou-lhe que fuzilasse os cabeças e que, para vencer os revoltosos pedisse o auxilio das milicias locaes, e nas instrucções escreveu Washington estas memoraveis palavras: «Procure utilisar os serviços da milicia; faça-lhe vêr *quanto é perigoso para a liberdade civil o precedente de soldados armados dictarem leis ao seu paiz*» [3]. Os sediciosos foram obrigados a depôr as armas e dois foram fuzilados [4].

Em 1783, o major John Armstrong dos Caxias, dos Osorio, dos Porto-Alegre e outros generaes brazileiros, esqueceu estes exemplos. Deixou-se dominar pela sua ambição pessoal e pela influencia do snr. Benjamim Constant.

Longe de reprimir por sua influencia os excessos da indisciplina, tornou-se o echo da vozeria da officialidade insubordinada. Por seu intermedio e com grave descredito da civilisação brazileira, a guarnição do Rio de Janeiro fez intimativas aos governos. Longe de se esforçar por combater os sediciosos, chamando-os ao estricto cumprimento do nobilissimo dever militar, de que tão deploravelmente se afastaram alguns officiaes brazileiros, o snr. Deodoro patrocionou, animou todos esses crimes de lesa-nação, e tirou d'elles até o maior proveito para si e para a sua familia. A guarda nacional, correspondente ás milicias locaes em que Washington, por amor á liberdade, desejava apoiar-se, era instituição temida e execrada pelo snr. Deodoro e seus amigos, que viam n'ella um obstaculo á realisação das suas ambições. Ao contrario de Washington, o snr. Deodoro não vê quanto é perigoso para a liberdade o precedente de soldados armados dictarem a lei; o seu governo vangloria-se de ser constituido pelo exercito e pela armada. O snr. Deodoro assignou manifestos concitando a classe militar a fazer pressão sobre os governos para garantir os seus interesses que o snr. Deodoro julgava ameaçados. O snr. Benjamim Constant, que compararíamos ao major Armstrong se este major não fosse um militar que viu muitas vezes o que nunca quiz vêr o snr. Benjamim Constant, isto é, o fogo — arrastou o snr. Deodoro a reuniões sediciosas; e em 1887 a officialidade da guarnição do Rio de Janeiro, tendo já á sua frente o snr. Deodoro, reuniu-se publica-

---

1 Guizot, *Washington,* étud. hist., pag. XLVI.

2 Irving, ob. cit., vol. III, pag. 1235.

3 Irving, ob. cit., tom. III, pag. 1235: «You will also try to avail yourself of the services of the militia, representing to them *how dangerous to civil liberty is the precedent of armed soldiers dictating the law to their country*».

4 Ramsay, *Vie de Washington,* pag. 185.

espalhou no acampamento de Newburg um impresso anonymo convidando os officiaes descontentes a tomarem a defeza dos seus proprios interesses forçando o Congresso e o Povo a attenderem ás suas justas reclamações. O general Washington conteve a tempestade, chamou-os ao cumprimento do dever pronunciando estas palavras: «Declaro por este modo publico e solemne, que podeis contar plenamente para a defeza de vossos interesses e para que justiça vos seja feita, com todos os serviços da minha dedicação *comtanto que ella possa exercer-se sem prejuizo dos grandes deveres que tenho para com a minha patria e para com os poderes que somos obrigados a respeitar* [1].

«Em 1784 e 1787, diz Guizot, os officiaes reformados tentaram formar entre si uma sociedade que, depois da dispersão consecutiva á paz, conservasse um laço de união entre os officiaes, para amparo mutuo dos seus membros e suas familias. Chamava-se esta sociedade a sociedade de *Cincinnato*. Washington, vendo que estas simples palavras — *Associação Militar* — despertavam a desconfiança e o descontentamento da sua patria ciosa da liberdade [2], não só fez modificar os estatutos da sociedade, como, apesar da affeição que tinha a mente n'um theatro e ahi chefes agaloados e de bigode branco, ouviram alferes alitteratados, de pince-nez de ouro, sem buço e pouco prosodicos, injuriar em discursos pedantescos (genero Benjamim) os poderes do Estado que Washington respeitava e fazia respeitar.

O snr. Deodoro tomou parte na formação da sociedade politica conhecida pelo nome *Club Militar*, e aceitou a presidencia d'essa associação. O Club Militar não se limitou a ser um gremio de officiaes com o fim de manter uma solidariedade fraternal e occupar-se do estudo de questões militares. O Club presidido pelo snr. Deodoro, não teria sido permittido em nenhum paiz culto. Onde ha a comprehensão verdadeira e patriotica do que seja o dever militar, associações d'esta ordem não são creadas e nunca seriam sequer toleradas. Os grandes e immortaes cidadãos que fizeram a republica dos Estados-Unidos da America, considerariam, como Washington considerou, que essa associação militar era um perigo para as liberdades publicas.

---

[1] W. Irving, obr. cit., IV, pag. 1370; *Washington Writings*, tom. VIII, pag. 392-400; Guizot, *Etud. Hist.*, XLVI; Ramsay, *Vie de Washington*, pag. 233.

[2] O juiz Burke fez-se echo da opinião publica e escreveu um pamphleto dizendo que a sociedade pretendia *collocar os militares acima das classes civis*. Este grito de alarme echoou na legislatura do Massachussets e foi repetido em todos os Estados da União.

essa sociedade, rejeitou publicamente a presidencia d'ella e deixou de tomar parte nas suas reuniões» [1].

Washington, eleito presidente, formou um gabinete de conciliação com os principaes homens dos dois partidos politicos em que estava dividido o paiz: Jefferson e Randolph, do partido democratico; Hamilton e Knox, do partido federalista.

«Ninguem mais do que Washington, diz Cornelis de Witt, teve repugnancia em invocar a razão de Estado para desculpar actos arbitrarios ou injustos. Ninguem abusou menos do poder; ninguem mostrou mais respeito pela liberdade. Washington nunca assignou um decreto de desterro ou de banimento. Apenas removeu de New-York para o Connecticut, treze pessoas accusadas de intelligencia com o inimigo».

Como militar, Washington commandou em chefe os exercitos da sua patria em tempo de guerra contra o estrangeiro. Os americanos lhe não chamam *Invicto*, porque, como Frederico, como Napoleão e todos os grandes capitães, soffreu revezes mas ganhou varias victorias decisivas como as de Boston

[1] Guizot, *Etud. Hist.*, XLVII; *Cartas* de Washington ao general Knox e a Arthur St. Cyr, citadas por Guizot.

O snr. Deodoro excluiu do governo os dois partidos que formavam a grande maioria da nação e entregou-se aos republicanos que não tinham organisação séria senão em S. Paulo e que constituiam uma muito pequena minoria de politicos despeitados e incapazes, como disse o snr. José do Patrocinio [1], e de alguns supersticiosos bohemios o jacobinos.

O snr. Deodoro desterrou e baniu, não só toda a Familia Imperial, como varios brazileiros eminentes. Assignou leis de excepção; creou commissões militares para pretendidos delictos politicos [2]. Durante a Dictadura do snr. Deodoro, desappareceu do Brazil a liberdade de imprensa e de reunião e muitos cidadãos têm sido presos sem fórma alguma de processo. A liberdade politica ficou supprimida no Brazil em virtude da vontade do snr. Deodoro e dos seus ministros.

O snr. Deodoro, militar valente, não passou no Paraguay de um chefe do batalhão e n'essa qualidade foi ferido, o que aconteceu a centenas de outros

[1] Conferencia feita no Rio de Janeiro em 1888.

[2] Luiz Napoleão, depois do 2 de dezembro não ousou crear essas commissões militares; creou *commissões mixtas*, em que tinham assento juizes letrados e que julgavam segundo a lei escripta.

(1776), Trenton (1776), Princetown (1777) e Yorktown (1781).

officiaes. Foi um *troisieme role* [1]. Nunca commandou em chefe as tropas brazileiras em campo de batalha, nunca dirigiu combate algum. Agora, em tempo de paz, de figos e de vaccas gordas é generalissimo. Porque? Porque commandou em chefe a grande acção de 15 de novembro [2].

[1] A Dictadura corrompe tanto o caracter nacional que algumas Intendencias nomeadas por ella, em logar das municipalidades eleitas que foram dispersas, têm mudado o nome do general Osorio e de Caxias, dados a algumas ruas, pelo nome do general Deodoro.

[2] O plano do snr. Benjamim foi o mesmo do general de Offenbach, plano com o qual não havia combate possivel. Está hoje mais que provado que o snr. Deodoro quando penetrou a cavallo no pateo do quartel general sabia que a tropa estava a seu favor, desarmada. O marechal estava de convivencia com os commandantes. O coronel Andrade Pinto tinha até mandado tirar as balas das espingardas dos seus soldados. Vid. depoimentos dos officiaes publicados na *Gazeta de Noticias* com o titulo *Apontamentos para a Historia*.

Poderiamos proseguir no parallelo. Basta, porém, o que fica escripto. Quando dizemos «parallelo», empregamos, no caso presente, uma expressão impropria, porque se a vida politica de Washington é inflexivel como uma linha recta, esta rectidão ninguem a póde achar na existencia publica do snr. Deodoro. O gentleman da Virginia, descendente de austeros puritanos, é producto de outra civilisação e tinha atraz de si outra hereditariedade (moral e ethnographicamente fallando).

O snr. Ruy Barbosa póde ser muito grato ao snr. Deodoro a quem deve a posição que occupa. Não devia, porém, fazer ao valente militar, totalmente desnorteado n'uma situação para que lhe faltam os recursos intellectuaes, o mau serviço de pronunciar, depois do nome de Washington, o nome do chefe da Dictadura brazileira.

Ao snr. Deodoro, com todas as consequencias e inconsequencias da sua Dictadura, deve o Brazil o estar, Deus sabe até

quando, debaixo do militarismo: d'esse militarismo que todos os bons liberaes profligam e que o snr. Ruy Barbosa estigmatisava na sessão da camara dos deputados de 17 de março de 1879, ao pronunciar estas palavras: « O militarismo é uma instituição peculiarmente europêa, que o velho mundo soffre, maldizendo como exigencia flagelladora da situação conhecida, e que, entretanto, aqui, *sem necessidade nenhuma*, estadistas imprevidentes ou faceis, com uma inconsciencia incrivel, ou por uma especie de puerilidade perversa, inocularam na America que o repelle ».

A inconsciencia incrivel de que falla o snr. Ruy Barbosa foi a dos estadistas faceis que não viram no Brazil o perigo do militarismo; militarismo que não é dos paizes cultos, mas do Perú e da Bolivia; militarismo de generaes e generalissimos acclamados nas ruas por seus subordinados, e de generaes de brigada improvisados como o proprio snr. Ruy Barbosa.

Esse é o militarismo da Dictadura — systema que no Brazil é ás vezes despotismo e ás vezes opereta.

*
* *

No continente sul-americano, apesar dos progressos realisados n'estes ultimos annos, apesar da instrucção se ter espalhado, o militarismo politico, de que o Brazil podia ufanar-se até ha pouco tempo de estar isento, resurgiu com a revolução de novembro.

A Republica Argentina viu ha pouco uma tentativa de resurreição d'esse militarismo; e houve alli officiaes que deram, como bem disse o governo argentino, um novo escandalo perante o mundo civilisado, sublevando parte da tropa para, por meio da revolta, resolver questões politicas [1]. Eram enganadoras, até certo ponto, as apparencias de adiantamento moral, e a

[1] Proclamação de 26 de julho. Esta é a opinião dos povos cultos sobre toda e qualquer revolta militar.

fórma externa de civilisação politica que apresentava a Republica Argentina. Tão funesto é o militarismo politico que, mesmo depois de muitos annos, elle ainda resurge, ás vezes, nos proprios paizes que julgavam tel-o debellado.

O credito da Republica Argentina não soffreu muito, porque, se é verdade que a revolta de julho mostrou haver ainda no paiz militares politicos que se servem das armas para fazer politica, por outro lado, a victoria da causa da legalidade, a fidelidade que a maioria do exercito mostrou guardar aos seus juramentos, a bravura com que officiaes e soldados se bateram, resgataram perante o mundo a vergonha da insurreição militar. Cinco regimentos e os estudantes da escóla militar, transviados dos seus deveres, faltando aos seus juramentos, pegaram em armas contra a auctoridade legalmente constituida pela nação. A parte sã do exercito argentino, que, para honra d'esse exercito, foi a maior parte, conservou-se fiel e bateu-se cumprindo o seu dever; e os argentinos podem ter o justo orgulho de dizer que, se na sua ultima revolução houve erros e houve crimes, não houve traições em massa nem fraternisações que deixassem em duvida, perante o mundo, não só a lealdade, como a bravura dos seus officiaes. O commandante das forças do governo não se recusou a atacar os batalhões rebeldes, dizendo: São Argentinos! [1]

*
* *

Não foi só a Republica Argentina que durante o mez de julho deu mostras da bem conhecida fraternidade americana.

Na Bolivia, dois coroneis, generaes ou talvez marechaes, resolveram fazer heroismo e salvar um pouco a patria. Para

[1] No dia 15 de novembro o ajudante general Floriano Peixoto, que estando de accordo com os snrs. Deodoro e Benjamim Constant, se conservou ao lado do governo, fingindo querer defendel-o, recusou-se a atacar os rebeldes, dizendo que eram brazileiros. No dia 18 de dezembro mandou fazer fogo sobre 80 soldados revoltados. Quando os adversarios são 2:000, não os ataca porque são brazileiros; parece que, quando são 80 apenas, deixam de ser brazileiros.

isso concitaram algumas tropas a revoltarem-se contra o governo. O governo boliviano deu caça aos dois heroes, e dizem que estes se eclipsaram. Estas são as ultimas noticias que parecem confirmar a victoria da legalidade. O *Times* observa, porém, que n'estas luctas da America do Sul é difficil prever o resultado; não se póde calcular sómente com os recursos militares de cada um dos belligerantes; ha a traição, a perfidia, a defecção que mudam de um momento para outro a face das coisas. Na Republica Argentina, o adiantamento social e a civilisação parece não permittirem já essas defecções caracteristicas. A isto deve a ordem legal as suas victorias contra as revoltas militares de 1875 e de 1880.

Tambem na America Central houve ultimamente mais uma gloriosa revolução e mais uma vez foi salva a patria. O inclyto e invicto general Ezeta, á frente de alguns regimentos, surprehendeu em um baile o presidente do Salvador, o até então não menos inclyto e invicto general Menendez, que, não contando com essa revolução, em logar da ultima figura do *cotillon* teve um ataque e morreu, dizem os telegrammas inspirados pelo Ezeta, ou foi apunhalado, segundo outras noticias. Organisou-se um Governo Provisorio constituido pelo Exercito, não figurando n'elle a Armada pela simples razão d'ella não existir no Salvador; e a espantosa mudança politica realisou-se sem effusão de sangue, com applauso de todo o paiz e admiração do mundo. Foi, dizem os jornaes do inclyto Ezeta, um facto unico na historia e uma epopeia incruenta. O general Barrillas, outro inclyto e invicto, presidente da Republica de Guatemala, não approvou a epopeia salvadorense, e, á frente das suas tropas, apresentou-se na fronteira. D'ahi combates repetidos que têm sido motivo para as comicas polemicas dos diplomatas centro-americanos na Europa, pretendendo cada qual que a victoria coube ao seu paiz.

E quando a lucta entre o Salvador e Guatemala arrefece, chega um telegramma noticiando as hostilidades entre os invictos e inclytos generaes Hippolyte, do Haiti, e Ulysses L'Heureux, de S. Domingos.

A titulo de actualidade devemos tambem fallar de uma ou-

tra epopeia incruenta de que Stanley deu noticia ao mundo na relação da sua ultima viagem. Esta epopeia foi a deposição do governador da Equatoria pelos seus officiaes egypcios e sudanezes. Este facto heroico e admiravel teve logar nas margens do lago Albert Nyanza. São textuaes as phrases seguintes:

« Os officiaes espalharam noticias aterradoras sobre as intenções de Emin; — diziam que Emin queria escravisal-os depois de dissolver o exercito. N'aquelle paiz fanatico e ignorante estas palavras espalharam-se como um rastilho de polvora. Insurreição geral e prisão do Pachá ». (Stanley, *A Travers les Ténèbres de l'Afrique*, tome II, pag. 114). « Nem todos tomaram parte no movimento, mas todos adheriram por amor da sua segurança e aceitaram o *facto consummado* ». (*Sic*, pag. 114, linha 42). « Os defensores do Pachá mostraram-se de uma cobardia insigne » (pag. 127). « Grandes paradas, festas e discursos » (pag. 140). « Todos os officiaes envergaram novos e vistosos uniformes » (pag. 143). « Selim Bey entrega ao Pachá em nome dos officiaes revoltados uma carta notificando-lhe a sua deposição » (pag. 149). « O chefe da sedição, o capitão Fadl-el-Uoulla promove-se a si mesmo Bey, isto é, coronel » (pag. 150). « N'uma palavra, diz Stanley, a queda definitiva do governo da Equatoria teve por causa as mentiras urdidas por um individuo meio-civil e meio-militar » (pag. 199).

Stanley não nos conta se esse hybrido personagem que bem já mentia constantemente, ou constantemente intrigava, era positivista ou professor da escóla militar. Não temos tão pouco os jornaes do Nyanza dando conta do enthusiasmo que despertou a gloriosa e estupenda revolução.

Perguntará talvez o snr. Deodoro, ao lêr estas noticias ao sabio snr. Benjamim Constant, porque ha tantos generaes que teimam todos os dias em assombrar o mundo com seus feitos. O snr. Benjamim Constant dirá que realmente o officio de fabricante de epopeias incruentas está meio achincalhado. O Rio de Janeiro já não é a unica cidade onde epopeias d'essas se têm realisado. O que o snr. Benjamim Constant não comprehende é esta mania de dar e receber tiros de bala que os generaes do

Salvador e de Guatemala parecem ainda conservar. «Que imprudencia!» pensa o snr. general de brigada.

Se o snr. Benjamim Constant não responde outra coisa, Herbert Spencer dá a verdadeira explicação da existencia d'esses governos de generaes ainda hoje communs na America Latina.

A explicação é esta, segundo o grande pensador:

«Entre os povos não civilisados o chefe militar tende manifestamente a tornar-se tambem um chefe politico» [1].

*
* *

O militarismo politico é (nem era preciso que Herbert Spencer o dissesse) um indicio do atrazo da civilisação nos paizes onde esse militarismo apparece. O militarismo, como o entendem as nações cultas, é o desenvolvimento dos meios de defeza externa de um paiz, é a constituição de um exercito nacional, estranho á politica e destinado a garantir diante das aggressões exteriores e internas a existencia, os interesses e a dignidade da patria. E qual o melhor criterio para distinguirmos um militarismo do outro?

Herbert Spencer fornece-nos indirectamente esse criterio quando diz:

«Em toda a historia da Europa, em grande ou em pequena escala, vemos o sentimento da LEALDADE reinar em toda a parte onde o typo militar é accentuado. Não precisamos particularisar para provar esta verdade» [2].

Ora, nos exercitos sul-americanos, cujos exemplos o snr. Benjamim Constant tanto aponta aos officiaes brazileiros, a TRAIÇÃO, como notou o *Times*, tão habituado a acompanhar as agitações sul-americanas, é um factor constante das luctas do militarismo republicano.

Esta é a differença capital entre os dois militarismos. O mi-

[1] *Principes de sociologie*, §. 259.

[2] Ibidem, §. 560.

litarismo das nações civilisadas significa a lealdade do exercito e o consequente ennobrecimento do dever militar. O militarismo, entendido á hispano-americana, significa a traição e o aviltamento da profissão das armas. Este militarismo é o militarismo de que falla Spencer, cujo resultado immediato é o chefe militar tender a tornar-se tambem um chefe politico. Só tres paizes da America estão hoje livres d'essa calamidade: o Canadá, os Estados-Unidos e o Chile.

O velho Sarmiento, que soffreu tanto no seu grande coração com a tyrannia militar de Rosas, caracterisou bem as tendencias de uma e de outra concepção do que seja o exercito. Todos conhecem na America o bello livro em que elle pinta os horrores do governo militar de Rosas e os esforços dos patriotas que luctavam contra o seu dominio. O sub-titulo do livro é: *Civilisação e Barbaria*.

*
* *

O curioso é que o Salvador, Guatemala, Hayti e S. Domingos assignaram em Washington juntamente como o Brazil uma especie de tratado ou compromisso pelo qual se obrigavam a liquidar as suas questões por meio de arbitragem. Vemos como aquellas republicas irmãs cumpriram a sua palavra. A deslealdade caracteristica do militarismo politico manifesta-se até no cumprimento das promessas internacionaes.

O Chile, o unico paiz latino-americano que goza na Europa de um credito igual ao antigo credito do Brazil, ainda n'esta questão da arbitragem mostrou a patriotica sagacidade dos seus estadistas. O Chile, que tem na Europa uma reputação immaculada de honradez politica e de estabilidade governativa, comprehende que o seu interesse bem entendido não lhe permitte aceitar a suzerania dos Estados-Unidos, como outros paizes têm tido a fraqueza de consentir, enganados pelos falsos apostolos da chamada fraternidade americana. O Chile, bem inspirado, não assignou o tratado de Washington, e o presidente Balmaceda deu conta ao Congresso dos motivos que para isso

teve. No Chile ha o systema parlamentar representativo e os governos têm de dar contas dos seus actos. — Singular paiz! pensará o snr. Deodoro. — Mas assim é. Pois bem: o presidente, a respeito d'esse tratado, pronunciou as seguintes palavras que fazem honra ao governo chileno:

« Foi tambem proposto e aceito por alguns representantes do Congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma mais compressiva e obrigatoria. Não prestamos assentimento a este projecto pelo julgarmos inefficaz e porque o Chile não necessita, para o exercicio da sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos como o nosso, que vivem do seu trabalho e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito reciproco dos estados soberanos; julgo porém que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações futuras para fazer vingar o direito. Só a ellas compete apreciar e resolver sobre os meios que a lei internacional lhes faculta para a defeza do seu direito. A restricção dos direitos do Estado por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos da minha patria e aos meus concidadãos ».

O governo chileno e o governo argentino não assignaram, como a Dictadura brazileira fez, as conclusões commerciaes do congresso de Washington. Esses governos comprehendem que dos Estados-Unidos não póde a sua patria receber nem os capitaes nem os braços indispensaveis para o desenvolvimento da sua riqueza e para a obra da grandeza nacional. O ministro do Chile nos Estados-Unidos, n'um banquete que lhe offereceram em Chicago, teve a coragem de affirmar que, em vista das exigencias do governo norte-americano, o Chile tinha de continuar a ter só em vista a Europa e a trabalhar por estreitar cada vez mais as suas relações com o velho mundo.

Estas idéas não são as da Dictadura brazileira. O governo que domina hoje o Brazil sente que os despotismos mais ou menos corruptos e militares da America hespanhola são os governos da sua sympathia natural. E uma questão de semelhança e de affinidade. D'ahi nasce a doutrina da fraternidade americana de que são apostolos os snrs. Quintino Bocayuva e Benjamim Constant.

A aceitação da arbitragem por parte da Dictadura brazileira não é a adhesão fundada e convencida a uma doutrina. Foi uma imposição que a Dictadura soffreu, não tendo nem a dignidade nem a energia do Chile para a repellir. Se a Dictadura tem a convicção de que a arbitragem é o meio mais conveniente de resolver as difficuldades internacionaes, porque desprezou esse recurso quando quiz resolver a questão das Missões, entre o Brazil e a Republica Argentina? E o governo de Washington, tão favoravel á arbitragem, porque acaba de a recusar agora quando lhe foi proposta pela Inglaterra para a solução das questões de pescarias no estreito de Behring? O tratado de Missões concedendo territorio brazileiro á Republica Argentina nem será discutido pelo congresso que a Dictadura militar vai fazer eleger. Nas *disposições transitorias* que acompanham a chamada Constituição do Brazil, o art. 2.º, §. unico, diz: «As patentes, os postos, os cargos inamoviveis, as concessões e os *contratos* outorgados [1] pelo Governo Provisorio são garantidos em toda a sua plenitude». O tratado secreto celebrado em Montevideu pelo snr. Quintino Bocayuva, que com justa razão não ousou mostrar á luz do dia a sua obra, será decerto considerado entre os taes *contratos outorgados* que vigorarão em toda a sua plenitude independentemente da opinião do congresso constituinte que a Dictadura vai eleger.

A Dictadura, apesar do futuro congresso ser obra inteiramente sua, ainda quer mais garantias, e impõe desde já uma restricção á vontade d'esse congresso que ella quer fazer appa-

[1] Só os jurisconsultos da Dictadura eram capazes de dizer este dislate: *outorgar um contrato.*

recer diante do mundo como a representação directa e legitima da soberania nacional. A Dictadura diz aos pretensos eleitos da nação: «Sois o congresso constituinte dos Estados-Unidos do Brazil, trazeis poderes especiaes dos vossos eleitores para organisar a constituição da patria. Sois os agentes directos da soberania nacional. Mas quanto ás concessões, aos favores, aos contratos e aos arranjos que nós cá fizemos, snrs. representantes da soberania nacional, isso é outro negocio. Não tendes o direito de desfazer o que fizemos».

Segundo a Dictadura, a soberania do congresso terá de ser limitada por essa lei que a Dictadura francamente lhe impõe desde já. Ora não ha lei sem sancção. Se o congresso constituinte, apesar do §. unico do art. 2.º das disposições transitorias, deliberar na sua soberania, que deve ser completa e absoluta, que uma concessão ou qualquer outro negocio da Dictadura deve ser desfeito, que meio honesto tem a Dictadura para corrigir este acto do congresso constituinte? O meio é mais um *pronunciamiento;* é a dissolução da constituinte pela força armada.

Tal é a logica da immoralidade e da barbaria caracteristicas de todas as revoluções militares.

*
* *

Fallando das relações internacionaes da Dictadura militar não se póde deixar de admirar os progressos que no Rio de Janeiro tem feito o hespanholismo das republicas sul-americanas. O ministro dos negocios estrangeiros chama-se «ministro das relações exteriores», como dizem os hespanhoes; a camara municipal não tem mais esse nome — chama-se «Intendencia». Esta imitação pueril nos nomes é devida em parte ao snr. Quintino Bocayuva, o admirador das civilisações argentina, boliviana e guatemalense, e é tambem devida á imitação das praticas politicas hispano-americanas. Pois se o Brazil já tem generalissimo, *pronunciamientos*, promoções feitas por acclamação, etc. etc., porque não adoptará tambem a lingua dos povos mais

adiantados e mais felizes da America Latina, povos que antes do Brazil conheceram as gloriosas revoluções e as epopeias incruentas de que tanto se orgulham os heroes de 15 de novembro?

O — *Saude e Fraternidade* — no final dos avisos do Governo Provisorio, é um grotesco e grosseiro erro de traducção. *Salut et fraternité*, formula que por medo do ridiculo ninguem ousa empregar em França, não póde ser assim traduzida. *Salut* não quer dizer *saude; saude* é *santé*. Os imitadores atrazados dos republicanos de 1848 pouco sabem do francez. A adopção do *vós* como tratamento é tambem uma futilidade que só tem servido para atrapalhar os amanuenses e os diplomatas brazileiros nascidos no estrangeiro, pouco praticos n'esse plural tão novo em estylo official. Tudo isto é muito ridiculo, mas, para o observador consciencioso, são factos a registrar. Na sua frisante significação indicam bem qual o estado mental dos individuos.

Têm tambem igual caracter significativo os novos estylos e as recentes usanças da diplomacia brazileira. A Dictadura não espera que os ministros dos paizes que com ella têm relações officiaes peçam audiencia do ministro ou apresentem as suas credenciaes. Uma mensagem em estylo retumbante e assignada por todos os ministros é levada a bordo; e são manifestações para cá, manifestações para lá, coisas que a seriedade das relações diplomaticas entre os povos cultos não póde comportar. O snr. Quintino Bocayuva e o snr. Moreno, ministro da Republica Argentina, cultivam mais do que todos este genero de mau gosto e diplomacia bombastica. O ministro argentino assumiu no Rio de Janeiro uma situação que toca as raias da impertinencia e passa com certeza as do burlesco. O snr. Moreno não parte, não chega, não fica, não falla, não escreve, não se cala, ou não deixa de escrever, sem *manifestação*, quer passiva quer activa. Em tudo intervem, a respeito de tudo dá opinião. Arrasta o snr. Bocayuva a fazer o grande *pic-nic* diplomatico de janeiro ao Rio da Prata, tão caro ao thesouro e á dignidade do Brazil, que com um pedaço do seu territorio pagou a fes-

ta. O snr. Moreno prestou um grande serviço ao seu paiz; mas para que veio depois fazer rhetorica no Instituto Historico, e querer até estragar o Pão de Assucar com a idéa barbara de lá arrumar uma estatua de Colombo? E o snr. Moreno continúa a entulhar o Rio de Janeiro com a sua personalidade obstruente e invasora de diplomata agitado e *rastaquouère!*

O secretario da legação de França e encarregado de negocios interino, o snr. Blondel, parece ser bastante diplomata á vista da maneira facil com que adoptou até certo ponto os estylos do novo regimen. Sómente esse diplomata francez, aceitando o que elle julgará serem os usos da terra, ha de rir-se com a sua ironia de parisiense do papel que representa. Quando á sahida da casa do snr. Deodoro, o snr. Blondel é saudado com uma salva de dez tiros de canhão, o diplomata francez ha de lembrar-se dos seus collegas que em Madagascar, em Siño, ou no Annam presenceiam costumes diplomaticos pouco differentes dos do novo governo do Rio de Janeiro [1].

*
* *

A proposito do diplomata francez devemos tratar d'um facto que, no correr do mez de junho, foi muito commentado na imprensa do Rio de Janeiro. Queremos fallar do reconhecimen-

[1] Para dar uma idéa do desprestigio da Dictadura e da sua ignorancia dos usos admittidos entre os governos civilisados, registramos o seguinte facto:

No dia 23 de dezembro ultimo lia-se em todos os jornaes do Rio a seguinte nota official: «O snr. Gosselin, membro de uma das legações de França no Rio da Prata, para onde seguiu ha dias, foi na sua passagem por aqui comprimentar e felicitar o snr. marechal Deodoro, por parte dos snrs. Carnot, presidente da Republica Franceza, e Tirard, chefe do gabinete francez». Esta noticia chegou a Paris e a 19 de janeiro a Agencia Havas e o *Temps* desmentiam-na officialmente. Verificado o caso, soube-se que M. Gosselin era um caixeiro viajante marselhez que, por troça, se apresentára como enviado do snr. Carnot. E o snr. Quintino Bocayuva, imaginando que os chefes de estado têm o costume de mandar e receber assim recados, recebeu o snr. Gosselin e apresentou-o ao Dictador. Imagine-se como o marselhez não terá feito rir as mesas redondas dos hoteis por onde passa contando o logro e a espirituosa *blague* que pregou ao poderoso *généralissime de Fonseca.*

to official do Governo Provisorio do Brazil pelo governo da Republica Franceza.

Em dezembro de 1889, o ministro dos negocios estrangeiros de França, M. Spuller, declarou na camara dos deputados que o governo francez reconheceria «os poderes provisorios do novo governo logo que estes fossem confirmados pela Assembléa Constituinte que brevemente devia reunir-se». A maioria da camara applaudiu as declarações do ministro.

O snr. Spuller enganava-se porém, e redondamente, em dois pontos: 1.º a Assembléa Constituinte não se ia reunir *brevemente* porque a Dictadura convocou-a só para d'ahi a um anno. 2.º o snr. Spuller cahiu, foi substituido pelo snr. Ribot e este senhor reconheceu o governo do snr. Deodoro antes d'essa confirmação de poderes que o snr. Spuller e a camara julgavam indispensaveis para o reconhecimento.

Porque mudou o governo francez de opinião?

Ha differentes explicações. A explicação unica, de origem official e authentica, publicada em Paris com consentimento da Legação do Brazil, é a que consta da nota officiosa impressa pelo *Temps* de 15 de junho, e segundo a qual o governo da Republica Franceza reconhecia o Governo Provisorio porque este tinha tido para com a França os seguintes *bons procedes:* 1.º tinha affirmado ao encarregado de negocios de França que a lei da naturalisação não seria applicavel aos francezes; 2.º porque, ainda a pedido d'aquelle diplomata, e segundo a versão d'elle, tinha o Governo Provisorio supprimido o imposto de exportação da borracha no Pará; 3.º porque o Governo Provisorio estava resolvido a terminar a questão de limites entre o Brazil e a Guyana franceza, por meio de um accordo directo ou por meio de arbitragem.

Os jornaes amigos do Governo Provisorio desmentiram tudo isto no Rio de Janeiro. O *Diario Official* em declaração positiva deu um desmentido formal ao snr. Ribot.

Quem mente? O governo da Republica Franceza tem no mundo uma situação e occupa entre os governos civilisados uma posição que tornam inverosimil a accusação de uma falsidade

*

tão grosseira. O Governo Provisorio tinha em Paris, além do seu enviado extraordinario ordinario, outros enviados pouco mais ou menos extraordinarios e remunerados, com a missão de vigiarem aquelle enviado official e os outros funccionarios, de saberem se têm em casa retratos do ex-imperador, etc. Ora, toda esta diplomacia, tanto a ostensiva e de caracter politico internacional como a occulta e de caracter policial e inquisitorial, aceitaram a explicação do reconhecimento dada pelos jornaes officiosos directamente informados pelo ministerio dos negocios estrangeiros. A nota do *Temps*, affirmando que o reconhecimento foi feito a troco do que a delicadeza franceza chamou apenas *des bons procedes*, merece ser acreditada: 1.º porque emanou de fonte authentica, isto é, do ministerio dos negocios estrangeiros; 2.º porque foi aceita e admittida pela Legação do Brazil e pela sua imprensa.

O Governo Provisorio nega o que os seus representantes e agentes aceitaram.

Outros dizem que o reconhecimento foi obtido sómente graças á habilidade e aos talentos do ministro em Paris o snr. barão de Itajubá. Esta versão, que é a dos jornaes que estampam os retratos de s. exc.ª e das folhas que exploram a especialidade industrial da biographia do «homem notavel» da America do Sul e do diplomata exotico, não deve ser verdadeira, pois o Governo Provisorio tirou de Paris o snr. Itajubá. Dizem que vai mandal-o para Berlim tratar do reconhecimento. Parece que o reconhecimento é a especialidade d'aquelle diplomata. (A familia imperial do Brazil que o diga). Mas se o snr. Toledo Piza, que tem uma rasoavel reputação quanto aos seus dotes intellectuaes, não está nos casos de dirigir esta negociação em Berlim, não está igualmente no de representar o Brazil em Paris, a sua mais importante legação no continente europeu.

Isto, porém, é uma pequena questão de empregos e empregados.

A Dictadura deu um desmentido brutal ao governo francez, que teve a generosidade de a reconhecer; e o snr. Ribot a estas horas já tem uma idéa bem clara do valor moral d'aquella dictadura. O governo e a opinião publica dos Estados-Unidos

viram com o maior desprezo o advento da dictadura militar no Brazil. O governo de Washington viu porém todo o proveito que podia tirar da desmoralisação e do desprestigio em que havia cahido o poder publico na grande nação sul-americana; e o governo norte-americano, embora fosse o ultimo dos governos da America a reconhecer a Dictadura brazileira, fel-o sómente em troca da adhesão do Brazil ás conclusões do congresso de Washington, congresso cujo fim era reconhecer praticamente a suzerania dos Estados-Unidos sobre todo o continente. Felizmente, o Chile e a Republica Argentina tiveram a dignidade de repellir a audaciosa pretenção.

O governo francez, temendo que no Brazil a preponderancia dos Estados-Unidos chegasse a ser absoluta, e fiado nas promessas que o snr. Blondel dizia do Rio de Janeiro terem-lhe sido feitas pela Dictadura e que eram confirmadas em Paris pelo snr. barão de Itajubá, mudou de politica e reconheceu esta dictadura contra o voto do presidente Carnot. Este primeiro magistrado da França não é dictador: é o chefe constitucional de um governo parlamentar e livre, e teve por isso de ceder ao seu ministro dos estrangeiros. O reconhecimento não quer porém dizer que a França, os seus homens de Estado, os seus pensadores, os seus jurisconsultos, admittam a legitimidade do direito publico do snr. Benjamim Constant e consortes, pelo qual o exercito e a armada têm o direito de mudar as instituições quando bem lhes parecer. A civilisação admitte a soberania popular, mas não a soberania dos exercitos e das armadas.

A França tinha relações diplomaticas com Rosas, com Lopes do Paraguay, e tem-nas ainda com os potentados e regulos africanos. Isto não quer dizer que a França approve os processos nem os costumes politicos d'esses tyrannos exoticos. Dias depois de receber o snr. barão de Itajubá, representante do invicto Generalissimo Deodoro da Fonseca, o snr. Carnot recebeu, com o mesmo ceremonial o snr. Box, enviado não menos extraordinario do inclyto general Hippolyte, do Haity, que mezes antes derrubára o glorioso general Legitime, que havia derrubado o heroico general Seyde-Télémaque, que, unido ao bravissimo ge-

neral Calypso, tinha antes derrubado o venerando general Salomon, duque de Crique-Mouillée, que antes tinha tambem derrubado um outro general qualquer não menos invicto, inclyto, glorioso, bravo e venerando. O snr. Carnot, recebendo os snrs. Box e Itajubá, não quiz com isso significar que elle e a França approvam o direito publico em que se baseiam os generaes Hippolyte e Deodoro, signatarios das credenciaes d'aquelles dois distinctos diplomatas.

Não. A França que venceu e repelliu o boulangismo, não póde estimar nem respeitar o pretorianismo politico vencedor em 15 de novembro [1]. Não é nem póde ser essa a explicação verdadeira d'esse reconhecimento contraditorio e inexplicavel, que, como todos os negocios pouco honestos, foi acompanhado de affirmações e desmentidos. Póde o Governo Provisorio, no seu desmentido ao snr. Ribot, dizer que não empregou *diligencias nem instancias para obter o reconhecimento da Republica.* Todo o mundo sabe que essas diligencias e essas instancias elle as tem empregado e nem por isso merece censura. Todos os governos novos pedem o seu reconhecimento, e n'isso não ha dezar algum. O que é deshonra, é apresentar ao mundo o espectaculo de uma dictadura inutil, e que se gloría de haver sido constituida pelo exercito e pela armada em revolta [2].

* * *

No *Diario Official* o Governo Provisorio maltrata ingratamente o governo francez, por ter tido a generosidade de, prematuramente, reconhecer essa dictadura, que, varias vezes tem sido

[1] Tem-se repetido no Brazil que o mundo ficou deslumbrado com o espectaculo do *pronunciamiento* militar do Rio de Janeiro. E falso, Frederico de S. publicará brevemente em volume os artigos dos jornaes da Europa, e principalmente dos Estados-Unidos, a respeito d'esse *pronunciamiento.* Verá o publico brazileiro que o bom nome e a reputação do Brazil soffreram tanto com aquelle facto, como o seu credito financeiro.

[2] O governo francez teve logo occasião de dar tambem o seu pequeno desmentido á Dictadura brazileira e de mostrar-lhe tambem o seu mau humor e o seu pouco caso.

submissa a outros paizes, como foi em relação aos Estados-Unidos e principalmente em relação á Republica Argentina, á qual cedeu territorios e diante da qual tanto se humilhou o snr. Quintino Bocayuva. A Dictadura que em Washington é partidaria da arbitragem recusa em Buenos-Ayres esse systema moderno de solver a nossa questão de limites. Porque? Porque a dictadura não ignora que um arbitro teria infallivelmente attribuido ao Brazil todo o territorio das Missões, e o snr. Bocayuva ficaria assim privado do prazer de offerecer parte d'esse territorio aos seus amigos argentinos.

Sacrificou a Dictadura mais uma vez os interesses e a dignidade do Brazil, ainda pelo orgão do snr. Quintino Bocayuva, quando auctorisou o ministro do Brazil no Uruguay a perdoar áquelle paiz metade da divida passiva que tem para com o Brazil. O Uruguay, paiz rico e prospero, deve ao Brazil 18:000 contos de reis, e tem recursos mais que sufficientes para saldar o seu debito. Pois bem: o snr. Quintino Bocayuva, em nome do Brazil, contenta-se em receber só 9:000 contos, dando somma igual de presente aos uruguayos. O Brazil, pelos tratados existentes, depois de ter gasto grandes sommas e derramado o sangue precioso de seus filhos, tinha o direito exclusivo da navegação do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim. O snr. Bocayuva, proseguindo na sua politica de dar aos hespanhoes do Rio da Prata a supremacia sobre os portuguezes do Brazil, entendeu que as coisas não podiam assim continuar. Teve a coragem, por um acto que todos os jornaes publicaram, de auctorisar o snr. Ramiro Barcellos, ministro do Brazil em Montevideu, a desistir em nome do Brazil d'esses dois direitos soberanos; e de abrir assim as portas do Rio Grande, não só á acção militar dos seus irrequietos

Os jornaes da Dictadura annunciaram que uma esquadra franceza iria brevemente ao Rio de Janeiro apresentar ao marechal Deodoro os comprimentos do snr. Carnot. Ha dias, os jornaes francezes publicaram uma nota official dizendo que aquella noticia *não tinha o menor fundamento* (sic).

A Dictadura tem em Paris um enviado extraordinario, e a França, facto que é um acto de desconsideração innegavel, lá deixa no Rio de Janeiro um simples encarregado de negocios, e esse mesmo interino, pois é apenas o secretario da legação.

visinhos, como de generalisar e tornar de uma vez de todo irreprimivel o grande contrabando que tem arruinado o Rio Grande do Sul. Isto sim, que é humilhação para o Brazil: como foi humilhação ceder ás imposições dos Estados-Unidos no congresso de Washington.

Dirá a Dictadura que não se humilhou em Washington e que até recebeu dos Estados-Unidos provas de grande consideração, entre outras, a da esquadra que lá foi ao Rio de Janeiro comprimentar o Dictador [1]. Vieram estas provas de attenção antes, ou depois do Brazil se ter separado do Chile e da Republica Argentina, para fazer em Washington o que queria o snr. Blaine? Vieram depois da Dictadura ter cedido nos pontos em que o snr. Blaine queria que o Brazil cedesse. Foram attenções bem pagas.

*
* *

Na memoravel entrevista do generalissimo Deodoro e do almirante Walker disse o snr. Deodoro o seguinte:

[1] Esta esquadra tinha por missão *unica* comprimentar e saudar. Bem; n'esse caso para que foi o almirante Walker apresentar um *ultimatum* ao snr. Deodoro dizendo-lhe que constava que o Generalissimo queria dar-lhe um baile, e que, se era verdade, désse o baile quanto antes porque queria partir. Ora quem vai só para cumprir deveres internacionaes de cortezia, leva folga para dar tempo a reciprocidade. A titulo de curiosidade aqui vai, segundo a *Gazeta de Noticias*, parte da conversa entre o Dictador e o almirante *yankee*, conversa por meio de intrepreto, está claro: «Terminada esta apresentação, o snr. almirante Walker disse ao snr. Generalissimo que lhe constava que s. exc.ª manifestara o desejo de offerecer á esquadra um baile de despedida depois do que se vai realisar no dia 4 no Cassino Fluminense; que, em attenção a esse desejo, podia demorar-se mais uns dias, *mas que desejava sendo possivel* partir na manhã de 6. Então disse o snr. Generalissimo que seriam precisos ainda alguns dias para terminar os preparativos a que se estava procedendo no palacio Itamaraty: que sabia perfeitamente o que era o *cumprimento do dever militar* (!) e que por isso não insistiria no pedido de permanencia da esquadra por mais alguns dias, mas que confiava, que, apesar da não realisação da festa, seriam considerados como effectivamente satisfeitos os deveres de cortezia que de coração pretendia prestar á distincta officialidade». O almirante praticou uma grosseria e uma indiscrição. O snr. Deodoro esse poderá dizer que *moralmente* deu um baile ao almirante, baile bom, divertido e sobretudo barato.

« O dia 15 de novembro assegurou em base estavel a união de todos os povos que actualmente se acham constituidos em varias nações no continente americano. O desapparecimento do regimen monarchico no nosso paiz, *unico obstaculo que ainda existia para a consecução de tão elevado desideratum*, só por si garante a realisação d'essa aspiração de todos os patriotas americanos ».

Ora o snr. Deodoro não leu, não conhece a historia da America. Repetiu inconscientemente uma das muitas banalidades erroneas que lhe tem mettido na cabeça o snr. Benjamim Constant e outros.

Dizer que a existencia da monarchia no Brazil era o unico embaraço para a união dos povos americanos é affirmar um erro digno de commiseração. Que influencia teve a monarchia no Brazil n'esse longo drama sangrento que é a historia politica da America latina? N'esse capitulo, que é dos mais lutuosos da historia universal, o Brazil monarchico só figura para honra e gloria sua, representando a paz, a liberdade e a civilisação.

Pensar que a identidade de fórma de governo é uma garantia de harmonia entre as nações, é ignorar a historia, é desconhecer a vida das sociedades politicas. Tomemos a actualidade europeia. Qual é a nação mais chegada á França republicana? É a Russia autocratica e cesariana. Porventura a identidade da fórma republicana impediu todas as guerras que este seculo tem presenciado entre as republicas hespanholas?

O Mexico republicano, durante uma das presidencias do generalissimo Sant'Anna, foi invadido pelos Estados-Unidos, esmagado, humilhado, mutilado; e o generalissimo vendeu uma parte do territorio da sua patria. Guatemala, Salvador, Honduras, Costa Rica e Nicaragua são republicas. O que é a historia d'estes pobres paizes, senão a historia das suas guerras, das suas dictaduras, das suas revoluções? A Columbia e Venezuella, a Columbia e o Equador, o Equador e o Perú, o Perú e o Chile e a Bolivia, quantas guerras não têm tido entre si? E são republicas. Se a monarchia no Brazil era o unico obstaculo á união dos povos americanos, quererão os inspiradores do snr.

Deodoro dizer que o imperio brazileiro é o culpado de todas estas guerras?

No Rio da Prata, as guerras da monarchia brazileira não foram guerras dynasticas; foram guerras nacionaes feitas em defeza dos interesses e da dignidade do paiz. Fosse o Brazil republica, e o seu governo patriotico, teria forçosamente de fazer essas guerras.

A primeira guerra, no reinado de Pedro I, foi começada pela Republica Argentina, promovendo uma revoluçao em territorio brazileiro e annunciando que ia invadir esse territorio. Em 1851-1852 o Brazil armou-se contra os dictadores Rosas e Oribe para libertar o Rio da Prata. E quem foram os alliados do Brazil n'essa campanha feita em prol da liberdade e dos interesses da civilisação? Foram os homens mais liberaes, mais distinctos e mais patriotas, tanto da Republica Argentina como do Uruguay. Em 1864 e 1865 contra o governo do Uruguay: podia o Brazil deixar impunes os sangrentos ultrajes feitos aos brazileiros? E, finalmente, em 1864-1870, na guerra contra o tyranno do Paraguay, que havia capturado um paquete brazileiro e invadido, sem declaração de guerra, a provincia de Matto Grosso, o Brazil teve duas republicas como alliadas, e póde dizer que as salvou, porque o dictador militar do Paraguay tinha forças sufficientes para as conquistar. Hoje, os sectarios da Dictadura do Brazil desdenham os louros que os seus antecessores colheram e pensam talvez que o 15 de novembro, esse feito d'armas *fin de siècle*, sem perigos nem tiros, mas rendoso em todos os sentidos para os que n'elle tomaram parte, vale muito mais do que todas as batalhas do Paraguay. N'esse repertorio de vergonhas e de traições que a *Gazeta de Noticias* está publicando com o titulo de *Apontamentos para a historia*, ha longos depoimentos de officiaes que tomaram parte na sedição de 15 de novembro. Desapontamentos grandes para a historia e para os que tiverem tido a iugenuidade de acreditar no heroismo sedicioso, hão de ser no futuro, como são já no presente, esses infelizes *Apontamentos!* Um d'esses officiaes falla desdenhosamente da guerra do Paraguay: «... a guerra

que a monarchia fez á republica do Paraguay!» Sim. A monarchia fez essa guerra em desaffronta da honra nacional e em defeza do sólo da patria. É isso honra sua e gloria do exercito de então. Se hoje o Brazil recebesse affrontas iguaes, sahiam logo para a frente as sociologias poltronas do snr. Benjamim Constant e as fraternidades americanas do snr. Bocayuva, e a Dictadura continuaria a ouvir, com a espada na bainha, os discursos dos seus pretorianos aphilosophados.

«A monarchia do Brazil era obstaculo á união dos povos americanos», fez o snr. Benjamim Constant dizer ao snr. Deodoro. A monarchia brazileira foi escolhida pelos Estados-Unidos que a respeitavam e estimavam, para decidir as suas graves questões com a Inglaterra (1871); escolhida mais tarde ainda pelos Estados-Unidos e pela França, as duas grandes republicas do mundo (1880) para exercer a nobilissima e elevada funcção de decidir os seus conflictos. A monarchia que a mais séria, a mais gloriosa republica sul-americana, o Chile, escolheu para arbitro de suas difficuldades com poderosas nações europeias (1883), sempre se manteve digna da suprema e excepcional magistratura que povos e governos entregavam á sua rectidão e á sua justiça. É que a monarchia liberal do snr. D. Pedro II era a unica republica, no elevado e nobre sentido da palavra, que existia na America do Sul. Governo parlamentar e livre, era grande o numero de cidadãos que influiam na marcha dos negocios. Governos de um só, monarchias de facto e monarchias espurias como lhes chama Joaquim Nabuco no seu admiravel manifesto, eram os governos mais ou menos revolucionarios e ageneralados da America hespanhola. Quem foi mais do que Rosas monarcha e despota do typo antes asiatico do que europeu, porque é um typo que a civilisação occidental repelle? E como Rosas, mais ou menos sangrentos, quantos chefes militares de chamadas republicas não têm deshonrado esse nome! No Mexico é Sant'Anna; em Venezuella é Gusman Blanco, que trouxe das suas presidencias e dos seus generalissimatos uma fortuna colossal. No Uruguay é Santos, que trazia o guarda-chuva cravejado de brilhantes. E no Equador, na Bo-

livia, no Perú — os Daza, os Melgarejo, os Pierola, e muitos outros cujo nome é Legião! Compare o povo brazileiro estas individualidades, legitimas encarnações do militarismo republicano, que na Europa, no mundo civilisado e na historia serão a vergonha eterna da America do Sul, com o typo superior e puro do velho Imperador, que no fim de cincoenta annos de reinado, que foram outros tantos de progresso para o paiz e de desinteresse patriotico e nobre, vive pobre e no exilio, tendo porém uma riqueza que jámais possuiu potentado republicano da America — a de uma consciencia satisfeita e recompensada com a estima e o respeito do mundo civilisado [1].

No Brazil, os supersticiosos da fórma republicana, os fanaticos palavrosos, esses homens que ás vezes se acham envoltos nas commoções politicas e que constituem o que Renan chama a «parte irracional da historia», esses homens podem e devem estar contentes, porque, na sua opinião, desappareceu do Brazil o privilegio hereditario, e o acaso do nascimento não destina já um individuo á missão de governar. E pensam talvez assim com toda a sinceridade!

Não foi, porém, o acaso que fez o snr. Fonseca Hermes sobrinho do snr. Deodoro? E graças a esse acaso aquelle sobrinho é secretario geral do governo, exerce uma especie de alta superintendencia sobre os ministros que o temem, porque elle exerce influencia decisiva sobre quem tudo póde. E Napoleão dizia que o mal de tudo poder é a tentação de tudo querer. O snr. Fonseca Hermes, desconhecido e nullo, sem ter praticado acto algum de benemerencia, só por ser sobrinho e sobrinho influente sobre seu tio, vive no Rio de Janeiro, cercado de adula-

[1] A *Bataille*, de Paris, de 16 de junho, jornal inspirado pela legação do Brazil, no tempo do snr. barão de Itajubá, disse que o velho imperador «fugira do Brazil com a *caixa imperial* e recebera depois um presente de 12 milhões do Governo Provisorio, que andava a gastar alegremente nas mesas redondas das cidades de banhos». N'outro jornal francez, um empregado da Dictadura disse que a princeza Isabel tinha ás suas ordens 500 libertos d'entre os quaes tirava os facinoras que estipendiava, e que costumavam por ordem da princeza assassinar os republicanos no Rio de Janeiro.

ções as mais vergonhosas; e quando aquelle senhor fez annos, os empregados publicos que desejavam ser conservados, os que queriam augmento de ordenado, todos os que tinham negocios dependentes do governo, todos correram á casa do sobrinho, casa que atulharam de presentes de joias, de moveis, de pratarias, de brilhantes, tal qual como se faz nas côrtes despoticas do Oriente, onde todo o mundo quer ter as boas graças d'um ennucho influente, a d'um vizir poderoso e ávido. E para não haver duvida sobre o facto, os jornaes publicaram a lista dos presentes e dos contribuintes que a sua posição de dependentes do governo, de pretendentes junto ao poder, sujeitou a esse imposto que, para garantia dos seus interesses, todos se apressaram em pagar.

Não fosse o acaso do nascimento, não fosse o snr. Hermes sobrinho do Dictador, e por certo o dia do seu anniversario teria passado para elle apenas nas santas, dóces, e pouco substanciaes effusões da familia. Nada de ricos presentes, nem de valiosos donativos!

A conclusão é que a Republica, no Brazil, não acabou com os privilegios de familia. Tornou-os até mais odiosos. A familia imperial nunca exigiu presentes dos empregados publicos.

E este capitulo dos presentes não é o dos menos interessantes da historia da Dictadura republicana no Brazil.

*
* *

O systema do presente impéra hoje na politica e na administração brazileira. É um costume oriental que a Dictadura introduziu n'aquelle extremo occidente. Já não basta o discurso nem o ramilhete de pennas pintadas; as flôres, tanto as de rhetorica como as naturaes, já não fazem effeito. A banda de musica a estrondear e a soprar á porta do alvo da manifestação já não revela enthusiasmo nem fervor. O retrato a oleo é achado d'uma simplicidade patriarchal. O proprio tinteiro de prata, depois da depreciação d'este metal, é tido em pouca

conta — e não fallemos no album, que isso até é coisa infantil!

Os snrs. ministros e parentes da Dictadura são demasiado poderosos para poderem aceitar bagatellas d'essas. Fallem-lhes de ricos anneis e pesados collares de brilhantes (sempre de preferencia os brancos por serem do Brazil e por patriotismo); fallem-lhe de boas baixellas de prata, joias, ouros, etc. etc.

O snr. Ruy Barbosa, esse aperfeiçoou e desenvolveu o systema mais do que nenhum outro. Ainda n'este particular, o snr. Ruy Barbosa quiz accentuar a sua superioridade sobre os seus collegas.

O snr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda e general de brigada, é, ao mesmo tempo, o creador do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, banco instituido nas circumstancias que os leitores conhecem. Apresentaram-se como accionistas de milhares de acções individuos sem vintem, e como organisadores outros de reputação commercial perdida. O snr. Ruy Barbosa accumulou de favores esta gente, entre a qual figuravam revisores de provas do seu jornal e o escrevente do seu escriptorio de advogado. Concedeu-lhes privilegios, isenções, direitos de emissão, mil vantagens. Houve um immenso clamor contra o escandalo.

O snr. Ruy Barbosa poderá hoje dizer triumphante que, se aquelles homens têm muitos defeitos, ao menos um não têm: a ingratidão. E é verdade. Não foram ingratos os favorecidos pelo snr. ministro da fazenda.

Reuniram-se aquelles corações agradecidos, sob a presidencia do snr. Mayrink, presidente do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, e resolveram fazer uma manifestação de apreço. A quem? perguntará o leitor. Ao rei da Prussia? Não; ao snr. Ruy Barbosa [1].

[1] Repetimos aqui o annuncio feito pelo snr. Mayrink e que em numero anterior da REVISTA já transcrevemos:

Os jornaes publicaram o seguinte, com a assignatura da gente do Banco dos dos Estados-Unidos do Brazil:

Manifestação de apreço ao conselheiro Ruy Barbosa

«Tendo-se resolvido adiar a reunião convocada para o dia 25, por ser dia santificado, a commissão abaixo assignada convida a reunirem-se no dia 2 de abril

E qual foi afinal a manifestação escolhida?

Uma mensagem de agradecimento? Um busto? Uma estatua? Uma medalha? Um retrato?

Não. Tudo isso seria mesquinho.

O snr. Mayrink conhece, não só os meritos, como até as predilecções do snr. Ruy Barbosa.

Foi offerecido ao ministro da fazenda, pelos homens que elle acabava de favorecer tão escandalosamente, nada menos do que UM BELLO E GRANDE PALACIO SITUADO NO BAIRRO PITTORESCO DAS LARANJEIRAS!

O leitor vai pedir-nos decerto as provas da nossa affirmação. O leitor pensa decerto que se trata de um d'esses rumores malevolos que se elevam surdamente contra os homens em alta posição.

Não.

O donativo foi feito pelos doadores e aceite publicamente pelo favorecido; os doadores publicaram a noticia em todos os jornaes do Rio de Janeiro. Isto fresca, franca e claramente.

Sabem d'esse facto os 500:000 habitantes do Rio de Janeiro e todo o mundo que lê os jornaes do Brazil.

* * *

As violencias, os crimes e os erros da Dictadura brazileira não deixarão de si outra memoria senão a de uma phase de provações para o paiz. Será como uma tempestade que faz dos caminhos uns rios de lama, transforma os campos em charcos, curva até ao chão as altas arvores, macula de lodo as flôres,

proximo no salão do club de engenheria, ás 3 horas da tarde, todas as pessoas que receberam listas para agenciar os donativos em favor da manifestação projectada ao eminente cidadão dr. Ruy Barbosa. — *Francisco de Paula Mayrink*, presidente; *Manoel José da Fonseca*, vice-presidente; *Carlos Augusto de Miranda Jordão*, thesoureiro; *Luiz Plinio de Oliveira*, 1.º secretario; *Paula Ferreira Alves*, 2.º secretario ».

turva as fontes e os lagos. O sol acaba porém raiando afinal e resuscitando a natureza. Faça a Dictadura o que quizer: pollua as consciencias, destrua o direito, envileça os corações. A sua obra impura ha de ser destruida, e até sobre os nomes dos culpados a generosidade dos pósteros estenderá um véo e, esquecendo-os, lhes dará quasi um perdão. A justiça, sol imperecivel, ha de apparecer e dominar.

Só o snr. Ruy Barbosa não será então esquecido. A memoria da sua passagem pelo poder ficará assignalada pelas pedras do palacio que elle ganhou emquanto administrou os dinheiros publicos. Quem sabe se um dia a cólera popular que, ás vezes, é a terrivel explosão da justiça, não querendo consentir que perdure o padrão da vergonha de um homem, não correrá ás Laranjeiras para arrazar a casa da ignominia?... Se o palacio durar, os paes, no futuro, hão de mostral-o aos filhos, os nacionaes hão de, indignados, mostral-o ao estrangeiro, dizendo: — O dono d'aquelle palacio foi o primeiro ministro que, no Brazil, enriqueceu no poder.

E nós dizemos: — Queira Deus que seja o ultimo!

* * *

Poderiamos parar aqui... Mas não. Devem ficar registrados, mais uma vez, novos factos mostrando que a corrupção não é o unico caracteristico da Dictadura republicana. Cada correio do Brazil confirma o que temos dito, isto é, que a Dictadura é a indisciplina, é a violencia, é o servilismo.

A indisciplina dos militares revela-se todos os dias. Os jornaes, mesmo os que condemnam a nossa defeza das liberdades brazileiras, trazem diariamente noticias da insubordinação dos soldados, dos roubos, dos assassinatos e das tropelias de todo o genero, sempre impunes, que a soldadesca pratica em todo o Brazil [1]. Dois officiaes da armada, um capitão de mar e guerra,

[1] A *Gazeta de Noticias*, de 17 de julho, publicou a noticia que abaixo transcrevemos. No dia 19 noticiou novos actos de selvageria militar:

«Durante a noite de ante-hontem para hontem andavam pelas freguezias de

e um capitão de fragata esbofeteam-se publicamente nos salões do Club Guanabarense; têm ambos o movimento nobre de querer lavar as reciprocas affrontas n'um duello; mas os collegas interpõem-se e o arbitro escolhido, n'um discurso publicado pelos jornaes, decidiu que o duello não devia ter logar porque... «a disciplina militar soffreria um golpe profundo n'esse encontro d'um capitão de mar e guerra com um capitão de fragata». Prevaleceu a decisão do arbitro [1].

S. José e Candelaria diversos grupos de praças do batalhão naval e do corpo de marinheiros nacionaes, praticando toda a sorte de tropelias.

«Ás praças desordeiras estavam armadas de refles, que traziam occultos por baixo das bluzas.

«Ás 9 1/2 horas da noite, a praça de policia Alfredo Dias Nogueira, que rondava a rua do Cotovelo, foi inopinadamente aggredida e esbofeteada por um grupo de cerca de vinte soldados do batalhão naval e de marinheiros nacionaes.

«Aos apitos de soccorro compareceu o alferes commandante da 3.ª estação policial, acompanhado de força, e conseguiu dispersar o grupo.

«Ás 3 horas da madrugada, compareceu n'aquella estação José Ferreira de Mesquita, residente em Nictheroy, queixando-se de que, ao passar pelo largo do Moura, fôra atacado por tres praças do batalhão naval, que de refle em punho ameaçaram matal-o se gritasse, e roubaram-lhe a quantia de 76$500 reis, um relogio de prata e uma corrente de plaquet.

«As praças de policia que rondavam as ruas da freguezia da Candelaria foram retiradas dos seus postos, por mais de uma vez, tendo sido essa medida tomada pela auctoridade policial, afim de evitar conflictos, attentas as constantes provocações e aggressões que soffriam os rondantes ao chegarem aos respectivos postos de vigilancia.

«Hontem, ás 9 horas da manhã, quando parecia estar tudo em santa paz, a praça de policia Agostinho Francisco Neves, que rondava a rua Primeiro de Março, foi victima d'um grupo dos mesmos desordeiros, que a espancaram e feriram. Foi o ferido transportado para o seu quartel.

«Além do alferes Horacio e de mais quatro praças do regimento policial que, como noticiamos, foram feridos n'esses ultimos tres dias, baixaram mais ao hospital do respectivo quartel, os cabos de esquadra, Luiz Antonio da França, Arthur de Barros Vasconcellos, e os soldados, Manoel Ignacio do Rego, Olympio da Fonseca Vianna, Francisco Pereira da Silva, Agostinho Francisco Neves, João Sacerdote de Lima, Daniel Honorato e Sebastião Fernandes da Silva, tendo alguns d'estes tido alta».

[1] *Gazeta de Noticias* de 18 de julho.

E estes exemplos multiplicam-se.

Mais de uma vez temos citado casos de officiaes e soldados que praticam violencias contra paizanos [1].

E o que mais dizer sobre os repetidos attentados contra a liberdade de pensamento?

Aos factos que já temos narrado podemos hoje accrescentar outros.

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, só é permittida a publicação do jornal do governo *A Federação* [2]. Na capital de Sergipe, «os redactores da *Gazeta de Sergipe*, que combatem a administração, foram chamados ao palacio do governador e ameaçados de deportação se publicassem qualquer censura aos actos do governo» [3]. Ainda n'aquelle Estado, na cidade da Estancia, o velho e inoffensivo vigario foi açoitado em pleno dia e em plena rua e obrigado a assignar termo de bem viver por ordem do governador [4]. O vigario d'uma parochia do Esta-

[1] *Gazeta de Noticias* de 22 de junho: «O tenente de cavallaria André Leon de Padua Fleury, estando em uma taverna (!) da rua do Espirito Santo, suspeitou que o cidadão João Francisco de Araujo que alli estava, era espião e prendeu-o, ordenando-lhe que o seguisse para a policia. O tenente desembainhou a espada e levou por diante a sua victima applicando-lhe pranchadas. Apesar das supplicas de Araujo e dos protestos do povo que assistia áquella scena, chegou o infeliz á repartição da policia em estado lastimavel. O snr. dr. Pestana de Aguiar, primeiro delegado, ao tomar conhecimento do facto, foi ameaçado pelo tenente Fleury que, lançando mão da sua espada, declarou á auctoridade policial que estava disposto a tudo. Devido á intervenção do snr. tenente Becker e á calma do dr. Pestana de Aguiar, foi que não occorreu facto de maior gravidade na 1.ª delegacia de policia».

[2] A *Gazeta de Noticias*, de 20 de junho, publica uma carta do visconde de Pelotas, transcripta da *Federação*. A carta termina assim: «*Tendo cessado a publicação de todos os jornaes d'esta cidade* (Porto Alegre), sou obrigado por isso a aceitar o offerecimento que se me fez d'esta folha para publicar esta resposta que não desejo demorar».

[3] *Gazeta de Noticias* de 24 de junho.

[4] *Gazeta de Noticias* de 24 de junho. N'esse jornal lê-se ainda o seguinte, com respeito a Sergipe: «O tenente honorario Ezequiel do Nascimento, de Simão Dias, teve a casa cercada por tropa durante dias e foi obrigado a fugir para o sertão da Bahia, deixando a familia em extrema penuria, para não ser preso e

do do Rio de Janeiro é preso no pulpito da sua egreja e trazido ao Rio por ter prégado contra a separação da egreja e do estado [1].

Os jornaes publicam uma estatistica do presidio de Fernando de Noronha e por essa estatistica vê-se que ha n'aquella ilha 152 deportados. A *Gazeta de Noticias* de 12 de julho diz que na vespera seguiram para Matto-Grosso, para onde grande numero de individuos já têm sido desterrados, 54 novos deportados, a bordo do paquete *Rio Negro*. Todas estas prisões e deportações são feitas no maior mysterio. Os nomes dos prisioneiros não são publicados e nem ao menos lhes é dado o direito de reclamar. O chefe de policia diz — são *capoeiras!* — e basta esta sentença arbitraria e verbal para um individuo ser arrancado da sociedade e enterrado vivo (Deus sabe onde) sem ter ao menos o direito de fazer ouvir uma queixa. Muitos são malfeitores, é verdade, mas que provas, que motivos houve para essa condemnação? Quantos innocentes e quantas victimas de perseguições e odios pessoaes não estão soffrendo as durezas do carcere na companhia de facinoras? Tudo isto ficará para sempre no mysterio.

Não é a primeira vez que um poder despotico, a pretexto de punir crimes, se torna tambem criminoso.

*
* *

Fallámos da indisciplina militar e das violencias materiaes. O que diremos da indisciplina moral?

arrastado á capital. Seu crime foi ter querido fundar um club para a sustentação d'uma candidatura ao congresso».

[1] *Gazeta de Noticias* de 8 de junho: «Chegou hontem a Nictheroy escoltado, o conego Bernardino Borges, vigario da freguezia de Santo Antonio da Encruzilhada, que foi recolhido ao quartel do corpo policial do Estado do Rio de Janeiro». O crime d'esse vigario foi tambem aconselhar os paes de familia que mandassem os filhos somente ás escolas onde se ensina a doutrina christã.

*

Alguns estudantes da faculdade de direito de S. Paulo, exasperados com o justo rigor d'um professor, que é um sabio e que ao mesmo tempo era a propria justiça nos seus julgamentos, resolveram desacatal-o e pedir ao ministro da instrucção publica a jubilação do professor que, no meio da relaxação geral, era um exemplo vivo do trabalho e do dever.

O snr. Benjamim Constant, que agora encontramos feito ministro da instrucção publica, teve de tomar conhecimento do facto e de julgar o dr. Justino de Andrade. E aquelle mau mestre, aquelle empregado publico sempre ávido de ordenados accumulados, aquelle militar perjuro que ensinou ser a traição uma virtude, a ingratidão um merito, aquelle falso soldado que na guerra deu o triste exemplo da prudencia evitando o perigo a que o seu dever o chamava — o snr. Benjamim Constant deu razão aos madraços barulhentos e mal educados, contra o mestre eminente e austero. E não ficou ahi o snr. Benjamim Constant.

N'um aviso sem grammatica e sem bom senso, disse o ministro que havia tratado de «acautelar a disciplina escolar, que resume-se essencialmente no cumprimento exacto dos deveres que cabem aos mestres e discipulos, sendo que sempre áquelles cumpre *servir de modelo aos moços, traçando-lhes por seus actos normas de conducta, e dando-lhes as grandes lições fecundas que só em ministrar os bons exemplos, porque a mocidade é sempre generosa e sempre prompta a receber as boas lições e a tomar os bons exemplos*».

Não. A mocidade é inexperiente e tambem toma os maus exemplos. Os exemplos dados á mocidade pelo dr. Justino de Andrade foram sempre os exemplos do amor á sciencia e da virtuosa austeridade. Se os exemplos dos mestres são seguidos pelos discipulos, o que farão os jovens militares brazileiros, discipulos do snr. Benjamim Constant, no campo de batalha? Se os discipulos quizerem seguir o exemplo do mestre hão de fugir ao perigo como o mestre fugiu. Isto, porém, não acontecerá porque os Benjamim Constant são raros para honra do

exercito brazileiro, e porque o patriotismo é na alma humana um sentimento que domina o medo [1].

*
* *

Fallámos da indisciplina e fallámos das violencias dictatoriaes. O servilismo é consequencia de uma e de outra coisa.

Quantos exemplos d'esse servilismo não fornece a historia da Dictadura brazileira?

Devemos fallar de um exemplo que é particularmente triste, o do snr. Benjamim (outro!) Franklin Ramiz Galvão, ex-barão e ex-aio dos Principes. Este pobre homem, que é um homem instruido, sabe que já no tempo dos gregos, o mestre tinha para com os discipulos deveres menos sagrados sómente que os da paternidade. Pois bem; no dia do perigo e da provação esse mestre abandonou os seus discipulos e foi pedir á Dictadura, que bania a Familia Imperial, o logar de Inspector da Instrucção Publica. E no dia 13 de maio, segundo anniversario da abolição da escravidão, o snr. Ramiz foi fazer um discurso que ninguem lhe havia pedido, e declarou que o Governo Provisorio «arrancou o Brazil das peias de um regimen condemnado pela Sociologia e que o Povo Soberano acclamava a obra regeneradora de 15 de novembro» [2]. Pouco tempo antes, esse mestre, dedicado e fiel amigo da Familia Imperial, no Instituto Historico fallava commovido nos «*ternos principes*» seus discipulos e «*nos louros que o futuro reservava para essas vergonteas vicejantes do throno bem amado brazileiro*» [3].

[1] Um nosso correspondente, um militar da Bahia, escreve-nos dizendo que só ao voltar precipitadamente do Paraguay, para onde só a muito custo e com vagar se encaminhara, foi que o snr. Benjamim Constant virou positivista ao mesmo tempo que virava tambem as costas ao inimigo. N'essa occasião adoptou o snr. Benjamim Constant a divisa *Ordem e Progresso*, divisa com cujas letras, e em anagrama, se póde escrever esta phrase: REGRESSO POR MEDO.

[2] *Gazeta de Noticias* de 14 de maio.

[3] *Revista do Instituto Historico*, tomo XLV, parte II, pag. 652.

Na festa official de 13 de maio, o orador, o snr. José do Patrocinio, referiu-se á Princeza D. Izabel, a quem elle chamava a Redemptora. Que circumloquios e que cautelas nao empregou porém, o eloquente e então embaraçadissimo tribuno fallando diante do Dictador e dos ministros que expulsaram do Brazil aquella Princeza! O snr. Patrocinio fallou de tudo, de todos; estendeu-se longamente n'uma tirada relativa á mãe do snr. Deodoro, pessoa muito veneravel, mas que tomou tanta parte na abolição da escravidão, como o snr. Benjamim Constant na guerra de Troia e até na do Paraguay. Só depois d'isso, é que o pobre orador julgou que lhe seria perdoada a phrase, lembrando a Princeza libertadora.

Fallámos do anniversario do snr. Hermes da Fonseca, sobrinho e secretario do Dictador. O anniversario do mesmo Dictador foi occasião para novas scenas que deixam longe tudo quanto inveutou a engenhosa cortezania de Byzancio.

Tomemos uma para exemplo:

Organisou-se logo uma *commissão promotora* da manifestação. A *Gazeta de Noticias*, de 20 de julho, conta que, acclamados o presidente, o secretario e o thesoureiro, por proposta de um dos manifestantes, «ficou resolvido que, *visto não haver tempo de se mandar fazer um mimo digno do cidadão a quem é destinada a manifestação*, se abrisse uma subscripção popular para com o producto d'ella se construir um edificio e se fundar uma escóla primaria modelo, perpetuando-se d'este modo o nome do benemerito chefe do governo».

A idéa de uma escóla é sempre uma bella idéa. Mas, como se vê da transcripção acima, essa idéa não foi adoptada por ser em si uma idéa sympathica. Foi apenas *por falta de tempo*. Houvesse tempo, e a commissão promotora preferiria dar, e o snr. Deodoro receber, o tal mimo digno d'elle. Graças a esta abençoada falta de tempo, talvez a infancia venha a ter no Rio de Janeiro mais uma escóla.

Ha muitos annos a avultada quantia reunida para ser erigida uma estatua ao snr. D. Pedro II foi, a pedido do Soberano, applicada á construcção de escólas. E se aquelle bom mo-

narcha não teve uma estatua não foi *por falta de tempo:* foi por sua vontade, e só por sua vontade, que em vez da estatua se fundaram escolas.

A escola feita por falta de tempo vai ter o nome do snr. Deodoro, d'esse militar de letras gordissimas que, em vez de patrono da escola, devia ser o seu primeiro alumno. E talvez com effeito ella venha a construir-se [1].

*
* *

Ha muitos mezes que vimos contando aos leitores da Revista de Portugal o que é a Dictadura militar e republicana no Brazil.

Achamos graça muitas vezes aos jornaes opposicionistas portuguezes, que muito sinceramente fallam contra a dictadura ministerial que dizem installada em Lisboa. O que é o longo habito da liberdade! Ha em Portugal quem chame *dictadura* aos actos de um governo que, em todo o caso, vive exclusivamente dentro da lei.

Não. É preciso não chamar dictadura esse estado de governo que, por vezes, os portuguezes têm tido na sua patria. A unica e verdadeira dictadura que hoje existe é a do Rio de Janeiro. Lá é que ella triumpha ha longos mezes! Lá é que, para desgraça do Brazil, ella encontrou um meio propicio ao seu nascimento e á sua vida!

A nossa indignação procurava ha muito tempo um adjectivo para qualificar esse governo que confiscou todas as liberdades, e mais do que todas, a liberdade de pensamento.

Esse adjectivo acabamos de achal-o. O snr. Benjamim Constant foi quem nol-o forneceu e é o verdadeiro.

[1] Dizemos *talvez* porque, se o snr. Deodoro morrer ou deixar o poder antes de feito este edificio, terá elle o nome do seu successor ou ficará no mesmo limbo em que estão a estatua do visconde de Ouro Preto, o pagamento da divida interna, a estatua de Colombo no Pão d'Assucar e outros productos variados postos em circulação pelos maniacos de manifestações mais ou menos desinteressadas.

Segundo o depoimento de um official, depoimento publicado nos *Apontamentos para a Historia* [1], na manhã do dia 15 de novembro, esse official, o coronel Antonio Joaquim da Costa Guimarães, encontrou á frente de um batalhão o snr. Benjamim Constant, que pela primeira vez occupava esta marcial situação.

— « *O que é isto, Benjamim?* » perguntou o coronel.

— « *O que é isto? É o exercito que por mais tempo não póde supportar este governo infame que por todos os meios procura trucidar-nos abafando a liberdade de pensamento* », respondeu o snr. Benjamim Constant.

Pois bem. Até áquella manhã de novembro podia-se dizer que havia mais de meio seculo que o Brazil não tinha presenciado prisões politicas, degredos, deportações, commissões militares, prisões de jornalistas, ameaças contra os escriptores, proscripções e violencias como meios ordinarios de governo.

Que pensamento foi jámais coagido em sua liberdade, durante o governo que o snr. Benjamim Constant ajudou a depor?

A Dictadura, essa sim, é que, encarcerando por motivos politicos, banindo, deportando, ameaçando por todas as fórmas, promulgando decretos contra a imprensa, prendendo, intimidando jornalistas por meio de commissões militares, proscrevendo e violentando todos os dias: essa Dictadura, sim, é que tem abafado a liberdade de pensamento.

E um governo que abafa a liberdade de pensamento, disse-o, e tem toda a razão o snr. Benjamim Constant:

— É um governo infame.

Frederico de S.

[1] *Gazeta de Noticias* do 17 de julho.

UMA LIÇÃO HISTORICA

(A PROPOSITO DA QUESTÃO INGLEZA)

I

Historiando a guerra franco-prussiana e o cruento episodio da Communa, o grande epico do romantismo enfeixou esses mezes de 1870-1871, tão nefastos para a França, sob o nome de *Anno terrivel*.

Bem pudéra Portugal, rememorando os ultimos successos da sua politica internacional, chamar a 1890 o *anno affrontoso*. Despontou no horisonte com tal data uma sinistra estrella de vergonha; seus lividos raios desfeiam o futuro, dando-lhe tons de cadaver, e escaldam a face dos que ainda sentem vinculado o pundonor proprio á dignidade do seu paiz. Janeiro trouxe-nos o *ultimatum* de lord Salisbury, despejada tentativa de resolver pela força uma questão de direito; agosto viu acceito por uma diplomacia inconsciente, ou sobremodo apavorada, um tratado não menos offensivo para nós que o *ultimatum*, não menos prejudicial do que elle nos fora, se a nossa docilidade não lhe houvesse sustido as consequencias; porém, mais do que elle, hypocrita; porque disfarça o insulto ao nosso brio com um simulacro de reconciliação e accordo honroso, e finge compensar o prejuizo á nossa fazenda com a ampliação da esphera de influencia portugueza a territorios de pouca valia para

nós, que não dispomos de recursos para os explorar. O protesto indignado da nação já dictou ás côrtes o seu dever; mas corre o tempo e ainda ellas não foram chamadas a cumpril-o; o *anno affrontoso* aproxima-se do seu termo e nada garante que elle não expire, sem que uma solução digna o lave dos vilipendios, amontoados sobre elle por cada movimento da nossa traiçoeira alliada no decurso de toda essa humilhante pendencia, chamada a questão ingleza.

Ah! teria andado assim a Inglaterra, sem a imperturbavel convicção de que a nossa fraqueza lhe assegurava completa impunidade? Teria porventura andado assim, se em nossas vezes encontrasse senhor do Chire um paiz, como nós pequeno, porém mais do que nós capaz de arriscar a existencia para manter immaculada a honra?

Não teria ella procurado a sua conveniencia com um pouco mais de unctuosa diplomacia, se previsse que pagaria qualquer desmando com uma guerra, muito embora para ella houvesse noventa e nove em cem probabilidades de ficar vencedora? Vindo de um imperio agitado socialmente pelos problemas da moderna industria, abalado politicamente pelas aspirações separatistas que fermentam na Australia, na India, no Canadá, pelas correntes autonomicas já revoltas na Irlanda e ameaçando crescer no paiz de Galles e na Escocia, objecto de antipathias na Europa, de odios na America e de poderosas rivalidades na Africa desde o Cabo ao Egypto, desde a costa oriental á occidental, incapaz de expedir para o continente um grande exercito de terra e contando entre nós fortes interesses commerciaes — vindo de um paiz em taes condições, tal proceder equivale a um mandado de despejo, intimado por quem nada receia além de estereis lastimas.

A fallar verdade, tudo quanto da nossa decadencia o affrontoso *ultimatum* subentendia, tudo o que em nosso descredito affirmaram n'essa cruel conjunctura as gazetas inglezas, já nós portuguezes o haviamos repetido á saciedade, na tribuna do parlamento, na imprensa jornalistica, nos livros, nas conversações quotidianas. Mas as miserias, que aliás sem grandes pre-

cauções assoalhavamos em familia, doeu-nos ouvil-as apregoar officialmente ás nações pela voz de uma potencia que se diz alliada. Succedeu-nos como ao pobre que, vivendo em regalado ocio, sob as caricias de uma atmosphera leve, luminosa e tepida, aceita a sordidez e os andrajos, e comtudo não tolera que lh'os moteje o transeunte; como aos paes que, perfeitos conhecedores dos defeitos de seus filhos, se irritam contra o estranho que se atreva a notar-lh'os. Succedeu-nos ainda peor, porque á affirmação da nossa pouca valia se uniu cynicamente o desprezo dos nossos direitos.

Então do peito d'este paiz, que parecia adormecido ou morto, soltou-se um brado de colera e dôr em que a vibração de uma fibra intima dolorida fez absolver o que houve de pueril espalhafato nas manifestações subsequentes ao desastre. A mocidade ergueu-se exuberante de enthusiasmos lyricos, homens de boa vontade e alguns de superior talento puzeram a sua actividade ao serviço da patria: effectuou-se grande movimento de forças.

Mas essas forças não convergiram sob uma lei que as tornasse productivas. Após estrondosas manifestações de esperançado fervor, invadiu-nos o desalento, accentuou-se-nos dolorosamente a apathia.

Comtudo seria inconsiderado o concluir d'esta experiencia, que Portugal não tem elementos de existencia independente e está condemnado a um viver sem hombridade, até ser assimilado por outro organismo nacional mais robusto. Vêm de tão longe, lançam tão fundas raizes na historia as causas do nosso deperecimento, que a convalescença, a ter de se dar n'este corpo já usado pelo funccionar de seculos, deve ser lentamente gradual, cortada de recahidas, de longas intermittencias dubias, de crises supremas em que a vida e a morte se enlaçam na lucta e chegam por momentos a confundir-se.

Resultaria de faltas accidentaes o mau exito da acção collectiva, e estaremos prestes a vêl-a renascer com melhor azar debaixo de outras fórmas?

Será da imprensa, do *atelier* do artista, da cadeira profes-

*

soral que maior impulso receberá o movimento de regeneração? Será do advento de um novo ideal politico? Será da invasão estrangeira, do soffrimento, da humilhação, do momentaneo eclipse da nossa nacionalidade?

Não nos propomos conjecturar o lado d'onde nos venha o impulso resurrector, nem, a ter elle de se originar em alguma das forças conscientes da nação, preceituar os meios conducentes a provocal-o. Limitar-nos-hemos a um suggestivo exemplo da maneira pela qual se regenerou um povo, pela qual, desorganisado, desmoralisado, pobre, quasi nullo, tyrannisado em casa, vilipendiado pelo estrangeiro, esse povo foi pouco e pouco recuperando a consciencia do seu proprio valor, e recebeu do sentimento patriotico o impulso que o levou á independencia, á riqueza, a uma intensidade e esplendor de vida e a uma preponderancia politica e intellectual, superiores ás quaes nenhuma nação europêa hoje as disfructa.

Fallamos da Allemanha.

II

Estende-se por todo o seculo XVIII o agonisar do Sacro-Imperio-Romano-Germanico, de quem Voltaire, o iconoclasta, dizia que «nem era sacro, nem romano, nem imperio».

Após nove seculos de luctas, ora contra as pretensões autonomicas dos principes, ora contra as usurpações do papado, a auctoridade imperial declinára a uma sombra, uma parodia do que antigamente fôra.

A tradição cesariana de um imperio universal, da humanidade organisada sob a direcção de um poder supremo para florescer em paz, resurgira em Carlos Magno e perpetuára-se nos seus descendentes, sob a fórma de um dualismo, imposto ao espirito dos pios imperadores pelo respeito á Igreja. A auctoridade, outr'ora concentrada sobre a cabeça do cesar, era exercida agora no dominio espiritual pelo Papa, no temporal pelo Sacro-Imperador *Romano* da Allemanha. Mas as dis-

cordias com a Roma apostolica, e mais tarde o schisma protestante que se alastrou por entre os subditos do imperio, minou pela base o grandioso edificio, estranho exemplo de uma concepção puramente philosophica a moldar directamente as realidades e a regular os movimentos de formidaveis e complexas forças vivas!

Até que um dia o imperador ungido — o chefe secular da christandade, a sentinella avançada da fé, o protector dos povos occidentaes contra as tentativas dos *pagãos* — se achou reduzido á soberania illusoria de um paiz extenuado e enfermo, se reconheceu incapaz de sustentar o antigo prestigio á face de monarchias tão poderosas como a Inglaterra e a França, e viu apagarem-se os seus augustos titulos juntamente com nações sobre que o Sacro-Imperio-Romano-Germanico assentava o seu nome e razão de existencia.

Excepto no seu dominio hereditario, que elle regia autocraticamente, a sua auctoridade era puramente honorifica, nominal. O restante do imperio estava dividido em nada menos de 300 estados distinctos: alguns medindo 8 a 10 leguas quadradas; varios, como a Prussia, territorialmente descontinuos; muitos emmaranhados, encravados uns nos outros por complicadas peripecias de conquista e successão. Governavam-nos soberanos independentes, com direito de mover guerra e concluir tratados, ficando resalvados os interesses do Imperio, — clausula vaga e não difficil de illudir.

Nove de entre os mais poderosos formavam o Collegio Eleitoral, a quem a Bulla de Ouro de Carlos IV confirmára o disputado privilegio de escolher o sacro-imperador.

Eram elles quem no acto da eleição impunham ao nomeado o juramento de varios artigos significativamente chamados *capitulações* e rezando que o imperador respeitaria os privilegios dos principes, auxilial-os-ia a reprimir as rebelliões dos seus vassallos e não receberia contra nenhum d'elles queixa ou aggravo sem lh'o participar. Os attributos distinctivos do imperador limitavam-se á nomeação para benesses e á collação de titulos honorificos; para qualquer outro exercicio de auctorida-

de cumpria-lhe solicitar o concurso, e portanto admittir a ingerencia dos seus altivos subordinados. Era, em theoria, o arbitro nas contendas que surgissem entre os principes; de facto, estes decidiam-nas pelas armas.

Existia um tribunal imperial de justiça, de que o imperador nomeava o presidente, e os diversos estados os vogaes. Mas por falta de força, que lhe tornasse effectivas as sentenças, esse corpo não offerecia aos pequenos e humildes mais do que uma garantia illusoria; triste verdade experimental que, alliada ao moroso dos processos, dava em resultado absterem-se os estados, uns de nomear juiz, outros de pagar ao que haviam nomeado.

De resto, o systema judicial do Imperio padecia todo elle dos mesmos achaques: ignorancia e venalidade extremas dos juizes, excessiva demora nos processos, rapacidade e prepotencia dos empregados subalternos.

Um relatorio official, escripto por ordem do grande Frederico, informa que todo o pessoal inferior dos tribunaes da Nova Marca vivia do roubo e calava a cacete as reclamações dos espoliados.

O imperador não podia mover guerra sem o consentimento do *Reichstag;* cabia-lhe comtudo nomear o commandante em chefe e o estado-maior do exercito, d'aquelle carnavalesco exercito imperial que tão franca hilaridade despertava á França de Luiz XIV. No papel orçava durante a paz por quarenta mil homens, que, havendo guerra, podiam elevar-se a cento e vinte mil; em realidade nunca o Sacro-Imperio alinhou em campo tantos combatentes. Mas o desfalque numerico era vistosamente compensado pela arlequinesca variedade no armamento e uniforme; cada principete arreiava o seu *contingente* não só á sua custa, mas á sua moda; potentados havia que forneciam dois soldados.

Não menos curiosas que o aspecto exterior eram certas peculiaridades na organisação de um regimento d'aquelles: como os estados intervinham, proporcionalmente á sua importancia, na escolha dos officiaes, não era raro haver na mesma

divisão um capitão nomeado por um conde, um primeiro tenente por uma cidade, um segundo por um chefe de ordem religiosa, ou uma abbadessa. Demais, afim de não irritar parcialidades religiosas, equilibravam-se numericamente os officiaes catholicos e os protestantes. Inutil dizer que a mobilisação d'essas tropas heteroclitas se operava lenta e irregularmente; por fortuna a sacra instituição raros ensejos teve de metter em scena toda a comparsaria.

Mais escassas e irregulares ainda eram as contribuições em dinheiro, que reclamava o erario imperial para despezas militares e civis. Em direito, cada principe era obrigado a uma remessa periodica; mas á falta de apparelho coercitivo que traduzisse o direito em facto, as despezas particulares sobrelevavam ás necessidades communs, a ponto de se deixarem cahir em ruinas os fortes de Kehl e Philipsburg, que guardavam a entrada do imperio, por não pertencerem especialmente a qualquer soberano hereditario.

Se as finanças imperiaes eram miserrimas, a administração imperial não passava de vão simulacro. O paiz estava repartido em dez circulos administrativos, á frente dos quaes havia um funccionario nomeado pelo imperador. Mas essa divisão offerecia o inconveniente de não quadrar com a divisão politica: alguns principes, possuindo terras em varios circulos, valiam-se da multiplicidade de administradores imperiaes para não obedecerem a nenhum; por outro lado, quando um estado occupava quasi todo o circulo, o mesquinho administrador, intimidado pela força e pelo prestigio do soberano, desfazia-se em humildosas condescendencias.

A debilidade do poder executivo central estava longe de ser attenuada pelo poder legislativo. A Dieta, que reunia periodicamente em Ratisbona, compunha-se de tres collegios; o dos nove Eleitores, o dos principes e o dos mandatarios das cidades livres; ora, como se votava por collegios, os dois principescos é que dictavam a lei. Mas essa exclusão do elemento democratico estava longe de envolver o equilibrio dos interesses das monarchias: os Eleitores, fruindo, como senhores de

varios principados, uns poucos de votos no segundo collegio, uniam-se afim de opprimir os pequenos soberanos pobres, que se cotisavam para manter com sacrificio um representante na Dieta. Em condições taes, facil era de prever o resultado final de qualquer discussão e ninguem se importava de a suscitar. O unico debate que poderia deixar de ser ocioso, fôra o que se travasse entre dois soberanos poderosos; mas estes, em regra, preferiam expedientes extra-parlamentares. Os representantes consumiam o tempo em visitas e comprimentos, e no ventilar questões graves de etiqueta; por exemplo: se os embaixadores dos principes deviam sentar-se em poltronas forradas de vermelho, ou simplesmente de verde, côr evidentemente menos honorifica!...

A servidão legal sob varias fórmas era a condição do povo; por povo entenda-se o camponez, pois a industria allemã valia pouco. Verdade é que antes do decreto prussiano de emancipação já alguns soberanos tinham libertado os servos em parte dos seus dominios; mas a medida não se generalisou; a opinião publica aceitou-a sem enthusiasmo. Houve quem dissesse que abandonar os aldeões á propria iniciativa era abandonal-os á miseria, ao mal; que não estavam bastante civilisados para serem senhores seus. Pouco civilisados, com effeito, estavam! Rudes e inconscientes animaes de carga, passavam a vida n'um labutar reverente e docil em serviço de um formigueiro de tyrannetes, qual d'elles o mais insupportavel e ridiculo. Á imitação dos seus mais poderosos pares, insignificantes principesitos sustentavam exercito permanente, companhia de opera e corpo de baile, companhia dramatica, matilhas de caça, innumeras e sumptuosas residencias, concubinas — todo um trem de vida faustosa [1]. Alguns, como o de Hessen, vendiam os sub-

[1] Esse fausto era ás vezes de uma puerilidade cruel. Tendo um eleitor da Baviera recebido dinheiro do cardeal Fleury para guerrear Maria Thereza, empregou-o em mandar vir de Paris 9 casacos de tela de ouro e prata bordados e agaloados, 2 roupões de luxo e competentes *dessous de toilette* igualmente de luxo, 200 arrateis de tela de ouro e prata para os vestidos das princezas, um

ditos ao estrangeiro para ajuda de custo [1]. Mais tarde, sob a influencia do bucolismo philosophico de Rousseau, o aldeão cresceu de importancia; principiaram a respeitar n'elle o cultivador da terra, o representante de uma condição de vida que apparecia então como a mais conforme á natureza, á razão, á virtude; comprehenderam que aquelles corpos vergados á lida, moídos de castigos arbitrarios e violentos, abrigavam, não menos do que o regalado organismo de um nobre, a dignidade inviolavel da alma humana. Achou-se equitativo fazel-o participar nas vantagens de uma civilisação, de que elle era a base necessaria, illuminar-lhe o espirito, moralisal-o.

D'ahi, sinceros esforços para desenvolver a instrucção primaria nas communas ruraes. O conde de Rochow, cujo nome ficou registrado com louvor na historia da pedagogia e na da beneficencia esclarecida, não só dispendeu parte da sua fortuna em montar boas escólas nos seus dominios, mas escreveu para uso da infancia das aldeias varios livros, que mandou vender a infimo preço.

Desejoso de offerecer aos vassallos alguma compensação das formidaveis sangrias que n'elles operava a sua politica militar, já o grande Frederico procurára melhorar a sorte do povo: reformou a justiça, estabeleceu industrias, abriu canaes, sanecu pantanos, colonisou maninhos, contratou professores competentes para as escólas campestres, regulamentou a instrucção

grande coche de embaixador forrado de velludo e ouro e com arreios a condizer, uma berlinda dourada para S. A. Eleitoral, guarnecida interiormente com talha dourada e tendo arreios a condizer, 8:000 varas de galão de ouro e 300 marcos de galão de prata para librés, etc. Tudo isto era destinado ao sequito que o devia acompanhar a Francfort onde esperava ser eleito imperador com o apoio da França. (Laurent, *La Politique Royale*, pag. 258).

[1] Não assenta n'uma pura invenção de poeta a scena do drama *Kabale und Liebe*, em que um creado, entregando á amante do principe um cofre de preciosissimas joias:

— «Homem — lhe diz ella, assombrada — quanto deu teu amo por estas pedras?

— Não lhe custaram um real. Hontem embarcaram-se para a America 7:000 filhos d'esta terra. *Elles* é que pagaram tudo».

primaria, fixando o periodo escolar obrigatorio dos cinco aos quatorze annos e creou nada menos que oito escolas normaes. Mas nem as correntes philantropicas da moda, nem os beneficios interesseiros do «despotismo illustrado», implicavam uma reforma na condição social do povo, tal como a reclamou a revolução franceza, ou tal como posteriormente a entendeu Stein.

Se os costumes do povo eram grosseiros e cynicos, os da nobreza eram molles e dissolutos; de um lado a miseria, a bruteza, do outro a frivolidade, a febre de gozar, aturdir-se. Isolando-se nas suas eminencias privilegiadas, a aristocracia, rendida á superior cultura franceza, fazia gala de desprezar quanto fosse allemão: a lingua — que abandonava á domesticidade e á plebe —, o gosto, as maneiras e até os artefactos.

O clero lutherano, servil perante os principes e contribuindo para lhes consolidar o poder absoluto, estava longe de arder pelo povo em zelo pastoral: desamparava-o á ignorancia, ás tribulações, e limitava-se a impôr-lhe, pela ameaça das penas eternas, a assiduidade no assistir ao serviço divino e a obediencia e respeito que a grosseria dos costumes clericaes tendia a abalar. Desviando-se do espirito da Reforma, os pastores interpunham-se como mediums indispensaveis entre a consciencia e Deus; no pulpito, as suas chocarrices, esgares e artificios theatraes profanavam o templo, escandalisando as almas pias e — picante pormenor — tinham ido, no dizer de Brühl, até mercadejar com o resgate das penitencias ecclesiasticas, incorrendo assim na simonia, que Luthero tão energicamente verberou na Igreja de Roma.

A educação das creanças era deploravel. Afeitos ao systema da pancada, os pequenos tremiam dos paes como do proprio demonio. Das peculiaridades da alma infantil não havia a menor idéa. Não era raro que meninas e rapazes crescessem até os dez ou doze annos entregues á creadagem, permittindo-se-lhes apenas de quando em quando o mimo de estarem com seus progenitores. D'essa idade por diante passavam para as mãos de um preceptor ou preceptora, que geralmente pouco valiam e pouquissimo ganhavam; conta M^me^ Gottsched que nin-

guem dava a um preceptor mais de 40 thalers annuaes [1], e ainda assim era preciso que elle se encarregasse da contabilidade domestica. A educação da escóla estava á altura da que ministrava a familia; basta dizer que em cidades desenvolvidas como Hamburgo não era raro verem-se officiaes *manqués* de ferreiro, carpinteiro ou alfaiate, ás vezes até lacaios sem emprego, erigirem-se em mestre-escólas e tyrannisarem grande numero de creanças [2].

As universidades, pouco frequentadas, iam em plena decadencia. O ensino era pedantesco, frivolo; os estudantes, madraços, entregavam-se a vicios e desordens — *bestialidades*, diziam os contemporaneos; os professores, tristes personagens de espirito chato e espinha dorsal flexibilissima, eram magramente remunerados pelos governos e para viver precisavam das contribuições matriculares dos alumnos. Viam-se, portanto, apertados pelo seguinte dilemma: ou transigir, usando uma tolerancia vergonhosa, ou presenciarem um vacuo desolador nas aulas... e nas algibeiras — sem fallar no desfavor, nem sempre mui delicadamente manifestado, dos governos, para quem a deserção dos alumnos importaria diminuição na renda proveniente dos direitos de consumo local.

Imprensa politica regular, ainda em 1750 a não havia. A profissão de jornalista era até desconsiderada. Comprehende-se, emfim, que um homem de certa valia difficilmente se resolvesse a abraçal-a, tão precarias vantagens offerecia, tão provaveis e inuteis dissabores a quem pretendesse defender a razão e o bom direito! Á menor expressão que desagradasse ás auctoridades, o jornal era supprimido, o publicista preso e não raro sujeito a penas affrontosas. Frederico II mandou applicar a um

[1] Aproximadamente 43$000 reis.

[2] Ainda em 1737 o regulamento escolar da Pomerania ordena que o mestre, além de exercer suas funcções especiaes, tenha algum outro trabalho, afim de não ser tão pesado á communa. A lei de 1736 (Frederico-Guilherme I) diz que no caso de não ser official de officio o mestre escóla, possa elle no tempo das colheitas ir trabalhar como jornaleiro durante seis semanas. (*Encyclopædie des Erziehungs und Unterrichtswesens*, de Rolfus, art. *Preussen*).

redactor de gazeta, culpado de sympathias politicas differentes das suas, vinte e duas bastonadas com ordem de cobrar recibo...

As guerras da Reforma tinham empobrecido o paiz de homens, recursos e actividade; pontos houve em que deixaram a população reduzida a um decimo. A industria allemã, outr'ora tão florescente, paralysou-se. O commercio restringiu-se ao necessario; nem podiam de modo algum contribuir para restaural-o o systema das alfandegas interiores de estado para estado e a infinita diversidade de pesos e medidas.

Relanceando, pois, o olhar sobre o vasto conjunto do imperio germanico, nem um só orgão vemos que funccione por modo normal e sadio. A divisão no territorio, nos dialectos, religião, governo, costumes e direitos, cultivada pelo estreito e imprevidente egoismo dos principes, alimenta a exhaustão economica, produz na ordem politica o torpôr e a desunião.

O sentimento nacional vai-se pouco e pouco obliterando e ameaça definitivamente extinguir-se.

De resto o patriotismo, tal qual o entendiam os antigos e o volveram a comprehender as nacionalidades actuaes, não existia em rigor para os subditos do imperio allemão: a guerra entre alguns d'aquelles 300 estados não era considerada guerra civil; a intervenção do estrangeiro foi sempre invocada e aceite por elles sem rebuço. Apenas um ou outro sonhador construia mentalmente uma patria, reunindo os elementos dispersos que em verdade havia para a sua formação.

Na ordem dos factos, porém, a communidade de raça, de lingua, de litteratura, de interesses, de concepções religiosas fundamentaes, não bastam para formar uma patria; cumpre que esses materiaes se organisem em corpo, constituindo o Estado. Esta proposição, evidente aos allemães de hoje, levaram os seus recentes antepassados mais de um seculo a realisar por modo gradual e systematico, admiravel na sua inconsciencia; pois grande parte dos esforços precedeu a inteira comprehensão do fim. Um instincto providencial afastou os contemplativos filhos da Germania de pretenderem de chofre a unidade

politica. Aliás fôra ella provavelmente retardada; a caudal de forças que lenta, mas irresistivelmente, para lá conduzia a Allemanha, ter-se-hia desvirtuado em tentativas insubsistentes para restaurar a instituição anachronica do Sacro-Imperio. Ter-se-hia perturbado essa longa e dolorosa fermentação, em que a adversidade não actuou decerto como a menos efficaz das leveduras, e de onde o paiz, atravessando as phases necessarias da unificação intellectual e moral, resurgiu viavel, forte, cheio de confiança em si, misticamente crente na grandeza da sua missão historica futura, e praticamente armado contra o audaz que pretendesse estorvar-lhe o desenvolvimento.

III

O primeiro latejar do sentimento nacional n'aquelle corpo entorpecido partiu, não do seio das massas, mas da acção de individualidades energicas, embora desiguaes no esplendor. Assim é que o patriotismo ardente de Leibnitz teve por continuador Thomasius, hoje obsoleto, e comtudo no seu tempo um nome de influencia talvez praticamente maior que a do grande metaphysico; é d'elle que data a reforma da jurisprudencia nas universidades, a introducção do estudo das antigas leis germanicas a par do direito romano e canonico. Leibnitz, pelo contrario, viu mallogrado não só o seu desejo de ser toda a Allemanha regida por uma unica legislação, como os seus planos para restituir ao commercio e industria nacionaes a importancia que dentro do paiz haviam occupado as da França. É curioso notar que já então a idéa d'uma guerra commercial lhe occorresse como a mais poderosa arma de que um paiz militarmente fraco póde servir-se contra um inimigo victorioso. Mas nem esse conselho foi ouvido, nem adoptados os expedientes positivos que perfaziam o conjunto das reformas ambicionadas: a suppressão das alfandegas interiores, a uniformisação das moedas, pesos e medidas, a creação de novas industrias. Inattendidas ficaram igualmente as suas apaixonadas reclamações a favor da lingua patria, tão opulenta e poetica, tão essencialmente honrada, se-

gundo elle, que se não presta a exprimir mentiras; esquecel-a é arrastar a Allemanha á sua perda; abandonal-a pela franceza é commetter um suicidio. Mas Leibnitz prégava no deserto.

Volvidos annos já, Wolf, o «instructor da Allemanha», o methodisador racionalista de todo o saber coevo, escreveu em allemão de preferencia ao latim, não só para fallar a maior numero de leitores, como por «ter experimentado» que das duas linguas é a allemã que melhor se «presta á sciencia». E este pleitear tenaz a favor do idioma tudesco atravessa os desdens gallomaniacos de Frederico II, para reviver nas paginas eloquentes de Herder, nas calorosas exhortações de Fichte. Comparando-a ás linguas romanas, um e outro proclamam a superioridade da allemã; exalta-a Fichte a titulo de antiguidade e pureza, Herder pugna pelo seu direito á existencia, como expressão d'uma raça; e, não satisfeito de pôr-lhe em relevo as qualidades estheticas, reimpelle á circulação o pensamento de Luthero e de Leibnitz: que ella «só se presta naturalmente a exprimir o que fôr verdadeiro; e a quem d'ella pretender outra coisa esquiva-se ou obedece mal».

Com graça diz Brühl que, á maneira por que em Roma se fallava correctamente em fé punica, como se a fé romana fosse inviolavel, os escriptores allemães decidiram que os idiomas romanos são ageis, insinuantes, diplomaticos, surprehendentemente proprios a exprimir a mentira, emquanto o allemão é o orgão incorruptivel da verdade.

Mas não param n'essa affirmação de virtudes linguisticas as engenhosas construcções do patriotismo de Herder. O atrazo da litteratura nacional, a separação entre as classes elevadas e o povo, a facilidade no aceitar a contínua intervenção estrangeira, foram na sua opinião os menores de entre os males que a geral adopção do francez acarretou. Essa lingua tão agil e clara, producto genuinamente gaulez, era em si propria um veneno para o espirito allemão. No mover-se dentro d'um involucro tão inadequado, o pensar e o sentir alteram-se, desvirtuam-se. Não se obriga impunemente um cerebro ao incessante trans-

porte das suas harmonias espontaneas. A abundancia de contrasensos e sentimentos falsos, de que estão recheadas as correspondencias em francez de allemães do seculo XVIII, poderia ser invocada como prova de que a impropriedade da expressão produz a fraqueza e hypocrisia do pensamento. Este subtil encarecer da reacção da fórma sobre a idéa traz-nos á memoria aquelle personagem de Poe, que provocava certos estados da alma simplesmente com dar á physionomia a expressão correspondente...

Mas, em summa, boas razões tinha Herder para combater em prol do allemão. A lingua é a expressão immediata e a mais completa da alma d'um povo; tocar-lhe na lingua nacional é feril-o no amago do seu viver; a historia mostra-nos os povos vencidos encontrando no apego á sua lingua um estimulo a desesperadas luctas. De resto, a defeza do allemão em 1794, quando já com elle se haviam construido bellos monumentos litterarios, era tarefa mais facil do que no tempo em que Thomasius escandalisou as universidades do seu paiz abrindo um curso de fallar vernaculo e em que se dizia do primeiro ensaio de historia nacional que «tão bom livro merecia ser escripto em latim». Então a litteratura vegetava na mais chata e lugubre insignificancia. Com a mira em serem pagos, já que decerto a consciencia lhes vedava a ambição de serem lidos, poetas e prosadores celebravam o nascimento, o consorcio, a morte dos grandes, por catadupas de grotesca lisonja.

A influencia ingleza, levemente progressiva, manifestou-se por imitações de Pope e Thompson, e sobretudo por grande quantidade de revistas á maneira do *Spectator* de Addison. Comquanto essas publicações sejam de mediocre valor sob o ponto de vista litterario, o seu apparecimento assignala a emersão d'um factor importante nos futuros destinos do paiz: a classe média ou burgueza. De facto, é para fornecer alimento aos novos appetites intellectuaes do burguez que, deixando em descanço a theologia, as revistas se occupam de assumptos domesticos e sociaes, de moral, de pedagogia e occasionalmente de sciencia. É no interesse da familia burgueza que ellas pro-

curam depurar o gosto, elevar a conversação das senhoras, humanisar a educação das creanças, acabar com as ruinosas viagens pelo estrangeiro, que era de rigor permittirem-se aos moços, fustigar de ridiculo as tendencias a parodiar a nobreza no estylo de vida, encontrar finalmente a justa medida, o tom especial, o *bon genre* proprio d'essa classe em formação e que já se mostrava capaz de independencia, ávida de progresso e de luzes.

Sobre terreno tão favoravelmente preparado, a pura moral de Wolf ergueu abundante seara de bençãos; a educação da creança torna-se o objecto de viva solicitude; os deveres entre esposos, entre paes e filhos, entre amos e servos, adquirem imperio sobre as almas. E emquanto a nobreza ociosa e frivola macaqueia a sociedade franceza, — a burguezia intelligente, economica e laboriosa, profundamente allemã no pensar, no sentir e no viver, vai creando no seio os grandes genios que fundarão a litteratura nacional, e um publico sympathico para os saudar como seus representantes, para os seguir como seus mestres.

Foi por esse tempo (1737) que se fundou a universidade de Gottingen ao impulso do barão de Munchhausen, grande amigo e protector das letras allemãs. Os professores lograram vencimentos que lhes permittiram viver na independencia e dignidade; foi-lhes ampliada a liberdade de fallar e escrever, e tomaram-se providencias para impedir que a secção de theologia se mettesse a superintendente das restantes. O ensino recebeu uma orientação mais racional, desappareceu a erudição bolorenta, da qual Gessner nos conservou um frisante exemplo no caso d'aquelle explicador que dispendeu quatro lições com uma unica palavra d'uma phrase de Aristoteles. Se nas antigas universidades continuava a predominar o estudo da theologia e da philosophia, em Gottingen eram mais numerosas as matriculas, quer em direito politico e historia, quer em philologia e sciencias naturaes.

Assim, o segundo terço do seculo XVIII estreava-se favoravel á Allemanha; por um lado irradiava do circulo da familia um recrudescimento de força moral; por outro, a organisação

d'uma universidade n'essas condições, isenta de intenção secreta, politica ou religiosa, marcava o alvorecer d'uma nova vida scientifica.

IV

Bellas, salvadoras como foram as doutrinas moraes de Wolf, o pensador do seculo XIX nota-lhes a lacuna de ignorarem completamente os deveres civicos: o illustre professor estava longe de ser um patriota, e muito se admiraria decerto que lh'o estranhassem como defeito. Os interesses politicos da Allemanha, os movimentos das potencias rivaes sobre o taboleiro europeu importaram-lhe pouco. O orgulho nacional apenas lhe inspira o desejo de que a Allemanha conserve entre as demais nações um logar elevado na philosophia e nas letras; n'esse intuito empenha o melhor das suas forças.

Um caso typico e saliente do mesmo indifferentismo politico apparece-nos em Gellert, contemporaneo de Frederico o Grande. O acanhado horisonte do amavel professor abraça apenas tres circulos em que o individuo possa mover-se virtuosa e racionalmente: o da familia e dos amigos, o da humanidade e o da sociedade religiosa. As principaes virtudes são, no seu entender, a brandura e a humildade. O aspecto d'um soldado causava-lhe tremuras; ignorava as batalhas que se feriam a um par de leguas da sua residencia; mas se contasse um amigo em qualquer das hostes belligerantes, não tinha socego, emquanto d'elle não recebia noticias.

Pois este homem inspirou ao povo, burguezia e nobreza uma veneração que lindava com a idolatria. Nas aldeias havia muitas casas em que, a par da Biblia e obras piedosas, os unicos livros existentes eram os escriptos de Gellert. A sua morte foi um luto geral; e a affluencia ao seu tumulo tamanha, que a auctoridade de Leipzig se viu obrigada, para manter a ordem, a prohibir-lhe o accesso.

N'um paiz sólida e homogeneamente constituido, seria um

symptoma de dissolução semelhante culto. Mas no incoherente amalgama que formava a Allemanha de então, o indifferentismo politico não é para estranhar. Mais ainda: a direcção inoffensiva e amavel, que tomaram as forças excluidas do seu legitimo campo de actividade civica, vem abonar a indole do povo. Comprehendia-se em rigor o patriotismo austriaco, o patriotismo prussiano; em uma e outra monarchia existiam nucleos de tradições politicas e militares; mas em que se poderia basear o patriotismo allemão? Debalde Klopstock faz ferver a musa a ponto de enthusiasmo pelos guerreiros Cheruscos: a vibração artificial da sua lyra morre no vacuo; debalde procura para assumpto da sua epopêa uma interessante legenda commum a todas as terras «*wo die deutsche Sprache klingt*»; para ser ouvido tem que substituir por um thema religioso o thema patriotico, porque entre os allemães do seu tempo e o remoto passado commum estendem-se bravias charnecas, onde, no meio d'um tojal de antagonismos, odios e guerras civis, o particularismo ergue ferozmente as cem cabeças. Esse desapego natural do desventurado Gellert, não tardou a encontrar — oh suprema dita para o espirito allemão! — o apoio e orgulho da sancção philosophica, expressa nas doutrinas do cosmopolitismo.

A noção da patria, tal qual a entendiam os antigos, tal qual a historia a mostrava, salpicada de sangue e enlameada de traições, afigurava-se um resto de barbaria, um ideal estreito e deprimente. Acima d'ella surgia colossal e radiante de pureza a imagem d'uma vasta humanidade pacifica, sem guarnição de fronteiras, sem antagonismo de raças, cooperando fraternalmente nas obras de civilisação. A dolorosa realidade necessaria foi sentenciada e banida; a ridente chimera optimista soltou-se, e, abrindo as azas de ouro, deixou illuminado o espaço com o fulgor d'um vôo ephemero.

Muito caro se pagam os sonhos: a Allemanha despertou da sua bella visão cosmopolita em Iena...

Mas dos que saudaram o alvorecer da seductora utopia, muitos não presenciaram nem presentiram a derrocada final. Jámais houve paiz mais apto a receber uma doutrina, jámais

doutrina que melhor quadrasse a todas as disposições d'um paiz. Entre os seus ficis e celebrantes contam-se alguns dos mais illustres nomes da Allemanha: Lessing, Schiller e Gœthe morreram cosmopolitas puros; Herder e Fichte foram-no até certa data. Todos elles proclamam que a humanidade é um ideal superior para os espiritos civilisados, e que o verdadeiro patriota é cosmopolita.

Lessing declara não sentir o que se chama patriotismo, e considera-o, quando muito, uma fraqueza heroica perfeitamente dispensavel.

Schiller reprova o patriotismo exclusivo como anti-philosophico; não concebe como possa alguem restringir-se a uma fórma da humanidade tão arbitrariamente determinada, a uma especie de fragmento, e enthusiasmar-se por elle. Exceptua o caso em que a existencia e conservação d'esse *fragmento* lhe appareça como proveitoso para o progresso da especie humana. Assim a França, durante a Revolução, tornou-se a patria dos homens de claro entendimento e boa vontade, porque tentava uma experiencia a bem da humanidade inteira.

Herder admitte que, no amor da humanidade, é legitimo e innocente que o individuo talhe para o logar e a communidade que o viram nascer, para a lingua que falla, um sentimento mais terno; mas o objecto d'esse patriotismo sentimental tanto póde ser uma casa, uma cidade ou aldeia, como uma grande nação. E tudo quanto d'ahi passar parece-lhe criminosa loucura; horrorisam-no as carnificinas militares que o patriotismo exclusivo quasi sempre occasiona. « Patrias empenhadas contra outras patrias em lucta sangrenta, eis o peor barbarismo ainda inventado em linguas de homens ».

Gœthe, percebendo nitidamente os males de que a Allemanha soffria, deixava aos estadistas a tarefa de reformadores, e servia o seu paiz trabalhando pelos seus interesses espirituaes, a que lhe não pareciam necessariamente ligados os politicos. « Estou cançado, escrevia elle em 1772, nos *Frankfurter gelehrten Anzeigen*, de ouvir dizer que nos falta patriotismo, que não temos patria. Palavriado puro! Quem tem no mundo um logar

onde viva socegado com o que possue, um campo que o sustente, uma casa que o abrigue, não terá patria? Para quê tantos esforços inuteis afim de resuscitar um sentimento que já não póde ser nosso, que só existiu e só existe entre certos povos, em determinados momentos historicos, e resulta de certo concurso de circumstancias? Patriotismo como o entendiam os antigos Romanos, Deus nos livre d'elle!»

Toda a Allemanha pensante o acompanhava n'este voto. E é n'esse mesmo paiz que, mal volvido um seculo, o anathematisado civismo antigo renasce intransigente, feroz, armado dos raios da guerra, e o militarismo patriotico transforma a fabrica de millenios humanitarios em uma tremenda panoplia!

Tão pouca attracção offerecia a esse luzido grupo de pensadores a noção de uma patria geographica e politica, tanta exercia a de uma Allemanha ideal, independente de guerras e tratados, composta de homens fallando a mesma lingua e homogeneos no sentir e no pensar! Pela consolidação e engrandecimento d'ella, pelo zelo das suas glorias espirituaes e pacificas se exaltavam os corações, se afadigavam as intelligencias; e é n'esses gloriosos esforços ao serviço da patria das almas, que verdadeiramente assenta a sua importancia a patria actual dos cidadãos.

Foram elles quem doaram ao povo germanico o maior, o mais essencial dos bens: a confiança em si, a consciencia do seu valor. As obras d'esses homens geniaes constituiram o patrimonio commum dos allemães n'uma época em que nada tinham de commum além da raça e da lingua; foram ellas que lhes ergueram um baluarte cuja solidez o myope materialismo de Napoleão nem suspeitou. «Como suppôr, diz Brühl, que uma certa idéa do caracter allemão, da lingua allemã, da missão allemã profundamente gravada nos espiritos, podesse constituir uma força capaz de contrabalançar Austerlitz, Iena, e o prestigio da gloria franceza?»

Sem pretender diminuir a parte dos seus collaboradores, é na vastissima obra de Herder que os materiaes d'esse baluarte se encontram em maior abundancia, elaborados até á fórma de-

finitiva com que deviam entrar em uso. Já conhecemos o seu zelo pela lingua allemã; o seu retrato moral do allemão ficou celebre entre os estudos de povos, a que o levou a sua critica sympathisadora e comprehensiva. Segundo elle, são qualidades caracteristicas do allemão a coragem, a abnegação, a lealdade. A lealdade, a boa fé, são a base de toda a moral; ora a natureza do allemão é essencialmente moral; é por esse lado que elle se distingue das outras nações.

Podemos achar comicamente subtil a dialectica de que Herder se serve para manter essa affirmativa á face da corrupção que o cercava; o facto é que os seus compatriotas a aceitaram como escriptura e se reconheceram unanime e complacentemente no lisonjeiro retrato.

Consequencia do cosmopolitismo, reinava já então a tendencia de avaliar a historia particular das nações, considerando-as como factores na evolução da humanidade. Ora como as qualidades essenciaes de um povo não variam, como na evolução da humanidade difficilmente haverá dois momentos iguaes, e reclamando portanto a acção de iguaes forças,—devemos concluir que um povo, depois de cumprida a missão historica para a qual está especialmente qualificado, deve abandonar na orchestra universal o logar de violino marcante e escolher entre um discreto acompanhar do novo regente e a suppressão definitiva.

Herder não deixou, como era natural, de invocar e aproveitar a celebre theoria das missões historicas. Na sua opinião o genio das raças latinas descahia do zenith ao occaso, prestes a mergulhar na sombra de um passado glorioso, emquanto o juvenil genio da Germania mal despontava no luminoso estadio do futuro. E qual seria essa missão da Allemanha, raiando na oppressão, na miseria, na dôr? Aqui entra em jogo a terceira das qualidades caracteristicas allemãs, segundo Herder, a abnegação. É por ella que esse grande povo, tão infeliz e tão paciente, esquece os proprios males para trabalhar obscuro e resignado na sua obra santissima de educar o mundo, ser como a philosophia viva do universo.

Como vemos, a missão, de que se julgava incumbida a Alle-

manha do seculo XVIII, differia bastante da que pretendia desempenhar o Sacro-Imperio e talvez não menos da que porventura se propõe o imperio allemão actual...

Sómente para que occorresse a esses generosos philantropos que o cumprimento de qualquer missão envolve a existencia do missionario; que o subsistir é problematico para um paiz doente, fraco, á mercê de visinhos habeis e poderosos; que nenhuma força espiritual, por mais vigorosa que seja, póde operar sobre realidades sem o vehiculo material de um corpo e que o corpo de uma alma nacional activa é o Estado — foi necessaria a presença dos soldados estrangeiros sobre o sólo allemão.

A esse contacto brutal os espiritos, abruptamente despertos da sua illusão sublime, comprehenderam que tinham andado como creanças a edificar sobre areia. A evolução, que então se operou sobre o cosmopolitismo, ficou expressa n'estas palavras do seu mais fervoroso apostolo: uma nação incapaz de se proteger contra o estrangeiro não é realmente uma nação, não merece a honra de tal nome.

V

A Prussia, que foi derrotada em Iena e desmembrada pela paz de Tilsitt, estava longe de ser a Prussia de Frederico II. O grande monarcha deixára-a forte, gloriosa e temida, dotada de consideraveis melhoramentos, administrada com economia, servida por um exercito disciplinado. Mas o breve reinado de seu filho viu muito demudado aquelle estado de coisas. A acreditarmos o insuspeito historiador Philipson, reinavam no exercito a ignorancia, o egoismo, a completa ausencia de dedicação ao rei e á patria; entre os funccionarios civis a apathia, a inveja, o espirito de disputa, pouca intelligencia e menos boa vontade; em todas as classes superiores o desejo de gozar, a reluctancia pelo esforço, e, junta a uma desdenhosa abstenção de produzir, essa tendencia para tudo criticar, tão caracteristica das épocas, em

que uma requintada civilisação desenvolve as qualidades da intelligencia a expensas das da vontade.

A doutrina do individualismo, da affirmação triumphante da personalidade, generalisada deploravelmente, e exaggerada até ás ultimas consequencias na esphera das relações moraes, produziu o egoismo infrene e absoluto. Cada qual tratava de se arranjar na vida o mais confortavelmente possivel, fechando os olhos á inevitavel solidariedade que prende entre si os membros de uma communidade social. O celebre esculptor Schadow deixou-nos da metropole de Frederico-Guilherme II uma expressiva pintura, que attenuamos: «A dissolução de costumes era extrema. Toda a gente se embriagava com champagne, devorava goloseimas, praticava excessos de toda a casta. Potsdam era um lupanar... A alta nobreza levava a palma n'esse ignobil mister... Toda essa gente morreu nova, muitos miseravelmente, incluindo o proprio rei».

A corrupção da côrte, que o exemplar viver conjugal de Frederico-Guilherme III só vagarosa e levemente modificou, foi-se infiltrando nas outras classes, principiando pela militar. Grande parte da officialidade, descurando a sciencia, entregue ao ocio, refinava a arte dos prazeres. Exactamente um dos mais brilhantes officiaes, o malfadado principe Fernando-Luiz, dá-nos testemunho da má condição a que chegára o exercito-modelo do grande Frederico. Nas vesperas da série de revezes que prostraram a Prussia aos pés de Bonaparte, queixa-se elle amargamente de que as tropas estão mal aprovisionadas, mal exercitadas, de que os chefes são decrepitos e andam em desaccordo. Os preconceitos e privilegios da aristocracia contribuiam para impedir a promoção de homens aptos aos altos postos; e embora as ultimas guerras houvessem provado a incapacidade da maioria dos chefes, muitos d'elles já senis, não faltava quem julgasse indecoroso o tocar nas velharias e até nas intrigas dos magnates militares, a que estava fazendo sacrificios uma nação inteira.

Não menos urgente era a reorganisação do poder central; as instituições dispostas a seu geito pelo vencedor de Rossbach, simples canaes auxiliares levando ás suas mãos energicas, omni-

presentes e omniprovidentes, os fios dos negocios publicos, — de modo algum convinham aos debeis monarchas que lhe succederam. Entre o rei e os ministros, que nem se reuniam em conselho, intromettia-se o *gabinete*, composto de aulicos irresponsaveis que impediam a cordial fusão de vistas entre os funccionarios e os chefes, e embaraçavam a prompta execução das ordens. Mas debalde o barão de Stein, chamado ao poder, clamava contra essa nociva excrescencia; debalde, allegando a immoralidade de Haugwitz e seus amigos, exigia que a mudança de regimen fosse acompanhada de mudanças no pessoal; irritado com a franqueza e insistencia dos conselhos, Frederico-Guilherme III demittiu o estadista.

Não tardou muito que elle voltasse, abalado pelo convite do rei, persuadido pelas instancias da rainha, decidido pela urgencia da occasião: foi em 1807, no momento angustioso da debandada, quando todos sentiram que era imperiosamente necessaria a mão de um homem, quando, concluida a paz de Tilsitt, os francezes occuparam a Allemanha. A familia real tinha-se retirado para Konigsberg; e Schulenburg, o commandante da praça de Berlim, havia annunciado aos habitantes a proxima entrada do vencedor, n'uma proclamação que principia por estas palavras: «O primeiro dever do cidadão é o socego!» [1]

As tropas inimigas opprimiam moral e financeiramente a nação; os intendentes e generaes de Bonaparte aggravaram os males inevitaveis, juntando a rapacidade á tyrannia. O commercio declinava, paravam manufacturas, alterava-se a circulação monetaria, milhares de familias soffriam fome, a população diminuia, ficavam por lavrar muitas terras, e entretanto era

[1] Tambem entre nós se deu um caso analogo. Quando em 1807 Junot invadiu Portugal, o cardeal-patriarcha disse na sua pastoral de 8 de dezembro aos povos da sua circumscripção: «Devemos, primeiro que tudo, com coração contrito e humilhado agradecer-lhe (a Deus) tantos e tão contínuos beneficios que da sua mão liberal temos recebido; sendo um d'elles a boa ordem e quietação com que n'este reino tem sido recebido um grande exercito, o qual, vindo em nosso soccorro, nos dá bem fundadas esperanças de felicidade».

preciso colligir recursos para o pagamento do pesado imposto de guerra, lançado sobre os vencidos.

Porém, maior do que todos esses males, e superior ás glorias dos exercitos de Napoleão, foi o esclarecido patriotismo com que a Prussia reagiu contra as adversidades accumuladas em tão breve espaço, operando com tanta força.

Aproveitando o momento agudo da crise, sem dar tempo á reconsideração dos animos chicaneiros e irresolutos, Stein deu começo ás suas importantes reformas. O decreto de 9 de outubro de 1807 extinguiu a servidão; não mais foi prohibido adquirir bens de raiz ou emprestar sobre elles, dividir a propriedade ou unificar parcellas; não mais subsistiram os direitos do senhor, pelos quaes este recebia dos adscriptos á gleba uma leonina parte do seu trabalho, e podia embargar-lhes o seguir outra profissão ou offerecer a outrem os seus serviços, o contrahir casamento, o vender ou hypothecar as terras que lavravam.

Os possuidores de feudos despediram contra a reforma um argumento de direito e outro de opportunidade; aquelle negando ao estado a faculdade de lhes tirar proventos e poder; este affirmando as vantagens de manter o servo nas doçuras da vida campezina, dedicado á cultura do sólo e á prosperidade do amo. Porém Stein, embora nascido de um tronco de nobreza secular, estava convencido que a servidão, sobre violar os inalienaveis direitos do homem, era social e economicamente nociva. A idéa dirigente dos seus trabalhos era que a Prussia precisava adquirir em engrandecimento individual o que perdera em territorio; e a tal fim cumpria derrubar todos os obstaculos ao trabalho util. Os senhores feudaes submetteram-se; e apesar de sómente volvidos annos se concluir o que Stein projectára, o decreto entrou logo em execução no que respeitava ás relações pessoaes entre servo e senhor.

A mesma crença na efficacia da iniciativa individual inspirou-lhe varias providencias no sentido de augmentar a autonomia das communas. A seu vêr, a salvação da patria dependia de um renascimento do espirito publico, de que os cidadãos se interessassem pelos negocios do paiz como pelos propriamente

seus, de que cessasse a ubiqua tutela do estado, que reduzia o governo a um mecanismo e inutilisava em grande maioria as forças da nação.

O concerto das finanças prussianas era não menos difficil; Napoleão impunha condições cada vez mais onerosas e o paiz estava exhausto; onde alcançar dinheiro? como accrescentar a verba de impostos? Os soffrimentos eram taes, e parecia tão claramente impossivel continuar a lucta da dignidade dos vencidos com o desdem e animo espoliador dos vencedores, que uma forte corrente de opinião censurava o governo por se não alliar a Bonaparte, indo engrossar o *Rheinbund;* mas Stein persistiu no combate, auxiliado pelos que pensavam como elle, que mais vale soffrer com honra do que obter allivio por meios abjectos. Além de novos impostos, penosissimos de pagar, venderam-se bens da corôa e fizeram-se grandes economias adequadas a um periodo de verdadeira guerra com repugnante apparencia de paz; já se não gastava com o corpo de baile; já se diminuira a despeza com a opera; agora reduziram-se os vencimentos de cem thalers para cima, a principiar pelo de Stein, que ficou em metade. No palacio viveu-se com a maior modestia; a baixella de ouro foi transformada em moeda; o rei prescindiu dos seus rendimentos particulares e os principes cederam um terço dos apanagios.

No exercito foi Scharnhorst, auxiliado sobretudo por Gneisenau, quem introduziu os mais importantes melhoramentos. Apesar de terem de vencer resistencias analogas ás que encontrou Stein, os dois innovadores conseguiram lançar as bases para a reforma das condições materiaes e moraes do exercito prussiano. Entre os seus principaes scopos destacava-se a instrucção militar de todos os cidadãos [1]; era, sob diversas fórmas, a fecunda idéa da combinação das forças individuaes pro-

[1] Tendo a França limitado a Prussia a um exercito de quarenta e dois mil homens, Scharnhorst adoptou o *Krumpersystem*, pelo qual os recrutas só eram demorados em serviço durante o tempo necessario á sua instrucção, sendo immediatamente substituidos por outros.

gressivamente desenvolvidas, ou, por outras palavras, a organisação nacional fundada no livre e ordenado exercicio das faculdades do cidadão.

Diga-se, em abono dos estadistas e homens de acção prussianos, que n'aquella crise decisiva comprehenderam, sem se perderem na utopia, o valor das forças immateriaes e invocaram mais a alma do que o braço do paiz.

Para melhorar o ensino publico vêmos convergindo os persistentes esforços de pedagogos e ministros philosophos e patriotas, esforços de grande alcance, porque não actuam sómente sobre classes pouco numerosas, mas estendem-se á grande massa do povo. Tendo o tratado de Tilsitt tirado á Prussia a cidade de Halle, os professores da universidade vieram em deputação pedir ao rei que a transferisse para Berlim. Este, receando, na fórma do costume, descontentar Napoleão, prometteu simplesmente fundar na metropole nova universidade. Inaugurada effectivamente em 1810; dotada annualmente com perto de 33:000$000 reis, verba significativa, attendendo á precaria situação do thesouro; dirigida pelos mais illustres professores da Allemanha, essa instituição realisou um dos mais fervorosos desejos dos patriotas. O governo e a opinião perceberam quanto se podia esperar dos professores; os professores compenetraram-se das responsabilidades especiaes que incorriam, tomando, em tal época e em taes circumstancias, posse das suas cadeiras. A Universidade de Berlim tornou-se o fóco intellectual da Allemanha do norte, o asylo do mais ardente patriotismo, um poderoso agente d'essa unidade nacional, já então appetecida por todos. Todos emfim percebiam que a extrema divisão, a heterogeneidade do paiz, é que tornára a conquista tão facil, tão humilhante. Os olhos abriam-se á monstruosidade de uma organisação que dava logar, como se fosse um facto natural e legitimo, á formação do *Rheinbund*, em que se viam allemães de mãos dadas com o estrangeiro para guerrear os homens da sua propria raça...

Os devaneios do optimismo humanitario, varridos ao sopro agreste do infortunio, tinham deixado nas almas ulceradas

o odio e o arrependimento. Stein reprova-os com desprezo; Arndt repelle-os com energia: os nossos philosophos, diz elle, marcam-nos uma elevada missão cosmopolita...; para elles a humanidade é mais sublime que a patria...; idéas nobres, mas falsas; não ha humanidade sem povos, não ha povos sem cidadãos livres... e não ha cidadãos livres sem patriotismo.

E eis o patriotismo á antiga, appellidado pejorativamente por Gœthe *eine Riesengestalt*, reinstallado nas aras germanicas, invocado como o deus salvador. Arndt entôa-lhe o hymno a que respondem em côro as consciencias de todos, esse canto de uma vehemencia estranha, expressão de uma patria que deseja nascer... « O que é a patria allemã? onde está? de que a faremos? e que fórma dar-lhe? e sobretudo como a faremos? »

Interrogações difficeis. Respondia-lhes a perplexidade das opiniões divergentes no meio da união das vontades, a todas menos á ultima: sobre os meios immediatos a empregar para tornar realidade poderosa a patria espiritual dos cosmopolitas, deu-se uma notavel unanimidade, que não era pequena garantia de triumpho.

« A lucta das armas acabou; resta a lucta dos principios, dos costumes, dos caracteres — dizia Fichte em 1807 quando pronunciou em Berlim os seus *Discursos á nação allemã*, cortados pelo rufar dos tambores francezes que percorriam as ruas. — Regeneremo-nos; unamo-nos! esqueçamo-nos de nós mesmos para só pensar no bem commum. Foi o egoismo que nos desuniu, nos debilitou, nos perdeu; só o desinteresse, a abnegação patriotica, é que nos podem salvar ».

Na emenda da geração já madura não tinha Fichte grande confiança; pedia-lhe apenas que não paralysasse o ardor dos moços e se prestasse a que a educação da infancia recebesse uma orientação nova; pois era principalmente da boa preparação da infancia que elle esperava a grandeza da futura patria allemã. Comquanto o seu modelo de instituto nunca fosse praticamente posto á prova, é natural que as idéas de Basedow e Pestalozzi, fundidas e modificadas no seu espirito original, ga-

nhassem terreno, devido á contagiosa vehemencia do seu energico apostolado.

Outrotanto succedeu com a moral austera de Kant; foi a calorosa acção do seu discipulo que mais amplamente derramou sobre as almas esse cordial de um gratissimo amargor, cuja esseneia era o culto cego do dever e que tanto poder teve para retemperar as fibras lassas após uma orgia esthetica de egoismo idealisado.

Mas a par de todas essas elevadas influencias e cooperando com tantos e generosos impulsos interiores, é justiça registrar o facto, melancolicamente humano, de que um grande agente externo houve na reconstituição da Allemanha: um odio implacavel, ferocissimo aos francezes. Esse odio figadal, que em 1870 tão rigorosamente affirmou o quanto a lei de talião persiste na consciencia das massas, mau grado toda a casta de influencias benignas e civilisadoras, não datava de um dia; favorecido pelo antagonismo dos temperamentos, fôra irritado pela arrogancia que davam á França de Luiz XIV os faceis louros colhidos sobre a fronteira rhenana e mais tarde aggravado pelas victorias, exasperado pela desdenhosa tyrannia de Napoleão.

Impossivel deslembral-a, quando a cada passo novos vexames aguilhoavam a memoria dos vencidos. A morte da popularissima rainha Luiza, expirante de vergonha e dôr alguns dias depois de regressar á capital; o exilio de Stein (*un nommé Stein,* dizia insolentemente a ordem do cesar); a execução do livreiro Palmer, a do professor Sternberg, a do heroico Andreas Hofer; o tratamento dos valentes voluntarios de Schill, como se fossem uma quadrilha de malfeitores; a dissolução do *Tugendbund;* a constante ingerencia de Bonaparte nas coisas militares da Prussia; a forçada demissão de Blücher; a inspecção das obras em Kolberg pelo secretario do embaixador francez — tudo eram gottas de oleo cahindo sobre a lavareda ateada pelas prepotencias da conquista.

E quando Frederico-Guilherme III se obrigou por tratado a dar não só livre passagem, mas até um reforço de cêrca de

vinte mil homens ao exercito francez no caso de guerra com a Russia, sua antiga alliada, Scharnhorst, Gneisenau e outros officiaes preferiram dar baixa a aceitar a repugnante situação.

O paiz estava de coração com elles, prompto a pegar em armas. Tendo o conde de S^t^ Marsau, embaixador francez, perguntado a Hardenberg a significação de certos preparativos militares, o conselheiro respondeu que « o rei precisava armar o povo para evitar que o povo se armasse contra o rei ».

Sem embargo, o timido monarcha hesitava sempre; hesitou mesmo depois da retirada de Moscow e da defecção de York; e ainda quando a Prussia oriental deu o signal do sublevamento, a que respondeu toda a Allemanha do norte, a dieta reuniu em Kœnigsberg sem o consentimento régio, porque este se fazia esperar.

A velha capital, a Mecca da doutrina kantiana e berço do memoravel *Tugendbund* [1], tornou-se o centro de affluencia: alli se acharam Stein e Schœn seu principal collaborador nas reformas de 1808, Arndt e York tambem; alli se organisou a *Landwehr* sob a direcção de Alexandre de Dohna, emquanto a bella condessa, digna filha de Scharnhorst, radiante de juventude, enthusiasmo e nobreza d'alma, era como a poesia viva d'aquelle grandioso movimento.

El-rei lançou emfim o manifesto em que chamava o povo ás armas [2]. Então suspenderam seus cursos as universidades e collegios, d'onde os estudantes abalavam aos bandos; evacuaram-se escriptorios e officinas, tribunaes e outras repartições

[1] A «Liga da Virtude», fundada em 1807 por alguns patriotas militares e paisanos, com o fim de preparar a resurreição e independencia da Prussia, propunha aos seus esforços os seguintes principaes objectivos: minorar os soffrimentos do povo, elevar-lhe o nivel moral alimentando o espirito de civismo, trabalhar pela educação nacional da mocidade, pela instrucção militar de todos os cidadãos e por tudo quanto fosse melhorar o exercito. Por exigencias de Napoleão, a Liga foi dissolvida em 1809; mas os associados prometteram prosegnir individual e separadamente na tarefa em que lhes prohibiam cooperar; e os mais illustres de entre elles tomaram parte saliente no movimento patriotico de 1813.

[2] O valor patriotico dos hespanhoes e portuguezes na guerra peninsular ahi se acha citado como exemplo e incentivo.

publicas, a ponto de ser preciso, para que o serviço não soffresse demasiado, prohibir aos funccionarios que tomassem armas sem licença dos superiores.

Nos templos os prégadores liam ao povo a proclamação real, acompanhando-a de superfluas exhortações á obediencia; — houve-os que, juntando o exemplo ao preceito, iam alistar-se, terminada a leitura.

A nobreza rural poz-se á frente do movimento. Rapazes de 15 e 16 annos entravam nos corpos de voluntarios que partiam, cantando hymnos de Klopstock, emquanto os paes, orando em silencio, os abençoavam...

As mulheres rivalisavam com os homens em dedicação e fervor patrioticos. A condessa de Ahlefeldt trabalhou activamente na organisação do corpo de voluntarios, commandado por seu marido, os decantados caçadores negros de Lützow. A celebre Rahel de Varnhagen foi uma das muitas que deram as suas economias, as suas joias, que passavam os dias nos hospitaes e ambulancias tratando os feridos, cozinhando, cosendo para elles. Numerosas senhoras entregaram ás commissões os proprios anneis de casamento, recebendo em troca outros de ferro, que depois se conservaram nas familias como reliquias. Varias arriscaram a vida combatendo nas fileiras com traje de homem, outras ainda mais heroicas offertaram á patria a vida dos que amavam. Depois de longa e angustiosa hesitação, um rapaz annunciou á sua promettida que o dever o obrigava a pegar em armas: — Já chorei em silencio, respondeu-lhe ella, por te não vêr marchar com os primeiros.

Por toda a parte se organisavam subscripções para apparelhar as tropas; os judeus de Berlim deram sommas consideraveis; nas aldeias os lavradores cederam cavallos e cereaes; os pobres, roupas e objectos de uso; e até as creancinhas entregaram o conteúdo dos seus mealheiros.

Tal foi, nas suas origens e na sua imponente irrupção essa *guerra da independencia,* de que os allemães conservam religiosamente a memoria no relicario intimo em que se guardam as raras coisas bellas; guerra não de gabinetes ou dynastias,

mas verdadeiramente da nação, lucta honrosa de dignidade e justiça, em que o esplendor de varonis virtudes transfigura os horrores do campo de batalha.

Ao alcance da sua significação historica pouco importa que o generoso esforço d'esse povo fosse indignamente ludibriado na comedia diplomatica do congresso de Vienna; que a solidariedade entre os egoismos principescos lhe recusasse a liberdade civil e os começos de unidade nacional com que lhe tinham acenado como incitamento á victoria.

Pouco importa que, illudidas as suas esperanças, abafadas as suas aspirações sob um regimen odioso de reacção e particularismo, elle volvesse ás preoccupações de antigos tempos, encerrando-se nos dominios intellectuaes da especulação philosophica, da hypothese scientifica, das eruditas investigações. A Allemanha affirmára a sua vitalidade, o seu desejo, a sua tenção de constituir uma nação homogenea, unida; os mesquinhos interesses de um realengo formigueiro anachronico não passaram de um ruim grão de areia, detendo-a momentaneamente no declive por onde foi caminhando até á realisação da fórma politica, que tão dolorosa gestação lhe custou.

*
* *

Alli a deixaremos. Não nos propuzemos traçar um esboço da historia politica allemã contemporanea, mas simplesmente indicar algumas das manifestações symptomaticas de uma consciencia, de uma força nacional, que se reconstituem.

E indicando-as, o nosso intento não foi offerecer um conselho — foi apontar uma esperança.

Porto — Novembro, 1890.

Izabel Leite.

A GIRIA

(VOCABULARIO, ETYMOLOGIA E HISTORIA)

I

Seja qual fôr o criterio a que procure sujeitar-se a noção de criminalidade, o certo é que poucas questões terão, n'estes ultimos annos, exercido tamanha influencia nos espiritos e agitado tão vivamente a opinião publica. Na Italia, na França, na Inglaterra, na Russia, na Allemanha — em todas as nações, onde assiduamente se estuda e se trabalha na ardua resolução d'estes momentosos problemas de pathologia social — as questões de criminalidade e de penalidade estão na ordem do dia. E entre nós, desde o crime de Marinho da Cruz, todos sentem como o paiz se vem inquietando e alvoroçando tambem calorosamente, mercê de novos e repetidos attentados, ainda mais tragicos e monstruosos.

Mas, infelizmente, a celeuma erguida em Portugal á volta de todos esses casos, pouco mais tem representado, até hoje, do que a febre d'uma curiosidade doentia, quando não revela unicamente a atrevida ignorancia dos criticos que então surgem de todos os lados aos cardumes, demasiado confiantes na sua inepcia ou na facil credulidade do publico.

No nosso paiz, os estudos da moderna criminologia vão ainda agora no começo. Exceptuados alguns raros espiritos de eleição, perfeitamente a par do assombroso movimento da sciencia, o que se sabe e o que ha feito entre nós, na luminosa esteira dos grandes mestres — de Lombroso, de Maudsley, de Ferri, de Garofalo, de Krafft-Ebing?

Simples vulgarisações dos trabalhos estrangeiros — pois nos faltam absolutamente os longos e minuciosos registos criminaes e, por sua vez, os nossos gabinetes de anthropologia não passam d'uma perfida e immodesta illusão! — a pouco mais se reduzem os dois ou tres livros dos que em Portugal se têm occupado até agora d'este difficil e agitado problema. Não quer isto dizer, por fórma alguma, que lhe regateemos o valor propagandista, nem a sua precisão e clareza expositiva; mas o que é preciso sobretudo, não é vulgarisar, é nacionalisar as observações d'esses homens eminentes que, lá fóra, hoje levantam bem alto o glorioso pendão da escóla anthropologica, é estudar, investigar, apurar emfim, por meio de observações proprias e directas, todos, ainda os mais infimos, caracteres anatomicos, physiologicos, pathologicos, psychologicos e sociaes dos *nossos* delinquentes. Só assim — por mais exiguos que sejam os materiaes fornecidos — só analysando-os e comparando-os depois com os dos criminosos dos outros paizes, é que podem contentar-se, senão satisfazer-se, as exigentes necessidades da sciencia contemporanea.

O conhecido aphorismo clinico — não ha doenças, ha doentes — encontrou já, na avaliação e no exame das causas, das influencias complexas que determinam o crime em todas as suas multiplices manifestações, uma applicação similar e rigorosa aos principios fundamentaes do debatido problema criminal; e d'esse modo, a formula — não ha crimes, ha criminosos — ainda ha pouco e pela primeira vez introduzida na sciencia, viu-se rapidamente acceite e, logo depois, universalmente proclamada pelos mais notaveis e illustres pensadores. O estudo dos caracteres dos delinquentes é, pois, a condição primaria e essencial para o estudo do crime; e este será tanto melhor avaliado, o

seu conhecimento tanto mais seguro, quanto mais se forem estendendo e generalisando as observações immediatas, as noções experimentaes e praticas sobre todas aquellas singulares e typicas qualidades.

E n'este limitado intuito, que hoje aqui encetamos a publicação d'um modesto trabalho sobre o calão dos criminosos, simples capitulo arrancado ao livro que estamos escrevendo, a proposito da criminalidade portugueza. Valha-lhe ao menos, como attenuante da sua insufficiencia, a novidade d'este genero de estudos em Portugal.

Entre os caracteres sociaes dos delinquentes — posto que não seja definidamente typico — nenhum é mais curioso, nem decerto mais expressivo do que o seu calão particular e proprio, a giria por elles empregada, sobretudo no seu trato intimo e nas suas relações, a bem dizer, profissionaes [1].

Não é evidentemente exclusivo dos criminosos o uso d'um vocabulario especial, pois todos ou quasi todos os velhos officios e mesteres possuem termos peculiares e caracteristicos; e é tão accentuada esta tendencia corporativa, que até nas profissões mais liberaes se evidencía por vezes o emprego d'uma especie de calão, ou melhor, d'uma synonymia particular, scientifica ou artistica [2]. Mas, em compensação, nenhum é tão extenso e tão

[1] Antes de mais nada, é bom registar que nem todos os criminosos se assignalam igualmente pelo caracteristico da giria: alguns ha até — os occasionaes e os de paixão — que a podem desconhecer por completo.

Como é natural, são os que fazem parte d'alguma associação de malfeitores, os reincidentes, os que têm tido na cadeia a sua estancia predilecta, que mais se differençam e distinguem pelo emprego habitual d'esta linguagem.

[2] Avé-Lallemant, nos seus *Rothwelsche Studien*, aponta um numero consideravel d'estes calões, quasi todos colhidos em Vienna d'Austria. Entre nós, bastará especialisar, como dos mais curiosos, o dos marujos, o dos pedreiros, o academico, quasi privativo de Coimbra, etc.

Mas, é principalmente nas profissões suspeitas ou equivocas, que esta pratica attinge proporções mais elevadas: assim acontece, por exemplo, nos bordeis e

variado, tão rico e tão pittoresco, nem offerece as qualidades e os attributos singulares da giria, quer sob o ponto de vista dos seus processos de formação, quer no tocante ás suas propriedades essenciaes [1].

O calão dos delinquentes não é uma lingua ou dialecto especial, nem mesmo um sub-dialecto particular. Guardando sempre as vozes elementares e as fórmas grammaticaes da lingua respectiva — de accôrdo, já se vê, com as alterações phoneticas que o povo lhe introduz na pratica — as girias, tanto em Portugal como no estrangeiro, caracterisam-se principalmente por uma alteração lexicographica, de modo que os objectos, os factos, as idéas, sejam representados por palavras novas, ou por outras já conhecidas, modernas ou antigas, de significação differente, convencionalmente modificada e definida.

São curiosissimas as origens, os processos de formação d'esta linguagem. Mas como investigal-os e analysal-os a preceito, sem o indispensavel conhecimento prévio do vocabulario da giria portugueza? Em verdade, só depois, com exemplos de casa, é que teremos amplo cabedal para um estudo severo e rigoroso do calão; e d'esse modo já então poderemos tambem avaliar directamente o seu alto valor psychologico, até agora quasi só aquilatado entre nós, e nem sempre com demasiada felicidade, pelos exemplos dos calões estrangeiros.

Lá fóra, sobretudo na França, é facil a tarefa de comparação, de analyse, de critica; o vocabulario está todo recolhido

nas casas de jogo illicito, sobretudo nas *batotas pataqueiras*, com o calão typico de *pontos* e *batoteiros*. E esta tendencia é commum a todos os paizes.

Na linguagem familiar, tambem se emprega muitas vezes uma synonymia especial, como se dá na maioria dos jogos de vasa, etc. São igualmente vulgares certos termos caseiros, substituindo outros do vocabulario commum, como *néné*, creancinha ou Manoel; *bébé*, creancinha ou Alberto; *titi*, tia; *vóvó*, avô ou avó; *Mimi*, Maria; *Dódó*, Antonio; *Lulu*, Luiz; *Juju*, Julio; *Gigi*, Virginia; etc.

[1] O que dá precisamente os fóros de caracteristico ao calão dos criminosos, é a diversidade, a singularidade dos seus processos de formação. Se alguns ha, na verdade, identicos aos dos calões puramente profissionaes, outros — a maioria — são absolutamente exclusivos da giria. V. a segunda parte d'este artigo.

em numerosos diccionarios do *argot*, do *jargon* e da *langue verte*. E na Allemanha, na Inglaterra, na Italia, na propria Hespanha, abundam igualmente os estudos e os livros sobre o *rothwelsch*, o *slang* ou *cant*, o *gergo* e a *germania*, a que se têm dedicado escriptores competentissimos, como Avé-Lallemant, Pott, Ascoli, Biondelli e tantos outros.

Em Portugal, pelo contrario, nada existe feito, nem ao menos do trabalho mais simples de colleccionador, o que redobra evidentemente as difficuldades e os embaraços d'este ensaio, sobretudo quando se deseja a segura garantia da exactidão e da authenticidade. Conhecemos apenas sobre o assumpto ligeiras referencias de diversos auctores, e algumas dezenas de vocabulos dispersos, apanhados n'um ou n'outro livro, especialmente romances [1]. Não nos incita, nem nos illude, pois, a idéa

[1] São muito raras as referencias directas á giria, que até hoje temos encontrado nas nossas investigações através dos escriptores nacionaes.

A mais antiga, cujo valor historico seria consideravel, se não fosse a exiguidade dos seus limites, é a do *Vocabulario Portuguez e Latino*, do padre D. Raphael Bluteau, e do seu *Supplemento* (Coimbra, 1712-21, e Lisboa, 1727), onde vem duas listas de termos (voc. *Gira*, no vol. IV do *Vocabulario*, e *Giria* ou *Gira* na parte I do *Supplemento*), do que elle chama *a lingoagem dos marotos*.

A outra pertence á *Istoria do cativeiro dos prezos d'estado na torre de S. Julião da barra de Lisboa*, etc., por João Batista da Silva Lopes (Lisboa, 1833), obra interessante que, a mais dos seus proveitosos subsidios para a historia das nossas guerras civis, nos revela já uma curiosa tentativa em favor da orthographia sonica. Ahi se encontra, no final do tomo I e a titulo de *Documento Ilustrativo*, uma pequena collecção dos termos do *Calão ou algaravia dos malandros* (12), a esse tempo encerrados na torre de S. Julião, de parceria com os presos politicos (618).

Para a reconstrucção da nossa giria antiga, alguns outros subsidios se podem ainda colher — infelizmente bem poucos — nos *Rasgos metricos de varias poesias* (offerecidas á Senhora S.ta Anna!), por Alexandre Antonio de Lima (Lisboa, 1742).

Quanto aos vocabulos mais recentes, dispersos por varios livros, merecem citar-se as traducções dos *Mysterios de Paris*, de Eugène Sue, pelo dr. José Pereira Reis (Porto, 1843-46), e dos *Miseraveis*, de Victor Hugo, pelo jornalista A. R. de Souza e Silva (Porto, 1862-63), geralmente celebradas pela transplantação e adaptação — nem sempre demasiado conscienciosas e correctas — dos termos do *argot* ao nosso calão criminal.

temeraria de deixar uma obra acabada e completa: a indole d'este capitulo tambem se não conformava com um extenso e minucioso estudo philologico do calão.

Quasi todos os termos de que adiante damos conta — fornecidos, na sua grande maioria, pela giria dos ladrões e dos gatunos, que são os especialistas — foram directa e cuidadosamente recolhidos de abalisados *mestres*, peritos na materia. Muitos ouvimol-os no Porto, — quantas vezes conferidos! — a varios larapios reincidentes, alguns d'elles celebres, durante longas e numerosas sessões; outros obtivemol-os ou foram-nos ministrados pela policia; e bastantes ainda decorrem de graciosas investigações particulares, quasi todas realisadas a nosso pedido, tanto nas cadeias do Limoeiro, em Lisboa, como nas de muitas outras terras do paiz [1]. Os restantes, cujo numero é comparativamente restricto, foram todos apurados e cotejados

Em muitas outras obras se podem ainda apurar termos da giria: verdade é que a maior parte dos nossos auctores contentam-se em se copiarem uns aos outros, e todos ou quasi todos ás duas traducções já citadas! Extremaremos no entanto, entre os romances — Leite Bastos, D. Thomaz de Mello, etc., etc. — uma curiosa ficção, publicada em Lisboa no meiado d'este seculo, e que tem hoje para nós um certo valor historico: *Frei Paulo ou os doze mysterios*. Foi o primeiro volume d'esta obra que forneceu os exemplos recolhidos pelo laborioso philologo francez Francisque-Michel, para as suas observações sobre o *calão ou argot des voleurs portugais*, incluidas nos seus interessantes *Etudes de philologie comparée sur l'argot et sur les idiomes analogues parlés en Europe et en Asie* (Paris, 1856).

Devem tambem mencionar-se, mas não como fecundos mananciaes para esta collocção: as cantigas e os fados populares (*Livro d'ouro do fadista*, por Faustino Antonio da Cunha, Porto, 1878; etc., etc.); diversas collecções de poesias, sobretudo comicas; grande parte da *litteratura de cordel;* algumas peças do nosso theatro antigo, e outras dos theatros actuaes de quarta ordem, como revistas do anno e magicas; certas parodias litterarias; etc., etc.

[1] Valem-nos uma referencia especial, pela sua importancia, os elementos fornecidos pelo snr. Queiroz Ribeiro, o primoroso e delicadissimo auctor das *Tardes de Primavera*, que nos ultimos tempos se tem dedicado com verdadeiro amor aos modernos estudos criminalistas, e pelo S. Nunes Peres, escrivão do commissariado da 2.ª divisão policial do Porto. Ao primeiro devemos uma longa série de termos da giria, obtidos, na cadeia de Braga, d'um celebre Victorino ha mezes

depois em diversas publicações, qual d'ellas de indole mais variada e mais opposta [1].

As girias não têm limites forçados e definidos. Por isso em Portugal, do mesmo modo que na França, na Italia, na Allemanha, na Inglaterra, na Hespanha — em qualquer outro paiz emfim — ha termos que já passaram do calão criminal para a baixa linguagem popular; e vice-versa, quanto aos calões das profissões equivocas [2]. E esta como que especie de osmose, aliás

fallecido na cadeia de Ponte do Lima, e que todo o Minho conhecia pelas suas afamadas proezas como gatuno. O segundo pôz tambem á nossa disposição um interessante vocabulario do calão criminal, organisado e colligido durante annos, á custa dos seus deveres policiaes.

Se a maioria d'uns e d'outros termos os possuiamos nós já, directa ou indirectamente recolhidos, nem por isso esses elementos nos serviram menos, sobretudo para o trabalho indispensavel de comparação e, mais ainda, de selecção.

[1] Se fossemos a cital-as por completo, a lista seria innumeravel. Mas, como já dissemos, a pouco montam esses subsidios: correm-se muitas vezes dezenas e dezenas de livros, sem encontrar um só vocabulo novo! E quando apparece, é sempre necessario averiguar primeiro da sua legitimidade, pois ha mystificadores que se não pejam de os inventar, para depois se darem a importancia da descoberta, como diz Lorédan Larchey, no seu *Dictionnaire de l'argot parisien.*

Em Portugal, esses mystificadores superabundam, o que redobra immenso as difficuldades; e, infelizmente, até as proprias obras bem conceituadas offerecem, n'este genero, exemplos desgraçadissimos. Assim, na traducção dos *Mysterios de Paris,* a que anteriormente nos referimos, e que é por todos ainda hoje considerada como um repositorio sobremodo valioso dos vocabulos genuinos da giria portugueza, correspondentes aos do *argot* original; n'esta traducção, depois tão fielmente seguida e copiada, são dados, como termos do nosso calão criminal, alguns que chegam na realidade a ser burlescos, tanto revelam uma simples e mesquinha aportuguezação! Estão n'esse caso, entre outros: *atacado de febre cerebral,* accusado de crime de morte; *pasticar a malluza,* passar contrabando; *gernafla,* granja; *muda,* consciencia; *besta de retorno,* condemnado pela segunda vez á calceta; *rato de cadeia,* advogado; *medecina,* conselho; etc. — que afinal não passam de uma desastrada accommodação dos vocabulos e phrases francezas: *accès de fièvre cerebral, pastiquer la maltouse, gernafle, muette, cheval de retour, rat de prison* e *medecine.* Por este exemplo — *j'en passe et des meilleurs* — avalie-se da consciencia dos nossos restantes auctores!

[2] «In nessun fenomeno naturale esistono confini netti e precisi, e non sempre è possibile il distinguere dove il gergo cominci, staccandosi dalla terminologia propria di qualche professione onesta, o dal vernacolo di singoli paesi, in cui per una

socialmente e psychologicamente explicavel, não é por certo um dos caracteristicos menos interessantes para o estudo consciencioso, para o conhecimento completo e intimo da giria que tantas vezes, pelas suas origens e pelos seus processos de formação, significa e representa, junto dos delinquentes, um verdadeiro, um precioso documento humano.

A longa série de termos que conseguimos apurar, e cuja authenticidade crêmos poder garantir em absoluto, presta-nos elementos sufficientes para a formação d um vocabulario [1]. Dar-lhe-hemos a ordem alphabetica, apesar do voto contrario de alguns, acoimando-a, n'este caso particular, de menos precisa e rigorosa. Demais a mais, todas as classificações de ordem diversa — classificações por agrupamentos de idéas ou de factos, de que temos exemplo em raros escriptores estrangeiros, exclusivamente italianos — são tão emmaranhadas e confusas, tão deficientes e incompletas, que o melhor será deixal-as inteiramente em paz, como merecem.

Segue, pois, o vocabulario da giria portugueza, composto de todos os termos colligidos, tanto os usuaes, como os já cahidos em desuso. Assim procedem os mestres. Mas nem poderia deixar de serem todos incluidos, desde que é este o primeiro trabalho publicado em Portugal, sobre o assumpto [2].

specie d'infiltrazione è pur penetrata qualche voce appartenente in origine al gergo stesso». Giacomo Venezian, *Vocaboli e frasi del gergo veneto*, no *Archivio di psichiatria, scienze penali ed antropologia criminale*, 1881.

Mas esta curiosa infiltração dá-se principalmente, como era de prever, no calão typico das profissões mais inconfessaveis, mais suspeitas. Por isso são identicos, confundindo-se com os da giria, muitos termos usuaes nas casas de jogo illicito, nos lupanares, etc.

[1] E possivel, é mesmo mais que provavel — sobretudo para o sul do paiz — que ainda existam outros termos da giria, além dos aqui incluidos: nem nós temos a estulta pretenção de exgotar completamente o assumpto. Poucos serão, no entanto, em absoluto: e d'estes, rarissimos os que passarem d'uma extravagancia ephemera da moda — que as tem tambem e consideraveis, o calão criminal.

[2] Todos os termos apontados pelo padre D. Raphael Bluteau, Alexandre Antonio da Lima e J. B. da Silva Lopes, cuja applicação não seja já hoje vulgar,

VOCABULARIO

A

Abafar. Roubar. Esconder.
Aboiar. Afogar-se.
Abotoar-se. Obter uma certa quantia. Apoderar-se illegalmente de uma coisa. V. *Armar-se* e *Encher-se.*
Acache. Aqui.
Achas (Pôr-se nas). Fugir.
Adaga. Navalha.
Adicar. Namorar.
Adicar. Ver; observar. Espreitar.
Administrante. Administrador de concelho.
Aduzo. Assucar.
Afiançar. Roubar.
Afiançar. Pegar; segurar. (J. B. da Silva Lopes).
Agadancanhir. Agarrar; apanhar. Prender.
Agadanchar. V. *Agadancanhir.*
Agadanhar. V. *Agadancanhir.*
Agantado. Preso.
Agantar. Acceitar; receber.
Agantar. Agarrar; segurar. Prender. Abranger.
Alampar. Vêr; observar.
Alapar-se. Esconder-se.
Alcofa. Alcoviteira.
Alcofar. Alcovitar.
Alcoviteiro. Saiote.
Álé-larga. Alarido, algazarra; barulho. Motim.
Alfarreca. Cabelleira. (Antiq. R. Bluteau).
Alforjante. Alforge.
Algema. Cadeia do relogio.
Algeres. Alforge.
Algueireiro. Mentiroso; intrujão.
Algueireiro. Espião de ladrões. Tambem significa a sombra projectada por um ou mais ladrões, em occasião de roubo, sombra que porventura os possa denunciar.
Alhada. Compromettimento. Perigo. Enredo.
Alheta (Pôr-se na, Ir na). Fugir.
Alimazio. Adega. Armazem de vinhos.
Aljaba. Algibeira de mulher.
Allache. Acolá. Lá.
Allimes. Alli.
Almiscarado. Janota.
Almuque. Almocreve.
Altanado. Juiz. Em Lisboa e no Porto, refere-se este vocabulo exclusivamen-

levam a designação do colleccionador; os cahidos absolutamente em desuso, levam a abreviatura *Antiq.*, antiquado.

Para as expressões compostas de duas ou mais palavras, deve procurar-se sempre a mais caracteristica.

Quando o mesmo vocabulo tenha differentes significações — o que aliás succede em todas as girias, e n'esse caso é a entonação que diverge segundo as accepções, frisando-as d'esse modo — damos sempre a prioridade ás mais usuaes, ás mais vulgares.

te aos juizes dos districtos criminaes.

Altenado. Amo. (R. Bluteau).

Alva. Grande.

Alvada. Carapuça. (Antiq. R. Bluteau).

Amarella. Libra esterlina.

Amarra. Cadeia de relogio.

Ameixa. Bala.

Ancia. Agua.

Ancia (Estafado na). Afogado.

Ancias (Das). Africano. E sobretudo uma locução generica: exprime sempre a idéa de ter nascido ou, pelo menos, vivido muito tempo n'um paiz, separado do nosso pelo mar. Exceptua-se o Brazil.

Andante. Carteiro. Correio.

Andante. Escada.

Andante (Pae). Comboyo.

Andantes. Cavallos.

Andar. Dar. Pagar.

Anilho. Machado.

Anjo da guarda. Advogado.

Antrel. Adiante; por diante.

Anubo. Capa, capote.

Apagar-se a lamparina. Morrer.

Apalpador. Guarda-barreira.

Apitar (Estar a, Ficar a). Estar, ficar sem vintem.

Apitar (Ficar a). Não conseguir o que se espera, não obter o que se deseja.

Aquecim. Bolsa.

Aquera. Aqui.

Aragem (Pôr-se na). Fugir.

Arame. Dinheiro.

Arame. Espada. (Antiq. R. Bluteau).

Arames (Metter a mão aos). Puxar pela navalha.

Arames (Ir com os). Andar armado. Ir com espada e adaga. (Antiq. R. Bluteau).

Aranha. Alfaiate.

Aranholas. Moedas de cobre: de 5 e de 10 reis.

Archote. Quartilho de vinho.

Arcoso. Annel.

Ardina. Aguardente.

Ardosa, Ardoza. V. *Ardina.*

Ardose, Ardoze. V. *Ardina.*

Ardosia, Ardozia. V. *Ardina.*

Arguino. Pedreiro.

Arlequim. Bebida muito em uso nos *cafés de lepes:* é uma mistura de varias *drogas.*

Armação. V. *Armadella.*

Armadella. Dinheiro para jogar.

Armado. Que tem dinheiro; que traz dinheiro comsigo.

Armanso. V. *Armadella.*

Armar-se. Adquirir uma certa quantia. Ganhar ao jogo. Fazer bons interesses.

Armazio. Armazem.

Arraspinhar-se. Zangar-se; enfurecer-se.

Arrastantes. Sapatos.

Arrefecer. Matar; assassinar.

Arribatis. Acima; em cima; para cima.

Arrolado. Que não possue vintem. Que não tem casa; que não tem sequer onde pernoitar.

Arrolapir. Dormir; adormecer.

Arrotar. Dar. Dar á força; dar contra vontade.

Arrotar. Pagar.

Arrotar. Bazofiar, gabar-se.

Artão. V. *Artife.*

Artife. Pão.

Artista. Rapaz que passa a vida na rua: larapio; vadio; vendedor de

jornaes, de livros ou de caixas de phosphoros; etc.

Asophisma. Desculpa. Pretexto. Logro.

Assistir. Bater; dar uma sova.

Atirar á travessa. Insultar.

Atirar pr'a travessa. Ter estrabismo, ter o olhar vesgo.

Avelar. V. *Avezar.* (J. B. da Silva Lopes).

Avezar. Ter. Ter dinheiro.

Avezar, Avezar-se. Estar presente. (Antiq. R. Bluteau).

Avoador. Pombo.

Azeitona. Ameixa.

Azia de queixos. Fome.

B

Badanos. Trastes.

Badejo. Bacalhau.

Bagaceira. Aguardente.

Bagalhoça. Dinheiro.

Bagalhudo. Rico; endinheirado.

Bago. Dinheiro.

Baguinho. V. *Bago.*

Baguinos. Debaixo; em baixo; para baixo.

Baia. Mão.

Balda. Algibeira de mulher. Bolsa.

Balda sêcca. Bolsa vazia.

Banana. Bolsa de prata.

Banza. Ventre, barriga.

Banza. Viola; violão; guitarra.

Banzara. Guitarra.

Banzé. Desordem, tumulto. Algazarra; barulho.

Banzé. Brincadeira ruidosa; folia.

Banzé (Armar). Provocar desordem.

Baquecim. Bolsa.

Baralha. Tumulto, desordem, motim. Gritaria, algazarra.

Barbante. Cadeia de relogio.

Baril. Socegado. Bom. Pacifico.

Baril (Fazer). Acolher, agasalhar. Defender; proteger.

Barra. Garrafa de vinho. (J. B. da Silva Lopes).

Barraca. Guarda-sol.

Bascas no trilho (Dar com as). Ser apanhado. Ser encontrado com a bôca na botija.

Basta. V. *Bata.*

Bastos. Dedos.

Bata. Mão.

Batata. Conto, historia.

Batata. Mentira; historia mentirosa.

Bate. Mão.

Bates. Mão.

Bater na lousa. Cahir no chão.

Bazaruco. Pataco.

Bazofia. Aguardente.

Beata. Ponta de cigarro.

Belantina. Moeda de prata de 500 reis.

Belfo. Cão. (J. B. da Silva Lopes).

Beque. Nariz.

Berra. Pandega, patuscada.

Berrar. Denunciar; descobrir.

Bêtos. Botões.

Béu. Vinho.

Bexiga. Troça, zombaria. Patuscada.

Bico. Bebedeira.

Bico (Pôr ao). Beber.

Bicudo. Embriagado.

Bife de cabeça chata. Sardinha.

Bijouteria. Relogio.

Bique. Nariz.

Biqueira. Pontapé.

Biqueiro. Copo.
Bôca de sapo. Bolsa; «porte-monnaie».
Bocanhim. Clavina, trabuco.
Bocanho. Bacamarte.
Bofas (Dez). Dez reis. (R. Bluteau).
Bogre. Inglez.
Boia. Toucinho. (J. B. da Silva Lopes).
Boiar. V. *Aboiar.*
Boias. Mammas, seios.
Bojarda. Grito de alarme ou de aviso, em occasião de roubo. Serve para prevenir os companheiros.
Bojarda (Deitar a). Reprehender; censurar.
Bola. Cabeça.
Bola. Feira.
Bola (Botar a, Dar a). Escarnecer, fazer chacota.
Bola (Ir á, Ir na). Gostar, sympathisar d'alguem.
Botar. Cantar.
Botar. Narrar, contar, referir.
Botar nas ventas. Reprehender. Escarnecer.
Bramar. Discutir; questionar.
Bramar. Queixar-se.
Bramo. Grito. V. *Bojarda.*
Branco. Estupido, imbecil, lôrpa.
Branco. Jogador inexperiente e facil de enganar.
Branquilho. Pão de trigo.
Branquioso. Branco.
Brazil. Brazileiro.
Brejina. Cereja.
Brêu. Vinho.
Brezundella. Pandega, patuscada.
Brilho. Arroz.
Briol. Vinho.
Bróes. Fome.
Bronze, Bronzeo. Pataco.
Bucho. Meretriz.
Buco. Burro.
Bufo. Buraco
Bujarda. V. *Bojarda.*
Bules-bules. Joias.
Bundra. Ventre, barriga.
Buraco. Casa.
Burro-gente. Gallego.
Bute. Pé.
Butes. Mentiras.
Butes (Dar aos). Correr.
Butes (Passar os). Fugir.
Butes (Metter os). Dizer mentiras. Enganar, illudir.
Buzio. Pataco.

C

Cabaço. Virgindade.
Cabaço (Rebentar o). Desflorar.
Cabante. Cabo de policia.
Cabelleira. Bebedeira.
Cabra. Denunciante.
Cabra. Espião.
Cabra. Testemunha.
Cabrada (Pae da). Commissario de policia.
Cabrão. Denunciante.
Cabritar. Accusar; denunciar.
Cabrito. Denunciante. Traidor. Espião.
Cabrito. Batoteiro muito sabido; jogador trapaceiro.
Cachimbos. Pés. (Antiq. R. Bluteau e A. A. de Lima).
Cachorra. Pistola.
Cacilho. Cigarro.

Caco. Cabeça.
Caco. Juizo.
Caco (Ter). Ter juizo.
Cadaver. Corpo humano vivo.
Cadaver (Consolar o). Comer.
Cagarrufa. Espingarda. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Caiado. Cruzado novo, ou pinto: moeda portugueza antiga, de prata, valendo 480 reis.
Caixeirante. Caixeiro.
Calor. Sova; pancadaria.
Calor (Chegar um). Bater; dar uma sova.
Calcante. Pé.
Calcantes. Sapatos.
Calcorrear, Calcurriar. Correr. Ir.
Calcos. Sapatos.
Calmar. Bater. (Antiq. R. Bluteau).
Cambado. Bebedeira.
Cambrainha. Aguardente.
Camorços (Cinco). Cinco tostões.
Cancoronha. Manha, malicia.
Cangarina. V. *Cangra.* (J. B. da Silva Lopes).
Cangica. Aguardente.
Cangra. Igreja.
Canguêllo. Acanhamento; timidez.
Canhantes. Botas. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Canna (D'uma). Bom. Bello. Esplendido.
Cantador. Cantor popular do fado.
Cantante. Gallo.
Cantar (Fazer). Obrigar a dar dinheiro, sob a ameaça de fazer revelações.
Cantiga. Mentira.
Cão da porta. Caixeiro.
Capoeira. Carruagem.
Carapata. Ladrão novato; aprendiz de ladrão.
Carcavões. Feijões.
Cardanho. Furto; roubo.
Cardenho. Casa.
Cardenho. Quarto.
Cardina. Bebedeira.
Cardinaceo. Casa.
Carinha. Moeda de prata de 500 reis.
Caroço. Dinheiro.
Caroço (Minas de). Muito dinheiro.
Carol. Carrasco.
Carraspana. Bebedeira.
Carregar. Accusar; denunciar; culpar.
Carregar os machos. V. *Carregar-se.*
Carregar-se. Embriagar-se.
Casa do cão. Penitenciaria.
Casaca. Vestido á moda da cidade. E a antithese de *patego.*
Casca (Dar). Amuar-se, irritar-se, zangar-se.
Cascalho. Moedas de cobre: de 5 e de 10 reis.
Cascosa. Castanha.
Cascunhar. Vêr. (Antiq. R. Bluteau).
Castiço. Castiçal.
Catraia. Egua; burra.
Catrapó. V. *Catrapós.*
Catrapós. Cavallo.
Catrapós (Atiçar o). Picar o cavallo.
Catroinhos. Cavallinhos. (Designação popular dos espectaculos nos circos equestres).
Catroio. Alambazado, glotão; porco.
Catropéo. Cavallo. (R. Bluteau).
Cebola. Relogio.
Cegonha. Agente de policia, guarda civil.
Cêra. Preguiça.
Cêrro. Costas.
Cérulas. Ceroulas.
Cesto de gavea. Cadafalso.
Chá. Motejo, troça, zombaria.

Chá (Dar). Escarnecer, zombar, fazer chacota.
Chaga. Anno.
Chala. Absolvição.
Chala. Fuga.
Chala (Pôr na). Absolver.
Chala (Pôr na). Afugentar.
Chala (Pôr-se na). Fugir.
Chalado. Amalucado; idiota.
Chalar-se. Fugir.
Chalrador. Fallador.
Chapeca (Meia). Cinco reis.
Chapeu. Dinheiro ganho ao jogo.
Charco. Rio.
Charuto. Ferro de assento.
Chastre. Alfaiate.
Chegaduncho. Muito chegado; muito proximo.
Chelpa. Cama.
Chelpa. Dinheiro.
Chelro. Ferro.
Chelro. Ferro de assento.
Chelro. Calceta; grilheta de forçado.
Chelro (Agantar com). Deitar ferro. Aferrar; prender com gancho de ferro.
Chena. Cadeia, prisão.
Cheta, Cheto. Vintem.
Chiante. Carro de bois.
Chibalé. Adversario, inimigo.
Chibeco. Espião.
Chiça! Sae da frente!
Chicarado. Embriagado. Acostumado a embriagar-se.
Chieira. Affectação; ostentação; presumpção.
Chilaras. Ceroulas.
Chileve. Cobre.
Chinfrim. Algazarra, barulho; desordem.
Chispe. Pé.
Chispes (Bater os). Andar. Fugir.
Chita. Vintem. (J. B. da Silva Lopes).
Choça. Cadeia, prisão.
Choça (Ir para a, Metter-se na). Deitar-se na cama; recolher á cama.
Chocalho. Sino.
Chocar os ovos. Preparar o negocio; preparar o roubo.
Choina. V. *Chona.*
Chona. Noite.
Chorne. Homem.
Chorne do fiche. Inglez. (Litteralmente: homem do bacalhau).
Chulipa. Bofetada.
Chulipa. Cama.
Churinar. Esfaquear, dar facadas.
Churré. Adolescente; joven.
Chuzes. Sapatos.
Cimantos. Acima; em cima; por cima.
Cimeira. Cimo. No cimo.
Clementina. Moeda de prata de 500 reis.
Clire. V. *Clis.*
Clis, cliseo. Olho.
Clisar-se. Acercar-se, approximar-se.
Colla. Malga, tigella grande.
Comedouro. Bolso.
Comer. Enganar, illudir.
Condecorado. Com marcas, com cicatrizes provenientes de syphilis.
Contra-costa. O outro mundo; a eternidade.
Contra-costa (Mandar para a). Matar; assassinar.
Copasio. Copo.
Corda. Cordão de ouro.
Corda (Querer). Querer conversar.
Cornante. Boi.
Corredio. Cabello.
Cortar-se. Furtar.
Cortiça. Carne de porco.
Cortiços. Botas.
Cosque. Roubo.

Costilhas. Costas.
Cotos. Mãos.
Couro. Pelle.
Coxa e liró (Ir toda). Ir muito bem vestida, muito asseada, toda secia.
Cravella. Mulher magra.
Cravella. Moeda portugueza antiga, de prata, valendo 240 reis.
Cria. Carne de vacca. (Antiq. R. Bluteau).
Criar. Ter, possuir alguma coisa. (Antiq. R. Bluteau).
Criar minas de caroço. Ter, possuir muito. (R. Bluteau).
Crivantes. Dentes. (R. Bluteau).
Cruzio. Cruzado novo: 480 reis.
Cucata (Ter). Adoecer; estar doente.
Cuco. Agente de policia, guarda civil.
Cuelle. V. *Cuelles.* (J. B. da Silva Lopes).
Cuelles. Casa.
Cufa. Abatimento, enfraquecimento. Humilhação.
Cufa (Com). Abatido, enfraquecido. Humilhado.
Cugiar. Olhar; observar. Espreitar.
Cuncharra. Colher.
Cuncharra. Gazua. Designam-se por este vocabulo as gazuas mais aperfeiçoadas. V. *Retanha, Mae,* etc.
Cuté, Coté. Casa. Casa para entrevistas amorosas.
Cuté, Coté de remins. Alcouce, lupanar.

D

Dabo. Pae.
Dansa. Lucta. Desordem. Sova; pancadaria.
Deitar a luva. Prender.
Dengue. Mulher.
Dentosa. Serra.
Dentrávias. Dentro de casa.
Dentrémes. Bolso interior do casaco ou do collete.
Dependura. Argola.
Dependura. Brinco.
Dependura (Á). Que está arruinado; que não tem um real.
Depennado. Que não tem dinheiro. Que perdeu ao jogo.
Depennar. Ganhar illicitamente ao jogo; deixar o parceiro sem recursos, fazendo-o perder até ao ultimo real.
Depennar. Furtar, roubar.
Derramado. Abatido, enfraquecido.
Derreter. Gastar perdulariamente. Perder ao jogo.
Derriço. Namoro. Pessoa com quem se traz namoro.
Desandista. Chaveiro da prisão.
Desarmado. Que perdeu todo o dinheiro ao jogo.
Descampar. Andar. Vir.
Descançar. Morrer.
Desengommar. Abrir. Abrir portas.
Desengommar. Desabotoar a roupa.
Deserto. Desertor.
Dia. Mentira.
Dias (Metter). Lisongear, adular.
Dica (A). Ao pé; muito perto, muito proximo.
Dica (Á). Á espreita. E uma das locu-

ções mais em voga. Ex.: *Estar gajo á dica*, estar alguem espreitando ou observando; *nentes, que está gajo á dica*, cautela, que, etc.

Diluvio. Caldo. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).

Divina (A). Sem vintem. Absolutamente arruinado.

Dogue. Cão.

Doudo. Moinho.

Drepa (Não). Não presta.

Drifes. Tesouras.

Drofa. Porta.

Drôfo. Porto (cidade).

Dronha. Janella.

Dropa. Pedra.

Drope. Abjecto, vil, desprezivel.

Drope. Adversidade, infortunio; desventura.

Drope. Pobre, mendigo, pedinte.

Elimo. Animo; coragem.

Embrulho. Mulher mal comportada.

Embrulho (Ir no). Ser astuciosamente enganado; ser illudido com artificios, com promessas. Cahir n'um logro.

Empandeirar. Matar; assassinar.

Encanhas. Meias. (R. Bluteau).

Encher-se. Adquirir uma grande quantia; ganhar muito dinheiro.

Endinhar. Abonar, afiançar, garantir.

Endinhar. Atacar, acommetter (em sentido obsceno). Praticar actos de pederastia.

Engapinhar. Andar.

Engazupar. Enganar, illudir.

Engommar. Abotoar a roupa.

Engommar. Aferrolhar, fechar a sete chaves.

Enguia. Forçado.

Enguia. Calceta; grilheta de forçado.

Enguia solta. Forçado que já cumpriu sentença.

Engurunhido. Regelado; entorpecido.

Enrascar-se. Comprometter-se com alguem, ou n'alguma coisa.

Enreixado. Preso.

Enreixar. Prender.

Enrolado. Adormecido.

Ensinadella. Sova.

Entalar, Entalar-se. Esconder, esconder-se.

Entalar-se. Gastar dinheiro que lhe não pertence. Endividar-se. Achar-se em difficuldades, em apuros.

Entortar-se. Embriagar-se.

Entra na musica (O). Espião da policia; policia disfarçado; agente da policia secreta.

Entrado. Embriagado.

Entrar, Entrar por elle, Entrar no verso. Beber muito; embriagar-se.

Entrugir. V. *Entrujar*. (R. Bluteau).

Entrujar. Entender, perceber. Imaginar.

Enxugar. Beber.

Enzeirado. Preso.

Enzeirar. Prender.

Epitaphios. Elogios, encomios.

Esbromar-se. Irritar-se; impacientar-se.

Esbroncar-se. V. *Esbromar-se*.

Escabrear. Desconfiar.

Escabrear. Denunciar.

Escamanta. Pescada.
Escamar-se. Acautelar-se; resguardar-se.
Escamar-se. Desconfiar. Emprega-se de preferencia n'esta phrase vulgarissima: *Nentes que se escama o gajo*, cautela, que o homem desconfia.
Escamar-se. Enfurecer-se; irritar-se.
Escamar-se. Fugir.
Escamar-se. Sentir. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Escornante. Boi.
Escova. Bengala.
Escovar. Dar uma sova.
Escovar. Furtar.
Escrivão da penna grande. Varredor municipal.
Esfoçador. Porco.
Esgueirar-se. Fugir.
Espaldar. Lençol. (J. B. da Silva Lopes).
Espetar-se. Compromettter-se. Perder dinheiro ao jogo.
Espia. Agente de policia, guarda civil.
Espichar. Morrer.
Espichar a canella. V. *Espichar*.
Espigas. Bigodes. (R. Bluteau).
Espinha. Faca; navalha; punhal.
Espirrar. Injuriar; insultar.
Espirrar. Defender-se d'uma aggressão, aggredindo a seu turno.
Espumante. Sabão.
Estache. Chapéo; carapuça; bonnet.
Estafador. Assassino.
Estafar. Matar; assassinar.
Estalo. Bofetada.
Estalo (D'). Bom; optimo.
Estardato. Estoque. (Antiq. R. Bluteau).
Estarim. Estação de policia. Cadeia, prisão.
Estica (Dar á). Morrer.
Esticar. V. *Estica (Dar á)*.
Esticar a canella, Esticar o canêllo. V. *Estica (Dar á)*.
Estilha. Bocado; porção. Parte d'um furto ou d'um roubo. Uma pequena quantia.
Estilha. Parte que se leva no jogo. Dinheiro dado pelos banqueiros ou pelos pontos, aos parceiros que fazem roda.
Estilhar. Repartir. Repartir o producto d'um furto ou d'um roubo. Dar uma pequena quantia.
Estola. Estalagem.
Estribelho. Tribunal.
Explicar-se. Pagar; pagar bem. Dar algum dinheiro.

F

Fabrico. Fabricante.
Facha. Cara, rosto.
Facho. Pau. Acha para o lume.
Fada. Filha.
Fadinho liró. V. *Fado*.
Fado. Prostituição; vida de meretriz.
Faduncho. Fado: cantigas e dança do fado.
Faduncho (Sinhá do). Guitarra.
Fageca. Commoção; perturbação.
Fageca. Medo.
Fageca. Zanga; má vontade; odio.

Fagiqueiro. Acanhado, timido.
Faite. Murro, sôco.
Fajardo. Luar.
Falhas. Cartas de jogar; baralho de cartas.
Falho. Que tem pouco dinheiro; que traz pouco dinheiro comsigo.
Falho ao naipe. V. *Falho.*
Falladeira. Lingua.
Fallar d'otivo. Fallar sem saber de que; questionar por questionar.
Falso. Lenço. (Antiq. R. Bluteau).
Fanfar. Bazofiar. Ostentar de valente.
Fanfarra. Lingua.
Fanfarra (Dar á). Fallar.
Fardilha. Roupa.
Fardo. Meretriz.
Farpella. Roupa.
Farpella. Manta. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Farpella (Punideiro de). V. *Farpelleiro.*
Farpelleiro. Adelo.
Favecos. Feijões.
Fechar-se. Deixar de jogar; suspender o jogo, depois de ter ganho uma certa quantia.
Feio. Ferreiro.
Fella (Mostrar a). Apparecer; deixar-se vêr; mostrar-se.
Fella (Mudar de). Mudar de cara. Demudar-se.
Femea. Fechadura. (J. B. da Silva Lopes).
Ferrar o galho. V. *Ferrar o luzio.*
Ferrar o luzio. Dormir.
Ferro velho. Adélo.
Ferrugenta. Espada.
Ferrugentos. Ferros.
Fiche. Bacalhau.
Figura. Cara, rosto.
Figuras de pala (Fabricar). Disfarçar-se.
Fila. Cara, rosto.
Filante. Agente de policia, guarda civil.
Filar. Prender.
Filho. Gatuno; ladrão.
Filhote. Gatuno, ou ladrão inexperiente.
Fio (Dar o). Cortar.
Fio (Dar o). Serrar.
Flauta. Perna.
Focinho. Cara, rosto.
Foi feito. Foi roubado. (Loc. antiq. J. B. da Silva Lopes).
Folga. Negocio.
Folgador. Jogador. Batoteiro finorio e espertalhão.
Folgador cahido. Jogador arruinado. Que acaba de perder ao jogo todo o dinheiro que traz comsigo.
Folgar. Jogar.
Folgo. Jogo.
Folhosa. Carta.
Folhoso. Livro.
Folhoso. Papel para cartas.
Folie das migas. Ventre, barriga.
Folies (Dar aos). Fallar.
Fórantos. Fóra de casa.
Forcado. Garfo.
Forma, Forma torta. Mau companheiro; mau caracter.
Fôrma (Fazer-se). Fazer-se sovina.
Foula. Estalagem. Taberna. Tenda.
Fouleiro. Estalajadeiro. Taberneiro.
Frade. Agente de policia, guarda civil.
Frenhido. Ferido.
Fumelio. Tabaco de fumo. (Antiq. A. A. de Lima).
Fumo (Fazer). Correr muito.
Fundanario. Agente de policia. (J. B. da Silva Lopes).

Fundo. Soldado. Sentinella.
Fungante. Espingarda.
Fungante (Fundo de). Soldado da guarda municipal. (Litteralmente: soldado de espingarda, isto é, que faz a policia nocturna, armado de espingarda).
Fusca. Justiça.

G

Gábio. Chapéo. (Antiq. R. Bluteau e A. A. de Lima).
Gabiru. Rapaz que passa a vida na rua. V. *Artista.*
Gabiru. Que vive do jogo. Que tem uma existencia equivoca.
Gadachos. V. *Gadanhos.*
Gadanhos. Dedos.
Gadanhos (Deitar os). Agarrar; segurar. Prender.
Gadé. Dinheiro.
Gadé. Uma certa abastança. Uma boa fortuna.
Gage. V. *Gaja.*
Gaja. Mulher.
Gajo. Homem. Espertalhão, finorio.
Gajo taludo. V. *Gajo.*
Gaidinas. V. *Gualdinas.*
Galfarro. Agente de policia; beleguim.
Galfarro. Rapaz que passa a vida na rua. V. *Artista.*
Gaifarros (Pae dos). Deus.
Galheta. Bofetada.
Gaihetas (Azar de). V. *Galheta.*
Gallinhaço. Mau agouro; mau presagio. Má sorte, desventura.
Gallinhaço. Que é infeliz; que tem má sorte.
Gallinheiro. Cadafalso.
Gallinheiro. Varanda.
Gallo. Francez.
Galrachos. Dedos.
Gairadeira. Lingua.
Galrar. Fallar; fallar muito.
Galrar verbos trefes. Não ter papas na lingua.
Galrar verbos trefes. Dizer só parvoices e asneiras.
Galratorio. Fallatorio.
Galrochar. Fazer. Alcançar, conseguir.
Gamar. Furtar com subtileza. (J. B· da Silva Lopes).
Gambaz. Calabouço.
Gambia. Perna.
Gambias (Dar ás). Fugir.
Ganau. Piolho.
Gancho. Casa de emprestimos sobre penhores. (Corresponde ao *prego* da linguagem popular).
Gancho. Ganho equivoco e suspeito.
Gancho (Fazer o seu). Adquirir escondidamente um certo peculio. Ganhar ao jogo, sem que ninguem dê por isso.
Gancho (Fazer o seu). Fazer mão baixa em dinheiro alheio, furtar.
Ganchorra. Mão. (R. Bluteau).
Gandaio. Milho.
Gandaio. Brôa.
Gandir. Comer.
Ganiços. Dados. (Antiq. R. Bluteau).
Ganisaro. Maganão; tunante. (Antiq. R. Bluteau).
Ganso. Comboyo.
Ganso. Cruzado novo, ou pinto. V. *Caiado.*

*

Gargalheira. Pescoço.
Gargantosa. Garrafa.
Garimpo. Gallego.
Garnude. Rapaz. Garoto. V. *Artista.*
Garôma. Gallego.
Garracha. Unha. Mão. (Antiq. R. Bluteau).
Garuba. Gallego.
Gata. Bebedeira.
Gata. Meretriz.
Gatas (Andar ás). Frequentar com assiduidade os lupanares.
Gatasios. Mãos. Dedos.
Gatasios (Deitar os). Agarrar; segurar. Prender.
Gau, Gao. Piolho. (R. Bluteau).
Gaveta. Prisão; calabouço.
Geba. Mulher. Mulher velha.
Geba. Mãe velha. (R. Bluteau).
Gebo. Homem; homem velho.
Gebo. Burro.
Geco. Cão.
Geco (Ferrar um). Calotear. (Litteralmente: ferrar um cão, isto é, pregar um calote, na linguagem popular).
Gelfo. Cão.
Gera. Carne de vacca.
Gereiro. Açougue.
Gergolina. Aguardente.
Gerianta. Taberna; tasca.
Geripiti. Cacharoléte: bebida composta de differentes licôres.
Geros. Botões.
Gidio. Bello. Bom.
Gimbo. Dinheiro. (Antiq. A. A. de Lima).
Ginja. Velho. Homem velho.
Giropa. Caldo. (Antiq. R. Bluteau).
Goivo. Marido.
Golfas (Metter). Lisongear; adular.
Golfo. Gordo.
Golfo, Meio golfo. Afidalgado. Ajanotado.
Golpe. Bolso.
Golpe (Filho do). Ladrão de lenços.
Gomarra. Gallinha.
Grainhas. Uvas.
Gramo. Grito de alarme, ou de incitamento, em occasião de roubo. V. *Bojarda.*
Granar. Apregoar; acclamar.
Granar. Admoestar; reprehender.
Grane. Cavallo. (J. B. da Silva Lopes).
Grani. Egua. (J. B. da Silva Lopes).
Granjeiro. Adulto.
Granjo. Agigantado; muito alto.
Grão. Cruzado novo, ou pinto. V. *Caiado.*
Graste. Cavallo.
Grego. Perú. (J. B. da Silva Lopes).
Grenhi. Burro.
Grillo. Apito.
Grillo. Relogio.
Grimpo. Sabio. Instruido. Entendido no assumpto.
Gris. Frio. (Antiq. R. Bluteau).
Grita. Soldado. Sentinella.
Grulha. Fallador.
Grulha. Juiz. V. *Altanado.*
Grulha. Inglez.
Grulha. Libra esterlina. (Litteralmente: *Um grulha,* um inglez).
Grulha (Meio). Meia libra esterlina.
Grulhar. Fallar; fallar muito.
Grunhideira. V. *Grunideira.*
Grunho. Porco.
Grunideira. Lingua.
Grunideira (Dar á). Fallar.
Gualdinas. Calças.
Guernes. Partes sexuaes da mulher.
Guiço. Cego.
Guinda. Burra.
Guines. Cinco reis.

Guita. Muito dinheiro. Uma grande riqueza.
Guita. Soldado da guarda municipal.
Guito. Pão.
Gulle. Lã.
Gute. Bom.

H

Habilitanço. Pequena quantia para jogar.
Horanta. Hora.
Huga! Bravo! Valeu!
Huga! Continua! Anda!
Huga, huga! Huga, huga, zacôca! Grito de incitamento e de animação, chamando á revolta.

I

Intrugir. V. *Intrujar*.
Intrujão, Entrujão. V. *Intrujo*.
Intrujar. Entender, perceber.
Intrujo, Entrujo. Comprador de roubos. Receptador de roubos.

J

Jarda. Feira.
Jorna. Pachorra, vagar. (Antiq. R. Bluteau).
Jorna. Estou. (Antiq. R. Bluteau).
Jornal (Meio). Cinco reis.
Jornando. Não quero sahir. (Antiq. R. Bluteau).
Judio. Judeu.
Juiz do bairro alto. Deus.
Justa. Jaqueta.
Justa. Casaca. (Antiq. R. Bluteau).
Justo. Collete.

L

Labercos. Dez reis.
Labrosca. Lavrador.
Labroscas. Jurados.
Ladrante. Cão.
Lagosta. Bofetada.
Lagrimas. Uvas.
Laia. Prata.
Laivo. Lenço.
Lamiro. Libra esterlina.
Lamiro (Meio). Meia libra esterlina.
Lampanas. Mentiras.
Lamparina. Bofetada.

Lampio. Azeite.
Lancho. Penedo. (Antiq. R. Bluteau).
Lanvio. Chumbo.
Lapuz. Lavrador.
Lapuz. Estupido; bronco.
Laracha. Palavra.
Laracha (Largar a sua). Fallar.
Larga. Jaqueta.
Larica. Fome.
Larica (Avezar). Ter fome.
Larota. V. *Larica.*
Larota (Avezar). V. *Larica* (*Avezar*).
Lastro (Fazer). Comer.
Lata. Cara, rosto.
Latim. Calão criminal, giria.
Leganle. Pistola. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Legos. Afastado, distante.
Lengar-se. Fugir.
Lenha (Dar). Bater; dar uma sova.
Lenhador. Caceteiro.
Lepes, Lepis. Dez reis.
Leria. Mentira.
Leria. Laranja.
Lerpes. Dinheiro.
Lerpes. V. *Lepes.*
Lharuío. Charuto.
Lima. V. *Limosa.* (R. Bluteau).
Limosa. Camisa.
Limpar o cavalio. Masturbar-se. Ter cópula. (Refere-se unicamente aos homens).
Lingua. Bolsa de prata.
Linguado. «Porte-monnaie»; bolsa.
Liró. Janota.
Lisa (Á). Que não tem dinheiro.
Lôdo. Dinheiro.
Lôdo. Ouro.
Lôdo (Amarra de). Cordão de ouro.
Lôduzo. Ourives.
Lombo. Costas.
Lonjantes. Muito longe.
Losbia. Bofetada.
Loura. Libra esterlina.
Loura (Meia). Meia libra esterlina.
Lourinha. V. *Loura.*
Luar. Frio.
Luca. Carta.
Lugibeira. Loja.
Lumia. Meretriz. (J. B. da Silva Lopes).
Lupantes. Olhos.
Lupar. Olhar; observar. Espreitar.
Lusmeo. Gato.
Luzente. Dia.
Luzio. V. *Luxente.*
Luzio. Olho.
Luzio. Lampeão.
Luzio (Deitar o). Olhar; observar.
Luzio (Pescar de). Olhadela; piscadella de olhos.

M

Mabuge. Cabellos que cobrem o pubis.
Macaca. Bolsa.
Macaco. Alforge.
Macaco. Dinheiro.
Macaco. Libra esterlina.
Macaco (Meio). Meia libra esterlina.
Macallo. Cavallo.
Macanjo. Falso; fingido; perfido.
Macanjo. Pataco falso.
Macareno. V. *Macanjo.* Tem igualmente as duas significações.
Macha. Fechadura.

Maciosa. Maçã.
Maco. Alforge.
Maco. Dinheiro.
Maco. Sacco.
Macobio. V. *Macovio.*
Macovia. Casaca. (J. B. da Silva Lopes).
Macovia de graste. Albarda. (Litteralmente: casaca de cavallo).
Macovio. Casaco.
Mãe. Chave. Chave falsa, gazua.
Mãe do Universo. A Terra.
Magano. Relogio.
Malaco. Pataco.
Malaio. Bebedeira.
Malandro. Ladrão de casas.
Maleque. Pouco valor. Pouca importancia.
Maleque. V. *Maloque.*
Maloque. Tabaco.
Maluco. Pataco.
Mamão. Melão.
Manez. Homem.
Maneza. Mulher.
Mangues. Eu.
Mangués! Quem dera! Se tal acontecesse!
Mangués! Mangués, que sim! Com toda a certeza! Ha de dal-o!
Mão. Chave. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Mão (Metter). Puxar pela navalha.
Má-ochas. Má sorte. (Antiq. A. A. de Lima).
Maquefe. Enfastiado; aborrecido.
Maquefe (Ser). Abandalhar-se, acanalhar-se.
Maquia. Lucro.
Maquina. Melancia.
Maquino. Estrada.
Maquino. Conspirador.
Maquino, Maquinista. Ladrão de estrada.
Maração. Morte. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Marada. Camarada; companheiro.
Maralha. Multidão; o povo.
Marar. Matar; assassinar.
Marca. Meretriz. (Antiq. R. Bluteau).
Marco. Homem. (Antiq. R. Bluteau).
Marear. V. *Marar.*
Maribundo. Brazileiro.
Marigoto. Marinheiro.
Marnoia. Brôa.
Maroia. Camarada; companheiro.
Marrella. Pão.
Marroqueiro. Pataco. Pataco falso.
Martello grande. Mestre pedreiro.
Masapio. Casaco.
Mascanhideira. Bôca.
Mascar. Comer.
Mascara. Retrato.
Mascara. Cara, rosto.
Mascoto. Ladrão; gatuno.
Massa. Dinheiro.
Massa. Brôa.
Massudo. Pão de trigo.
Mata-christos. Judeu.
Matacões. Suissas.
Matelote. Marinheiro.
Matta. Cidade.
Matta grande. Lisboa. Tambem é designada unicamente por *Matta*, como a cidade por excellencia.
Matta linda. Coimbra.
Matutar. Masturbar-se.
Meco. Homem. Espertalhão, finorio.
Medulla. Sêda.
Medunha. Dedos. (Antiq. J. B. da Silva Lopes).
Meias solas. Suissas.
Meneza. Abbadessa.
Menina. Chave. Chave falsa, gazua.

Mestre. Pedreiro.
Mestre-sola. Sapateiro.
Mesuncha. Mesa.
Michosa. Cabeça.
Milheiro. Mil reis. Assim: *Dois milheiros,* dois mil reis; *tres milheiros,* tres mil reis; etc.
Milho. Dinheiro.
Mimosa. Camisa.
Miquei. Agente de policia, guarda civil.
Mistago. Acreditado; considerado; respeitado.
Mistangueiro. Asseado; janota.
Mistico. Bom. Bello.
Mistico. V. *Mistangueiro.*
Misto. Bom. (J. B. da Silva Lopes).
Mitra. Carapuça.
Moa. Eu.
Moafa. Bebedeira.
Mocha. Cabeça.
Moi. Eu.
Moia. Moeda.
Moiéne. Eu.
Moinante. Pedinte.
Moinar. Pedir; esmolar.
Molho. Pancadaria.
Molho. Vinho.
Mongirio. Valente; animoso.
Montante. Muro, parede.
Monteira. Carapuça. (R. Bluteau).
Moquideira. Bôca.
Moquideira (Agantar com a). Abocar. Ferrar, morder.
Moquir. Comer.
Mórca. Broa.
Morcan. Rapaz.
Morcego. Padre.
Mórma. Broa.
Morra. Carapuça.
Morrinha. Aguardente.
Morrinhaça. V. *Morrinha.*
Morte (Levar á). Convencer alguem a jogar; encaminhar para uma casa de jogo. Ajudar a roubar ao jogo.
Mosca. Dinheiro.
Moscan. V. *Morcan.*
Mosque, Mosquete. Murro, sôco.
Mostro. Vinho.

N

Nadantes. Nada.
Naia. Mão.
Naifa. Faca; navalha.
Naifada. Facada; navalhada.
Nanai. Nada.
Nantesnem? V. *Niente?* (Antiq. R. Bluteau).
Narte. Partilha d'um roubo.
Negar-se. Fugir.
Negra. Noite.
Negra (Com). Feliz; afortunado.
Nêna. Bebedeira.
Nentes. Nada.
Nentes! Cautela! Ora esta!
Nhurrio. Mau.
Nhurro. Falso; perfido.
Nicles. Nada.
Niente? Não sabes? (Antiq. R. Bluteau).
Nósaltres. Nós; nós outros.
Notante. Nota de banco.
Nove horas (Cheio de). Asseado; janota.
Nuve. Cobertor.
Nuve. Manta; capote.

O

Osga. Má vontade; odio.
Osso. Pataco.
Ougar. Berrar, gritar. Chamar ás armas.
Ourêlo. Creada, serviçal.
Ourelo. Creada com quem se traz namoro.
Ouriço. Pataco.

P

Pacau (Dar com o). Despedir alguem.
Pacau (Levar com o). Ser despedido. Ser mal succedido nas suas pretensões.
Pachacha. Partes genitaes da mulher.
Padeiro. Diabo.
Pae. Comprador de roubos.
Pae. Capitão, chefe de ladrões.
Pae: Deus.
Painço. Dinheiro.
Paivante. Cigarro.
Paivar. Fumar.
Paivo. Cigarro.
Paivote. V. *Paivo.*
Pala. Mentira.
Pala (Fazer). Encobrir. Fazer costas para um roubo.
Paião. Mentira.
Paleio. Conversa.
Paleiro. Guarda-sol.
Palhetas. Botas.
Palhetas (Passar as). Fugir.
Palito. Cigarro.
Palmar. Furtar; roubar.
Palmar. Morrer.
Palra. Grito de alarme ou de aviso. V. *Bojarda.*
Palrante. Relogio.
Palrante. Advogado.
Pairar. Fallar.
Panasio. Bofetada.
Pança. Ventre, barriga.
Pancada, Pancada na bola. Maluqueira; mania.
Pantim. Paris. Não obstante ser escripto e pronunciado á portugueza, é o termo francez equivalente: Pantin, arrabalde de Paris.
Papa-gente. Escrivão.
Pápulo. Jornal.
Pápulo. Testamento. Requerimento. Escriptura. E um termo generico, exprimindo sempre a idéa de papel escripto, á excepção de cartas.
Pápulo (Sem). Sem testamento: *ab intestato.*
Pardalôpo. Estupido; bronco.
Paris. Sublime.
Parnau. V. *Parné.*
Parné. Dinheiro.
Parneque. V. *Parné.*
Parni. V. *Parné.*
Parrêlo. V. *Parné.*
Partes de gaiola. Brincadeira. Mogigangas.
Pasma. Sentinella. Soldado da guarda municipal.
Pasma, Pasmas. Patrulha de soldados da guarda municipal.
Passante. Ponte.

Patêgo. Lavrador. Vestido á moda d'aldeia.
Patêgo. Covarde.
Patêgo. Lôrpa, aparvalhado.
Pato. Jogador inexperiente e facil de enganar.
Pato. Que gasta muito dinheiro; que paga generosamente ás meretrizes.
Patrão. Pae.
Patrão. Carcereiro.
Patrão do throno. Juiz.
Patricio. Patrão.
Pau. Falso; fingido.
Pecego. Anus.
Pecegueiro. Effeminado. Sodomista passivo.
Peltra. V. *Pildra.*
Peuante. Chapéo.
Penduras de uvas ferraes. Lampadas de prata. (J. B. da Silva Lopes).
Pennosa. Gallinha.
Pennuge. Baeta.
Pêra. Bolsa; bolsa de prata.
Perisca. Ponta de cigarro.
Perola. Cama.
Perpianho. Brôa.
Perrilha. Peça de fazenda.
Perua, Perunca. Bebedeira.
Petisca. Libra esterlina.
Petisca (Meia). Meia libra esterlina.
Petiz. Rapaz.
Petiza. Rapariga.
Petruza. Bolsa de prata.
Piada. Palavra.
Piada (Largar a sua). Fallar.
Piada (Soltar uma). Cantar.
Piadouro. Calix de igreja.
Pianinho. Guitarra.
Piar. Beber.
Piar. Fallar.
Pica. Camisola.
Picante. Gatuno; ladrão.
Picar, Picar-se. Furtar; roubar.
Piéla. Bebedeira.
Piélar-se. Embriagar-se.
Pifão. Bebedeira.
Pildra. Cama.
Pileca. Cavallo; cavallo escanzelado.
Pilo. Abantesma; avejão; phantasma.
Pilo. Frango.
Pilra. Cama. (R. Bluteau).
Pilula (A paz de). Que não tem dinheiro; que não traz dinheiro comsigo.
Pinca. Camisola.
Pingadeira. Blennorrhagia.
Pingadeira, Pingadura. Fonte.
Pinha. Cabeça.
Pinoia. Meretriz.
Pintar a manta, Pintar um burro. Divertir-se muito.
Pio. Embriagado.
Pio. Vinho. (R. Bluteau).
Piolhosa. Cabeça.
Pipuncha. Pipa.
Pirando (Pôr-se no). V. *Pirar-se.*
Pirar-se. Fugir.
Pireza (Pôr-se na, Ir na). V. *Pirar-se.*
Piro (Pôr-se no). V. *Pirar-se.*
Pisado. Embriagado.
Pistão. Guarda-sol.
Piteira. Aguardente; aguardente de figos.
Piteira. Bebedeira.
Piteireiro. Embriagado; muito dado á embriaguez.
Pitoio. «Cache-nez».
Placa. Moeda portugueza antiga, de prata, valendo 240 reis.
Planta. Pé.
Plaústra. Capa, capote.
Plégo. Grosseirão; abrutalhado.
Pocachim. V. *Bocanhim.*
Polaca. Mãe.

Polaco. Pae.
Pomba. Dinheiro ganho ao jogo.
Pomba. Moeda de prata de 500 reis.
Pontifice. Cigarro.
Pôr a dormir. Matar; assassinar.
Porcaria. Presunto.
Portar a bordo. Entrar no navio. Levar para bordo do navio.
Porte-borne. «Porte-monnaie».
Praça. Homem.
Prance. Muito asseado; janota.
Prantar. Dizer, contar. Escrever.
Prantar. Mostrar; descobrir.
Prantar-se de gorra. Metter-se com alguem; insinuar-se.
Preta. Garrafa.
Prussia. Corpo de policia.
Pula. Agente de policia, guarda civil.
Punida. Palha.
Purrio. Embriagado. (Antiq. R. Bluteau).
Puxadeira. Orelha.
Puxadeiras (Alargar as). Escutar.
Puxadura. V. *Puxadeira*.
Puxaduras (Alargar as). V. *Puxadeiras (Alargar as)*.
Puxo. Lenço.

Q

Quebra-dentes. Pecego.
Queijo. Lua.
Quelire. V. *Clire*.
Quelis, Quelise, Queliseo. V. *Clis*.
Quélle. V. *Cuélle*.
Quélles. V. *Cuelles*.
Quibumbo. V. *Quico*.
Quico. Chapeu.
Quido. Dinheiro.
Quinga boche! Espera, que vem já!
Quingar. Esperar.
Quinto. Quintal.
Quinto (Bater um). Ir occultamente a um quintal, com o proposito de furtar alguma cousa: gallinhas, hortaliças, fructas, etc.

R

Rabeco. Marinheiro de barcos rabelos.
Rachão. Bengala.
Rafa. Fome. (R. Bluteau).
Raivoso. Vinagre.
Ralé. Valor, animo, coragem.
Ralé. Presumpção; bazofia.
Ralé. Aversão; raiva; odio.
Rama. Cadeia de relogio.
Rascar. Enganar, illudir.
Raspar-se. Fugir.
Rastantes. Sapatos.
Rasteiras. Chinelas de mulher.
Rasteiros. Chinelos. (Refere-se especialmente aos sapatos de liga).
Rata. Fome. (Antiq. R. Bluteau).
Ratafia. Genebra.
Ratanhí, Retanhí. Chave falsa, gazua.
Rateira. Meretriz.
Raza. Abbadessa.
Raza (Pôr á). Dar uma grande sova.
Razo. Padre; abbade; frade. E um termo generico: exprime sempre a idéa

*

d'um ecclesiastico, seja qual fôr a sua cathegoria.

Reco. Jumento.

Reco. Porco.

Rede. Capa. (Antiq. R. Bluteau).

Rêde. Roupa. (Antiq. A. A. de Lima).

Rêde (Ir na). Cahir n'um logro; ser illudido com artificios, com promessas. Apaixonar-se por uma mulher.

Redonda. Saia.

Redondo. Prato.

Rei. Padeiro.

Reixa. Cadeia.

Remim. Meretriz.

Resina. Bebedeira.

Respalde. Lençol.

Restolho. Barulho; algazarra.

Ribates, Ribatis. Acima; em cima; para cima.

Rifar. Abandonar; deixar. Repudiar.

Rijo. Regedor.

Ripa. Espada.

Ripia. A classe dos gatunos e dos ladrões.

Ripia (Falla da). Calão criminal, giria.

Roda. Tostão. Assim: *Duas rodas,* dous tostões; *Cinco rodas,* cinco tostões; etc.

Roda (Meia). Meio tostão. Na linguagem dos bordeis, tem esta moeda a designação especial de *cochicho;* tambem ha quem assim chame aos tostões.

Rodinha. V. *Roda.*

Rodizio. Patacão: moeda portugueza antiga, de cobre.

Rodizo. Peça de artilheria.

Rogantes. Nozes.

Rolantear. Matar; assassinar. (Em especial, ás facadas).

Romaria. Mulher adultera.

Roncante. Porco.

Rôsca. Onanismo.

Rôsca (Comer uma). Masturbar-se.

Rôsto. Sangue.

Rouxinol. Apito.

Ruço. Burro.

Ruço. Estupido; bronco.

Rufadeira. Comida.

Rufar. Bater; dar uma sova.

Rufar. Accender o lume.

Rufo. Lume.

Rufo (N'um). N'um momento.

Rufo (Tocar). Arder.

Rupim. Rico.

Rupino. V. *Rupim.*

Rusga. Patrulha de soldados da guarda municipal.

Rustir. Comer.

S

Sacca. Cadeia.

Sacco da brôa. Ventre, barriga.

Sacco de café. Bolsa de prata.

Safo. Lenço.

Sagrado. Vinho.

Saltei no mico. Agente de policia, guarda civil.

Saltos. Soldados da guarda municipal.

Samatra. Bebedeira.

Santa. Hospital.

Sapato. Pataco.

Sapatrancas. Sapateiro.

Sapeca (Meia). Cinco reis.

Saqueiro. Carcereiro.

Sarda. Faca; navalha.

Sardada. Facada; navalhada.

Sardão. Membro viril.
Sardar. Esfaquear; anavalhar.
Sardinha. Punhal; faca.
Sebastiana-crespa. V. *Rosca.*
Sêcco. Vazio.
Secreto. Ajudante; cumplice.
Sedaite. V. *Seduncha.*
Seduncha. Sêda.
Segante. Annel.
Segovia. V. *Rosca.*
Semoque. Tabaco.
Serambia. V. *Rosca.*
Serralha. Peça: moeda portugueza antiga, de ouro, valendo 8$000 reis.
Serrar. Pedir; esmolar.
Serviço. Creada, serviçal.
Serviço. Creada com quem se traz namoro.
Sica. Bolsa; bolsa de prata.
Simoco. Rapé.
Sinhá. Mulher.
Sobre-macovia. Sobrecasaca. (J. B. da Silva Lopes).
Socia. Filha.
Socia. Menina; rapariga.
Solano. Agiota.
Solha. Bofetada.
Sôlho. Cabello.
Solisga. V. *Rosca.*
Soltar. Cantar.
Sombra. Cadeia.
Sombra (Estar á). Estar preso.
Sonante. Dinheiro.
Sonar. Dormir. (R. Bluteau).
Sopeira. Creada de sala.
Soquinha. Cozinha.
Soquir. V. *Suquir.*
Sorge. Soldado.
Sorna (Bater). V. *Sornir.*
Sornar. V. *Sornir.*
Sornir. Dormir; adormecer.
Spetadella, Espetadella. União sexual, cópula.
Subaque, Suvaque. Furto; roubo.
Subaqueiro, Suvaqueiro. Receptador de roubos.
Sucia. Ajuntamento.
Sucio. Homem.
Suquinha. V. *Soquinha.*
Suquir. Comer. (R. Bluteau).
Surdo. Membro viril.
Surrar. Furtar; roubar.

T

Tabefe. Bofetada.
Taboa. Lenço.
Tachada. Bebedeira.
Tachar-se. Embriagar-se.
Tacho. Creada de cozinha, cozinheira.
Taco. Pataco.
Talão. Taberna.
Tamposa. Caixa.
Tanso. Aparvalhado. Agallegado; grosseirão.
Tapa-olhos. Bofetada.
Tardar. Vestido de mulher. (Antiq. R. Bluteau).
Tarduncho. Muito tarde; fóra de horas.
Taró. Frio.
Tascanhar. Comer.
Tascante. Taberneiro; dono de tasca.
Tascar. Comer.
Téca. Dinheiro.
Téfe-téfe (Fazer). Fugir correndo.
Têgo. Padre.
Tendeiro. Diabo.
Térne. Costas. (Antiq. R. Bluteau).
Térragoza. Lisboa. (Antiq. R. Bluteau).

Têso (Andar, Estar). Não ter um real de seu; não trazer dinheiro nenhum comsigo.
Têsto. Melindre: bolinho de pão de ló.
Testos. Cabeça.
Tiba. V. *Tibia.*
Tibada. Facada; navalhada.
Tibia. Faca; navalha.
Tinente. Intelligente; finorio. (J. B. da Silva Lopes).
Tingar. Tirar; retirar.
Tingar-se. Fugir.
Tinhosa. V. *Rôsca.*
Tinhosa. Sardinha.
Tintas (Está-se nas)! Não importa! Não faço, ou não faz caso... (Corresponde á phrase popular: Para cá vem, ou para lá vai você de carrinho).
Tintura. Vinho.
Tipoia. Carruagem.
Tirabar. Ter cópula.
Tiragens. Calças.
Tirante. Cordão de ouro.
Tirantes. Calções. (Antiq. R. Bluteau).
Tisas. Tesouras.
Tísicas. Calças.
Tocar-se. Embriagar-se.
Toiéne. Tu.
Tóla. Cabeça.
Torre dos piolhos. Cabeça.
Torta. Bebedeira.
Torta. Meretriz.
Tortulho. Guarda-sol.
Toscante. Administrador do concelho.
Toscar. Vêr; observar.
Toscar. Entender, comprehender. Averiguar; examinar.
Toscar de ginja. Vêr; observar.
Totelicante. Todos.
Touca. Bebedeira.
Toupeira. Pinha.
Toura. Moeda.
Trabalhar. Furtar; roubar.
Trabalho (Filho do). Gatuno; ladrão.
Tralha. Corda.
Tralha. Roupa.
Tralha. Capote. (J. B. da Silva Lopes).
Tramar. Descobrir.
Tramoia. Calceta; grilheta de forçado.
Trancas (Dar ás). Fugir.
Transparente. Vidro.
Trapeira. Cabeça.
Traquête. Gravata. (Antiq. R. Bluteau).
Trauzes, Trauses. Calças.
Trilho. Estrada.
Trincar. Furtar; roubar.
Trinchante. Garfo.
Trinqueta. Homem sem modo de vida, vadio.
Trio. Theatro.
Trinquista. Rapaz sem modo de vida, vadio.
Triques (Todo). Muito asseado; janota.
Triques á marinha (Com). Vestido com roupa nova. Muito asseado.
Troços (Dar aos). Fallar.
Troipéla. Barba.
Trombelear. Abalar, agitar. Commover-se. Perder o socego.
Trompar. Enganar, illudir.
Tronga. Meretriz.
Tronhar-se. Aleijar-se.
Troza, Trosa. Corda.
Trozes. Calças. (J. B. da Silva Lopes).
Trunfo. Bofetada.
Trunfo dos trunfos. Deus.
Tuélles. Doze vintens.
Typa. Mulher.
Typo. Homem.

U

Uga! V. *Huga!* (J. B. da Silva Lopes).

Unha de cabra. Ferro de assento.

V

Vagarosa. Cadeia, prisão.
Vaia (Dar). Escarnecer, zombar.
Vaidó! Lá isso é verdade!
Vaidó! Bravo! Valeu! Com a fortuna!
Valente. Alavanca; ferro do monte.
Vazarucada, Bazarucada. União sexual, cópula. (Litteralmente: cópula com mulher de pataco).
Vazaruco. Pataco.
Vegueira. Burra.
Vegueira. Mulher com quem se tem cópula. (Facilmente se apprehende o simile...).
Vegueiro. Burro.
Velhaco. Ladrão; ladrão de casas.
Ventana. Janella.
Vento (Tomar). Correr, correr muito. Procurar, investigar com cuidado.
Verde-limo. A cadeia do Limoeiro, em Lisboa.
Verdoso. Sangue.
Verdoso d'alangues. Vinho verde.
Vezanta, Vezante. Vez.
Vicente. Gato.
Vida. Prostituição; vida de meretriz.
Vindimar. Matar; assassinar.
Vintanços. Vinte.
Virar. Matar; assassinar.
Vitellar. Ganhar libras esterlinas, ao jogo. Trocar dinheiro em libras esterlinas.
Vitéllo. Libra esterlina.
Vitéllo (Meio). Meia libra esterlina.
Viuva. Garrafa.
Volantina. Moeda de prata de 500 reis.
Vósaltres. Vós; vós outros.
Vulto. Corpo. (A. A. de Lima).

X

Xartante (Um). Um quartinho: 1$200 reis.

Xelindró. Estação de policia. Cadeia, prisão.

Z

Zagaio. Nariz.
Zala. Fome.
Zoina. Meretriz.

(*Continua*).

Porto.

J. M. de Queiroz Velloso.

MUSEUS REGIONAES

I

Entre os alvitres postos como efficazes para a solução da crise economica que ha muito perturba e afflige o paiz, avultam os que vêem nos productos naturaes do sólo o recurso capital e porventura exclusivo em cuja acção redemptora nos seja licito ter esperanças. Já em occasiões varias se tem solicitado da terra e do que n'ella existe ou vive a appetecida prosperidade que nos dê um desafogo tranquillo; mas essas reclamações, habilmente tratadas d'alto, bem capituladas por vezes e não raras com uma sagaz erudição de estatistica e detalhe, não lograram o exito desejado.

Motivos ha que, talvez pela sua singeleza, não tendo obtido tão pouco uma previdente attenção do critico ou do legislador, explicam a esterilidade d'esse resultado. D'entre elles, o mais simples, está em ser de geral ignorancia tudo o que de productos naturaes nós possuimos; porque, segundo parece, é indispensavel saber préviamente o que ha e onde, para seguidamente se poder utilisar. Não bastam os pequenos inqueritos esparsos em publicações especiaes ou a enumeração arida de faunulas e florulas defezas ao accesso publico em virtude d'uma terminologia convencionada cujo dominio de acquisição é bem

restricto; seria necessario, antes de tudo, traduzir em linguagem comprehensivel e espalhar devidamente o relato descriptivo do que existe e do que é substituivel ou acclimavel. Mas nem o inventario do que temos está feito por completo, nem dos homens da technica que por esse paiz fóra a ensinam nas escólas ditas profissionaes, ha a esperar esse subsidio prévio, graças á meticulosidade com que é de uso escolher incompetentes. Isto posto, deduzir-se-ha que a importancia da utilisação do minerio, do sólo agricola e da cultura maritima, por exemplo, é na generalidade ignorada, uma vez que o desconhecimento da materia prima e dos processos industriaes correlativos á sua apropriação não quebraram ainda o mutismo de quem n'esta terra dá officialmente luz e ensinamento.

Exemplificaremos, para que estas affirmações não pareçam malevolamente gratuitas, com casos singelos de facilima averiguação.

Ha mais de vinte annos legislaram os poderes publicos sobre uma industria que ao tempo não existia ainda e que só, alguns outros passados, iniciava as primeiras tentativas. Cuidava-se, com notavel rigorismo e minucia, de regulamentar a ostreicultura, fixando limites de tempo para a dragagem, determinando os logares onde a pesca era permittida e bem assim o modo como devia ser executada, estabelecendo as dimensões minimas do mollusco para ser introduzido no consumo, indicando aos futuros concessionarios a morosa obtenção da licença para a viabilidade das suas pretensões, providenciando ácerca da invasão dos limos e das algas, creando multas pesadas para as infracções, estipulando emfim uma fiscalisação severa e estreita, estendendo-se desde o administrador concelhío ao intendente de marinha. Apenas havia esquecido ao bom homem da lei a creação d'um parque-modêlo para educação e exemplo, convenientemente subvencionado pelo Estado e onde fosse aprender todo o que quizesse conhecer os processos e vantagens d'uma industria desconhecida para nós. Tambem este descuido, no platonismo do decreto, deu só em resultado não termos industria ostreicola em Portugal, apparecendo quando muito no

mercado, em quantidade diminuta, um comestivel ordinario contra o qual lá fóra se tem feito uma tenaz e justificada campanha de descredito.

A ostra do Tejo, que muitos pensam, por motivos de ordem scientifica, nem sequer dever ter esse nome, é cultivada, d'um modo regular, por uma parceria. Dos publicos papeis não consta que outra companhia haja iniciado definitivamente a cultura em outra região; de sorte que — é curioso observar — n'um paiz de littoral esse ramo da industria aquicola, longe de estar amplamente desenvolvido, vegeta rudimentarmente em esboço.

Ora nem os decretos ensinaram nem toda a gente sabe se a ostreicultura é extensiva a outros logares independentes da bacia do Tejo; se apenas essa especie é a unica cultivavel entre nós; se é inferior ou superior ás especies de fóra para lhe demarcar o grau de concorrencia; se, por ultimo, a industria é remunerada na proporção do esforço e da despeza. Aos ensaios que se hão tentado surgem obstaculos desanimadores que têm levado a crêr na impossibilidade de instituir a serio essa cultura. Objecta-se, por exemplo, que n'um dado logar talvez favoravel não existem bancos naturaes, o que é justo causar receios visto que o decreto não mandou ensinar a construir canteiros artificiaes; assegura-se que a salsugem em certas regiões não permitte o cultivo satisfatorio do mollusco do Montijo, sem se saber que outra especie de ostra, igualmente comestivel, poderia ser adaptada com proveito; affirma-se que o fundo vasoso impede tão pouco a cria, quando, por uma macadamisagem intelligente se obstaria a esse perigo; teme-se a destruidora impetuosidade das correntes, sem lembrar a edificação de diques que se opponham, desviando-as.

Seria pois de toda a logica que o decreto ordenasse primeiramente a investigação dos locaes accommodaveis á cultura e parallelamente as condições varias como ella deveria ser effectuada, consoante a diversidade e particular natureza de logares. Conviria tão pouco saber que a ostra portugueza, embora muito prolifica e robusta, é consideravelmente inferior a cer-

ta cultivada nas praias d'outros paizes; que se em alguns logares só essa é adaptavel, n'outros poder-se-hia introduzir a de Swansea, Ostende ou de Arcachon; que hoje se aproveitam sofregamente a maior parte dos sitios banhados pelas aguas, desde as antigas salinas, como as de Croisic, até ás lagoas salobras, como as da Corsega; e emfim, para nos regalarmos de esperanças — na boa terra de commissões e substanciosos relatorios — que alguem nos viesse dar a grata noticia de que já ha muito são vendidos annualmente na Inglaterra para cima de dezoito mil contos do precioso bivalve.

Pelo parque-modêlo e laboratorio annexo saber-se-hia pois a pratica ostreicola desde a escolha de terreno e essenciaes condições de reproducção e engorda até ás doenças e inimigos cuja existencia forçoso seria evitar. Mas este esquecimento do decreto, occasionando simplesmente a carencia d'uma industria lucrativa para o Estado e directamente para milhares de pessoas, foi talvez motivado por uma intransigente obediencia áquella velha fórmula que já andava na bôca e no tino dos nossos maiores — *quem quizer que se arranje.*

Contrapõe-se a este facto em que, para uma industria que não existe, sobeja uma legislação atilada e subtil, o caso de ser conhecida e latamente descripta uma outra fonte de receita sobre a qual os homens da governação não fizeram baixar ainda um piedoso despacho. Está effectivamente inventariado por mais do que um engenheiro habil, n'uma especial publicação de obras publicas e minas, o jazigo de ferro das cercanias de Moncorvo. Calculos baixos fazem crêr que a massa do minerio é provavelmente superior á bagatella de sessenta e cinco milhões de toneladas, sendo a maxima parte constituida pelo ferro oligisto e devendo obter-se, em média, cincoenta e cinco por cento de percentagem metallica. Os affloramentos em grandes extensões e parallelamente a disposição orographica do terreno, facilitam, com copiosas vantagens, a extracção e exploração do minerio. Seria necessario comtudo remover certas difficuldades. E eram ellas: o porto de mar mais proximo do jazigo estar afastado uns duzentos kilometros; a multiplicidade das concessões;

a provavel exorbitancia das tarifas; o custo do ferro posto em Leixões concorrer com o preço do minerio da Biscaya exportado por Bilbau; a falta de carvão para a extracção do ferro.

Estas objecções acharam da parte dos competentes uma solução, ao que parece, decisiva. Assim, se as concessões fossem feitas em grande pelo menor numero possivel de industriaes, demonstram os numeros que se poderia convencionar com a administração dos caminhos de ferro uma tarifa de transporte notavelmente baixa e igualmente proveitosa; e maior seria a reducção se, no sentido ascendente, fosse carreado o carvão requerido para a metallurgia do ferro. No porto de Leixões, frequentado em breve por navios de grande lotação, edificar-se-hiam, sem encargos pesados, as installações de embarque; de retorno, os vapores que levavam o ferro transportariam o carvão. E de resto o combustivel conseguir-se-hia talvez em melhores condições de preço importando-o das Asturias ou trocando-o até pelo nosso minerio. Fabricado o ferro no Pocinho accrescia ainda a notavel economia de poder utilisar-se a agua do Douro como força motriz, já aproveitada antes em fragmentar minerio para exportação. Acreditando, pois, nos pareceres da engenharia conseguiriamos com todo o exito iniciar a industria siderurgica em Portugal, abastecermo-nos de ferro mais barato do que o importado e exportar, sem receio de competencias annulladoras, aquelle de que não precisassemos.

Mas não ficam n'isto as vantagens do fabrico nacional do ferro. Proximo a Bilbau existe um jazigo de minerio analogo ao nosso, cuja producção annual é de cêrca de quatro milhões de toneladas; annualmente exportam-se umas quarenta mil de ferro fundido. Não têm, como nós, o combustivel; a quantidade do minerio de Moncorvo é superior á de Bilbau; a média do teor do nosso é igual á maxima do melhor da Biscaya; as minas hespanholas estão quasi a exgotar-se. Ora tendo isto em conta e sendo certo, adoptando as palavras do distincto engenheiro que informa (Costa Serrão), que a tonelagem representativa do movimento commercial na barra de Nervion só tem de

superior na Europa todo o movimento commercial do porto de Londres, é natural suppôr que a industria do ferro entre nós seria altamente remuneradora.

Para a consecução effectiva d'esta obra precisar-se-hia, em primeira instancia, de incluir na rêde ferro-viaria do norte do Mondego mais um caminho de ferro de algumas dezenas de kilometros. Essa linha, que do Pocinho iria a Miranda do Douro, iniciando uma nova industria, augmentaria a população e correlativamente o trabalho e o consumo na zona mineira apontada, importaria o progresso agricola da região, desenvolveria o movimento e estabeleceria, por intermedio de Zamora, uma facil communicação com a Hespanha, visto que nenhuma outra via ligaria tão directamente o Porto com o norte do paiz visinho. E ainda para mais captivar a realisação d'essa chimera — n'um florescente paiz que bem póde renunciar a tanta grandeza — outra vantagem ha a adduzir em favor da construcção. Proximo a Vimioso existe, como se sabe pelas gazetas, um jazigo de alabastro e marmore que occupa nada menos de seis kilometros de comprimento. Um geologo eminente (Nery Delgado) que fez o reconhecimento scientifico da região, averiguou que o notavel calcareo é analogo ao de segunda classe de Carrara. O alabastro é famoso de transparencia e de côr; o marmore igualmente bom na textura e na mancha. Um applicar-se-hia com exito na estatuaria, outro na architectura, o rebotalho na fabricação da cal; a extensão do primeiro, vastissima, a quantidade do segundo, inexgotavel, a lavra, excepcionalmente facil. Reparando que em Hespanha se solicitam avidamente os nossos materiaes decorativos e de construcção a ponto de ainda há bem pouco ser contratado para Madrid um fornecimento de trinta mil metros cubicos de calcareo portuguez, presume-se sem esforço que os marmores de Vimioso teriam uma magnifica aceitação da visinhança. E ahi está, com uma mesma via ferrea, o desenvolvimento d'uma nova e rendosa industria.

Ora nem ao publico nem certamente aos esclarecidos luminares que o administram importam estes factos d'um interesse tão proximo e tão opportunos. O caminho de ferro não se

construiu nem se construirá provavelmente; d'onde tanto monta ter leis para industrias que não existem como possuir minerio inexplorado por carencia de legislação que não virá. E quando assim acontece para o caso de montanhas de alabastro e ferro, o que não será para as pequenas industrias que poderiam estar cantonadas em innumeros logarejos, pouco valendo isoladamente, é certo, mas constituindo juntas uma grande força activa e productora para cuja realisação tantas aptidões poderiam efficazmente concorrer. A bem dizer não existem, e a causa está, em grande parte, na falta completa de instituições ainda não creadas no paiz, graças á solercia e ao desdem fidalgo de quem manda.

II

Os museus regionaes deveriam ter entre nós um pouco d'esse caracter que assignala, em importancia e effeitos, certos museus civicos de Italia. É manifesto que, em terra onde as sciencias biologicas não agitaram a curiosidade da maior parte do publico ledor e officialmente instruido, estabelecer archivos de productos naturaes com a feição eminentemente especulativa dos grandes institutos de fóra, seria como que legislar para a exploração da nossa industria piscicola. E afóra o caso incontroverso de escassearem administradores capazes para orientarem com probidade a marcha progressiva de taes instituições, necessario seria quanto antes actualisar-nos com o que está feito no dominio exclusivo do que nos é directa e immediatamente util. Imaginando polidamente que a sabedoria official da nação contribuirá n'estes cem annos mais proximos com alguma idéa para a solução dos graves problemas geogenicos, biogeneticos ou ethnicos que importam á Philosophia da Historia Natural, isso incumbe a esforços e impulsos de estabelecimentos directamente protegidos pelo estado. Mesmo a colleccionação do que existe e que, mercê da governamental munificencia, nem

meio caminho andou, embora bons desejos alguma coisa hajam alcançado em Lisboa e em Coimbra, nada tem que vêr ainda, em amplitude e intuitos, com a organisação toda especial dos museus regionaes. Pois que, sendo estes estabelecimentos destinados sobretudo a darem lição ácerca do que diz respeito quasi exclusivamente a uma população de área e de interesses circumscriptos, transformar-se-hia desastradamente o seu objectivo de poderosos agentes educativos, caricaturados que fossem os museus geraes, evidentemente mais largos em propositos e recursos.

O fim a preencher consiste — adoptando a banalidade consagrada — em terem utilidade pratica, e não em restringir, pelo seu feitio estreitamente erudito, o interesse immediato de quem os visita e consulta. Se em todos os districtos fosse possivel estabelecer institutos d'esta ordem, era com os productos naturaes da região e as indicações relativas á sua utilidade, valor e exploração industrial que se deveriam principalmente occupar. É obvio que em um museu da Povoa de Varzim, por exemplo, se não iriam collocar os documentos relativos á vinha instruidos quanto aos seus desastres e remedios, como na collecção ethnographica que o de Elvas porventura possuisse pouco significariam os utensilios de pesca d'aquella povoação maritima. Os objectos de estudo e observação — repete-se — deveriam pertencer apenas a uma área convenientemente demarcada pela somma de importancia que adviria para as localidades proximas, uma vez que o desenvolvimento d'estes museus, tendo a contar certamente com uma dotação invariavelmente exigua, veria frustrados, d'outr'arte, os seus designios.

É o caso que nas regiões onde a cultura da amoreira fosse viavel e consequentemente o desenvolvimento dos bombycites, em valor e numero, muito haveria que aprender nos museus e respectivas instrucções sobre a industria da sêda. Alguem sabe, pelo menos, que a sericultura teve em Portugal uma magnitude digna de melhor futuro. Datam dos primeiros annos do seculo XIII os documentos conhecidos ácerca da protecção a este ramo industrial; e embora, ao diante, não rivalisasse com os produ-

ctos dos kalifados de Granada e Cordova, obtiveram-se comtudo magnificas telas, organsins e tafetás, e foram celebres os nossos velludos, setins e gorgorões, mercê do carinho e desvelo de certo conde da Ericeira. Mais tarde, ahi pelo seculo XVIII, a latitude da industria foi tal que urgiu instituir a Direcção geral das fabricas de sêda do reino. Do Piemonte nos vieram sementes e com ellas homens do *métier;* só á Real Fabrica foram cedidos tres mil pés de amoreira branca; os filatorios multiplicaram-se e peritos experimentados vigiavam e davam conselho. Pouco a pouco o Estado foi desamparando a cultura até que em principios d'este seculo começavamos a registrar mais uma industria moribunda. No entanto lá fóra as installações cresciam; a assolação provocada pela pebrina, longe de esmorecer os cultivadores, levou-os a ensaiar a acclimação do bicho da sêda do aylantho e do carvalho do Japão e da China; a França colheu d'este modo os melhores resultados, limitando-nos nós a exportar-lhe, via Marselha, os nossos casulos cujo titulo de excellentes e dos melhores da Europa, a inepcia portugueza não logrou ainda destruir.

Ora nem a intensidade das epizootias, que entre nós foi d'um alcance diminuto, nem a carencia de especiaes aptidões, pois que tal industria occupa a bem dizer creanças e mulheres, foram as determinativas da sua extincção. O motivo remoto d'essa decadencia está no desapparecimento das antigas fabricas-modêlos que o paiz subvencionava e ainda mais na falta dos praticos que de terra em terra iam levar o ensino sempre aperfeiçoado da technica, indicando superiormente, a par e passo, as alterações á legislação, no sentido progressivo da industria e do seu commercio. Esses dois factores de propaganda, de desenvolvimento e de tenacidade traduzir-se-hiam hoje pelo systema mais que modesto das escólas moveis e simultaneamente com a instituição de collecções de typos de chrysalida e borboleta, de ovos e casulos, de inimigos do lepidoptero e de exemplos das suas devastações, de especies varias do producto e das falsificações, da engrenagem industrial emfim, tudo archivado e etiquetado nos museus das localidades sericolas.

Como para as sêdas, a industria nacional das lãs reclamaria uma ajuda affectuosa do poder central. Quasi se limita, como de todos é sabido, ao fabrico do sapato de ourelo visto que, não tendo havido no cruzamento das rezes uma solicitude intelligente, a materia prima é notavelmente réles. Certo é que o clima e a impossibilidade da transhumação são obstaculos para a posse das grandes oviarias; a estabulação, porém, e a pastoria nas montanhas não impediria de todo o aperfeiçoamento discreto do producto.

Depois das sêdas e das lãs restam-nos, como fibras textis, o linho, cuja cultura, embora prospere em paizes visinhos, vai sendo entre nós abandonada seguidamente ao seu inicio e isso pelos motivos conhecidos. Não se procurou todavia substituil-a, resuscitando uma outra industria agricola lucrativa — a espartaria. Abundou de tal modo o esparto na peninsula, que Portugal e Hespanha não tiveram por muito tempo competidores em todos os mercados de fóra; de Carthagena se chegaram a expedir, n'um anno, vinte mil toneladas de esparto já manufacturado, e ainda ha annos, proximo de Almeria, se occupavam cincoenta mil pessoas no preparo do vegetal. Essa industria, que a Hespanha ainda conserva, foi entre nós igualmente florescente; hoje está quasi riscada, a despeito do sólo continuar a ser dos mais proprios da terra para tal cultura.

Abandonada á iniciativa individual que, pelo desolante phenomeno regressivo a que desgraçadamente obedece a intellectualidade portugueza, se amesquinhará cada vez mais, está a apicultura. Se teve sempre entre nós o caracter d'uma industria caseira, difficilmente se ampliará como as textis. A orographia do paiz de que depende, consoante as regiões, o *facies* da vegetação e correlativamente a boa ou má natureza dos pastos, dá-lhe condições excepcionalmente vantajosas para a implantação dos grandes colmeaes. De fóra nos dizem diariamente que o mel de Portugal é dos melhores da Europa; a producção continúa, porém, a estar longe de corresponder aos favores do sólo, do clima e da flora.

Analogamente se fallaria da cera, das manteigas e do quei-

jo, da vinha mesmo e da oliveira, do açafrão e da mostarda, da beterraba emfim, esse generosissimo vegetal duplamente valioso como planta alcoolisavel e saccharina n'um paiz onde os cereaes não chegam e a vinha é morta. Tanto basta, comtudo, para documentar o que se affirmava a principio: o ser de geral ignorancia tudo o que dos nossos productos naturaes haveria a colher em serviço do desenvolvimento industrial. As nossas escólas profissionaes, se existem, falharam, como falhado tem a representação effectiva da alta sciencia official. Seria doloroso vêr confirmado por um inquerito o vazio intellectivo e erudito dos nossos mestres nas coisas portuguezas, as quaes e a despeito de tudo vão testemunhando, com inegualavel crueza, tão assignalada e já normal debilidade. Não tendo assim remedio, por annos dilatados, o estado actual do ensino technico, urgia, mais que nunca, inaugurar um systema de estudo e de propaganda pela creação dos museus regionaes. Esboçados já, á brocha larga, os seus intuitos, conviria ir escolher lá fóra quem em tal materia fosse entendido; não viesse a sabedoria da casa intrometter-se n'aquillo de que nada percebe. Esse pessoal, sabiamente recrutado, começaria a recolher e inventariar tanto material disperso, a estudal-o, a classifical-o, a archival-o, dando derivativamente o conselho justo para a efficaz utilisação do que fosse industrialmente valido. Consecutivamente a legislação se remodelaria á medida que do valor do que temos se fosse tomando conhecimento. Avigorada então esta raça lassa e frouxa pela caldeação com um povo forte, ainda se poderia aspirar a tempos prosperos se, para tal gente, não são já irremediaveis tantos annos de relaxo.

Rocha Peixoto.

TEDIO

Eis-me velho, casmurro, impertinente,
Sem ambições, sem gozos, sem affectos,
Eu que era tão alegre antigamente...
E tenho trinta e sete inda incompletos!

Aqui e além, na barba e na cabeça,
Começa a luzir uma ou outra branca,
Que, sem ter quem na vida me estremeça,
Todos me apontam, mas ninguem me arranca!

Encontro-me isolado, sem familia,
Sem amigos, sósinho, as mais das vezes,
Passando tristes noites de vigilia
N'um quarto réles alugado aos mezes.

Foge-me a vida e foge-me a saude,
É morto o coração, o animo exhausto!
Ó meus sonhos ideaes da juventude!
Comprehendo o teu anceio, ó Fausto, ó Fausto!

Sim, como tu, por elixir tão dôce,
A eterna salvação tambem eu déra...
Se o diabo uma fabula não fosse,
E a salvação eterna uma chimera!

Nem pela phantasia já me illudo!
Cheguei tarde! do mytho é morta a essencia.
A sciencia deu cabo d'isso tudo...
— Fez uma bella coisa a tal sciencia!

E que nos deu em troca? É sorridente
Compensação a que nos dar lhe aprouve:
Ter um gorilla vil por ascendente,
E resurgir n'um cardo ou n'uma couve!

Ai! se não era bem melhor o mytho,
— Em baixo o inferno, em cima os céos profundos —
Do que este jogo malabar de mundos
Através os desertos do infinito!

Deus, Brahma, Jeovah, Jupiter, Fó...
Tudo cae ante a analyse impia e séria!
Les dieux s'en vont, deixando-nos tão só
A força inconsciente da materia!

Tudo ella rege, a tudo faz girar,
Nada se furta ao seu fatal dominio:
O amor é uma expansão molecular,
Uma affecção do cerebro o assassinio!

Como a velha ignorancia era ditosa,
Com seu palmo de terra e o céo por tecto!
Quanto menos se sabe mais se goza!
Ai! quem me dera ser analphabeto!

Como eu invejo o rude britador,
Que á beira d'uma estrada, ao sol de julho,
A martellar, fatal destruidor,
Aos pedaços desfaz um pedregulho!

Calleja ao sol aquelle cerebro estolido,
Qual um minerio aquelle corpo medra;
Far-se-hiam seixos do seu craneo sólido,
Seu rijo punho estilharia a pedra!

Negro, curvado, estupido, indifferente,
Não vê, não ouve, nunca raciocina,
E é alli, sob aquelle sol fulgente,
Como se fosse em tenebrosa mina.

Machina de aço, é rude o seu feitio,
Tem gonzos, quizios, eixos, dobradiças,
Trabalha sem se alterar, á chuva, ao frio,
As temperaturas mais abafadiças!

Mas não pensa, não soffre, inda mais bruto
Que a pederneira que incendeia a isca,
Nada lhe fere o tegumento hirsuto,
Nada lhe arranca uma fugaz faisca!

Como eu, ó rude britador te invejo,
N'essa bestialidade idiota e mansa!
—Não ha desgosto se não ha desejo,
Nem desespero que o não désse a esperança!

1890.

Acacio Antunes.

OS NOVOS

LUIZ DE MAGALHÃES

(A proposito das suas *Notas e Impressões*)

Antes que defina o escriptor vou descrever, entre os seus livros, o que melhor o revela.

Intitula-se *Notas e Impressões*. Foi publicado ha pouco, e reune os artigos sobre: I. *Artes e Letras;* II. *Politica e Costumes*, que o auctor inseriu em varios jornaes de Lisboa e Porto, e que, postos em volume, formam agora uma série de vinte capitulos, dignos de serem relidos com attenção. Folheando as *Notas e Impressões*, na primeira parte, e depois dos capitulos: *As bellas-artes em Portugal*, onde se faz um verdadeiro, ainda que desanimador quadro das condições da nossa vida artistica; *A Bohemia*, interessante como estudo social e litterario; e *Carta a Eça de Queiroz* — encontro um outro capitulo, sob o titulo de *Naturalismo e Realismo*. Tem, este, especial valor pela clareza, pela precisão, pela comprehensão larga e ao mesmo tempo meandrosamente completa do assumpto. Dá-nos os fundamentaes e dominantes traços e aspectos da actual phase historica revelada na arte.

Constatando a intensa febre de *explicar-se*, que caracterisa a nossa época, em tudo, e muito especialmente nos assumptos de controversia esthetica, faz vêr como ás muitas interroga-

ções, suscitadas pela eterna questão dos dominios e expressão da Arte, se tem respondido creando formulas que peccam, todas, pelo seu ponto de vista exclusivo. Chegando ás formulas *Naturalismo e Realismo*, nota-lhes esse mesmo caracter de exclusivismo, que viciou as formulas anteriores, e passa a explical-as, o que constitue o ponto essencial e o intuito do seu capitulo.

O *naturalismo*, diz, é mais do que a designação d'uma escóla litteraria; é uma philosophia, uma phase do pensamento contemporaneo. Traduz uma nova concepção do homem, segundo o revelaram as sciencias naturaes, com os seus methodos de observação e analyse, que destruiram a concepção do *homem moral e historico*, que fizeram do rei da creação um simples ser zoologico, sujeito ás condições geraes da vida e ás leis naturaes. O *naturalismo* não é, pois, mais do que a consagração pela Arte d'um principio estabelecido tanto para as sciencias physicas como para as sociaes, em que esta concepção se tem affirmado. No entanto, diz o auctor, esta corrente não nos dá tudo; o *naturalismo* não vê todo o homem. Contra o seu exclusivismo ergue-se uma outra concepção que, junta á primeira, fornece mais larga e fecunda comprehensão da Humanidade e das suas manifestações. Essa nova e consoladora corrente é a das idéas *historico-sociaes* — producto do genio germanico — pelas quaes o homem é considerado mais alguma coisa do que simples sêr animal dominado por instinctos inconscientes. « Se á natureza deve as suas faculdades rudimentares, deve á historia, á vida social, esse conjunto de idéas e de aspirações que formam o que, n'um termo abstracto, poderemos chamar a sua *espiritualidade* ». O *naturalismo*, realmente, offerece-nos apenas uma face, mostra-nos apenas um lado, um grupo de faculdades d'esse complexo sêr: o Homem. Na conciliação das duas concepções é que se encontra a formula, se formula é, para definir o dualismo da natureza humana; e essa formula será inteiramente verdadeira, pois se estabelece sobre bases estrictamente scientificas e largamente philosophicas.

Quanto ao *Realismo*, define-o o auctor como « o methodo para a observação dos factos e para a analyse da acção. *O ho-*

mem natural dentro do meio real — tal é a verdadeira formula dos novos romancistas». Ao passo que o *naturalismo*, como se vê do que ficou exposto, «é, no systema do romance moderno, o processo para o estudo dos individuos, para a interpretação artistica do homem».

A preoccupação da realidade filia-se no mesmo movimento intellectual, que originou o *naturalismo*. Como producto d'essa renovação pelo predominio da observação e da analyse, e do espirito critico, traduz o enfraquecimento do poder imaginativo relativamente á natureza dos personagens. Estes, pelas faculdades extraordinarias que lhes attribuiam os seus creadores romanticos, encontravam dentro de si proprios a explicação de todos os seus actos, através de episodios muitas vezes illogicos, onde o auctor intervinha dispondo as coisas a seu bel-prazer, transformando e cortando a marcha regular e consequente dos acontecimentos. Os sentimentos eram os mesmos e na mesma intensidade, e manifestados quasi pela mesma fórma, fossem quaes fossem os meios e os momentos em que se desenrolasse a acção. Era o methodo deductivo applicado á arte.

Ora o *Realismo* quiz, para representar *cada* homem, tal qual é, como um sêr vivo, complexo, semelhante mas distincto e diverso dos outros, transformavel, sujeito ás influencias dos meios que o cerquem, applicar ao seu estudo o unico processo para determinar qualquer individualidade: a analyse e a inducção, base positiva de todo o conhecimento.

Mas o romance realista, e a these que o domina peccaram igualmente por exclusivos e intransigentes. Como queria só o documento, o facto da vida real, o *Realismo* negou o Ideal e assim, nota o auctor, contradisse-se a si proprio, pois que negar uma faculdade do espirito humano, como é a da concepção dos typos geraes, das generalisações psychologicas, da Arte abstracta, é negar a plena e inteira *realidade* do espirito humano.

Considera *Naturalismo* e *Realismo* «como theses falsas, se se julgarem escólas exclusivamente possuidoras dos *unicos* processos verdadeiros d'arte; mas verdadeiras se as restringirmos ao seu papel de methodos indispensaveis, mas parcellares, da

complicada operação artistica. *Naturalismo* e *Realismo* são apenas pontos de vista relativos por onde se podem encarar os homens, as coisas e os successos».

Sendo, diz concluindo, o *Idealismo* e o *Naturalismo* dois pólos da mesma esphera, duas faces do mesmo objecto, é certo que através da Historia têm predominado: o primeiro nas épocas mysticas e espiritualistas, o segundo nos periodos de criticismo sceptico como o nosso, dando origem aos debates a que, todos os dias, assistimos. Ao critico, porém, não são permittidas as idéas extremas, o exclusivismo faccioso. Para elle todas as obras sentidas, vegetações ferazes do humus planturoso do genio, são legitimos productos artisticos, dignos da sua attenção. Só uma coisa lhes impõe: é que sejam *vivas, humanas,* o que não quer dizer que sejam naturalistas, e que sejam *verdadeiras,* o que não quer dizer que sejam realistas.

Entre os outros capitulos da primeira parte do livro, que são: *O tumulo de Alexandre Herculano, A tentação de Christo* (interpretação d'um quadro de Ary-Scheffer), *Ao fogão, Sub tegmine fagi,* todos reveladores das largas e faceis aptidões do escriptor, menciono especialmente: *A Nau Cathrineta* e *Cantigas e Proverbios.*

Alliando á clara comprehensão e completa intelligencia do assumpto um commovido amor, a emoção que sempre lhe despertam viva e saudosamente os productos genuinos e sinceros da poesia e da alma nacional, no pouco que ainda d'ella existe e vibra, Luiz de Magalhães dá-nos a impressão e accentua-nos o valor d'esses productos. Sente e aponta-nos todos os traços caracteristicos da raça, todas as ingenuas bellezas de espontanea composição e de expressão significativa, symbolica ou prophetica; penetra os fundamentaes sentimentos, toda a vaga melancolia e toda a ardente fé do nosso velho povo; toca no fundo da intima e dramatica vida psychologica da alma portugueza: amorosa e heroica, dôce e supersticiosa, pouco imaginativa, mas profundamente impressionavel e assimiladora, affirmativa e ousada na fórma que a manifesta, interrogadora e triste na essencia. Interpreta-nos, amando-a, a poesia popular, nitida e crystallina,

firme e concisa no corte estrophico em que se veste o conceito, mas indecisa e ondulante, n'esse aspirar sem termo e sem alvo, que é como um pairar de bruma sobre o coração d'um povo scismadoramente amavioso, e tragicamente infeliz. E, aspirando-a, faz-nos absorver tambem essa poesia, ao mesmo tempo lyrica e epica, onde se encontra, como um aroma encerrado, o que de melhor deu, anonymamente, o temperamento portuguez.

Foi através da poesia popular que entre nós se estabeleceu a verdadeira corrente litteraria tradicional, com um certo sabor de originalidade. A nossa litteratura erudita apresenta casos sporadicos, d'entre os quaes o de Camões se torna soberanamente dominante, por isso mesmo que elle sentiu e comprehendeu, como ninguem, tudo quanto borbulhava ao fundo do coração nacional. Não é, no entanto, n'esta litteratura, considerada no seu movimento geral, mas no sub-sólo das producções da raça, na massa do povo, que se encontra o longo filão poetico, ainda conservado n'um ou n'outro ponto, aflorando aqui e além, a demonstrar o valor do bom terreno aurifero.

Por isso toda a producção litteraria portugueza, que se aproximar da poesia tradicional no sentimento, e que, valendo-se da plastica belleza e dos elasticos recursos do verso moderno, reflectir, na fórma correcta, a graça, a frescura, a concisão, o brilho, o movimento e cadencia inconfundiveis da nossa estrophe popular — será a mais genuina e a mais original das obras, sob o ponto de vista ethnologico, sob o ponto de vista das intimas faculdades e segredos da alma e da lingua do paiz.

Da poesia popular ficaram-nos verdadeiros thesouros, de raro valor, quer sob a fórma de xacaras, rimances, etc., onde se tecem, n'uma urdidura leve, historias de feitos, trabalhos, soffrimentos, acções de nobres e heroismos extremos, na terra ou no mar, — quer sob a fórma de quadras, de redondilhas esparsas, encerrando conceitos de poesia amorosa ou sabedoria proverbial. Nos dois capitulos das *Notas e Impressões*, que destaquei d'entre os outros, o auctor dá-nos a exegese d'um poema maritimo e de algumas quadras que traduzem o mais intimo sentimento da velha alma do paiz.

Desprende do *Romanceiro*, tão bem disposto e retocado pelo grande Garrett, a xacara da *Nau Cathrineta* «para accentuar claramente esta idéa da nacionalisação da nossa litteratura, que» lhe «parece o unico rumo salvador para as letras portuguezas». Luiz de Magalhães indica-nos as diversas versões que conhece, d'essa xacara, uma das mais vivas creações ingenuas e rudes, espontaneas e bravas, entre as raras que nos ficaram da poesia popular propriamente maritima; mas reproduz a do *Romanceiro*. Ouçamol-o, nos periodos em que nos transmitte a sua impressão da xacara: «A primeira vez que ouvi as estrophes da *Nau Cathrineta*, balouçadas ao rythmo ondulante d'essa melodia (a melopeia algarvia da xacara), recebi como que a insufflação da alma navegadora do nosso povo do sul. Não eram a musica e a letra triumphaes dos dias epicos da India e da America; isso fôra já a obra dos heroes, o trabalho reflectido dos grandes homens, conscios emfim dos destinos da patria. Mas era a redondilha obscura, a melodia espontanea do aventureiro coração d'uma raça de argonautas, inconscientemente impellidos por esses mesmos destinos: era a primitiva manifestação artistica da alma collectiva, em frente d'esse largo mar que a chamava, que a tentava, com a interrogação eterna dos seus fugitivos limites; era, emfim, o cantico d'esses primeiros navegadores desconhecidos que, um dia, largando os rumos costeiros, se internaram na magestosa solidão do mar tenebroso». Lendo esta e algumas outras creações poeticas, onde se encontra um tão genuino sabor das nossas tradições, das nossas lendas, da nossa historia; lendo as estrophes do nosso cancioneiro popular — o auctor admira com razão, como já estranhára Garrett, que tão bellos e ricos filões não tenham sido explorados. O esquecimento de taes thesouros, — que o romantismo portuguez, ainda assim, lembrou e evocou em parte — é realmente, como diz Luiz de Magalhães, um dos mais vivos symptomas da nossa desnacionalisação litteraria.

E no entanto, nunca, como hoje, deveriamos inspirar-nos em taes tradições, e explorar tão rico sólo de motivos poeticos, de emoções e assumptos originaes.

Se a patria real morrer, abysmada n'uma negra ruina, que alguns dolorosamente presentem, esse regressivo movimento ás tradições poeticas, que fallam d'um passado de vida intensa, expansiva e tormentosa, terá a significação, elevada e grata, d'uma communhão dos nossos espiritos abatidos, dos nossos corações magoados com a velha alma da nação condemnada. Os seus cantos, epicos e lyricos, os seus poemas, as suas redondilhas virão murmurando até nós, n'uma corrente contínua, que receberá o ultimo tributo da nova poesia, da derradeira poesia portugueza. E será, por certo, d'essa torrente sagrada, onde cada vaga rola um fragmento de estrophe, porção da nossa vida..., que ha de erguer-se o nevoeiro dourado, tenue como uma exhalação de rio santo, através do qual os filhos da raça vencida verão ainda passar, n'um vôo mudo, a visão dôce da patria morta... Para os homens e para os povos, a unica consolação d'uma existencia d'agonias é a miragem que, sobre o deserto do futuro, lança ainda a memoria do passado. Essa illusão que, contraditoriamente, explica talvez os movimentos propheticos, é o unico bem para os desapossados da felicidade *real*. E que sol do espirito poderá fazer vibrar sobre o deserto largo a miragem de illusão, se não o mesmo que fez abrir a flôr e amadurecer o fructo da vida moral no coração dos povos abatidos?

E das tradições poeticas, é da essencia intima da alma de cada raça, que se fórma essa *patria ideal*, refugio onde os espiritos feridos pela afflicção revivem commungando n'uma mesma aspiração vaga, que quasi torna embriagante a magua, pois que por vezes deixa entrever Jerusalens de sonho...

Vagabundos da Historia e das Idades, irão todos os povos, que outros esmagaram — perdido o nucleo da vida nacional — errando, pelo tempo fóra, como sobre a terra passam os bohemios mysteriosos, de olhar ardente e enigmatico, ironico talvez — d'uma ironia suprema, que envolve contido soffrimento, dôr desdenhosa, e caritativa indulgencia para com a felicidade d'aquelles que a vida prospera escravisa á realidade estreita...

E o que é que lhes consola essa errante existencia? Certa-

mente a poesia intima, que só elles sentem e bebem nos cantos balouçados e asperos, a cujo rythmo dança, vaga e leve, volteando n'um fundo dourado de sonho, a alma d'essa Patria, perdida ha muitas gerações, e creada de novo na imaginação como um pretexto fecundo para um embalador soffrimento... Se fôrmos, assim, uns desterrados, ou se vivermos sem laço de patria verdadeira e real no proprio sólo que foi nosso, será tambem a poesia das canções e dos velhos motivos portuguezes o alimento espiritual, o balsamo para os ultimos filhos da raça vencida.

Se, ao contrario, a patria portugueza houvesse de reconstituir-se, sob qualquer fórma, a sua tradição poetica seria o laço entre o passado e o seu desenvolvimento futuro, dando ao paiz a unidade moral, a solidariedade de sentimento. E o contínuo cultivo dos espiritos no estudo dos vivos documentos em que revivem os nossos cyclos historicos, e pela creação de novos poemas insufflados da mesma alma, ainda que celebrando apenas um passado nobre, seria por certo um dos poderosos meios, senão o mais efficaz, para nos levar a esse renascimento.

A excepcional importancia do assumpto, e o valor exegetico e litterario dos capitulos *Nau Cathrineta* e *Cantigas e Proverbios*, levaram-me a tratal-os com maior desenvolvimento.

Na segunda parte do livro, *Politica e Costumes*, manifesta-se, além da largueza de vistas, da comprehensão nitida, da faculdade generalisadora e critica, do bom-senso, do poder de desenvolução, — a sua nobre orientação moral. A consciencia do auctor, incidindo luminosamente sobre assumptos, como *A moderna Babylonia*, que lhe faz verberar os crimes de devassidão da capital britannica, *Costumes politicos*, em que aponta as illusões e erros da actual politica doutrinaria e infecunda, *O trabalho moderno*, tão complexo e materialmente productivo, mas tão hostil ainda e escravisador do homem, *A arte e a dynamite*, *Dois processos celebres*, revela a cada phrase: uma indignada emoção, um vivo sentimento de desencanto, uma ardente *aspiração a melhor*, uma justiceira e compensadora intuição das coisas e dos successos, e o energico desejo de *pôr a claro*,

de comprehender e provar. Ao passo que, em frente de assumptos como *As velhas ruas*, por exemplo — se nos desvenda um pintor commovido, cheio de interesse saudoso pelas velhas figuras, pelos costumes anachronicos de antigos typos, que desenha a largos e francos traços.

Não analysei especialmente todos os capitulos das *Notas e Impressões*, mas o que fica escripto deixa talvez entrever o que seja este bom livro.

E agora, que dei a impressão geral da obra, quero definir o auctor, procurando mostral-o, decompôl-o nas suas faculdades caracteristicas, como se revelam em mais d'uma das suas paginas.

Já d'elle escrevi algures: «... possue uma larga escala de effeitos; tem a intima aptidão para o desenvolvimento serial, para a espontanea coordenação, para o desdobramento das idéas e das impressões n'uma linha seguida, n'uma curva ininterrompida, n'uma cadeia cujos élos todos se prendem através dos assumptos.

«É um latino. Poderá por vezes não ser profundo; será sempre largo, e será sempre logico. É este o seu *feitio* intellectual, que se completa com a qualidade predominante do seu espirito — a força moral, no que esta energia tem de mais attrahente, de mais humanamente sympathico, na generosidade, na resistencia ás venenosas influencias de todas as corrupções, no respeito do Ideal e das virtudes austeras... A estas qualidades corresponde um estylo franco e limpido, uma fórma colorida, mas suave, com gradações e meios tons, com cambiantes delicadas, *nuances* leves. A sua penna compraz-se nas descripções amplas que, partindo n'um rythmo dôce, se espraiam, se desdobram, rolam luminosamente em ondulações largas como vagas batidas de luz, seguindo-se n'um movimento demorado e languido, ao morrerem sobre uma praia branca e lisa.

«Não dá bruscas visões; espalha n'um vasto quadro harmonico toda a acção intima do pensamento ou do coração, todas as imagens vivas que a natureza lhe forneceu. É eminentemente litterario o seu processo».

Completo agora e refundo esses periodos. Dá-me para isso ensejo o seu novo livro *Notas e Impressões*, que é o documento mais vivo, a mais transparente revelação do caracter litterario do auctor, embora essas paginas o retratem e reflictam dispersamente. Através de cada capitulo encontro a fibra, o tecido vital, o elemento do escriptor e do homem.

Ao incidir sobre cada assumpto, o seu espirito banha o thema ou facto que o despertou, em dois raios dominantes de côr e intensidade; confundidos na sua mais intima e luminosa origem, dividem-se ao embater no problema ou these escolhida. Esses dois raios dominantes, essas duas faculdades ou côres do seu espectro mental são: a intelligencia facil, absorvente e extensa, e a affirmação moral. Pela primeira encara e vê com feliz promptidão toda a superficie do assumpto; e logo lhe colhe os elementos n'uma analyse e desenvolução gradual, encontrando-lhe em seguida o laço que o prende a outros assumptos e problemas, com os quaes tenha intima relação ou affinidade. Completa, pois, a serial operação do espirito n'uma integrante e fecunda generalisação. Possue o poder da synthese. Temos, pois, de attribuir-lhe a primeira qualidade do critico — a comprehensão completa.

Pela segunda d'aquellas faculdades — a do moralista espontaneo — que ha n'elle, imprime a tudo um tom affirmativo, que denota o estado ou a latente virtualidade de energica volição, em frente de todo o caso social que lhe desperte o desejo de corrigir, de *tornar melhor;* e se por um lado essa faculdade se manifesta, assim, no poder de querer bem, na necessidade de intervir, persuasivo, ou de verberar, manifesta-se tambem no enthusiasmo, no calor com que demonstra ou discute, como se apostolisasse.

E ao mesmo tempo essa faculdade, essa forte mola moral explica, por uma contraditoria originalidade, que elle não seja um pessimista, no sentido proprio da palavra; ao passo que conhece e pinta, em paginas vivas de verdade, os quadros brutaes, as desillusões demolidoras, as agonias fundas do nosso periodo critico. Não soffre, como a maior parte dos escriptores

contemporaneos, da moderna *doença da vontade,* traduzida com um encanto tão irresistivel n'algumas obras da litteratura actual. Sentindo em si a energia intima, o predominio d'essa força, desdobra-se e cria, ao seu proprio espirito, n'uma ideação pura, um mundo moral, de imperturbada serenidade, onde a noção abstracta do *que deve ser* o consola, talvez só porque a comprehende, lhe suavisa a melancolia, só porque apprehende o pleno valor que tem essa espiritual affirmação da consciencia.

O jogo harmonico d'aquellas duas faculdades dominantes dá-lhe o equilibrio do espirito, que nasce, por um lado, das aptidões para tudo comprehender, e pelo outro do interesse elevado e da idéa da superior significação social e moral das obras da litteratura e da arte. Mas para que estas duas faculdades combinadas nos dêem o critico, é necessario ainda que uma certa intuição viva, que uma intelligencia sympathica das coisas e assumptos lhes dêem o movimento, as tornem elasticas, as façam maleaveis, as multipliquem na variabilidade das suas applicações, as disponham para colher todos os effeitos da complexa e illimitada série de objectos e fórmas, de productos e creações sobre que tenham de incidir. Ora, pelo que diz respeito á faculdade de comprehensão, vemos que, ao contacto vivo, sob a suggestão ou impressão da obra que quer estudar, essa intelligencia é elastica e maleavel, pois que lhe deixa aperceber todos os cambiantes e modalidades, conciliar as apparentes opposições, integrar dispersos elementos n'um pensamento compensador e sinuosamente receptivo. Constatamos que o seu espirito não vê apenas em linha recta, o que dá os pontos de vista seguros, mas incompletos; não encara os assumptos massiçamente, o que dá os pontos de vista curtos e estereis.

E pelo que diz respeito á sua *força moral,* á faculdade de ter volições, de reagir approvando ou condemnando — vemos que ella, ao suscital-a ou prendel-a qualquer assumpto, se interessa logo com um ardente empenho por cada caso particular, e que encontra frequentes vezes, como se *sahisse para fóra de si propria,* attenuações e indulgentes justificações relativas.

*

* *

A fórma litteraria de Luiz de Magalhães é facil e clara, suavemente movimentada. Talvez que na sua espontaneidade e facilidade influa uma hereditaria aptidão de eloquencia.

A sua clareza, isto é, a propriedade de mostrar-nos nitidamente tudo quanto reveste, é effeito mais do concurso dos periodos, da resultante da phrase, do que especialmente da precisão do vocabulo, sendo ao mesmo tempo todo litterario o seu processo, visto que sempre descreve ou demonstra n'um desdobramento e exposição gradual.

Conhece-se que a sua escripta nasceu feita e não luctou através das phases d'um relativo e esforçado aperfeiçoamento, debatendo-se, hesitando na penumbra da creação vaga, erriçada de asperezas e tôrva de ambiguidades, de esboçadas e nevoentas fórmas de expressão. E essa rara felicidade é que lhe deu desde os primeiros trabalhos o movimento melodioso, monotonisado uma ou outra vez pela irresistivel tendencia a desenrolar-se, a desenvolver-se em periodos rythmicos. Devo, além d'este defeito nascido d'uma invejavel qualidade, notar-lhe o exaggero de synonymia, que se prende com a aptidão de eloquencia e com a tendencia litteraria, que acabo de apontar.

Tendo, como tem, a felicidade de poder adaptar aos assumptos mais diversos uma tal fórma, completa com esse valioso instrumento a sua natureza de critico de Arte e de litteratura, de observador da vida e da sociedade. E assim póde o seu espirito penetrar os problemas de ordem moral e os dominios do commentario artistico, problemas e dominios onde o seu talento se exerce de preferencia no jogo das idéas geraes e na definição dos momentos e phases largas da psychologia social.

Mas ha um campo, no qual, segundo o demonstra o livro *Notas e Impressões,* o critico revela especialmente uma fecunda intuição artistica: é o da reconstituição e exegese da poesia e historia sentimental portugueza através do documento litte-

rario. Ahi o seu espirito encontra — pelo vivo amor que o prende á patria decadente e infeliz, e pelo enthusiasmo que lhe provocam as grandes scenas do passado — uma inteira affinidade com o assumpto. Os dois capitulos *Nau Cathrineta* e *Cantigas e Proverbios*, que apontámos, dão-nos d'isso inteira prova.

Seria para desejar que Luiz de Magalhães fizesse n'esse campo muitos estudos. Com as qualidades que possue, enriqueceria o nosso meio intellectual, e concorreria certamente para o renascimento do espirito litterario portuguez.

Setembro de 1890.

Silva Gayo.

A VIDA CONJUGAL [1]

Disse um critico francez que na *Sonata à Kreutzer* ha uma theoria do casamento e um romance. E é verdade: mesmo materialmente é possivel estremar no livro o romance e a theoria que lhe serve de these.

Abstenho-me n'este momento de fallar do romance. Limito-me á doutrina da vida conjugal expendida n'aquelle livro, doutrina notabilissima, já na sua substancia, já na audacia com que levanta os mais graves problemas, negando a verdade e justiça de idéas e de costumes tão geralmente aceites que, póde dizer-se, constituem a base do casamento nas sociedades contemporaneas.

Allucinado de ciumes, julgando erradamente ter sido atraiçoado, Posdnicheff assassina a sua mulher. Mas a discordia no casal vinha de longe, tinha alguns annos de existencia; o seu ultimo acto foi apenas o remate d'uma longa e apertada cadeia de aberrações e de desvairamentos.

Ouçamos o criminoso; vejamos um a um todos os fermentos que concorreram na producção do seu crime.

[1] *La Sonate à Kreutzer*, pelo conde Leão Tolstoi. Trad. fr.; Paris, A. Lemerre, 1890.

*

I

Posdnicheff é filho d'um proprietario rico e fidalgo, frequentou a Universidade, e até aos trinta annos teve a vida regrada dos celibatarios de melhor fama. Presumia muito da sua honestidade, que reputava sem macula; sem abster-se de amores, evitava com escrupuloso cuidado ligações duradouras e principalmente o apparecimento d'um filho que seria a prisão perpetua, a abdicação da liberdade no futuro. Assim tinha a consciencia tranquilla, sem comprehender que a devassidão não consiste em qualquer especie de ignominia physica, mas no abandono da mulher com quem tivemos relações carnaes; e era n'essa liberdade, n'esse abandono, que fazia consistir os merecimentos da sua vida moral.

A perversão começou cedo, em condições de plena inconsciencia do erro. Quando aos dezeseis annos, já mentalmente pervertido pelas leituras, pelas palestras e pelos conselhos, deu o primeiro passo no caminho d'uma devassidão real, todos os camaradas applaudiam; era uma condição do seu valor humano e excellente para a saude do corpo e do espirito. Perigo de molestias não havia, que a prostituição é zelosamente vigiada pelo Estado; os medicos nas suas canseiras humanitarias não se esquecem de velar pela hygiene publica. Na offensa feita á mulher não se pensava; porque não se percebia.

«Nenhuma mulher o seduziu, cahiu porque, nas circumstancias em que estava, apenas via n'essa degradação uma funcção legal e util para a saude, que outros julgavam uma distracção natural, não só perdoavel mas mesmo innocente para um rapaz».

A perversão consummava-se pelo habito; em breve poderia dominar-se por um esforço da propria vontade, mas as relações com a mulher, puras, simples, fraternas, tinham acabado para sempre.

Casou-se; era esse ha muito tempo o seu intento e para isso observava as raparigas com quem vivia, em busca de pu-

reza que o merecesse. Encontrou-a na filha d'um proprietario arruinado, cahindo nos laços que a mãe habilmente lhe armou.

Não foi levado pelas qualidades moraes da noiva, mas pelas seducções do seu corpo. É a regra; as mulheres bem o sabem, instinctivamente conhecem que o homem busca o corpo e o que o adorua, e tudo o mais reduz-se a palavras. A vida de todas as classes da nossa sociedade não passa d'uma larga prostituição. Imagina-se que ha differença d'uma a outra classe? Não ha. Posdnicheff procura proval-o.

«Se os sêres differem entre si pelo fim da sua vida, pela sua vida *interior*, isso deveria reflectir-se na sua vida *exterior*, e externamente seriam differentes. Muito bem, comparem-se as miseraveis, as desprezadas, com as mulheres da mais alta sociedade; os mesmos vestidos, os mesmos modos, os mesmos perfumes, os mesmos braços, hombros e seios nús, a mesma protuberancia por detraz, a mesma paixão pelas pedrarias, pelos objectos brilhantes e muito caros, as mesmas distracções, danças, musicas e cantos. As primeiras attrahem por todos os meios, as segundas tambem: nenhuma differença, nenhuma!»

Posdnicheff, como os demais, deixou-se levar por *jerseys* e *tournures*, o que não era difficil, depois de creada a concupiscencia pelo habito e excitada pela ociosidade physica completa junta a uma alimentação excessivamente abundante.

Note-se a maneira por que são feitos os casamentos. Na India, na China, entre os musulmanos e no povo, os paes contratam os casamentos quando julgam os filhos em idade propria; mas nós, os fidalgos, julgamos isso mau e que inventamos? Prégando liberdade e igualdade, muito anchos proclamamos os direitos da mulher e abrimos estes bazares que se chamam bailes, passeios e festas semelhantes, e que não são mais do que a feira dos noivos. As raparigas vão ao mercado, e, como podem e sabem, fazem valer as suas prendas, a belleza dos braços ou as presumpções de intelligencia e de saber.

Posdnicheff casou-se como fidalgo, pelos mesmos motivos e pelos mesmos modos da gente da sua igualha.

Seguiu-se a lua de mel, um periodo de atroz enfado que

raros se atrevem a confessar: porque para gozal-o é preciso que os esposos se habituem ao vicio. Vicio?!... Sim, vicio; aquellas acções são contra a natureza, repugnam sempre á rapariga que é pura e casta, são uma violencia de que ella treme e se envergonha.

Por tal doutrina o genero humano acabaria. E porque não? «Os Schopenhauer, os Hartman, todos os budhistas dizem que o bem supremo é o Nirvana, o Não-Sêr, e têm razão no sentido de que o bem-estar humano coincide com a aniquilação do «Eu». Sómente exprimem-se mal, dizem que a humanidade deve aniquilar-se para evitar os soffrimentos, que o seu fim deve ser a propria destruição. Mas o fim da humanidade não póde ser evitar o soffrimento... o fim do homem como o da humanidade é o bem-estar, e para alcançal-o a humanidade tem uma lei que deve executar. Esta lei consiste na união dos sêres, e esta união é contrariada pelas paixões, entre as quaes a peor e a mais forte é o amor sexual. E eis a razão por que, se as paixões desapparecessem e com ellas o amor corporal, a ultima e a mais forte, a união realisar-se-hia e a humanidade teria cumprido a sua lei.

«Conforme todas as doutrinas da Igreja o mundo terá um fim. A sciencia chega á mesma conclusão fatal. Que ha pois a estranhar se a doutrina moral dér o mesmo resultado? — Que os que podem conter-se se contenham — disse Christo. E tomo esta passagem textualmente, como está escripta. Para que a moral exista no genero humano, nas suas relações sexuaes, é preciso que se considere como fim a castidade completa.

«Imagine-se que perversão de idéas deve nascer quando a situação mais feliz do homem, a liberdade, a castidade é considerada como uma coisa miseravel e ridicula. O mais alto ideal, a melhor situação da mulher, ser pura, uma vestal, uma virgem, provoca o medo e a gargalhada na sociedade. Quantas e quantas raparigas sacrificam a sua pureza a este Moloch da opinião, casando-se com canalhas para não ficarem virgens, isto é, superiores? Com medo de ficarem n'este ideal, perdem-se».

A lua de mel foi triste: o azedume crescia nas dissensões intimas que se succediam, redobrando sempre de frequencia. Estranho caso! Não era o amor a mais nobre occupação humana e não era verdade que Posdnicheff amava a esposa com ardor? «Dei-me a excessos bestiaes, não só sem vergonha mas com orgulho, sem pensar na vida intellectual de minha mulher. E não só deixava de pensar na sua vida intellectual mas mesmo na sua vida physica. Espantava-me da origem da nossa hostilidade e, todavia, como era clara! Esta hostilidade não era outra coisa senão o protesto da natureza humana contra o animal que a escravisava. Este odio era o odio dos cumplices d'um crime. Não foi um crime, quando esta pobre mulher ficou gravida no primeiro mez, que as nossas relações não se alterassem?»

É que actualmente a escravidão subsiste: mudamos-lhe as fórmas exteriores mas conservamol-a na sua essencia. Vejam-se os milhões de proletarios mais famintos do que escravos. Com a mulher procedemos igualmente; apregoamos a sua emancipação mas reduzimol-a á condição infima d'um instrumento de prazer, rebaixamol-a «não ao grau d'um animal mas ao grau d'um objecto». «A mulher deve ser ao mesmo tempo gravida, amante e ama de leite, e as suas forças não chegam para tanto»; d'ahi provém hystericas, nervosas e possessas.

«Dir-se-hia que os animaes sabem que a descendencia continúa a sua especie e seguem a esse respeito uma certa lei. Só o homem a desconhece e não quer conhecel-a. O rei da natureza — o homem! Note-se que os animaes só entram em relações sexuaes quando podem reproduzir a especie, e o ignobil rei da natureza fal-o em todo o tempo».

Breve Posdnicheff sentiu as torturas do ciume, um ciume vago, sem causa nem pessoa determinada, tão doloroso que terminou n'um crime. Para o seu espirito pervertido pela devassidão, nenhuma duvida restava sobre a natureza dos sentimentos com que sua mulher era vista pelo medico, pelos artistas, pelos amigos, por todos quantos frequentavam a sua casa. A dôr aggravava-se com a necessidade de occultal-a e com a vaidade de resistir-lhe; as convenções mundanas impunham-lhe

obrigações de fidalgo, a hospitalidade assidua, generosa e franca, ao mesmo tempo que a perversão de devasso infatigavelmente lhe representava o tremor de concupiscencia com que o corpo da esposa era observado e o genero de inconsciente lisonja com que ella sorria aos galanteios e lisonjas. Essa impressão era plena, sem attenuantes nem moderadores; a experiencia dizia-lhe inteira e francamente o que os outros pensavam e sentiam.

Nem os filhos o consolavam; pelo contrario, aggravavam-lhe as dôres da vida conjugal com novos tormentos. Para a gente da sua condição, os filhos não são o exercicio natural da vocação da mulher; são um perpetuo motivo de inquietações e de receios, são um embaraço ao prazer physico e um obstaculo moral á alegria. As mães tremem do parto porque é doloroso e um perigo para a sua existencia, cujo valor exaggeram e cujo destino desconhecem; e receiam amamentar os filhos para não arraigar affectos que um acaso fatal póde transformar em soffrimento acerbo. Esta expressão suprema do Amor, que consiste em dar a vida a um novo sêr á custa do proprio sangue, ignoram-na na sua consciencia, posto que materialmente se vejam coagidas a dar-lhe realidade; a creança para ellas deve ser um prazer. Que mãosinhas! que pé tão pequenino! que rir! que graça!

«Ha um sentimento de maternidade animal, sensual; mas nem a mais leve idéa sobre a significação mysteriosa d'um novo sêr que nos substituirá».

Ninguem, no baptismo da creança, acredita e pensa no que faz, e todavia não era mais que recordar a significação humana do recem-nascido. «Repudiamos tudo isso mas sem o substituirmos; e apenas ficaram vestidos, rendas, mãosinhas e pésinhos, ficou apenas o que existe no animal».

Os filhos, como as mães, devem ser um instrumento de prazer. Se morrem, que perda irreparavel, que infinita dôr no espirito dos paes ociosos e fartos! Onde ha uma creança acabou a vida regular da familia, tudo ficou preterido pelo cuidado da sua saude; a temperatura do banho é uma questão grave,

uma indigestão é já motivo de soccorros medicos, a ameaça da diphteria é o mais pavoroso terror.

« D'antes, as mulheres acreditavam firmemente que — Deus os deu e Deus os leva — que a alma do anjinho ia para o céo, que vale mais morrer innocente que morrer peccador. Se as mulheres de hoje tivessem alguma coisa de semelhante a esta fé, poderiam supportar mais tranquillamente a doença dos filhos; mas de tudo isso nem vestigios restam.

« Tudo está em que as nossas mulheres são selvagens. Não têm a crença em Deus, e eis que umas crêem no mau olhado e as outras no medico que pede caro pelas visitas. Se tivessem fé, saberiam que as doenças não são tão terriveis, pois que não podem perturbar o que o homem póde e deve amar — a alma. Sem a fé em Deus, só amam physicamente, e toda a sua energia se concentra em conservar a vida, que não podemos conservar e que os medicos promettem salvar aos tolos e ás tolas ».

Posdnicheff pensava assim e, porque assim pensava, a vida conjugal tornava-se-lhe insupportavel: as dissensões eram inteiras, completas, em tudo e por tudo.

Com a agudeza de tal situação coincidiu a necessidade de vir habitar a cidade para educar os filhos e ahi a desgraça é menos pesada; a vida é frenetica e nem temos tempo de parar em longas meditações sobre a propria miseria nem aos estranhos ficam momentos livres para observal-a. Todavia foi lá que sobreveio a causa mais proxima do assassinio da mulher. Os medicos prohibiram-lhe que concebesse um novo filho; o marido desgostou-se, luctou, mas cedeu por fim, deixando partir os tristes laços de sensualidade que ainda os prendia.

« O lavrador, o operario têm necessidade de filhos, e assim as suas relações conjugaes justificam-se; mas nós, quando temos alguns filhos, não precisamos de mais. É um enredo superfluo de despezas, de coherdeiros, um embaraço; por isso não temos desculpa para a nossa immunda existencia conjugal. Mas estamos tão profundamente degradados que não vemos a necessidade de justificar-nos. A maioria da gente da sociedade contemporanea entrega-se a semelhante devassidão sem o menor remorso. Já

não temos consciencia, excepto por assim dizer a consciencia da opinião publica e do codigo penal. Mas n'isto ficam illesas ambas estas consciencias: não ha ninguem que córe de tal feito, todos o praticam. Para que multiplicar os mendigos e privar-nos das alegrias da vida social? Não é preciso ter consciencia perante o codigo penal ou temel-o; são as raparigas ignobis, as mulheres dos soldados que lançam os filhos nos poços ou nos canos de esgoto; essas, por certo, é preciso prendel-as. Mas a nós, não; a suppressão faz-se a tempo e limpamente».

Partido o ultimo laço entre os dois esposos, ficou livre o caminho á allucinação e ao desespero, nada prendia o braço assassino. «Se Posdnicheff soubesse o que agora sabia nunca se teria casado... É preciso comprehender a verdadeira importancia das palavras do Evangelho, S. Matheus, v, 28: Que todo o homem que olha a mulher com voluptuosidade commette o adulterio — e estas palavras referem-se á esposa, á irmã, e não só á mulher alheia mas principalmente á propria mulher».

II

A pintura da vida conjugal que Leão Tolstoi nos apresenta, se fosse a verdade inteira, daria o mais cruel desengano e a mais pungente desesperança aos que ainda crêem que a civilisação, embora tenha prejudicado a acção da dignidade humana não aniquilou nem podia aniquilar, porque são parte constituinte da natureza humana, as suas eternas bases, e que é licito esperar melhores dias para a vida moral das sociedades.

A sua doutrina não é a verdade inteira, felizmente; encerra verdades fundamentaes, é certo, mas esquece elementos da vida humana e da vida contemporanea que corrigem e moderam a tristeza que nos deixa o demorado meditar sobre a perversão a que nos conduziram longos annos de grosseiro e louco materialismo. O seu erro capital, aqui e sempre, deriva de considerar a existencia humana sob o imperio d'uma lei unica, a obediencia a Deus, quando a razão e a experiencia nos mos-

tram que a vida tem de ser necessariamente um compromisso entre duas tendencias oppostas, a plena expansão individual, o campo aberto aos nossos appetites e paixões, e a renúncia, a abdicação do individuo na communhão do Amor. É sempre aquella mesma situação de espirito que por mais d'uma vez tenho discutido, e que julgo perigosa por divergente d'uma completa concepção dos mobis e do fim da vida, sendo ao mesmo tempo extremamente benefica porque envolve a revelação da condição essencial da felicidade humana.

D'esse mesmo estado de espirito provém a dôr de Posdnicheff no abandono da mulher que foi instrumento da sua primeira queda na perversão. Era justo quando intimamente soffria ao deixal-a, attentando com profunda e sentida magua no cruel desprezo com que era votada á miseria; havia n'isso uma grave falta de amor do proximo, um sacrificio da felicidade alheia determinado pelo egoismo humano. Mas era injusto condemnando-se pela responsabilidade inteira d'um erro filho das culpas de todos nós, triste condição da miseria humana. Não fôra elle o unico a lançar aquella mulher na prostituição, foram muitos e desconhecidos, era esmagada n'um tropel que a consciencia sente em mysteriosa escuridão, sem poder distinguir nem o grito da victima, nem o braço do algoz. Se era justo e santo o remorso que sentia da sua falta, era injustiça desconhecer as suas causas naturaes e historicas e não vêr que nem tinha sido elle que tinha creado a civilisação contemporanea, nem fôra elle quem tinha dado ao homem os seus appetites sensuaes. Mais indulgente para as proprias faltas, pouparia dôres que são condemnaveis, emquanto representam a não aceitação da condição humana.

Os camaradas applaudiam e Posdnicheff condemna-os por esse facto. Nova injustiça; porque se uma lei de eterno amor nos manda poupar a desgraça, uma lei de cega animalidade impõe-nos a conservação da especie. O mundo reconhece-o; instinctivamente applaude os que se mostram capazes de cumpril-a, sem todavia julgar de aberrações que um largo exame e sentimentos superiores reputam abominaveis.

Porque ser tão severo para a mulher que cuida em adornar-se e realçar a sua formosura? Se esse instincto, levado ao extremo d'uma occupação quasi unica entre a gente rica, é um signal de desamor, desviando do trabalho, induzindo ao egoismo pela contemplação permanente do proprio individuo e ensandecendo de vaidade, é todavia perdoavel no que tem de espontaneidade e de infantil inconsciencia. Uma mulher que, calculando friamente os melhores meios de alcançar o seu fim, estuda e aprende a pôr evidentes as graças do seu corpo, pratica uma mercancia ignobil; mas a rapariga singela que se adorna para maior prazer do namorado tem, no sentimento com que o faz, perdão para o que porventura contraria as regras d'uma moral austera.

Como estes, muitos outros pensamentos da *Sonata de Kreutzer* revelam o mesmo erro inicial, isto é, o desconhecimento systematico dos mobis da vida e a sua apreciação perante um principio unico e absoluto. Não seguirei o romancista n'essa longa série de theses contestaveis; seria quasi tão longo como o romance e não valeria a pena, pois embora discordando de idéas accessorias, reputo verdadeira uma das suas proposições, a meu ver a mais importante, que resumirei n'estes termos: — O erro da vida conjugal nas sociedades contemporaneas consiste em ter reduzido a instrumento de prazer o que foi instituido para cumprimento do dever. — D'ahi derivam perturbações de exercicio, ciumes, adulterios, assassinatos, etc.

Esta these afigura-se-me evidentemente verdadeira.

A mais breve reflexão determina como base do matrimonio o accrescimo do amor entre os homens pela limitação dos appetites sexuaes e pelo sustento, protecção e guia das mulheres e das creanças. Para isso, para que esse dever seja cumprido e para que consagremos a nossa existencia á familia, uma das virtudes necessarias é sem duvida a castidade. A prenhez, o parto e a amamentação impõem por leis naturaes periodos de abstinencia tão longos que valem bem a inteira castidade. Ora nós, em logar de aceitarmos essas leis, reduzimos a mulher, na phrase de Leão Tolstoi, não ao grau d'um animal mas

a um simples objecto, obrigando-a a ser ao mesmo tempo concubina e duplamente mãe, pela prenhez e amamentação simultaneas.

Que lei natural justifica um tal estado? A observação da existencia de todas as especies animaes, e particularmente das especies domesticas, provam inteiramente que a castidade é compativel com o mais completo desenvolvimento physico e mental; e provam ainda mais que a continencia sexual é o estado normal e só para a reproducção se produz o coito. Singular perversão dos instinctos animaes que pôz o homem abaixo do mais vil animal!

Não parou aqui a perversão. Como um polypo, bracejou, alastrou-se por toda a vida conjugal, e fizemos aos filhos qualquer coisa fundamentalmente identica ao que fizemos á mulher. Os filhos tambem foram convertidos em instrumento de prazer.

Alimental-os e defendel-os dos perigos a que a debilidade physica os sujeitava, e tão cedo quanto as suas forças o permittirem impôr-lhes o trabalho pelo qual hão de resgatar a divida de amor que todos nós contrahimos com a humanidade no momento em que vimos a luz do dia — tal deveria ser a idéa principal que havia de guiar-nos na educação, tendo sempre bem presente que cada um de nós só vale em proporção do dever cumprido. E o que fazemos? Damos tudo para vêr sorrir os filhos, sacrificamos toda a existencia ás suas boas graças, applaudimos os seus erros, com miseravel complacencia orgulhamo-nos das suas amantes, e ás vezes para conservar a vida d'um paria desprezivel abandonariamos todo o trabalho e todos os deveres.

Esta noção de que um filho é um instrumento do dever, um modo de prolongar a acção do amor humano além dos limites que a existencia e a força individuaes designam, obliterou-se, perdeu-se. Em seu logar pozemos o mais aspero egoismo.

Perturba descer toda a espiral da perversão humana nas sociedades contemporaneas. Felizes os que a vão descendo cegamente, sem verem o caminho percorrido, na tranquillidade da

inconsciencia! Mas desgraçados os que vierem depois de nós que terão de subir entre angustias áquella altura em que ha luz e paz.

Não lamentarei como Posdnicheff a perda da innocencia, significando por esta palavra a virtude inconsciente. Além de que essa perda é irremediavel, porque a diffusão do saber assegura para sempre a conservação da experiencia humana e torna impossivel qualquer regressão á ignorancia primitiva, a virtude determinada pela vontade tem sobre a virtude inconsciente o merecimento da resolução e do esforço de quem, entre as seducções do mal e os espinhos do bem, soube e quiz escolher. Mas intimamente sei, com a certeza da fé, que ou essa virtude prevalecerá na sociedade ou caminhamos para um futuro tormentoso e torvo.

Nota. — Estas paginas estavam escriptas ha muito quando me veio ás mãos o ultimo trabalho de Leão Tolstoi, que se refere á questão do matrimonio [1]. D'ahi transcrevo as palavras seguintes que, a meu vêr, esclarecem e completam a *Sonata à Kreutzer:*

«O casamento não só não é prohibido pelas nossas leis mas é directamente aconselhado pelos antigos que conhecem a lei. A principal differença entre o nosso casamento (christão) e o vosso (pagão) consiste em que nós e as nossas mulheres, em vez de empregarmos todos os meios para nos vestirmos elegantemente e nos embellezarmos com o fim de accender desejos carnaes no coração dos que nos vêem, dirigimos os nossos esforços para suffocarmos esses sentimentos, de fórma que o sentimento do Amor em nós, como entre irmãos e irmãs, seja bastante forte para exceder o desejo d'uma mulher a que daes o nome de amor.

«Comvosco o desejo carnal, sob o nome de belleza, amor,

[1] *Fortnightly Review*, outubro de 1890, *Work while ye have Light* (Part. 1), pelo conde L. Tolstoi.

serviço da deusa Venus, é deliberadamente provocado e mantido; emquanto comnosco, pelo contrario, é evitado, não porque o julguemos um mal (nada do que Deus creou é um mal) — julgamol-o mesmo um bem — mas porque póde ser e torna-se um mal, uma tentação, como lhe chamamos, quando não seja limitado ao seu logar proprio. Por isso fazemos o maior esforço para evital-o.

« Com um christão, as considerações puramente pessoaes occupam um logar secundario. O seu principal cuidado é vêr que o casamento não vá contra a vontade de Deus. O que elle ama n'uma mulher não é uma companheira, mas a alegria pessoal que lhe traz a sua união com ella; e para obter esta alegria contrahe o matrimonio.

« Não quero indicar que o casamento christão deixe de admittir o amor exclusivo por uma mulher; pelo contrario, só é razoavel e santo quando um tal amor é um dos seus elementos. Mas para mim é perfeitamente obvio que todo o casamento, onde e quando quer que seja contrahido, se tiver por base o mero prazer pessoal, não póde ser mais do que uma fonte abundante de discordia.

« Uma irmã, por mais bella que seja, nunca é concebida como um objecto de paixão pelo seu irmão, e assim os rudes instinctos animaes não despertam. Podem todavia acordar, se o homem descobre que a supposta irmã não tem com elle essa relação de consanguinidade; mas mesmo n'esse caso o sentimento em questão seria fraco, facil de trazer á razão, e com pequeno esforço poderia curvar-se ou reprimir-se totalmente. A razão por que o sentimento carnal seria fraco é porque encontrava um sentimento de amor fraterno, anterior e dominante. Porque se persistirá em duvidar da possibilidade e mesmo da facilidade de despertar no homem um sentimento relativamente a todas as mulheres igual ao que actualmente existe entre irmão e irmã, e porque não procuraremos estabelecer o amor conjugal sobre esta base? »

Jayme de Magalhães Lima.

CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA

O congresso socialista de Halle — A politica italiana

A questão social continúa sendo o problema capital do imperio allemão e os factos a que ella dá origem os que se impõem de preferencia á attenção do observador philosopho. Entre estes o mais ruidoso nas ultimas semanas terá sido o congresso socialista de Halle. Este grande parlamento operario é o primeiro que se convoca em terra allemã desde a promulgação das leis de excepção. D'ahi o vivo interesse com que era esperado, interesse que não foi illudido nem pela importancia das questões debatidas nem pela natureza das resoluções tomadas. O partido socialista allemão sahiu d'elle mais unido, mais confiado nos seus chefes, mais desdenhoso de estranhos auxilios, mais arraigado nos seus planos de reorganisação radical no interior e de fraternidade democratica no exterior, mais confirmado finalmente n'essa formidavel confiança nas proprias forças, que se manifesta por uma soberba indifferença pelas opiniões e pelos sentimentos das classes superiores. Os debates do congresso de Halle mostraram tudo isto, e mostraram ainda o espirito de disciplina do povo allemão e o talento politico dos homens que dirigem as suas reivindicações.

Parlamento operario lhe chamámos e muito de proposito. Quizemos trazer á mente do leitor a imagem das assembléas deliberantes em que se concentra a vida politica das classes que nos governam e fazer-lhe sentir pelo contraste como é mesquinha e vã a verbosidade petulante d'esses rhetoricos confrontada com a solidez positiva de vistas e a energia do bom-senso rasteiro mas efficaz em que se resume toda a sabedoria das derradeiras camadas sociaes. Quem pois ensinou ás gentes embrutecidas pelas privações e pela ignorancia o valor dos actos, o desprezo das palavras, o preço da disciplina e a necessidade de abdicar para vencer? Um duro mestre, que ensina á moda antiga, com uma palmatoria de ferro: o soffrimento. Gastar a actividade n'um turbilhão tonto de phrases, fazer da questão das formalidades a questão predominante em prejuizo das questões essenciaes, recorrer aos expedientes de obstrucção ou desordem material para impedir a marcha da discussão, faltar ao respeito da dignidade presidencial sem o qual os debates se tornam impossiveis, desconsiderar a assembléa de que se faz parte esquecidos de que se desconsideram a si proprios, póde representar uma occupação habitual e mesmo constituir uma excitação agradavel para homens, certos de que entretanto o caldo apura na panella. Mas quando o pão falta na mesa e a lenha no fogão, e no céo vazio só brilha a estrella do desespero, então não ha vontade de chasquear, e deliberações de que depende a vida mesmo de milhões de homens assumem um caracter singular de gravidade. O aguilhão do soffrimento physico, e a pressão terrivel da necessidade acordam o espirito para a visão da realidade e, espancando as chimeras, communicam á intelligencia a lucidez do instincto, e á vontade a energia das impulsões animaes. A miseria é como a guerra uma escóla de bom-senso.

Não que no congresso de Halle a discussão corresse com uma tranquillidade perfeita e manifestasse uma exemplar concordia de vontades. Apaixonada e violenta foi ella e envolvendo questões de pessoas. O ponto que a assembléa discutiu apenas constituida foi o *bill* d'indemnidade á commissão executiva

do partido, que as circumstancias especiaes do periodo a que o imperador pôz termo, tinham investido d'uma especie de dictadura. O discurso de Bebel foi o primeiro trecho consideravel da eloquencia congressista. Com uma nitidez perfeita e uma franqueza propria de quem está seguro de si, elle expôz a acção da junta directriz durante o periodo tormentoso da reacção conservadora. Que os resultados sejam o tribunal dos actos, disse. E a assembléa foi da opinião dos resultados. E a mesma solidez de bom-senso que lhe dictou o *bill* d'indemnidade inspirou-a na questão do mandato imperativo. O delegado Wollmar propôz que a fracção socialista do Reichstag fosse intimada a fazer garantir pelo parlamento allemão os direitos de reunião e *greve* nas mesmas condições que em França. Com apoio da assembléa o caudilho Liebknecht refutou-o e defendeu a sã doutrina reclamando liberdade absoluta d'acção em termos que lembram o duque d'Alba e o seu famoso «El-rei não me manda avançar, manda-me vencer».

Mas o elemento discordante representado pelos delegados de Berlim fez ouvir a sua voz. Era esta a prova por que tinha de passar o partido, desde que inaugurado o regimen de liberdade se não podia contar com a cohesão que resulta da oppressão. Attribue-se mesmo ao imperador a idéa que o socialismo germanico se scindiria e dispersaria em facções, apenas restituido ao regimen normal da discussão tão propicio ao conflicto das opiniões e á indisciplina das vontades. Se estas eram as esperanças das classes conservadoras devem a estas horas estar desfeitas. Uma maioria esmagadora fez justiça á coragem e á dedicação dos homens fortes que tomaram o commando do partido e não descreram do seu futuro nos dias de provação. O socialismo allemão mostrou que, se a ingratidão é um dos vicios das massas, a gratidão é uma das suas virtudes. E ao mesmo tempo mostrou que sabia tomar em devida conta a intransigencia dos radicaes, a sua falta de tacto politico e de disciplina moral, a sua obstinação nas reivindicações extemporaneas, e a ruindade de sentimentos que os leva a atacar toda a superioridade, mesmo aquella cuja acção aproveita á propria causa. A

decisão quasi unanime com que a assembléa de Halle illibou os chefes do partido das accusações que lhes eram assacadas, fez recuar e mesmo desdizer-se os discolos que vinham perturbar a unidade do partido. Então tomando por seu turno a offensiva, os accusados pozeram em derrota completa os seus adversarios cujo valor partidario e cuja moralidade pessoal foi objecto de severos juizos. Parece mesmo que o turbulento Werner, especie de-jacobino do socialismo, é um personagem assás equivoco. Finalmente a recleição dos chefes discutidos para os altos cargos do partido veio cerrar o incidente e mostrar que o proletariado allemão já sabe elaborar no seu seio aquelles viris sentimentos, que transformam uma aggregação de homens n'alguma coisa de vivo e energico: a fidelidade e a confiança.

Outros incidentes interessam igualmente o observador philosopho. Entre estes o acolhimento enthusiastico com que foram recebidos os delegados francezes. É materia para reflexão este novo sentimento que substitue o velho antagonismo patriotico ou o mais recente humanitarismo theorico pela fraternidade materialista dos interesses e a coherencia cosmopolita das reivindicações positivas. Ajunte-se que no caso em questão este estado de espirito complica-se no proletariado germanico do receio agudo de vêr a França lançar-se nos braços da Russia. O medo russo é um sentimento commum a todas as classes na Allemanha, mas elle é especialmente justificado no seu proletariado, isto é, na democracia progressiva d'um povo liberal e industrial posto em frente d'uma formidavel potencia rural e autocratica. Os applausos apaixonados que acolheram a pessoa e as palavras de Julio Guesde exprimem sentimentos que são partilhados pela grande maioria da nação allemã, em especial nas camadas inferiores. É justo, porém, dizer-se que os sentimentos correspondentes são muito menos vivos na margem esquerda do Rheno.

Mas o grande acontecimento do congresso terá sido o discurso de Liebknecht, que constitue uma exposição completa da doutrina e da pratica do partido. Este discurso, se nos collocámos no conveniente ponto de vista, nos parece revelar no ora-

*

dor uma cabeça politica de primeira força. Nada de considerações historicas nem de deducções theoricas. Mas uma solidez de vistas positivas e um certeiro instincto para distinguir o que é exequivel do que é chimerico, e o que é obtivel desde já do que apenas representa uma esperança e um fim distante. Expôr este discurso, é expôr o corpo d'idéas e d'instinctos que animam no momento actual o socialismo germanico.

No que toca á denominação do partido e ás idéas fundamentaes que o inspiram, o congresso de Halle não faz senão confirmar o congresso de Gotha, isto é, affirmar como fim ultimo de toda a actividade democratica a remodelação completa da sociedade no sentido de acabar com a exploração capitalista e assegurar ao proletario o producto integral do seu trabalho. Sobre este ponto essencial o partido não varía um apice. E os que vêem motivo para regosijo n'aquillo a que chamam opportunismo dos socialistas e transformação de partido militante em variante doutrinal de escóla, fariam bem em attender que o fim derradeiro de toda a propaganda e acção partidaria continúa sendo o mesmo, que esse fim é essencialmente revolucionario e implica a negação da ordem actual de coisas, que apenas os processos mudaram com a attitude dos poderes publicos, mas não os intuitos fundamentaes, e que em summa o socialismo germanico entra nas vias legaes, mas não nos sentimentos pacificos.

Quanto á questão de Monarchia ou Republica o orador socialista exprimiu-se com tanta nitidez como bom-senso. As republicas, disse, podem ser tão oppressivas do proletario como as monarchias. Podia mesmo dizer, são. E bastaria apontar para a republica franceza em que a sorte dos operarios não parece ser objecto de maiores cuidados que no imperio allemão, nem menores os attentados do capitalismo e a insolencia do luxo arrogante e perdulario. O partido socialista germanico não escolhe entre as fórmas politicas em vigor na Europa, nem constitue uma fracção avançada do partido republicano. Seria um erro, porém, concluir d'ahi para a lealdade monarchica do proletario. O socialismo germanico attingiu um estado de espirito

que deixa muito para traz as monarchias como as republicas. O seu odio pelo que existe é intenso, a sua desconfiança inveterada. E o soberbo e glacial silencio mantido pelo congresso ácerca das reformas confessadamente importantes e evidentemente sinceras emprehendidas pelo imperador, faz luz sobre a opinião das massas e presta-se á meditação do observador politico.

O mesmo superior bom-senso que o orador manifestou na questão politica revelou-a na questão religiosa. O partido socialista, disse o delegado Liebknecht, nada tem que vêr com as crenças religiosas dos seus membros, e só combate as religiões quando ellas se fazem as alliadas da burguezia. Esta profissão de tolerancia accentua o caracter eminentemente pratico do socialismo germanico e augmenta a efficacia da sua acção pela suppressão de todo o antagonismo que não fôr exigido pela natureza mesma das suas reivindicações. Vê-se que estamos a mil leguas do jacobino devorador de padres. E como na questão religiosa, na questão patriotica. O socialismo allemão mantem o seu caracter internacional tornado necessario pela qualidade cosmopolita que a liberdade commercial imprime á exploração capitalista. Mas affirmando esse caracter mantem ao mesmo tempo a realidade dos deveres nacionaes. Quanto esta ultima idéa é justa e fecunda não padece duvida aos olhos de todos os que estudaram a historia da famosa Internacional e reflectiram nas vantagens de vasar o esforço de propaganda e acção dentro d'estes grandes quadros fixos de ordem material e moral que são as nações, com a sua organisação administrativa, a sua unidade de lingua, as suas tradições de intelligencia e sentimentos, em summa com as suas fronteiras definidas e as suas aptidões especificas.

Assim, um caracter eminentemente pratico terá distinguido as deliberações do congresso de Halle. Opportunismo lhe chamou um publicista francez. Seja, mas ha opportunismo e opportunismo. O proletario allemão na posse do suffragio universal quer servir-se d'esta arma que lhe tem assegurado triumphos repetidos, e que tão sómente pelo seu jogo normal o conduzirá

á dominação na ordem legislativa. Para apressar este resultado, o congresso votou que se dessem passos no sentido de obter uma representação proporcional e um systema de *referendum* como na Suissa. Vê-se que o socialismo germanico tem o grande senso politico de se apoiar sobre o que existe e de procurar annullar a burguezia servindo-se das suas proprias armas, pelo desenvolvimento logico e pela applicação pratica de principios estabelecidos por ella propria. E o mesmo senso da realidade terá afastado o congresso de discussões inopportunas sobre os principios economicos e juridicos do partido e voltado toda a sua attenção para medidas de alcance pratico immediato. Entre estas avulta um gigantesco systema de propaganda oral e escripta, que utilisará todos os recursos disponiveis, nomeadamente o jornal e o theatro, e estenderá a sua acção ás populações ruraes que até hoje permanecem fóra do movimento de reforma social. E visivel o caracter ameaçador de invasão que toma esse movimento. É visivel ainda quanto elle é intelligente. O partido socialista allemão fundado por dois philosophos, Lassalle e Karl Marx, conserva-se digno das suas origens. E quando se compara as nuvens de poeira sangrenta em que se tem desfeito as arremettidas do anarchismo francez com a marcha irresistivel do proletariado allemão, é impossivel não admirar a constancia de disciplina e a solidez de genio d'esta nação de pensadores e soldados. Na esphera da acção revolucionaria como no dominio diplomatico e militar o eixo da Europa deslocou-se e passou da França para a Allemanha.

Se grandes são as difficuldades interiores do imperio allemão, de que o socialismo representa a mais aguda, as do seu alliado cisalpino não são pequenas. A Italia atravessa uma crise puerperal. Depois da dolorosa gestação da sua independencia, o que lhe convinha era um periodo de repouso absoluto. Ora esse repouso é-lhe vedado pelo estado de conflicto latente que anima as nações europêas, pela natureza das fronteiras terrestres e maritimas de estado mediterraneo, e finalmente pela existencia

d'uma questão romana. É isto o que comprehende o seu rabugento medico assistente, o velho Crispi. Este homem de estado, que digam o que disserem poc uma rara habilidade ao serviço d'uma vontade de ferro, é a figura dominante da hodierna politica italiana. E o sentido em que orienta a diplomacia e a administração da sua patria é o mais em accordo com as necessidades exteriores e interiores d'ella. D'ahi o formidavel esforço para levantar o exercito e a armada, d'ahi a entrada da Italia na Liga da paz, d'ahi a adopção d'uma politica repressiva capaz de conter em respeito o duplo movimento do clericalismo e do irredentismo. O que porém a situação não exige, e deve ser lançado á conta do temperamento do estadista, é o caracter arrebatado das suas decisões e das suas palavras, são essas arremettidas subitas em que a paixão italiana faz irrupção pelo meio dos tramas urdidos pela finura italiana, são essas notas redigidas em termos que destoam dos usos diplomaticos, é essa maneira singular de se desfazer d'um collega como quem despede um creado, é finalmente essa exaggerada susceptibilidade em frente dos ataques pessoaes e esse preponderante appello feito ás paixões colericas de preferencia ás generosas. É que n'este conspirador siciliano coexistem com a paixão propria do italiano e a bilis propria do italiano do sul os instinctos e os costumes d'um radical vermelho, e este homem de estado traz para a esphera governativa as tendencias auctoritarias d'um antigo jacobino.

Ora succede que este jacobino tem jacobinos como adversarios. A indiscreta facção que serve na peninsula os interesses da politica franceza escolheu o illustre propugnador da Triplice Alliança para alvo dos seus ataques. D'ahi o aspecto turbulento e escandaloso que tem assumido nos ultimos tempos a politica interior da Italia. D'ahi esse tiroteio de aggressões politicas em que os contendores se lançam mutuamente em rosto a accusação de sacrificar a patria aos interesses estrangeiros. D'ahi a obcecação da paixão partidaria que vai até o ponto de fechar os olhos ás verdadeiras conveniencias italianas para lhe antepôr as vantagens hypotheticas d'uma diplomacia de facção.

D'ahi, finalmente, esses episodios burlescos como os do deputado Cavallotti que jurou não deixar passar um só discurso de Crispi, sem fazer logo em seguida um contra-discurso, e não consente que o presidente de conselho falle n'um banquete politico sem ir logo armar ao lado uma mesa para comer com estrondo e eloquencia.

Mas o velho Crispi se é irritavel é tambem tenaz nos propositos. Apoiado na confiança do seu rei e na parte sã da nação italiana prosegue com uma vontade de ferro na dupla empreza de garantir a segurança externa e consolidar a unidade interna do joven reino.

Ora toda a politica italiana deve ter em vista dois fins: consolidar a obra de Cavour e Victor Manoel, e impedir que o equilibrio europeu seja destruido em proveito d'uma das nações contiguas. Em outras palavras, toda a diplomacia italiana está dominada por duas questões: a questão romana e a questão mediterranea.

A questão romana representa para a Italia uma fistula no utero. Emquanto ella não fôr extirpada, toda a acção fecunda estará vedada á Italia. A existencia d'um poderoso elemento moral e social que reivindica como um direito a dominação politica exclusiva na capital em que tem a sua séde, exacerba singularmente as difficuldades internas do joven reino, e complica-as transformando-as em difficuldades externas. O papado, que permanece intransigente na questão do poder temporal, tem poderosas influencias junto ás côrtes e exerce profunda acção sobre as massas em toda a metade occidental da Europa. Os que imaginam que a Igreja é uma congregação de clerigos gulosos e lascivos, um mero syndicato explorador de superstições que é facil abater com meia duzia de sarcasmos rimados, fariam bem se olhassem para uma carta politica da Europa e se reflectissem que ha um poderoso partido catholico na Allemanha, que é catholica a dynastia e o povo austriaco, que numerosas hostes catholicas não escondem os seus intuitos na França e ostentam-no na Hespanha, que o partido que detem o poder na Belgica dá pelo nome de catholico, que a insurreição irlan-

deza não conta mais fortes auxiliares do que o clero catholico da Irlanda, que o catholicismo recruta cada vez mais proselytos no alto clero e na alta aristocracia ingleza, que á Igreja catholica não faltam nem talentos nem dedicações e que finalmente duas das mais sublimes figuras da Europa contemporanea são o bispo Strossmayer, o patriarcha dos Slavos do sul, e o cardeal Lavigerie, o apostolo da christandade africana. A diplomacia do Quirinal sabe isto, sabe tambem que em muitos corações italianos os sentimentos religiosos luctam com os do patriotismo, e sabe ainda que, dada a hostilidade latente de interesses que persiste sob a cordealidade apparente das relações diplomaticas, não é impossivel que a reivindicação do poder temporal encontre apoio junto aos governos europeus. Ora nenhum politico italiano póde encarar sem angustia a perspectiva d'uma Italia privada do seu centro natural e moral, Roma, verdadeira capital geographica e historica da terra italiana.

Com a questão romana coincide a questão mediterranea. Reflictamos em que a Italia é á primeira inspecção um paiz maritimo, que ella consiste n'uma peninsula e duas grandes ilhas, a Sicilia e a Sardenha, que a Corsega, terra italiana pelo sólo e pela raça, é ainda uma ilha, que as fronteiras italianas estão abertas aos golpes de mão d'uma esquadra inimiga, que as suas grandes cidades como Roma, Napoles, Veneza, Palermo, Genova, são cidades de littoral, que a sua vocação como a sua tradição não é menos commercial que agricola, que emfim a geographia e a historia mostram claramente que ella tem de ser uma potencia naval. Reflicta-se ainda que esta nação, que encheu o mundo com a gloria das armas e das artes, é uma nação territorialmente pequena, que a sua população é numerosa e densa, e vive á estreita n'uma nesga de terra, que essa peninsula italiana, que tem quasi o dobro dos habitantes da Hespanha, tem uma área pouco maior que metade da peninsula iberica, que as duas guerras que teve de sustentar para ganhar a sua independencia e o formidavel esforço que tem a fazer para garantil-a comprometteu as suas finanças e mesmo desordenou gravemente a sua vida economica, que necessidades permanen-

tes e circumstancias de momento a levam a procurar sahidas para a sua população e mercados para a sua producção, e que emfim esta potencia naval tem de ser uma potencia colonial. Mas na sua actividade naval como na sua expansão maritima, a Italia ha de encontrar concorrentes. Ora concorrencia é sempre rivalidade, e entre naçoes a rivalidade degenera facilmente em guerra. Ora dado o estado de gestação em que ainda está a peninsula dos Balkans e o estado de lethargo de que ainda não sahiu de todo a peninsula iberica, a inimiga natural da Italia é a França. A França, que se apossou da Argelia, que escamoteou Tunis, que n'este momento, segundo corre, transforma Bizerte em porto de guerra, a França, formidavel potencia naval e militar, que avassalla as aguas italianas com as suas frotas e transpôz tanta vez os montes italianos com as suas hostes, a França ameaça e assoberba a Italia. Ora esta republica franceza é sujeita a accessos de cesarismo, e em França a reacção conservadora faz-se com o robusto apoio do partido clerical. A Italia sabe-o e lembra-se de Mentana. Por isso nos será facil mostrar na nossa proxima chronica como sob o duplo estimulo da questão romana e da questão mediterranea a Italia foi levada a entrar n'essa alliança, que pelas provas que já tem dado, pelas suas condições de publicidade, pelas limitadas ambições dos seus membros e tambem pelas formidaveis difficuldades internas das nações que accederam a ella, póde ser justamente denominada: Liga da paz.

Paris — Novembro de 90.

G. de Corte-Real.

REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Um anno de chronica, por SILVA GAYO

O auctor d'este livro, Manoel da Silva Gayo, é um espirito de aptidões variadas em que o talento e o gosto litterario se completam pelo sentimento e o amor das coisas da Arte, e são postos ao serviço de faculdades criticas fecundadas pelo habito de estudo e um sério desejo de acertar.

É um espirito de aptidões variadas. Este livro, que representa a actividade d'um anno, é a prova d'isso. Os vinte ou vinte e cinco fragmentos de que se compõe, conduzem-nos através de regiões differentes e afastadas: aspectos de natureza, impressões de arte, juizos litterarios, reflexões de moralista, notas de esthetica, commentarios discretos e commovidos das occurrencias da vida. Parece-me que na sua dispersão, e talvez mesmo por causa d'ella, esses fragmentos são proprios a darem uma idéa quasi completa do espirito a que são devidos, e que do exame d'elles se póde apurar os traços fundamentaes d'essa interessante organisação de escriptor.

E começando, ha n'elle um homem capaz de observar e ver os aspectos exteriores das coisas. Não que o dom de estampar na memoria e no papel os traços corporaes que fazem resuscitar o objecto ausente, se manifeste, nos poucos trechos destinados n'este livro a consignar aspectos de paizagem urbana ou rural, com a nitidez intensa e o colorido ardente que annunciam o escriptor de imaginação physica. Mas se essas descripções não fazem resurgir aos olhos do leitor a imagem extincta ou ausente das coisas, annunciam comtudo no escriptor que as traçou o costume e o gosto de seguir com o olhar os contornos e embeber a retina nas manchas em que se resolvem as apparições que vão surgindo através do seu campo de visão. Manifesta-se por ellas um espirito que não perdeu no convivio dos livros a frescura das impressões ani-

maes, e em que as influencias da vida sedentaria e litteraria são combatidas por salutares habitos de observador e touriste.

Esta qualidade do seu espirito aproveitou-a felizmente Silva Gayo, como critico de Arte. Porque para o ser não basta o sentimento intuitivo, a que se chama gosto, embora fecundado pelo estudo. É preciso ainda o dom natural ou adquirido de vêr n'um quadro o que elle é realmente: um conjunto de linhas e côres, qualquer que seja de resto aos olhos do amador e do philosopho o seu valor documental ou suggestivo. As composições que abrem o livro e que têm por objecto exposições de Arte, mostram que Silva Gayo comprehendeu as necessidades d'esse ramo da critica, em que o sentimento esthetico, e as apreciações do historiador e do psychologo são uteis e importantes, mas não dispensam um confronto directo com a realidade exterior, só possivel para uma memoria povoada de formas e para uma critica versada na technica das artes plasticas.

A este amor universal e intelligente da Arte em todas as suas expressões é ainda devido o interessante estudo sobre a Musica, escripto em maio de 88 por occasião de se iniciarem em Lisboa as *matinées* de musica classica. Vê-se que Silva Gayo sabe ouvir como sabe vêr. Essas paginas vivas e quentes mostram ainda que para elle ouvir é sentir. A alma violenta e impetuosa dos grandes mestres é n'ellas apprehendida através das sabias combinações dos rythmos e das gammas, e a critica das composições é feita sob um ponto de vista elevado, procedendo pela investigação das paixões que os accordes exprimem, e das impressões geraes do mundo que se traduzem na harmonia dos sons. É em especial digna de attenção a pagina sobre Wagner, trecho excellente em que a eloquencia é posta ao serviço da analyse, e que mostra que o escriptor obedece no exame das obras musicaes a um criterio tão justo como no das artes plasticas, vendo n'aquellas um trabalho de psychologia como vira n'estas um trabalho de physiologia.

Mas é á critica de livros que o auctor dedicou a maior parte d'este volume. E vê-se que apesar do seu amor por todas as manifestações da arte, as obras litterarias são as que lhe prendem a attenção e o deleitam em especial. E tambem aquellas sobre que a sua critica se exerce com mais competencia. Nos seus escriptos sobre o Grupo do Leão ou sobre os concertos classicos mostrava-se apenas a mão d'um amador conscienciosо e esclarecido, que, recebendo nobres emoções em frente d'um quadro ou d'uma sonata, deseja vêl-as partilhadas e pega na penna para fazer a propaganda do seu prazer. Mas nos fragmentos sobre escriptores o caso é outro. O saber é mais completo e seguro, a analyse mais intima. Ha observações sobre a factura da prosa ou o corte da estrophe que revelam que, quem as faz, é de casa. Ha ainda uma justeza ordinaria nos juizos litterarios, que manifesta além de um dom natural um longo convivio com os monumentos escriptos, e um sentimento delicado de certos primores technicos que só póde resultar da experiencia immediata e do

exercicio pessoal. Este sentimento posto ao serviço d'uma elevada concepção da litteratura produz os melhores fragmentos do volume, entre os quaes destacam as composições intituladas *Trio de chronistas, Uma eleição perdida, Um poema de oito paginas* e o longo estudo sobre *Eça de Queiroz e os Maias*. N'este ultimo trabalho, feito com a minuciosidade e a largueza da admiração intensa, se manifestam com plenitude as faculdades criticas de Silva Gayo. Não se encontrará n'esse estudo uma dissecção profunda e nitida d'essa complexa organisação de artista, nem mesmo um d'esses relampagos pelos quaes os grandes poetas illuminam bruscamente o interior d'uma obra. Mas o seu juizo total sobre o romancista e o romance, a sua apreciação dos caracteres, as suas observações sobre o estylo do grande escriptor revelam sob fórmas nem sempre nitidas um sentimento delicado das coisas litterarias e um tino notavel no julgamento d'ellas. São em especial recommendaveis as observações sobre as creações femininas do auctor dos *Maias*, observações em que o sentimento moral entra quasi tanto como o espirito critico para a comprehensão d'essas tocantes figuras, em que se mostra toda a finura de coração do incomparavel artista.

Outras composições percorrem toda a gamma da arte escripta desde a dissertação até ao conto. Parece-me que Silva Gayo poderá cultivar com fortuna este genero litterario. O seu dom de observação externa, o seu talento de narrador, a sua psychologia verdadeira, ainda que summaria, um perfume de poesia que envolve e uma ponta de sensibilidade meiga que aviva os seus escriptos, levam-me a crêr que elle ornará algum dia a litteratura portugueza com uma collecção de narrações analogas a essas que Bourget reuniu sob a designação de *Pastels*, e na qual as qualidades superiores do grande romancista attenuando-se adquirem um novo mimo de graça.

As composições de caracter puramente theorico são talvez as menos importantes do livro. A doutrina é em geral boa e bebida em boas fontes. Mas vê-se que falta ainda ao moço escriptor aquella solidez de cultura e aquella segurança de methodo que só póde provir de longos estudos e d'uma pratica obstinada das operações abstractas. Comtudo faria mal Silva Gayo se se afastasse dos seus habitos de escriptor consciencioso e applicado a enriquecer o espirito por uma cultura variada e intensa. A Philosophia é precisa mesmo para os que se não destinam a philosophos. Só o habito de pensar por idéas elevadas e bem ligadas dá a largueza de vistas e a firmeza das convicções.

Mas quer nas reflexões que se architectam em these, quer nas narrações que confinam com a local, o que se nota constante e presente é a elevação moral dos sentimentos que dá a este livro um encanto de honestidade, e, depois de assegurar ao seu auctor mais d'uma vantagem como critico, preserva-o de varios ruins defeitos e ridiculos, filhos da anarchia mental contemporanea.

Começando pelo habito de se rir de tudo, e como se diz á franceza, a

blague. É com a mais viva satisfação, com um sentimento visinho da gratidão, que registo aqui não pertencer o auctor á numerosa especie de escriptores que julgam do seu dever fazer cocegas a quem os lê. O ruim costume de tomar para assumpto de chascos d'uma originalidade contestavel os interesses mais serios da vida humana, essa grosseira garrulice propria dos que julgam provar a superioridade pela irreverencia, repugna á sua delicadeza moral e tambem ao seu bom-senso. Esse ruim costume, ás vezes odioso e tantas apenas ridiculo, não podia seduzir esse nobre espirito que manifesta o amor da sua arte pelo respeito d'ella, e que é demasiado intelligente para não vêr que se a Vida não é tomada a serio, a Arte, imagem da Vida, não tem direito a sel-o. Destituido do desejo de brilhar e indifferente á admiração dos nescios, Silva Gayo desdenha a exploração do burlesco e do escandalo, e acha que é melhor ser um prégador que um truão.

A sua elevação moral preserva-o ainda d'outro defeito: a falta de probidade critica. Este escriptor é sincero. A meu vêr não ha n'essas trezentas e cincoentas paginas uma só que não manifeste a resolução de dizer a verdade. É alguma coisa. É talvez muito, quando se pensa quão mal são recompensados os serviços que se prestam á verdade pura, como a indifferença e a confusão de espirito invalidam tanta vez o esforço por fazer vêr claro, como é commodo envolver toda a gente no incenso do mesmo louvor convencional e finalmente como a confraria do elogio-mutuo não se extinguiu com Castilho e desfila ainda sob os nossos olhos embrulhada na parda opa da banalidade.

A sua elevação moral preserva-o de ruins defeitos; o seu bom-gosto preserva-o de mais de um ridiculo.

E entre estes ha dois capitaes dignos da attenção da critica e da mofa das pessoas de juizo: um é a affectação do scepticismo, o outro a affectação do pessimismo. Ambos são occasionados por causas que vêm operando ao longo de toda a idade moderna e ambos são illustres documentos da anarchia mental contemporanea.

O scepticismo é um resultado do alargamento desmedido do campo de investigação e do aperfeiçoamento dos instrumentos de analyse, que trazendo ao alcance d'ella a totalidade dos phenomenos naturaes e moraes destruiu ou abalou muitos pontos de vista que tinham passado ao estado de dogma e tornou possivel a apparição de conjecturas sem numero. N'esse revolver de hypotheses, n'essa dissecção infatigavel do mundo interior e exterior a absoluta liberdade de espirito é uma condição indispensavel. A critica chama-se livre exame. E os homens que a têm exercido longamente, que na passagem através de tantas provincias do pensamento e no contacto de tantos espiritos diversamente organisados têm aprendido a renunciar os seus preconceitos e a transformar as suas convicções, acabam ás vezes ao termo de tantas metamorphoses por envolver na mesma duvida as doutrinas transitorias e os principios fundamentaes que condicionam toda a actividade, quer no campo especulativo

quer no pratico. Este scepticismo inconsistente e como que apenas presentido que apparece na Europa moderna desde os dias da Renascença, encontra no nosso seculo o seu equivalente theorico e como que a sua consolidação philosophica na doutrina da Relatividade do conhecimento. Esta doutrina assumida sem fundamento e affirmada sem prova pelos empiricos de todas as escolas, foi reduzida por Kant a um maravilhoso systema de scepticismo critico apoiado na mais rigorosa analyse do instrumento do conhecimento e no mais profundo exame dos principios fundamentaes das sciencias positivas, que regista a historia da Philosophia. E o pensamento critico penetrou tão fundo no espirito do seculo, que a sua influencia se fez sentir até n'aquelles que mais resolutamente o combateram. E assim viu-se o grande dogmatico Hegel oppôr ao systema das antinomias o principio da identidade dos contrarios, que colloca ao lado de cada manifestação na natureza ou na Historia a manifestação que se lhe substitue negando-a.

Estas influencias que se preparam na região das idéas abstractas intervêm na formação da consciencia publica desde que um grande escriptor põe ao serviço d'ellas o prestigio da sua palavra. Em França, este papel cheio de graves responsabilidades coube ao illustre historiador Ernesto Renan. No scepticismo do auctor dos *Dialogos* collaboram com o mundanismo parisiense da segunda metade do seculo XIX e a velha falta de paixão do genio francez, um probabilismo adquirido em innumeraveis excursões através de raças e culturas differentes, o sentimento da universal instabilidade bebido nas doutrinas dos naturalistas contemporaneos e no espirito do evolucionismo hegeliano, e finalmente aquillo que a sua limitada capacidade de philosopho lhe permittiu assimilar das vistas de Kant sobre a impossibilidade para o espirito humano de sahir da esphera das apparencias e attingir a natureza essencial das coisas.

Mas cahindo da região do pensamento superior e da alta cultura, estas idéas deformam-se e mesmo d'um modo grotesco. Depois de Renan apparecem os macacos de Renan. O scepticismo foi recebido de braços abertos por todos os que são incapazes de pensar ou de querer pensar. E era natural que o fosse, uma maneira de vêr que lisongeia a preguiça affirmando a inutilidade de todo o esforço, a vaidade nivelando ante a mesma ignorancia final a mediocridade e o genio. Junte-se a satisfação de todos aquelles a quem uma doutrina pesa como um jugo e cuja incuravel frivolidade considera com horror a necessidade de tomar a vida a serio, de todos aquelles a quem a bancarrota dos ideaes, por que tantos nobres espiritos se sacrificaram, apparece como um motivo de regosijo pessoal. E assim viram-se as grandes construcções religiosas e moraes serem abolidas por pensadores de sobremeza e o pensamento humano ser questionado nos seus fundamentos por criticos incapazes de traduzir um verso de Horacio ou resolver uma equação do primeiro grau.

Com o pessimismo deu-se alguma coisa de semelhante. Tem-se escripto muito sobre o pessimismo e as suas causas, e recentemente mesmo a litteratura portugueza enriqueceu-se com um grosso volume sobre a questão, em cujo auctor, o snr. José de Magalhães, folgo de apontar uma rara vocação de psychologo. Tem-se indicado ao pessimismo muitas causas, mas todas se podem reduzir a duas: uma sensibilidade mais viva para a dôr, e uma maior incapacidade para affrontal-a. D'um lado uma susceptibilidade mais delicada, d'outro uma vontade menos vigorosa, traços ambos que se ligam com as affecções morbidas do systema nervoso pelas profundas relações que prendem o organismo ao caracter. Ora, se o seculo XIX não é mais fecundo em soffrimentos positivos para as classes médias na Europa do que os seculos de que se compõe a Idade-média e a Moderna, é certo tambem que não escasseia em factos capazes de produzir ou consentir a apparição do pessimismo. A aspereza da concorrencia implacavel, o desvairamento das ambições democraticas, o sentimento da mesquinhez individual em frente das grandes construcções politicas e do alargamento indefinido dos horisontes intellectuaes, a frequencia das revoluções e das reacções, a bancarrota dos ideaes religiosos e politicos, a apparição de philosophias que pintam o mundo como um laboratorio e um circo, não predispõem á alegria. Mas o esgotamento physiologico pelo abuso do trabalho, a deleterica influencia da vida urbana, a corrupção dos costumes, tornam o organismo morbidamente sensivel ás impressões exteriores e a vontade morbidamente incapaz de reagir contra ellas. Finalmente, por um processo ainda não explicado, d'entre esta cohorte de exemplares morbidos que vai desde o homem muito nervoso até ao hysterico, e que são caracterisados pela delicadeza exaggerada das sensações, destacam-se os pessimistas que são caracterisados pela susceptibilidade exaggerada e a predisposição electiva para as sensações penosas. Os individuos que representam esta especie morbida não recolhem no seu espirito d'entre as coisas que actuam n'elle senão aquellas que os podem fazer soffrer, e mesmo por uma paradoxal perversão vão até procural-as e andar á caça d'ellas. Quando este estado pathologico coincide com uma excepcional capacidade philosophica ou poetica vêem-se apparecer um Byron ou um Schopenhauer.

Mas ao lado do pessimismo que é uma tortura surge o scepticismo que é apenas um ridiculo. A apparição d'um grande escriptor desesperado ou melancolico produz uma epidemia de desolação e um vendaval de suspiros. Individuos que felizmente da vida nunca receberam dôres, nem da natureza nervos capazes de as inventar, acordam tomados do mal de viver. Depressa se lhes cria no espirito a convicção de que o mal-estar é um signal de superioridade, e quanto menos aceitam as condições communs do destino humano mais provam a nobreza das suas aspirações e a elevação dos seus ideaes. A vaidade, essa lepra, contemporanea é o que os inspira. E por isso são quasi sempre os mesmos que têm um encolher de hombros em frente do pensamento

humano, que ostentam um sorriso de commiseração em frente da actividade humana.

Silva Gayo não pertence nem a uns nem a outros. Nem se lamenta nem encolhe os hombros. Trabalha e aprende. E não é o menor encanto do seu espirito essa probidade que o leva a procurar dar nos seus escriptos a impressão mais fiel das coisas e a consignal-a na expressão mais cabal. Com effeito, ha alguma coisa de tocante no esforço pelo qual um espirito, glorioso ou humilde, procura acercar-se da verdade e assimilal-a na medida das suas forças. E manifesta-se no scepticismo desdenhoso que diffama a intelligencia e vira as costas á evidencia um tão insolente e insensato orgulho, que mais vale pensar que os que o professam não sabem bem o que dizem.

Um derradeiro traço accentua esse caracter e resume essa figura moral: o sentimento religioso. Porque o sentimento religioso não consiste na adhesão submissa ou fanatica a um dogma, mas na capacidade de perceber a seriedade profunda da Vida e a santidade ineffavel da Existencia. Em Silva Gayo esta capacidade é hereditaria. Sómente o correr dos tempos faz que ella se exerça d'um modo differente. O sentimento de consciente e voluntaria reverencia que prendia ao Deus dos livres a alma grave e forte do auctor do *Mario*, entrando na alma do filho attenuou-se mas conservou-se sob a fórma de enternecida e filial admiração em frente da Natureza, considerada como fonte de vida e mestra de nobreza. É um pantheismo um pouco fluctuante e de tendencias visivelmente moraes. A derrota do espiritualismo classico em frente das sciencias positivas e dos systemas contemporaneos explica esta transformação.

Silva Gayo está no começo da sua carreira litteraria. Não lhe faltam aptidões nem vontade de as aproveitar. Que após este livro venham outros, impregnados das mesmas tendencias, fecundados por mais vasta cultura. É o voto de todos que entre nós se interessam pelas coisas do espirito. A moderna geração portugueza precisa de escriptores como este.

L'évolution des genres dans l'histoire de la littérature,

par FERDINAND BRUNETIÈRE

Este livro representa a primeira série de lições professada na Escóla normal superior pelo professor Fernando Brunetière, e comprehende a grandes traços a historia da evolução da Critica franceza desde a Renascença até os nossos dias. Tendo-o lido com o maior cuidado e não nutrindo a favor do seu auctor nenhum d'esses sentimentos de parcialidade que resultam quer da

seducção d'um talento prestigioso quer da influencia exercida em verdes annos, creio não proceder com leviandade ou obedecer a motivos apaixonados declarando que não se tem publicado em França nos dominios da critica litteraria um livro tão consideravel desde que o historiador da litteratura ingleza emigrou do campo da philosophia da arte para a região menos serena da historia politica.

E citando o nome de Taine não é minha intenção equiparar o maravilhoso talento tão extenso e tão agil do famoso renovador da critica franceza na segunda metade do seculo XIX, com o polemista vigoroso mas limitado que ha quinze annos combate com infatigavel coragem na litteratura do seu paiz as manifestações innumeraveis da anarchia mental contemporanea. Com effeito vai alguma distancia entre esse raro conjunto de aptidões que habilita o auctor de *Graindorge* e do tratado da *Intelligencia* a fazer com a mesma facilidade a critica d'uma toilette de mulher e o exame do postulado de Euclides, e a laboriosa tenacidade que permitte ao critico official da *Revista dos dois mundos* abraçar um conjunto de vistas para as quaes o não fadára o talento natural e que elle attinge com um esforço visivel ainda que frequentes vezes coroado de exito. Taine atravessa a paizagem alpestre das idéas sobre o cavallo da abstracção. Brunetière vai longe, mas vai a pé.

Mas vai longe. Com o historiador da litteratura ingleza elle tem em commum dois traços: o amor das idéas geraes e o amor das idéas completas. Traços que derivam ambos d'essa elevação de caracter que desde o principio lhe assegurou entre os criticos contemporaneos um alto papel de moralista. Porque, o que vem a ser a elevação de caracter senão o sentimento da preponderancia do geral sobre o particular, que é a alma mesma da Philosophia? E o amor das idéas completas o que é senão um indicio d'essa seriedade de tendencias tão exigente nas pequenas coisas como nas grandes, d'essa diligencia incansavel do espirito ávido de verdade que trata os interesses do pensamento como o vulgo trata os interesses da vida, d'essa sublime immodestia que quereria tudo abranger e que muito deseja porque muito ama? Qualidades estas que distinguem o auctor d'este livro da maioria dos seus collegas, os criticos francezes contemporaneos, gente molle e sceptica, em quem o epicurismo requintado dos nossos dias partiu a mola da vontade, para quem o pensamento é um movel de luxo e a critica uma especie de bric-à-brac, e cujo talento ás vezes superior se exerce em obras fragmentarias e faz da modestia o travesseiro da preguiça.

Este amor das idéas geraes e este amor das idéas completas se manifesta n'este escriptor e n'este livro pela erudição enorme posta ao serviço das vistas de conjunto. Desde a Renascença até os nossos dias a critica franceza se assignala em centenas de monumentos que foi preciso lêr integralmente, de penna em punho, respigando as theorias, comparando as edições, conferindo as datas, determinando as influencias, marcando as prioridades, estabelecendo

as filiações. Calcule-se a quantidade de trabalho que isto representa, sobretudo se se reflecte que os criticos são gente palradora e incansavel em disputar sobre o que os outros fizeram e capaz de escrever uma bibliotheca sobre um folheto. E esta minuciosidade de cartorio no exame das obras, não é senão a base logica e a preparação indispensavel para a construcção da série em que ellas são dispostas como constituindo os termos de uma evolução historica.

Longa é essa evolução, tal como a segue o professor Brunetière, e vem desde os dias da Renascença e o primeiro alvorecer do humanismo francez até á obra de Taine e a introducção dos methodos das sciencias naturaes no dominio da critica das obras litterarias. Longa é a historia d'essa evolução e em extremo interessante, porque nos faz assistir ao nascimento, ao crescimento e ao desenvolvimento continuo d'um genero que tem uma importancia capital no movimento das letras francezas, e que em geral exerce nas litteraturas que o possuem o papel de espelho consciente e guia director.

Seis grandes phases distingue o professor Brunetière n'esta longa evolução da critica franceza.

No primeiro periodo a critica franceza é representada pelos humanistas. *A defeza e illustração da lingua franceza* de Joaquim Du Bellay, a *Poetica* de Scaligero, os opusculos de Ronsard sobre a poetica, a *Arte poetica* de Vauquelin de la Fresnaye são outros tantos documentos em que o espirito moderno posto em frente dos monumentos da antiguidade classica procura orientar-se no meio da confusão dos innumeraveis modelos propostos á sua imitação no dominio da producção litteraria. O despertar do individualismo que caracterisa a Renascença manifesta-se no campo da erudição sob a fórma de espirito critico. Mas esse espirito critico está ainda limitado ao exame do elemento formal da Litteratura, e reduzido por emquanto á observação e á consignação dos artificios technicos cujo conjunto constitue o que se chama a Rhetorica. Comtudo é já visivel nos representantes d'esse primeiro movimento a tendencia para classificar e definir as obras litterarias, o que é o officio proprio da Critica e o esforço para extrahir das observações feitas sobre os grandes modelos da antiguidade preceitos pela obediencia aos quaes se possam crear novas-primas, o que é constituir uma Esthetica. Este periodo occupa aproximadamente a segunda metade do seculo XVI.

No periodo seguinte que vai desde Malherbe até Boileau as tendencias manifestas no primeiro periodo accentuam-se n'um esforço definido e consciente para construir uma esthetica e introduzir nas obras litterarias o attributo da belleza pela observação das regras. A entrada d'esta época a figura dominante é a de Malherbe, poeta que é ao mesmo tempo um grammatico, um versificador e um critico. A fundação da Academia franceza, a determinação da famosa regra das tres unidades e as tentativas para constituir uma theoria do poema épico são os factos mais salientes d'esse periodo que abran-

ge pouco mais que a primeira metade do seculo xvii e durante o qual Balzac faz pela prosa franceza o que Malherbe realisára pela poesia da mesma lingua.

Com Boileau-Despreaux a critica dá um passo decisivo e entra plenamente no terreno da doutrina classica. Essas regras, que até então eram veneradas como tendo sido seguidas pelos mestres da antiguidade e consagradas por este facto mesmo, Boileau procura justifical-as mostrando que ellas possuem este duplo caracter de serem conformes com a realidade da natureza e de estarem de accordo com a auctoridade da Razão. E a theoria era harmonica n'este ponto com o espirito mesmo do seculo xvii; o fundamento da imitação dos antigos é buscado e achado no facto d'elles se manterem dentro dos limites prescriptos pela Razão, juiz soberano cuja alçada abrange tanto os antigos como os modernos e cujas sentenças universaes e imperativas subordinam a Historia á Logica.

A famosa Lucta entre antigos e modernos enche o quarto periodo. O primeiro despontar do livre-exame que se prepara para discutir e mesmo contestar todos os dogmas, e o primeiro movimento d'um individualismo que já se não contenta em consagrar a tradição pela razão mas prepara-se para supprimir a tradição em nome da razão, encontram os seus representantes litterarios nos escriptores audazes que nos ultimos annos do seculo xvii ousam pôr em duvida a legitimidade da auctoridade soberana reclamada a favor dos antigos como modelos infalliveis em materia de creação litteraria, pelos defensores da tradição classica. Boileau combate os innovadores, a polemica accende-se, mas da discussão prolongada e das concessões feitas resulta que a idéa de Relatividade é pela primeira vez introduzida em critica, onde antes imperava a influencia absoluta das regras.

Com Voltaire, a auctoridade soberana do xviii seculo em França, a critica mantem-se sensivelmente dentro dos limites traçados por Boileau e o ideal classico é o que inspira ainda a philosophia da arte aos continuadores de Voltaire, como Laharpe e Marmontel. Diderot reclama em favor d'uma imitação mais fiel da natureza, mas a sua influencia não é consideravel, e é só em começos do seculo xix que dois escriptores illustres deviam renovar a critica alargando o campo sobre que ella se exercia e reformando os principios a que ella obedecia.

Estes dois escriptores são Madame de Staël e Chateaubriand. Com elles começa a critica moderna. O papel que elles desempenham é o de iniciadores do espirito francez no dominio das litteraturas estrangeiras e o de alargadores do gosto francez na apreciação das bellezas estranhas á tradição classica. Chateaubriand pelo seu *Genio do christianismo*, pelo seu *Ensaio sobre a litteratura ingleza*, pela sua traducção de Milton, contribue para introduzir em França o conhecimento da litteratura britannica. Madame de Staël no seu famoso livro da *Allemanha* faz pela litteratura germanica o que o seu illustre

contemporaneo fizera pela litteratura ingleza. E ambos pela exaltação d'um ideal medieval e christão contribuem para accentuar a idéa de Relatividade que já fora introduzida na critica franceza mas que se conservava abafada pela admiração preponderante dos monumentos classicos.

Alargado o gosto francez até abranger todas as grandes litteraturas europeias as antigas como as modernas e as latinas como as germanicas, e legitimada pela noção de Relatividade a existencia de obras devidas ás inspirações mais oppostas, só faltava dar um passo para transformar a Critica n um ramo da Sciencia social, e explicar a producção litteraria pela consideração das influencias collectivas que a condicionam. Foi isto que emprehendeu Villemain no seu vasto *Quadro da litteratura franceza no seculo XVIII* e realisou com tanta maior facilidade quanto o exemplo escolhido era uma admiravel confirmação da theoria sustentada, dada a profunda sympathia que prende os monumentos litterarios d'essa época com as aspirações, os costumes e as tendencias da sociedade contemporanea.

Com Sainte-Beuve a Critica franceza accentua o movimento iniciado por Villemain e ao mesmo tempo entra no campo da psychologia individual pela creação do retrato litterario. A obra é ligada directamente ao auctor e o auctor estudado e descripto nos seus aspectos corporaes, na sua idiosyncrasia physiologica, nos accidentes da sua biographia, nos seus precedentes de familia, nos seus habitos profissionaes, no seu temperamento provincial, em resumo em todos esses innumeraveis pormenores cujo conjunto constitue essa coisa complexa, enorme e unica que se chama o Individuo.

Com Sainte-Beuve a Critica era anecdotica. Com Taine ella torna-se philosophica. Para o auctor dos *Retratos* a obra litteraria era sobretudo a effigie d'uma certa alma; para o historiador da *Litteratura ingleza* ella é sobretudo o producto de causas geraes. A determinação d'essas causas geraes Taine applica os processos das sciencias naturaes. Os grandes principios affirmados pelos naturalistas no que toca á estructura e á vida dos animaes e das plantas são applicados á explicação das producções do espirito e confirmados pelos resultados d'esse exame. Principio das connexões necessarias, lei dos caracteres dominadores, influencia persistente das qualidades ethnicas, intervenção modificadora das circumstancias ambientes, eis outros tantos factores aproveitados para a constituição da doutrina critica. E nos famosos Ensaios e nas lições sobre a Philosophia da Arte, e sobretudo na vasta *Historia da litteratura ingleza* esses principios são applicados e verificados com uma abundancia de provas e um luxo de logica realmente decisivos.

Mas d'entre esses principios affirmados pelas sciencias naturaes havia um, capital, e cuja importancia não tem feito senão augmentar durante os ultimos trinta annos: o principio de evolução e transformismo a que está ligado o nome de Darwin. E d'este, Taine não tirou todo o partido que podia. Não que o grande critico o ignorasse, mas o feitio do seu espirito extremamente

affirmativo e da sua prosa eminentemente oratoria levava-o a proceder antes pela determinação rigorosa dos contornos definidos das raças e das épocas do que a seguir as delicadas operações interiores pelas quaes os momentos se continuam e os generos se penetram e se transformam uns nos outros. E é este o trabalho que o professor Brunetière toma sobre os seus hombros e é esta a originalidade que elle reivindica para si em frente da obra dos seus predecessores.

E n'este intuito elle propõe um certo numero de problemas a que aponta certas soluções. A legitimidade e a importancia d'estes problemas é visivel. O valor d'essas soluções só poderá ser julgado perante o desenvolvimento ulterior d'uma obra de que appareceu apenas o primeiro volume. Mas é desde já possivel formular esses problemas e resumir essas soluções, tanto mais que é essa a parte mais importante e original do livro.

O primeiro problema é o da Existencia dos generos. Comquanto ninguem possa razoavelmente contestal-a e confundir por exemplo um Romance com uma Ode, o professor Brunetière procura estudal-a rigorosamente, definindo d'um modo preciso a noção de Genero em Litteratura e fundamentando a distincção dos Generos em tres factos, a saber: diversidade dos meios, isto é, qualidade especifica dos instrumentos de expressão; diversidade do objecto, isto é, a qualidade da impressão visada pelo auctor e procurada pelo leitor; a diversidade das familias de espiritos, isto é, os caracteres distinctivos e exclusivos que determinam em certos homens as preferencias por certas obras e a aversão por outras.

Determinada a Existencia dos generos, resta saber como os generos se differenciam. O professor Brunetière crê poder affirmar que essa operação se realisa na ordem dos generos litterarios por um processo analogo ao que differencía as especies naturaes, isto é, pela passagem do uno ao multiplo, do simples ao complexo e do homogeneo ao heterogeneo, graças ao principio da divergencia dos caracteres.

Mas se os Generos evolvem, é certo tambem que durante certos periodos elles se fixam. D'ahi a questão da Estabilidade dos Generos. E prendendo-se com esta a de reconhecer a mocidade, o vigor, a decrepitude, a morte proxima d'um genero e o problema interessante em extremo do Classicismo, isto é, a determinação dos caracteres que annunciam a perfeição d'um genero e a superioridade decisiva das obras-primas pelas quaes elle se manifesta no momento unico da sua maturação.

As questões de fixação e transformação dos Generos conduzem naturalmente á consideração dos agentes que os modificam. E n'este ponto o professor Brunetière ajunta aos factores apontados por Taine e cuja importancia é manifesta, a saber o Meio, a Raça e o Momento, outros dois que não são novos e que fallando com rigor podem ser em parte reduzidos aos factores já indicados, mas que a prudencia do nosso critico distingue e põe em relevo:

As circumstancias historicas, isto é, o conjunto de factos não susceptiveis de previsão que differenciam uma certa época e a distinguem de todas as outras, mesmo as mais visinhas d'ella, e o Genio individual, isto é, o conjunto de dotes não susceptivel de definição que distingue um certo homem de todos os outros, mesmo dos mais parecidos com elle.

A indicação assás abstracta d'esses elementos tem o seu complemento natural na adducção dos exemplos que elucidam o significado dos problemas e justificam o valor das soluções. O professor Brunetière conta poder encontrar na litteratura franceza casos bastante typicos para se considerarem decisivos. O desenvolvido exame d'elles será materia d'um volume ulterior. Mas o critico julga desde já dever apontar os casos e indicar o sentido em que conta tratal-os.

E elles são tres. O primeiro é a evolução da tragedia franceza desde as suas origens e a *Cleopatra* de Jodelle até á sua decadencia extrema com Voltaire e os discipulos de Voltaire, passando pelos grandes poetas classicos Corneille e Racine, exemplo completo e admiravel para observar como um genero nasce, cresce, attinge a perfeição, declina e finalmente morre.

O segundo caso escolhido mostra como um genero se transforma n'outro. Elle é constituido pela evolução interna que conduz a poesia lyrica do seculo XIX a substituir a eloquencia sagrada do seculo XVII e faz das *Contemplações* de Victor Hugo a continuação logica e o termo mais proximo d'uma série que começa nas *Orações* de Bossuet. Essa idéa, se o desenvolvimento corresponder ao enunciado, será um dos grandes achados da obra, e desde já me parece d'uma novidade e d'um alcance superiores.

A historia do romance francez constituirá o terceiro exemplo. N'elle serão visiveis as operações muito complexas pelas quaes um genero se fórma dos destroços d'outros. E seguindo o romance francez desde as suas origens que se perdem nas canções de Gesta, o critico terá occasião de mostrar como elle se enriquece das perdas successivas da comedia de caracteres, da comedia de costumes, da comedia de intriga, como elle absorve a materia da tragedia, como elle invade o dominio dos moralistas e como se elle arroga o direito de tratar as questões sociaes e religiosas que parecia pertencer exclusivamente aos theologos e aos homens publicos e o direito de pintar que parecia reservado inteiramente aos poetas, e vem finalmente com Balzac e Flaubert a alargar a grandeza das suas ambições até tentar abranger todo o campo dos factos sociaes e dos aspectos naturaes.

Finalmente como complemento e coroa de todo esse longo inquerito o professor Brunetière espera poder no seu quarto e ultimo volume reunir os elementos constitutivos d'uma verdadeira esthetica, atacando e resolvendo os problemas fundamentaes da Natureza e funcções da Arte, papel e importancia da Critica e tentando fundar em bases solidas uma gerarchia dos generos, pela consideração do seu conteúdo ideal e do seu alcance so-

cial. E não será este decerto o menor serviço que prestará ás letras criticas.

Tal é este livro realmente notavel. Não se encontrarão n'elle paginas brilhantes, elegantes, espirituosas ou reveladoras d'um talento superior e esplendido. Elle é sobretudo uma obra da intelligencia e da vontade. Mas se a seriedade dos intuitos, a solidez do saber, a largueza de vistas, a gravidade do juizo, o bom-senso e o senso critico, e finalmente o recompensado amor da Philosophia representam alguma coisa, não terão sido mal empregados os louvores que lhe enderecei no começo d'este escripto e que lhe reitero recommendando-o á attenção de todos os que se interessam por estes elevados e nobres assumptos.

Moniz Barreto.

O PESSIMISMO

E A

PHILOSOPHIA POSITIVA

Entre as theses apresentadas e defendidas perante as escólas superiores, em cumprimento dos regulamentos escolares, raras vezes sobresae alguma, tanto pela originalidade dos pontos de vista, como pela cópia e natureza dos documentos utilisados. Não é frequente que o doutorando tenha em mira outra coisa mais elevada do que a obediencia a um preceito regulamentar, isto é, que o mova o amor da sciencia. Todavia, de tempos a tempos surge algum trabalho acima do vulgar.

Foi o que aconteceu no corrente anno com a these apresentada pelo snr. José de Magalhães á Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, como *contribuição para o estudo da neurasthenia psychica*, e intitulada: *O Pessimismo no ponto de vista da psychologia morbida*. Este trabalho, que abrange 533 paginas, apesar de ter sido qualificado de litterario e philosophico, é na realidade uma obra de sciencia e especialmente de sciencia medica. Ninguem com razão o poderá contestar.

No entretanto, como pelo assumpto de que trata se liga, se não propriamente á philosophia, considerada na sua acce-

pção mais rigorosa, ao menos a um estado de espirito que é hoje commum a grande numero de individuos dos mais bem dotados intellectualmente, tanto na nossa sociedade, como n'aquellas que exercem sobre a nossa uma influencia directa pelos seus productos litterarios, parece-nos conveniente dizermos duas palavras a proposito d'este livro.

I

Em primeiro logar vejamos como deve ser considerado o pessimismo.

Wyrouboff — uma das intelligencias mais lucidas que conhecemos entre os pensadores contemporaneos, — já estudou esta questão, em 1881, n'um bello artigo da revista *La Philosophie Positive,* intitulado «Les modernes théories du néant».

Para elle o pessimismo nada tem a vêr com a philosophia.

O que se entende por philosophia? Na accepção mais lata, é a concepção do universo. Em geral, porém, não se emprega com este sentido, porque assim abrangeria todas as religiões, e estas, como producto da revelação divina, são de ordinario classificadas á parte e mesmo em opposição ás concepções humanas. A concepção do universo para ser acceita como philosophia, deve ter um methodo de investigação e doutrinas que derivem logicamente d'esse methodo. Por methodo philosophico entende-se o conjunto dos processos logicos que são do dominio de todos e não uma maneira de pensar propria a cada um em particular. Na verdade, a philosophia só possue dois methodos: o methodo *à priori* e o methodo *à posteriori*. As doutrinas resultam do methodo empregado. O methodo *à priori* conduz invariavelmente á metaphysica; o methodo experimental, pelo contrario, partindo do que se conhece scientificamente, leva ao positivismo, á realidade philosophica. Assim a philosophia, qual-

quer ella seja, deve constituir um systema, «uma coordenação dos processos de conhecimento de uma parte e das verdades adquiridas da outra, uma synthese na qual todas as partes se sustentam reciprocamente».

Ora o pessimismo encontrar-se-ha n'este caso, poderá ser considerado um systema philosophico, uma philosophia?

O pessimismo, a pretendida philosophia de Schopenhauer e de Hartmann, não é mais do que a resurreição no seculo actual —na época do maior desenvolvimento da civilisação humana— do buddhismo puro, da doutrina prégada por Çakyamuni nas margens do Ganges. A doutrina da Vontade e a doutrina do Inconsciente são uma simples traducção moderna da doutrina do Nirvana; porém, a doutrina do Nirvana era alguma coisa mais do que o desejo, do que o ideal do aniquilamento; o buddhismo abrangia um programma social, como seculos depois o christianismo; proclamava a igualdade, a revolução contra as castas e os privilegios. E foi esse fim social que lhe deu vida, que o espalhou, como tambem mais tarde succedeu ao christianismo, de povo em povo, introduzindo-se mais ou menos transformado na Mongolia, na China e no Japão.

O pessimismo dos pensadores allemães não envolve um fim social; não possue portanto condições para se propagar e existir indefinidamente. Já não assim o nihilismo na Russia, onde as condições sociaes facilitam uma propaganda mais activa e mais efficaz, pelo programma anti-auctoritario que na pratica consagra.

O pessimismo, como muito bem diz Wyrouboff, «não é de fórma alguma um phenomeno novo, que seja proprio da época que atravessamos. Encontra-se em todos os tempos: na India, ao sahir do periodo veddico, na Grecia, ao declinar do seu esplendor, em Roma, no momento da sua decadencia; acha-se na antiguidade, acha-se na idade-média, acha-se nos tempos modernos. Ora reveste a fórma de uma verdadeira theoria, ora apparece como uma crença e manifesta-se como religião, ora se conserva no estado de vago sentimento popular e não deixa traços senão nos cantos de lamentação, nas predicas annunciando o

fim proximo d'este mundo de dôr. Nenhuma raça escapou a estes transportes de mau humor ou mesmo de desespero, que têm sido mais ou menos violentos, mais ou menos longos segundo os tempos, os logares e as circumstancias, mas em toda a parte e sempre dependendo de uma mesma causa: o descontentamento do presente, a incerteza do futuro».

O pessimismo allemão explica-se facilmente.

Quando Schopenhauer, espirito morbido e misanthropo, como se vê dos documentos colligidos pelo snr. José de Magalhães, escreveu a sua obra intitulada *O Mundo como vontade e representação*, a velha metaphysica tinha sido fundamentalmente aniquilada pela judiciosa critica de Kant, e a theologia pela sua parte era combatida de todos os lados. Os espiritos fluctuavam na duvida emquanto não descobriam novas sahidas. Fichte, Schelling e Hegel, na Allemanha, tentaram renovar a metaphysica. Schopenhauer, descrente da metaphysica e estimulado pelo exito dos novos àprioristas, sobretudo de Hegel, que conquistava a admiração universal, apregoou como revolta o pessimismo, a inanidade de tudo.

Os espiritos acompanharam a corrente metaphysica, e só quando a philosophia hegeliana cahira no descredito, é que se lembraram de Schopenhauer.

Um movimento semelhante se deu em França, com a differença que o protesto contra a nova metaphysica, contra o eclectismo, em vez de ter sido pessimista, fôra scientifico, com Augusto Comte, cuja doutrina resurgiu ao mesmo tempo que a de Schopenhauer.

O trabalho principal de Hartmann, *A Philosophia do Inconsciente*, data da época da resurreição da obra de Schopenhauer, sendo a sua genesis motivada pela mesma ordem de factos: a impotencia da theologia e a queda da philosophia de Hegel.

Porém, nem o *Mundo como vontade e representação*, nem a *Philosophia do Inconsciente* são systemas philosophicos, porque não se baseiam em qualquer dos methodos proprios da philosophia: o àpriorista e o àposteriorista.

Schopenhauer, como observa Wyrouboff, tinha demasiados conhecimentos scientificos para poder aceitar o methodo *à priori*, mas não possuia os sufficientes para crear uma synthese de saber positivo adoptando o methodo *à posteriori*; tomou portanto uma direcção intermediaria que o levou ao nada philosophico.

Hartmann, renovando o processo de Schopenhauer, apesar de pôr como divisa no frontispicio da sua obra: «resultados especulativos obtidos pelo methodo inductivo das sciencias da natureza», parte do principio àpriorista que existe o Inconsciente dirigindo o universo, manifestando-se em todos os phenomenos, e sendo dotado de dois attributos: a idéa e a vontade.

Os dois chefes do pessimismo moderno, apesar da pretenção de se basearem em dados scientificos, como observa James Sully, no seu livro *O Pessimismo*, «procuram ultrapassar a experiencia e baseal-a sobre uma construcção de concepções ontologicas». A vontade dos pessimistas é uma vontade substancial; e a psychologia moderna, como diz James Sully, «põe de parte completamente a hypothese de uma vontade substancial, como inutil e anti-scientifica. Fazendo reviver esta idéa, os pessimistas mostram que o seu methodo é realmente um methodo metaphysico e que as suas numerosas profissões de boa fé scientifica são illusorias».

Na verdade as obras de Hartmann e de Schopenhauer não constituem uma philosophia, um verdadeiro systema philosophico; são obras litterarias, productos de cerebros mais ou menos enfermos, de espiritos mais ou menos morbidos, exactamente como os versos admiraveis d'esses poetas, não menos pessimistas, nem menos doentes, cujos nomes serão sempre uma gloria das litteraturas modernas: Léopardi, Byron e Baudelaire.

E de Leopardi, pretenderam os pessimistas contemporaneos fazer um philosopho; os seus versos têm sido commentados por investigadores que, com uma perspicacia subtilissima, têm querido extrahir d'elles uma philosophia. Vão trabalho! O grande

poeta é que nunca teve pretenções a philosopho. Cantava a desesperança, cantava o desalento, cantava a morte; as suas estrophes sonoras e inspiradas exaltavam com enthusiasmo a suprema consolação do regresso ao nada. Mas era tudo isso um effeito do estado do seu espirito, das suas disposições naturaes, e não, de nenhum modo, o proposito de prégar uma philosophia.

O pessimismo, como nos ensina a historia, encontra-se em todos os tempos, e quando generalisado é sempre um producto do mal-estar social, das contradicções e dos embates de doutrinas contrarias, da crença e da duvida, e emfim da incerteza de um futuro que se aproxima ameaçador. E mesmo nas épocas, em que se torna mais intensa a sua influencia, o pessimismo só se manifesta nos espiritos morbidos, nos individuos em que ha qualquer desequilibração psychica.

Partindo d'esta ordem de considerações, Wyrouboff, espirito lucidamente orientado por uma severa instrucção scientifica, qualifica o pessimismo de um facto de pathologia social.

Chegou á mesma conclusão James Sully no seu livro sobre *O pessimismo*, dizendo que «o pessimismo do genero mais sincero e mais verdadeiro póde ser encarado, n'uma vasta medida, como um phenomeno evidentemente pathologico».

Assente o nosso modo de vêr ácerca do pessimismo, vejamos se se encontra a sua comprovação na these do snr. José de Magalhães.

II

No grosso volume — *O pessimismo no ponto de vista da psychologia morbida*, propoz-se o auctor estudar o pessimismo «que se resolve n'um sentimento persistente e preponderante do mal da existencia, fóra de proporção com as circumstancias exteriores». (Pag. 7). Como criterio «para reconhecer a desproporção entre os acontecimentos externos e os sentimentos des-

pertados n'um dado individuo », toma « o da experiencia collectiva considerada como opposta á experiencia individual », o unico « que através de todas as oscillações por que tem passado a pathologia mental, se póde encontrar como constituindo o fundo de todas as considerações praticas destinadas a separar o são de espirito do doente ». (Pag. 8).

Guiado por este criterio philosophico agglomera o auctor, na primeira parte do seu estudo, que denomina *Os factos*, valiosissimos documentos e dados biographicos, sem commentarios, sem interpretações pessoaes, sobre um grande numero de escriptores pessimistas. As fontes d'onde extrahiu essas notas que, « com todo o seu caracter de impersonalidade », tem « o cunho proprio das observações clinicas », na phrase do novel medico, foram as biographias dos escriptores escriptas e documentadas pelos seus amigos e contemporaneos, as criticas e os estudos bibliographicos sobre as suas obras, os trabalhos litterarios de cada um, em especial aquelles em que os auctores se descreveram a si proprios ou em que mais se accentúa o seu caracter, a correspondencia intima e litteraria, as memorias devidas á penna de outros escriptores que com elles conviveram, etc. etc.

Esta parte do livro do snr. José de Magalhães, composta na sua totalidade de trechos traduzidos, representa um enorme trabalho de investigação, de leitura e de estudo.

Começa por Leopardi, o notavel poeta italiano, de quem imaginaram fazer um patriarcha do pessimismo, registrando minuciosamente tudo o que descobriu de importante, no ponto de vista da psychologia morbida, tanto em relação á hereditariedade, á vida dos progenitores e parentes proximos, como nos caracteres degenerativos do proprio escriptor (psychopathia da duvida, gibosidade, grande volume de cabeça, pallidez, phthisica, hyperesthesia, vagabundagem, precocidade), no seu caracter, na sua vida, desde o seu nascimento, em 1798, até á sua morte, em 1837, etc.

Occupa o segundo logar, o chefe do pessimismo moderno, Schopenhauer, a quem applica o mesmo processo, examinando

successivamente os precedentes hereditarios, a sua physionomia e estigmas physicos de degenerescencia (enorme desenvolvimento do craneo, expressão nevropathica dos olhos, surdez, grande volume do maxillar inferior), a hyperacusia ou sensibilidade exaggerada aos rumores, o seu caracter e os estigmas psychicos de degenerescencia (irritabilidade, terrores morbidos, idéas de perseguição, actos e concepções extravagantes, desdobramento da personalidade, idéas de grandeza, allucinação, melancolia, amor exaggerado dos animaes, vagabundagem, anesthesia psychica, etc.), a sua vida, desde 1788, anno em que nasceu, até á sua morte, em 1860; os seus habitos, etc.

Flaubert, o genial romancista que se immortalisou com a *Madame Bovary*, com *Salammbô*, com *La Tentation de Saint-Antoine*, etc., é objecto de um estudo clinico, permitta-se-nos a expressão, não menos minucioso. Igual minudencia applica, em seguida, a Baudelaire, o poeta de *Les Fleurs du Mal*, e a Amiel, professor da Academia de Genebra, personalidade pouco conhecida.

Em consequencia da necessidade de terminar a impressão da these, segundo lêmos n'uma nota, o snr. José de Magalhães publica só um resumo do estudo sobre Lord Byron, e em seguida uns ligeiros traços morbidos ácerca de Tolstoi, de Carlyle, de Larra, de Swift, de Alfred de Vigny, de Chateaubriand, de De Senancour, de Percy Bisshe Shelley, de William Cowper, de Lermontoff, de Dostoievsky, de Maine de Biran, de Jouffroy, de Delacroix, de Berlioz, de Schiller, de Thackeray, de Benjamim Constant, de Leopold Robert, de Mainländer, de Henrique de Kleist e de Lenau.

Muitas d'estas notas são demasiadamente breves para poderem ter qualquer valor scientifico, pois não caracterisam de maneira indubitavel a feição morbida que o novel medico attribue a esses personagens mais ou menos celebres. Resgatam sufficientemente estas lacunas os estudos, quanto possivel completos, a que nos referimos, e bem assim os dois casos de observação pessoal com que fecha esta parte da obra, e dos quaes o

primeiro é na realidade admiravel pelo conjunto de notas psychicas que descreve minuciosamente.

Na segunda parte, intitulada *As inducções*, o snr. José de Magalhães, apesar de reconhecer que os factos, que colligiu, são sufficientes para levar a todos os espiritos a convicção «de que o pessimista é em geral um desequilibrado», não achando ainda scientifica a demonstração, examina os elementos constituintes do pessimismo para «verificar se elles fazem parte d'estas perturbações psychicas elementares conhecidas em pathologia geral pelo nome generico de elementos morbidos, os quaes combinados por differentes modos constituem as diversas fórmas pathologicas». (Pag. 424).

A instabilidade nervosa é a base do pessimismo, «manifestando-se por uma alternancia e uma mistura constante de *irritabilidade* e de *fraqueza*, que se faz sentir d'uma maneira predominante no apparecimento e na existencia dos phenomenos affectivos». (Pag. 425).

Procuraremos resumir em poucas linhas a exposição dos caracteres do pessimismo feita pelo snr. José de Magalhães. Como caracter primario e essencial assignala o auctor a *hyperesthesia psychica*, ou susceptibilidade excessiva, impressionabilidade extrema, d'onde resulta uma exaggerada irritabilidade de caracter, revelando-se quer por actos de violencia quer por uma colera concentrada, e desharmonias da conducta ou apparentes incoherencias e contradicções.

A timidez levada ao ultimo excesso é tambem quasi sempre um dos caracteres do pessimismo, fructo da extrema emotividade dolorosa.

Porém, o caracter mais predominante consiste n'uma hyperesthesia da emotividade dolorosa, ou hyperalgia psychica. «Esta hyperesthesia manifesta-se, escreve o auctor, não só por uma maior facilidade das emoções dolorosas, como por uma maior intensidade das reacções provocadas: em igualdade de circumstancias o elemento dôr sobrepuja sempre o elemento prazer, e o minimo agente dolorifico basta para dar origem á emoção correspondente. Como em todo o objecto concreto exis-

tem sempre reunidas qualidades capazes dos dois effeitos emotivos oppostas, e o effeito doloroso, não só precede o agradavel, mas é experimentado mais intensamente, d'aqui resulta que tudo para o pessimista se torna motivo de dôr». (Pag. 429).

O proprio *amor do prazer*, sendo extremamente forte no pessimista, se transforma em origem de impressões dolorosas. O amor proprio excessivo nos seus varios aspectos, menos a vaidade, que raras vezes se manifesta por ser incompativel com os effeitos da extrema timidez, e a necessidade imperiosa de um amor illimitado, de dedicações incondicionaes até ao sacrificio e á abnegação, são igualmente caracteres do pessimismo.

A hyperesthesia da emotividade dolorosa dá-se mesmo perante factos de ordem esthetica, ethica e logica; por isso o pessimista sente-se irritado com a vista de um quadro insignificante ou com a leitura de uns maus versos, com um acto de baixeza ou malvadez, com um raciocinio erroneo ou com um argumento capcioso. Tambem, pelo contrario, se enthusiasma e expande na presença dos phenomenos oppostos.

A anomalia affectiva dos pessimistas apresenta um caracter formal, isto é, um exaggero da actividade ou da disposição a experimentar emoções. É ao que se chama hyperhedonia.

«Da coexistencia de uma viva hyperalgia com uma hyperhedonia tambem intensa, diz o snr. Magalhães, resultam dois caracteres *constantes:* o *desaccordo* ou *desharmonia dos phenomenos affectivos* por um lado, e por outro o *desaccordo entre o sentimento e a intelligencia*». (Pag. 434).

A fraqueza da vontade, caracter tambem constante do pessimismo, contribue para aquelle resultado; e essa fraqueza da vontade póde provir, quer de varias causas de enfraquecimento dadas na vida do individuo, como doenças graves, emoções asthenicas, excessos sensuaes ou alcoolicos, etc. etc., quer da sua constituição nevropathica congenita ou hereditaria.

Querendo fixar o cunho particular que estes variados phenomenos, nas suas acções e reacções reciprocas, imprimem ao *caracter* do pessimista na sua accepção mais lata, escreve o illustre doutorando:

« O caracter mais constante e essencial do pessimismo — a hyperalgia psychica — além da influencia que exerce sobre a attenção e a memoria dos prazeres e das dôres, tem como consequencia o imprimir ao curso das representações uma direcção preponderante em harmonia com o predominio dos sentimentos dolorosos, dando logar de preferencia ao estabelecimento de associações de natureza desagradavel.

« Resulta d'aqui um forte predominio, não só do soffrimento ideal sobre o prazer ideal, como do soffrimento ideal sobre o real, e uma especie de *generalisação* do sentimento no sentido doloroso ». (Pag. 445).

Existe assim a emoção do receio, que, além de tomar a fórma de timidez, proveniente da falta de confiança nas proprias forças, influe sobre a crença nos successos da existencia, provocando uma permanente desconfiança a respeito de tudo, tanto dos homens, como das coisas, e um aborrecimento de todas as coisas da vida em geral.

D'este tedio da vida nascem frequentes vezes idéas de suicidio e uma disposição accentuada para a ironia.

Relativamente á marcha d'estes phenomenos, escreve o snr. José de Magalhães: « é o que ha de mais variavel. Os mesmos phenomenos que agora são effeito, tornam-se dentro em pouco causas, reagindo sobre os que lhes deram origem e augmentando-lhes a intensidade, apparecendo e desapparecendo com a maior irregularidade. Estes individuos são effectivamente d'uma grande *mobilidade nervosa*, essencialmente *mutaveis*, extremamente impressionaveis a todos os agentes, physicos ou sociaes; o seu estado de espirito varía facilmente com o estado da atmosphera, com a boa ou má disposição dos outros homens para com elles ». (Pag. 493).

O pessimismo póde variar infinitamente, na intensidade e na predominancia dos seus caracteres, conforme o caracter de

cada individuo, dando logar á sua classificação em varios grupos; n'uns individuos predomina a compaixão pelas miserias humanas; n'outros o odio á humanidade, o desprezo pelo ridiculo da civilisação. Uns, cheios de amor proprio, isolam-se pelo receio dos homens, da sua corrupção e do seu egoismo; outros, desprezando-se a si proprios, consideram-se inuteis, ridiculos, maus para a sociedade.

Ha pessimistas em quem a irritabilidade tem a predominancia, empregando todas as actividades na repulsão do agente dolorigeno. Ha outros que são dominados pela asthenia, pela depressão, pela exigencia da mais completa inactividade.

Observa, por ultimo, o snr. Magalhães, «que o pessimismo se acompanha sempre mais ou menos de phenomenos physicos, tendo como causa a instabilidade nervosa fundamental: hyperesthesias de varias ordens, sensações extravagantes de vacuo e de peso na cabeça, de capacete, de torno, etc.; nevralgias, fraqueza muscular, movimentos convulsivos parciaes, tics diversos, perturbações digestivas, circulatorias e sexuaes de caracter nevropathico». (Pag. 496).

De todos estes phenomenos pathologicos, de todas estas perturbações psychicas elementares, conclue o illustre escriptor que o pessimismo constitue um estado morbido da natureza da neurasthenia, isto é, uma doença da sensibilidade.

O snr. José de Magalhães, todavia, não confunde esta doença da sensibilidade com as degenerescencias psychicas. «É verdade, diz o auctor, que alguns englobam, sob a palavra «degenerescencia», estados morbidos que, tendo com ella um certo numero de analogias, não derivam entretanto da hereditariedade. Mas isso é desviar a palavra do seu verdadeiro sentido sem vantagem alguma, antes dando logar a confusões prejudiciaes. Evidentemente aquelles individuos são, se quizerem, *degenerandos*, estão em via de degenerescencia, mas não são de modo algum *degenerados*». (Pag. 513).

O pessimista é, em ultima analyse, um desequilibrado, um sêr insociavel, ou com mais rigor um insocial; não é, porém,

um anti-social como o desequilibrado criminoso; « conserva ainda o sentimento do bem e do dever ». (Pag. 531).

Taes são, n'um ligeiro e incompleto esboço, as idéas do snr. Magalhães ácerca do pessimismo considerado no ponto de vista da psychologia morbida. Ora da exposição feita resulta, que o caracter geral do pessimismo, estudado como doença da sensibilidade dos individuos pessimistas, comprova que o pessimismo, a doutrina philosophica do aniquilamento, é *um phenomeno pathologico*, como affirma James Sully, ou melhor ainda *um facto de pathologia social*, como disse Wyrouboff, desde que essa doença se generalisa.

III

O pessimismo, que tem existido em todos os tempos, sempre se generalisa quando encontra no ambiente social elementos favoraveis para o seu desenvolvimento, como a miseria publica, a fome, a lucta de classes, o desequilibrio financeiro e economico, o luxo exaggerado, o descredito das instituições vigentes, o desmoronamento das crenças seculares, etc. etc.

Foi o que se deu nos primeiros seculos da éra christã, e é o que se repete na actualidade no seio das nações civilisadas.

Assim o pessimismo é um facto de pathologia social, proprio das épocas de profunda transformação.

Nas obras litterarias, onde elle se manifesta espontaneamente, devido a que muitos dos mais brilhantes escriptores são individuos affectados da hyperesthesia da emotividade dolorosa, denomina-se o pessimismo a *doença do seculo*.

Não se deve ligar a esta expressão outro valor que não seja puramente litterario; no entretanto é significativo o reco-

nhecimento do caracter de *doença*, que os proprios litteratos pessimistas attribuem á generalisação d'essa doutrina.

Desde que esse estado psychico evidentemente morbido, graças ás circumstancias especiaes da sociedade no momento actual, toma o caracter epidemico, generalisando-se mais ou menos na elite intellectual, compete ao sociologista, ou ao philosopho, determinar qual a hygiene social que se deve adoptar como processo preservativo do contagio.

Crêmos que não será muito difficil a resolução do problema.

Já n'este estudo dissemos que o descredito das escólas metaphysicas, a hegeliana na Allemanha, e a eclectica em França, trouxe como satisfação de uma necessidade intellectual, alli a resurreição do pessimismo de Schopenhauer, aqui a da philosophia positiva de Augusto Comte.

A reacção contra Hegel, que deu vida nova á doutrina de Schopenhauer, provocou tambem o apparecimento da *Philosophia do Inconsciente*, de Hartmann, na mesma ordem de idéas.

O movimento anti-hegeliano, ou melhor anti-metaphysico, foi, porém, mais radical, incomparavelmente mais importante, com o desenvolvimento da philosophia scientifica. Em França, contra o eclectismo, ergueu-se, além da philosophia positiva de Comte, Littré, Robin, Wyrouboff, etc., o materialismo francez, admiravelmente condensado em *La Philosophie*, de André Lefèvre. Na mesma ordem de idéas anti-metaphysicas, surge na Inglaterra o systema de philosophia de Herbert Spencer, o positivismo de Stuart Mill, a logica de Bain; na Allemanha, na propria Allemanha de Schopenhauer e de Hartmann, o monismo de Hæckel e o materialismo de Büchner; na Italia, a doutrina materialista do hollandez Moleschott, e a philosophia scientifica de Morselli.

Todas estas doutrinas philosophicas, á parte quaesquer vestigios de metaphysica que porventura contenham, têm de commum a adopção do methodo *à posteriori*, do methodo experimental, para o estudo e a investigação de todos os phenomenos.

As seguintes palavras de Augusto Comte, que o snr. Magalhães inscreveu como divisa no frontispicio do seu livro, definem com precisão esta corrente philosophica anti-metaphysica: «No estado positivo, o espirito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncía a indagar a origem e o destino do universo, e a conhecer as causas intimas dos phenomenos, para se consagrar unicamente a descobrir, pelo uso bem combinado do raciocinio e da observação, as suas leis effectivas, isto é, as suas relações invariaveis de successão e de semelhança». (*La Philosophie Positive*, tom. I, pag. 9).

Com effeito, a philosophia do nosso tempo é toda fundamentalmente relativista. Ora, quanto a nós, a unica hygiene social contra o pessimismo consiste no derramamento das doutrinas philosophicas baseadas no methodo experimental e muito particularmente da philosophia positiva, a mais rigorosa de todas pela salutar coordenação hierarchica dos phenomenos da natureza, pelo mais completo abandono da metaphysica, e emfim pelo seu ideal altruista do bem da humanidade, movel regularisador de todas as actividades.

O pessimista, o individuo psychicamente morbido, quer por disposições hereditarias ou adquiridas durante a gestação, quer por doenças ou habitos contrahidos no decurso da existencia, encontrará sempre uma influencia benefica e regressiva na orientação philosophica do positivismo.

Quando, por acaso, o espirito morbido não volte inteiramente ás condições normaes dos cerebros sãos, pela coherente e harmonica coordenação da intelligencia, do sentimento e da vontade, receberá ao menos uma attenuação fortissima nas suas disposições degenerescentes.

Temos observado esta transformação devida á philosophia positiva, e até mesmo á simples comprehensão das bases do positivismo, em pessoas predispostas desde a infancia para cahirem no pessimismo com todas as suas consequencias: aborrecimento dos homens e das coisas, tedio da vida, falta de confiança em si proprio, inacção, misanthropia, desprezo

da humanidade, ideal do aniquilamento, mysticismo nihilista, etc. etc.

A força hygienica d'esta doutrina philosophica, como preservativo contra o desenvolvimento do pessimismo, consiste em armar o raciocinio de um criterio logico sufficientemente seguro e rigoroso, para evitar os dislates da imaginação, os desregramentos do sentimento e a depressão da vontade.

A imaginação do pessimista tende originariamente a voar para os problemas metaphysicos do *porque* e *para que* das coisas. Se a orientação scientifica lhe tiver dado a convicção inabalavel da inanidade d'essas lucubrações, embora o espirito ceda por um momento a uma especie de necessidade irresistivel, em breve o raciocinio temperado no criterio positivo domará a imaginação desordenada e o triumpho será tanto mais facil quanto mais vezes se repita esse duello intellectual.

Os desvios secundarios e as fugas mais rasteiras da imaginação, obedecendo sempre ao mesmo impulso irresistivel, serão igualmente corrigidos pelo habito permanente do methodo experimental.

No campo dos phenomenos affectivos, o juizo frio do positivismo imporá pela força da convicção o accordo do sentimento com a intelligencia. As necessidades irresistiveis desordenadas, triumphantes algumas vezes, submetter-se-hão pouco a pouco ao dominio da razão, solidamente preparada para o combate pela philosophia e pela moral positiva.

A nitida comprehensão dos phenomenos da existencia, na sua constante ligação de causas e effeitos segundo leis immutaveis, modificando profundamente o pensar do individuo, os seus ideaes e desejos, transformará o caracter do pessimista, abrandará a sua irritabilidade, diminuirá a sua susceptibilidade em extremo impressionavel e emfim, fará deprimir paulatinamente o excesso da emotividade dolorosa.

Por ultimo a fraqueza da vontade, caracteristica do pessimismo, e correlativamente a excessiva timidez, desappareceerão, ou pelo menos modificar-se-hão de uma maneira gradual, á me-

dida que o criterio positivo destrua pela analyse os vãos embaraços e os receios infundados, erguidos pela imaginação, e que, se não provocam, aggravam uma e outra. Por outro lado o proprio criterio positivo, fortalecendo a intelligencia como convicção, reage salutarmente sobre a vontade, impellindo-a a harmonisar os actos com os pensamentos; ao mesmo tempo que o ideal do bem da humanidade impulsiona ao trabalho, á acção, á lucta.

Sobre o valor do positivismo para deter os progressos da epidemia pessimista, estamos plenamente de accordo com o notavel pensador por nós citado na primeira parte d'este estudo, o medico russo Wyrouboff. Diz elle no seu bello artigo: *Les modernes théories du néant*, fallando dos processos racionaes a empregar para se conseguir esse fim:

«Entre esses processos, ha um que é infallivel — a educação scientifica que conduz a intelligencia methodicamente, gradualmente desde as noções mais simples até ás noções mais elevadas, sem interrupções e sem lacunas. Póde-se affirmar desde hoje, sem receio de um desmentido da experiencia, que nenhum homem, por mais hypocondriaco que seja, aspirará ao aniquilamento do mundo se houver percorrido o circulo das sciencias abstractas da natureza.

«Poderá ser positivista, spenceriano ou materialista, conforme a fórma por que os seus estudos tiverem sido systematisados, mas jámais o pessimismo e a desesperança entrarão no seu cerebro. Como poderá só vêr o mal em tudo e sempre, tendo aprendido os maravilhosos progressos do bem-estar particular e geral devidos á applicação dos conhecimentos exactos? Como desesperará do futuro, tendo comparado o ponto de partida das sociedades humanas com o prodigioso desenvolvimento da civilisação moderna? O que digere regularmente não crê na necessidade de uma perpetua indigestão; o que vê o bem produzindo-se cada vez mais na ordem material, como na ordem dos phenomenos moraes, não crê na persistencia do mal».

Desgraçadamente, como observa Wyrouboff, ainda nos fal-

ta essa educação scientifica, e o peor é que talvez nem mesmo nossos filhos a terão ainda.

Todos os esforços da geração moderna — isto é, da parte pensante e illustrada d'esta geração — devem convergir para dar ás gerações vindouras uma educação racional, scientifica, positiva, a unica educação capaz de as preservar das consequencias degenerescentes do pessimismo.

Teixeira Bastos.

EPISODIOS MILITARES

À memoria de meu pae.

DURANTE A GUERRA [1]

I

O convento...

Tinha um ar estranho de abandono. As grades haviam sido arrancadas em parte; e os seus muros apresentavam-se mutilados, n'uns esboroamentos impressos pelas balas... O arvoredo da cerca mostrava um tom desmaiado, de vegetação sedenta.

Assim, aquelle vetusto monumento irradiava uma expressão de ironia, como velho guerreiro a quem as feridas prostram por fim no campo da batalha e que sorri ao inimigo, victorioso e inclemente, que se comprazesse em matal-o pouco a pouco, lentamente, penosamente.

Em volta differençavam-se restos de fortificação improvisada que havia servido para sustentar o corpo de tropas que, ha dias, defendera a soberba posição do convento, a cavalleiro da ponte e da estrada que conduzia á cidade proxima.

[1] Este conto é extrahido do livro que o auctor tem no prelo com o titulo *Episodios militares e casos contemporaneos.*

*

Aos camponezes uma expressão anciosa, mixto de expectativa e receio, lhes illuminava os rostos simplorios. Nas suas phrases curtas e intercortadas, deixava-se adivinhar o quer que fosse de extraordinario... Muitos, com movimentos de impaciencia, dirigiam-se ao alto da serra e alongavam a vista pela estrada fóra, até a vêrem perder-se nas curvas caprichosas, que por ultimo a escondiam lá ao longe, muito longe, no pinhal.

E nada respondia á sua muda interrogação! sempre aquelle silencio caracteristico do campo!...

Toda a paizagem tinha um triste colorido, desde as devastadas sementeiras, invadidas de plantas parasitas, até ao voejar rapido dos passaros, trilando medrosamente.

Pelas devezas os lavradores não se viam; os pequenos rebanhos que pontuavam de escuro o verde-claro da relva, davam, a quem os visse passar, á noite, recolhendo ao redil, a impressão desoladora da fome, pela magreza dos seus corpos e no emmaranhado da sua lã! Pelos cumes os moinhos não enfonavam as vélas: conservavam-se inactivos, como espalhados barcos em arvore sêcca, após grande tempestade! Ao longo da ribeira, marcada por dois renques de salgueiros e choupos, as azenhas conservavam-se fechadas. Nas margens, junto do povoado, as poucas lavadeiras batiam a roupa quasi silenciosas, sem os cantares predilectos! Algumas vestiam de negro... O lustro das chitas escuras sobresahia sobre a baça alvura da roupa. O tom dos rostos não era o vermelho do sangue das vidas serenamente passadas. A espaços lançavam a vista para os filhos que brincavam proximo.

Os mais novitos tomavam attitudes varias: brincando com terra, chapinhando nas poças, engatinhando para ir buscar os pequenos seixos, que por fim mettiam instinctivamente na bôca... Dos mais cresciditos, uns fingiam de guardadores de gado, encostados aos varapaus... lançavam ao espaço os gritos *sui-generis*, nas suas vozes aflautadas; outros, *jungindo* os mais novos d'entre si, simulavam lavrar.

II

— Lá vêm *elles* outra vez! Lá vêm *elles!* — bradaram os que estavam no alto.

E partiram de corrida para a aldeia.

Estes gritos foram como que um aviso alarmante: as lavadeiras levantaram apressadamente as roupas e tomaram-nas á cabeça; com os mais pequenitos ao collo e os do meio pela mão, partiram, chamando pelos mais velhos...

— Ó mãe, mãe? — gritavam as creanças, assustadas.

— *Fuje*, João!... *Fuje*, Antonio! — recommendavam ellas.

Na estrada, lá ao longe, muito longe, uma nuvenzinha de pó avançava para a aldeia.

O vetusto monumento continuava rindo o seu riso ironico!...

De tempos a tempos um rapaz voltava do alto:

— Já *vêm* ao Lagar!... Já vêm ás Reprezas!... Já vêm á Ribeira!...

E a proximidade d'*elles* fazia-os estremecer de medo. As mulheres choravam afflictivamente.

— Já vêm á do Manoel do Lameiro — affirmou um ultimo.

— Nem a um tiro de espingarda! — comparou uma aldeã, a viuva d'um soldado, n'um tom tão lastimoso, como se se avisinhasse uma grande calamidade. — D'aqui a nada já se podem contar... São muitos, João!

E o rapaz, na sua grande imaginação de poeta, tratou de compôr:

— Ai, mãe! tantos, tantos como as areias do mar!...

Sentiam-se já distinctamente os latidos dos cães, enfurecidos pela invasão...

— Que havemos de fazer, tio Augusto? — interrogaram.

— Esperemos — respondeu o velho resolutamente.

— Eu cá já sei o que vou fazer: valha-me aqui... Santa... foice roçadoira?... — soltaram intencionalmente os mais bellicosos, correndo para casa.

— Vamos pr'a egreja, homens! Vamos pedir a Deus, nosso Pae, que nos salve d'outra *guerra!* — clamavam as mulheres, dispondo-se a tomarem, junto da ribeira, a direcção do convento.

Como resposta echoou um tiro, depois outro e o ladrar dos cães cessou por segundos, para recomeçar mais distante, mas tambem mais assanhado, terrivel. Aquellas detonações resolveram alguns, o numero dos peregrinos engrossou...

O velho, tomando uma attitude marcial, bateu-os com a seguinte apostrophe:

— Corja de borra-botas! Na *Plinsular* é que eu vos queria! Pensaes que se morre mais d'uma vez? Em uma pessoa morrendo, tal dia faz trint'annos!...

... Pouco depois desembocavam no pequeno largo da aldeia, uma duzia de soldados, commandados por um sargento!

III

Os camponezes agruparam-se instinctivamente, n'um impulso defensivo. O velho Augusto adiantou-se para o commandante e descobrindo-se, interrogou:

— Ó meu sargento; que quer de nós?

O militar ficou perplexo, sem saber o que responderia á ingenua pergunta do ancião.

— Comer! temos fome! — interpoz um dos soldados.

A esta summaria affirmativa alguns dos camponezes estremeceram. Pareceu-lhes que iam ser devorados por *elles,* tão determinado fôra o tom do infante.

— Pois, meu sargento; se não vêm para nos fazer mal, as nossas casas estão alli, abertas sempre para os amigos.

— Descance, vossemecê, homem; a *força* não vem matar ninguem — tornou o sargento com auctoridade.

Houve um longo murmurio approvador, como um suspiro de allivio.

— *Bib'ó senhor goberno!* — bradou um dos do grupo.

— *Bib'ó!* applaudiram os camponezes.

E logo se estabeleceu uma communidade mais confiada. O velho affirmou:

— Era necessario dar quartel áquella pobre gente.

— Venha, camarada; mas olhe que tem que se contentar com o que houver — condicionavam os da aldeia. — O anno vai pela hora da morte... *A guerra* de ha quinze dias arrasou-nos tudo! — desculpavam.

— Ora, patrão! Nós trazemos uma fome capaz de rilhar pedras! Já vai para dez horas que não mettemos nem sequer uma *bucha* na bôca! — respondiam os soldados.

E assim se aboletou a força.

O velho Augusto lá foi conduzindo o sargento para casa.

No caminho esperava-os a snr.ª Thereza, a mulher do ancião. Eram horas de jantar e o caldo fumava na lareira. Se bem que a casa ficasse um pouco arredada do povoado, tinham-lhe chegado até lá os ruidos da aldeia, ainda quando lhe não bastassem para assustal-a o choro e a corrida das visinhas, e sobretudo a filha que lhe aconselhára:

— Fuja, minha mãe; fuja! *Elles* ahi vêm outra vez!

E desapparecera para os lados do convento!

A pobre velha chegou a pensar que eram os francezes! Na sua imaginação debilitada pelos annos, pelos trabalhos e pelas privações, ainda se reflectiam perfeitamente as scenas desoladoras d'esse dia. Sobre todas a da pobre Carolina *Pincha:*

«Embaraçada... estava para cada hora e *elles* arrancaram-na da enxerga, para a pôrem, em pellota, no meio da rua! E quantas raparigas não desgraçaram!... — recordava a coitada».

Temia, pois; não por si, mas por amor das filhas e das netas:

«Todas tão boas raparigas!... E o *seu* Augusto!»

O receio de perdel-os deu forças ás suas tremulas pernas. Tão depressa quanto pôde, tomou a direcção da aldeia. Tocava, a afflicção d'aquella boa mulher!

«*Elle* havia de defendel-as... Era velho, sim, mas tinha canellos... P'ra mais fôra soldado tambem — forcejava por concordar».

De mistura com estes pensamentos ia rezando á Senhora da Boa-Morte, a imagem mais milagrosa d'aquelles contornos e que no convento se venerava com fanatismo.

Ainda que a distancia fosse, se tanto, de duas centenas de metros, a idade e o choque moral prostraram breve a pobre velha. Não passou da Cruz dos Caminhos, logar em que se bifurcava a estrada que da aldeia ia á cidade... e onde, havia coisa d'um anno, tinham morto um homem... Foi com um grande temor supersticioso que ella reconheceu o logar onde tinha parado: era de mau agouro ficar alli. Quiz proseguir a caminhar; o cansaço porém vencera-a inteiramente. Áquella tosca e simples cruz de madeira, erguida acima do muro de pedra solta que vedava o quinteiro, começou a dirigir fervorosamente as suas preces.

Minutos depois echoaram os *vivas* ao *senhor goberno;* e quando, passado pouco tempo, avistou o marido, agradeceu á divina intervenção o ter-lhe restituido «o seu homem são e escorreito». Encaminharam-se um para o outro e bradaram simultaneamente:

— São os francezes, homem?

— Que é isso, mulher!

— Mas, são? — insistiu a velha.

— Não, mulher! Ora que idéa!

— E a Luiza? E os *creanços?*

— Ora deixa lá agora a rapariga. Tens medo que ella se *perda?*

— Mas então — volveu a snr.ª Thereza, muito perplexa.

— Ora!... Vamos ao que importa. Anda d'ahi, deixa-te de

pasmaceiras e arranja lá mais tantinho caldo aqui para o nosso sargento.

E ao chegarem a casa já a snr.ª Thereza estava ao corrente dos successos.

IV

Mais umas pedras de sal e umas duas ou tres immersões da *bola de unto*, bastaram para temperar o caldo accrescentado com um pucaro d'agua.

O sargento encostou ao canto da porta a pesada espingarda, tirou a barretina, libertou-se da mochila, do cinturão, da patrona, emfim de todos os atavios militares que o sobrecarregavam, e ao achar-se alliviado d'aquelle peso, respirou com força; sentou-se n'uma arca, puxou tabaco e principiou a apertar demoradamente o cigarro, n'um prazer soberbo de liberdade e de descanço. Minutos depois iam para a mesa.

O militar tomou assento n'um monte de roupa que estava apertada n'um pedaço de linhagem forte, depois de recusar o mocho que a snr.ª Thereza lhe offerecera. Cheias as malgas, migaram-lhe dentro o pão centeio, e depois de bem misturado com a couve cegada, começaram, levando-o de grandes garfadas á bôca, n'uma larga satisfação animal. O velho sorria ao olhar a precipitação com que o sargento fazia desapparecer o conteúdo da sua malga.

— Ó meu sargento? Sempre trazia uma *rafa!*

— Se lhe parece!...

... Á medida que as malgas iam sendo despejadas, a conversa animava-se. O velho contou os seus trabalhos na *Plinsular*... Confrontou as privações supportadas n'essa lucta titanica, com a vida descançada que os militares levavam hoje:

— Os rapazes d'agora não aguentariam... Os de então pareciam feitos d'outra massa, de canellos velhos. Hoje em dia, até era bom ser soldado — sublinhava.

Não houve peripecia que não relatasse: desde as mais ligeiras anecdotas de bivaque, até ás scenas angustiosas dos combates; e tudo descripto n'aquelle estylo particular, caracteristico de velho soldado, d'uma verbosidade natural, propensa ao exaggero e á farçolada. O sargento protestava com um sorriso desdenhoso:

— Se elle estivera no cêrco do Porto, saberia então quantos cinco faziam dez!...

Thereza corroborava as affirmativas estupendas do marido, no tocante aos horrores praticados pelos soldados de Napoleão. Contou minuciosamente a historia da Carolina *Pincha*... e lembrou mesmo muitas outras, rematando:

— Depois tambem levaram uma tosquia! Quando tornaram por aqui a passar, a ribeira não lhes foi falsa... Demoraram-se só tres dias, mas deixaram mais d'um quarteirão: uns, sem olhos; outros, sem orelhas... Até foram dar com um lá p'ras Reprezas, sem as *partes!*... Cortára-lh'as a Mathilde, que até d'ahi em diante lhe *impessaram* a chamar a «capadeira d'homens...»

E, á força de minucias, massava.

O cantil foi desarrolhado e correu de mão, até seccar... O sargento começou a sentir a cabeça pesada, as palpebras a cerrarem-se-lhe e no estomago esse bem-estar symptomatico de ingestão satisfeita. Pouco a pouco foi-se pondo mais á vontade: descalçou-se; estendeu os braços por sobre a mesa e descançou a cabeça nos braços... Já não percebia as palavras senão confusamente, como um murmurio de vozes que se afastavam... Adormeceu.

Foi com uma certa vaidade offendida que o velho reconheceu que o seu aboletado se tinha deixado dormir.

— Não tinha que vêr: os rapazes do *seu* tempo eram feitos d'outra massa; bem se via — accentuava, despeitado.

V

Tempos depois uns tiros, repercutindo pelas quebradas, vieram despertar o sargento.

Levantou-se ensomnado; armou-se e partiu a inquirir da causa. Vinham dos lados do convento... Pela estrada foi encontrando gente que fugia, espavorida. N'um caminho transversal, de pé posto, um soldado forcejava por beijar uma rapariga, apertando-a com o braço direito, a espingarda na mão esquerda, a barretina para a nuca, a fardeta desabotoada...

— Ó 80? ó rapaz do diabo! Deixa lá *isso* agora; anda d'ahi — chamou o sargento.

— Ah! isto é um instante. Estou aqui a ajustar umas contas de tres vintens com esta ingrata... Ah! mas isto é um instante, meu sargento — volveu o soldado, n'um tom avinhado.

E os tiros continuavam.

— Ó 80? Demora-te, que eu te arranjarei a cama! Não te digo mais nada — ameaçou o sargento, nimiamente commovido pelos gritos desesperados da rapariga.

— Ah! isto é um instante, meu sargento.

Chegado ao convento o ajuntamento era enorme. Quatro soldados, de baioneta calada, continham os camponezes em respeito. A excitação popular era violentissima. Estava prestes a rebentar n'um d'esses excessos terriveis. Tratava-se de desarmar aquella pequena guerrilha, a quem o vinho dera para fazer, das imagens dos santos que se anichavam nos claustros, o alvo dos seus tiros!

O sargento surprehendeu-lhes a intenção. Á força de insistencia, entre os apupos da turba-multa, conseguiu aproximar-se dos soldados.

— Formar, formar! — commandou.

Em poucos minutos a força estava disposta em duas fileiras, de baioneta calada.

... Um quarto de hora depois quasi toda a população masculina da aldeia e dos casaes mais proximos se agrupava em volta do convento. Muitos tinham-no rodeado, e, saltando o muro da cêrca, preparavam-se para secundar o movimento offensivo dos que se conservavam em frente da porta principal. Instigados pelos clamores das mulheres, os gritos sediciosos, as ameaças mais temerosas, foram dirigidos aos soldados; algumas pedras mesmo, vieram cahir sobre os defensores da entrada dos claustros...

A situação complicava-se. O sargento comprehendeu-o. Era necessario sahir e depressa; toda a demora seria perigosa.

— Eh, lá! abram caminho — intimou.

— *Mor-ra!* — ululou a multidão.

E o borborinho recresceu. Os varapaus e as foices roçadoiras elevaram-se ao de cima das cabeças n'uma oscillação hostil, ameaçadora.

— Se não abrem caminho...

Um — *Mô-ô-ô-rra!* — atroador e prolongado escondeu o resto da phrase.

De seguida apenas algumas vozes de commando se perceberam:

— *Traçar armas... Morder cartucho... Calcar... Preparar...*

E todas executadas com precipitação, sem igualdade e alegremente, ao grau de serenidade acommettida pelo vinho!... Os soldados sentiram esse desejo estupido de «molhar a sua sopa», filho da sua crassa ignorancia e alimentado, desgraçada e naturalmente, pela lição tradicional e aventureira da caserna e do bivaque.

A attitude terrivelmente ameaçadora da população não os atemorisava! Tornava-os aguerridos a desmedida coragem inconsciente, temeraria, do alcool excitante, tirando-lhes a comprehensão do perigo.

— Vamos a elles! Vamos a elles! — instigavam os camponios mutuamente.

E a multidão animada da grande força moral da offensiva, confiante do numero, oscillou d'um modo estranho: o impulso dos ultimos impelliu os que se achavam na frente; e aquella massa enorme de homens e mulheres avançou devagar, arrastadamente, para tombar sobre os soldados! A atroadora grita escondeu as vozes de:

— Apontar! Fogo!...

A descarga detonou... Uma ligeira nuvem de fumo envolveu os soldados... O lamento dos feridos foi supplantado pelos gritos de raiva e de terror, que cobriram inteiramente os commandos de:

— *Preparar pr'a carga... Carregar!*

Acommettida á baioneta, a multidão resistiu primeiro pela força da inercia. Por ultimo o sargento, aproveitando aquella confusão indescriptivel, conseguiu romper e tomar a fuga seguido dos seus e perseguido pelos da aldeia...

E o vetusto monumento continuava rindo o seu riso ironico!

VI

A surpreza do 80 foi o tristissimo fechar da tragica aventura...

Os da aldeia foram dar com elle premindo, sob o seu, o corpo da rapariga... A indignação provocada pelo facto que presenciavam, ateou a raiva accesa pelo desastre do convento e fez com que elles, tacitamente, lavrassem, para o soldado, a pena ultima, recebida affrontosamente ás pedradas.

Elle, logo ás primeiras que lhe vieram cahir em volta, ao vozear ameaçador dos aldeãos, levantou-se precipitadamente, como se os vapores do alcool se lhe houvessem, de improviso, evolado da cabeça. Medindo a extensão e imminencia do peri-

go, tomou a espingarda e partiu correndo para o lado opposto d'onde lhe haviam apparecido os vingadores da honra da rapariga.

A attitude, os gritos de desespero, os gestos desordenados d'aquella quasi creança, nos paroxismos da sua vergonha, lograram tomar o passo aos perseguidores do soldado. O espanto, comtudo, durou apenas segundos e serviu para accrescentar o indomito rancor que movera os da aldeia. O 80, fugindo sempre, acabava de se esconder n'uma curva do caminho, a cem passos, se tanto, de distancia d'elles.

— Agarra, pega, mata!... — ulularam os camponios, presentindo que *elle* se lhes escapava.

O caminho descia brandamente na lombada d'um combro, indo terminar *ás poldras* que davam accesso á outra banda da ribeira. Chegados ao cume, avistaram-n'*o* preparando-se já para passal-as. Duas duzias de pedras lhe cahiram em volta!... O rapaz forcejava por se escapar, não se animando, sequer, a olhar para traz. Entretanto os seus perseguidores abeiravam-se da ribeira com estranha rapidez.

... Ao soldado apenas faltavam já umas quatro ou cinco poldras para chegar á almejada margem, bordada de enumeros salgueiros e choupos, onde elle antevia, e com razão, a possibilidade de salvamento. Os gritos de

— Agarra, pega, mata!...

batiam-lhe como golpes de maça na cabeça. As pedradas choviam. Algumas o tinham tocado na mochila.

Que anciedade a do rapaz em chegar além, onde o cerrado do arvoredo lhe promettia um invejavel e providencial abrigo! Que desespero o dos camponios! Um tiro certeiro derrubaria, seguramente, o soldado e render-lh'o-hia á discrição, para saciarem n'elle a sêde da vingança! Em tres segundos ia *elle* escapar-se-lhes! Que raiva! N'esse apice de tempo que seculos de angustias para um e outros!

A proximidade do arvoredo redemptor, reanimou a aba-

lada energia do fugitivo: tres metros mais e estava, talvez, salvo!

... Quando o pobre diabo ia collocar os pés na ultima poldra, um grande seixo, despedido por mão de mestre, logrou rachar-*lhe* o craneo!... O rapaz perde o equilibrio, estende os braços em busca de apoio, abandona a arma inutil, e cae de chofre na ribeira! A agua espadanou e o corpo do rapaz, sobrecarregado pela mochila, sumiu-se... Um grito de alegria selvagem saudou a queda desamparada do soldado. Momentos depois o desgraçado appareceu á flôr d'agua, barafustando desordenadamente. A ribeira assim turvada, tornou-se ligeiramente barrenta. O corpo do afogado, vencido pela força da corrente, foi arrastado e veio dar de encontro ás rochas que formavam como que uma estreita garganta, d'onde a agua se precipitava da altura d'um metro. Retido pelas raizes das arvores, nas ultimas afflicções, conservou-se uns instantes á borda do salto da ribeira. As pedras continuaram cahindo-lhe em volta; algumas, mesmo, acertaram-lhe na arca do peito, d'onde principiaram a tirar um som cavo. O impulso impresso por aquellas que o contundiam, destacou o corpo das raizes que fracamente o retinham e precipitou-o da pequena catarata. O movimento das aguas do remoinho, arrastou-o na espiral do sumidouro...

Na tarde do dia seguinte ainda os rapazes se divertiam atirando pedras ao cadaver mutilado do 80, que boiava já á tona d'agua e a ribeira depositou lá para a Repreza.

Na madrugada do outro, porém, o cadaver desapparecera. Procuraram-no com vingativa insistencia.

O moleiro da Repreza affirmava ter, na vespera da desapparição, pela noite velha, ouvido que alguem se aproximára da margem da ribeira, pescára o cadaver do rapaz e o levára, arrastado, pela cangosta acima. Espreitára e parecera-lhe haver reconhecido, no extraordinario pescador, o velho Augusto...

Alguns, movidos d'um sentimento de vingança mal satisfeita, correram á casita do antigo soldado e deram com elle sentado ao sol, com um lenço vermelho pela cabeça, fumando serenamente no seu cachimbo recurvo. Interrogaram-no de sobrecenho e elle despediu-os, muito enfadado:

— Dizei-me: de que serviu a morte do homem? Dizei-me: matando-o restituiram á moça o que elle lhe roubou? Olhai, rapazes, e ide-vos com esta cantiga:

A honra da menina
é com á roupa fina:
Nodoa que lhe cae,
Ai, pae!
nem com benzina sae!...

F. Sá Chaves.

GUSTAVE FLAUBERT

Ha n'uma carta de Flaubert a George Sand a exclamação: «Ah! que je les aurai connu les affres du style», que define admiravelmente o grande escriptor e o seu medonho processo de trabalho. Escrever *Tentation de Saint Antoine* é esmagar o cerebro, é vergar o corpo, é espremer a vida do espirito com o estoicismo d'um espartano e a tenacidade d'um monge. Nada iguala a energia d'este homem no trabalho, a força de vontade persistente, invariavel, na fórma, na cadencia da phrase, no valor d'aquelle seu estylo — que parece gravado sobre bronze. O seu temperamento irritavel de sanguineo, dentro de quem o sangue refervia em borbotões incendiando-lhe a cabeça e a cara — como nas occasiões das grandes coleras — quando se sentava á banca «toute une journée la tête dans ses deux mains à presser sa malheureuse cervelle» [1], domava-se, e, manso, como um leão minado pelo opio, o grande fumador traçava pertinazmente a pagina que lhe será consolação, orgulho, vida.

E, segundo elle, as horas de maior alegria e repouso foram as que, em novo, passou, quando uma visinha tocava piano e Flaubert lia, á janella, com voz trovejante e entonações guela-das, periodos inteiros de Chateaubriand e Hugo. Isto justifica o

[1] Carta a M.me Sand.

seu desprezo pelos *realistas*, a sua cólera contra Champfleury, contra Stendhal, contra «o senhor de Musset». Para o grande estylista existia porventura, na constellação dos artistas, um Mérimée, um Duranty, um Ponsard e todos os que abusaram, mais ou menos, do direito de escrever mal?

Dos que viveram com elle quem mais admirou foi Gautier — porque o enthusiasmava com os seus monstruosos paradoxos, as suas revelações de encyclopedico, a sua audacia de olympico, a sua impeccabilidade espontanea no estylo. *Le Roman de la momie* inspirou-lhe *Salammbô*. Começou a epopêa do trabalho de Hercules inesgotavel e inesgotado — decifrando documentos, investigando datas, lendo bibliothecas completas, correndo manuscriptos, monumentos, cidades, tudo emfim que lhe podesse fornecer uma pagina, uma nota, um termo. Concluido tudo, vêde com que contemplação risonha de gigante elle contradita Sainte-Beuve nas suas censuras superficiaes. Por a resposta ao critico e ao erudito M. Frœhner se póde avaliar o peso que lhe fizera a investigação e o allivio consolador com que alijou aquella carga, lamentando apenas que duvidassem da seriedade do seu estudo e da verdade do seu trabalho.

O ligeiro, o feito no ar, o finamente corriqueiro, o agradavel na litteratura — já então! — futil, repugnava a esta cabeça grandiosa, a esta capacidade enorme. E observa na carta a Sainte-Beuve [1]: «Les Leconte de Lisle et les Baudelaire sont moins à craindre que les... et les... dans ce doux pays de France où superficiel est une qualité, et où le banale, le facile et le niais sont toujours applaudis, adoptés, adorés. On ne risque de corrompre personne quand on aspire à la grandeur».

Como todos os homens d'outra época, ou com os nervos e a indole dignos d'outros tempos, Flaubert paira acima dos camaradas em penumbra mais elevada, mais vigorosa. O seu processo de trabalho é quasi incomprehendido. Chega-se até ao corriqueirismo safardana dos vulgares e pergunta-se n'um excesso de ignorancia: para quê tanta exactidão, tanta grandeza?

[1] *Salammbô*, appendice, pag. 363.

Homens superiores como M. M. de Goncourt confessam no volume III do *Journal* (1865-1870), que «para elles, convalescentes, a saude exuberante e colorida de Flaubert aguçava-lhes os nervos». Nos auctores de *Renée Mauperin*, este contraste explica-se bem pela indole doente, levada em Flaubert á epilepsia.

Mesmo em homens derivando de Byron com o cerebro aquecido á fornalha interior do mundo de visões, como Barbey d'Aurevilly, Flaubert trilha o caminho parallelo em grandeza, mas onde nunca se encontrarão. Um vê o mundo exterior para ter direito de amar o oceano das illusões e dos sonhos; o outro vive dos sonhos e das illusoes para poder fugir á exterioridade que tanto o irrita, e crear o abbade de Sombreval e de La Croix-Jugan. Flaubert viajava em wagon de Paris a Rouen para adquirir vontade de praguejar todo o tempo contra o progresso e a civilisação.

A idolatria pela perfeição da fórma, a ambição que continuamente lhe dava vertigens, chasquearam-na um pouco até os amigos mais intimos. M. M. de Goncourt notavam no *Journal*, vol. I (1851-1861), «que *Salammbô* estava abaixo d'elle» (porquê?); Gautier que, ao referir-se a Flaubert, dissera: «ha n'aquelle sujeito de grandes sobrancelhas louras um sabio e um grande homem de genio», blagueou um tanto o processo aspero do seu trabalho.

Encerrado no castello do orgulho, recolhido á tenacidade da certeza, os desvios dos amigos deviam, apesar de tudo, de o confranger dolorosamente. Na sua natureza franca de gigante não se alojava o resentimento.

E com demolidor enthusiasmo e olhar colerico e faiscante, destruia todas as barreiras que se levantavam aos successos dos que amava. No theatro, lá o viam, dominando tudo com a estatura de colosso, suando, rugindo, berrando a alegria e a amizade, quer se pateasse *Henriètte Marechal*, quer se apupasse um drama de Zola, ou se deixasse cahir uma peça de Daudet.

Deslocado na civilisação mesquinha e no convencionalismo d'uma sociedade besta, exigua, tudo parecia pequeno ao gigan-

*

te, desprezivel ao nostalgico da grande época barbara, de que conservára aquelle riso sonoro e gaulez. Flaubert não era um triste, mas um melancolico, um sêr de civilisação mais antiga, mais forte: organisação de soldado romano com a cabeça de artista grego.

Odio tinha-o ao seu tempo como Gautier, M. M. de Goncourt, Baudelaire e todos os artistas complicados em quem os arabescos do talento sulcam o espirito de melancolia negra, de desprezo remidor. E a amargura do seu viver, o pessimismo dos seus desabafos vibra, n'uma nota humana, onde existe a estranheza do destino superior e aspero. A grandeza n'elle era uma proporção: a proporção do corpo. N'outros é apenas a nota requintada do melindre cerebral, martellada pela vontade, pela pertinacia, pela doença da alma. Assim em Byron, em Moore, em Shelley, em Baudelaire e no snr. Renan.

Em Flaubert a doença provinha da época em que a vida lhe correra. E esta saude do corpo robusto produzia no espirito o borbotear continuo, o nervosismo irrequieto e amargo como a humilhação.

No olhar abatido e azul dos seus derradeiros annos havia o tom resignativo do acorrentado, supportando com paciencia o desmoronar da vida. Entretanto saboreou, proximo o fim, as suas mais deliciosas alegrias. Desapparecidos — pela morte — os convivas do jantar Magny, agrupou-se em volta de Flaubert a turma dos que saudavam n'elle o chefe creador do movimento moderno no romance. Goncourt — o antigo amigo que quiz partilhar do triumpho do companheiro — Daudet, Zola, Tourgueneff, o russo de sobrancelhas carregadas e olhar meigo como a traição, rodearam o nostalgico nas vindas a Paris e deixavam-no gritar as coleras de derradeiro romantico contra a futil solemnidade e a estupidez caprichosa. Nos *rendez-vous* é que o masculo, que nunca enfraquecera a força viril com o amor erotico, se communicava inteiramente. Os amigos recolheram cuidadosamente as notas da sua conversa e sobre ellas pretenderam explicar o antagonismo entre o escriptor e o homem.

Nos *Romanciers Naturalistes* manifesta o snr. Émile Zola o espanto que Flaubert lhe produziu quando o abordou. Suppôr encontrar um apostolo moderno com idéas de precisão scientifica, curioso de descobertas progressivas, de evoluções litterarias e politicas, e vêr-se diante d'um antigo impenitente, um berrador contra a civilisação e a sciencia, um amofinador do modernismo, e sobretudo, um crente de Hugo e Chateaubriand!

Contraste logico de temperamento de força e não contradicção flagrante de influencias mais fortes. Não foi Gautier, como pretende o snr. Émile Zola, quem influenciou Flaubert: — foi o destino que aproximou duas indoles identicas, dois puros artistas, duas configurações semelhantes.

O livro em que Flaubert se propunha simplificar os processos do romance moderno, estrellejando-o com as perolas luminosas do seu estylo, *L'Éducation Sentimentale,* deu-lhe um trabalho monstruoso. É um estudo em que o auctor affirma a negação absoluta, o materialismo gigantesco, saudoso, como que despedindo-se da psychologia, e que encontra refugios nas paizagens exuberantes, nos recantos grandiosamente descriptos. Não ha alli nem a duvida, nem o estrebuxar hesitante, mas uma negação completa, uma certeza inabalavel, explicada talvez na seiva espontanea d'aquella natureza que, na força da sua vida, via, na penumbra de vidente, a força da sua morte.

O snr. Paul Bourget classificava-o de «nihilista» «o maior talvez dos nihilistas modernos» (*Essais de Psychologie*). Flaubert apenas negava, e a sua negação é tão desdenhosa, tão épica, tão levantada, que nos detalhes mais miudos da vida moderna toma proporções de grandeza quasi inattingivel. É épico como Homero, desdenhoso como elle; mas não é esse um dos caracteristicos da indole contemplativa d'esse poeta que parece estar fundido em marmore, o snr. Leconte de Lisle?

Comprimem-nos dolorosamente as existencias de Fréderic e M.me Arnoux, traçadas por Flaubert n'aquellas paginas energicas, e no final a nota de saudade, quando os dois recordam a

vida, imprime-nos no espirito — o eterno gravador do sensivel — uma tristeza que se communica, um desalento viril.

Deviam de ter sido terriveis as horas em que esse grande espremeu do cerebro o enorme codigo da sua melancolia.

E como succede aos epilepticos, as crises intermeavam-se de momentos de espontanea alegria, e era então que as gargalhadas de colosso resoavam n'uma communicação de temperamento antigo.

Flaubert amava o livro com carinho e queria-lhe com um amor de vingança, mais do que a *Madame Bovary*, que considerava da mocidade, e onde muitos dos seus criticos viram a expressão mais completa do seu temperamento de artista. Como poderia explicar o aperfeiçoamento na obra antiga, elle que julgava não o ter encontrado mesmo nas que preferia? Isto irritava-o e causava-lhe as cóleras que o faziam rôxo e de que falla o snr. Zola.

O insuccesso da *Éducation Sentimentale* prostrou-o; a indifferença aggressiva com que foi recebida a *Tentation de Saint Antoine* — o livro que mais lhe entrára no coração e de lá sahira penosamente — aniquilou-o.

E então que melhor apparece o Flaubert desalentadissimo da época e do meio, desesperando-se n'uma resignação de irrequieto, que só com difficuldade póde já encontrar refugio no que d'antes fôra o maior abrigo dos dissabores: — a arte.

A custo escreveu *Trois Contes* que fez para se repousar, segundo elle explicou. Repouso que foi penoso cansaço de anno e meio e a que se votou para se consolar da perda imminente da fortuna.

Concluira o plano de *Bouvard et Pécuchet* no dia em que devia acabar tambem. A apoplexia, que o fulminou depois de manifestar um grande contentamento á creada por terminar o livro, foi repentina e dir-se-hia logica, na ironia traiçoeira, com o destino do negador. Porque em nenhuma obra se affirmou tão mathematico na certeza do nada e no nada como tendencia manifesta de todas as coisas como em *Bouvard et Pécuchet*, romance que é quasi o compendio das ambições mesquinhas e

hesitações dolorosas da burguezia guiseira, mediocre e cansada que formou no ar a sociedade a cujo esphacelamento épico, monstruoso, ironico e vingativo assistimos e assistiu tambem o gigante que traçou aquellas paginas alanceadas.

Mas o livro de amor do enorme espirito é *Tentation de Saint Antoine*, essa epopêa n'uma época sem historia e sem poesia, a não ser a do charlatanismo raso. É um vôo de aguia que foge do pantano da vida moderna para a grande época do ascetismo e da força. E é este o encanto penetrante do genio e da obra de Flaubert. Não é dos que são banalmente alcunhados athletas d'isto ou d'aquillo, mas sem favor, porque se alguem luctou com os dois braços e com o fogo da sua cabeça sobrepujada ao peso de tanto labor, e nunca enfraquecida, foi elle, um dos derradeiros que souberam saborear o confortavel do estylo sem dissonancias e aspirar o perfume d'uma phrase immortalisadora.

*
* *

Os que duvidam do senso critico de Flaubert precisam lêr o livro posthumo *Par les champs et par les greves* [1], onde encontrarão minudencias extraordinarias de uma organisação de vidente — a mais admiravel, a mais inapercebida! Não é um critico monotono ou diffuso; é o genio, marcando com a fixidez das suas garras de leão, os assumptos que toca.

Vejam-se estas linhas:

« Une rêverie si vague qu'elle soit, peut vous conduire en des créations splendides, quand elle part d'un point fixe. Alors l'imagination, comme un hyppogriffe qui s'envole, frappe la terre de tous ses pieds, et voyage en ligne droite vers les espaces infinis. Mais lorsque, s'acharnant sur un objet dénué de plastique et vide d'histoire, elle essaie d'en extraire une science et de recomposer un monde, elle demeure elle même plus sté-

[1] Charpentier, éditeur. Paris, 1886.

rile et pauvre que cette matière brute à qui la vanité des bavards prétend trouver une forme et donner des chroniques».

E este bocado em que o auctor de *René* — o Chateaubriand que elle e Baudelaire com justiça tanto admiravam — fica completamente definido:

«Né sur le décin d'une société et à l'aurore d'une autre, il est venu pour en être la transition et comme pour en résumer en lui les espérances et les souvenirs. Il a été l'embaumeur du catholicisme et l'acclamateur de la liberté. Homme de vieilles traditions et de vieilles illusions, en politique il fut constitutionnel, et en littérature révolutionnaire. Religieux d'instinct et d'éducation, c'est lui qui, avant tous les autres, avant Byron, a poussé le cri le plus sauvage de l'orgueil, exprimé son plus épouvantable désespoir. Artiste, il eut cela de commun avec ceux du XVIII siècle qu'il fut toujours comme eux gêné dans des poétiques étroites, mais qui, débordées à tout instant par l'étendue de son génie, en ont malgré lui craqué dans toute leur circonférence. Comme homme il a partagé la misère de ceux du XIX siècle: il a eu leurs préoccupations turbulentes, leurs gravités futiles. Non content d'être grand, il a voulu paraître grandiose, et il s'est trouvé pourtant que cette manie vaniteuse n'a pas effacé sa vraie grandeur».

*
* *

Romancista que fez a revolução mais completa na arte, simplificador que conseguiu realisar com a inconsciencia de desleixado genial a reducção no amontoado, tantas vezes confuso, da obra de Balzac, estylista burilando virilmente com uma força antiga paginas impereciveis, critico sublime em julgamentos intuitivos, Flaubert immortalisou-se nas letras francezas e foi quasi o ultimo exemplar da raça de escriptores para quem a arte é a vida, e escrever uma maneira de pôr em movimento a nervosidade.

Manoel Caldas Cordeiro.

IDÉAS E FACTOS

Uma época de descontentamento

The Contemporary Review publica uma conferencia de James Bryce que tem por titulo *An age of discontent*, um trabalho interessante pela sua materia, e de proveito pelas verdades que encerra, admiravel de clareza e boa ordem logica:

Aos observadores na Europa torna-se evidente o predominio do espirito de descontentamento. Não quero significar desalento, muito menos desespero, mas tão sómente descontentamento, quer dizer, inquietação, falta de socego, não satisfação com o mundo como esta geração o encontra. Póde alguem pensar que um tal descontentamento é o habito natural e normal do espirito de idade média comparado com a mocidade; e outros accrescentarão que em todos os seculos houve descontentamento, manifestando-se principalmente entre aquelles que passaram a sua primeira mocidade. Difficilmente supporeis, todavia, que me passou despercebida uma observação tão trivial ou que deixei de tomar em conta uma coisa tão obvia. Seria absurdo comparar os homens que tinham vinte annos em 1860 com os que têm cincoenta em 1890. Devemos comparar os homens que tinham cincoenta annos em 1860 com os que agora têm cincoenta, os homens que então tinham vinte com os que agora têm vinte annos. E vejo que o descontentamento está no caracter mais ancioso e menos descuidado da sociedade e da litteratura em geral, dos oradores politicos, das conversações particulares, dos livros, dos jornaes e dos discursos.

Procurando as causas d'esse estado de espirito, immediatamente as encontramos no facto de terem sido illusorias as nossas esperanças de ha vinte ou trinta annos. Como, em que fomos illudidos?

A nossa geração ficou abatida, não tanto por ter deixado de alcançar os objectos por que luctava, como porque esses objectos quando alcançados — e alguns d'elles o foram — não produziram os resultados que se previam. As arvores cresceram, mas os fructos por que esperavamos, não amadureceram.

Esses objectos em que punhamos a esperança d'um mundo novo e nunca visto, em que reinariam uma paz perpetua e uma felicidade perfeita, eram principalmente, entre alguns outros, — a liberdade politica, a liberdade de pensamento e de cultos, a paz internacional, e o chamado principio das nacionalidades, isto é, o direito de toda a nação constituir uma communidade politica separada.

Póde dizer-se que alcançamos tudo isso, ou pelo menos, que as sociedades caminharam a largos passos n'esse sentido.

Não devemos igualmente esquecer o desenvolvimento das sciencias physicas, os innumeros e variados beneficios do telegrapho e da machina a vapor.

Mas, se procuramos as consequencias de todas essas transformações e progressos, encontramos que a maioria das nações, não obstante a sua maior ou menor prosperidade e realisação dos seus mais vivos desejos, ficaram muito áquem do famoso millenio que esperavam.

Na França as virtudes publicas, que são o alento d'um governo livre, não parecem ter sido revivificadas como se esperava. Ha, pelo menos, tanta agiotagem, pelo menos, tanta coisa que mereça o duro nome de corrupção como no tempo de Luiz Philippe. Os homens que estiveram tão perto, como ultimamente estiveram os cidadãos francezes, do lançar-se nas mãos d'um charlatão sem escrupulos, agora felizmente desacreditado, não podem estar muito satisfeitos com as suas instituições existentes.

Na Italia unificada, além dos perigos do partido revolucionario e do partido clerical, é um tempo de homens pequenos, posto que não sejam pequenos os problemas, porque a condição material dos lavradores, em grande parte do paiz, é deploravel e não cede a nenhum dos remedios que até agora lhe têm sido applicados.

A Allemanha, como a Italia, alcançou a unidade por que ha tanto tempo suspiravam os seus patriotas. E um grande estado militar e commercial, orgulhoso da sua posição na Europa, e desejando renunciar a uma parte de liberdade civil

para manter effectivo o seu poder contra o ataque. Mas está ameaçada por doenças internas mais graves do que nos velhos tempos em que deplorava a sua desunião politica.

Na Inglaterra, como na França e na Belgica, e de resto por toda a parte da Europa, ha presentemente uma impaciencia, quasi poderia dizer um desgosto, do que se chama o parlamentarismo. Queixam-se de que os corpos legislativos são morosos, indecisos, distrahidos pelas facções, e carecem de força para traçar largos planos de politica e leval-os a cabo com persistencia; parece haver um desejo crescente de substituir os methodos parlamentares pela auctoridade d'um homem ou d'um pequeno grupo, sujeita á opinião publica ou talvez a qualquer voto popular directo.

Relativamente á paz internacional vemos a Europa coberta de bayonetas e a guerra apparece sempre como a unica solução de todos os conflictos entre os estados.

O proprio progresso scientifico teve por consequencia um admiravel desenvolvimento na força dos engenhos de guerra e destruição, augmentou n'um grau espantoso o poder d'um só homem fazer mal aos seus semelhantes, e creou um inimigo novo e formidavel do governo democratico, tornando os homens capazes de amontoarem fortunas estupendas, que, differentemente das grandes fortunas dos primeiros seculos, não têm relação alguma com a terra e com os que a habitam, e consequentemente são, por assim dizer, fortunas desligadas e irresponsaveis que podem ser empregadas rapida e secretamente para dominar a virtude dos legisladores, ou para effectuar operações perniciosas e oppressivas para a communidade. Nenhum genero de poder, se exceptuarmos o d'um tyranno grego senhor da cidade com os seus mercenarios, foi nunca tão livre das repressões ordinarias da opinião e da lei que devem cercar todo o poder, como o que hoje vemos attribuido aos millionarios que governam o commercio, ou a finança, ou a industria, ou as communicações.

O descontentamento contemporaneo seria pois devido, segundo a opinião de J. Bryce, a esta colheita de beneficios tão inferior ás nossas esperanças, parte da qual já está podre, emquanto o resto ainda não está maduro.

Além d'isso os problemas que temos diante de nós são

uma outra causa de inquietação. As relações do capital e do trabalho, os modos de obviar á miseria, os limites e os meios da intervenção do Estado em beneficio da communidade — tudo são problemas gravissimos que na realidade não são novos, mas que só agora se tornaram urgentes.

Emquanto o trabalho ha trinta annos era deitar fóra velhas coisas que precisavam de ser removidas, o trabalho na Europa de hoje é inventar novos meios para obstar aos males e ao destroço d'uma desenfreada concorrencia e para moderar o peso do forte sobre o fraco. É trabalho de construcção e por conseguinte muito mais difficil que o de expulsar tyrannos ou abolir restricções. O caminho não está claro diante de nós e sentimos as penas da perplexidade.

Depois de examinar se o descontentamento reinante tem um caracter transitorio ou permanente, a conferencia conclue pelo mais declarado optimismo.

Por toda a parte ha actividade, porque por toda a parte ha impaciencia, inquietação, mas não desespero. O movimento da humanidade não é por cyclos como os antigos imaginaram, mas mostra um progresso constante, posto que muitas vezes interrompido. Não é como o movimento da terra realisando o seu giro annual á volta do sol, mas como o movimento de todo o systema solar para um ponto, ainda ignorado, muito distante nos ceos. Do ultimo destino da sociedade humana conhecemos tão pouco como d'aquelle ponto entre constellações distantes; mas a historia auctorisa-nos a crêr que, embora a depressão e o desalento frequentes vezes ensombrem o seu caminho, o seu progresso geral é-lhes inferior, que em cada época ganha mais do que perde e retem mais d'aquillo que ganhou. Nem o progresso é mais evidente em coisa alguma do que no facto de que os males, outr'ora aceites como inevitaveis, tornaram-se hoje intoleraveis.

A transformação da Allemanha

A mesma conferencia de J. Bryce faz sobre a Allemanha esta observação:

Para nós que eramos estudantes nas universidades allemãs ha cerca de trinta annos, ha hoje alli menos elevação de aspirações e de fins do que havia então, menos gozo na philosophia e no saber. Agora, quando os allemães se reunem nas festas d'alguma universidade, parece terem menos orgulho n'aquelles trabalhos e triumphos intellectuaes a que a Europa deve tanto, do que na sua bravura militar e na expansão do seu commercio. Por certo mostraram talento em alcançar suc-

cessos materiaes que o mundo apenas lhe reconhece. Mas não é o melhor signal d'uma nação, que a prosperidade material pareça tomar o primeiro logar nos seus pensamentos, especialmente se essa prosperidade não trouxe grande melhoria á condição das massas ou não as prendeu mais ás instituições sob que vivem.

Com estas palavras tem uma vaga relação umas outras escriptas na *Revue des Deux-Mondes* por G. Valbert, apreciando o discurso do imperador da Allemanha, com a adversidade propria dos francezes quando criticam o que se faz além do Rheno.

Guilherme II, diz, aprecia tão pouco o philosopho que discute tudo, mesmo Deus, como o descontente que pragueja, como o *reveur* que nunca será um bom soldado. Espera que, graças ás novas instrucções que vai dar aos seus professores dos gymnasios e aos seus mestres-escólas, verá multiplicar-se a semente do que se pode chamar o bom mancebo allemão, flexivel, malleavel, docil, respeitador, inteiramente exercitado na disciplina, instruido em todos os seus deveres, exacto em cumpril-os, sempre contente com a sua sorte e com o seu imperador. Como dizia M. Lavisse, não é para elles que quer educar os rapazes prussianos, é principalmente para elle. A sua reforma do ensino, se consegue executal-a, ficará como um primor de utilitarismo politico.

A Allemanha pensadora e candidamente poetica, modesta e burgueza, seria de futuro um imperio de gente brutal, sahindo da caserna para sordidamente se entregar á ganancia commercial.

Augusto Weismann, o successor de Darwin

A excellente revista *The Review of Reviews* publica um curioso artigo de Benjamin Kidd sobre Weismann, o professor que ultimamente se tornou tão notavel com os seus estudos sobre a hereditariedade. Já agora é certo que as bases sobre que assentavam tantas theorias biologicas e sociaes estão profundamente abaladas, e em alguns pontos talvez completamente arruinadas. Assistimos á derrocada d'uma verdadeira muralha scientifica que parecia levantada para não mais cahir.

O heroe d'este momento nas sciencias biologicas, diz Kidd, sobre o qual parece ter descido o manto de Darwin, é o dr. Augusto Weismann, professor de zoologia na Universidade de Freiburgo, em Baden. Ha uns tres ou quatro annos que

os circulos scientificos d'aquelle paiz começaram a interessar-se na theoria do dr. Weismann sobre a continuidade do germo-plasma, uma theoria que, seja qual fôr o resultado da controversia que provocou, por certo ficará no futuro como uma das mais ousadas e magistraes concepções da sciencia, formando o justo complemento das theorias de Darwin sobre a evolução da vida. O professor Weismann é o homem de sciencia que procurou seguir com o microscopio a historia do germo-plasma que passa de geração em geração. As suas investigações levaram-no a formular uma theoria que affirma em primeiro logar a continuidade d'aquella materia desde o principio da vida. A isto junta-se uma explicação notavelmente ousada e simples da origem e fim do sexo e — mais importante ainda — uma theoria do mais largo alcance que nega a possibilidade da transmissão a um descendente de qualquer qualidade adquirida pelo individuo, depois do nascimento.

Seria difficil exceder em estranho e encantador interesse a historia que o professor Weismann esboçou d'estes atomos mysteriosos do protoplasma, nos quaes se originam os nossos corpos, estendendo-se, como elle nos diz, n'uma cadeia ininterrompida e immortal até aos mais remotos principios da propria vida. Nas suas investigações sobre estas unidades da vida levou o darwinismo mais longe no sentido da origem das coisas do que o seu mestre o tinha levado. De facto, procurou descobrir nas forças actuando entre os atomos, das quaes procede toda a vida, leis que ainda agora regulam o curso da evolução, e que presentemente têm o seu mais alto e mais largo campo d'acção nas sociedades humanas. O darwinismo, uma hypothese scientifica na sua origem, invadiu quasi todas as provincias do pensamento moderno. Transformou a sciencia; reconstruiu a philosophia. Assim, as crenças defendem-se d'elle com difficuldade. Mesmo por detraz da questão social levanta-se como um grande problema indefinido que para os espiritos de muitos dos mais pensadores terá de ser posto por qualquer modo n'aquella sociedade ideal do futuro, que é o sonho do socialismo.

Depois de nos informar sobre a vida de Weismann, que nasceu em 1834, B. Kidd dá-nos conta da sua entrevista com elle.

Perguntei ao professor Weismann qual era a sua opinião sobre o effeito das obras de Darwin na sciencia da Allemanha.

— Foi immenso, respondeu-me. Todas as sciencias o sentiram mais ou menos; seria difficil particularisar e dizer quaes o sentiram mais que as outras; transformou muitas d'ellas. E muito cedo ainda para procurar avalial-o. Darwin foi justamente apresentado como o mentor da biologia. Digo isto em opposição a muitos dos meus collegas no tempo em que as suas theorias foram discutidas pela primeira vez n'este paiz. Os seus principios são hoje geralmente aceites pelos homens de sciencia allemães.

— A que attribuir o facto de Darwin ter influido tão pouco sobre a sciencia em França, emquanto na Allemanha influia tão largamente?

— Talvez d'alguma forma por certa inveja nacional, em França não trocaram Cuvier por Darwin. Mas foi um erro que atrazou cincoenta annos o desenvolvimento das sciencias biologicas em França. É verdade que por fim houve uma mudança e a nova geração dos homens de sciencia em França já não está ligada á geração dos seus predecessores; mas a perda foi grande para a sciencia franceza.

Weismann admitte que o futuro tem para resolver graves problemas e que sobre muitos d'elles o darwinismo tem uma influencia mais ou menos directa. Estava ancioso por conhecer que influencia sobre esses problemas attribuia ás suas proprias theorias.

— Pensa, perguntei-lhe, que a sua theoria da não-transmissão ás creanças dos effeitos da experiencia e da educação nos paes trará modificações provaveis ás nossas concepções da sociedade. Pensa, por exemplo, que essa theoria tende a estabelecer que as classes mais baixas das cidades, se lhes concedemos um bom nascimento, são iguaes em heranças naturaes ás classes superiores?

Weismann não respondeu. Parece julgar que estas questões carecem de ser pensadas posteriormente.

Com relação á parte que, considerada relativamente ás doutrinas de Darwin, a religião representou na evolução da sociedade moderna, Weismann tem idéas assentes.

— Eu penso com certeza, disse, que a religião foi um dos mais importantes factores na evolução humana.

— Disse «foi». Considera que continuará a ser uma necessidade da sociedade?

Depois de uma pequena pausa, respondeu com uma decidida affirmativa.

— Considera que o darwinismo tornou mais difficil a crença nos dogmas do christianismo?

— Para os espiritos mais delicados é provavel que assim seja; para a multidão importa pouco.

E Weismann passou a dizer que a religião nunca assentou n'uma base que hoje esteja sériamente ameaçada.

— Ficará sempre alguma coisa, disse, que a sciencia não espera explicar, e isso continuará a formar a base da religião.

N'este ponto, Weismann levantou-se e tirou um volume da estante, dizendo:

— Já me declarei com certa largueza sobre este ponto.

O livro que tirou da estante era a versão ingleza dos seus *Estudos sobre a theoria da descendencia*, publicada por Sampson Low. Abrindo-o na secção sobre *a concepção mecanica da natureza*, apontou estas passagens, algumas das quaes leu alto:

«Posto que sustente que só uma concepção puramente mecanica dos processos da natureza é aceitavel, creio todavia que isto não é motivo para negar a existencia d'um poder director; só não devemos imaginar a sua interferencia dire-

cta no mecanismo do universo, e apenas que está por detraz d'este como a causa final do mecanismo». (Pag. 178).

E depois:

«Nós cremos que a natureza organica deve ser concebida como mecanica. Mas segue-se d'ahi que devemos negar totalmente uma causa final universal? Certamente que não. Seria uma grande illusão pensar que se tinha chegado á comprehensão do universo, referindo os phenomenos da natureza a principios mecanicos. Esquecer-se-hia que a presumpção da materia eterna com leis eternas de modo algum satisfaz a nossa necessidade intellectual de causalidade». (Pag. 710).

Depois de nos fallar das apreciações de Weismann sobre a Reforma e sobre os talentos e aptidões humanas, Kidd descreve a carreira do eminente professor, dá conta das suas obras e dos incidentes da sua existencia, e conclue com estes periodos:

Das notaveis theorias de Weismann relativamente ao germo-plasma, a mais saliente é talvez aquella em que procura no sexo a origem e causa da variabilidade entre os individuos, sobre a qual assenta toda a construcção do darwinismo.

Parece á primeira vista que é motivo de surpreza ligar-se uma tal importancia á questão da causa de variação entre os membros da mesma especie, como, por exemplo, entre os membros da raça humana, na qual provavelmente nunca houve dois individuos exactamente iguaes. Foi todavia sobre a existencia d'estas variações que o darwinismo se levantou; porque, se não houvesse variação, seriamos todos iguaes e não poderia haver lei de selecção natural assegurando a sobrevivencia do melhor onde todos eram igualmente bons. A evolução, de facto, teria parado e não poderia haver progresso. D'onde vem essas variações? Em grande parte são a consequencia do uso ou desuso de certos orgãos, diziam até ha muito pouco a maior parte dos darwinianos. Certos individuos desenvolvem certas partes ou orgãos em determinado sentido mais que os outros e transmittem aos seus descendentes esse desenvolvimento augmentado ou diminuido. Esta maneira de vêr, a que Darwin até certo ponto deu o seu nome, depois de correr mundo durante um quarto de seculo, veio a ser mudada pelo professor Weismann. As mutilações longo tempo continuadas não são claramente transmittidas; as qualidades adquiridas pelo individuo depois do nascimento são sempre transmittidas aos descendentes? A resposta do professor Weismann, depois d'uma vida de prolongadas investigações embryologicas, é claramente negativa. Além d'isso diz que, tendo em vista a historia do germo-plasma, é inconcebivel como elle póde levar á geração immediata o signal de quaesquer qualidades adquiridas pelo individuo depois do nascimento. Pondo de parte a questão do contracto physico da doença, nada adquirido pelo individuo depois do nascimento é jámais transmittido ao descendente.

Esta espantosa conclusão, o desenvolvimento, e a muitos respeitos, o ani-

quilamento das idéas de Darwin, levantou immediatamente a mais viva controversia. Se fôr estabelecida — e ao presente as provas são distinctamente em seu favor — terá os mais largos effeitos, não só sobre as questões biologicas, mas sobre muitas das nossas idéas da sociedade humana. Por exemplo, uma das nuvens mais negras que pairam sobre a nossa civilisação é a pintura da herança terrivel dos pobres e dos viciosos nas cidades e nos grandes centros de população. A miseria e a degradação durante a vida do individuo é muito má, mas quando, juntando-a a esta, a imaginação scientifica nos pinta os effeitos d'esse vicio e d'essa degradação transmittidos aos descendentes e accumulados de geração em geração, a pintura torna-se excessivamente medonha para podermos encaral-a. Até onde o professor Weismann é capaz de dissipar este pesadelo, a sua theoria é a melhor esperança que até agora produziu o darwinismo. Se toda a nova geração vem ao mundo pura e não contaminada, até então, pelas circumstancias e historia da vida de seus paes, estamos em vesperas do que é a muitos respeitos um novo evangelho. Mais do que nunca é occasião opportuna para pedir auxilio, se de futuro se reconhece que levantar o individuo é levantar a geração immediata physica e moralmente.

Mas se as qualidades adquiridas pelo individuo depois do nascimento não se transmittem aos descendentes, como, póde perguntar-se, continua o professor Weismann a ser um darwiniano e um evolucionista? A resposta é ousada e simples. As variações, sobre as quaes se opera a selecção natural no curso da evolução, são, diz elle, nascidas e não feitas no individuo. Essas variações são congenitas. Aqui temos a explicação do sexo, segundo o professor Weismann. Considera a reproducção sexual como uma organisação estupenda, por meio da qual a natureza continuamente mistura e fórma novas combinações das qualidades hereditarias d'uma especie inteira. Não ha dois individuos que sejam seguidamente sempre perfeitamente iguaes. O effeito da reproducção sexual é, de facto, fornecer as pequenas variações entre os individuos sobre as quaes opéra a selecção natural, e da existencia das quaes, consequentemente, depende todo o progresso na evolução da vida.

É para esperar que o professor Weismann viva o bastante para completar a obra a que se está consagrando.

— A influencia da theoria da descendencia, disse, adiantou os nossos conhecimentos do biologia a um ponto inteiramente incommensuravel.

Tem ainda diante de si o melhor dos annos de trabalho na vida, mas o campo é tão largo e tão vasta a perspectiva aberta sobre elle, que já ha logar onde caibam muitos trabalhadores ao lado de Weismann. Tem vivido em Freiburgo, em Baden, desde 1862, tendo obtido a cadeira de zoologia na universidade, e tenciona permanecer n'aquella tranquilla cidade, onde fez a maior parte da obra séria da sua vida.

— Tenho, accrescentou, muito mais tempo aqui para os trabalhos scientificos do que poderia ter em qualquer das universidades maiores da Allemanha.

Preferi ficar aqui e recusei ir para Breslau, Bonn ou Munich, d'onde tenho recebido convites.

A importancia e a novidade da doutrina obrigam-nos a recorrer ainda a outra fonte para melhor precisarmos as idéas de Weismann. Um homem de talento, a que as sciencias biologicas são inteiramente familiares, Grant Allen, procura definir n'estes termos a theoria de Weismann, não deixando de apontar a difficuldade de a reduzir a tão poucas palavras:

Cada individuo, planta ou animal, recebe em principio do seu pae ou paes uma pequena porção de materia formativa, que Weismann chama germo-plasma. Além d'esta materia o novo organismo desenvolve-se pela apropriação gradual de outros corpos externos. Mas cedo o germo-plasma, como Weismann crê, separa-se (grosseiramente fallando) em duas partes, d'uma das quaes cresce o novo corpo emquanto a outra parte persiste através da vida e fórma o germo-plasma que o recente organismo a seu tempo transmitte aos seus proprios descendentes. Assim, para tomarmos um caso concreto, o germo-plasma que C transmitte aos seus descendentes D, E e F, é realmente uma parte do mesmo germo-plasma que C recebeu dos seus paes A e B. Permaneceu inalterado no corpo de C durante todo o periodo do seu desenvolvimento pessoal, e agora por seu turno passou sem modificação aos filhos de C. É por isso que Weismann falla da continuidade no germo-plasma. Crê que elle é a mesma materia dos paes, de que o proprio organismo foi derivado, alimentado todavia pelas materias alimentares proprias, mas de fórma alguma modificado pelas mudanças funccionaes ou pelos habitos adquiridos.

Se isto assim é, claro está que não póde haver herança *alguma* das faculdades adquiridas. O germo-plasma que o pae transmitte aos seus descendentes deve ser precisamente o mesmo que anteriormente o pae herdou dos seus immediatos ascendentes. Assim, ha só dois modos (conforme Weismann) pelos quaes podem apparecer caracteres novos nas plantas ou nos animaes — primeiro pelas variações espontaneas do germo-plasma; e depois pela mistura dos differentes germo-plasmas dos dois sexos. Estes dois modos dão entre si todas as variações sobre as quaes a selecção natural tem a possibilidade de actuar; e entre estas variações a melhor sobrevive na lucta pela existencia.

Seja qual fôr o resultado da contenda, é certo que as doutrinas da hereditariedade, principalmente defendidas por H. Spencer e propagadas pelas escólas inglezas de psychologia, têm a luctar com uma hypothese dentro da qual cabem innumeros factos que até agora ficaram sem explicação ou muito vagamente explicados. A multiplicidade das fórmas da hereditariedade, os casos de atavismo, todos esses hiatos na transmissão

ou perdas totaes de caracteres adquiridos, tudo isso vai fundir-se na regra geral de Weismann. As acções antagonicas que destruiam heranças provaveis, e que já Prosper Lucas attribuia á força intima que designava pelo nome de *innéité*, esse poder innato, a cuja conta deviamos lançar a origem da variação nas especies animaes, seria afinal a lei suprema. As variações são congenitas, diz o novo mestre; essa tendencia veio com a força propria dos atomos que atravessaram inalterados as gerações passadas. Voltamos ao mysterio antigo; tornam-se em pó as previsões e as relações por que nos guiavamos com tamanha ousadia. A hereditariedade continúa a existir como lei scientifica; mas prevêr a sua realisação para cada caso particular é quasi impossivel desde que não se admitte como regra geral a herança immediata, de paes a filhos, das qualidades adquiridas por aquelles depois do seu nascimento.

Se a nova doutrina vier a ser confirmada, cahem por terra mil evangelhos de sciencia social. Ai dos assassinos que pretendem ser absolvidos porque o pae fôra bebado! Fechando por um momento todos os catechismos naturalistas, viremos á dura e velha regra em que o mais seguro era premiar os bons e castigar os maus.

Crimes e penas

De resto, independentemente das novas doutrinas de Weismann, as theorias da hereditariedade estavam longe de ter adquirido o grau de certeza necessario para isental-as de discussão. É o que, estudando a sua applicação ás questões criminaes, podemos vêr n'um artigo de Arthur Desjardins, publicado recentemente na *Revue des Deux-Mondes*. Diz assim:

> O crime explicar-se-hia pelas influencias hereditarias. Tal é, na ordem logica, a primeira concepção da anthropologia criminal...
>
> O que primeiro se torna evidente, na exposição succinta d'essa these anthropologica, é o esquecimento do methodo experimental que se pretende appli-

*

car. Primeiro está averiguado que nem todas as doenças são hereditarias; e depois não está estabelecido, antes pelo contrario, que as doenças reputadas hereditarias se transmittem necessariamente. Ninguem ignora, por exemplo, que o filho nascido do pae valetudinario e de mãe sã póde ter tanto d'um como do outro; accrescentemos: póde não ter coisa alguma nem d'um nem do outro. Depois enxerta-se conjectura sobre conjectura; o pensamento, o sentimento, a vontade, não sendo coisas tangiveis, resta demonstrar que podemos assemelhal-os a factos «somaticos», quer dizer submettel-os ás mesmas regras que os phenomenos puramente physiologicos. Ora, affirmado que é preciso em primeiro logar pôr de parte «as incertezas da metaphysica», enunciamos uma proposição negativa, e não se provou coisa alguma. É preciso, pois, sob pena de faltarmos até ao fim ao methodo experimental, recorrermos á estatistica; mas as premissas da sciencia exacta não se conformam com as conclusões da sciencia conjectural. Seja qual fôr a fonte em que bebermos, descobrimos que os criminosos descendendo de paes que soffreram condemnações, são a minoria, que os criminosos nascidos de paes honestos formam aproximadamente uma maioria de dois terços. Ainda seria necessario estabelecer, o que não se prova (seria mesmo facil provar o contrario), que os delictos dos primeiros se explicam só pela hereditariedade, emquanto somos obrigados a attribuir os delictos dos segundos a outros factores.

E por isso que os mestres da sciencia anthropologica substituem á these da hereditariedade directa a da hereditariedade «alternativa e interrompida». O barão Garofalo, vice-presidente do tribunal civil de Napoles, explica com uma grande precisão, na sua *Criminologia*, que a interrupção, mais ainda quando se trata de tendencias criminaes (não se comprehende bem porque) que das outras transmissões pathologicas, tem logar durante muitas gerações e que o caracter d'um antepassado se encontra exactamente n'um descendente afastado. É o atavismo humano; porque ha, como em breve veremos, um atavismo prehumano. «O crime, diz Lombroso, professor de medicina legal na universidade de Turim e chefe da escola, no segundo capitulo do *Uomo delinquente (Il delitto e la prostituzione nei selvaggi)*, não é, nos selvagens, uma excepção; é a regra quasi geral».

Vem a concluir o professor de Turim que os criminosos formam uma raça áparte, uma raça de degenerados, que por via do atavismo voltaram ao estado selvagem. Ao que responde o artigo que vamos analysando:

É verdade que os dados historicos contrariam os theoricos da regressão atavica. Sumner Maine, no seu *Antigo Direito;* Fustel de Coulanges, na *Cidade Antiga;* Pictet, nas suas *Origens Indo-Europêas;* d'Arbois de Jubainville, nos seus *Estudos sobre os antigos Celtas*, não representam os nossos antepassados historicos como um rebanho de animaes insensiveis, desapiedados, roubando, violando e matando sem consciencia do delicto. O doutor Letourneau, secretario geral da *Sociedade de anthropologia*, verifica nos Pelles-Vermelhas, nos Gopas e nos Kou-

pins da Asia «o desenvolvimento dos sentimentos altruistas» (piedade, dedicação, etc.)! E que não vão sufficientemente longe, replica a nova escóla. Será preciso ir até aos anthropoides, e ahi tocamos o ponto culminante do atavismo prehumano. Lombroso abriu o caminho, estudando successivamente, no primeiro capitulo do *Uomo delinquente*, «as apparencias do crime nas plantas e nos animaes», «os equivalentes do crime e da pena nos animaes». Mas quem não vê que a nova sciencia, mergulhando até estas profundezas, vai de conjectura em conjectura? Demais, estes antepassados, de que fallam com irreverencia alguns filhos ingratos, acharam tambem na sua descendencia respeitosos defensores. Brehm e outros observadores apontam-nos «a piedosa cooperação, a assistencia mutua e a heroica abnegação» das sociedades simianas.

Proseguindo na analyse das doutrinas da escóla moderna, Desjardins conclue com estas palavras:

Em logar de considerar habitualmente o criminoso, conforme Ferri, como um ser votado ao crime pela sua constituição hereditaria, organica e psychica, Guillot reconhece á maior parte dos delinquentes (e talvez em França não encontre um collega que o contradiga) as mesmas faculdades e as mesmas aptidões que aos outros homens. O crime não fez uma erupção violenta na sua vida; introduziu-se n'ella lentamente, por uma successão de fraquezas, encadeando-se umas nas outras; a sua consciencia não emmudeceu no primeiro dia, foi com o correr do tempo que deixou de ser ouvida no tumulto das paixões ou dos interesses. As suas más acções não são o resultado necessario d'uma desordem physiologica, d'uma reapparição de antepassados ou d'uma degeneração. A historia da sua mocidade e da sua idade madura, as suas proprias confissões provam que n'este ou n'aquelle momento podiam parar no mau caminho. Fizeram-no outros, cuja vida se conhece, aceitando, sem duvida, a mão que lhes estendiam, aproveitando as lições que lhes davam, mas não o fizeram sem um esforço da propria energia. Os primeiros como os segundos eram senhores de si. É por isso que a sociedade póde e deve, propriamente fallando, não eliminar esses delinquentes, mas punil-os.

O renascimento religioso

O sentimento religioso não morreu, apesar do desenvolvimento da sciencia. Sobre esta these, ao presente muito discutida, escreve Jean Honcey na *Revue Bleue:*

Com Pasteur, a theoria das gerações espontaneas mostrou-se culpada de impostura; com Hirn, entre muitos outros, as manifestações de calor, de luz, de

electricidade da força, deixaram de ser as propriedades da materia. Provou-se, por exemplo, que a attracção cosmica não era devida á vibração d'uma materia diluida, servindo-lhe de conductor; que não existiam no espaço interstellar atomos «levados» uns contra os outros, de maneira a «aproximar» os astros que encontraram nas suas opposições, como imprudentemente se affirmára; que a astronomia nunca encontrou nas perturbações dos planetas e dos seus satellites coisa alguma que podesse ser attribuida a uma resistencia d'essa natureza; que a luz e a gravitação sideraes são energicas, «transcendentes». Fez-se a mesma observação para os agentes dynamicos de que dispomos. Fomos obrigados a reconhecer que eram intermediarios, mas distinctos, substituindo-se uns aos outros sem perda alguma, constantes nas suas metamorphoses, entre a materia e o elemento animico, o que auctorisava de novo todas as esperanças relativas á sobrevivencia d'este elemento, de que eram os servos e os mensageiros. Impossivel qualquer confusão do espirito com o organismo, agora ao mesmo tempo separados e ligados por fios immateriaes de communicação: o movimento, o calor, a electricidade. Já não se póde affirmar que o pensamento é uma secreção, que as moleculas do cerebro deslocando-se produzem a consciencia e a vida: uma mudança de relações entre todos estes pequenos cadaveres não poderia determinar o sentimento senão se entre elles houvesse alguma coisa mais que extensão, impenetrabilidade e mobilidade.

O proprio pessimismo das sociedades modernas é um prenuncio do renascimento religioso.

De certo, o mal é profundo, parece incuravel. Muito bem! Pois o seu excesso será o proprio remedio. Digamos antes que o pessimismo não é um estado, mas uma crise que deve conduzir a recuperar as nossas forças. O pessimismo não foi sempre o estimulante do progresso? São os satisfeitos os que mais trabalharam na civilisação? Não, são os descontentes. O soffrimento tem o seu lado bom: é um freio, e tambem um aguilhão. O homem teve frio, e inventou o fogo; amou, e inventou a linguagem; perdeu a sua fé, vai procurar uma outra.

Crispi

Leisure Hour tentam esboçar o retrato do presidente do ministerio italiano.

Segundo esse periodico, Crispi é um homem grosseiro, d'uma vontade energica, irascivel, senhor absoluto, não podendo tolerar a opposição. Os espectadores das tribunas conhecem-lhe a excitação pela côr da calva.

Esse homem curioso, mixto de audacia e fraqueza, que venceu pela pura força da arrogancia, adora a sua patria italiana; mas, estranha contradicção, despreza os trinta milhões de italianos de que essa patria se compõe. Quando alguem se atreve a criticar as suas opiniões, na imprensa ou na tribuna, publica ou particular, immediatamente fica furioso de cólera.

Os liberaes, da direita e da esquerda, imaginam-no um autocrata do mais puro metal. Os democratas consideram-no cortezão, os conservadores um demagogo; para os franc-maçons é como um Deus, para os catholicos um Anti-Christo. A extrema esquerda queria-o mais francez e a esquerda historica menos austriaco. Todos os grupos o louvam, o censuram e o lisongeiam.

O maior inimigo da Italia é ainda o Vaticano. A firme attitude de Crispi contra elle sustenta-o no seu logar, assim como a falta d'um successor digno.

O seu idolo é o principe de Bismarck. Como elle é verdadeiro dictador no governo; os seus collegas são simples secretarios.

A vida rural em Hespanha

Na *Revista Contemporanea*, D. Enrique Serrano Fatigati dá-nos um esboço pouco lisongeiro da vida rural em certas provincias da Hespanha.

Em Castella, como entre nós, no Alemtejo, logo ao correr nos caminhos de ferro se nota a mesma falta de população. Só de longe em longe se avista um grupo de casaes á volta d'um campanario, depois uns campos que se animam durante poucos dias do anno, e depois até á primeira aldeia a planicie immensa, monotona, despovoada e inculta.

A população é rara e o seu estado intellectual e moral pouco para cubiçar; na classe dos cultivadores ha uma rudeza

completa quanto a processos agricolas e na dos proprietarios um inteiro abandono dos trabalhos que n'essa qualidade lhe competiam. O lavrador cultiva pela mesma fórma que os seus paes e avós, emancipados no seculo XI pelos fóros de Leão. Em troca o proprietario gasta á moderna as suas rendas, habitando Madrid ou a capital da provincia, não fórma uma familia de lavradores mas uma familia aldeã cheia de appetites citadinos, com rapazes que matam o seu aborrecimento pelos casinos, arriscando o producto d'uma colheita. Não perdem todavia o seu tempo os cultivadores intelligentes e as mulheres cuidadosas, que por suas mãos dirigem as lavouras, estimulados pelo proprio interesse e pelo espectaculo formoso dos campos, variando sempre ao correr alternado das estações.

Ainda como entre nós, passando do Mondego para o norte, a vida rural muda de feição em certas provincias. Ha em Valencia espirito rural no arrendatario, que logra o que o proprietario não alcança. E o mesmo succede nas margens do Ebro, no Aragão e muitos outros pontos.

O regimen das chuvas, a altura das terras e a natureza do sólo, não são as unicas razões da falta de bom cultivo em Castella. Concorrem igualmente para isso uma historia infeliz, uma administração menos feliz que a historia e a falsa direcção da educação nacional.

A historia é bem conhecida; está traçada nos cadernos das côrtes com todas as leis prohibitivas contra o desenvolvimento da vida rural, todo o damno causado aos lavradores por uns nobres, antecessores dos nobres actuaes, mais humanitarios e cultos, mas que todavia vêem hoje com desdem o cuidado pessoal das suas herdades. A administração concorre no mesmo sentido; pratica o curioso principio de que os homens publicos hão de ser illuminados pelo Espirito Santo; as culturas improvisadas em sciencias que nunca se praticaram, e leitura de dados recolhidos em condições naturaes differentes das do logar em que hão de ser applicados, e a erudição formada sem pisar os terrenos nem viver na aldeia servem para lavrar excellentes relatorios, mas nunca para remediar os males. A educação é pu-

ramente litteraria, tendo em muito pouca conta as sciencias naturaes, não leva á comprehensão do gozo puro que produz a contemplação do trabalho dos campos, mas antes a fallarem d'elles como coisa indigna do corpo.

A agiotagem floresce e D. Enrique Fatigati conta a esse respeito um caso caracteristico. Um viuvo e a filha, cuja modesta fortuna foi engrossar a d'um *cacique* da aldeia, por negocios de usura, teve que ir servir, elle de creado e a filha de creada, em casa do seu expoliador. Pois quando chegou a primeira vez de receberem a sua soldada, o novo judeu negou-lh'a porque bem ajustadas as contas os creados ainda estavam em divida!

Jayme de Magalhães Lima.

ALMA POSTHUMA

A JOAQUIM DE ARAUJO

Inclinou os céus, e desceu; a escuridão estava debaixo dos seus pés.

Psalmos de David.

I

Ha pouco tempo que te vi, e ainda trago
como num medalhão de luz espiritual,
a tua fronte angil, cheia de graça real,
e envolta no luar de um sonho puro e vago.

Como o sol ourejando a toalha de um lago
faz das aguas em calma um rutilo metal,
o teu olhar traçou no meu peito autumnal
toda a faxa estellar da Estrada de S. Thyago.

Creio que vou amar-te. Em bando, as andorinhas,
vendo que o inverno chega, andam como quem quer
arribar na minha alma e ser tuas visinhas...

Sinto que alguma coisa intrinseca me doira,
alguma coisa ideal que deve parecer
uma tulipa azul numa cabeça loira.

II

Eu penso ainda em ti. A noite ao longe desce
sobre o mar que coalhou numa calma de chumbo...
A pouco e pouco, mais eu sinto que succumbo
ao afago da luz astral que te opalesce.

No oriente a lua surge, e cresce, e cresce, e cresce,
como a fulva impressão que no meu peito entumbo
e que me deixa na alma assim como um retumbo
d'essa luz radial que as brumas enlaivesce.

E eu, sereno, a fitar o involucro das Cousas
e os flocos alvoraes de estrellas mysteriosas
que espreitam no Nascente através de oleastros,

lembro-me que a tua alma, onde eu tenho em refem
mil sonhos mutuaes, deve assim ser tambem
uma cupula azul toda hyssopada de astros.

III

Teus olhos ogivaes de perola e jacintho,
como a estrella irial que encaminhou os Magos,
abrem de par em par os horisontes vagos
de um céo espiritual que eu já pensára extincto.

Ao vêl-os como quem quer vêr o Azul do quinto
circulo divinal — meus mariaes oragos! —
eu creio vêr á flôr de dois serenos lagos,
duas ilhas de um céo mystico, indistincto...

Rosa tricolorada, unica, oracular,
neve no corpo, sol na trança, azul no olhar,
signo do meu amor tripartido em ventura!

Como devo adorar-te e ser o teu escravo,
como devo cantar-te em verso altivo e bravo,
mulher tres vezes bella, flôr tres vezes pura!

IV

O teu amor vai-se-me abrindo mudamente,
bem como lagrimas de espirito gotteando...
— Hoje reavigorou-se a minha crença quando
me déste o lirio casto, immarcessido, albente.

Trago-o sobre o meu peito aconchegadamente,
como se fosse um amuleto venerando,
e o seu mystico olôr vai-se coando, coando
para os nectarios da minha alma transparente.

E parece que tenho estrellas dentro da alma;
meu coração — um mar — espelha-as na agua incalma
como despojos de um phantastico thesoiro.

Gira em volta de mim um sonho perfumado,
como se, vagamente, eu andasse enlaçado
numa rêde alvoral de trepadeiras de oiro.

V

Em vão tentas reter o amor que te incendeia!
— O teu olhar, duplicamento da Altaïr,
é como um lago que tentasse comprimir
a planta que cresceu no seu leito de areia.

Bem sei que sou amado. A febre que te anceia,
como um côro allemão faz-te chorar e rir,
parece que algum sonho oracular de emir
nevoentamente o teu destino delineia.

Pensas em encobrir-me essas fruições secretas,
e não te lembras que o perfume nas bocetas
se deixa adivinhar embora esteja occulto...

— Eu vejo claramente a tua alma de opala!
— como Thereza de Jesus nos véos do culto
via o Christo descer da cruz para beijal-a.

VI

Vaes para longe, e eu vejo em uma ideal carreira
lenços brancos de noiva acenando, distante,
esperanças de amor, como uma pomba afflante
que foge e deixa as penas alvas por esteira.

Pensas em encontrar longe de mim a beira
do abysmo cochlear, em cuja guela hiante
ha de morrer o Amor, o alvo romeiro errante
que te leva ao Azul vestida de romeira...

No emtanto ahi, e em toda a parte, has de encontrar
a mesma lua, o mesmo sol, o mesmo ar,
que deixaste commigo e que eu ainda sinto.

Foges para apagar o brilho que te aterra,
e todavia o amor que desejas extincto,
será como o céo puro — azul em toda a terra.

VII

Podes fugir-me. Longe, eu hei de inda adorar-te
e sentir-me banhado em luz de amor sereno...
— Foges, e nem sequer te lembras, sonho helleno,
que as radiações do sol chegam a toda a parte.

Eu distingo-te em tudo onde a côr se reparte,
na luz, no ar, no som, no nevoento aceno
de alguma aza que vôa... — e nesse lirio ameno
que tu me déste e que murchou só de chorar-te.

Se mais te afastas, imagino-te mais perto,
talvez por penetrar em o meu peito aberto
o aroma que, fugindo, o teu vulto heril perde...

... Chora a lua de noite, e chora o sol de dia,
e eu choro-te tambem, saudoso, e todavia
a minha esprança é como o cedro — sempre verde!

VIII

Sonho acordado! — O meu amor manteia tudo
com um luar somnambuloso que etherisa;
e apesar de distante o meu olhar divisa
a tua alma a nadar num oceano mudo.

E, num automatismo espiritual, desnudo
a soledade clausurar que te escravisa,
como se uma visão fulva de pythoniza
rasgasse o véo que aparta os sonhos de velludo...

Minha alma é como um lago aonde surge a lume
uma haste bifloral que em si mesma resume
puras, coessenciaes, nossas crenças amenas;

a flôr que te pertence oscula a agua a custo,
e a outra, a minha, então, busca tocar apenas
o céo com que a tua alma azula o lago adusto.

IX

Regressas afinal mais pallida, dir-se-hia
que o meu choro cahiu na solidão remota
como a humidade, verde, escorre gotta a gotta,
sobre as paredes auguraes de uma enxovia.

Lá, o sol que lanhava os campos, dia a dia,
com mil espadas de oiro, achava sempre a cóta
que o meu amor te sobrepôz na alma ignota,
essa alma que me teme e que me desafia.

Mas tenho-te outra vez ao lado, e agora creio
que a força da paixão derrubará o esteio
que sustenta não sei que mysterioso orgulho.

Como uma flôr de lume, incendiada, aberta,
que o inverno sepultou em gelo, e que é liberta
pela ardencia radial de um fulvo sol de julho!

X

Sae emfim de esse olhar a essencia baptismal
do amor que me votaste!... — eu predizia-te isto...
e mais, sonho de um sonho, eu nem sequer avisto
o que a minha alma tem no seio alleluial.

Mesmo este amor de que tu tens um outro igual
andava dentro em mim, como um incenso mixto;
e eu sentia-lhe o olôr — a minha febre diz-t'o!...
como um cego que sente o aroma de um rosal.

Emfim um dia vislumbrei no teu olhar
duas portas azues, abertas par em par,
offertando um pombal aos meus sonhos andrinos...

Hoje dizes amar-me!... — e a tua voz é um canto
que me traz a alegria appetecida ha tanto,
no venusto alçalá de uns labios matutinos.

XI

Ao longe, ergue-se o sol; e dentro do meu peito
abre-se uma janella onde entra o dia claro
em bátegas de luz, janella donde encaro
a paizagem vernal do nosso amor perfeito.

Desde que abandonaste emfim todo desfeito
o mongil que opprimia um sonho grande e raro,
tua alma verte em mim olorencias de azáro
como torrentes de velludo liquefeito...

Embebeda-me o olôr de esta ventura immune
e, numa acusma branda, oiço Santa Thereza
epithalameando o amor que nos reune...

Custa-me a respirar, como se estes arquejos
fossem a evolação dos incensos de beijos
que perfumam meu peito — uma capella accesa!

XII

Os vendavaes do Sangue!... Ah, sim, não me lembrava
quando te vi e amei celestialmente pura,
que tinha de curvar-me ás leis de uma tontura
violenta, ignea, hostil, como um rio de lava.

Era uma obcecação o sonho que eu sonhava,
um combate entre o morto e a propria sepultura.
— E despertas-me para anodoar a alvura
de esta grande affeição tornada agora escrava!...

Pois bem! — vistámos luto ás almas illudidas,
mutuemos a viuvez, e as pobres doloridas
que temos dentro em nós como remorsos de ouro,

Deixemol-as sonhar sob o sol que as incende,
conforme um par de madresilvas que se estende
numa ruina espectral — como risos de um choro!

XIII

Fórmas bellas talvez, mas fórmas de mulher
que pedem beijos cautereticos aonde
vá tudo o que é venal, tudo o que a carne esconde,
numa golfada de aço e sangue de prazer.

Julguei-te num momento uma ficção de um sêr,
e que a tua alma, esse ecco ideal que me responde,
domando emfim a Carne, alargaria a fronde
para eu, á sua sombra amiga, adormecer.

Mas não! Tu és mulher; o sangue que em ti gira,
quer um sangue coïgual que em cada veia fira
as notas sensuaes de uma affeição vulgar.

Eu sou como Jacob, um visionario doudo!
sonhava coisas divinaes sem me lembrar
que a terra onde dormia era sómente lôdo!

XIV

Ao delir-se no ar a minha crença nobre,
como um sonho radial de amor que se desgarra,
dar-te-hei a derradeira flôr que pende sobre
este meu coração frio como uma jarra.

E depois, quando a minha arrogancia desdobre
uma nuvem polar nesta affeição bizarra,
quando o luar vier cobrir-me, como cobre
os penhascos do mar, recurvados em garra;

desfolharás a flôr, e, lentamente, como
quem sorve a pouco e pouco a frescura de um pômo
has de mandar-m'a folha a folha... — E eu, semi-morto,

na acescencia fatal da minha alma em exilio,
hei de vêr nessa flôr, que lembra o nosso idyllio,
uma laudana de oiro a irradiar conforto...

XV

Vens vestida de noiva. A corôa que cinge
a tua irial cabeça em flôr de laranjeira,
vai finalmente ser anodoada, inteira,
pelo sangue fecal que o meu coração tinge.

Tenho de esfarrapar a diasprada stringe
que eu mesmo te vesti — oh mysteriosa freira
do meu culto ideal! — quando nos ria á beira
a aurora espiritual que agora se destinge.

É ventura?... — talvez... — porém ventura negra;
as lagrimas tambem consolam uma dôr,
mas gastam toda a luz vital que nos alegra.

E essa ventura que tu vês num altar floreo,
terá de incinerar no rutilo incensorio
a tua virgindade e todo o meu amor!...

XVI

Sorris. No teu olhar perpassam andorinhas
cantando uma alleluia... — e dentro da minha alma
ha um céo que anoitece entre a penumbra calma
de um novello de luz que enrola, lento, as linhas.

E emquanto que o meu corpo, ébrio quando o acarinhas,
encontra no teu seio o aroma que o açalma,
sinto que roçam com mil folhas de agripalma
neste meu coração que tu outrora tinhas.

Parece que um *simoun* phantastico de sangue
nos veio sepultar aquelle amor exangue
tão cheio da harmonia alvissima do Ar...

E que de entre essa espuma ardente, empedrenida,
surgiu, vermelha como um cacto singular,
a mão de um assassino a querer dar-lhe vida!

*

XVII

Sacrifiquei-me emfim! Emfim sacrifiquei-te
no fogo sensual que tu mesma accendeste...
Eis-te pallida, triste, e o brando olhar celeste
são flôres de agapantho a boiar sobre leite...

Julgavas-me talvez um louco, e eu adorei-te
como se adora um sonho intermino que veste
uma toga da côr das neves do Everest,
por sobre o amor febril que um coração estreite.

Durou pouco a albação que nos ungia; agora
tudo é crepuscular... — E as lagrimas que chora
uma Recordação que eu santamente guardo,

vão-me rasgando dentro da alma que se eleva,
mil traços cruciaes de um reflexo pardo,
como num céo de luar, relampagos de treva!

XVIII

Anodôa-se emfim a pura obsidiana
de que eu formei um dia o limpido agnisterio
de este amor patronal, incomprehendido, ethereo,
como o ecco subtil de uma longinqua hossana.

Imaginei teu corpo a concepção ufana
de um esculptor sabeïsta; e em vez de esse venereo
sangue que te ardentisa, eu julguei que um psalterio
nas tuas veias deixava uma harmonia insana.

Desmorona-se-me a alma em ruinas ignoradas,
de uma brancura e de uma olencia, tão sagradas,
como fragmentos congeniaes de galipodio.

Se te fito e te aperto, adoro-te com furia,
porém se penso em ti, distante, essa luxuria
esverdeia-me o peito em punhaladas de odio!

XIX

Eu contemplo a scismar o Passado entre a espessa
mortalha espiritual que agora nos comprime,
e vejo-o, como quem, nos remorsos de um crime,
vê a victima a erguer-se a pouco e pouco da eça...

E se tento delir todo o meu sonho nessa
volupia sagittal que atheíza e redime,
distingo a phantasia escura que me opprime
reflectida no luar de essa carne inconfessa.

Em toda a parte encontro um ecco de esta voz
que me falla em segredo... — E entre os estreitos nós
dos teus braços febris, crispados e nevroticos,

sinto baixar a mim um phantasma nevoento,
como uma pomba astral que busca o alimento
no musgo secular de uns velhos templos gothicos...

XX

Luto por toda a parte, em toda a parte o eterno
pavilhão bicolôr de sangue e treva erguido!...
— E, sempre, dentro em mim, as legendas do Inferno
apertando a espiral de um sonho derruído.

As flôres antumnaes, que o meu sepulchro interno
creava na aridez de um amor esvahido,
vão já seguindo os redemoinhos de um inverno,
como os ultimos sons de um ultimo gemido.

Automato, eu arrasto a minha ermitania
com um manto de chumbo... E emquanto a luz do dia
tece no extenso Azul a teia de purava,

a minha alma de sonho, igual á pomba da Arca,
vai rasgando, rasgando o Azul que a vista abarca
e volta semi-morta, extenue, exangue, escrava...

D. João de Castro.

Nota. — Alguns versos de este poemeto são accentuados á maneira da Escola Decadista franceza, offerecendo assim diversas variações de rythmo. Em Portugal, onde só a antiga maneira de Verlaine tem sido apreciada numa ou noutra versão (de G. Crespo, por exemplo), os processos artisticos de essa Escola representam, por emquanto, uma tendencia, não consagrada. Dahi a necessidade de esta nota.

D. J. de C.

A ESCÓLA DE BARBIZON [1]

Barbizon é uma aldeia na ourela occidental da floresta de Fontainebleau, onde Rousseau, Diaz e Millet viveram muitos annos e que Corot e Daubigny visitaram algumas vezes. D'esse facto veio a lembrança de appellidar Escóla de Barbizon as obras d'aquelles pintores, e o genero de pintura que tem identicas preferencias de objecto e identicos processos de realisação.

A sua arte significou um protesto contra a pintura convencional da paizagem, ao mesmo tempo que a tomava como materia principal e unica do quadro, quando anteriormente era em regra simples accessorio, destinado a realçar objectos e pensamentos estranhos, o campo em que se moviam a humanidade e a vida, mas tão frio e inanimado como as paredes d'um theatro.

Veio, porém, um tempo em que nos campos e no arvoredo, outr'ora mudos e immoveis, sentiu-se uma intensa vibração de vida, e nas aguas, nas montanhas, nas seáras, pela terra intei-

[1] David C. Thompson, *The Barbizon School of Painters, Corot, Rousseau, Diaz, Millet, Daubigny*, etc. London, Chapman and Hall, limited; 1890.

ra, sentiu-se um poema de lucta, de paixão, de poesia e de grandeza. Interpretal-o e traduzil-o foi a obra dos pintores de Barbizon.

Ora eu penso que esse facto não significa sómente uma substituição ou alargamento da materia e dos methodos na pintura: é symptoma de certo estado de espirito, uma entre muitas das manifestações de novas forças que no fim do seculo XIX iniciam uma reforma moral com larga influencia em toda a vida humana. E creio que, entre outras razões, a significação da arte em todos os tempos e particularmente a observação das relações entre os sentimentos dos pintores de Barbizon e as suas obras justificam este modo de vêr.

I

A historia mostra-nos que o homem consagrou sempre o melhor das suas faculdades estheticas áquillo que mais profundamente influia no seu espirito. Toda a arte primitiva, e ainda mesmo a arte de civilisações tão complexas como a da Grecia e de Roma, está ou no templo ou no tumulo; o primeiro esforço artistico do homem foi offerecido aos grandes problemas que lhe agitam a alma, o mysterio da morte e o conhecimento das forças que regem a terra e os destinos da humanidade. O logar que na arte occupam os feitos guerreiros, na Assyria e no Egypto, ou a vida politica em Roma, são estreitos relativamente ao logar que respectivamente foi dado á religião: desde as mesquitas do Oriente até ao Panthenon de Athenas e á sombria e vasta cathedral christã, é nos templos que temos de procurar as mais altas e grandiosas expressões da arte. Ainda hoje, a gente rude que nunca teve nem cortou flôres para seu gozo, vai depôl-as aos pés das imagens sagradas; e pobre, avára e mesquinha, não regateia o sacrificio do seu mealheiro para construir igrejas e adornar altares. Consubstanciando toda a vida mental na religião, é ahi que quer deixar os pro-

ductos mais formosos do seu trabalho. E naturalmente este estado persistirá eternamente para as camadas inferiores das sociedades.

Não ha duvida que a arte deve manifestar-se independentemente da religião, por isso que uma e outra significam o desenvolvimento de faculdades distinctas do individuo; mas a historia tende a mostrar-nos que na base de todas as civilisações essas duas faculdades confundem-se e enredam-se na applicação a um mesmo objecto. Sem irmos mais longe, bem perto de nós, ha quatro ou cinco seculos apenas, não vimos a pintura e a architectura quasi exclusivamente ao serviço da igreja christã? Os nomes de Raphael, de Miguel Angelo, de Murillo, de Ticiano, de Tintoreto e de tantos outros provam-no claramente. O facto é tanto mais evidente quanto é sabido que simultaneamente outros sentimentos e aspirações crearam outras escólas.

Emquanto na Italia e na Hespanha o fervor religioso consumia toda a actividade artistica, na Hollanda, sob um clima ingrato e n'um sólo que sem o trabalho humano, espontaneamente, nada produz, aos homens irremissivelmente votados a uma lucta sem treguas para manter a existencia, o lar domestico conchegado e tepido, e já mesmo a vida agricola, offereciam-lhes um ideal tão alto como além os extasis divinos entre a prodigalidade da natureza. Cada espirito, cada modo de sentir e de pensar creou uma arte differente, o que é de resto uma verdade banal. O commercio dos povos transmitte, amalgama e confunde concepções estheticas differentes, mas só a feição particular de cada um, a mesma força que determina o estado social, regula a applicação d'esse producto ultimo: as cruzadas, no templo gothico, trouxeram á religião christã alguma coisa que aprenderam entre pagãos, como em tempos mais remotos a Grecia aprendera tambem no Oriente muita coisa que trouxe para os altares dos seus deuses. A significação da dadiva é determinada, não pela natureza d'esta, mas pelo caracter da divindade a quem é offerecida.

Reconhecendo, pois, na arte um substratum de natureza mo-

ral, que significa n'este ponto a escóla de Barbizon? Uma reacção, não só contra certas convenções artisticas, mas tambem contra um estado de civilisação em que os instinctos humanos se encontram pervertidos por um afastamento excessivo da liberdade e das condições naturaes, uma ambição de paz, de simplicidade e de sinceridade, um protesto contra a existencia febril e mentirosa das cidades modernas. Esses homens, que foram esconder-se n'uma aldeia, vinham dizer-nos que, além dos milhões, das carruagens, das amantes, dos bailes, do jogo, do theatro, das festas, dos palacios e dos monumentos, além das allucinações do prazer, no repouso dos campos e nas sombras da floresta havia alguma coisa superiormente bella; e vinham dizer-nos mais que, além dos banqueiros, dos generaes, dos ministros, dos imperadores, dos deputados e dos sabios, além da febre da ambição e do saber, alli junto a uma enxada ennegrecida de suor e de esterco, havia alguma coisa superiormente digna.

Os criticos referem que Corot, Rousseau e Daubigny eram naturaes de Paris, assim como Turner era de Londres. D'ahi pretendem deduzir que não é a existencia no campo a mais propria para bem comprehender a sua belleza; e até, se me recordo, li algures, em livro afamado, que a gente do campo é a mais capaz de perceber a belleza da cidade e, inversamente, a gente da cidade a mais capaz de apreciar o campo. O facto explicar-se-hia pelo contraste e pela novidade da impressão.

Tal asserção, porém, soffre contestação n'um mais detido exame. Se por um lado a novidade é motivo de interesse, a que de ordinario se associam causas de differente genero, como são os beneficios physicos que a gente da cidade goza quando vive no campo; por outro lado a experiencia diz-nos que só o exercicio avigora as faculdades e, por conseguinte, applicando a regra, veremos que para perceber toda a belleza do campo é preciso tel-a observado repetidas vezes. Isto que é uma verdade geral, para as impressões oculares é particularmente exacto. Dêmos um microscopio de dois mil diametros a um principiante e

elle não verá com esse instrumento nem metade dos objectos que póde vêr um homem experimentado no seu uso; a capacidade de observação visual só muito lenta e gradualmente se desenvolve.

Sendo certo que essa capacidade sensual é a base physica da obra d'arte e não sendo provavel a sua existencia nos pintores de Barbizon, por isso não poderiam ser de ordem sensual os motivos que os levaram a consagrarem-se á paizagem. A ordem natural do conhecimento é — interesse, attenção e percepção —; ora, não julgando provavel que os prazeres sensuaes fossem immediatamente tão vivos que produzissem o elemento inicial, o interesse, é forçoso procural-o fóra d'esse campo e não poderemos encontral-o senão n'uma especie de alegria physica que vem da luz e do ar livres, na alegria moral que vem da paz e da simplicidade da vida nos campos, e n'uma profunda sympathia com estes sentimentos.

Foi d'esse amor, junto a naturaes faculdades artisticas que nasceu a sua obra.

Os factos da sua vida intima esclarecem particularmente este ponto.

II

O pae de Corot, desejando que elle seguisse uma carreira commercial, em resposta ao pedido para dedicar-se á pintura, disse que apenas podia dar-lhe sessenta libras por anno, julgando que por esta fórma levaria o filho a mudar de proposito. Mas a simplicidade de Corot contentou-se com aquella quantia e respondeu: — Agradeço-lhe, é tudo o que preciso, faz-me inteiramente feliz.

A rectidão e a nobreza de sentimentos de Corot transpareciam nas suas obras, posto que aos menos attentos tal relação pareça absurda. «Sem conhecer-me, diz Corot de Constans Dutilleux, sem nunca me ter visto, este querido amigo que tinha algumas filhas, julgou pelos meus quadros que eu era um ho-

mem virtuoso e pôz a sua casa inteiramente á minha disposição».

«É certo que entre todas as alegrias e tentações de Paris, Corot conservou uma simplicidade e uma pureza de vida notaveis. A casa de sua mãe, e mais tarde os conselhos de sua irmã parecem ter sido a sua alegria principal». Entre os bohemios de Paris viveu castamente, nunca teve amante. «O elemento sensual carece singularmente de desenvolvimento no caracter de Corot, e as suas pinturas mostram que esta pureza era sincera, sem affectação. Juntamente com o amor da musica não ha duvida que Corot tinha um forte sentimento religioso, e alguns dos seus amigos mais intimos eram ministros da religião. Em Paris, onde por tanto tempo esteve em voga ser sceptico e anti-religioso, os criticos da imprensa parisiense, fracos dos joelhos, viram-se obrigados a fallar dos sentimentos religiosos de Corot como se fossem uma falta. As suas pinturas mostram-no e as suas acções provam-no. Ninguem poderia fazer o que elle fez sem crêr no *bon Dieu*, de quem tantas vezes teria fallado reverentemente».

A sua indulgencia para os pintores principiantes era inalteravel como a caridade e a generosidade do seu coração. Esse homem, que tanto tempo viveu com sessenta libras por anno, quando a riqueza lhe entrou em casa não teve — *rara avis!* — ambições de gozo nem crueldades de avarento, e tranquillamente bondoso e simples, foi prodigo de esmolas, a maior parte ignoradas, porque voluntariamente as occultava. Só ficaram conhecidas aquellas que pela sua excessiva grandeza era impossivel encobrir. Aos pobres que soffreram com o cêrco de Paris deu cinco mil libras, e á viuva de Millet deu seiscentas libras, emquanto o Estado lhe concedia uma pensão annual de quarenta e oito libras.

Differente de Corot, Rousseau teve impetos de azedume e de inveja, que foram ao extremo de quebrar as suas relações com Julio Dupré, seu amigo.

Mas, se nos lembrarmos de que durante doze annos foi systematicamente excluido do *Salon*, cercado de intrigas e in-

vejas dos camaradas, veremos que esse caracter deriva d'uma queda inevitavel a que poucos teriam força de resistir. Demais, na sua vida, ha virtude de sobra, para resgatar essas faltas. Quando Millet vivia pobre, foi em nome alheio comprar-lhe um quadro para soccorrel-o, sacrificando-se porque tambem era pobre; e quando enlouqueceu a mulher com quem vivia, não sendo casado, sem obrigação legal, recusou-se a abandonal-a, supportando durante annos esse martyrio com a mais firme e igual resignação.

Esses sentimentos, que em Corot e Rousseau foram impulsos instinctivos de amor, em Millet engrandecem-se e alargam-se até constituirem uma vida de santidade e darem aos seus quadros o valor d'um systema de moral, e da mais elevada moral.

Filho de lavradores e elle mesmo lavrador, sentiu os laços que o prendiam ao seio da terra. Casado, tendo tido quatorze filhos, dos quaes nove chegaram á madureza, viu na familia o campo natural para o desenvolvimento do amor que lhe enchia o coração; aceitou a pobreza com sereno contentamento, e com a atmosphera de affecto que o envolvia, houve-se por bem pago das agruras de manter uma familia numerosa. Alli, entre o amor e o trabalho, percebia uma vontade suprema, uma lei absoluta que o guiava. Lia particularmente Virgilio e a Biblia, bafejando a sua alma com a inspiração d'aquelles que amaram Deus e a Terra. Aborrecia a palestra inutil, repugnava-lhe malbaratar o tempo que era devido a alliviar pelo seu trabalho a existencia dos outros. Vivia na solidão: tinha o campo e a familia, tinha onde sentir a cada instante Deus e a Terra, o Amor e o trabalho, não precisava mais. Para quê? O universo inteiro estava alli; para além d'aquelles limites ficavam só ephemeras vaidades, angustias da ambição desvairada, agonias do erro. A côrte de Napoleão viu-o com desfavor; é que entre as Tulherias e Barbizon havia um véo de impenetravel escuridão, uma radical antipathia de sentimentos.

« Póde aceitar-se como inteiramente certo que, se Millet não tivesse tido a severa batalha da vida que realmente teve, não

teria pintado tão bem como pintou. Foi o seu profundo conhecimento do soffrimento humano, a sua sympathia pelo trabalho e a sua constante devoção ao que na arte era o melhor, que tornaram possivel o desenvolvimento do artista cujas pinturas cada dia se tornam mais altamente apreciadas». Com effeito, as suas obras são a imagem da sua existencia e do seu pensamento. Este facto que na maioria d'ellas se reproduz, em algumas revela-se com a mais inteira evidencia.

Le Greffeur representa um lavrador enxertando uma arvore no cerrado junto á casa, na presença da mulher. «Millet, diz Sensier, envolve sempre um pensamento commovente n'uma fórma grosseira e rude. Rousseau comprehendeu isto: — Sim, diz elle, Millet trabalha para a sua familia; consome-se como a arvore que tem demasiado fructo, trabalha sobre posse para manter os filhos. Enxerta o gommo d'um ramo civilisado no tronco robusto d'uma arvore inculta e pensa como Virgilio: *Insere Daphni pyros carpent tua poma nepotes.* — Este quadro impressionou Rousseau profundamente, pois era bello e grave como a existencia d'um pae que silenciosamente se fatiga pela sua familia. Fallou d'elle com enthusiasmo a Theophilo Gautier e disse a Sensier: — Hei de encontrar-lhe um comprador. — E, de facto, algum tempo depois escreveu a Sensier: — Vendi o quadro de Millet. Encontrei um americano que me deu 4:000 francos por elle. — Rousseau, posto que em circumstancias apertadas n'aquelle momento, tinha dado 4:000 francos pelo quadro, e por uma rara delicadeza procurava occultal-o».

Do quadro que tem por titulo *Maternité*, falla n'estes termos um critico escocez anonymo: «Uma rapariga do campo é apresentada em tamanho natural, sentada, com a filha a dormir sobre os joelhos, enfaixada como na França e na Allemanha costumam enfaixar as creanças. A mãe prende a creança pelos braços n'uma posição tal, que o seu pequeno corpo cae para baixo com um curioso effeito de fórma, lembrando uma cruz... Esta é a chave da pintura — o crucifixo na parede, a creança inconsciente dormindo n'uma posição que lembra a cruz, o rosto

um pouco desviado da mãe. É o rosto da mulher feita do nosso barro commum, ainda illuminada pelos raios divinos do espirito que é a vida, com uma ligeira expressão de angustia incipiente, desviando o rosto do soffrimento symbolisado na creança a que deu a vida. Maria, a mãe do Filho do Homem, não foi outra coisa senão isto, porventura em grau differente mas no mesmo genero».

Le Semeur representa um lavrador, com um cesto no braço, lançando a semente á terra lavrada: «vai a passos largos, através dos sulcos, com uma paz magestosa e lenta, porque sente a importancia e a dignidade da sua tarefa». *Les Glaneuses* são tres mulheres pobres, curvadas sobre a terra, que vão colhendo o rastolho. Ao longe o proprietario vigia a debulha. «O *Angelus* encerra o sentimento de gratidão que leva os lavradores crentes a dar graças a Deus no fim dos seus trabalhos. Alli nos campos, entre os aldeãos francezes não corrompidos, um acto de devoção é facil e á luz do sol. Um homem e uma mulher, simples lavradores que estiveram a trabalhar até encherem os saccos, curvam-se humildemente dando graças ao Creador, quando ouviram o toque da Ave-Maria na capella da aldeia distante. No campo livre, onde a bondade de Deus se vê a cada passo, não é difficil ser confessadamente piedoso, posto que isso não seja tão facil entre as multidões da cidade, onde um sêr supremo é tão raras vezes directamente sentido.

«Estas tres pinturas, baseadas no conhecimento da Biblia, de Virgilio e da Humanidade, comprehendem o que ha de melhor nas obras de Millet, na sua dignidade, na sua simplicidade, na sua piedade, e é sobre ellas e outras de caracter semelhante que assenta a sua reputação».

A existencia intima e os trabalhos artisticos de Millet confundem-se, e todos formam uma unica lição moral; não é facil determinar-lhes os limites mas é evidente a consubstanciação n'uma mesma origem e n'um mesmo termo. «A sua propria carreira inflammou no seu animo a paixão pela severidade das fadigas, privações e trabalhos do lavrador, e por isso toda a

sua vida se consumiu a representar a dignidade e a magestade do trabalho. Para a gente da sua aldeia poderia parecer um homem incomprehensivel e estranho, menos para ser amado do que para ser evitado, mas na realidade dava ao mundo a essencia da vida do aldeão, e empregava as suas mais altas faculdades em augmentar a dignidade da sua vida e o respeito da sua classe. Foi um republicano no sentido de ser inteiramente de opinião que um homem é igual a outro, seja qual fôr a sua educação e nascimento. Aos seus olhos a vida do aldeão merece tanta honra como a do homem de estado, e julgava que era mais justo pedir o respeito para o trabalhador honesto do que ensinar o povo a adorar só a habilidade de amontoar o ouro. Millet foi o unico pintor que nos deu a apotheose do aldeão e ahi realisou o que nunca antes d'elle foi realisado, e que todavia nunca será preciso tornar a pagar, pois n'essa direcção a obra de Millet quasi tocou o ultimo ponto (*finality*).

III

A época em que appareceu a escóla de Barbizon confirma a hypothese de que a sua origem provém principalmente de certo estado moral, pois não póde negar-se que é um legitimo producto do nosso seculo, sem precedentes historicos absolutamente semelhantes.

Não é admissivel que só agora se descobrissem meios technicos de realisar as pinturas de Barbizon. Sem conhecimentos particulares que me auctorisem a affirmal-o categoricamente, ouso suppôl-o, e para isso baseio-me no valor comparado das escólas modernas e antigas. Raphael ou Rembrandt valem Corot ou Millet; todos alcançaram uma realisação inteira e completa do seu ideal. É licito crêr que os mesmos pinceis e as mesmas tintas que pintaram com perfeição a Virgem Santa e os retratos da burguezia opulenta, pintariam igualmente o aldeão e

a arvore; a poesia e a grandeza da paizagem, as multiplas expressões do caracter e das paixoes humanas, a natureza physica e a natureza moral são para a pintura objectos que demandam differentes aptidoes individuaes mas que estão comprehendidos dentro dos mesmos meios materiaes de realisação. E afastada a hypothese de que a escóla de Barbizon foi o resultado de causas semelhantes ás que nas artes industriaes operaram uma verdadeira revolução, temos de procural-as fóra d'esse campo.

Essa escóla significa uma reacção contra a civilisação contemporanea e significa ao mesmo tempo um dos seus mais altos resultados. É uma reacção emquanto protesta contra a existencia excessivamente creada pelo homem que reprime instinctos naturaes e produz necessidades ignoradas na vida primitiva, é a preferencia manifesta pela vida simples e a condemnação da vida artificial; mas por isso mesmo que é uma reacção, suppõe o conhecimento das forças e dos objectos contra que reage, suppõe, n'uma palavra a experiencia da civilisação. Ora essa experiencia em tempo algum foi tão longe como no seculo XIX; nunca os segredos da natureza foram mais profundamente desvendados, nunca o homem emprehendeu mais arrojada tentativa de emancipação das leis naturaes, nunca pretendeu confiar mais inteiramente na sua intelligencia e na sua vontade. A historia mostra-nos épocas em que um estado semelhante se esboçou, como foi o imperio romano, o epicurismo n'um pólo, e Virgilio e o christianismo no pólo opposto (e por isso Millet os comprehendia tão bem); mas nem a arte da pintura tinha alcançado o desenvolvimento necessario para exprimir uma tal situação, nèm o saber humano tinha chegado ao ponto de percebel-a tão nitidamente. Só nós pudémos vêr bem o caminho andado e, afastados da simplicidade primitiva, comprehendemos que tinhamos ido mais longe do que deviamos. Ha mais ainda; o amor da terra, o reconhecimento intimo da ligação que nos prende a essa mãe commum, acompanhado da gratidão e do assombro pelo que ella encerra de prodigalidade e de belleza, este sentimento é um producto da civilisação. Primitivamente tudo se fundia na

massa confusa de idéas e de sentimentos, em que se atropellavam o saber e o medo, o egoismo e o amor, as aspirações da alma e as necessidades animaes; Deus e a Terra, como forças distinctas, só podem ser concebidos por uma cultura superior do espirito humano.

Seja, porém, qual fôr a opinião que tivermos sobre as origens da escola de Barbizon, o seu valor de lição moral resalta com incontestavel evidencia. — Faz-me bom, moralisa — era a conclusão d'alguem, estranho a conhecimentos de pintura, ao examinar os quadros de Barbizon.

Jayme de Magalhães Lima.

A INSTRUCÇÃO PRIMARIA

EM PORTUGAL

I

Não tendo sido executado o preceito da lei de 2 de maio de 1878, que impoz ao governo a obrigação de levar todos os annos ao parlamento um relatorio circumstanciado das condições e estado em que se encontra no paiz o serviço da instrucção primaria, resolveu-se nos ultimos annos publicar em appendice á folha official, não o relatorio exigido na lei, mas alguns mappas estatisticos sobre o desenvolvimento do ensino primario official e particular, em harmonia com as informações recebidas dos inspectores.

Os ultimos foram ainda elaborados pela antiga direcção de instrucção publica, têm a data de 24 de março de 1890, foram publicados em fins de dezembro do mesmo anno e referem-se ao anno lectivo de 1888-89.

Não constituem um trabalho completo, são até deficientissimos n'alguns pontos; mas ainda assim permittem fazer uma idéa aproximada do estado d'esse serviço entre nós, e bom seria que essa publicação, incompleta como é, podesse ser largamente diffundida e attentamente estudada por todos os homens

*

de são juizo que julgam, como nós, ser o ensino popular a base de toda a organisação democratica.

Em qualquer paiz culto, menos apathico e mais cauteloso do futuro, esta publicação official, reveladora de tantas incurias, de tanta imprevidencia e de tantos erros, provocaria desde logo severas criticas, azedos commentarios, amplas e interessantes discussões, tanto no parlamento como na imprensa, pois que, em verdade, não ha nada que tanto desperte as attenções e prenda a curiosidade dos que têm a seu cargo velar pela honra e pela prosperidade dos povos, como são os problemas complexos da educação e da instrucção, os systemas mais proprios para accelerar o progresso moral e intellectual, visto como d'esses factores primarios depende a maior ou menor importancia de cada povo, e conseguintemente o seu grau de inferioridade ou de superioridade em relação aos outros.

Entre nós, porém — faz pena dizel-o — esses documentos officiaes tão interessantes e tão ingenuos, interessantes pelas informaçoes que dão, e ingenuos pelas chagas profundas que denunciam no organismo social, passaram pouco menos de despercebidos no enxurro da papelada official que ninguem lê, como se elles não fossem a confissão impudente da nossa incuria, da nossa indifferença, dos nossos erros, e sobretudo da nossa culposa imprevidencia pelo dia de ámanhã.

No parlamento não se levantou uma voz a perguntar ao governo, porque é que em dez annos de regimen descentralisador, os progressos da escóla primaria não vão além do ronceiro caminhar do regimen centralista. As corporações locaes não quizeram saber, ainda que a noticia lhes aproveitava, porque motivo não foi gasta com a instrucção primaria a dotação votada nos orçamentos, sumindo-se mais de metade não se sabe em que. As varias revistas illustradas e por illustrar não fizeram o mais ligeiro commentario á denuncia do nosso atrazo mental, espontaneamente feita pelas estações superiores que têm a seu cargo a superintendencia d'esse serviço. E até a propria imprensa politica, que diariamente se esfalfa a pedir contas aos governos, a todos os governos, porque não cumprem nem fazem

cumprir as leis, até essa imprensa deixou passar a mofina estatistica, sem uma critica, sem um reparo, sem uma reclamação, como se fôra coisa ociosa perguntar ás auctoridades, que têm gerido os negocios da instrucção, porque é que, sendo obrigatorio o ensino primario, e havendo uma legião de funccionarios a entender n'esse ramo de serviço, desde o ministro até ao delegado parochial, metade das freguezias do paiz não tem escólas, sendo superior a dois terços da população o numero dos analphabetos.

É que a imprensa politica de Portugal, atarefada como anda em discutir assumptos minimos da frandulagem eleitoral, não tem ocios para visitar a escóla primaria nem olhos para vêr o que lá se passa, e quando exige dos governos o exacto cumprimento das leis, finge não comprehender, ou talvez não comprehenda, que essas leis não se cumprem, nem podem cumprir-se, exactamente porque o paiz não sabe lêr.

Os trabalhos agora publicados, apesar das suas lamentaveis lacunas, levam á convicção de que, apesar das promessas dos governos, do seu fingido ou sincero amor pela instrucção, e da propaganda desinteressada e despremiada que em favor da escóla primaria meia duzia de homens devotados por ahi anda a fazer no livro, na imprensa, nas conferencias e nas associações, ainda não chegámos, por nosso mal, a convencer governos e governados de que não ha liberdade sem instrucção, moral sem consciencia, civilisação sem escólas, progresso sem ensino, estabilidade de instituições, prestigio de auctoridade, vigor patriotico e segurança do futuro, sem essa base inabalavel e permanente em que se firma todo o edificio social — a escóla primaria.

Esta verdade ainda não foi comprehendida entre nós. E a prova está em que, devendo começar pela base a obra da nossa regeneração, preferimos abandonal-a, lançando-nos estouvadamente a legislar e a bracejar no vacuo, sem repararmos nos perigos a que se expõem os Icaros de todos os tempos e de todas as utopias. Querer organisar uma democracia conservando as escólas fechadas, não é só edificar na areia, é inverter todas as regras do senso commum e preparar a anarchia.

Foi precisamente por este processo que chegámos, depois de largos annos de plenissima liberdade politica, a esta selva escura em que se encontra agora o espirito nacional, desorientado e descrente, fluctuando á mercê dos acontecimentos, entre as recordações romanticas de um passado de glorias e a nevrose jacobina que o arrasta para as aventuras revolucionarias.

Porque a verdade é esta, e este é tambem o nosso erro: — Possuimos leis excellentes, codigos eminentemente democraticos, instituições altamente humanitarias, desde a abolição da pena de morte e dos morgados até ao alargamento do suffragio, á organisação do jury e ao casamento civil. Raras democracias se regem por codigos mais liberaes e mais sabios do que os nossos. Mas de que servem todos esses emblemas ficticios, superficiaes e decorativos, a mascarar uma sociedade, que os não usa porque os não comprehende, porque os não póde nem sabe aproveitar, desde que a falta de educação e de aprendizagem lhe não permitte exercitar esses direitos e saborear os fructos d'essas gloriosas conquistas?

Os nossos estadistas não perceberam ainda que a falta de methodo é a causa do mallogro de todos os seus esforços, por melhor intencionados que tenham sido. Em vez de começarem por desbravar o terreno e surribar as gandaras encharcadas de viciosa ignorancia e lodosos costumes, pondo ao sol as raizes parasitas que durante seculos esgotaram a terra, principiaram logo na aurora do regimen liberal pela sementeira a mãos largas, a torto e a direito, de todas as liberdades no papel; e só quando foram á colheita é que viram que até a propria semente se perdera.

Porque, afinal de contas, feito o balanço agora, os illudidos semeadores só encontraram o que se está vendo por esse paiz fóra: — As populações ruraes embrutecidas como d'antes; a monomania do emprego publico substituindo a paixão da industria local; o commercio debatendo-se em crises permanentes e pavorosas; o eleitor offerecendo a preços minimos na feira eleitoral o voto que as leis lhe deram como garantia de independencia e consagração de um direito natural; as aldeias mi-

seraveis e famintas despovoadas pela emigração, que vai por esse mundo de Christo em procura de trabalho aonde se lhe deparem iniciativas intelligentes que lhe matem a fome; o patriotismo, que é tambem uma virtude insufflada no coração humano pela noção do dever ensinado na escóla, agonisando entre os pavores cobardes do egoista, que não quer comprometter-se, e os arranques da nevrose romantica que não sabe o que faz nem o que quer; e finalmente essa indifferença gelida por tudo e por todos que dia a dia se vai accentuando como caracteristica de povos em ruina, indifferença que tão despejadamente se exhibe quando o paiz, chamado a pronunciar-se na urna sobre os graves problemas da administração, accorre a affirmar a todos os governos indistinctamente, e ás vezes no mesmo anno, sempre as mesmas estrondosas e escandalosas maiorias.

Taes são em breves palavras os fructos d'esse errado procedimento governativo que, em vez de começar pelo principio, preparando as unidades sociaes para as grandes luctas collectivas da vida civil e politica, do trabalho e da defeza nacional, principiou pelo fim, definindo, sommando, complicando, justapondo direitos e garantias liberaes em codigos que ninguem lê e respeita, como se já estivessem abertas as escólas que hão de produzir as gerações fortes e intelligentes, capazes de comprehender e amar a liberdade.

Mas não é só essa inversão de principios e falta de methodo que nos têm prejudicado. A causa principal do nosso atrazo e da nossa ignorancia está na incuria dos governos, demasiadamente preoccupados com a politica interesseira dos melhoramentos materiaes — o eterno sorvedouro das nossas finanças; com a politica eleitoral — a pôdre Messalina que envenenou os costumes e corrompeu os homens; e porventura, o acaso feliz de não termos sido victimas de alguma d'essas catastrophes pavorosas com que a historia costuma castigar os povos imprevidentes, advertindo-os, pelo troar dos canhões na fronteira ou pela chamma azul do petroleo nas ruas de Paris, da necessidade que impende sobre todos os governos e sobre todos os povos de procurarem na sabedoria previdente da escóla, o

governo, a instrucção, o patriotismo, a coragem e a disciplina de que tanto precisam as nações para a defeza dos seus interesses, da sua autonomia, da sua honra e do seu futuro.

Foram as humilhações e os desastres da Prussia que ensinaram Frederico Guilherme a procurar na escóla prussiana a tempera e o vigor da alma nacional, cuja energia e patriotismo o mundo admirou mais tarde nos assaltos de Sedan e Metz. Foi tambem a catastrophe de 1870 que obrigou Leão Gambetta a gritar por todos os departamentos de França, como um brado de guerra e de vingança: — *Aux écoles, aux écoles!*

O caminho effectivamente é esse. Organisar a escóla é defender a fronteira; alumiar o espirito é inutilisar a anarchia. É nas escólas que os povos vencidos vão procurar novas forças e novas energias para a desforra, da mesma fórma e pela mesma razão que os povos vencedores asseguram pela educação e illustração das massas, as suas victorias e, como a Allemanha, sabem manter em respeito os seus inimigos.

É o exemplo que nos dão todos os povos civilisados, desde os mais reduzidos em territorio como a Romania, a Dinamarca, a Belgica, a Hungria e a Suissa, até aos estados mais amplos, como são a Italia, a Russia, a França, a Allemanha e os Estados-Unidos da America do Norte.

Como é que em Portugal se tem aproveitado estes exemplos e comprehendido esta doutrina? É o que vamos vêr nos documentos, recentemente divulgados pelo governo. Vamos extractal-os com a maxima fidelidade para que o publico os comprehenda melhor e para que os nossos leitores possam avaliar conscienciosamente a justiça da nossa critica.

II

Para maior clareza na exposição seguiremos a ordem dos documentos officiaes, resumindo-os em termos precisos.

Numero de escolas existentes. — Para os effeitos da inspecção e distribuição do serviço do ensino primario, o paiz está dividido em 12 circumscripções, que comprehendem 42 circulos escolares e 3:969 freguezias.

A primeira circumscripção, á frente da qual está um inspector, como nas demais, comprehende os districtos de Lisboa e Santarem.

A segunda abrange os districtos do Porto e Aveiro.

A terceira estende-se por Coimbra e Leiria.

A quarta compõe-se dos districtos de Braga e Vianna.

A quinta é a de Bragança e Villa Real.

A sexta circumscreve-se no districto de Vizeu.

A setima limita-se ao districto da Guarda.

A oitava encerra Castello Branco e Portalegre.

A nona tem Evora e Beja.

A decima é Faro.

A undecima alarga-se pelos districtos insulares de Ponta Delgada, Angra e Horta.

A duodecima tem a séde no Funchal.

Estas 12 circumscripções subdividem-se em 42 circulos escolares, á frente dos quaes estão os sub-inspectores, que nas differentes localidades superintendem em todos os negocios respeitantes ao ensino.

Com esta organisação, que permitte ao governo acompaphar de perto, por via dos seus delegados, a vida da escóla, interpretar as necessidades locaes e promover a distensão da rêde do ensino primario, estimulando as corporações e os municipios, era de esperar que o numero de escólas augmentasse rapidamente, com especialidade desde que no ensino foram interessadas as localidades. Pois não succedeu assim. No anno lectivo de 1888-89, que é o ultimo a que se referem as estatisticas, o numero das escólas officiaes creadas — note-se que não dizemos em exercicio — não excede 3:825.

Parece á primeira vista que sendo 3:825 o numero de escólas officiaes, e 3:969 o numero de freguezias, quasi que temos uma escóla por cada freguezia.

Mas não é assim, porque existem effectivamente escólas em 2:618 freguezias, mas faltam absolutamente em 1:351; o que significa que não só é mediocre o numero de escólas, mas que, sobre ser insignificante, está mal distribuido. Quer dizer mais, que a instrucção primaria em Portugal ainda não penetrou além de dois terços das freguezias, facto este que produz pena e assombro n'um paiz de tão exiguas dimensões, como é o nosso, um paiz que se percorre em vinte e quatro horas na linha do seu maior comprimento.

Os optimistas poderão suppôr que a deficiencia das escólas officiaes é supprida pela abundancia das escólas particulares. Mas tal supposição é um puro engano; a iniciativa particular nada suppre e nada remedeia. As escólas particulares são apenas 1:514, que sommadas com as 3:825 do estado perfazem o numero total de 5:339, sendo 3:166 para o sexo masculino, 1:804 para o feminino e 369 mixtas.

Note-se desde já que as escólas mixtas só se explicam por motivos de economia, e que a população feminina não sendo inferior á masculina, figura nas escólas com pouco mais de um terço, e que um paiz de cinco milhões de habitantes não tem escólas, como vamos vêr, senão em relação de 1,17 por 1:000 cidadãos.

Lembraremos ainda que das escólas officiaes masculinas, são de ensino elementar 2:426, e de ensino elementar e complementar sómente 140; que das escólas para o sexo feminino 1:014 são elementares, e só 77 para o ensino elementar e complementar; que todas as escólas mixtas são elementares, e que das escólas particulares — uma verdadeira miseria — 474 são elementares do sexo masculino, 649 do sexo feminino, e 210 mixtas, sendo ministrado o ensino elementar e complementar em 117 escólas para rapazes e 64 para raparigas.

Notaremos por ultimo, que sendo notavel a desproporção entre o numero de freguezias que têm escólas e o numero d'aquellas que as não têm, desproporção que se indica pela differença entre os dois numeros, 1:351 e 2:618, mais flagrante é o confronto das freguezias com escóla e sem ella dentro da mes-

ma circumscripção. Assim, na 2.ª circumscripção, Porto e Aveiro, 356 freguezias têm escólas, mas 202 não as têm. Na 5.ª, que comprehende Bragança e Villa-Real, encontramos 333 freguezias com escóla e 230 sem ella. O mesmo succede em outras circumscripções.

O quadro, como se vê, não é lisongeiro nem abona a solicitude dos governos. Lançamos as culpas sobre os governos e não sobre a iniciativa particular, porque esta ainda não madrugou para os cuidados da educação nacional.

Portanto, é indispensavel elevar o numero de escólas officiaes, que são actualmente 3:825, pelo menos a 10:000, para que uma escóla, quando mais não seja, corresponda a um grupo de 500 habitantes, e evitar sobretudo que desappareçam as escólas já creadas, como tem succedido n'algumas circumscripções: como em Braga, que em 1886-87 tinha 485 e em 1889 apparece com 472; como em Bragança, que desceu de 519 a 513; como em Vizeu, que de 466 veio para 449; como na Guarda, que tinha 361 e figura com 353; como em Evora, que passou de 285 a 275; como em Faro, que veio de 203 para 166; como em Ponta Delgada, que tinha 385 e tem 349, e finalmente como no Funchal, que baixou de 100 escólas a 93. Isto é que é preciso evitar.

Numero de escólas por 1:000 habitantes. — A população do reino e ilhas calculada pelo censo de 1878 é apenas de 4.500:699 habitantes. Com esta base a estatistica dá este resultado: média geral das escólas por 1:000 habitantes 1,17, ou sejam 1,45 escólas do sexo masculino e 0,92 para o feminino. E um inventario de pobre; não chegamos a ter duas escólas para duas vezes quinhentos habitantes.

O districto mais atrazado é o do Funchal com a sua média de 0,71, seguindo-se na ordem ascendente — o de Faro com 0,83; os de Braga e Vianna com 0,90; os de Coimbra e Leiria com 0,93; Evora e Braga com 1,10; Vizeu com 1,21; Porto e Aveiro com 1,23; Castello Branco e Portalegre com 1,27; Bragança e Villa Real com 1,30; Ponta Delgada, Angra e

Horta com 1,34; Lisboa e Santarem com 1,36; Guarda com 1,54.

Esta exposição não carece de commentarios. Um confronto apenas: ao passo que em Portugal ha uma escóla para 1:000 habitantes, na Suissa ha quatro para o mesmo numero de cidadãos.

Numero de alumnos matriculados, frequencia e exames. —Não é mais animador o quadro que se segue.

Nas differentes escólas do continente e ilhas matricularam-se:

1886-87.....	239:814	alumnos
1887-88.....	246:303	»
1888-89.....	237:783	»

Em vez de augmentar, diminuiu a matricula.

Esse numero decompõe-se nos seguintes algarismos:

Nas escólas officiaes:

Sexo masculino.....	126:469
Sexo feminino.....	55:589

Nas escólas particulares:

Sexo masculino.....	26:238
Sexo feminino.....	29:495

O numero baixou no Porto, em Coimbra, em Bragança, em Vizeu, em Castello Branco, em Evora, em Faro, em Ponta Delgada e no Funchal, subindo ligeiramente em Braga que de 22:953 trepou com grande esforço a 23:347. Porém o facto significativo é este: a matricula nos tres annos de 1886 a 1889, em vez de subir, desceu em cerca de *oito mil alumnos*, o que aliás não é para admirar, diminuindo o numero de escólas.

A frequencia média foi nas escolas officiaes:

Sexo masculino	84:115
Sexo feminino	39:915

e nas particulares:

Sexo masculino	20:196
Sexo feminino	22:097

Ao todo:

Sexo masculino	104:311
Sexo feminino	59:012

O resultado dos exames é contristador. As approvações não excederam a 9:269, ou 0,038 do numero de matriculas e 0,05 do numero de frequencias, concorrendo para este numero Lisboa com 2:488 approvações e o Porto com 2:419. O mais singular é que, sendo 407 as escolas complementares, entrando aqui 255 officiaes, apenas houve n'este grau de ensino 58 approvações! A média por 1:000 habitantes é unicamente de 2,0. Triste.

Cursos nocturnos. — Das 12 circumscripções só tiveram cursos temporarios Bragança, Vizeu e Guarda com a frequencia insignificante de 114 alumnos do sexo feminino e 159 do masculino. Ao todo 273. No mesmo anno funccionaram 2 cursos nocturnos para menores do sexo masculino, 17 para adultos e 156 de menores e adultos masculinos.

Havia, portanto, 175 cursos nocturnos, sendo 137 regidos por professores officiaes e 38 por professores particulares, com a matricula de 6:774 alumnos entre menores e adultos, entrando n'este numero o sexo feminino com 79.

Quem sustentou estes cursos e como é que o estado concorreu para a sua installação e custeio? O estado não dispendeu com elles um real!

A junta geral de Bragança concorreu com 90$000 reis para sustentar 3 cursos, os municipios com a verba de 9:172$385 reis, as parochias com 718$000 reis, os particulares com 1:500$000 reis, os cofres do estado com a sua indifferença criminosa!

Mappa do recenseamento das creanças. — No anno a que se referem as informações officiaes, as creanças em idade de escóla que foram recenseadas distribuem-se por estes dois numeros:

Sexo masculino	148:027
Sexo feminino	114:360
	262:387

D'onde se vê que em relação ao recenseamento escolar, esse preceito da lei não foi cumprido na maior parte das freguezias.

Das creanças recenseadas apenas se matricularam, como vimos, 237:783, o que dá a média de 52,2 por 1:000 habitantes.

Vê-se mais que o sexo feminino, apesar de ser mais numeroso, figura em condições inferiores na matricula, pois que a média do sexo masculino é de 70,2 por 1:000, e a do feminino é de 35,8.

A conclusão a que chegamos n'este ponto é que, ao termo de dez annos de ensino obrigatorio, a lei de 2 de maio não encontrou meio de obrigar as localidades a organisarem o recenseamento das creanças em idade de escóla, nem encontrará emquanto n'esta parte não fôr alterada a lei, impondo penalidades a quem a não cumprir.

Pessoal docente das escólas officiaes. — O ensino primario official é ministrado por 4:069 professores, assim distribuidos:

Professores vitalicios do sexo masculino.	1:697
Do sexo feminino.....	886
Professores temporarios.....	404
Professoras temporarias.....	332
Professores interinos.....	436
Professoras interinas.....	120
Ajudantes (sexo masculino).....	109
Ajudantes (sexo feminino).....	85
	4:069

Convém saber que em 1888-89 sómente se habilitaram para o exercicio do ensino complementar 15 professores, sendo evidente o atrazo em que se encontra entre nós o 2.º grau. Não deve esquecer tambem que, sendo as escólas officiaes 3:825, e sendo o numero de professores 4:069, entrando n'este numero 194 ajudantes, muito insignificante deve ser a frequencia que não exige o ajudante que a lei concede ao professor, ou havemos de concluir que o numero das escólas em exercicio é inferior ao que se diz, visto como as escólas, por exemplo, de Lisboa e Porto são servidas por mais de dois professores. Se as escólas fossem devidamente frequentadas, o numero de professores e ajudantes devia ser aproximadamente igual ao dobro do numero de escólas e não estaria como agora na relação de 4:069 professores para 3:825 escólas.

Edificios escolares. — Das casas da escóla quasi que não é necessario fallar. Todos sabem que o nosso ensino primario, ao contrario do que succede na Suissa, na França, na Allemanha e nos Estados-Unidos, se alberga, mórmente nas povoações ruraes, se exceptuarmos as construcções do conde de Ferreira, em pardieiros immundos e desmantelados, ermos de quaesquer condições pedagogicas, e por vezes sem capacidade, sem ar e sem luz, vendo-se o professor obrigado a recolher os alumnos em sua casa, ou a sahir com elles para o adro, para a rua ou para debaixo das arvores.

Esses pardieiros classificam-se em dois grupos: — edificios expressamente construidos ou adaptados para casa de escóla em numero de 1:145, e edificios alugados ou emprestados gratuita e provisoriamente para casa de aula, e o numero d'estes obulos á instrucção primaria é de 2:615. A estatistica diz que 1:289 casas são boas, isto é, remedeiam, e que as restantes, cerca de 2:500, estão em mau estado de conservação e não possuem as condições hygienicas nem pedagogicas exigidas na lei. É uma confissão que deve ruborisar.

Passamos por alto os mappas referentes á mobilia e utensilios escolares para não termos de dizer que a deficiencia é simplesmente vergonhosa, como se evidenciou nas inspecções que em 1888-89 se fizeram a 3:310 escólas officiaes e 1:130 particulares, e como não deixariam de notar nas conferencias pedagogicas de 1889 os 142 professores, as 54 professoras officiaes e os 2 professores particulares que assistiram a esses congressos outr'ora obrigatorios e agora facultativos.

Em conclusão:

Para o serviço de 3:969 freguezias o paiz não tem mais de 3:825 escólas officiaes, devendo ter pelo menos 10:000.

Para cada grupo de 1:000 habitantes não chega a haver duas escólas; a média não vai além de 1,17.

A matricula, que attingiu em 1888 ao numero de 246:303 alumnos, baixou no anno immediato a 237:783, differença para menos — 8:520 matriculas.

O resultado dos exames foi tal que só se obtiveram, apesar de toda a benevolencia dos jurys, 9:269 approvações, ou seja, 0,038 do numero de matriculas, e 0,05 do numero de frequencias.

A miseria do recenseamento escolar, que deu apenas 262:387 creanças em idade de escóla, demonstra que estamos muito longe do chamado ensino obrigatorio.

Para sustentar 175 cursos nocturnos, o governo não dispendeu um real, apesar de ter no orçamento verbas para os subsidiar.

O nosso modesto ensino limita-se por emquanto ao primeiro

grau, sendo diminuto o numero das escólas de ensino complementar.

Por economia conserva-se ainda um avultado numero de escólas mixtas, quando essas escólas estão condemnadas ha muitos annos.

Não temos edificios escolares, os poucos que existem carecem de todas as condições requeridas pela pedagogia e pela hygiene.

.....

Santo Deus! Como este quadro funebre debuxado pelas tintas officiaes, ressumbra tristeza, desalento e vergonha!

J. Simões Dias.

CARACTERISTICAS

DE

PORTUGAL NA EUROPA

E NA

HISTORIA DA HUMANIDADE

(Conferencia) [1]

A instituição da Série de Conferencias (Course of Lectures), para que eu fui chamado a contribuir, faz sem duvida muita honra aos seus iniciadores. Mostra ella o desejo de tornar conhecidas á Inglaterra as outras nações, e o desejo de levar a Inglaterra a ser justa para com ellas. Nada ha mais erroneo, e nada ha mais criminoso hoje, com effeito, do que o patriotismo estreito e intolerante. É elle que nas relações internacionaes faz substituir o Direito pela Força; é elle que faz com que muitos homens, pessoalmente honestos na sua vida particular, promovam e applaudam, na sua vida publica, verda-

[1] Este discurso (Lecture) foi proferido em inglez e em Londres, na sala do *South place Institute and Ethical Society*, a 7 de dezembro de 1890 pelo nosso collaborador Jayme Batalha Reis. Além do valor especial d'este estudo julgamos superiormente interessante o mostrar em Portugal o que um portuguez disse do seu paiz, n'este momento historico, em Inglaterra, e perante uma assembléa quasi exclusivamente composta de inglezes. Estas ultimas circumstancias influiram com effeito sem duvida na fórma que o orador julgou dever dar á sua *Conferencia*.

Eis por que ella se publica hoje em lingua portugueza.

Nota da Direcção.

deiras expoliações; é elle que produz as guerras com todas as suas injustificaveis desgraças; é elle que separa emfim os homens que, para tudo o que é verdadeiramente util, bom, e grande, deveriam achar-se sempre unidos.

Diz-se no programma da actual Série de Conferencias [1] que o seu «principal objecto consiste em modificar os preconceitos insulares da Grã-Bretanha sobre os paizes estrangeiros». Devo eu accrescentar agora que este pensamento me parece ser tão nobre quanto opportuno: não posso deixar de dizer francamente n'este logar, depois de oito annos de residencia em Inglaterra, que esses preconceitos realmente existem e que as idéas correntes, n'este paiz, a respeito da Historia, das Instituições e do espirito de muitas das nações estrangeiras, são notavelmente incorrectas.

O meu paiz é um dos mais mal apreciados na Grã-Bretanha. Por isso eu julgo prestar um serviço aos homens de boa fé de Portugal e Inglaterra, dizendo, aqui, algumas palavras exactas, sobre o que tem sido e o que é Portugal.

É claro, porém, que, no curto espaço de tempo que me é concedido, eu posso apenas apresentar, e em esboço, as feições mais caracteristicas da physionomia portugueza.

I

A situação geographica de Portugal e as suas condições physicas fornecem, em grande parte, a explicação da Historia e do caracter do povo que tem habitado este pequeno canto da Europa.

[1] O *Course of Lectures*, organisado pelo *South place Institute*, a que pertence o presente discurso sobre «Portugal», denomina-se «O pensamento e a vida nacional nas differentes nações do mundo» (*National Life and Thought among the various Nations throughout the World*).

Esta série succede a uma outra que se chamou «Systemas religiosos do mundo» (*Religious systems of the World*), cujos discursos estão publicados em volume (Londres: *Swan Sonnenschein*, 1890).

*

Portugal não tem mais d'uns 89:600 kilometros quadrados, figurando um quadrilatero estreito e alongado de norte a sul, desde o parallelo 42º ao parallelo 37º, nos confins da Peninsula iberica e no extremo occidental da Europa.

A Hespanha limita-o, ao norte e ao oriente, n'uma linha d'uns 1:000 kilometros, por vezes embaraçada de montanhas; mas o Atlantico abre-lhe, ao occidente e ao sul, um largo e livre campo, que se estende diante d'uns 800 kilometros de costa.

Pelo norte, — ficando as suas terras em frente do grande oceano que as separa da America, a pequena distancia do golfo de Gasconha, — Portugal pertence ás regiões temperadas e humidas da Europa central. Pelo sul, — em frente d'Africa, na latitude da Sicilia, da Grecia e da Syria, — Portugal pertence ás zonas quentes e sêccas do Mediterraneo.

As montanhas de Portugal, accumulando-se ao norte e a léste, fazem d'este paiz, — póde dizer-se em geral, — como que um duplo plano inclinado: plano inclinado do norte para o sul; plano inclinado da Hespanha para o mar.

Ás naturaes consequencias da latitude junta-se assim, nas provincias do norte de Portugal, nas terras entre os rios Minho e Douro, em Traz-os-Montes, nas Beiras, — a acção das montanhas, condensando e retendo a humidade que os ventos de oeste lhes trazem, depois de correrem sobre as aguas do oceano. Nas provincias do sul, pelo contrario, através da Extremadura, e principalmente através do Alemtejo, esses ventos passam sem obstaculo até Hespanha, augmentando a evaporação dos terrenos.

A distribuição natural das plantas, principalmente das arvores, é em Portugal extremamente caracteristica. É ella quem vai revelar-nos pittorescamente os climas do paiz e as suas regiões naturaes:

Nas florestas de Portugal as arvores dominantes são os carvalhos e os pinheiros. Os carvalhos occupam principalmente os terrenos do interior; os pinheiros accumulam-se até onde chegam as influencias dos ventos do mar. É que o pinheiro, que mais domina em Portugal, é, com effeito, aquelle que Lamarck

denominou, com inteira propriedade, o «pinheiro maritimo», — *Pinus maritima*. Os carvalhos de Portugal, ou antes as arvores portuguezas do genero botanico *Quercus*, occupam no paiz, de accordo com as condições do clima que acabo de descrever, tres zonas perfeitamente distinctas:

Ao norte de Portugal os carvalhos são, como os de todo o norte da Europa, — e, por isso, como os carvalhos de Inglaterra, — da especie *Quercus robur:* no clima frio e humido do norte de Portugal, estes carvalhos podem ter, como lhes é natural, as folhas claras, tenras e lisas, que cahem no outono, deixando a arvore despida cinco mezes.

Mas, ao sul, o genero *Quercus* é representado pelos carvalhos de folhas escuras, fortes, coreaceas, lanuginosas, que resistem aos calores ardentes, ás fortes evaporações, e que revestem e protegem a arvore todo o anno: são o *Quercus ilex* (a *Azinheira*), que dá a bolota mais dôce para alimento dos animaes, e o *Quercus suber* (o *Sobreiro*), que dá a cortiça.

Entre estas duas regiões extremas de carvalhos, productos legitimos de dois climas oppostos, apparece, — no centro de Portugal, — uma zona de transição, onde as florestas são formadas por um *Quercus* de folhas semi-fortes e semi-resistentes, que seccam tarde no outono e que persistem nas arvores, protegendo-as uma parte do inverno: é o *Quercus* especial, caracteristico do paiz em cujo coração se encontra, por isso mesmo denominado por Lamarck *Quercus lusitanica*.

E emquanto o vidoeiro, — a *Betula alba*, das florestas do norte da Europa, da Inglaterra e da Escocia, — se encontra apenas nas altas montanhas e nas provincias do norte de Portugal, o sul tem as sébes dos campos formadas pela *Agave americana*, produz ao ar livre quasi todas as plantas tropicaes, e cobre-se, no extremo do Algarve, d'uma palmeira espontanea, o *Chamaerops humilis*.

Sobre aquella humidade do ar e abundancia de aguas correntes no norte, e esta seccura atmospherica e falta de meios de irrigação no sul, assentam naturalmente as culturas do paiz: o norte de Portugal é a região das pastagens verdes e do

gado ovino e bovino; o sul é a região dos cereaes, das culturas arbustivas e do gado suino, que se alimenta da glande dos carvalhos. No norte as propriedades cultivadas são pequenas, a população accumulada. No sul as propriedades são extensissimas, a povoação rara. No norte ha, para cada habitante, 0,7 de hectare; no sul 5,8, e n'alguns casos 10 a 20 hectares. Ao norte do Tejo ha emfim (sobre 5.200:000 hectares) 4.100:000 habitantes; ao sul (sobre 3.760:000 hectares), apenas 900:000. E para caracterisar a economia agricola geral do paiz, em contraste com a da Europa norte e central, direi que Portugal, coberto de arvores e arbustos, em consequencia do seu clima, cultiva umas e outros, não exclusivamente pelos seus productos lenhosos, mas, em grande parte, pelos seus fructos, — a vinha pelas uvas e vinho, a oliveira pelas azeitonas e azeite, a figueira pelo figo e alcool, os carvalhos e as alfarrobeiras pelas bolotas e legumes que engordam o gado, — para não citar senão as provas mais importantes da dominante lei economica.

A Geologia de Portugal, e a distribuição dos terrenos, vem curiosamente concordar com o que deixo resumido: em todo o norte de Portugal e em toda a sua fronteira hespanhola, por onde os macissos montanhosos existem e onde os *Quercus* predominam, jazem as rochas paleozoicas, — os granitos e os schistos crystallinos. Os terrenos Secundarios são tão sómente representados por uma mancha littoral ao norte do Tejo e uma outra ao sul do Algarve, e os Terciarios apenas por uma extensão além d'esse rio.

Se agora, sufficientemente possuidores das condições physicas fundamentaes de Portugal, nós lançarmos a vista para a sua physionomia e para a sua situação na Europa, immediatamente comprehenderemos o alcance dos factos seguintes:

Todas as cadeias importantes de montanhas, e todos os rios extensos de Portugal, correm para oeste ou para sudoeste. As serras do Gerez e do Marão determinam a direcção dos rios no littoral do Minho e a direcção dos grandes affluentes do Douro. As serras de Monte-muro e do Caramulo marcam as correntes do Douro e do Mondego. A serra da Estrella, — o

grande macisso do centro de Portugal, — continuada pela serra d'Aire até Cintra e sobre o mar, fórma, com a Guardunha e as elevações ao norte do Alemtejo, a linha extensa do Tejo portuguez. E todo o paiz, murado pelas montanhas do lado de Hespanha, parece correr, no declive orographico, e nas aguas por vezes impetuosas dos seus rios, para o mar largo e, por este, para os paizes do sudoeste e do sul, — para o Brazil e para a Africa.

Por isso ahi encontramos o destino de Portugal, — por isso d'ahi deriva o seu papel na Historia do mundo.

II

É um erro geral e frequente o dizer-se que Portugal por muito tempo pertenceu á Hespanha. Portugal formou-se no começo do seculo XII, quando a Hespanha não era ainda uma unidade nacional, e ao tempo em que tambem se formaram, na Peninsula Iberica, outros Estados: a Navarra (1134), a Catalunha unida ao Aragão (1151), Leão e Castella (1157), etc. O primitivo territorio de Portugal, — apenas estendido da Galliza ao Mondego, — foi alargado até ao mar do sul pelas conquistas sobre os mouros. Portugal foi feito, pois, inteiramente pelos portuguezes.

Mais tarde, nos fins do seculo XVI, Portugal une-se á Hespanha durante sessenta annos, é certo; mas porque o rei de Hespanha é considerado, por direito de herança, rei de Portugal.

No meado do seculo XIII os portuguezes completam, com a conquista do Algarve, a sua expansão até ao extremo sul, e logo no começo do seculo XIV (1317-1341) se lançam pelo Atlantico em busca de novas terras, descobrem os Açores, chegam á Madeira e Porto Santo, — onde uma expedição já fôra de Lisboa no seculo XIII, — e encontram as Canarias, que os Lusitanos já haviam visitado no primeiro seculo antes de Christo.

Desde então até ao seculo XVII Portugal entra verdadeiramente na Historia universal e dá ao mundo um espectaculo unico:

No começo do seculo xv Portugal tinha talvez apenas um milhão de habitantes; e todavia os portuguezes encontram-se, desde então, em toda a parte, do extremo norte ao extremo sul da terra, chegam antes de quaesquer outros europeus á America, á Africa do sul, á Australia, descobrindo, na phrase de Major, «dentro d'um seculo meio mundo» [1].

Está n'estes factos, sem duvida, a significação conhecida de Portugal na Historia. Mas a maior parte das pessoas que no estrangeiro os dão por sabidos, desconhecem, na verdade, até que ponto são maravilhosos os trabalhos sobre que essa affirmação se funda.

Por isso eu vou traçar d'elles um quadro rapido, mas quanto possivel completo:

Nos primeiros annos do seculo xv os portuguezes navegam já nas costas occidentaes d'Africa, tentando prolongal-as para o sul, e setenta e sete annos antes (1415) que os hespanhoes possam vencer o ultimo reino de mouros da Peninsula Iberica (1492), os portuguezes vão á Africa combatel-os e tomam Ceuta na costa de Marrocos. Successivamente chegam logo ás ilhas de Porto Santo (1418), da Madeira (1419), passam em Africa o cabo Bojador, limite da navegação até essa época (1430), chegam de novo ás ilhas dos Açores (1432-1453), descobrem o Senegal (1445), as ilhas de Cabo-Verde (1560-1561), as terras do golfo da Guiné e o Congo (1485) [2].

Do começo do seculo xv ao começo do seculo xvi os portuguezes apoderam-se do norte de Marrocos (1415-1521) e fazem assim, realmente, tributaria uma parte do interior d'este paiz. Vão ao Egypto, d'ahi á India, á Arabia, á Persia, á Abyssinia. Descem a costa oriental d'Africa até Sofala, limite das viagens arabes, reconhecem Madagascar (1487), e annunciam a possibilidade de circumnavegar toda a Africa. Chegam quasi ao mesmo tempo, com effeito, vindo do occidente, ao cabo

[1] «Within one century half the world». Major, *The life of Prince Henry of Portugal*, 1868.

[2] Pareceu indispensavel á perfeita intelligencia d'esta exposição o mencionar as datas dos principaes acontecimentos referidos.

tormentoso da Boa-Esperança, dobram-no (1487), descobrem as terras do Natal, chegam, continuando do sul para norte, a Sofala, descobrem o Zambeze e Moçambique, completam a determinação de toda a costa occidental e oriental do continente negro e chegam por fim á India (1498).

Em meados do seculo xv (1463?) os portuguezes haviam visitado, antes de Colombo e Cabot, uma parte da America do norte (Terra Nova, Labrador, até ao estreito de Hudson), onde tornam a ir nos primeiros annos do seculo xvi. Christovão Colombo casa em Portugal, reside em Porto Santo e na Madeira, vê ahi, como todos os portuguezes, os objectos que as correntes muitas vezes traziam inexplicavelmente das grandes terras de oeste, herda os papeis e mappas de Perestrello, e navega com os viajantes portuguezes. É assim que elle se prepara para a descoberta da America central.

Mas em 1500 os portuguezes descobrem o centro da America do sul, logo em seguida reconhecem-na até ao Rio da Prata e Patagonia (1501-1503), até ao cabo das Virgens (1503), e emfim torneiam o novo mundo do Atlantico ao Pacifico e atravessam este grande mar, obliquamente, na sua maxima extensão, até ás Philippinas e ás Molucas:

Então, pela tomada de Ormuz e Mascate (1507-1515), á entrada do golfo persico; de Socotora (1504-1507), Aden (1524), e costa de Adal, á entrada do Mar Vermelho, percorrendo e dominando este até ao Sinai e até Suez (1541); pela posse de Diu (1509-1534), e Goa (1510), e Calicut (1502-1513), e Cotchin (1504), na costa Malabar, pelos estabelecimentos de Meliapor (1522), na costa coromandel do Indostão, pela colonia de Ceilão (1505-1518), de Malaca (1509-1511), d'onde os portuguezes foram ás ilhas da Sonda (1511-1526), ás Molucas (1511-1512), a Borneo (1526), ás Celebes (1525-1540), á Nova Guiné (1526), conhecendo Java e a Australia (1511-1529-1601), indo a Siño (1511-1518), ao Pegu (1511-1519), á China (1511-1518), á Cochinchina (1516), fundando Ning-Pó (1518), e Macau (1557), e chegando emfim ao Japão (1542-1549), — Portugal domina a circulação, o commercio de todo o Oriente.

Durante os seculos XV, XVI e XVII os portuguezes, — de que só posso agora mencionar os mais dignos, — percorrem litteralmente o mundo:

Uns, — Fagundes, Corte-Reaes, — intentam descobrir as regioes polares do norte e vão repetidas vezes ao norte da America (1463?-1500-1503);

Outro, — Martim Chaco, — passa o estreito que separa a Asia da America, corre todo o norte d'este continente, vai sahir ao Labrador (por 79° de latitude), á Terra Nova, á Irlanda e por fim a Lisboa (1555);

Outro, — David Melgueiro, — parte do Japão, passa pelo estreito já mencionado, corre ao norte até 84° de latitude, navega entre o Spitzberg e a Groenlandia e chega a Portugal, realisando, dois seculos antes de Nordenshiold a passagem do nordeste da Europa (1660);

Outro, — Martim Lopes, — percorre todo o norte da Europa até á Asia (1491-1500);

Outro, — Duarte Coelho, — vai á Cochinchina (1516);

Outros, — Thomé Pires e Vasco Calvo, — chegam a Tonkim (1517);

Outro, — Antonio Corrêa, — vai ao Pegu (1519);

Outros, — Tenreiro, Balthazar Pessoa, — atravessam a Persia, a America, a Syria (1522);

Outros, — Antonio de Andrade, João Cabral, — vão tres vezes ao Thibet atravessando toda a India (1624-1635)

Outros, — Fernão de Magalhães, Duarte Barbosa, João Serrão, Estevão Gomes, Rodrigues de Mafra, Lopes de Carvalho, Alvaro de Mesquita, Francisco d'Asseca, Christovão Ferreira, — descobrem a passagem do Atlantico para o Pacifico pelo sul (1520) e traçam a primeira viagem de circumnavegação do globo (1519-1522);

Outro, — Fernão Mendes Pinto, — viaja por vinte e um annos na India, em Malaca, em Sumatra, no Japão, na China, na Tartaria, no Pegu, está por treze vezes captivo, é dezesete vezes vendido como escravo, e espanta o mundo com a narração das suas viagens, tão extraordinarias, tão maravilhosas, que ninguem

a principio acredita n'ellas, e que muitos chegam até a duvidar da existencia do viajante (1537-1558).

Deixo de mencionar todas as viagens ao interior da America, notando apenas que o Brazil e o Rio da Prata (1502-1530), o Paraguai, o Uruguai, o Paraná (1527), foram, desde os primeiros annos do seculo XVI, percorridos e explorados pelos portuguezes.

Esta Historia só é possivel, porque o desenvolvimento scientifico acompanha o trabalho das viagens. É nas escólas de Portugal, mas é sobretudo nos navios portuguezes, que se inicia e que se põe em pratica a grande revolução que cria a Nautica moderna.

De 1534 a 1563 Garcia da Orta estuda, como naturalista e como medico, o Oriente. Desde os ultimos annos do seculo XVI aos primeiros do seculo XVII Manoel Godinho de Eredia estuda as populações da Malasia e as relações ethnologicas entre a Asia e a Oceania.

Em 1536 funda-se as primeiras escólas christãs nas Molucas (Ternate). Em 1540 funda-se na India o collegio de Cranganor. Em 1541 funda-se as escólas de Gôa, frequentadas por gentes do Malabar, do Decan, de Bengala, de Canara, e ainda de Java, e das ilhas Malaias, e ainda da China e da Abyssinia.

Em 1556 funda-se no Japão um hospital para leprosos e um asylo para creanças. Até aos fins do seculo XVI estabelece-se escólas, universidades em Gôa, em Malaca e por toda a parte conventos, egrejas e hospitaes.

N'um ponto especial de toda esta extraordinaria Historia me parece opportuno demorar-me ainda:

Já vimos como os portuguezes determinaram pela primeira vez, e em poucos annos (1430-1487) o verdadeiro contorno d'Africa. Mas no interior do grande continente, — do grande continente que tanto preoccupa n'este momento os exploradores e os governos das nações — no interior d'Africa, já desde 1446 um portuguez, João Fernandes, penetra sósinho, vive sete mezes no desconhecido e volta a contar as relações existen-

tes, e possiveis, entre os povos do centro e os das regiões mediterraneas. No mesmo anno descobre-se o Rio Grande da Guiné e sóbe-se por elle umas noventas leguas. Dez annos depois sóbe-se e explora-se o Gambia. Desde 1487 Pedro d'Evora e Gonçalo Annes chegam a Timbuctu, e desde os fins do seculo os portuguezes têm um estabelecimento em Huaden, no coração do Sahara.

Em 1490 Gonçalo e Rui de Sousa exploram vinte leguas pelo interior do Congo e João Peres da Covilhã fixa-se na Abyssinia.

Esta viagem da Abyssinia tenta-se por todos os lados e permitte ao mesmo tempo explorar o interior da Africa: uns vão á Abyssinia subindo o Nilo desde o Cairo ou desde Suakin, — Affonso de Paiva, — na costa do Mar Vermelho (1487); outros, — Rodrigo de Lima, Francisco Alvares, Christovão da Gama, Miguel de Castanhoso, — partem de Massuah (1520-1541); outros, — Fernão Gomes, J. Peres da Covilhã, — de Zeila (1490); outros partem do cabo Guardafui e paiz dos Somalis (1508); outros, — como Jeronymo Lobo, — penetram pelo paiz dos Galas (1624); outros partem de Melinde no Zanguebar (1520); outros, — Gregorio da Quadra, — são enviados a estudar a passagem do Congo á Abyssinia, ou da Abyssinia ao Congo, por oeste (1546); mais se estuda a maneira de passar do Zambeze á alta Ethiopia e a Angola, aproveitando os Lagos centraes e, principalmente, a linha de agua Nhassa-Tanganhica, conhecida pelos portuguezes desde o seculo XVI, e explorada por elles, pelo menos, desde o seculo XVII.

Entretanto, e já desde 1488, 1500, 1569, 1573 e 1607, João Peres da Covilhã, Sancho de Toar, Barreto, Homem, Estevão de Ataíde visitam Sofala, Manica, Quiteve, Chicova e exploram o seu ouro. Em 1560 Gonçalo da Silveira interna-se por Inhambane, pelo paiz dos Bu-Tonga, hoje mais conhecido pelo nome de Gaza, e vai depois, voltando a Quilimane, desde as margens do Zambeze ao coração do Muene-Matapa. Pelos meados do seculo XVII as expedições de Baião chegam ao coração da Butua. Nos fins do seculo XVIII Vicente Pires interna-se no Dahomé e o dr. Lacerda chega ao Cazembe (1798).

Mas já em 1520 Gregorio da Quadra traz a Portugal a noticia da existencia de grandes Lagos no centro d'Africa, d'onde sahem o Nilo e d'onde sahe o Zaire. E já em 1590 se publica a descripção, feita por Duarte Lopes, dos systemas hydrographicos de toda a Africa Austral, por fórma que, nas suas mais importantes e essenciaes feições, tem ella sido confirmada pelas descobertas posteriores.

Uma vez estabelecidos nos chamados reinos do Congo e Angola, — ao occidente d'Africa, — e em Moçambique, e em Sofala, e em Manica, e no Zambeze, e na Butua — ao Oriente, — os portuguezes emprehendem communicar os seus estabelecimentos através das terras do interior, tomando posse d'ellas. N'este empenho se interna por Angola Balthazar de Aragão em 1606 e João da Roza em 1676 a 1680, Francisco Honorato da Costa em 1797, o dr. Lacerda em 1798, as duas expedições enviadas por Antonio de Saldanha da Gama de Loanda a Moçambique e de Moçambique a Loanda em 1807 a 1815, e n'este empenho se realisam as numerosas e mais conhecidas viagens modernas, desde as de Gamito, Coimbra e Silva Porto, até ás de Serpa Pinto, Capello e Ivens.

Esses numerosos emprehendimentos não foram porém realisados ao acaso, por aventureiros particulares: foi sempre Portugal que, pelos seus enviados auctorisados, pelos seus representantes officiaes, proseguiu, com uma constancia inflexivel, um plano seguro.

Conhecimento da terra, alargamento do commercio, christianisação dos povos: eis o fim.

Conquistar o centro infiel do norte d'Africa; obter pelo interior d'Africa, do norte a sul, informações sobre os povos d'este desconhecido continente; procurar entre elles um povo christão; adquirir conhecimento da costa de oeste: eis a primeira fórma do plano.

A verificação das noções da antiga sciencia geographica, a passagem para o Oriente por mar e por terra, o aproveitamento do culto christão que se assignalava na Abyssinia, a civilisação christã das raças indigenas, o conhecimento das principaes li-

nhas de communicação através d'Africa: eis a segunda fórma que assumem as explorações systematicas.

E, com o andar dos tempos, tudo se resume na palavra «India», — a fonte do ouro, das pedrarias coloridas e phantasticas, a fonte das especiarias, dos sabores novos, excitantes, imprevistos.

São, com effeito, os portuguezes, os que iniciam quasi todos os novos caminhos da India e que descobrem tudo o que esta palavra lendaria podia significar: procuram-lhe o caminho ao noroeste da Europa com Fagundes, os Côrte-Reaes e Chaco; a nordeste com Martim Lopes e David Melgueiro; pelo centro da America do sul com Pedro Alvares de Cabral; pelo extremo sul da America com Faleiro, Magalhães e os seus companheiros; pela costa de Africa com a legião de navegadores que preparam o triumpho de Vasco da Gama.

Eu não pude fazer mais que a citação de alguns dos factos mais salientes d'esta maravilhosa historia, e, todavia, elles são, ainda assim, tão numerosos, que eu temo ter cansado a attenção dos que me fazem a honra de me escutar. Mas é certo que só a massa de acontecimentos que deixo apontados póde dar uma impressão aproximada da colossal actividade de Portugal na historia do mundo; e eu sei que os inglezes preferem factos, informação positiva e documentada, a phrases vagas, a leis geraes e a declamações sem provas.

Para avaliarmos agora o que a historia de Portugal representa de heroismo, basta que consideremos as difficuldades reaes, e os perigos phantasticamente imaginados, que o animo dos portuguezes dos seculos XIV, XV e XVI teve de vencer, — quando se suppunha, que, na navegação para o sul ou para oeste, se entraria na perdição inevitavel das nevoas densas de um mar de perfeitas e absolutas trevas, onde as vagas, encontradas e monstruosas, d'uma agua semi-solida e ardente, consumiriam sem remedio todos os navios; onde os animaes eram estranhos e gigantes; onde estatuas de bronze, montanhosas, defendiam, com gestos humanos e desvairados, o caminho aos navegantes; e por onde, emfim, se cahiria n'um prodigioso

abysmo, dentro de que esse mar todo se subvertia, e onde o mundo acabava incomprehensivelmente.

Quem compara os barcos de então com os navios de hoje, a ignorancia antiga com a sciencia moderna, as armas primitivas com os instrumentos aperfeiçoados do seculo XIX, póde bem medir a distancia que vai dos heroes do seculo XV aos heroes de hoje.

III

Portugal não foi porém apenas o mais importante descobridor da terra; foi tambem o iniciador e o mestre da colonisação moderna.

Em muitos dos pontos descobertos, visitados, explorados, percorridos, os portuguezes lançaram sementes de colonisação, ou deixaram vestigios de trabalhos preparatorios para ella. Nem todas essas sementes fructificaram logo; e, quando muitas d'ellas se tornaram fortes plantas e começaram a dar fructos, nem sempre foram os portuguezes que colheram esses fructos. Mas foi sobre essas primeiras tentativas, experiencias e revelações dos portuguezes, que assentou o trabalho de todas as outras nações, para o conhecimento, para a exploração e para a colonisação da terra.

Tem a colonisação portugueza erros?

Sem duvida. Que a nação colonial que nunca errou lhe atire a primeira pedra. É justo porém lembrar que foi com os erros coloniaes de Portugal que todas as outras nações aprenderam.

As primeiras colonias modernas foram estabelecidas pelos portuguezes em 1425 nas ilhas da Madeira e Porto Santo, e de 1432 a 1466 nas ilhas dos Açores. Em 1451 o Funchal, na ilha da Madeira, é já uma villa. Em 1455 Porto Santo é já uma colonia populosa. Nas ilhas de Cabo-Verde a colonisação começa em 1461. Em 1485, a ilha de S. Thomé, no extremo do golfo da Guiné, é tambem já colonisada.

A viagem de Colombo, — d'onde os escriptores ordinariamente datam a colonisação moderna, — só se faz em 1492:

quando Colombo volta da America, as ilhas atlanticas são já prosperas colonias, com culturas novas introduzidas e uma população importante.

Na Africa, em 1482, os portuguezes estabelecem-se á entrada do golfo da Guiné. De 1491 a 1504 começa a exploração do Congo. Em 1504 funda-se uma fortaleza em Quiloa. Em 1505, uma em Sofala. Em 1507, uma fortaleza, um hospital e uma egreja em Moçambique, e em 1513, um estabelecimento nas ilhas de Mascarenhas, guarda avançada já para a exploração da Oceania.

Em muitos portos da Africa, ou das ilhas que lhes estão proximas, os estabelecimentos portuguezes, que n'esses tempos tinham que possuir caracter militar, não chegam a transformar-se em verdadeiras colonias; mas todos elles são pontos de partida para a exploração e para o estudo do interior.

De 1559 a 1595 funda-se, na costa occidental, a colonia portugueza de Angola.

Em 1544 Quilimane, no delta do Zambeze, é já uma colonia. De 1569 a 1573 a colonisação portugueza sobe pelo valle do Zambeze e funda Sena e Tete. O chefe supremo dos Matapa, — nome que servia a designar os povos que occupavam os territorios que vão de Sofala e Manica ao Calahari, ao Zambeze e ás terras dos Marave, — o poderoso Muene-Matapa digo, faz doação perpetua em 1607 e 1629, por dois actos escriptos que ainda existem, de todas as minas de ouro, cobre, ferro, estanho, chumbo e prata do seu vastissimo imperio, — e doação do proprio imperio, — ao rei de Portugal. E em pouco tempo, ao sul do Zambeze, desde este rio e o mar, até ás margens do Sanhate, e até ao centro do que hoje se chama o paiz dos Matabele; e, ao norte do Zambeze, até aos paizes de oeste do Nhassa e do Chire, os portuguezes assentam as suas explorações de ouro, os seus *bares*, as suas feiras, as suas plantações de laranjeiras e limoeiros, as suas egrejas e as suas fortalezas, de que ainda hoje se encontram as numerosas ruinas.

Na Asia, no extremo oriente, os portuguezes fundam, em 1503, o centro militar de Cochim e a feitoria de Coulam; em

1505 os fortes de Anchediva e Cananor; em 1507 as fortalezas de Ormuz; em 1510 a colonia de Gôa; em 1518 a de Columbo, em Ceilão; em 1534 a fortaleza de Diu; em 1557 a colonia de Macau, e, em 1588, assentam uma fortaleza em Mascate. Mas já em 1508 têm posto uma feitoria em Malaca, que conquistam completamente em 1511. Em 1595 estabelecem-se com a colonia de Solor, no coração da Oceania.

Nas terras das Indias, e nos mares do Oriente, os portuguezes ensaiam dois systemas de dominio:

O systema por que naturalmente se começa, consiste em não apropriar a terra, — não possuindo n'ella mais que feitorias e fortalezas para as proteger, — mas em segurar, por meio de esquadras, o commercio maritimo, expulsando ou arredando os concorrentes arabes, ethiopes, egypcios, tartaros, turcos e venezianos, e protegendo, contra elles, todos os indigenas asiaticos.

Para isto Portugal guardava o mar Vermelho e o golfo persico, como sendo as portas das antigas correntes commerciaes entre a India e a Europa; para isto explorou e procurou conservar o privilegio da descoberta do novo caminho pelo Cabo da Boa-Esperança, e, por Ceilão e Malaca, foi explorando e dirigindo o commercio do extremo Oriente.

O segundo systema, porém, importava a formação d'um grande imperio oriental, com cidades fundadas ou conquistadas que dominassem extensos territorios, com chefes e reis avassallados pela força ou pelo temor. Affonso d'Albuquerque é o homem épico que tenta realisar esta colossal idéa:

Os pontos de partida para a conquista do imperio são Gôa e Diu (dando a posse do Indostão); Ormuz (para a conquista da Persia); Aden e Mascate (para o dominio da Arabia); Malaca (para o senhorio dos archipelagos, que são a chave do oriente mais longinquo); Sofala (para a exploração da Africa aurifera).

Sobre dois grandes feitos iniciaes devia basear-se o novo imperio, aniquilando os inimigos e concorrentes commerciaes do antigo caminho de Veneza: pelo primeiro ir-se-hia a Meca destruir o santuario do musulmanismo; pelo segundo arruinar-

se-hia o delta do Egypto, desviando o curso do Nilo para o mar Vermelho.

Affonso d'Albuquerque, o *leão do mar,* como lhe chamaram, pôde ainda começar a realisação d'estas gigantescas concepções.

O snr. Theodoro Bent, — o celebre viajante e orientalista que já fallou n'este logar, — ainda o anno passado me contava, com profunda admiração, das poderosas ruinas que elle vira na Persia e na Arabia, ruinas das fortalezas e das antigas construcções edificadas pela robusta mão dos portuguezes do seculo XVI.

Vejamos agora rapidamente, para completar o quadro, alguns dos trabalhos de colonisação portugueza na America:

Até 1534 o Brazil é dividido em doze capitanias, ou como que doze estados feudaes, independentes uns dos outros, doados a doze membros da aristocracia portugueza. Ahi se estabelecem fócos de colonisação regular, disciplinada já então, em contraste com a existencia e formação, até mesmo aos nossos dias desordenada e revolucionaria, das colonias hespanholas da America central e occidental. O commercio do Brazil abre-se logo aos estrangeiros e procura attrahil-os. Em 1549 estabelece-se na Bahia de Todos-os-Santos um governo central. Em 1567 funda-se a cidade do Rio de Janeiro, futuro centro do governo. Mas desde o começo, Pernambuco ao norte e Santos ou S. Paulo ao sul, são os dois fócos caracteristicos da colonisação, que a agricultura, com a canna de assucar, desenvolve rapidamente. Os jesuitas espalham-se por toda a parte missionando; e os aventureiros, por toda a parte tambem, no interior do grande continente, procuram o ouro, os metaes preciosos, os trabalhadores. O assucar primeiro, depois o café, o algodão, todos os productos agricolas naturaes americanos, e emfim o ouro e os diamantes, exigindo gente para as explorações, promovem a escravatura que, do outro lado do Atlantico, na Africa selvagem, se encontrava, e se encontra ainda, nos costumes das tribus negras.

É então que as colonias da Africa se applicam a fornecer

operarios forçados ás colonias americanas e que o trafico dos escravos se desenvolve. Mas esse trafico, dil-o-hei de passagem, nem foi inventado pelos portuguezes, nem exercido só por elles. A Inglaterra nunca considerou menos heroe a sir Francis Drake por elle se haver tornado celebre na historia da escravatura africana. Os primeiros negros capturados na costa occidental da Africa, foram-no pelo francez Joao de Bethencourt em 1405. Os primeiros escravos enviados para a America foram-no por hespanhoes. Os primeiros escravos que em 1620 desembarcaram em Jamestown foram levados por um negreiro hollandez.

O Brazil cresce, desenvolve-se e destaca-se emfim, mais tarde de Portugal, formando um imperio independente. Mas o caracter dominante da população e da civilisação brazileira é ainda hoje portuguez.

O Brazil serve a mostrar o poder colonisador da raça portugueza e como, em virtude d'esse poder, um paiz pequeno pôde formar uma nação florescente de cêrca de onze milhões de habitantes, sobre uma área de cêrca de nove milhões de kilometros quadrados, quando outras nações, que foram sempre mais populosas, mais ricas, mais fortes do que Portugal, nada poderam até hoje fazer de semelhante.

A descoberta do mundo e a sua colonisação são, como já disse, na minha opinião, o papel historico de Portugal. Por isso, chamado a fallar da «vida nacional e do pensamento» [1] d'este paiz, eu me tenho demorado n'essa parte. Para dizer, porém, todo o meu pensamento a tal respeito, eu devo, em contraste com os processos coloniaes das raças britannicas, descrever o que para mim caracterisa o espirito da colonisação portugueza.

O inglez colonisa, transportando para os paizes novamente occupados as fórmas elevadas da sua civilisação, dominando absolutamente os indigenas, substituindo-se a elles, exterminando-os ou afastando-os, conservando-se sempre isolados d'elles, desprezando-os.

[1] *National Life and thought.*

O portuguez colonisa unindo-se aos indigenas, formando familia com elles, creando uma raça mixta, constituindo povoações, que se vão lentamente civilisando, mas em que os povos, que se encontraram nos paizes dominados, não estão systematicamente classificados á parte.

No indigena o inglez vê instinctivamente sempre um desprezivel animal inferior, sobre o qual se podem naturalmente fazer experiencias ethnologicas. O portuguez vê no indigena um homem, barbaro sem duvida, mas com quem elle se associa, de igual a igual, por pouco que a educação, a civilisação o tenham aproximado do europeu.

Ninguem em Portugal se espanta de vêr officiaes, professores, homens de sciencia indios, negros ou mulatos. Mas um funccionario portuguez já teve de ser substituido no Oriente porque as authoridades inglezas o não queriam receber, e, uma vez, na estação naval de Angola, officiaes da marinha ingleza negaram-se a jantar com um mulato que era official portuguez. Cito dois exemplos, mas conheço mil.

Assim uma colonia ingleza é sempre mais brilhante que uma colonia portugueza, porque a primeira representa apenas um pedaço da Europa collocado *de toutes pièces* sobre um territorio selvagem. Mas a colonia portugueza representa, em compensação, o incorporar, o assimilar lento, laborioso, mas caridoso e seguro, do selvagem, do barbaro, que desde logo se vê collaborar na civilisação superior. As leis coloniaes de Portugal promoveram sempre o casamento dos colonos com as mulheres indigenas e trataram de crear a familia mixta.

A Africa é hoje a grande preoccupação da Europa, e a civilisação d'Africa é o objectivo colonial do Portugal moderno. Permittir-me-hão que eu accrescente que os portuguezes têm em Africa uma grande superioridade sobre os colonos das outras nações concorrentes. A *Africa* deve ser para os *africanos,* para as raças que existem naturalmente lá hoje ou em que exista sangue das raças negras. O branco póde e deve guiar, educar, ensinar, civilisar, estabelecer-se mesmo em regiões limitadas e excepcionaes. Mas de futuro o dominador não será o europeu,

ou, pelo menos, não será o europeu puro. É aos mulatos portuguezes, dotados da intelligencia do europeu e da resistencia physica do indigena, que pertencerá definitivamente o grande continente negro.

A resistencia ao clima de Africa é evidentemente uma condição indispensavel para o povo que quizer habitar as suas regiões mais inhospitas. O portuguez é, n'este sentido, notavelmente mais resistente que qualquer outro povo europeu. Por isso, ainda ha pouco, os empregados dos estabelecimentos commerciaes que a Hollanda tinha no Zaire eram, quasi todos, portuguezes. Collocados nas zonas mais insalubres d'Africa, as colonias portuguezas têm sabido, apesar d'isso, prosperar. Não é com o Cabo da Boa-Esperança que é justo comparar Angola, mas com a Serra Leôa ou quaesquer outras povoações inglezas do golfo da Guiné. Em latitudes, ou antes, em condições comparaveis de clima, salubridade e geographia, as colonias portuguezas de Africa são superiores ás de quaesquer outras nações.

Fica assim, julgo eu, completo o quadro dos elementos essenciaes que, no trabalho historico e na aspiração moderna, caracterisam o genio portuguez.

Eu disse que Portugal estava ainda hoje animado da mesma missão que tão grande o fizera outr'ora. As explorações e trabalhos portuguezes do seculo XIX ahi estão para o attestar. Um dos «preconceitos insulares da Grã-Bretanha» — segundo a propria phrase do programma d'esta sociedade, — consiste em ignorar esses trabalhos, ou em os esquecer muito facilmente. Quando na sessão da *British association*, em 1889, eu li uma simples enumeração das explorações portuguezas do seculo XIX na Africa austral, um dos mais importantes jornaes da Grã-Bretanha, o *Scotsman*, disse que essa «enumeração de datas, explorações, nomes de exploradores e documentos tornou-se um tanto fatigante...» [1] «Signaes de importancia», accrescentava o mesmo

[1] «... his enumeration of dates, names, explorers, and documents became somewhat wearisome.

jornal, « se manifestaram antes que Mr. Reis tivesse terminado as suas monotonas listas ». Assim o *Scotsman* prova duas coisas: a primeira, que as descobertas e explorações modernas portuguezas são tantas que a simples leitura d'uma lista d'ellas occupa consideravel tempo; a segunda, que ellas interessam tão pouco uma assembléa britannica que esta se aborreceu de escutar-lhes a nossa enumeração, preferindo continuar a dizer falsamente, como de ha muito se póde lêr em toda a Grã-Bretanha, que Portugal não trabalha.

IV

Determinado assim o papel de Portugal na « Historia do mundo », o seu papel na « Historia da Europa » póde definir-se em poucas palavras: Portugal tem sido um alliado da Inglaterra.

Na Europa continental Portugal tem sido, com effeito, a praia de desembarque da Inglaterra, já para esta se assegurar da Hespanha, já para atacar a França pelo flanco, já para lhe distrahir as forças. Commercialmente, toda a politica ingleza tem consistido em conservar Portugal, sem industrias, a consumir productos inglezes.

N'este ponto sou, por isso, obrigado a dizer, que a alliança que dura, ha mais de sete seculos, entre Portugal e a Inglaterra, tem sido sempre caracterisada, para Portugal, por uma fórma particularmente desfavoravel.

É penosa para mim, n'este logar, uma tal declaração. Mas eu fui chamado aqui para dizer a verdade; sendo a que se refere ás allianças anglo-portuguezas uma das que mais urgentemente devem ser ditas a uma assembléa de inglezes.

Logo desde o meado do seculo XIV as guerras com França, e as pretensões inglezas á propria corôa de Castella, obrigavam

« . . . Signs of impacience manifested themselves before Mr. Reis had finished his dreary lists and statistics ». *Scotsman*, Edinburgh, 14 Sept. 1889.

a Inglaterra a procurar insistentemente a alliança de Portugal. Em 1345 uma filha de Affonso IV de Portugal foi pedida para mulher do celebre «Principe Negro», filho de Eduardo III de Inglaterra. O rei de Portugal preferiu dal-a em casamento ao rei de Aragão.

Do meado aos fins do seculo XIV Portugal celebra mais d'um tratado com a Inglaterra, e o rei de Portugal, João I, casa com uma filha de «John of Gaunt» duque de Lancaster. João I é o primeiro soberano estrangeiro investido com a ordem da Jarreteira (1400). Algumas tropas inglezas vão, desde então, auxiliar os portuguezes, e tropas portuguezas auxiliam por mais d'uma vez os inglezes, já em Inglaterra, já em Hespanha. D'uma vez, durante mezes e com 9:000 homens d'armas, isto é, com cerca do dobro do que pelos tratados devia, combate o rei de Portugal em Hespanha, pelo duque de Lancaster. O exercito inglez contava no começo d'essa campanha, uns 20:000 homens. Froissart que habitou a Inglaterra precisamente durante a primeira metade do seculo XIV, amigo e commensal dos principes da casa de Lancaster, refere, nos seguintes termos, o que aconteceu a essas tropas, durante as guerras de Hespanha: [1]

«... et forts vins trouvoient ils assez dont ces archers [les anglais], buvoient tant qu'ils se couchoient le plus du temps ivres. Et moult souvent par trop boire... ils avoient la foire, ou au matin si mal en leurs têtes que ils ne se pouvoient aider tout le jour.

«... de leurs vins qui étoient si forts et si ardens que ces anglois n'en pouvoient boire; et quand ils en buvoient trop largement, ils ne s'en pouvoient aider bien deux jours après.

«Ces anglois mangeoient des raisins à foison... et puis buvoient de ces forts vins de Lussebonne et de Portingal pour eux rafreschir; et plus en buvoient, plus s'echauffoient... et ils avoient les vins durs et chauds, et en buvoient largement pour

[1] As citações de Froissart fazem-se aqui textuaes. Para a «Lecture» em inglez serviu a traducção de Thomaz Johnes de 1804.

oublier leurs douleurs... et s'endormoient tous nus en cette ardeur et chaleur de vin» [1].

E a falta de comidas abundantes, o calor, a dysenteria, a peste, terminaram a campanha [2].

Dos 20:000 inglezes iniciaes restavam dentro em pouco apenas uns 1:000.

O mesmo Froissart accrescenta:

«Anglois sont plus mous et plus moites qui ne sont portingalois.

«Ceux de Portingal portoient encore assez bien cette peine, car ils sont durs et secs et faits à l'air de Castille» [3].

O duque de Lancaster adoeceu tambem e os poucos soldados inglezes validos abandonaram-no. Mas o rei de Portugal e as tropas portuguezas protegeram-no e acompanharam-no até ao fim. «John of Gaunt» desistiu de todas as suas pretensões em Hespanha. João I, de Portugal, fel-o acompanhar a Inglaterra por uma armada de 10 navios tripulados por 2:300 homens e emprestou-lhe quantias consideraveis, cuja restituição nunca se lhe exigiu.

No fim do mesmo seculo XIV, já em tempo de Ricardo II de Inglaterra, Portugal ainda auxilia esta nação contra a França e Castella colligadas.

Desde então até hoje, os termos em que se tem estabelecido as allianças entre Portugal e a Inglaterra, têm sempre sido muito desiguaes e desfavoraveis para Portugal. A Inglaterra faz-se habilmente pagar dos auxilios que presta, ainda mesmo

[1] Jean Froissart, *Chroniques*, liv. III, cap. XXXIV, pag. 494; cap. LV, pag. 556; cap. LXXXIII, pag. 632, 633, ed. J. A. C. Buchon, 1835, A. Desrez.

[2] Os historiadores inglezes declaram seguir n'este ponto Froissart como a unica authoridade: «Froissart que vivia n'aquelles dias e que soube o que escreveu da bôca d'aquelles mesmos que haviam acompanhado o duque». Raphael Holinshed, *Third volume of chronicles*, etc., *extended to the year 1577*, London 1587, pag. 450. Mas têm o cuidado de omittir tudo o que se refere á embriaguez dos soldados inglezes.

É curioso tambem comparar Froissart com Thomas Walsingham, *Historia brevis ab Edwardo primo ad Henricum quintum*, 1574, Londini.

[3] Froissart, *Loc. cit.*, livro III, cap. LXXXII, pag. 631.

quando as tropas que ella envia a Hespanha sirvam tanto, ou mais, os seus interesses do que os interesses dos portuguezes, e os inglezes adquirem em Portugal privilegios extraordinarios e sem reciprocidade. As colonias portuguezas servem, além d'isso, muitas vezes, para saldar as contas.

Eu não posso agora fazer um estudo completo das relações diplomaticas de Portugal e Inglaterra. Tenho apenas tempo para citar os pontos mais salientes d'essa interessantissima historia:

Em 1654 a Inglaterra obtem a liberdade de navegação e commercio com as colonias portuguezas. Portugal obriga-se no seu proprio commercio a só empregar navios inglezes. Os productos das industrias inglezas não pagavam então em Portugal mais de 23 %; mas os productos portuguezes pagavam em Inglaterra quanto convinha aos inglezes.

Em 1661 D. Catharina de Bragança casa com Carlos II de Inglaterra. Luiz XIV de França, interessado em combater a Hespanha, offerece á Inglaterra um subsidio annual para que esse casamento se faça. E Portugal cede á Inglaterra, em Africa, a cidade de Tanger e todos os seus territorios, e na India, o porto e ilha de Bombaim. Além d'isto, a princeza de Portugal leva ao rei de Inglaterra dois milhões de dote: o tratado é cuidadoso em estipular que Tanger será entregue aos inglezes *antes* da princeza sahir de Lisboa, e que um dos dois milhões do dote será *depositado* nos navios inglezes *antes* da princeza embarcar.

Pelo tratado de 1661 os inglezes ficam com o direito de se estabelecerem, com todas as regalias dos nacionaes, em qualquer das colonias portuguezas.

Uma alliança contra a Hespanha e a Hollanda era a compensação que a Inglaterra devia dar das extraordinarias dadivas de Portugal. Mas o interesse da Inglaterra em contrariar essas potencias era então tão grande como o de Portugal: a Hespanha era a inimiga da França, com quem Carlos II sempre esteve ligado. A Hollanda era a grande rival da Inglaterra nas emprezas coloniaes. Obtidas as vantagens citadas, a Inglaterra

abandonou Portugal. No Oriente o auxilio contra a Hollanda foi nullo. Nas negociações para a paz entre Portugal e esta potencia, a Inglaterra foi, pelo contrario, um constante embaraço.

No tratado de 1661 estipulava-se que, se a Inglaterra tomasse á Hollanda alguma das que haviam sido possessões portuguezas, a Inglaterra a guardaria para si; mas que, se Portugal retomasse á mesma Hollanda a ilha de Ceilão, a entregaria á Inglaterra. Que se a dita ilha comtudo, em «algum tempo» viesse ao poder do rei da Grã-Bretanha, «este restituiria ao rei de Portugal o dominio e posse da cidade e porto de Colombo». Os que me escutam sabem perfeitamente que Ceilão está na posse da Inglaterra desde 1802. Mas não sabem talvez que o governo portuguez exigiu, em vão, ainda em 1839, do governo inglez o cumprimento do tratado de 1661. Colombo nunca foi entregue a Portugal.

No mesmo tratado de 1661 a Inglaterra obriga-se a enviar tropas e armadas que «em qualquer tempo» defendam Portugal contra os seus inimigos. No fim do art. 6.º diz-se: «... nunca o rei da Grã-Bretanha nem seus herdeiros e successores pedirão coisa alguma por estes soccorros»: tropas e esquadras inglezas mais d'uma vez depois d'essa data foram a Portugal, sem que mais d'uma vez esta clausula se observasse.

Em 1703 Portugal celebrou com a Inglaterra um tratado de commercio que admittia os vinhos portuguezes em Inglaterra por um direito inferior ao dos vinhos de França, e que abriu, sem direitos expressos, os mercados de Portugal aos tecidos de lã inglezes. Este tratado foi a ruina completa das industrias portuguezas e a impossibilidade do seu futuro desenvolvimento. No mesmo anno, a alliança ingleza lançou Portugal, sem o menor proveito para este paiz, na guerra contra a França e contra Philippe v de Hespanha.

Em 1703, depois da guerra da successão de Hespanha e pelo tratado de Utrecht, Portugal é o unico dos belligerantes que entrega, sem compensações, tudo o que havia conquistado n'uma lucta, a meio da qual, a Inglaterra o abandona.

É em Utrecht, e por esse mesmo tratado, que a Inglaterra

solicíta e obtem o privilegio de abastecer de 145:000 escravos africanos as colonias hespanholas: a Grã-Bretanha torna-se então senhora do mais abundante monopolio de escravatura.

Com a administração do celebre marquez de Pombal, as industrias portuguezas começaram a renascer. Mas de novo as aniquilam as invasões francezas, os exercitos inglezes que no começo do seculo XIX combateram na peninsula iberica, e o tratado de 1810 com a Inglaterra.

Por este tratado confirmam-se os extraordinarios privilegios de que gozavam em Portugal os inglezes, e todos os generos das industrias de Inglaterra são admittidos, antes mesmo da ratificação do tratado, com o simples pagamento de 15 % *ad valorum*, sem reciprocidade para os productos portuguezes nos portos da Grã-Bretanha. A Inglaterra adquiriu, além d'isso, o direito de crear estaleiros de marinha em terras de Portugal.

Eis a opinião insuspeita do Duque de Wellington sobre uma parte das concessões que os inglezes extorquiam a Portugal: «Não temos direito de exigir a liberdade de commercio. A Grã-Bretanha arruinou Portugal por meio do livre commercio com o Brazil, não só fazendo perder ás alfandegas annualmente um milhão de libras esterlinas, mas minando as fortunas de numerosas pessoas que viviam d'este negocio; ... Portugal estaria hoje n'uma situação muito differente, mesmo como alliado da Inglaterra, se o commercio com o Brazil se fizesse ainda por Lisboa; e eu apenas perguntarei se é prudente, liberal ou justo destruir o poder, os recursos, e arruinar absolutamente os nossos alliados para encher as algibeiras dos nossos negociantes com o dinheiro que antes entrava no Thesouro de Portugal...» [1]

Vemos no tratado de 1810 o que faziam os governos. Vejámos agora o que fizeram em Portugal, durante a guerra que esse tratado liquidou, os exercitos inglezes.

O duque de Wellington escreve, dos seus proprios soldados, o seguinte:

[1] *The Dispatches of the Duke of Wellington*, 1883, v, 349, 350.

« Ha muito que eu entendo que um exercito inglez não sabe bem comportar-se nem sob a impressão das victorias nem sob a acção dos revezes. ... Os soldados têm saqueado este paiz [Portugal] do modo o mais terrivel... Além de muitas outras coisas costumam apoderar-se dos bois para depois os venderem ao proprio povo a quem os roubaram. ... Sei que ha soldados que embargam carruagens e exigem depois dinheiro para as restituirem.

«... O exercito tem-se comportado terrivelmente (terribly ill). Os soldados são uma canalha que a prosperidade desmoralisa tanto como a derrota costumava desmoralisar as tropas de sir John Moore... Devo queixar-me officialmente e reenviar para Inglaterra um ou dois regimentos de castigo. Saqueiam por toda a parte.

«... É impossivel descrever... as irregularidades e ultrajes praticados pelas tropas... Não ha uma especie de ultraje, qualquer que elle seja, que não tenha sido commettido, contra um povo que, sem excepção, nos tem sempre recebido como amigos, por soldados que nunca ainda, nem por um momento sequer, soffreram a mais pequena falta ou a mais ligeira privação.

«... A conducta dos soldados é infame... apesar de estarem sempre bem alimentados e cuidados, apesar de serem recebidos como filhos no seio das familias portuguezas, têm commettido toda a sorte de ultrages. Nunca ainda acompanharam um comboio de dinheiro que não roubassem o cofre, nem mesmo de sapatos ou outro qualquer artigo que podessem usar ou vender de que elles não roubassem alguma parte. ... Os soldados são culpados dos mais vergonhosos assassinatos, roubos... e o povo d'este paiz tem quasi universalmente um tal affecto pela nação britannica que se recusa, quando está a sangue frio, a accusar estes indignos soldados... apesar de promptamente se desaggravar quando é offendido... O perjurio é tão frequente como o roubo ou o homicidio.

«... O nosso exercito é, n'um qualquer paiz, ... peor que o inimigo.

« As minhas esperanças fundam-se... particularmente em que, como não ha vinho *novo* (*new* wine) em Galliza, as tropas que atravessarem essa provincia em agosto e setembro não adoecerão, como lhes aconteceria em Portugal, e que chegarão a reunir-se ao exercito n'um estado toleravel para o serviço militar.

« ... Todo o exercito [inglez] reconhece o bom tratamento que uniformemente tem recebido do governo e do povo de Portugal.

« ... Raro chega um correio que não traga a narração de algum novo ultraje praticado pelos soldados inglezes contra os habitantes de Portugal.

« ... Devemos formar os nossos exercitos com soldados... que não sejam tirados, como agora, apenas das más classes da sociedade » [1].

Ainda hoje a tradição sempre viva assevera por toda a parte em Portugal ao viajante, que os exercitos inglezes auxiliares devastavam tanto ou mais que os exercitos francezes inimigos. Essa mesma tradição conta, significativamente, que foram sobretudo os edificios e os mecanismos das fabricas que os regimentos inglezes demoliram e incendiaram na peninsula.

Seria longa, mas seria equivalente, a narração do que entretanto se passava nas colonias de Portugal occupadas pela alliada Inglaterra.

Quando o tratado de 1815 liquidou emfim em Vienna as perdas soffridas pelas guerras de Napoleão, o apoio inglez faltou, como sempre, e Portugal teve de restituir o que conquistára durante a guerra (a Guyana), e não recebeu o que, durante ella, havia conquistado (Olivença), obtendo da indemnisação pecuniaria muito menos do que outros paizes que não soffreram tanto.

É Portugal a unica nação que, em Vienna, assigna logo com a Grã-Bretanha um tratado, pelo qual immediatamente co-

[1] *The Dispatches of Field Marshal the Duke of Wellington*, 1839, IV, 374, 380, 433, 436; X, 106; VII, 195; VIII, 279; V, 448, 449; IX, 340; V, 114.

meça a abolição do commercio de escravos nas colonias. Uma lei de 1836, uma outra de 1839 e o tratado com a Inglaterra de 1842 realisam completamente a generosa aspiração.

Estimo que o pouco tempo de que disponho me não permitta descrever as relações diplomaticas entre Portugal e a Inglaterra de 1839 a 1840.

Desde 1842 Portugal é a unica nação que admitte, na Africa tropical e austral, o direito de visita a navios mercantes; a unica nação cujos navios de guerra acompanham os navios de guerra inglezes no cruzeiro contra a escravatura.

E todavia (o que prova quanto estas conferencias são necessarias), e todavia ainda ha pouco, a proposito do bloqueio da Africa oriental e da conferencia anti-esclavagista de Bruxellas, todos os jornaes de Inglaterra declararam que esta nação prestára sempre, *desacompanhada*, esse serviço á humanidade!

Que ninguem se illuda, porém, com esta parte do meu discurso: eu desejo que Portugal continue alliado á Inglaterra, mas desejo que essa alliança tenha, pela primeira vez, por base, uma verdadeira reciprocidade, que essa alliança seja feita, de parte a parte, pela primeira vez tambem, com inteira independencia, e cumprida com inteira probidade; que essa alliança seja emfim a união de duas nações que se estimam, que prestam inteira homenagem aos grandes serviços que sem duvida as suas duas historias representam, e que essa alliança tenha sempre por base o respeito do Direito.

V

Fica dito o que caracterisa physicamente Portugal, fica exposto o papel d'esta nação na historia do mundo e o seu papel politico na historia da Europa. Resta esboçar em breves traços, — porque já vai longa a minha conferencia, — a posição de Portugal entre os povos da sua mesma raça.

Os portuguezes foram sempre mais cosmopolitas e, por isso,

ousarei dizer, mais *europeus*, do que os outros grupos nacionaes da peninsula iberica. Nunca tiveram a forte imaginação hespanhola, o poder lyrico e eloquente dos andaluzes, as intransigencias cegas dos castelhanos, dos aragonezes ou dos bascos, a paixão theatral e exteriorisada de todos esses. Mas os portuguezes foram sempre, na peninsula iberica, os mais serenos, os mais reflectidos, os mais analyticos, — intimamente apaixonados, conscientemente melancolicos e graves. O que os portuguezes dizem ou o que escrevem, n'uma lingua que é menos musical do que o hespanhol, tem de valer pelas idéas expressadas. A prosa portugueza é, na peninsula, o melhor instrumento scientifico; e os poetas de Portugal, que são talvez dos maiores de toda a Hespanha, vivem, por isso, mais das idéas que da musica do verso. Um dos homens mais notaveis da Inglaterra, — e na minha opinião o mais illustre viajante d'este paiz, — Richard Burton, chamava a Camões o seu *mestre*.

Na Europa e no Brazil os portuguezes têm mostrado mais senso politico, mais opportunismo reflectido, mais brandura de costumes do que os habitantes da Hespanha politica ou das republicas da America. Portugal é, sem excepção, o paiz de maior liberdade no mundo, o paiz de legislação mais moderada.

Possuindo, porém, os defeitos das suas qualidades, Portugal, que tem hoje emfim, na minha opinião, um grande pintor caracteristico e nacional, — Columbano Bordallo Pinheiro, — nunca teve os pintores nem os musicos da Hespanha, apesar de, nem em Hespanha nem em Portugal, ter ainda apparecido um artista que fórme, com os riquissimos elementos populares d'estes dois paizes, uma grande e verdadeira musica nacional. Mas a Grã-Bretanha e a Irlanda, que nunca tiveram senão um grande pintor original, — Turner, — e que nunca, apesar das melodias da Escocia, de Galles e da Irlanda, poderam produzir um só musico nacional, comprehenderão, sem difficuldade, as deficiencias portuguezas que eu imparcialmente aponto.

Não descreverei as instituições politicas do meu paiz, que são, de ha muito, as de todos os paizes monarchico-constitu-

cionaes parlamentares. N'um ponto só é Portugal com effeito original: a pena de morte não existe nos seus codigos.

Quando, ha uns oito annos, eu cheguei a Inglaterra, os jornaes fallavam da confissão de certo irlandez, creio, que *in articulo mortis* se declarára auctor d'um homicidio pelo qual, annos antes, outro homem fôra condemnado e enforcado. Durante a minha residencia em Inglaterra mais um facto semelhante se deu. Ha pouco ainda, em Newcastle, um mineiro assassinou sua mulher. Esse mineiro embriagava-se diariamente, soffria de *delirium tremens* e passava por frequentes periodos de inconsciencia: nada d'isto evitou que elle fosse condemnado e enforcado.

Não pretendo por fórma alguma fazer a critica das instituições que governam a Grã-Bretanha; desejo apenas notar que os factos que ficam indicados, para mim de suprema gravidade, não poderiam ter-se dado no meu paiz desde 1846, uma vez que a pena de morte, que hoje não existe nos codigos portuguezes, não é, desde essa data, applicada em Portugal.

*

Foram nobremente instituidas estas Conferencias «para modificar os preconceitos insulares da Grã-Bretanha com respeito aos paizes estrangeiros». Ha sem duvida muito no que eu acabo de dizer, contrario a esses «preconceitos». Mas eu suppuz, repito, que os que me fizeram a honra de me chamar aqui queriam que eu lhes trouxesse o que julgo ser a verdade, e foi a verdade que eu lhes disse.

Jayme Batalha Reis.

REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Primeiras leituras. Selecta infantil coordenada para uso das escolas por Joaquim de Araujo [1]

Quer uma velha doutrina, a cada momento relembrada, que a instrucção constitua uma sorte de vaccina moral contra o crime. A lenda ingenua de Socrates, nascido perverso e tornado virtuoso pelo estudo, apoia-se n'ella; para exprimil-a sob uma fórma litteraria, escreveu Guizot a sua celebrada phrase: «Abrir uma escóla corresponde a fechar uma cadeia».

Nada, infelizmente, menos exacto: a observação scientifica do criminoso demonstra que entre o delicto e a cultura da intelligencia não existe a relação imaginada. O verdadeiro criminoso, é-o por disposições espontaneas e nativas, por condições hereditarias, que nada consegue modificar; a sua actividade exercer-se-ha necessariamente n'um sentido anti-social, porque assim o ordenam ancestraes condições degenerativas ou, o que vale o mesmo, porque elle é o producto de gerações em que um accumulado trabalho de viciação mental se vem executando. Tentar a educação d'esse sêr anormal é uma chimera; ministrar-lhe a instrucção é multiplicar nas suas mãos as armas do combate contra a collectividade humana.

[1] 1 vol. in-12.º, *Lugan & Genelioux*, editores — Porto.

Estas crúas verdades, pôl-as em evidencia, com os seus rigorosos processos de analyse, a anthropologia criminal; antes, porém, já a psychologia ensinára que não são as idéas, mas as emoções que governam os actos, e já a psychiatria, revelando-nos o louco moral, mostrára que uma incuravel perversidade póde coexistir com um entendimento regularmente desenvolvido e cultivado. De resto, a historia inteira não faz — ou considere os homens salientes ou as épocas caracteristicas da evolução — senão mostrar-nos quanto é falso o conceito que faz depender da illustração do espirito a bondade do coração e o altruismo dos actos. Quando, diz Herbert Spencer, um homem cae ao mar, aquelle que da multidão espectadora se destaca e se lança a salval-o, não é, em regra, o professor de moral.

Assim, um notavel desconto é necessario fazer na facil theoria dos que pretendem derivar da instrucção a estructura moral de cada um. A verdade, por muito que a contestem pedagogos optimistas, é que sobre os caracteres fortemente accentuados não têm acção sensivelmente modificadora os processos educativos, entre os quaes occupa um logar a instrucção. Predestinados para o bem ou para o mal, santos ou delinquentes, por tendencias e impulsões radicalmente organicas e procedentes da herança, elles seguirão no conflicto da vida a sua trajectoria moral tão necessariamente como os corpos, movendo-se no espaço, seguem linhas que o geometra calcula.

Certo é, porém, — seja dito desde já — que ao lado d'estes sêres, que constituem na ordem moral excepções tão restrictas como na ordem intellectual os loucos e os homens de genio, ha o indefinido numero dos que, nascendo, não trazem comsigo assignaladas tendencias predominantes, mas possuem em germen de uma frouxa vitalidade disposições moraes proteiformes. É sobre esses, como justamente observa Theophilo Ribot, que a educação póde exercer-se de um modo efficaz; é n'esses que a instrucção póde concorrer, convenientemente dirigida, para a ulterior formação do caracter. Sómente, para que esta affirmação paire acima de toda a controversia, é necessario que não tomemos, como vulgarmente se faz, a posse da leitura por

instrucção e que não confundamos o saber com o que apenas constitue o instrumento de adquiril-o.

Saber lêr não é, em si mesmo, bom nem mau, sob o ponto de vista educativo, mas indifferente: bom, se o que se lê contribue para vitalisar as progressivas tendencias estheticas e moraes do individuo; mau, se o escripto lido concorre directa ou indirectamente a neutralisal-as.

*

Suggere-nos estas ligeiras reflexões o livro escolar que o snr. Joaquim de Araujo acaba de fazer imprimir sob o titulo de *Primeiras Leituras*.

Destinado ás creancinhas na posse recente do processo de interpretar os caracteres escriptos, esse volume, o primeiro que ellas vão lêr, a sua selecta, *o seu livro*, tem de ser considerado sob o ponto de vista da educação, no amplo sentido d'este termo, isto é, sob o duplo aspecto dos conhecimentos positivos que encerra e dos serviços estheticos e moraes que póde prestar.

Como ha annos observava o fino escriptor que dirige esta Revista, Portugal separa-se dos paizes cultos, entre mil coisas, pela ausencia de uma litteratura infantil. As creanças portuguezas têm estado, com effeito, successivamente condemnadas, em materia de leitura, ás selectas classicas e aos manuaes.

O primeiro d'estes supplicios, applicado na intenção tão ambiciosa como ingenua de formar o gosto litterario da creança, consiste em fornecer-lhe trechos escolhidos de velhos auctores consagrados, que escreveram uma lingua que já se não escreve e muito menos se falla. O segundo, nascido de uma exagerada e mal dirigida reacção contra a inutilidade do primeiro, consiste em propinar aos pequeninos leitores fragmentarias noções de anatomia, de historia natural, de astronomia, de physica, de geometria, de todas as sciencias.

*

Não comprehendendo os trechos classicos que as selectas lhe fornecem e não comprehendendo as noções que os manuaes lhe ministram, a creança lê, desinteressada e cheia de tedio, automaticamente; de sorte que, pensando ter-lhe dado uma *leitura*, a escola deu-lhe apenas *exercicios:* a creança interpretou caracteres, não assimilou idéas.

Os estylos archeologicos por cima dos quaes passou a vista não lhe formaram o gosto — e felizmente não lh'o deformaram tambem — porque os não comprehendeu: a seccura angulosa d'uns não a distingue o seu espirito da unctuosa rotundidade d'outros, como não separa a crystallina simplicidade de alguns, da *preciosa* architectura composita de muitos. As noções pseudo-scientificas, expostas com pretensões de singeleza e accessibilidade que as deturpam e falseiam, tambem a creança as não fixou.

Por absurdo que isto pareça, é, todavia, no sombrio regime escolar que vimos de descrever, que os nossos filhos se têm educado — pobres d'elles!

Publicando a sua *Selecta Infantil*, o snr. Joaquim de Araujo soube evitar os defeitos fundamentaes que notamos na generalidade dos livros destinados ás primeiras classes de ensino.

Em primeiro logar, o delicado escriptor, rompendo com velhos habitos, eliminou do seu livro os classicos e foi, com raras excepções, buscar os textos com que o formou ás obras da litteratura contemporanea.

Isto só representaria um serviço: em vez de uma lingua de vocabulario archaico e obsoleta estructura — instrumento oxydado pela falta d'uso — tem a creança nas *Primeiras Leituras* a lingua que hoje se escreve e se falla — a polida chave de communicação mental de que todos nos servimos e que nos é familiar. São os escriptores desde Garrett e Herculano até Junqueiro e Eça de Queiroz quem fornece a maioria dos textos de que o livro se compõe; e a parte da *Selecta* em que esses brilhantes espiritos não collaboram é preenchida, não por ingratas definições ou pretenciosos aphorismos ethicos, mas por pe-

quenos contos colhidos da tradição popular, sempre cheios de encanto para as creancinhas que avidamente os relêem e decoram.

Depois, a escolha dos textos é, sob o ponto de vista educativo, das mais felizes.

O fino gosto litterario do compilador assegurava-nos d'antemão que nada figuraria nas *Primeiras Leituras* que não fosse irreprehensivel como fórma. O snr. Joaquim de Araujo, porém, não se limitou a considerar o lado esthetico da sua *Selecta*, antes teve em vista contribuir para a cultura do espirito e do coração dos seus pequeninos leitores.

Pelo que respeita ao primeiro d'estes pontos, o snr. Araujo alcançou todo o possivel. Sem se internar, como os seus predecessores, no árido caminho dos compendios de sciencia em busca de noções abstractas e de precarias definições, o illustre escriptor conseguiu, todavia, familiarisar a infancia com um extenso numero de idéas positivas e de conceitos reaes, apresentando-os pelo seu lado pittoresco e attrahente: sirvam de prova as paginas pedidas ao dr. Eduardo Abreu sobre a *raiva*, os excerptos sobre o *tubarão* e o *peixe voador*, extrahidos da *Historia tragico-maritima*, sobre a *extracção da cêra em bruto*, pedidos a Ferreira Lapa, e outros ainda.

Pelo que se refere á cultura sentimental dos pequeninos leitores, não foi menos feliz o delicado compilador ao escolher os seus textos. Não traz o livro dissertações sobre as virtudes civicas ou domesticas, não acolhe nas suas paginas as apotheoses historicas dos heroes e muito menos exhibe, sob a indigesta fórma de aphorismos, um codigo de relações altruistas. Comtudo, não ha uma nobre emoção que na *Selecta* não venha consagrada: o *amor patrio* na vibrante carta de Azevedo Coutinho; a sincera e leal *amizade* nas cartas, tão nobremente simples, de Passos Manoel e Silva Carvalho; os *affectos da familia* no testamento de Mousinho da Silveira; a *gratidão* e o *respeito* na carta de D. Pedro v ao marquez de Sá da Bandeira; a *piedade* pelos humildes no delicioso conto de Eça de Queiroz; o dôce *amor filial* nas estrophes de Guerra Junqueiro;

. . . . . .
A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre, abençoando a minha vida inteira,
Como junto a um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo de oliveira!

Resumindo as minhas impressões, porque vai longo este artigo, eu direi que o snr. Joaquim de Araujo, compilando as *Primeiras Leituras*, fez um serviço nacional. Que o encantador volume se espalhe largamente pelas nossas escólas primarias para que as creanças de todos os pontos do paiz o leiam com o interesse com que a esta hora o está relendo a minha pequenina Isabel, tal é, sinceramente formulado, o meu voto de critico e de pae.

Janeiro de 91.

Julio de Mattos.

ECONOMIA PUBLICA PORTUGUEZA

DEFICIT ORÇAMENTAL E DEFICIT DE EXPORTAÇÃO

Andamos de ha muito empenhados baldadamente no proposito de extinguir o *deficit* entre as receitas e as despezas do Estado.

Quasi todos os estadistas, que no periodo constitucional têm gerido os negocios da fazenda, procuraram demonstrar, combinando os algarismos orçamentaes em operações optimistas, que, approvadas que fossem as suas propostas financeiras, seria indubitavel o desejado equilibrio orçamental; e alguns mais ousados prognosticaram saldos positivos, cuja importancia indicaram até real a real.

Ora maior, ora menor, o *deficit* tem comtudo sempre persistido, zombando intemerato dos que pretendem extinguil-o, e apparecendo periodicamente com a sua significação e consequencias concretas, embora procurem encobril-o e disfarçal-o as rabulices e os sophismas da contabilidade, inventando a theoria bysantina dos orçamentos ordinarios e extraordinarios, e a distincção entre despezas permanentes e despezas eventuaes.

Se a nomenclatura ajustasse por inteiro com os factos, teria essa distincção fundada razão de ser, porque se traduziria

no allivio, dentro d'um futuro mais ou menos proximo, d'uma parte avultada dos encargos publicos; como, porém, os denominados dispendios extraordinarios, quer de supposta quer de real necessidade, se reproduzem, e até se avolumam, persistente e indefinidamente, os resultados financeiros, ou se englobem ou se dividam as verbas da despeza, são sempre identicos.

Assim as habilidades da escripturação da contabilidade do Estado não impedem nem obstam a que se recorra annualmente ao credito, se peça por emprestimo o que falta para saldar os debitos orçamentaes.

D'estas normas, arvoradas instinctivamente em systema, derivou o empobrecimento gradual do thesouro e o enriquecimento concomitante do paiz, em virtude dos emprestimos publicos haverem sido contrahidos quasi que exclusivamente no estrangeiro, e d'uma parte consideravel do seu producto ter-se empregado em obras de fomento economico, cujas consequencias proficuas são visiveis e palpaveis.

É assim que ha trinta annos ainda as receitas do Estado não excediam a 12:000 contos de reis, attingindo actualmente 40:000, comquanto a contribuição industrial e predial sejam reguladas por matrizes que estão muito longe de exprimir o verdadeiro valor collectavel. A par todavia d'esse phenomeno, e comprovando o nosso asserto, representa hoje o encargo dos juros da nossa divida cerca de metade das receitas do thesouro, emquanto que ha trinta annos representava, quando muito, uma quarta parte.

Empobreceu portanto o Estado, enriquecendo parallelamente o paiz.

Outras provas do augmento da riqueza publica, do desenvolvimento commercial e industrial, encontrar-se-hão incontestaveis nos factos seguintes, referidos não já a um periodo de trinta, mas apenas de dez annos.

O movimento maritimo dos portos do continente e ilhas adjacentes, que fôra em 1880 de 11:055 embarcações de longo curso e de grande cabotagem com 5.759:000 toneladas de arqueação, subiu em 1889 a 13:064 embarcações com 9.867:000

toneladas, passando, no mesmo periodo, a pequena cabotagem de 9:898 a 11:141 embarcações.

Por outro lado o valor das mercadorias importadas, excluindo o ouro e prata em moeda e em barra, foi em 1880, de 32:300 contos de reis, e de 41:000 em 1889, numeros que se indicam progressiva expansão commercial, melhor ainda demonstram a crescente actividade fabril, porque n'elles avultam em maximo quinhão, as materias primas e as machinas industriaes.

No anno de 1880 sommou o valor das materias primas importadas 8:880 contos de reis, subindo em 1889 a 12:750 contos de reis. As machinas e ferramentas industriaes, que figuram no primeiro d'aquelles annos por 1:041 contos de reis, ascendem no ultimo a 1:755. Isto é, ao passo que o valor total da nossa importação para consumo augmentou em dez annos apenas 30 por cento, subiu em igual periodo 70 por cento o valor dos agentes da producção fabril; e tomando por base de comparação o peso, que, na especie, é um factor de avaliação muito mais rigoroso, o accrescimo equivale então a 400 por cento.

O commercio colonial, realisado por intermedio da metropole, cresceu nos ultimos cinco annos, 135 por cento, elevando-se, por outro lado, a mais do dobro o valor das mercadorias despachadas em reexportação e transito para as nossas possessões ultramarinas.

Igual phenomeno accusa o nosso commercio directo com os portos africanos.

Construiram-se nos ultimos dez annos 800 kilometros de caminhos de ferro, excedendo o movimento de passageiros quasi 150 por cento os numeros de 1880, e conjuntamente duplicou o peso das mercadorias transportadas. E finalmente, o rendimento total das linhas ferreas, liquido de impostos, que fôra em 1880 de 3:239 contos de reis, ascendeu a 5:454 em 1889.

Por outro lado installaram-se durante o mesmo periodo numerosas fabricas, e ampliaram-se as existentes, crescendo concomitantemente, note-se bem, as sommas depositadas nos estabelecimentos bancarios, caixas economicas e monte-pio ge-

*

ral, e sobrando ainda dinheiro para largamente auxiliar varias emprezas brazileiras e até para construir caminhos de ferro no reino visinho. E como indiscutivel padrão comprovativo do accrescimo da riqueza publica já affirmado em todos estes factos, desceu de 6,5 a 4 por cento o preço do dinheiro, obtendo-o até o thesouro por menor quantitativo ainda para a divida fluctuante; e subindo em proporção inversa a cotação, e portanto o valor, dos fundos publicos, augmentaram alguns milhares de contos os haveres particulares.

Como pois, se realisou este milagre havendo um persistente *deficit* avultado entre as receitas e as despezas do thesouro, tornando-se, tanto proporcional como absolutamente, cada vez maiores os encargos da divida publica? Como se fez este milagre, quando a par do *deficit* orçamental, a differença entre os valores das mercadorias importadas e exportadas nos dessangrava annualmente em 15 ou 16 mil contos de reis?

Indubitavelmente com o dinheiro capitalisado no Brazil por compatriotas nossos, e com o producto dos emprestimos contrahidos no estrangeiro pelo Estado. Sem o auxilio, sem o subsidio d'estes dois factores, mui diversas seriam as condições actuaes do nosso paiz.

Com um d'elles não podemos já contar incondicionalmente, porque não só motivos diversos, obstando á elevação do cambio, contrariam a transferencia para Portugal dos capitaes portuguezes existentes no Brazil, mas porque a differença entre o preço do dinheiro n'uma e n'outra parte restringirá successivamente a importancia das remessas, limitando-as ao juro dos mesmos capitaes.

Com o outro porém, com o producto dos emprestimos realisados no estrangeiro pelo Estado, é indispensavel que, por emquanto possamos contar, sob pena de soffrer profundissimas perturbações a nossa economia publica.

Porque a par das manifestações da riqueza publica, apontadas já, e das que se demonstram ainda e irrecusavelmente com o arroteamento de muitos maninhos, com o melhoramento e transformação das culturas e com o enorme desenvolvimento

das construcções urbanas, principalmente em Lisboa e no Porto, onde os bairros novos se cobrem como por encanto de grandiosos predios, e ainda com o progressivo augmento no consumo de generos coloniaes apesar dos aggravamentos periodicos das suas taxas d'importação, a economia publica soffre d'um mal intrinseco que diminue constantemente as suas forças.

Queremos fallar do desequilibrio que se nota entre a importação e a exportação, desequilibrio representado annualmente, como dissemos, pela avultada somma de 15:000 ou 16:000 contos de reis. Assim pois, embora a theoria da balança do commercio não seja verdadeira por completo, necessitando de sujeitar-se as conclusões, que pretendam tirar-se d'ella, a varios coefficientes de correcção, entre os quaes figura em primeiro logar o computo das importações invisiveis, é certo todavia, que, attentas as circumstancias do nosso paiz, a inferioridade da exportação relativa á importação, constituindo uma causa permanente de enfraquecimento, neutralisa em grande parte a influencia dos factores favoraveis ao desenvolvimento da riqueza publica.

Ora as importações invisiveis com que havemos saldado o *deficit* da nossa exportação limitam-se aos lucros realisados pela venda das mercadorias exportadas, aos provenientes das operações de transito maritimo e terrestre, e aos juros dos capitaes mutuados na nossa divida externa, ás remessas das sommas capitalisadas no Brazil pelos nossos emigrantes, e ao producto dos emprestimos periodicos contrahidos pelo Estado. As tres primeiras verbas podem indubitavelmente considerar-se como verdadeiros auxiliares incondicionaes da nossa economia publica, como incontestaveis importações invisiveis, servindo-nos até á concorrencia das respectivas sommas, para pagamento das quantias representando o excesso das importações visiveis sobre a exportação. A ultima porém, o producto dos emprestimos realisados pelo thesouro publico, deve ser classificada especialmente, porque não significa a capitalisação do trabalho nacional nem representa o lucro d'operações mercantis, mas apenas uma simples operação de credito, cujos encargos têm de ser satisfeitos

com o augmento dos rendimentos publicos, proveniente ou do aggravamento das taxas de contribuição, da invenção de outras novas, ou com o accrescimo das receitas derivado do desenvolvimento da riqueza publica, ou conjuntamente com todos estes elementos. Esta differença é capital, e por não ser sempre assim julgada, soffremos hoje as dolorosas consequencias de tão funesto erro.

Porque dado o desequilibrio entre a importação e a exportação, dever-se-hia ter applicado escrupulosamente o producto dos emprestimos publicos, empregando-o apenas em commettimentos que tivessem por objectivo restricto o fomento economico do paiz, em vez de desbaratal-os em despezas improductivas, em inventar funcções para inventar funccionarios. Regou-se periodicamente, desde 1851, o paiz com libras, mas sem methodo e sem systema, distribuindo-se a trancos o precioso caudal, sem se attentar na qualidade do terreno em que se lançava a preciosa sementeira. Obtiveram-se, não obstante, innegaveis resultados importantes, mas poder-se-hiam alcançar maravilhosos se porventura a fecundante corrente fosse distribuida com prudente e sensato criterio. E ainda assim valeu, e de muito, para attenuar as consequencias de tão irreflectido processo, a nossa organisação tributaria, em que o imposto indirecto predomina, e recae pesadissimamente sobre todos os generos de primeira necessidade.

Porque o Estado tirava com uma mão o que dava com a outra, recebendo pelos direitos e pelos impostos dos cereaes, do bacalhau, do arroz, do café, do assucar, do chá, do petroleo, da carne e do vinho, uma parte, e muito valiosa, das sommas que abonava como vencimentos aos funccionarios publicos, que apesar de numerosissimos, são ainda assim menos numerosos do que na republica franceza.

Em todo o caso augmentaram-se sem necessidade provada as despezas publicas, augmentando-se parallelamente uma classe de miseraveis, reproduzindo as miserias do thesouro, creando-se uma legião de famintos que a *angusta domi res* tortura permanentemente, roubando-se, ao mesmo tempo, á industria e á agri-

cultura numerosos braços que podiam empregar-se em trabalho productor de riqueza.

Além d'isso, a aprendizagem do progresso, n'um paiz que, como o nosso, de tudo carecia para se assentar com honra no banquete das nações civilisadas, custou, como era inevitavel, o desbarato de enormes sommas. E como a necessidade urgia e se impunha imperiosamente, quando em 1851 se conheceu que, sem promover o desenvolvimento dos recursos nacionaes, impossivel se tornava sacudir o marasmo que entorpecia o organismo do paiz, prescindiu-se de plano, ou antes procurou-se apenas executar uma parte d'elle, desprezando-se quasi por completo fomentar, com medidas economicas adequadas, a producção industrial e agricola. Por virtude d'este esquecimento lamentavel não fructificou parte da semente lançada á terra, e outra parte, só depois de longo periodo, é que produziu colheitas remuneradoras.

A essas causas deve attribuir-se a emigração avultada que nos extenua, e que sem ellas mal se justificaria, quando a população se acha accumulada apenas n'uma limitada zona do paiz, escasseando caracteristicamente nas outras.

O que, porém, se não deveu a um plano d'antemão organisado, realisaram-no, pela natural evolução economica, o tempo e as circumstancias. Os capitaes transferidos do Brazil e os provenientes dos emprestimos publicos, enriquecendo successivamente o paiz, determinaram a diminuição do preço do dinheiro; e ao mesmo tempo as necessidades do thesouro, motivando o aggravamento dos impostos aduaneiros, ora directamente pelo accrescimo das tarifas, ora pelo indirecto processo dos addicionaes, elevaram progressivamente a protecção pautal, que, por obediencia a doutrinas até ha pouco geralmente preferidas, poucos se atreviam a defender ou aconselhar. Com o auxilio d'esses dois valiosos elementos, a industria tomou importante desenvolvimento, explorando-se activamente novos ramos fabris e desafogando-se o exercicio dos que até ahi viviam em condições periclitantes e até angustiosas.

Assim pois, considerada em globo, a industria nacional foi

successivamente conquistando o mercado interno, como se prova, segundo dissemos já, pelo incremento sempre crescente da importação de materias primas e de machinas, e ainda porque, dado o accrescimo da população e o desenvolvimento da riqueza publica, o consumo das manufacturas e artefactos deveria ser parallelo com o do arroz e sobretudo do assucar e do café, generos de primeira necessidade e que o paiz não produz. Ora realisando-se, como se realisa, o phenomeno contrario, prova-se indubitavelmente que a importação das manufacturas e artefactos se vai restringindo pouco a pouco ás qualidades superiores, ou ás especies sujeitas aos caprichos da moda, que só podem ser fabricados em paizes excepcionalmente adiantados, e com mercados universaes, como a Inglaterra, a França, a Belgica ou a Allemanha.

Introduzidos, pois, no calculo da avaliação do nosso desenvolvimento industrial aquelles factores, admittindo como hypothese quasi segura que o augmento do consumo do arroz, assucar e café deve ter sido parallelo com o das manufacturas e artefactos, a significação dos numeros da estatistica soffre modificações verdadeiramente radicaes.

Assim, comparado o peso d'aquelles tres generos alimenticios importados em 1867 e em 1889, com os valores das manufacturas de lã, sêda, algodão e linho (e comparamos o peso com o valor, porque, attendendo á qualidade d'umas e outras especies, é indubitavelmente por essa fórma mais rigoroso o calculo), encontramos os seguintes resultados:

	1867	1889
Manufacturas de algodão, linho, lã e sêda, excluidos nas de algodão as sarjas e os pannos para estamparia — contos de reis.....	6:880	6:900
Assucar, café e arroz, kilogr.....	21.039:000	43.034:000

Mostram portanto os algarismos que, após vinte e dois annos decorridos desde 1867 a 1889, a importação dos productos

e manufacturas de filamentos textis se conserva estacionaria, apesar do desenvolvimento da riqueza publica e da população effectuado dentro d'este periodo, quando, computando-se, como deve computar-se, o accrescimo no consumo do assucar, arroz e café, deveria ter augmentado 104 por cento.

Assim, pois, sem o caracteristico progresso da industria nucional, attingiria hoje, indubitavelmente, a importação dos productos e manufacturas alludidas mais 104 por cento dos numeros da estatistica de 1867, isto é, 14:055 contos em vez de 6:900.

É portanto evidente que, apenas na especie de manufacturas de materias textis, o trabalho nacional produz hoje mais de 7:155 contos (ou talvez 9:000, em virtude do custo superior da mão d'obra no nosso paiz), do que produzia em 1867, logrando por essa fórma desonerar d'uma importantissima somma o nosso *deficit* de exportação.

N'estes termos, é claro que, sem o auxilio do progresso da industria nacional, o desequilibrio da nossa balança do commercio, influenciado conjuntamente pelo augmento das sommas da importação e pela falta d'algumas verbas valiosas que, mercê do desenvolvimento industrial, figuram nos mappas da exportação, seria hoje ainda muito mais caracteristico.

E, considerando ainda que os direitos elevadissimos que pesam sobre o assucar, café e arroz devem forçosamente, apesar da diminuição do seu preço inicial ter contrariado a expansão do seu consumo, é licito suppôr que o mercado interno compra actualmente á industria nacional manufacturas representando uma somma superior ainda á differença dos valores encontrada nos dois periodos que tomámos por base, e feitas já as correcções antecedentemente indicadas.

Posto isto, deve concluir-se que, embora não sejam lisongeiras, estão longe de ser tão angustiosas as condições da nossa economia, como irreflectidamente o pretendem fazer acreditar alguns pessimistas systematicos, mostrando pelo contrario os factos, e por modo indubitavel, que Portugal marcha a largos passos para a sua emancipação fabril, podendo e devendo, den-

tro d'alguns annos, prescindir de grande parte dos productos que ainda importa.

Até lá, porém, difficil senão impossivel lhe será dispensar as sommas mutuadas periodicamente pelo Estado nas praças estrangeiras, porque sem esse auxilio para saldar o *deficit* da exportação, escoar-se-hia em breve praso o capital fluctuante e disponivel, arruinando-se por completo, com a falta d'este elemento essencial ao commercio e á industria, a economia publica do paiz.

A questão reside pois no modo de utilisar tão melindroso recurso, empregando-o apenas, empregando-o exclusivamente, no fomento da riqueza publica, no desenvolvimento da producção fabril e agricola, afim de que possamos, no mais curto periodo possivel, prescindir d'um expediente, cuja adopção, como é obvio, apenas se justifica pela dura necessidade imperiosa.

Em todo o caso o perigo é menor do que póde suppôr-se, attendendo a que a progressão sempre mantida das receitas publicas fornece ensanchas seguras para a execução do plano, logo que se administrem com habilidade e com parcimonia os dinheiros publicos, e sem que haja até necessidade de se fazerem economias pelo facil e tambem muitas vezes contraproducente processo de eliminar a esmo algumas verbas no orçamento da despeza.

Para facilitar a nacionalisação das industrias e desafogar o seu exercicio; para baratear a producção, conseguindo-se que depois de conquistado o mercado interno possamos tambem exportar productos fabris, será porém indispensavel tornar a vida mais barata, diminuindo os encargos incomportaveis que pesam sobre os generos de primeira necessidade, como os cereaes, o assucar, o café, o arroz, o bacalhau e o petroleo, sujeitos a taxas representando no minimo 50 por cento e 238 no maximo, não fallando já nos generos de producção nacional, onerados com pesadissimos impostos de consumo.

Porque, dada a excessiva carestia da vida, motivada por estas taxas verdadeiramente brutaes, ou os salarios hão de ser muito elevados onerando o preço da producção, com evidente

prejuizo das condições da concorrencia, ou se não o forem, chegar-se-ha ao mesmo resultado lamentavel, dada a inferioridade da somma de trabalho produzido por gente que uma alimentação deficientissima tornou desfibrada e anemica. E infelizmente, para o quadro ser mais triste, é esta ultima hypothese a verdadeira.

O nosso operario, com dôr o dizemos, nem póde por falta de robustez applicar-se a certos misteres industriaes, nem produz metade sequer do trabalho normal do operario inglez, allemão, francez ou belga. É facto incontestavelmente verdadeiro e comprovado com dados technicos positivos. Assim, tomando para exemplo a industria algodoeira, está averiguado que, apesar de ser igual o preço do algodão na Inglaterra e em Portugal, e de ser quasi identico n'uma e n'outra parte o preço do carvão, apesar do parallelismo d'essas circumstancias, a industria dos pannos crús, por exemplo, necessita, para concorrer vantajosamente com a industria ingleza, de uma protecção pautal de 40 por cento, ou realmente de cento por cento, computando-se, como deve computar-se, o custo da materia prima, e comparando, n'estes termos, o quantitativo da taxa d'importação com o valor médio do producto, excluida a importancia do algodão em rama.

N'uma especie de tão facil fabrico, a mão de obra attinge pois cerca de 70 por cento mais do que na Inglaterra; e dizemos apenas 70 por cento, no presupposto de que, em virtude do influxo da concorrencia interna, a industria nacional não aproveita por inteiro a protecção da pauta beneficiando, com a differença, o consumidor.

Posto isto, sem que se remova, ao menos em parte, esta causa determinante da inferioridade das condições em que se exerce a nossa industria, impossivel se torna firmar em bases solidas a sua existencia e menos ainda o seu desenvolvimento.

Para conseguir este *desideratum*, seria porém necessario remodelar e refundir por completo a nossa legislação fiscal, empreza que infelizmente defrontaria com os obstaculos levantados pela rotina e pelas tradições de secretaria, formidaveis escolhos, d'encontro aos quaes muitos reformadores têm naufragado.

Sem essa modificação na economia publica do paiz, impossivel será todavia attenuar sequer o perigoso desequilibrio da nossa balança do commercio, porque não podemos contar com a elasticidade das verbas da nossa exportação, representada quasi por inteiro em generos agricolas, em cujo preço o salario entra como importantissimo factor, nem pelo mesmo motivo conseguir vender nos mercados estrangeiros os nossos productos industriaes.

E depois ainda o embaratecimento dos generos essenciaes á vida, além de determinar o abaixamento do preço da producção fabril, e de originar a moralisadora *poupança* (desconhecida hoje, por impraticavel, ás nossas classes trabalhadoras) e que representa o principal elemento constitutivo da riqueza publica na França, na Belgica e na Hollanda, concorreria ainda para tornar menos arduo e aturado o labor do operario, satisfazendo-lhe assim uma das suas principaes e mais justas aspirações.

O desequilibrio entre as exportações e as importações é pois o nosso calcanhar d'Achilles, uma ferida sempre aberta pela qual se escôa permanentemente o sangue das nossas veias ou peior ainda o sangue das nossas algibeiras.

Para estancar esta perigosa hemorrhagia, precisamos conjuntamente de prescindir de grande parte das manufacturas que importamos, e de augmentar e desenvolver o nosso commercio d'exportação. O problema é esse; de enunciado simples, mas de solução difficil ou antes difficilima. Porque, representando actualmente a somma total dos valores da exportação quantia equivalente, quando muito, á somma dos valores das materias primas, machinas industriaes e generos alimenticios (excluido já d'estes ultimos o queijo, a manteiga, o dôce, a bolacha e as bebidas, em virtude de poder e dever nacionalisar-se o seu fabrico), é indispensavel um largo progresso na exportação para se conseguir o equilibrio, ou pelo menos attenuar o actual desequilibrio da nossa balança do commercio.

Elevaram-se em 1888, como vimos, os valores das materias primas e machinas industriaes importadas a 14:500 contos de

reis, numeros redondos, attingindo a 9:700 as respectivas ao petroleo e ás substancias alimenticias (com excepção já das que dissemos poderem ser produzidas no paiz), perfazendo assim 24:200 contos de reis a somma d'estas duas verbas.

Ora como a exportação no mesmo anno montou apenas a 23:400 contos de reis, é claro que, embora prescindissemos de todas as manufacturas que importamos, conseguindo fabrical-as no paiz, *desideratum* já de si impossivel de realisar, defrontariamos ainda com um *deficit* d'exportação e sempre crescente, em virtude do consumo das materias primas e das substancias alimenticias, que não produz o paiz, acompanhar parallelamente, como é obvio, a expansão da industria nacional e o augmento da população.

Posto isto, que os numeros tornam axiomatico, conclue-se que, para solução do problema, torna-se preciso não só nacionalisar a producção de manufacturas, mas conjuntamente, e tanto quanto possivel, a producção de materias primas, promovendo parallelamente por todos os meios o desenvolvimento da exportação.

Nacionalisar apenas a industria manufactureira não basta, é indispensavel ir mais longe. É indispensavel fomentar por todos os modos a agricultura, augmentando a producção cerealifera; é necessario fabricar manteiga e queijo sufficiente para o consumo nacional; melhorar a qualidade e augmentar a quantidade da lã; reduzir o minerio de ferro, ou extrahil-o e exportal-o; produzir sêda e linho bastantes para as necessidades do fabrico indigena; tecer pannos lisos e sarjados para a estamparia de algodão; aproveitar as aguas-mães das salinas para a extracção dos seus productos chimicos; fornecer ás industrias as tintas, os vernizes, os oleos, os productos córantes, enlaçar intimamente e por todas as fórmas, o trabalho agricola com o trabalho industrial.

E não bastando, como não basta, o resultado de todas essas novas actividades reunidas, seria necessario ainda nacionalisar a producção do assucar, extrahindo-o da beterraba colhida no paiz, e pelo desenvolvimento da industria da pesca prescin-

dir, ao menos em parte, da importação do bacalhau, e simultaneamente conquistar novos mercados, principiando por monopolisar os das nossas possessões ultramarinas, onde encontrariamos consumo seguro e importante para muitas mercadorias, porque apenas na especie tecidos, a reexportação effectuada pela metropole attinge a somma de 1:300 contos de reis, que, em detrimento do paiz, embolsa a especulação estrangeira. Embora o plano seja de execução difficil, as difficuldades são todavia inferiores ás que venceu com intemerata coragem, nos ultimos dez ou quinze annos, a industria nacional e apenas com uma protecção pautal desorganisada e cahotica, e sem o auxilio, que tem agora, dos estabelecimentos officiaes d'ensino fabril, artistico e agricola, espalhados por todo o paiz.

Com os recursos proprios, impossivel porém se torna levar a cabo a patriotica empreza, tanto mais que a baixa do cambio do Brazil, com cuja persistencia devemos infelizmente contar, desfalca n'uma valiosa maquia, a importancia dos subsidios com que saldavamos o nosso *deficit* d'exportação.

Assim pois, comquanto pareça contraproducente, é indispensavel, resuscitando a doutrina do fomento iniciado em 1851 modificada todavia nos seus processos e na sua applicação, recorrer ao credito ainda por um determinado periodo, importando do estrangeiro o ouro necessario para desafogar a nossa economia publica, para promover solicita e desveladamente a producção fabril e agricola do paiz.

Não assumindo o Estado as funcções de propulsor economico, impossivel será que a iniciativa individual, entregue apenas ás suas proprias forças, logre vencer as difficuldades da empreza, que são muitas e ponderosas.

É indispensavel, portanto, que o Estado use das mesmas normas de administração que pratica, aconselhado pela experiencia, o commerciante e o agricultor. Commerciante que gire apenas com o seu capital, ou não passa d'um simples mercador, ou, por abastado, poderia dispensar o exercicio da sua industria. Por outro lado o possuidor de maninhos ou de terras necessitadas de amanho ou de bemfeitorias, será indubitavelmente um

pessimo administrador não recorrendo ao credito para extrahir do sólo que lhe pertence tudo o que elle póde produzir.

Com esse objectivo e esse proposito, é que funccionam os estabelecimentos bancarios, e se arvorou em instituição nacional, no nosso e em todos os paizes cultos, o credito hypothecario.

Tudo depende, porém, do emprego a dar ás sommas mutuadas, tudo depende de se usar do credito com prudencia, com habilidade e com sabio criterio (com sabio criterio, com prudencia e com habilidade, note-se bem), computando-se todos os elementos, com cautelosa previsão, por fórma que o encargo das operações seja compensado com largos lucros remuneradores. E reconhecendo-se que o melindroso soccorro se utilisou em commettimentos ou emprezas reproductivas, abundará sempre o capital e parallelamente diminuirá o seu preço.

Regulando-se, portanto, por estas normas a administração do Estado, o *deficit* do seu orçamento deixa de ser um perigo para ser uma vantagem; em logar de ser um malefico agente de ruina volve-se n'um indiscutivel factor de prosperidade, n'um proficuo auxiliar do desenvolvimento das forças economicas do paiz, extinguindo-se afinal no preciso momento psychologico, em que as finanças nacionaes, firmadas nas bazes inabalaveis d'uma solida e bem organisada economia publica, dispensem as habilidades orçamentaes e os expedientes de thesouraria, bastando e crescendo os recursos proprios para darem a Portugal um honroso e digno logar no banquete das nações civilisadas.

Porto — Dezembro de 1890.

A. Malheiro Dias.

FONTES DE BRONZE EM PORTUGAL

I

A FONTE DOS CAVALLOS DE ARAME

Um dos objectos mais curiosos da Lisboa antiga era sem duvida a fonte ou *chafariz dos cavallos de arame*, digno rival do *chafariz d'el-rei*. O tempo em que elle fosse construido não o sabemos ao certo, assim como não está determinada a época, em que desappareceu totalmente do scenario lisbonense. Se tivesse vindo até ao terremoto de 1755, os que referiram os estragos do grande cataclismo não deixariam de especificar o caso. A memoria mais antiga que encontramos da sua existencia, remonta ao reinado de D. Fernando. A Fernão Lopes, o pittoresco chronista, devemos nós, accidentalmente, a primeira nota da sua genealogia historica, quando trata do cêrco que veio inopinadamente pôr a Lisboa o rei de Castella, D. Henrique. Como se sabe, Lisboa, a esse tempo, ainda não estava resguardada com a famosa cinta de muralhas, que a havia de salvar, annos depois, de nova invasão castelhana. Toda a defeza de Lisboa se limitava á velha cerca mourisca [1], e a cidade, desde

[1] Em 4 de julho de 1294, D. Diniz celebrou um contrato com a camara de Lisboa para a construcção d'uma muralha defensiva desde a torre da *Escrivanya* até ás casas d'el-rei na rua Nova. Levar-se-hia, porém, a obra por diante? O documento alludido, existente no cartorio da camara, foi publicado no *Archivo*

que a conquistára D. Henrique, tinha tomado extraordinario desenvolvimento, espraiando-se por novos e importantes bairros excentricos. O porto de Lisboa era um dos emporios commerciaes mais importantes da época, segundo se deprehende do quadro traçado por Fernão Lopes, quando nos pinta o formoso estuario do Tejo coalhado de navios, que aqui vinham descarregar mercadorias e generos, recebendo em retorno os productos do nosso sólo. O espirito mercantil adormecera um pouco o espirito militar e a imprevidencia governativa foi cumplice n'este desleixo com a confiança do povo, entregue á faina do seu trabalho. É a molestia de que hoje soffremos, e cujas origens são tão longinquas. Os bairros mais ricos, onde se concentrava toda a actividade dos burguezes lisbonenses, eram os mais expostos. A Rua Nova, povoada de mercadores, as freguezias da Magdalena e S. Gião, a Judearia, tudo estava desprotegido, alvo d'um assalto de piratas, ou da surpreza d'um exercito audacioso. Comprehende-se portanto qual foi o panico que produziu a noticia de que as hostes hespanholas se aproximavam e que dentro de breves dias, dentro de horas talvez, acampariam a salvo na margem direita do Tejo. Cada qual procurou, como pôde, salvar os seus haveres, mas o sobresalto, a desordem e a falta d'uma cabeça dirigente fizeram com que esta operação se realisasse desatinadamente. Os valentes, decididos a resistir, não escasseavam, graças a Deus, mas o que escasseava era um chefe que impozesse confiança e que coordenasse proficuamente os esforços patrioticos dos lisboetas. A inercia, mais que inercia, a *cobardice* de D. Fernando, que se deixára ficar em Santarem, sem oppôr a menor resistencia á marcha do invasor, lançára o desespero no coração de todos, mas não lançára feliz-

Municipal de Lisboa. n.º 5, pag. 40, e acha-se transcripto pelo snr. visconde de Castilho, na sua *Lisboa Antiga*, tom. III dos *Bairros Orientaes*, pag. 450 e seguintes. O snr. Eduardo Freire d'Oliveira, dando o resumo d'este documento nos seus *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tom. I, pag. 239, designa a torre sob o nome de *Escravaria*. Foi um lapso, que o mesmo senhor tenciona corrigir quando publicar na integra os documentos que tem até agora publicado em extracto.

mente o desanimo. D. Henrique ficou surprehendido quando viu que a cidade não se lhe vinha entregar e que preferia sacrificar tudo a ter de pactuar vergonhosamente, sem combate. Não podendo salvar os haveres, Lisboa pretendia ao menos salvar a honra. Abandonadas as casas que ficavam pela parte de fóra da muralha, os castelhanos penetraram n'ellas e colheram um esbulho precioso. Fartos de despojos, o incendio consumiu o resto. Os proprios sitiados foram os primeiros a dar o exemplo, procurando evitar o damno que o exercito inimigo lhes fazia, acobertando-se com ellas. Lisboa soffria resignada e heroica um dos maiores estragos de que tem sido victima, mas dentro em pouco havia de reerguer-se das suas cinzas, para reconquistar o brilho passado e para sustentar com todo o denodo a bandeira da independencia, que o Mestre d'Aviz desenrolára sobre a sua cabeça!

Um dos objectos que os castelhanos levaram com mais gosto na sua bagagem para ostentarem vaidosos na sua terra, foram umas formosas portas da alfandega, cuja materia o chronista não nos indica, mas é provavel que fossem de metal, ou, a serem de madeira, tornar-se-hiam notaveis pela delicadeza do seu trabalho. Outro objecto ainda tencionavam elles levar, mas os cercados preveniram-se a tempo e deram-se pressa em o arrecadar, tal a valia em que o tinham. Eram os cavallos de bronze que ornamentavam uma fonte adiante do chafariz d'el-rei. Eis as proprias palavras do chronista:

«E tomarom pera levar por memoria aa hida, quando se forom, huumas muy fremosas portas da alfamdega dessa çidade; e assi quiserom levar os cavallos darame, per que caae a augua na fonte dos cavallos, e forom primeiramente guardados, ante que se perçebessem de os tomar» [1].

Seriam estes cavallos uma obra d'industria nacional, ou antes producto estrangeiro, flamengo, porventura? É possivel que esta ultima hypothese seja a que tenha mais visos de probabilidade, attendendo ás intensas relações commerciaes, que

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. LXXVII.

então sustentavamos com Flandres, e que não fizeram senão augmentar com a união da casa reinante de Portugal com a casa de Borgonha, e mais tarde por causa da descoberta da India. D'alli vinham tambem, ao que se julga, as taboas sepulchraes de bronze, de que existem curiosos specimens na egreja dos Loyos em Evora, e na capella do ferro da egreja de Santa Maria de Leça do Balio, nas cercanias do Porto [1].

Dos fins do reinado de D. João II existe no archivo da camara municipal de Lisboa um documento ácerca do chafariz dos cavallos. E uma carta régia, em que aquelle monarcha insiste para que se façam certas obras no chafariz e no lavadouro das mulheres. A camara parecia ter contrariado os desejos d'el-rei, mas este expõe de novo as vantagens do seu plano, robustecendo-o com o parecer das pessoas entendidas. É curiosa a clausula em que el-rei se queixa do costume inveterado dos officiaes da cidade, que punham sempre embargos quando alguem queria executar alguma obra de utilidade publica. E o que é mais curioso ainda, é el-rei satisfazer-se apenas com o remoque e não se impôr com a sua vontade — elle que a historia nos pinta tão duro e inquebrantavel! Que fizesse a cidade o que quizesse e se era por falta de dinheiro que lá estavam cem mil reis nas mãos de Ruy Lobo para que a obra se realisasse sem delonga. E caracteristico este trecho, não só para a physionomia da época, mas para a physionomia do monarcha. Eis o documento:

« E quanto ao que per a outra carta dizees e apomtaaes os imcomvenientes que se podem seguir açerca do que leixa-

[1] Ha memoria de outras campas de bronze. Jorge Cardoso transmitte-nos a inscripção gravada n'uma lamina de bronze sepulchral de Pedro Durão, que se conservava no claustro da Sé do Porto. Fins do seculo XIII; éra de 1329 ou anno de 1291. Da mesma época, pouco mais tarde, éra de 1383, era a lapide sepulchral de D. André João, cantor da Sé de Coimbra, que, segundo o livro das Calendas, estava enterrado « sub campana de ere ubi sunt leones et galii figurati » (*Antiquario Conimbricense*). Ainda existe n'aquella egreja uma inscripção commemorativa do seu passamento. João Rodrigues de Sá tambem estava enterrado em Leça da Palmeira sob uma campa de bronze. Esperança, *Chronica Serafica*, tom. II, pag. 511.

mos hordenado que se fizese no chafariz dos cauallos e no lauatorio das molheres, a nos pareçe todo o comtrairo, per que nos o vimos muy bem per nos e com ofiçiaaes e pesoas que o bem emtemdiam, achamos que tudo se podia muy bem fazer, e feito he cousa muy proueytosa aa çidade e moradores della per que segumdo a pimtura que dello fezemos e o que falamos com pero vaaz que de tudo ficou muy bem emformado acharees que fazemdose asy a rrepartiçam da augua per as bicas que hordenamos que se façam homde aguora se toma em as que estam trabalhosamente, podese tomar nas outras bicas per moças muy pequenas, muy sem trabalho e mais nos chafarizes pequenos que se ham de fazer em que ha de cahir a augua tam limpa asy como açacaaos [1] e outros semelhantes podem nelles encher seus camtaros a seu prazer. E as bestas tem asaz chafariz em que bebam, e asy pode vir ao chafariz em que lauam e fica rrua assaz e limpa pera seruidam da porsiçam da festa dos pescadores [2], e asy concludimos que nos pareçe que por estes rrespeitos e outros muitos que aquy sam escusados dapomtar que esta obra sse deue fazer como esta devisada, *salluo se vos*

[1] Açacaaos — aguadeiros. — Santa Rosa de Viterbo, no seu *Elucidario,* traz a palavra com esta significação, mas sob a fórma *açaqual.* Cita, como documento, as cortes d'Evora de 1408. Sousa (*Vestigios da lingua arabica*), referindo-se a Damião de Goes, dá a fórma *acaçal* e deriva-a do arabe. Não a encontramos, porém, nem em Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,* nem no *Glosario,* de Yanguas, Granada, 1886.

[2] A classe piscatoria tinha grande importancia no seculo XVI em Lisboa. Não menos de tres hospitaes possuia ella, a saber: o esprital dos pescadores chincheiros, ou de N. Senhora dos Remedios, na freguezia de Santo Estevão, com a sua ermida de N. Senhora dos Remedios, que ainda hoje existe, e cujo portal, singelo, mas elegante, conserva a feição do chamado estylo manuelino; o esprital a cata que farás; e o esprital dos pescadores linheiros, na freguezia de Santo Estevão, á porta da Santa Cruz. Estas são as indicações que nos dá Christovão Rodrigues d'Oliveira no seu *Summario,* Lisboa, 1551. É possivel que fosse d'este ultimo hospital, por estar visinho da porta de Santa Cruz, em cujas proximidades existia a fonte, que sahisse a procissão a que se allude na carta de D. João II. Não repugna tambem admittir que a procissão fosse dos pescadores chincheiros e sahisse da ermida de N. Senhora dos Remedios.

outros queserdes obrar do custume que sempre teueram os ofiçiaaes desa çidade que como allguem quer fazer allguña bemfeytoria loguo a embarguauam e vos asy ho podees fazer. E per que apomtaaes que nam ha hy dinheiro das remdas da çidade pera despesa desta obra Ruy lobo tem cem mill R.^{s} de cabos de comtas com esta obra e outras mais se pode fazer e çerto nos Reçeberiamos comtemtamẽto e vos agradeçeryamos de com toda deligemcia esta cousa se fazer sem delomgua. Scripta em almeirim a 11 dias do mes de mayo Jorge a.º (afonso) a fez anno de 1494. Rey [1].

Chegando aos meados do seculo XVI apparece-nos um testemunho de importancia. Nem mais nem menos que Damião de Goes, o celebrado chronista de D. Manoel. Na sua descripção de Lisboa, em latim, *Vrbis Olysiponis descriptio* (Evora, 1554) enumera elle as fontes que abasteciam Lisboa, e entre ellas dá o logar de primazia ao *chafariz d'el-rei* e ao *chafariz dos cavallos.* Venha ao locutorio o eminente escriptor:

« Na praia ha varias fontes, que vêm de diversas partes da cidade por encanamentos subterraneos e nas quaes o povo se provê. Uma d'estas chama-se o chafariz d'el-rei; formado de arcos e columnas de marmore, é tal a quantidade de agua que deita por seis bicas, que uma d'ellas quasi que bastaria para satisfazer a todos. Esta fonte, pelo sabor, transparencia e qualidade das suas aguas, iguala, senão excede, as melhores que me recordo ter visto. Tépida ao sahir, passado um momento de repouso, logo se torna purissima, em extremo fria e agradabilissima ao paladar. A pouca distancia brotam duas fontes abundantissimas, que quasi se confundem com o fluxo da maré. Se estivessem mais distantes do mar, poderiam, durante todo o anno, fazer rodar muitas pedras de moinho. Todavia servem de muito ás lavadeiras, aos curtidores e a outros officios. Não mui-

[1] Capitulo da carta régia de 2 de maio de 1494. — Livro 1 de Provimento d'agua, fl. 5. — Archivo Municipal de Lisboa. — As palavras sublinhadas tambem o estão no original. Devemos a cópia d'este documento ao snr. Eduardo Freire d'Oliveira, digno archivista d'aquelle importante repositorio.

to longe, d'encontro á porta da Cruz, ha outra fonte ou, para melhor dizer, um lago, chamado dos cavallos, porque a agua irrompe, como pequeno rio, da bôca de bronzeas estatuas equestres. Ha, além d'isso, em toda a cidade, muitas fontes, grande numero das quaes são potaveis, e que servem de grande utilidade ao publico. Não me parece comtudo de interesse estar a mencional-as aqui n'esta abreviada descripção».

Na viagem que fizeram a Portugal em 1580 os cavalleiros Tron e Lippomani, embaixadores da republica de Veneza, que vieram comprimentar Philippe II pela conquista de Portugal, ha tambem uma passagem allusiva á fonte dos cavallos. Eis como Alexandre Herculano a traduziu:

«Para o lado da porta que chamam da Cruz ha outra fonte, ou antes lago, que denominam dos cavallos; porque da bôca d'alguns cavallos de metal sae tanta agua, que fórma uma corrente a modo de ribeiro».

Esta passagem teria mais valor se não fosse, como nos parece, mera transcripção do que disse Damião de Goes. Os embaixadores venezianos tiveram sem duvida presente, ao fazer a sua narrativa, a *Descripção de Lisboa* do nosso chronista.

Os documentos até agora citados não nos deixam duvida sobre a situação da fonte dos cavallos de bronze. Examinando o plano de Lisboa no seculo XVI, que se encontra na obra de Braunio, lá se verá desenhado, adiante do chafariz d'el-rei, entre o postigo d'Alfama e o postigo da polvora, *a porta do chafariz dos cavallos*. A porta da Cruz ficava no lanço do caes do carvão que se dirige para S. Vicente, quasi fronteira á egreja de Santo Estevão. Christovão Rodrigues de Oliveira, na sua enumeração das ruas de Lisboa, inclue na freguezia de S. Miguel a *rua do chafariz dos caualos*, e *outra rua do chafariz dos caualos*, e na freguezia de Santo Estevão a *rua direita do chafariz dos cavallos*. Estas denominações já se não encontram no *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, publicado depois do terremoto de 1755.

Um documento dos meados do seculo XVI vem-nos dar outra orientação ao chafariz dos cavallos, collocando-o, ao que

parece, no Rocio. Este documento é uma Estatistica ou descripção de Lisboa, elaborada em 1552, precioso manuscripto existente na Bibliotheca Nacional d'aquella cidade. Ao fundo do folio 45, lê-se o seguinte trecho:

«... e o poço do chafariz dos cavallos da rua nova diguo do Ressio que de contino tẽ o chafariz cheo que he grãde nobreza da terra ser bẽ abastada daguoa».

No verso do mesmo folio, lê-se, porém, outra passagem que vem modificar ou esclarecer o sentido da anterior:

«E diguo que a minha notiçia veyo que hos vereadores desta çidade querẽ hora trazer aguoa do chafaris dos cavalos sobeia por canos defrõte das casas de francisco corea e ali fazer dous chafarizes muito honrados para que todo ho povo se sirva delles ho que serto seria grã nobreza da çidade. Agora digo eu mais que pareçe conçiençia deixar perder ha aguoa que vai ha o mar do chafariz dos cavallos e dellrei e repartir as agoas assima ditas e deixar as necessarias que boamẽte bastassem. E na casa do chafaris dos cavallos que nõ lavassem molheres: e tomar-lhe allgũa parte della e do chafaris pera que se nõ perdesse e deixar a outra e dar maneira como ha levãtassem quãto ella quisesse pera que hũa e outra se podese trazer a cano e agoa do chafaris dellrei se fose possivell não se perder a que se perde e que os canos se ajustassem e se erguessem mais pera se tomar a agoa perdida que sobejase do chafaris novo que querẽ fazer e fazerlhe somidouros ao pee e viese per canos ao tireiro do paço, honde se pode fazer hũ chafaris muito honrado e quãdo nã no quisesẽ levar la podiã chegar cõ esta agoa has costas dallfandega e tirar dalli o pexe. E o que me faz dizer isto he porque has agoas vẽ ao sope pelo rio abaixo e como vẽ pello rio assi podẽ vir per tera ate cataque faras sem se perder agoa nenhũa e hennobreceria a çidade e reino porque a onra da çidade he do reino: ho que nã sei dizer como entẽdo. V. A. reçeba a tẽçã e se cõprir não falecera que ho diga: digo sõr (senhor) isto pellos deseios que tenho da honra e nobreza da cidade porque no tireiro do paço, no quaes que dizẽ V. A. mãda fazer, nõ pareceria mall hũ chafaris por

que dagoa que delle sobejase podiam muitos bateis tomar muita agoa. E se nisto allgũ tanto me alargei digo minha culpa por me meter no que nã he de meu hoficio».

Em 1625 ainda existia o postigo ou porta do chafariz dos cavallos, tal qual o vemos representado no plano de Braunio. N'aquelle anno, em 1 de março, a camara de Lisboa resolveu proceder ás obras necessarias na muralha da cidade, e entre as deliberações tomadas a este proposito, encontra-se a seguinte:

«Nas Portas do Mar, pela parte de fora, se porão portas, e no arco de dentro se reformarão outras de nouo, e se tapara o chafaris da Preguiça e o postigo de Dom Gil Eanes, pella parte de fora, e os postigos do chafaris de ElRei de hũa banda e da outra; e assi se fechara o postigo Dalfama q̃ vai para São Migel, e o postigo grande dos dous do chafaris dos Caualos se tapara, e o piqueno ficara aberto e lhe porão as portas e assi se taparão todos os mais postigos até a fundição dos Castelhanos» [1].

A denominação da porta ou postigo do chafariz dos cavallos parece ter-se obliterado no quarto de seculo que decorre desde 1625. Em 1650 a camara de Lisboa tomára resolução identica á que vimos de mencionar, e na relação das obras a executar não apparece o postigo do chafariz dos cavallos, mas sim a designação do chafariz d'Alfama, que talvez substituisse o nome primitivo. Eis o trecho correspondente:

«A porta do Mar e a de D. Gil Annes da Costa e a do chafariz d'Elrei tẽem portas, com seus ferrolhos e fechaduras».

«O postigo de S. Pedro d'Alfama e o de S. Miguel e o do chafariz d'Alfama não tem portas; este d'Alfama necessita de portas, e os dois se taparão e a porta do ferrador que aqui ferra» [2].

Eis aqui as noticias, todas ellas documentadas, que podemos colligir ácerca do chafariz dos cavallos, sem duvida um dos

[1] *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, t. III, pag. 170.
[2] Idem, t. V, pag. 201.

objectos ornamentaes mais curiosos da Lisboa medieval. Os hespanhoes não conseguiram leval-os, como tropheu, entre os despojos que carregaram de Portugal, mas o nosso vandalismo deu cabo d'elles, sem ao menos lavrar um epitaphio commemorativo do seu destino. Talvez algum camarista utilitario e inimigo de velharias os mandasse derreter, aproveitando-lhes o bronze em torneiras de toneis.

O nosso amigo, o snr. visconde de Castilho, o enthusiasta e piedoso investigador da *Lisboa antiga,* nos dirá em breve, na sua *Ribeira de Lisboa,* tudo o que elle sabe ácerca d'este assumpto e o seu estylo pittoresco nos revelará todos os segredos da existencia historica do chafariz dos cavallos de arame. Que nos perdoe o illustre escriptor e indefeso archeologo, se viemos metter a nossa fouce em seara alheia!

II

A FONTE DA QUINTA DO DR. CABEDO

Trataremos agora d'outra fonte, muito menos importante, muito mais obscura, mas curiosa ainda assim pelas tradições litterarias que lhe andam ligadas.

O seculo XVI em Portugal não foi simplesmente o seculo das navegações e das conquistas. Com o nosso extraordinario movimento ultramarino coincidiu o esplendor da nossa civilisação. A litteratura e a sciencia attingiram um grau elevadissimo. A Renascença, para o esplendor da qual tanto contribuimos com o maravilhoso dos nossos descobrimentos, veio tambem espalhar sobre a nossa cabeça a sua cornucopia. Portuguezes de subido merecimento frequentavam as universidades mais notaveis do estrangeiro e conviviam com os homens que exerciam então a supremacia intellectual na Europa. Henrique Caiado, Luiz Teixeira, os Gouveias, André de Rezende, Damião de Goes, Diogo de Teive, Jeronymo Osorio e muitos outros formavam a pleiade

brilhante dos nossos humanistas, a maior parte dos quaes compozeram em latim, que era então a lingua familiar dos eruditos. Soldado, e soldado brioso d'esta phalange, foi Miguel de Cabedo, jurisconsulto notavel e poeta latino de não vulgar merecimento.

As poesias do dr. Miguel de Cabedo foram publicadas posthumas em 1594, em Coimbra, em appenso ou seguimento a uma obra de direito de seu filho Gonçalo Mendes de Vasconcellos e Cabedo, *Diversorvm jvris argvmentorvm*. Barbosa, descrevendo esta obra, não menciona o appendice poetico. Tambem não o encontrei no exemplar existente na Bibliotheca Nacional; existe, porém, no bello exemplar que possuo, e que devo á condescendencia do meu amigo e distincto bibliophilo dr. Garcia Peres.

As poesias são antecedidas d'uma noticia biographica de Miguel de Cabedo, devida á penna de Diogo Mendes de Vasconcellos, com uma irmã do qual era casado o nosso poeta. Miguel de Cabedo, nobre pela familia de seu pae, era, por parte de sua mãe, sobrinho do bispo de Vizeu, Gonçalo Pinheiro. Nascido na risonha villa de Setubal, alli tinha o seu solar. Eis como Mendes de Vasconcellos descreve a residencia de seu cunhado:

« As casas da villa, tanto as urbanas como as suburbanas, são formosas e solidamente edificadas: entre ellas ha muitos palacios de fidalgos magnificamente construidos. Avulta, porém, pelo seu esplendor peculiar a nobre e antiga casa dos Cabedos, voltada ao septentrião, junto ao muro da cidade e nos proprios muros sumptuosamente edificada ».

Os altos cargos de justiça que desempenhou em Lisboa não o impediam que elle fosse gozar os ocios judiciaes na sua bella residencia de Setubal, que elle tanto amava. Diz-nos o seu biographo que elle se entretinha em compôr ingenhosas inscripções poeticas para adornar a sua casa e quinta. Effectivamente entre os seus versos encontram-se alguns graciosos epigrammas n'este genero. Um d'elles é consagrado a uma serpente de bronze enroscada n'uma arvore e por cuja bôca manava agua n'um tanque da quinta.

Non fallax authorue mali, velut antea, serpens
Ore, sed hic gratas praebet amicus aquas.

Ou como quem diz: «Esta já não é a antiga serpente fallaz, auctora do mal, mas é a serpente amiga, que nos regala com as suas aguas».

Diogo Mendes de Vasconcellos tambem lhe dedicou o seguinte epigramma:

Arboris amplexu jussit me docta Cabedi
Cura frui, & liquidis ora rigavit aquis.
Sic nec frigoribus, nimio nec lœdor ab æstu.
Grataque sunt omni hac tempore rura mihi.

A leitura d'estes epigrammas despertou no nosso espirito certa curiosidade, e procuramos desde logo saber se ainda existiriam vestigios d'esta serpente de bronze, que se nos afigurou ser um monumentosinho, embora humilde, interessante. Com este fim dirigimo-nos ao snr. Almeida Carvalho, de Setubal, que tem levado a vida inteira a amontoar documentos para a historia da sua patria, e a resposta á nossa consulta foi a seguinte:

«Só agora me foi possivel responder á carta, que v. se dignou dirigir-me, com respeito a informações que desejava obter ácerca das noticias que encontrára nas poesias de Diogo Mendes de Vasconcellos e de Miguel de Cabedo. Diz-me v. que, entre os escriptos d'este, vem um epigramma seu a uma fonte de bronze (uma serpente enroscada n'uma arvore) que elle tinha n'uma quinta que possuia proximo de Palmella; e que aquelle outro escriptor tambem dedicára um seu epigramma ao mesmo assumpto. Parece-me, se me não engano, que os epigrammas não se referem á fonte de bronze, mas á serpente ænea, isto é, fallam da *serpente æneo* ou *æneo serpente*, serpente de bronze,

cobre ou latão, que servia de bica, sahindo pela bôca da bicha a agua do chafariz, deposito ou tanque — *stagnum aquarum*, como escreve Cabedo. Ora as bicas das fontes, tanques, etc., foram e são ordinariamente em fórma de boccas de animaes, e entre estes eram vulgares as cobras, serpentes, etc., que até se punham nas peças d'artilheria. Ainda hoje vêmos algumas torneiras ou tornos de bronze em alguns chafarizes ou tanques, etc., e antigamente maior era o uso.

« Persuado-me pois que a tal serpente de bronze formava a bôca da torneira, ou do cano, por onde sahia a agua, que regava a quinta, onde houve um antigo e pequeno tanque, e ahi estaria a bicha tão fallada e engrandecida pelo capricho da imaginação poetica. Essa propriedade rural era então, e foi ainda por muito tempo, uma insignificante horta; embora talvez, em eras passadas, bem cultivada, mas em meado d'este seculo já mui damnificada, passou dos herdeiros de Miguel de Cabedo para um individuo (José Joaquim d'Oliveira) que muito a melhorou com grandes obras, e actualmente é uma quinta com pomares de espinho o de caroço, horta, etc. etc., e casas. É desde antiga data denominada *Beselga*. Será a denominação de alguma villa ou cidade romana? Os nossos antigos escriptores, e outros, fallam de uma antiga cidade da Lusitania chamada Beselga, e querem alguns que existira no districto ou proximidade de Thomar. Mas como, segundo se diz, ainda não ha muito se dava o nome de Beselga a um ribeiro ou logar proximo a Thomar, tambem poderia ter acontecido que alguem d'este sitio viesse d'ahi para a então horta e por isso se chamasse Beselga, ou este nome fosse o appellido do rendeiro ou emphyteuta, da horta, cujos senhores directos eram os Cabedos, segundo me parece. Portanto inclino-me a não dar grande importancia ás imagens phantasticas dos enthusiastas e caprichosos poetas de imaginações escandecidas. Tambem elles nos fallam e cantam os lustrosos e esplendidos jaspes, com que foram erguidos os muros que cercavam a opulenta e bella Setubal, e nós ahi vemos os restos dos pannos d'esses muros estarem a mostrar-nos terem sido construidos de alvenaria, e da mais tos-

ca, embora aqui e alli, como em alguns cunhaes, as suas faces sejam de cantaria grosseira. Mas que quer o meu amigo? Tudo isso são liberdades de poeta, de que se lhes não póde pedir contas, mesmo porque já o nosso padre Antonio Vieira dizia *que os poetas, como mentiam por officio, não enganavam ninguem.* Em conclusão: da tal serpente não ha por aqui memoria ou tradição, a não ser o que nos dizem os dois poetas. Eis o que posso informar a v., aproveitando com satisfação o ensejo para me assignar de v. etc.

«Setubal, 3 – 1 – 91.

J. C. d'Almeida Carvalho ».

Estamos plenamente d'accordo com muitas das observações d'esta carta. Os poetas exageram sempre e é preciso dar-lhes o devido desconto. Não disse Herculano que Lisboa era uma cidade de marmore e de *granito?* O enthusiasmo da sua inspiração levou-o a commetter este erro de geologia, desculpavel apenas pela necessidade euphonica do periodo, escripto em prosa biblica. No entanto parece-nos que o snr. Almeida Carvalho cahiu um pouco no defeito que tão judiciosamente nota. Se os poetas exageram, o nosso amavel epistolographo, levado pelo seu positivismo, carrega talvez um bocadinho a mão, apoucando demasiadamente a valia do solar e quinta de Cabedo. Pela descripção de Diogo Mendes de Vasconcellos, por mais emphatica que nós a supponhamos, vê-se que era uma propriedade d'estimação: não nos parece que fosse simplesmente uma horta. Os disticos de Miguel de Cabedo denunciam-nos uma formosa quinta de recreio. Um dos epigrammas é consagrado a uma casa de fresco, coberta de vides, onde havia pintado um Marte descançando: *In viridario eiusdem villæ vitibus cooperto, vbi depictus est Mars requiescens curru deposito.* Miguel de Cabedo tinha viajado no estrangeiro, tinha residido em algumas cidades de França, como Orleans e Paris; nada mais natural que alli apurasse o seu gosto pelo bello e procurasse, no regresso á patria, introduzir na sua viven-

da alguma coisa do que vira nas residencias senhoriaes da França.

É uma simples conjectura, em harmonia até certo ponto com o testimunho dos epigrammas latinos.

Dizia Cabedo que a serpente já não era a antiga serpente enganadora: seria o poeta que lhe herdou a malicia, e nos quizesse enganar enganando-se a si proprio com os arrôbos da sua phantasia?

Sousa Viterbo.

IDÉAS E FACTOS [1]

Summario : *A Partilha da Africa,* por Emilio Laveleye — *Octavio Feuillet.* Uma apologia por F. Brunetière — *A Moral do Tabaco e do Alcool,* pelo conde Leão Tolstoi — *A Moderna Condição do Lavrador Americano,* por Rodney Welch — *A Questão Operaria,* pelo snr. Canovas del Castillo — *O Verso está em perigo?* por Edmundo Gosse — *A Situação Economica da Hespanha* — *Os Negros aspiram á igualdade social?* por J. C. Price — *A Guerra,* pelo visconde de Vogue — *O Futuro Homem Civilisado,* por E. Jackson — *As Indias Negras,* pelo visconde de Vogue.

A Partilha da Africa, por Emilio Laveleye

(*The Forum*)

A historia colonial não offerece exemplo d'um desenvolvimento tão rapido como o da empreza do rei Leopoldo. Graças ás estações estabelecidas pelas margens do rio, ha uma perfeita ordem e segurança até Stanley Falls. Vinte e sete vapores, quatorze dos quaes pertencem ao Estado e seis á *Companhia belga do Alto Congo,* sulcam as aguas do rio alto e os missiona-

[1] Esta secção será d'ora em diante ou um resumo dos artigos mais notaveis publicados nas revistas estrangeiras e dos capitulos mais importantes dos livros recentes, ou apenas a versão de um ou outro pensamento digno de apontar-se nas publicações periodicas contemporaneas. E propriamente uma carteira de notas litterarias ou scientificas. Differentemente do que fiz, quando foi iniciada, abstenho-me de qualquer critica ou commentario, e limito-me a apresentar, tão fielmente quanto posso e sei, as idéas alheias; pois parece-me que, pelo primeiro systema, involuntaria mas facilmente poderia induzir o leitor em equivocos, a não ser que acompanhasse o meu trabalho de explicações tão longas como enfadonhas, e que na composição typographica houvesse um escrupuloso cuidado em separar, pela diversidade de typo, as idéas estranhas e as minhas. Tudo eram embaraços para mim, sem proveito para o leitor.

J. de M. Lima.

rios protestantes e catholicos têm estações alli, sob a protecção da bandeira com a estrella de ouro. Em certa região ha mesmo um systema administrativo e judicial bem organisado e perfeitamente estabelecido. O valor das exportações — marfim, borracha, oleo de palma, etc. — foi em 1885 até cerca de 9.000:000 de francos e as despezas do Estado foram de 3.000:000 de francos. O commercio não póde deixar de augmentar prodigiosamente desde que se abra a via ferrea de Matadi a Leopoldville. Presentemente todas as mercadorias têm de ser levadas por carregadores do alto Congo até ao mar, o que necessita tão pesada despeza que os productos não podem competir com outros productos coloniaes, nos mercados europeus. Quando o caminho de ferro estiver feito, tudo isto será alterado. Toda a Africa central será aberta ao commercio, porque o Congo será o unico rio do continente negro que lhe dá accesso, sendo o curso dos outros cortado pelas quedas e rapidos. O clima é melhor que o da India; já ha plantações e os naturaes cuidam da agricultura. A empreza do rei Leopoldo está pois destinada a um grande futuro.

É digna de attenção a maneira por que os estados da Europa dividiram a Africa entre si. Como Mr. David Dudley Field observou, no recente congresso da associação da Paz, em Londres, aquellas possessões podiam ter sido disputadas pela força das armas, com sangue derramado de ambos os lados; mas em vez d'isto, tudo se determinou pacificamente. Certamente que isso não se fez sem difficuldades e embaraços occasionaes; mas a paz nunca esteve ameaçada. Os diplomatas tomaram o logar dos generaes e almirantes, e a pena substituiu a espada.

Alguns principios novos de direito internacional governaram esses accordos; entre outros o do «protectorado», o da «zona de influencia» e o do «*hinterland*». Um protectorado significa simplesmente a posse d'uma provincia pertencendo a um outro estado, e a sua administração á vontade do protector. É de facto uma annexação, posto que os direitos do suzerano sejam nominalmente respeitados. A protecção n'este sentido é synonymo de espoliação. Por exemplo, os francezes regularam-

se por este principio em Tunis e os inglezes no Zanzibar. A zona de influencia é uma concessão, feita a certo estado pelos outros estados, d'um territorio sobre o qual nenhum d'elles tem direito algum. A theoria do *hinterland* é de origem germanica. Conforme esta theoria, quando um estado occupa a costa d'uma certa região, esta occupação póde estender-se no interior a uma distancia indefinida, até que encontre o *hinterland* d'um outro poder. Taes principios necessariamente trazem luctas e difficuldades porque, como nada embaraça um determinado paiz de attribuir-se, no mappa, uma zona de influencia ou um *hinterland*, são inevitaveis os conflictos entre as nações; se até hoje têm sido evitados os mais serios, é graças ao espirito de civilisação e amor de paz que tem inspirado todas as negociações.

Se compararmos o mappa da Africa de ha dez annos com o mappa presente, encontramos mudanças immensas. Não tem parallelo na historia do mundo. Até ha pouco, salvo a Argelia no norte e o Cabo no sul, os estados europeus, mesmo a França na Senegambia, e Portugal em Angola e Moçambique, percorriam apenas alguns postos isolados á volta da costa. Hoje todo o vasto continente africano, excepto a parte central que cérca o lago Tchad, foi dividido, e seis estados tomaram á sua parte immensas dependencias. Por menos precedentes que tivessem os processos usados n'esta partilha, todos os amigos da humanidade só podem alegrar-se com o resultado. Em primeiro logar, os mais admiraveis principios foram admittidos para governar toda a zona central, incluindo a liberdade de commercio, a igualdade para todos e a paz baseada na neutralidade. A suppressão do trafico da escravatura, que se calcula condemnar annualmente á morte, por privações ou maus tratos, cêrca de meio milhão de sêres humanos, foi um grande beneficio. Segundo as medidas adoptadas pelos governos europeus, só ha um mercado, o Soudan, e, como os meios de pagamento são limitados, o commercio de escravos tende a cahir por deixar de ser lucrativo. De facto, um continente inteiro tomou o seu logar no mundo economico e social, precisamente como se acabasse de ser

descoberto. Ninguem póde prever actualmente as consequencias de tão grandes alterações.

Octavio Feuillet. Uma apologia por F. Brunetière

(*Revue des Deux Mondes*)

Poucos romancistas conheceram melhor a sociedade fina que Feuillet; nenhum, no nosso seculo, pintou melhor a mulher; e nenhum principalmente, desde Prevost ou desde Racine mesmo, fazendo servir o romance a mais nobres fins, soube ao mesmo tempo contar-nos primeiro n'uma lingua mais preciosa e mais nervosa, e depois mais firme e simples, mas sempre facil e elegante, historias d'amor, tão tragicas, tão lindas e tão ousadas.

Se o dialogo é uma parte consideravel da arte do romancista, e se não ha talvez nada mais raro que o talento de utilisal-o na pintura dos caracteres, nenhum romancista contemporaneo — digo nenhum, nem George Sand nem Balzac — o possuiu entre nós no mesmo gráu que Feuillet.

Tinha a imaginação naturalmente romanesca e o espirito voluntariamente inclinado ao optimismo. São duas coisas que muito habitualmente apparecem juntas: são tambem duas palavras que precisam uma breve explicação, principalmente a primeira. Pois que effectivamente não vemos que se accuse uma comedia de ser excessivamente « comica », d'onde vem que se argue um romance de ser excessivamente « romanesco », e não é isto quasi mais contradictorio ainda que divertido? Porque é que os nossos romancistas hoje de coisa alguma se defendem tanto como de ser « romanescos »? Porque é que esta palavra só por si encerra não sei que idéa de ridiculo? Ha sem duvida mais do que uma maneira de ser « romanesco », se mesmo não ha muitas.

O romanesco e o optimismo consistiram para elle, não em

crêr que uma providencia, uma fortuna ou um acaso propicio acabava sempre por « arranjar » as coisas, pois ninguem, a dizer a verdade, escreveu romances mais tragicos cujos desenlaces sejam mais crueis, sanguinolentos e irreparaveis. A este respeito, os romances de Feuillet são para os romances de Balzac aproximadamente o que as tragedias de Corneille são para as comedias de Molière: são para os romances de George Sand — que acabava sempre excessivamente bem, por algum casamento bom ou por qualquer adulterio confortavel — o que a tragedia de Racine é para as comedias de Marivaux. Tão pouco o romanesco consistiu para elle nas aventuras extraordinarias, nos acontecimentos inverosimeis ou na idealisação dos personagens — M. de Camors ou M. de Maurescamp, por exemplo, para não fallar de outros, não estão longe de serem simples criminosos. Ou pretender-se-ha que foi « romanesco » por ter posto em scena nos seus romances tantos marquezes e condessas em logar de chefes de estação e logistas? Tudo o que devemos dizer é que elle começou por julgar a vida mais facil e a humanidade melhor que realmente o são; o dever mais agradavel; e a paixão mais facil, não digo precisamente de vencer, mas de dirigir.

Sainte-Beuve tinha extremado bem que uma parte pelo menos, do « romanesco » de Feuillet vinha da primeira educação que tinha recebido, das condições da sua mocidade e infancia, dos seus habitos e dos seus costumes em geral. Queria dizer, e, em summa, dizia, que para escrever o verdadeiro « romance d'um rapaz pobre » o que principalmente lhe faltava era ter experimentado, directamente ou por intimo contacto, a verdadeira pobreza, a que os homens soccorrem mas que nem por isso aborrecem menos que se fosse um vicio. Esta sociedade « burgueza e distincta » que o auctor frequentava, se por um lado o livrou de muitos contactos, por outro privou-o de mais de uma materia de observação e de muitas occasiões de experiencia. Mal podia dizer-se que tinha passado pela « vida litteraria », a vida de bohemio; e quantas graças aprendidas e bellos sentimentos de convenção os seus aristocraticos modelos

tinham ostentado diante d'elle, se não o illudiram, como se podia adivinhar pela sua leve e picante ironia, deixavam recear que viessem a illudil-o. E o que elle comprehendeu, e sem mudar de modelos, estudou de mais perto, sempre encantado mas já mais attento, os que tinha o costume de imitar e que de resto jámais devia deixar de preferir aos outros. Gostava mais dos salões que das espeluncas; era o seu feitio. Mas em logar de brincar á superficie das coisas, prendeu a sua observação aos dramas eternamente humanos que se representam entre marquezes e baronezas como entre costureiras e machinistas. Viu que um sorriso, um rubor, um gesto, um aceno, um epigramma revelam mais ardor ou mesmo maior violencia de paixão que n'um outro mundo exprimem as interjeições, as lagrimas ou as injurias. E da pintura d'estas paixões envolvidas, ou, se assim póde dizer-se *ouatées* de discrição, mas interiormente exasperadas com todos os embaraços que lhes põem a educação e o uso, concebeu a ambição de fazer qualquer coisa que fosse tão nobre e tão «forte» ao mesmo tempo como a tragedia de Racine.

Em Feuillet uma preoccupação excedeu todas as outras: a da condição da mulher na sociedade moderna, a da sorte que lhe dá o casamento, e a das satisfações que o costume ou o prejuizo lhe recusam. Foi isto que demasiado se esqueceu, quando se procurou unicamente no caracter romanesco da sua imaginação a explicação ou o segredo das sympathias femininas que os seus romances despertarão sempre. Porque na realidade as mulheres não são mais romanescas que nós; ou pelo menos somos nós, é o nosso egoismo que trabalha para manter-lhes, «em proveito das nossas paixões e dos nossos prazeres», esse gosto de certo romanesco que em seguida lastimamos. Ao romancista que, primeiro entre nós, ousou dizer e reivindicar para ellas o direito de serem tratadas como pessoas moraes, é de espantar que tenham concedido toda a sua confiança? Mesmo nos romances em que as maltrata, é sempre a sua causa que defende; mal as torna responsaveis pelas traições que lhes imputa e pelos crimes que lhes faz commetter. Não preciso insistir para que se veja

o que esta concepção do direito da mulher tem, com effeito, de generoso e simultaneamente de original e de pessoal.

No seu ultimo romance, *La Morte*, reapparece a these religiosa; e pois que foi por ella principalmente que se tem julgado Feuillet, carecemos de dizer duas palavras. Estranha-se uma tão bella orthodoxia em romances que exalam um tal *odeur de femme*. Admittamos com effeito que seja inconveniente misturar a elegancia e a religião; é todavia verdade que sempre andam misturadas e que recusar ao auctor dramatico, ao poeta, ao romancista o direito de apresental-as n'essa confusão, equivale a prohibir-lhe tocar, não direi na religião, mas na sociedade elegante. « Ha poucos assumptos de conversação, se os ha, dizia Feuillet, que por um ou por outro lado não toquem na questão religiosa que, na realidade, está no fundo de tudo »; e nas mulheres as concessões que fazem ás coisas mundanas, nunca ou raras vezes alteraram o fundo da crença.

Quanto ao ponto particular de saber se a moralidade se funda necessariamente na crença e se não ha virtude fóra do espiritualismo ou do christianismo, começarei por fazer uma profissão absoluta de descrença. Mais de uma vez se tem dito e não temo repetil-o: é verdade que actualmente podemos ser honestos, probos e virtuosos sem crêr em coisa alguma. Mas duas coisas são igualmente verdadeiras: uma, que não houve até hoje moral que não se apoiasse n'uma metaphysica ou que, para melhor dizer, não derivasse d'uma metaphysica; e outra, que não ha idéas que cedo ou tarde não se transformem em principios ou em mobis d'acção. Accrescento uma terceira: é que dezoito seculos de christianismo nos inocularam, por assim dizer, a religião, e que sem o querer ou sem o saber, a nossa conducta guia-se por motivos cuja independencia religiosa e caracter puramente scientifico de modo algum estão provados. E quanto basta para permittir a um philosopho, e mais ainda a um romancista, sustentar a these que Feuillet sustentou em *Sibylle* e *La Morte*. Tocando estas altas questões e tratando-as com a seriedade que exigem, o seu auctor não ultrapassou ou excedeu nem os limites da sua arte, nem o direito ou o dever

que se tem, em tempos de perturbação, de affirmar o seu modo de pensar.

Emquanto certos romances não têm senão um valor anecdotico ou documentario, e não servem senão para nos divertir, os de Feuillet, pelo contrario, fazem-nos pensar. Habitualmente e habilmente occulta, a preoccupação moral sente-se sempre; e, na verdade, ninguem cuidou menos que elle de «punir o vicio» ou «recompensar a virtude»; mas ninguem mais escrupulosamente aferiu as acções humanas pelo seu valor moral e guiou o leitor com mão mais segura e ao mesmo tempo mais discreta para um justo discernimento do que faz a honra dos homens e a virtude das mulheres. Não hesitou em deixar morrer o commandante do Pas-Devant de Frémeuse ou M.me Vaudricourt, porque era conforme á logica da sua situação e á verdade da vida. Tão pouco hesitou em deixar viver M.me de Talyas ou M.mo de Maurescamp, porque na realidade a propria audacia dos «monstros» assegura-lhes a impunidade. Mas quasi sem o mostrar, determinou o que deviamos julgar d'uns e d'outros, e está n'isso toda a moral. Quero dizer, que a quantidade do mal em todos os tempos sendo sempre igual a si mesma entre os homens, a unica coisa que importa, é saber chamar ao mal pelo seu nome e não inventar, como fez o romantismo, em favor do vicio ou do crime, escusas que cedo ou tarde acabam por tornar-se justificações.

Que ficará da obra de Feuillet? Se ha romances que possam chamar-se idealistas são os seus. São-no a todos os respeitos e por todos os modos; e, por certo, cada um, segundo o seu gosto, póde preferir os mais naturalistas; mas não se poderia sustentar que o naturalismo só iguale, encha e esgote a definição ou a idéa do romance. Se a imitação fiel da natureza e da vida é sem duvida um dos fins do romance ou do theatro, ha tambem outros fins, e a interpretação ou a idealisação do mundo e da realidade é um d'elles. Entre os romances idealistas os de Feuillet são e ficarão em primeira linha, menos eloquentes talvez, mas bem menos declamatorios que os de George Sand; mais numerosos — o que é sempre alguma coisa — e

principalmente mais bem escriptos que os de M.me de Staél; menos longos que os de Rousseau e de Richardson.

A Moral do Tabaco e do Alcool, pelo conde Leão Tolstoi

(*The Contemporary Review*)

Qual é a verdadeira explicação do uso que fazemos de estimulantes e narcoticos, como o vinho, a aguardente, a morphina, a cerveja, o opio, o tabaco e muitos outros? Onde teve origem e como se espalhou tão rapidamente, e se mantem com tão grande tenacidade entre a gente de todas as condições, selvagem e civilisada? Para nos animar. — Para varrer a tristeza. — Porque todos o praticam.

As razões d'este genero podem sem absurdo evidente ser allegadas para justificar o habito de cantarolar, de assobiar, ou de qualquer outra das mil occupações semelhantes que nem destroem as riquezas naturaes nem demandam grande despeza de trabalho humano, occupações que não prejudicam nem estranhos nem aos que as têm. Mas nenhum dos habitos em questão tem este caracter innocente. Para que o tabaco, o opio e o vinho sejam produzidos em quantidade bastante ao seu enorme consumo, milhões e milhões de acres da melhor terra, entre povoações na triste necessidade de terra, são reservados á cultura de videiras, do tabaco e de papoulas, e milhões de sêres humanos — na Inglaterra um oitavo da população total — consagram a sua vida a preparar esses nocivos estimulantes. Não é tudo. O consumo d'esses productos é, fóra de toda a duvida, altamente prejudicial, traz comsigo males terrives, cuja realidade todos admittem, males que arruinam mais homens e mulheres que todas as guerras sangrentas e doenças infecciosas que dizimam a raça humana. Todo o mundo sabe, e não é crivel que tão grande causa de mal se admitta sómente para nos animar, para varrer a tristeza, ou porque todos o fazem. É evidente que

deve haver uma outra explicação de tão extraordinario phenomeno.

O homem, no correr da sua existencia consciente, tem frequentes occasiões de perceber em si dois séres distinctos: um cego, sensual; o outro dotado de visão, espiritual. O primeiro come, bebe, descança, dorme, perpetua-se e move-se como uma machina posta em movimento por um periodo definido; o sêr espiritual, o que vê e está ligado ao sêr sensual, não faz nada senão pesar e apreciar a conducta do sêr sensual, cooperando activamente quando approva, afastando-se quando reprova as suas acções.

Podemos comparar o sêr espiritual á agulha d'uma bussola, coberta com uma substancia opaca; a agulha permanece invisivel emquanto vamos na direcção que ella indica, mas move-se e apparece se nos desviamos d'essa direcção. Assim na vida humana, o sêr espiritual cujas manifestações chamamos consciencia, indicam-nos o caminho do bem, e, se nos desviamos d'esse caminho, logo se revela e nos mostra o erro. De fórma que, ao percebermos o erro, ou temos de sujeitar-nos ás indicações da bussola, a consciencia, ou de occultar aos proprios olhos o desvio, as irregularidades da nossa vida animal.

Supponhamos, por exemplo, que a vida d'um homem não é conforme o que a consciencia lhe ordenava e elle não tem a força necessaria para emendar-se conforme essas exigencias. Por outro lado, as distracções que desviaram a sua attenção d'esse antagonismo ou são insufficientes, ou se gastaram pelo uso, ou deixaram de produzir o resultado esperado. É então que desejoso de continuar a viver contra o testemunho da sua consciencia, para libertar-se das suas instigações, como quem lançasse aos olhos uma mão cheia de farinha para fugir á presença d'um objecto desagradavel, envenena com estimulantes e narcoticos o cerebro, o orgão através do qual a consciencia se manifesta.

Não é, portanto, simples prazer ou distracção o habito do alcool e do tabaco, é a necessidade de occultarmos aos proprios

olhos os conselhos da consciencia. O uso das bebidas na guerra, o proveito que os criminosos tiram dos estimulantes e narcoticos para lhes darem animo e coragem nos seus feitos, seriam provas d'este modo de vêr.

Tem-se, todavia, por assente que o uso continuado do tabaco e dos demais estimulantes e narcoticos, em pequenas dóses, não obscurece a consciencia dos que o praticam. Não se tornam criminosos por esse habito nem mesmo loucos ou maus; é um simples prazer sem notaveis consequencias moraes. Isto é, porém, um erro: em primeiro logar porque esses venenos produzem sempre a mesma acção physiologica que começa por dar uma intensidade anormal e termina por paralysar proporcionalmente a actividade do cerebro; depois porque se alguma vez têm a propriedade de adormecer a consciencia, possuem igual propriedade em qualquer occasião; e finalmente porque, se esses estimulantes e narcoticos são indispensaveis aos salteadores, aos ladrões e ás cortezãs de profissão para abafar a voz da consciencia, não são menos necessarios ás pessoas que seguem outra profissão que as suas consciencias condemnam, posto que sejam consideradas legaes e honrosas pela grande maioria dos seus semelhantes.

É impossivel não vêr que o habito dos estimulantes toxicos, em grandes ou em pequenas dóses, tem sempre a mesma causa, é sempre a mesma necessidade de occultar a discordia entre a nossa vida e as reclamações da consciencia.

Pretende-se que o tabaco alegra o coração e illumina o pensamento, sem em caso algum produzir o effeito produzido pelo alcool de paralysar a actividade da consciencia. Todo o fumador póde, se quizer, distinguir claramente a mesma necessidade definida de adormecer as suas faculdades do pensamento com o fumo do tabaco em certos momentos criticos da sua vida. Fallando por mim, posso distinctamente lembrar-me das vezes em que senti essa instante necessidade do tabaco, no tempo em que ainda fumava. Era sempre que desejava não me lembrar de coisas que me vinham á memoria, sempre que desejava suspender todo o pensamento, esquecer um erro na con-

versação, na falta a qualquer coisa aprazada e em momentos semelhantes.

O caracter, que distingue o tabaco das outras especies de estimulantes com igual effeito sobre o cerebro, é a sua natureza extremamente portatil, que facilita o uso. Além d'isso o fumador não é desagradavel como o bebado. E finalmente uma outra vantagem do tabaco sobre os seus concorrentes está em que, emquanto a acção dos outros é longa e se estende a todas as impressões recebidas, a acção do tabaco póde regular-se conforme cada caso particular.

Entre a vida particular do individuo e a paixão do tabaco ha uma estreita dependencia. Os rapazes começam a fumar quando perdem a innocencia da meninice; os que mudam para melhor vida moral frequentes vezes deixam de fumar, assim como os que cahem na depravação d'ordinario se tornam fumadores; os jogadores, as prostitutas e os loucos são sempre grandes fumadores. O habito, sem duvida, é n'estes casos um facto que devemos reconhecer, mas depois de lhe darmos todo o valor devido, devemos ainda admittir que ha uma certa dependencia innegavel e bem definida entre o fumo e a necessidade de impôr silencio á consciencia, e que o fumo indubitavelmente produz este effeito.

Vulgarmente se allega, como um beneficio do tabaco, que o fumo activa o trabalho mental; e se limitarmos esta observação á quantidade de trabalho effectuado, veremos que é bem fundada. Para um homem que está fumando, e que por conseguinte deixou de pesar e medir os seus pensamentos, naturalmente parece que o seu espirito de repente começou a transbordar de idéas. De facto, as idéas tornaram-se mais numerosas, mas simplesmente perdeu toda a acção sobre ellas. Para quem trabalha com plena consciencia do que faz, o trabalho é tanto mais lento e mais perfeito quanto é severa a critica.

Mas é possivel que tão leves e quasi imperceptiveis alterações, como são as que resultam do fumo, produzam tão largos resultados? E tão racional pensar assim como imaginar que um relogio fica seriamente damnificado se bater n'um pedra, mas

não soffre prejuizo se lhe introduzirem uma estilha de madeira ou qualquer outro corpo estranho no mecanismo interno. Não devemos perder de vista que o trabalho, que é o principal instrumento na formação e na actividade da vida humana, não é o movimento dos pés, das mãos e das costas, mas as modificações de consciencia. Antes que um homem possa realisar qualquer coisa com os seus pés e mãos, necessariamente terá havido certa mudança na sua consciencia. E esta mudança determina todas as acções seguintes. Ora estas modificações da consciencia são sempre leves, quasi imperceptiveis. Por isso devemos dar a maior attenção ao estado do espirito em que essas modificações se effectuam, cercar-nos das condições mais favoraveis á precisão e clareza do pensamento, e obstar escrupulosamente ao escurecimento da consciencia pelos estimulantes e narcoticos.

Imaginem-se agora as consequencias terriveis do tabaco e do alcool! Não regulamos a vida pela consciencia, adaptamos a consciencia á nossa vida. Em certos periodos da vida todos encontramos certos problemas moraes que temos de resolver n'um ou n'outro sentido, e da solução dos quaes depende a felicidade de toda a vida. Essas soluções demandam um trabalho gigantesco e enfadonho, e a fraqueza humana instiga-nos a abandonal-as por esse motivo. Como Lessing observa, a gente tem o habito de deixar de pensar quando o processo do pensamento se torna difficil. Ora n'esse momento, quando o espirito lhe pede a solução de problemas de que depende todo o progresso da vida humana, descobre meio de esquecer esses problemas sempre que se apresentam ao pensamento. Esta maneira de proceder seria como a d'um homem que, tendo de apanhar uma perola no fundo d'um rio, para livrar-se de penetrar na agua fria, occulta a perola turvando o rio e repete esse processo sempre que a agua parece tornar-se limpida.

São terriveis os effeitos do alcoolismo como os vemos nos viciosos incorrigiveis, mas são incomparavelmente mais terriveis para a humanidade os effeitos do fumo e do beber moderados, habitos largamente perdoados como innocentes pela maioria da

gente e mais particularmente pelas classes a que chamamos educadas. As consequencias são terriveis, se admittimos, o que é impossivel negar, que as forças dirigentes da communidade — politica, administrativa, scientifica, litteraria, artistica — residem pela maior parte em homens que não estão em condições de espirito normal, em homens que, para chamar ás coisas pelo seu nome, se encontram n'um estado de intoxicação. Concebe-se que homens não embriagados possam serenamente deliberar fazer todas as coisas extraordinarias que se estão fazendo no mundo, da torre Eiffel até ao serviço militar obrigatorio? Sem a mais leve necessidade, nem mesmo apparencia de necessidade, fórma-se uma companhia, subscreve-se um largo capital; gastam-se na construcção d'uma torre milhões de dias de trabalho e milhões de toneladas de ferro; e depois de acabada, milhões de pessoas consideram do seu dever subir ao alto da torre, param um instante, descem, e o unico effeito produzido no espirito dos homens por esta torre e pela frequencia das ascensões que lá se fazem, é o desejo e a resolução de construir em outros logares torres ainda mais altas.

Conclusões optimistas — a emancipação da humanidade d'este mal terrivel marcará uma época na vida da especie, e apparentemente esta época chegará n'um futuro proximo. O mal já está reconhecido. Já se operou uma mudança na consciencia dos homens relativamente ao uso dos estimulantes e narcoticos que envenenam o cerebro; começou a reconhecer-se o damno que produzem e n'esse sentido se manifestam os sentimentos; e esta mudança imperceptivel na consciencia deve necessariamente arrastar a emancipação da humanidade de taes venenos. Esta emancipação na humanidade da servidão dos venenos cerebraes abrirá os nossos olhos ás reclamações da consciencia e immediatamente começaremos a pôr a vida em harmonia com ella.

Este movimento parece ter já começado. E como é usual em taes casos, começa nas classes mais altas, depois das classes inferiores terem sido empestadas com o mal.

A Moderna Condição do Lavrador Americano, por Rodney Welch

(*The Forum*)

Houve tempo em que na America cada granja era uma fabrica, não d'um genero de mercadorias, mas de muitos. Durante todo o dia ouvia-se em casa a dubadoira e o tear. Os vestidos e os tapetes eram feitos de materiaes produzidos em casa. Muitos d'esses tecidos eram maravilhas de belleza e utilidade. A cozinha era ao mesmo tempo uma padaria, uma confeitaria e um laboratorio de chimica. Cada dia preparava-se o alimento necessario para uso immediato; e em certas occasiões os salpicões, os queijos e as conservas de todo o genero. O sabão, as velas e o vinagre fabricavam-se em casa. Junto a cada habitação havia sempre a carpintaria. Os instrumentos agricolas eram poucos e simples, e a maior parte feitos pelos proprios lavradores. Os apparelhos para fazer queijo e manteiga eram informes, mas a habilidade da mulher do lavrador sabia como servir-se d'elles para obter bons productos: não havia estabelecimentos commerciaes de leitaria, cada granja era uma queijaria. Como não havia machinas de costura, a mulher e a filha do lavrador cosiam quando não se empregavam em trabalhos mais pesados, e n'isso occupavam os longos serões. Entre os lavradores havia pouco dinheiro, e pouco era preciso, a não ser para comprar os livros de ensino e outras coisas que não se podiam obter por meio de troca, e para fazer pagar o correio e os impostos; e ainda dos impostos nem todos eram pagos em dinheiro, como acontecia com o serviço pessoal para a reparação dos caminhos. O trigo colhia-se como no tempo de Ruth e de Boaz, e o grão era debulhado e limpo como, nos dias de Nero, pelo escravo romano. A maior parte das scenas descriptas pelos escriptores do Velho Testamento e por Virgilio e Agricola repetiam-se todos os annos na America. O inventor não tinha sonhado com machinas para plantar, cultivar e colher os productos dos campos. Pouco havia do que póde considerar-se lavoura commercial.

Hoje pouco resta da condição do lavrador n'aquelle tempo, que, como o mineiro e o fabricante, produz artigos para o mercado. Compra quasi tantas coisas como as pessoas que vivem nas cidades. Não leva o trigo ao moinho do costume para ser transformado em farinha, mas vende o grão e compra as materias necessarias para alimentar a familia. A casa já não é uma fabrica; o vestuario da familia fabrica-se fóra. Se ha muitas vaccas, manda-se o leite a uma fabrica de queijos ou de manteiga. A fabricação de velas, de sabão, de cerveja e de vinagre, a lavagem da roupa e os chapéos de palha contam-se entre as artes domesticas perdidas. A introducção das machinas revolucionou quasi todos os ramos do trabalho na granja, e reduziu muito o numero de trabalhadores necessario. Nas regiões principalmente cerealiferas, graças ao uso das machinas, a lavoura tornou-se quasi uma occupação sedentaria.

Todavia, com todas estas mudanças apparentemente beneficas, com machinas para fazer quasi todo o trabalho, com dinheiro para todos os seus productos em vez de pagamentos em generos, com mercado á porta, com mais ocios e menos canceiras, duvido que os lavradores estejam mais contentes com a sua sorte, que tenham mais prazer na vida do que tinham em outro tempo. Duvido tambem que estejam mais prosperos; estão geralmente inquietos senão descontentes. A sua condição social não melhorou como a dos commerciantes; a maioria está anciosa por trocar a lavoura pela loja, pela mina e pela locomotiva.

A razão d'esse estado reside em que as mudanças foram tão rapidas que os lavradores não conseguiram adaptar-se-lhes. Nos tempos de colonia e durante a primeira metade da existencia da nação, a ambição de quasi todo o homem de meios e de educação era tornar-se um fidalgo da provincia. Muitos empregavam-se no commercio ou nos transportes maritimos com o fim de alcançar o dinheiro necessario para adquirirem e melhorarem uma casa de lavoura. Os nossos antepassados trouxeram da mãe-patria o amor dos largos campos, das florestas, dos gados, dos palacios magestosos cercados de verdura; e esse amor augmentou,

transplantado para uma região onde qualquer tinha facilidade em adquirir terra. Por mais de um seculo a vida rural foi preferivel, a todos os respeitos, á vida urbana; offerecia maiores facilidades para o gozo physico e para o desenvolvimento intellectual. A sociedade da provincia era então tão instruida como a das cidades. Medicos de grande reputação viveram em casas de lavoura, visitavam a cavallo os seus clientes, levando a pharmacia e os instrumentos cirurgicos nas bolsas da sella. Alguns dos governadores de provincia e dos presidentes da republica foram lavradores. Breve, os lavradores constituiram uma classe da qual se podiam escolher homens que, em virtude do seu saber e intelligencia, eram competentes para occupar quasi todas as posições publicas.

Antes da introducção da via ferrea, as estradas de rodagem eram muito mais frequentadas, já para o transporte de generos, já para viagens. Os proprietarios orgulhavam-se em ter as suas propriedades muito bem tratadas, á beira da estrada.

Os historiadores romanos contam que, em certa época da sua historia, as cidades tornaram-se tão attrahentes que os lavradores trocaram as suas antigas residencias por outras que lhes offereciam maiores facilidades para os prazeres. Essa emigração foi altamente prejudicial para os que ficaram; cessou a influencia que essa gente illustrada exercia sobre os que a rodeavam. Os proprietarios ausentes viviam do que recebiam da provincia. Em breve, accentuou-se a differença entre a população urbana e a população rural da Italia; havia duas civilisações differentes, como se via na linguagem, no trajar, na maneira de viver. Essa historia repetiu-se em França antes da Revolução; e, com pequena duvida, foi a causa d'esse acontecimento. As cidades cresciam em poder e riqueza á custa das provincias; d'ahi a rebellião, depois de longos annos de oppressão, das povoações ruraes.

O mesmo succede presentemente na America. Os lavradores e os proprietarios ausentes esquecem e descuram os interesses das provincias. Nem conservam os melhoramentos feitos, nem iniciam novos melhoramentos. Por acaso apparece uma re-

sidencia rica com signaes evidentes de ter sido construida ha pouco; mas não é d'um lavrador. É provavelmente d'um creador de gado de luxo, d'alguem que se retirou da cidade para melhorar a saude, d'uma pessoa que cultiva fructos como passatempo, ou d'alguem d'essa muito ridicularisada, muito mal tratada, mas muito util classe de lavradores de imaginação (*fancy-farmers*).

O governo tem o dever de conservar e, se possivel, de augmentar essa classe de fidalgos da provincia. São os paes da Republica e por muito tempo constituiram a sua verdadeira nobreza.

A Questão Operaria, pelo snr. Canovas del Castillo

(*Revista Ibero-Americana*)

Não crê que a questão operaria possa trazer a anarchia; isto é, uma confusão barbara em que naufrague, para renascer Deus sabe como e quando, a civilisação universal. Mas não é o socialismo utopista, communista-collectivista, revolucionario, que pretende destruir d'alto a baixo o estado social para construir um outro chimerico, o que por agora demanda maior attenção. Taes propositos, pela sua manifesta impossibilidade e pela sua brutal violencia, excluem outra resolução do estado que não seja a de combatel-os a todo o transe, empregando n'isso quantos meios as nações depositam nas suas mãos. O que tem muito maior importancia é que, inteirados já os proletarios da sua igualdade judiciaria, e proximos a inteirar-se do recente poder que a igualdade eleitoral lhes dá em qualquer parte, pedem e até exigem coisas que, se não sempre realisaveis, parece á primeira vista que podem sel-o, facto que aos seus olhos desculpa o que pretendem. N'uma palavra o suffragio universal tende a fazer do socialismo uma tendencia ameaçadora e indisputavelmente legal.

No mundo moderno já não se trata de privar ninguem do voto sobre os negocios publicos, que a todos interessa realmen-

te mais ou menos; trata-se de que todos os votos tenham igual peso, de maneira que em principio preponderem os proletarios. Até agora o poder publico andava adstricto á propriedade, nas nações herdeiras de Roma, onde a victoria da plebe contra o patriciado não produziu mais que um mau cesarismo. Durante a idade média, os senhores seculares e ecclesiasticos, com mais ou menos extensa jurisdicção de soberanos, possuiam-na por meio da terra. A classe média, entretanto, desde a sua origem industriosa e commerciante, ora judia, ora christã, lentamente começou a influir nas coisas publicas, mas ao mesmo tempo que com mais ou menos difficuldades creava capitaes e adquiria propriedades, com as fazendas tornava-se senhora do Estado. Se o systema parlamentar se creou mais tarde em Inglaterra, precisou antes de mais nada uma estreita combinação entre a propriedade e a auctoridade publica, pertencendo inteiramente á propriedade a camara alta e influindo d'um modo decisivo na formação da camara baixa. Tudo isto, como é notorio, ou cahiu ou ameaça cahir em breve nos povos civilisados. Por direito particular, nem a propriedade nem o capital participam hoje da formação do poder publico; taes instituições são reputadas instrumentos economicos de producção e só como taes se mantêm de pé.

Sem razão escreveu Taine que de todas as creações de 1789 só ficou inteira e viva o systema metrico decimal. O sarcasmo é merecido mas inexacto. Tambem ficou no seu pleno vigor o que elle classifica de *preoccupação igualitaria e niveladora,* preoccupação que só por si aggrava singularmente a questão operaria. Onde quer que prepondere, a questão será inteiramente irresoluvel. Em toda a Europa e na propria Hespanha ha de sobra socialistas, collectivistas ou communistas revolucionarios que não aspiram a uma melhoria successiva, pacifica, com caracter relativo, limitada ao realisavel e sem prejuizo dos principios de direito commum dos trabalhadores, mas a tudo quanto appetecem por uma vez. Felizmente nem todos são assim.

O Verso está em perigo? por Edmundo Gosse

(*The Forum*)

Atravessamos um periodo manifestamente desfavoravel ao desenvolvimento da arte da poesia. Ha pouco ainda havia um quente enthusiasmo de apreciação da poesia moderna, substituido agora por uma quasi ostentação de indifferença. Estas alternativas de curiosidade e desdem não enganam ninguem que veja a historia da litteratura com olhos verdadeiramente philosophicos. É facil dizer, como geralmente se usa, que isso depende dos merecimentos da poesia que se produz. Mas não é o que acontece sempre, nem mesmo muitas vezes. Ha vinte annos houve grande enthusiasmo e interesse pelas poesias de Swinburne e Rossetti, o que era merecido pela excellencia dos seus versos; mas o desdem que vinte annos mais cedo encontraram os versos de Roberto Browning e Mathew Arnold não póde ser levado á mesma conta. É mais sensato admittir-se que os filhos nunca vêem a vida com os olhos dos paes, e que o gosto está sujeito a fluctuações incessantes e quasi regulares.

A poesia, se tem de existir, deverá occupar-se, e provavelmente em maior grau que em tempo algum, das emoções ephemeras e delicadas que a prosa difficilmente se atreve a descrever. No futuro, a poesia lyrica tornar-se-ha talvez menos trivial e menos convencional, com o risco de tornar-se menos popular. Deve esperar-se que um genero de poesia, agora apenas cultivado, occupará a attenção dos poetas, ou se atraze ou se adiante o socialismo. O que ha a fazer n'esta direcção é indicado em França pelos trabalhos de Coppée. O interesse moderno no drama e o desejo sempre crescente de vêr a litteratura uma vez mais unida ao theatro, conduzirá a uma renascença da poesia dramatica. Alguma coisa resta a fazer no verso religioso e muito no verso philosophico. A mais larga esperança mal encontrou ainda um cantor, e as mais profundas especulações têm sido celebradas pelos nossos poetas muito imperfeita e empiricamente. Se o amor, a grande fonte central da inspiração poe-

tica no passado, póde ainda produzir muitas variações novas, resta-nos vêr. É todavia provavel que no futuro a paixão seja tratada menos objectivamente e sobre um terreno menos importuno.

A escóla que agora está expirando, levou a descripção, a consciencia das fórmas e das côres externas ao seu limite extremo. O proximo desenvolvimento da poesia será provavelmente d'um caracter muito nú e directo, sem bordados, talvez mesmo arido. Será mais experimental que descriptivo, mais humano que animal. Assim, pelo menos, vagamente conjecturamos. Mas seja qual fôr o resultado, podemos confiar em que a arte conservará aquelle vivo encanto para os espiritos não desenvolvidos e aquella fascinação particular que em tantas gerações successivas fizeram a poesia o mais sabio e mais bello amigo da mocidade.

A Situação Economica da Hespanha

(*Revista Ibero-Americana*)

Contas do thesouro (1889-1890):

Receita.....	740.000:000	pesetas
Despeza.....	801.000:000	»
Deficit...	61.000:000	»

Commercio em 1889:

Importação.....	866.311:424	pesetas
Exportação.....	896.855:827	»
Total...	1.763.167:251	»

*

Comparados estes numeros com os correspondentes ao anno de 1888, apparece uma differença para mais, em 1889, de 284 milhões, e 272 comparados com a média do quinquenio.

O seu principal commercio é com a França; em 1889 a importação de generos francezes elevou-se a 264 milhões de pesetas e a exportação para aquelle paiz foi no valor de 386 milhões, isto é, vendeu á França mais 122 milhões do que comprou.

O commercio da Hespanha com aquella republica representa mais d'uma terceira parte do commercio total.

Tambem o commercio com a Inglaterra é muito favoravel á Hespanha, porque a importação elevou-se, em 1889, a 161 milhões de pesetas e a exportação a 207.

A importação de trigo no mesmo anno foi de 145.312:334 kilogrammas e a de farinha de trigo de 30.653:798. A exportação de trigo 162:354 kilogrammas e de farinha 23.396:168.

O principal artigo de importação foram as aguardentes estrangeiras e o principal artigo de exportação foram os vinhos.

Os Negros aspiram á igualdade social? por J. C. Price

(*The Forum*)

Os homens comprehenderam, desde tempos immemoriaes, que a igualdade social e os direitos civis são provincias separadas e distinctas. Uma discussão sobre o poder coordenado das leis civis e dos usos sociaes é coisa nova na terra. A historia, até onde a conheço, não fornece demonstração da verdade de que conceder a um homem os seus direitos civis é tornal-o necessariamente igual na sociedade.

Entre os amigos da elevação do negro e entre os advogados da equidade relativamente aos libertos, não ha intimação alguma da igualdade social, mas indubitavel e positiva opposição a confundil-a com os direitos civis. Os amigos do negro,

que representam a cultura superior e o patriotismo do sul (Estados-Unidos da America), reconhecem que uns são questão de lei, a outra questão de escolha.

O bispo Haygood, da Georgia, nos seus *Pleas for Progress*, commentando o que elle chama «um espantalho desnecessario», diz: «Alguns oppõem-se á educação do negro por um vago receio de qualquer coisa que se chama igualdade social... Nunca houve nem haverá no mundo, em nação ou communidade alguma, qualquer coisa como a igualdade social. As espheras sociaes constituem-se segundo e para a conveniencia propria, e nenhumas leis promulgadas pelo estado ou pela egreja mudarão as affinidades sociaes e as selecções naturaes. Os homens escolhem os circulos com que têm affinidade, procuram os companheiros que preferem, e encontram o logar que lhes convem». Discutindo a mesma materia, o snr. Cable diz: «Deixem-me pôr claro o bem e o mal d'esta questão». «As relações sociaes, dir-se-ha, são sagradas. É verdade mas os direitos civis são tambem sagrados. D'aqui vem que as relações não devem impôr-se aos direitos civis nem os direitos civis impôr-se ás relações sociaes».

Mas o proprio negro pretende a igualdade? Não me considero enganado ou presumpçoso, visto que tenho certa identidade com aquella raça, se disser que o negro, pedindo direitos civis e politicos não tem idéa de aspirar a uma igualdade social arbitraria com qualquer outra raça. E ouso affirmar que este é o sentimento de noventa e nove centesimos dos negros d'este paiz.

Se um negro reclama o que a lei da terra lhe garante, procura a igualdade social? Não; pede sómente o que já é seu, e o que elle não deve ser compellido a procurar. Quando uma pessoa descendente de negros entra n'uma primeira classe ou n'um restaurante, ou procura accommodação decente n'um vapor, não o faz por desejar estar com gente branca. Procura apenas o conforto e não a companhia, ou mesmo a presença dos brancos. Frequentemente a sua diligencia é para escapar ao desagradavel cheiro do tabaco, ou á presença menos desejavel ain-

da de homens sujos e mulheres baixas. Quando pára um trem do caminho de ferro e o negro entra n'um restaurante, não vai lá em procura do contacto social com os brancos, mas porque tem fome. Note-se a contradicção envolvida n'este ponto. Um trem pára vinte minutos para o jantar. Uma ama negra passeia na sala e ninguem lhe diz uma palavra. A uma mulher de côr, intelligente e bem vestida, com uma creança esfomeada recusa-se logar, na supposição de que procura a igualdade. E o mesmo se observa nas carruagens, nos vapores e n'outros logares publicos.

O negro não vai procurar entre raças estranhas o que não tem na sua. Não ha igualdade social entre os negros, não obstante a disposição d'alguns brancos a pôrem todos os negros n'uma só classe. A cultura, o caracter moral e a posse de coisas materiaes estabelecem differenças entre a gente de côr como entre os brancos. Os seus direitos civis e politicos são coisas a que o negro não só aspira, mas que reclama. Quanto á igualdade social, elle cuidará de si no futuro como no passado. Se o deixarem só, o negro contentar-se-ha com a sua gente. Tem mais elementos para constituir o que se chama sociedade do que á primeira vista poderia suppôr-se. Entre a sua gente o negro encontra ministros muito intelligentes e muitas vezes instruidos, advogados habeis, medicos capazes, bons mestres, jornalistas energicos, musicos consummados, homens em condições de conforto e frequentes vezes de riqueza, e mulheres de refinada cultura. Estes elementos crescem em numero cada dia; e por essa razão, juntamente com outras, o negro não acha a companhia dos brancos tão necessaria como alguns pretendem.

A Guerra

(Uma carta do visconde E. M. de Vogue ao director da *Revue des Revues*)

Pergunta-me o que penso sobre o successo provavel do Congresso Universal da Paz. Creio com Darwin que a lucta vio-

lenta é uma lei da natureza que rege todos os sêres; creio com José de Maistre que é uma lei divina, duas maneiras differentes de nomear a mesma coisa. Se por impossivel uma fracção da sociedade humana — ponhamos todo o Occidente civilisado — conseguisse suspender o effeito d'esta lei, raças mais instinctivas se encarregariam de applical-a contra nós; essas raças dariam razão á natureza contra a razão humana; venceriam, porque a certeza da paz — não digo a *paz*, digo a *certeza absoluta* da paz — crearia antes de cincoenta annos uma corrupção e uma decadencia mais destructiva para o homem que a peor das guerras.

Julgo que é preciso fazer para a guerra, lei criminal da humanidade, o que devemos fazer para todas as nossas leis criminaes: suavisal-as, tornar a sua applicação o mais rara possivel, empregar todos os esforços para que sejam inuteis. Mas toda a experiencia da historia nos ensina que não poderemos supprimil-as emquanto houver sobre a terra dois homens, pão, dinheiro e uma mulher entre elles.

Seria muito feliz se o Congresso me desmentisse; duvido que desminta a historia, a natureza, Deus.

O Futuro Homem Civilisado, por Eduardo P. Jackson

(*North American Review*)

O homem civilisado está destinado a não ter dentes nem cabello. É a conclusão dos biologistas.

Os dentes, como o soldado, são os restos d'uma civilisação que não attingiu o seu completo desenvolvimento. Uns e outros devem desapparecer. O progresso da arte culinaria substitue os dentes; a experiencia mostrou que os manjares luxuosos da civilisação, que dão tão pouco que fazer aos dentes, são mais proveitosos á longevidade e ao vigor que os duros trabalhos da sel-

vageria. Muito antes das gengivas sem dentes se tornarem a regra, terá desapparecido toda a occasião de empregarmos os dentes para belleza ou para uso. As excrescencias rudimentares, que de tempos a tempos continuarão a apparecer, serão consideradas como deformidades e immediatamente arrancadas. Os raros individuos que apresentarem uma linha completa de dentes bem desenvolvidos serão mostrados como «phenomenos», como o selvagem cabelludo da Australia — reliquias d'uma passada idade bestial da humanidade.

As Indias Negras, pelo visconde Melchior de Vogue

(*Spectacles contemporains.* Paris, Colin)

Entre os prejuizos que nos occultam a magnitude da empreza africana, está o seu caracter commercial. O negociante, que trata de vender peças de algodão em troca de marfim ou borracha, não provoca em nós o enthusiasmo dos conquistadores epicos de outr'ora. Esquecemos a sua rapacidade; á excepção de Colombo, obedeceram todos a appetites brutaes. Sem duvida um mobil ideal, o proselytismo religioso, juntava-se aos mobis do interesse; mas entenderam-no d'uma maneira tão barbara, que se póde comparar os seus resultados aos males actuaes do Islam nas terras d'Africa. Hoje, sob apparencias mercantis, o espirito e o sentimento tem um logar cem vezes maior. Livingstone resuscitou o typo dos santos que civilisaram o mundo barbaro. Não ficaria mal na *Acta santorum* a scena sublime que se passou no primeiro de maio de 1873, na margem deserta do lago Banguéolo, n'esta cabana em que o apostolo consummou o seu sacrificio. Só, esquecido do mundo, derrubado pela febre depois de trinta annos de estudo e de predica, sentiu chegar a sua hora. Não chamou ninguem, fechou o seu livro, ajoelhou e morreu orando pela sua Africa; os seus

negros acharam de manhã o seu redemptor ajoelhado, docemente adormecido na oração.

Vamos civilisar essa terra submettendo-a ás nossas grandes forças materiaes, e o vulgo julgará que ellas fizeram tudo; mas para aquelles que crêem no poder mysterioso das forças moraes, era indispensavel que a Africa fosse primeiro resgatada a troco de almas, pelas dedicações d'um Livingstone e dos seus emulos obscuros, missionarios ou sabios.

Estabelecido o caracter philantropico da conquista africana, e passando a fallar d'um dos seus heroes mais famosos, Stanley, encontramos n'elle um typo curioso de mesquinhez e de grandeza. Ninguem possue em mais alto gráu o dom do commando; mas, como sempre, essa qualidade não se combina com a sensibilidade e Stanley tem a carabina muito prompta. Para elle, como para todos os que marcham a um fim com trabalhos physicos, os homens são instrumentos que é preciso ter em bom estado, e n'isto consiste a felicidade d'esses instrumentos.

O mais bello traço de Stanley é a sua incapacidade de comprehender as naturezas muito differentes da sua. A indecisão e a falta de caracter espantam-no. Todo o segredo das suas disputas com Emin reside no desprezo crescente que lhe inspira este outro exemplar humano: um sabio allemão, indeciso sobre o partido que deve tomar, entendendo-se ora bem ora mal com os seus soldados indisciplinados, preoccupado acima de tudo com as suas collecções de insectos.

Nenhuma admiração seria excessiva para esta mysteriosa associação de energia, de mysteriosa confiança e de bom senso pratico. Stanley tem o direito, de que usa, de tirar d'ahi uma grande vaidade e um grande proveito. Quando reproduz, no fim do seu livro, todos os cablogrammas de felicitações dirigidos a «Stanley Africanus», desde os das testas coroadas até ao da corporação de Londres que o nomeia ebanista honorario, pensamos involuntariamente n'estes salvadores de banhos do mar que ostentam as suas medalhas, por amor da gloria e tambem para attrahir o cliente.

Deixando a longa historia da partilha da Africa, notemos todavia dois factos, os desastres do Egypto e o predominio da Inglaterra na costa oriental.

Quando os inglezes assumiram a direcção exclusiva das coisas egypcias, julgaram ter meio caminho andado na sua futura estrada de Alexandria aos lagos equatoriaes. A explosão do mahdismo em 1884, interceptou essa estrada. É penoso para a grande nação ingleza que a sua installação no Egypto tenha sido o signal d'um phenomeno sem precedente: a civilisação recuada até á segunda cataracta. Sob todos os dominios anteriores, pharaonico, grego, romano, arabe, christão, o Kordofan era accessivel ao trafego commercial, em civilisações relativas; a noite de barberie cahiu subitamente sobre estas regiões; a Africa, aberta em todos os outros pontos, fechou-se no mais antigamente conhecido.

O lado oriental da Africa foi quasi inteiramente distribuido, em dez annos, entre quatro nações europêas. Ao sul do equador, a Allemanha cortou para si um largo pedaço, o mais compacto, o mais bem limitado. Abaixo d'ella, Portugal defende sem grande esperança uma situação creada pelos seculos e que ameaça escapar-lhe no momento em que acabava de a fazer valer. A Italia escolheu a sua parte entre o mar Vermelho e a linha média. Por toda a parte que resta, a Inglaterra possue, protege, conquista e tem pretensões a tudo o que ainda não possue.

A partilha da Africa não é, porém, apenas o que fizeram os diplomatas da Europa; porque não contam um parceiro temivel, uma potencia que não tem logar definido, nem representação diplomatica, nem bandeira, mas melhor ou peor, um symbolo religioso. Esta potencia é o Islam.

De todos os phenomenos religiosos do seculo XIX, o mais consideravel será talvez o renascimento e o progresso do Islam no continente negro. Encontra nos seus antigos focos arabes uma vitalidade inesperada; e constantemente accende novos focos entre os negros. É uma segunda hegira; Mahomet reconquista em Africa o que perdeu na Europa. O judicioso

Barth dizia já no Soudan, ha quarenta annos: « É digno de notar-se que, emquanto o islamismo marcha a passos rapidos para a sua quéda nas margens do Mediterraneo, encontram-se na Africa interior algumas seitas ferventes que reunem ainda os seus ultimos zeladores... Creio ainda na vitalidade do islamismo, comtanto que um reformador venha regeneral-a ». Alguns annos bastaram para dar razão a Barth. Hoje um dos homens, que conheceu melhor estas questões, conclue assim o livro em que as estuda: « Em ultima analyse, o facto que domina a evolução moderna do mundo islamita é o prodigioso movimento de renovação, de propaganda, que se effectua na Asia, na Africa principalmente » [1]. Stanley constata esta mesma invasão musulmana no Congo, e o capitão Trivier diz: « A invasão dos arabes accentua-se cada vez mais; pelo caminho que levam, por certo estarão ás portas dos Bengalas antes de dois annos. Que o Estado independente se acautele; é n'elles principalmente que está o perigo. Todos os dias os arabes avançam e o governo de Boma bem o sabe; mas como nada póde contra elles, deixa-os vir e vai annexar as provincias do Ouregga e de Manyéma ».

Como explicar que os negros fetichistas adoptam com tanta facilidade a crença dos seus perseguidores? É um facto sobre o qual estão d'accordo os melhores observadores. Ha presentemente nas raças negras um despertar confuso, uma necessidade de ascensão a degraus da vida superior; o mahometismo, que pede tão pouco aos seus neophytos, satisfaz sufficientemente essa necessidade. Salvo na Ouganda, em que os proselytos das nossas missões formam um nucleo sólido, a propaganda christã obtem poucos resultados e pouco duraveis quando opéra só entre negros; por toda a parte deve luctar com a propaganda musulmana, os seus ganhos são nenhuns, os do Islam são rapidos e consideraveis. As colonias europêas não fazem excepção. Serra Leôa, onde ha quarenta annos não se encontraria

[1] *L'Islam au XIX^e siècle*, par le capitaine Le Châtelier (Ernest Leroux).

um só musulmano, tem hoje 50:000. Da mesma fórma na Liberia. Não ha o mais pequeno burgo na costa de Benin que não tenha a sua mesquita nos logares em que ainda ha pouco reinavam os fetiches. Os negros são grandes creanças, levados por duas paixões: as mulheres e o alcool. O musulmano prohibe-lhe o alcool, mas concede-lhe a polygamia. O christão permitte-lhe o alcool, importa-o mesmo, mas prohibe-lhe o harem. Os pobres negros vêem-se muito embaraçados; os factos provam que se inclinam para o harem.

Que interesse economico podem offerecer as coisas d'Africa?

Póde prever-se para breve uma ruptura economica entre a Europa e a America, uma oppressão intoleravel do antigo pelo novo mundo. Felizmente, a Europa achou o seu terreno de defeza na Africa; terá em pouco tempo a sua lavoura tropical, d'onde tirará tudo o que a America queria regatear-lhe por preços ruinosos, o algodão, o café, os generos e as materias primas mais necessarias para a vida, para a industria. Os que não explorarem a sua parte d'essa lavoura, serão os tributarios dos seus visinhos.

Terminemos com algumas observações sobre o caminho de ferro do Saharâ.

No estado actual dos nossos conhecimentos, varrem-se as antigas objecções contra a possibilidade de construir a via e de a guardar. Restam muito grandes contra a sua utilidade. O transahariano deve uma parte da sua vóga ao transcaspio russo, o seu melhor auxiliar moral; mas se examinarmos de perto a analogia, vemos que não é grande. O transcaspio fez-se, por assim dizer, por surpreza, por um desenvolvimento logico e progressivo, como se fazem os organismos que promettem longa vida. A principio, ninguem suspeitava os seus destinos, ninguem acreditaria n'elles; era um expediente temporario ao serviço d'uma operação estrategica. Avançou com a conquista, as suas ambições não appareceram senão á proporção que se realisavam. O transcaspio tem 1:400 kilometros, o transahariano terá o dobro. O transcaspio não ia ao desconhecido, ia juntar-se a provincias russas inteiramente pacificadas. Depois de 1:000 kilometros nas

arcias e nos paizes improductivos, chega a um grande rio, e para além, valles magnificos em que a Russia acha facilidades de exploração unicas no mundo. Não tem concorrencia alguma a temer: póde dispôr á vontade na Asia central, retirar de lá todos os productos e lançar-lhe todos os seus. Emfim o transcaspio foi creado por um governo autocratico, que dirigia para alli todos os seus esforços, sem ruido, sem desanimo, sem ter de dar contas a ninguem.

Jayme de Magalhães Lima.

A RAINHA ADOSINDA

Reinava Aurelio, successor de Froila, na monarchia hespanhola, restaurada pelo esforço dos valentes caudilhos Theodomiro [1]. Atanagildo e Pelaio, quando uma princeza de quem pouco fallam os historiadores, apesar de unanimemente a reconhecerem dotada de grandes prendas, se ligou matrimonialmente com um nobre chamado Silo.

A princeza, filha de Ormisinda, Ermesinda ou Ermisenda, e de Affonso o Catholico, neta de Pelaio, tinha por nome segundo uns Uzenda, segundo outros Adosenda, segundo Maria-

[1] Quando com a morte do rei Rodrigo se acabou de desbaratar o exercito christão, cujos soldados dispersos foram perseguidos durante tres dias pelos impetuosos vencedores, o general Theodomiro, governador de Andaluzia, official de grande valor e auctoridade, reuniu o resto das tropas que andavam á monte, e levantou as suas tendas perto dos muros da cidade de Orcilis, actualmente Orihuela, no reino de Valencia, onde desde logo foi reconhecido por successor do rei defunto. Masdeu foi o primeiro que o incluiu no catalogo dos principes hespanhoes, como tambem ao seu successor Atanagildo; e força é reconhecer que se funda na auctoridade das historias hespanholas mais antigas e das arabes d'aquelles remotos tempos. Todas ellas, com effeito, convêm em que Theodomiro foi successor de Rodrigo, «aunque solo algunas, accrescenta um critico, como la de Ahmed Almakkari, le dan espresamente el título de *Rey*, llevando la voz de toda la nacion en los

na, Pellicer, Masdeu e a maior parte dos historiadores modernos, Adosinda.

Ignora-se em que anno se realisou o enlace de Adosinda com Silo, pois os chronistas não fazem menção d'elles até a morte de Aurelio, e só então dizem que Silo foi eleito rei por estar casado com a neta de Pelaio. Da linhagem d'este principe pouco ou, para melhor dizer, nada se sabe: o padre Carvalho, nas suas *Antiguedades del Principado de Asturias*, copiando, observam os eruditos, o arcebispo D. Rodrigo, affirma que era irmão de Aurelio, filho de Froila, irmão de Affonso o Catholico, e por isso fôra elevado á soberania do reino.

Aurelio morreu em 774, e no mesmo anno subiu Silo ao throno de Asturias. Diz Pellicer que recahiu n'elle a corôa pelo seu casamento com a princeza Adosinda, sendo este o segundo exemplo que offereceu a Hespanha, de ter sido alli obtido o throno por direito da mulher; mas não se infira d'isto que na monarchia hespanhola d'aquella época houvesse alguma lei de successão hereditaria, estavel e reconhecida. O direito e o costume davam a corôa ao mais digno, e n'este ponto a tradição indigena estava em harmonia com a tradição goda.

Assassinado Froila, os ricos homens de Asturias não chamaram o filho para lhe succeder; o poder real não era patrimonio de nenhuma familia, e sem a menor violação de direito negaram a corôa a Affonso, como já a tinham negado aos filhos

concordatos hechos con los mahometanos; al paso que no se halla ni aun el nombre de Pelayo en los que escribieron antes del ano de 755». Não foi a Cantabria a unica guarida das familias hespanholas que fugiram da primeira irrupção sarracenica; é provavel que as mais proximas das montanhas das Asturias e Galliza n'ellas se refugiassem; mas não o é menos que, as que habitavam o meio dia, se abrigassem na estreita côrte do rei Theodomiro; e parece confirmar esta conjectura o nome de *provincia de Tademir* ou de *Tudemiro* com que os arabes nas suas historias e tratados de geographia designam o reino de Murcia.

Do que referem Abu-Bekr, Rodrigo Ximenes e Isidoro de Beja, ácerca do vice-reinado de Abu'l-Ketar-el-Haçan, collige-se positivamente que o rei dos hespanhoes ao tempo era Atanagildo. Ignoram-se os seus feitos de armas contra os arabes, mas, pelo que conta o citado Abu-Bekr, deduz-se que teve que ceder ao impulso d'estes, e retirar-se talvez com os seus aos montes de Asturias e Leão.

de Favila. Não havia então lei de successão hereditaria, diz Florez; se admittiam como principe o filho do soberano, era por eleição. Quando após longo reinado, um rei que soubera grangear o amor dos subditos deixava um filho em idade de governar, de ordinario era eleito em reconhecimento dos serviços prestados por seu pae. Este ás vezes associava-o em vida á gerencia dos negocios publicos, com o que em certa maneira lhe assegurava a successão; mas isso não constituia um direito monarchico hereditario, tal como se definiu com o andar dos tempos.

Alguns escriptores, por não terem bem presente o que deixamos expresso, mostraram grande surpreza de que Aurelio, Silo, Mauregato e Bermudo o *Monge* precedessem no throno das Asturias o filho legitimo de Froila; mas nos historiadores mais conspicuos, como Sebastião de Salamanca, Carvalho e outros, distinctos pelo seu elevado criterio, poderiam vêr terminantemente consignado o regimen electivo d'aquelles tempos, e reconhecer que o direito dos filhos dos reis a succederem a seus paes, não era ainda o que o decorrer dos annos e a politica fizeram que fosse posteriormente [1].

Em 774, pois, foi Silo eleito rei na villa de Právia, onde vivia então com sua mulher; e só d'este anno em diante o nome de Adosinda começa a figurar na historia.

São sempre deploraveis as reticencias das velhas chronicas, especialmente quando, por entre a obscuridade em que deixam sepultadas as coisas mais importantes, salta á imaginação algum traço fugitivo do caracter das personagens que não re-

[1] A constituição da monarchia nos primeiros seculos da restauração foi inteiramente a mesma dos godos. Os monarchas eram electivos; e se bem que a nação, amestrada pela experiencia e com intento de fechar a porta a perigosas ambições, elegesse os filhos ou parentes mais proximos do rei defunto, ninguem jámais lhe disputou o direito de escolher entre estes o que lhe parecesse mais apto para reinar, excluindo aquelles que lhe não merecessem confiança... Nos principios do seculo XII ainda não havia lei estabelecida, nem costume seguro e constante sobre um ponto tão grave da constituição politica, vacillando entre as disposições testamentarias dos reis e as turbulentas decisões dos povos.

tratam, o qual, á maneira de luminosa centelha, nos permitte de alguma fórma adivinhar feições bellas e nobres. As memorias das rainhas catholicas, diz um historiador, parece que foram sepultadas com os corpos. Effectivamente é muito de lamentar a incuria dos primeiros chronistas, que mais palpavel ainda se torna ao escreverem de uma rainha como Adosinda que, segundo todas as conjecturas, foi uma das mulheres mais distinctas do seu seculo.

Os arabes, mais doutos que os hespanhoes na sciencia historica, não recearam parecer demasiadamente prolixos á posteridade, e portanto nada omittiram do que podia contribuir para perpetuar a memoria dos seus amires, dos quaes até os retratos physicos deixaram na minuciosa descripção dos seus defeitos e bellezas. Suppriam assim a falta dos monumentos em que lhes não era licito gravar suas effigies, como o faziam em tão larga escala os romanos, cujas pedras e bronzes constituem actualmente uma das fontes mais fecundas da sua historia.

Mas ponhamos de lado os nossos estereis reproches contra os passados, e diligenciemos fazer um retrato aproximado de Adosinda.

Pelos acontecimentos do reinado de Silo, em que as historias convenham unanimemente haver tido parte ou influxo a neta de Pelaio, poderemos chegar ao conhecimento das suas idéas como rainha. Para isto é necessario percorrer, ainda que rapidamente, o terreno dos actos religiosos, politicos e militares d'esse reinado. Pelo que ella fez, conhecer-lhe-hemos o animo e o caracter; e talvez, se não falha a celebre maxima de Juvenal, *mens sana in corpore sano*, possamos tirar involuntariamente da idéa dos excellentes dotes moraes que a adornavam uma imagem fagueira da sua pessoa.

A historia d'esse tempo acha-se envolta em sombras que se não dissipam facilmente. Contribuiram a desfigural-a não só os romanceiros do seculo de Carlos Magno, mas tambem os historiadores e chronistas posteriores a Dulcidio, levados uns da adulação e desejo de medrarem no favor dos principes, outros da sua affeição ao maravilhoso, e não poucos de amaldiçoado

animo para fazerem acreditar erros antigos, com muitas e diversas miras que hão de ficar para sempre occultas nos arcanos do coração. Uns e outros deixaram entupidas as fontes das verdadeiras tradições primitivas, offuscada a luz da historia oral da monarchia restaurada; e ao caminhar um pobre mortal por tão intrincado labyrintho, com a preoccupação de que todos mentiram, cae na exaggeração de considerar tudo como fabuloso, e desconfiar de todo o guia, abraçando-se estreitamente com o scepticismo.

Mas embora faltem noticias fidedignas de taes successos, alguns monumentos seguros ainda restam, que têm sido examinados, decifrados e interpretados por criticos muitos respeitaveis. Postos por estes bem a claro o authentico e o apocrypho, e já muitissimo desacreditados os falsos annaes do jesuita Higuera e seus partidarios, facil é em nossos dias achar argumentos para sustentar com igual exito todas as opiniões, como succedia nos seculos anteriores aos de Nicolau Antonio e Pellicer.

Com isto não queremos dizer que haja material sufficiente para se fazer uma historia fiel dos primeiros seculos da restauração hespanhola. Os chronistas arabes coetaneos, com serem muito dados á fabula, não se detêm em narrar o que não respeite á historia dos seus amires; até porque ignoravam o que se passava no seio do governo dos naturaes refugiados nas escabrosas montanhas do norte, gente que elles descreviam como selvagens cobertos de pelles, alheios a toda a civilisação. E que admira que os filhos da Syria, os depositarios da illustração, da civilidade e das artes voluptuarias do mundo pagão, ignorassem ainda se era uma sociedade organisada o que occupava aquelle sólo intratavel e avaro, debaixo de um clima rigido, e entre a nudez e a miseria? [1]

[1] Em 766, reinando Froila em Asturias, ordenou Abd-er-Rahman aos seus ualids das fronteiras do norte que percorressem a terra de Afranc (os arabes davam este nomo ao territorio que abrangia as Asturias, Galliza, Vasconia e o Sobrarbe). « Perseguieron, diz Conde, algunas reuniones y taifas de cristianos rebeldes... y volvieron con muchas riquezas de ganados y cautivos. Referian de estos pueblos de Galicia, que son cristianos y de los mas bravos de Afranc, pero que viven

Dos christãos que resistiram á conquista musulmana mui poucos se dedicavam ás letras, e estes tinham que attender mais ao manejo da espada e da lança que a escrever os feitos dos seus contemporaneos. Os prelados eram os homens mais doutos da época; mas os seus escriptos ou desappareceram pelo pouco amor que tinham ás letras aquelles em cujas mãos ficaram, ou foram adulterados nos seculos subsequentes por outros chronistas interessados em fazer acreditar suppostas investigações. Poderiam muito bem os francezes ter preenchido a lacuna, mas, empenhados em avolumar as acções de Pepino e Carlos Magno, o que fizeram unicamente foi rebaixar os triumphos alcançados pelos christãos de Hespanha.

Difficuldades invenciveis limitam-nos pois a tão sómente conhecer os factos mais capitaes dos primeiros reis das Asturias.

Não mencionando os historiadores nenhuma derrota soffrida pelos dois monarchas hespanhoes que succederam a Affonso o Catholico, parece que a herança da princeza Adosinda devia comprehender nada menos que uma quarta parte, aproximadamente, da Hespanha, se é certo que as conquistas de Affonso chegaram a ter por limites o Oceano occidental, o Oceano cantabrico, os Pyreneus de Aragão e a ultima raia da terra de Campos. Mas ha poderosissimas razões para crêr que tanto Aurelio como Silo não governaram muita mais terra que a que D. Affonso adquiriu ao subir ao throno das Asturias, herdando de seu pae o ducado de Cantabria.

Esta apparente contradicção explica-se de um modo muito satisfatorio, attentando-se em que os auctores arabes incluem no rol das cidades sujeitas ao dominio musulmano, e poucos annos depois das conquistas de Affonso, todas as que este soberano rendeu com suas armas do lado de Portugal; o que prova que a conquista do monarcha catholico foi pouco duradoura,

como fieras, que nunca lavan sus cuerpos ni vestidos, que no se los mudan y los llevan puestos hasta que se les caen despedazados de andrajos, que entran unos en las casas de otros sin pedir licencia».

como resultado de excursões e correrias repentinas feitas pelos montanhezes, aproveitando-se da anarchia e das scisões sangrentas que suscitou entre os infieis a derrota do seu amir Iusuf e a enthronização do animoso proscripto da raça dos ommiadas, Abd-er-Rahman.

A mudança de dynastia no Occidente não podia deixar de trazer comsigo grandes males immediatos, apesar da rara prudencia com que andou o moço Moauiiah; os ualids das provincias tinham que declarar-se pelo intruso ou pelo enviado legitimo dos Abbassidas; e d'isto as scisões e guerras civis favoraveis á reconquista a que estavam attentos os christãos. Leão e Astorga tambem cahiram em poder d'estes, com outras cidades e villas de Castella; mas além de que pouco tempo se conservaram unidas á corôa de Asturias, Galliza e Cantabria, visto como os arabes as incluiram na enumeração das suas povoações, succede, contra o silencio que sobre isto guardam as chronicas christãs, haver soffrido o rei Froila, no anno de 766, varios prejuizos nos seus estados, consequencia da expedição que Abd-er-Rahman enviára ás fronteiras da Galliza e aos montes da Vasconia.

Póde supprir o silencio dos chronistas hespanhoes ácerca d'estas perdas parciaes, uma inscripção que existe na egreja de Oviedo, reconstruida por Affonso o Casto, da qual consta ter sido fundada essa egreja por Froila e destruida pelos infieis. O anno da referida expedição concorda effectivamente com a época que as historias dos nossos visinhos dão á fundação primitiva da egreja de Oviedo; é portanto mais que provavel que a fama d'essa recente fundação, e do numero de fieis ahi reunidos, chamasse a attenção dos mouros e lhes aguçasse o desejo de fazerem n'aquella terra suas algaras e correrias. Não tendo forças sufficientes para se oppôrem ás talas e violencias do poderoso inimigo, e devendo necessariamente dobrar a cerviz ao jugo dos ualids, que numerosos exercitos acaudilhavam, as cidades vencidas ou despovoadas por Affonso o Catholico, nos annos de 743 a 756, não podiam deixar de cahir novamente sob a dependencia do amir de Cordova, obrigando-as de então em

diante o medo a não tornarem a tomar a offensiva contra os Cesares, como succedeu por espaço de mais de vinte annos.

Assim pois, Adosinda e Silo no tempo em que reinaram não deveriam ter possuido mais territorio que o que se comprehendia na Cantabria, Asturias e Galliza até as margens do Minho [1].

Mal cingiu a corôa, foi Silo obrigado a empunhar as armas para submetter os gallegos. Não estão bem averiguadas as causas d'este alevantamento; talvez fosse por levarem a mal o estarem sujeitos ao rei de Asturias, e quizessem ter um soberano da sua nacionalidade. Mas esta rebellião, que succedeu perto do monte Cebrero, prestes foi vencida, seguindo-se-lhe uma paz nunca alterada, resultante sem duvida de causas que convém indagar.

Enganam-se muito os que imaginam haver durado sempre entre sarracenos e christãos esse odio implacavel, essa animosidade sangrenta, essa profunda antipathia e aversão instinctiva que caracterisaram todos os seus recontros nos primeiros annos da irrupção. As chagas abertas no mais delicado dos sentimentos religiosos e de familia foram cicatrizando de modo tal, que já Atanagildo se nos depara a fazer concordatas com os caudilhos arabes sobre a posse tranquilla do seu exiguo reino; e é natural que entre os amires de Andaluzia e os successores de Pelaio se celebrassem em repetidas occasiões iguaes tratados, formando de certa maneira essas estipulações, mais ou menos gravosas para a monarchia subordinada, as bases de uma espe-

[1] Corrobora este nosso juizo a expedição triumphal que o soberano islamita, Abd-er-Rahman, fez por seus dominios depois de derrotar (785) o primogenito de Iusuf. N'essa expedição ou reconhecimento, as cidades por onde o amir passou, segundo os historiadores arabes, foram Evora, Lisboa, Santarem, Coimbra, Porto, Braga, mandando em todas ellas erigir mesquitas e estabelecer escólas; e voltou a Toledo, onde o esperava seu filho Abd-Allah, por Astorga, Samora o Avila. Por consequencia, Vizeu, Guarda, Ledesma, Salamanca e outras cidades que os chronistas comprehendem na sua pomposa enumeração das conquistas de Affonso I, não tardaram muito em voltar ás mãos dos musulmanos.

cie de direito internacional, se bem que menos lato que o que hoje em dia designamos com esse nome.

Entre as familias christãs e sarracenas havia no tempo de Adosinda muitas e muito intimas relações que a coexistencia de ambas as religiões em varias cidades sem duvida favorecia. Toledo, Merida, Segovia, Brihuega e outras conservaram durante a dominação arabe a série ininterrupta dos seus bispos e arcebispos; mouros e christãos viviam dentro dos mesmos muros; o seu trato e commercio diario eram inevitaveis, e não poucas vezes na mesma causa politica se viram unidos hastear uma bandeira de independencia contra o inimigo commum. Em muitas cidades eram frequentes os enlaces entre os individuos de differente crença [1]. Chegadas as coisas a tal ponto, os mesmos interesses de familia eram ás vezes o mais poderoso obstaculo ao exterminio que tivera começo com tanta furia. Amansaram os animos, e se com isto foi prejudicada a religião, ganhou a monarchia, pois, a proseguir a guerra com a actividade com que começára, nunca os soberanos das Asturias poderiam attender á consolidação e governo do seu reino. Não era todavia facil a conservação da paz com a manutenção do proprio decoro e da integridade do territorio, porque, se bem que os amires fossem fieis aos tratados, nem sempre se mostraram tão escrupulosos respeitadores d'elles os ualids das fronteiras que renunciassem ás suas correrias e assaltos se descobriam desanimo ou descuido nos christãos.

Outra causa da paz que ao momento reinava nas Asturias consistia no grave perigo que ameaçava o poder de Abd-er-Rahman pelo lado dos Pyreneus. O ualid de Saragoça, traidor á confiança que n'elle depositára o amir de Andaluzia, estudava o modo de se declarar amir independente de toda a margem do Ebro, e duvidando, para tal conseguir, das proprias forças, conjurou contra Abd-er-Rahman, valendo-se de promessas sedu-

[1] O proprio rei Silo parece haver nascido de alguma senhora que tivesse amizade ou relações com o amir de Cordova, pois, segundo diz um chronista, esteve sempre em paz com os mouros *por respetos de su madre.*

ctoras, o colossal poder do ambicioso rei dos francos e germanos. O grande conquistador do Norte recebeu com dissimulado jubilo a mensagem do ualid, e poucos mezes depois contemplava com olhar cubiçoso as cidades de Hespanha do alto dos Pyreneus por onde assomavam os seus estandartes victoriosos. Sahiu-se mal da empreza, soffrendo por ultimo a vergonhosa derrota de Roncesvalles [1]; Abd-er-Rahman porém, que vira coberto o horisonte da banda do septentrião com a nuvem funesta que ameaçou aniquilar-lhe o reino, teve que applicar-se seriamente a reprimir os animos alvorotados dos seus infieis ualids, cadis e vizires, e correr em seguida com todas as suas forças a abafar a nova rebellião dos dois caudilhos abbassida e fatimita que disputavam o reino em Saragoça.

[1] En este tiempo, ano 788, Carlo Magno, hijo de Pepino el Breve, gran rey, entró en Espana con su ejército, tomó á Pamplona de los moros, ocupó mucha parte de la Vasconia, que estaba por los cristianos, pasó á Zaragoza, y rico de botin regresaba por el Pirineo á su país. Mas en las gargantas de los montes de Roncesvalles fué derrotado completamente. Los autores espanoles no están seguros, ni en el ano, ni en las circunstancias del suceso: los escritores franceses coetáneos, y entre ellos Eghinardo, secretario y yerno del emperador Carlo Magno, lo refieren con una claridad y precision admirables. Dice que « Carlo Magno, con cuanto poder y aparejos de guerra pudo juntar, pasando los montes Pirineos, y sujetando todos los lugares y castillos adonde llegó, se volvia con su ejército vencedor. Mas á la vuelta, en lo alto de los Pirineos, hubo de sentir un poco la traicion de los vascones; porque pasando el ejército grandísimo en hileras angostas, como por la estrechura de los pasos era necesario, los vascones pusieron seis emboscadas en lo alto de la montana, dándoles gran aparejo para ello las espesas arboledas de que todo aquello estaba lleno. Asi dieron en la retaguardia y en los bagajes, y les forzaron á descender en lo hondo del valle, donde los mataron á todos sin escapar ninguno; y robando todo el bagaje, con gran presteza se esparcieron por diversas partes, ayudándoles la noche que luego sobrevino. Valióles mucho á los vascones en esta faccion la ligereza de las armas y la disposicion del lugar donde se peleaba. Por el contrario, fatigaba mucho á los franceses, y los hizo inferiores á sus enemigos, el peso de las armas y lo fragoso de la montana. En esta batalla murieron Eginardo, maestre-sala del emperador, Anselmo, conde de Palacio, y Roldan, capitan general de toda la costa de Bretana, con otros muchos. Y no podia el rey tomar por entonces venganza de esta pérdida, porque los enemigos, ganada la victoria, de tal manera se esparcieron, sin quedar hombre con hombre, que ni aun se podia tener nueva de donde estuviesen ».

Mas a causa principal da paz que desfructou a monarchia christã no tempo de Adosinda, foi sem duvida a prudencia e tino d'esta rainha, pois indicado fica já quão difficil era conseguir essa tranquillidade e respeito á corôa hespanhola, tendo visinhos tão inquietos e cubiçosos como o eram os ualids das cidades que mais distavam do governo central de Cordova. Firma-nos na conjectura de ser Adosinda a auctora principal d'essa decorosa e benefica paz, uma consideração poderosa, e é que, quando o amir ommiada, encolerisado pela nova sublevação, a que acima alludimos, marchou contra Saragoça e a submetteu, e talou Pamplona, não ousou penetrar nas montanhas de Biscaia, que pertenciam á corôa de Asturias, apesar de haver perseguido até ahi os arabes e christãos dispersos do partido do seu inimigo.

E por esse tempo quem tinha as redeas do governo era Adosinda, visto como seu marido lh'as entregára, a ella e ao moço Affonso, logo que conseguira reduzir os gallegos á obediencia. Affonso, filho de Froila, e que depois foi cognominado o *Casto*, estava por assim dizer na infancia; fôra por sua tia associado ao governo para aprender a ser rei; por consequencia, quem dirigia os negocios do estado era unicamente a neta de Pelaio.

Ora governar em paz povos tão bellicosos como eram os que habitavam o Afranc, no meio das graves turbulencias que viu aquelle seculo, e com o fogo das rebelliões na raia dos seus dominios, dado só podia ser a uma rainha dotada de qualidades superiores, sagaz e prudente na politica, temerosa e respeitavel aos seus inimigos, querida e obedecida pelos naturaes.

A associação do moço Affonso ao governo do estado merece algumas considerações pela honra que d'este facto cabe a Adosinda.

Affonso, como dissemos, era ainda muito novo para reger a monarchia, e a rainha, ao pedir com reiteradas instancias a seu marido que o associasse ás suas tarefas politicas e administrativas, só tivera em vista ensinar a seu sobrinho a difficil

sciencia dos negocios publicos [1]. Mas é muito de notar que esta associação, a primeira que se nos depara depois da ruina da monarchia goda, offereça uma certa semelhança com a que pelo mesmo tempo o amir arabe fez de seu filho mais novo Hischam.

E sabido que pela lei politica e religiosa d'aquella época nenhum direito tinham os filhos dos califas nem os dos amires a succeder a seus paes, e que n'esta importante materia de successões regiam com leve differença os mesmos principios entre arabes e christãos. O consentimento publico, especie de eleição tacita, era pois todo o fundamento do direito de successão, e por este motivo não se descuidára o amir do imperio do Occidente em acostumar seu filho Hischam á pratica do governo, fazendo-o assistir ás assembléas dos cadis da mesquita e aos conselhos dos cheiks, dando-lhe além d'isso uma educação esmerada para que podesse algum dia fazer a felicidade dos seus povos.

Ora não poderia muito bem ser que a rainha Adosinda, ao chamar para junto de si o proscripto filho de Froila, houvesse tratado de imitar o salutar exemplo do illustrado Abd-er-Rahman? Se não é muito aventurada a nossa conjectura, teremos a favor da princeza catholica mais outra virtude que dará ainda maior realce ao seu já reconhecido merito, isto é: uma despreoccupação pouco commum nas mais distinctas personagens do seu seculo. Com effeito, era grande e digno de imitação o

[1] Por ser Silo de avançada idade, e talvez porque não queria cuidados, não vacillou em se retirar do governo, confiando-o a sua mulher Adosinda e ao moço Affonso, a pedido d'ella. Esta separação dos negocios publicos indica sufficientemente a confiança que o principe tinha na prudencia e virtudes de sua esposa; pois de outro modo não ousaria depôr n'aquellas mãos mulheris tão pesada carga um homem tido por todos os historiadores como muito nobre e judicioso. Citam-se um ou outro monumento dos annos 774 e 775, como o privilegio concedido a Santa Maria de Valpuesta, em que se dá a Affonso o titulo do rei: isto não prova que Silo já o não fosse; senão que leva a crêr que Adosinda aproveitava todos os meios para que os seus governados se fossem acostumando a reconhecer o sobrinho por seu legitimo monarcha.

reinado do filho de Moauiiah que, apesar das continuas perturbações com que se assignalou desde a sua entrada em Andaluzia, achou meios não só para submetter pelas armas os rebeldes, mas tambem para deixar cobertas as suas terras com as preciosas sementes de administração e governo, que depois fizeram da Hespanha arabe o berço predilecto das sciencias, artes e litteratura.

Vimos Silo domar os revoltosos gallegos no começo do seu reinado. Refere-se a essa época a instituição dos primeiros *comites,* companheiros do rei, como governadores das cidades e povoações sujeitas. Estes foram depois os celebres condes de Galliza, Asturias e Castella; mas nos tempos cuja historia esboçamos, não passavam de uns simples capitães revestidos das mesmas faculdades que os ualids e cadis dos arabes. E não poderia tambem esta instituição ser obra do tino e prudencia da mulher que governava os dominios da monarchia hespanhola?

Não façamos mais conjecturas. Basta o que resulta do cotejo das antigas chronicas arabes e hespanholas, isto é, que o reino de Asturias deveu á sua princeza Adosinda uma longa paz benefica e honrosa, que só ella sustentou o peso dos negocios nos nove annos e mezes que seu marido occupou o throno; basta isto para que fiquem justificados e comprovados os epithetos de *animosa, varonil* e *prudente* que lhe dão os historiadores, sem referirem os factos politicos em que os fundam, e calando que era em suas mãos que paravam as redeas do Estado quando os colossos do Norte e do Meio Dia, Carlos Magno e Abd-er-Rahman, pensaram talvez em aniquilal-o.

Tambem mereceu que os antigos chronistas lhe chamassem *virtuosa e pia.* A justificação d'estes qualificativos acha-se consignada nas acções devotas do seu reinado. A filha de Affonso o Catholico, acreditando sem duvida no poderoso influxo da fé para fortalecer o animo nas adversidades e inspirar o amor á independencia, fez durante o seu reinado varias fundações e dotações piedosas, distinguindo-se entre as primeiras a egreja de S. João Evangelista de Právia, que ella erigiu auxiliada pelo rei Silo. Assim consta da singular inscripção que reproduzimos

aqui, não só como documento historico, senão tambem como testemunho do gosto d'aquella época.

T I C E F S P E C N C E P S F E C I T
I C E F S P E C N I N C E P S F E C I
C E F S P E C N I R I N C E P S F E C
E F S P E C N I R P R I N C E P S F E
F S P E C N I R P O P R I N C E P S F
S P E C N I R P O L O P R I N C E P S
P E C N I R P O L I L O P R I N C E P
E C N I R P O L I S I L O P R I N C E
P E C N I R P O L I L O P R I N C E P
S P E C N I R P O L O P R I N C E P S
F S P E C N I R P O P R I N C E P S F
E F S P E C N I R P R I N C E P S F E
C E F S P E C N I R I N C E P S F E C
I C E F S P E C N I N C E P S F E C I
T I C E F S P E C N C E P S F E C I T

Esta inscripção, chamada pelos antigos *labyrintho,* póde lêr-se, segundo Morales, de trezentas maneiras differentes; e compõe-se de duzentas e oitenta e cinco letras para dizer sómente: *Silo princeps fecit.*

Propagava-se n'aquella época por entre os christãos uma heresia que na essencia era apenas uma especie de nestorianismo mascarado. Deram á luz esta heresia dois prelados hespanhoes, Felix, bispo de Urgel, e Helipando, metropolitano de Toledo. «Eran estos hombres de ingenios no groseros, ni faltos de erudicion para las tinieblas y grandes revueltas y males de aquel tiempo, entre los cuales no tropezar ni ensuciarse fuera cosa semejable á milagro. ¿Porque qué lugar podian tener las letras en medio de servidumbre tan grave, cuando cargados de tributos, y trabajados de todas maneras eran forzados á buscar con el sudor de su rostro el sustento cotidiano? ¿Cómo se podian juntar los concilios eclesiásticos, medicina con que de muy antiguo se soliau sanar las heridas en la doctrina, y refor-

mar las costumbres de eclesiásticos y seglares? Los nobles y el pueblo como á cada uno se le antojaba asi ordenaban sus vidas, y de las cosas divinas, sin que nadie les fuese á la mano, cada cual sentia y hablaba lo que le parecia: cosa muy perjudicial. Ademas de esto del trato y conversacion con los moros, era forzoso se pegasen á los cristianos malas opiniones y danadas. En particular estos dos prelados despertaron y publicaron los errores de Nestorio, que en el tiempo pasado por diligencia del Concilio Ephesino fueron sepultados, como quien aviva las centellas del fuego y quema pasada. Decian de Cristo *que en cuanto hombre era hijo adoptivo de Dios:* doctrina falsa y contra razon, contra todas las divinas e humanas letras y religiones».

Assim relata Mariana a origem d'esta seita; e mais adeante diz:

«Elipando, como el nombre lo muestra, venia de la antigua sangre de los Godos: hacia por ellos su dignidad y autoridad obispal, la fama de sus nombres y letras: alegaban otrosí en favor de su error á los Santos Eugenio, Ildefonso, Juliano. Ayudábanse, aunque mal, de algunos lugares de las divinas letras, en que Cristo por la parte que es hombre, se dice ser menor que su padre. Eran de ingenios bulliciosos y ardientes: asi con cartas y libros que enviaban á todas partes, pretendian con palabras afectadas persuadir á los demas lo que ellos sentian. En particular Elipando por la autoridad que tenia muy grande sobre las demas iglesias, escribió á los obispos de Asturias y Galicia; en especial pretendió enlazar en aquel error á la reina Adosinda, muger que fuera del rey Silon. Ella, como prudentísima y mui santa, respondió que no le tocaba juzgar de aquella diferencia, y que se remitia en todo á lo que los obispos y sacerdotes determinasen. En el número de estos se señalaron principalmente Beato Presbítero, y Heterio obispo de Osma, cuya disputa contra Elipando, erudita e grave, se conserva hasta el dia de hoy».

Até aqui Mariana: não copiamos o que segue porque não tem relação directa com a rainha de Asturias. Mas basta o que

reproduzimos para acabar de esboçar o caracter piedoso e prudente de Adosinda. Don José de Pellicer, nos seus annaes da monarchia hespanhola, não se contenta com distribuir á neta de Pelaio o simples papel de espectadora dos males da egreja, impassivel contra as seductoras exhortações de Helipando, senão que nol-a apresenta como tomando parte muito directa na impugnação feita por Beato e Heterio, dizendo terminantemente que d'ella receberam a missão de refutar a heresia do metropolitano, e que fôra ella tambem a promotora do concilio celebrado em França, no qual essa heresia sahiu condemnada.

Succederam estas coisas pelos annos 783, quando já era fallecido o rei Silo. Á vista d'ellas parece-nos não haver necessidade de recorrer ás falsas noticias que ácerca d'esta rainha nos dão certos chronistas apocryphos para fundarem as grandes virtudes religiosas que n'ella concorreram. A expedição a Merida que alguns historiadores affirmam haver feito o rei Silo nos primeiros annos do seu reinado por piedosa instigação de sua esposa, tem todos os visos de ser uma invenção do bispo Pelaio de Oviedo.

Não é menos falsa a relação das dadivas feitas por Adosinda ao prelado de Toledo, Cixila, que se lê na carta que o jesuita Higuera forjou em nome do rei Silo para fazer acreditar varios erros (entre outros a fundação de uma egreja de San Tirso em Toledo). Buscar apoio na auctoridade da mentira para encarecer os dotes da neta de Pelaio, quando tanto abundam os factos incontestaveis e as conjecturas racionaes para elogial-a com justiça, é menoscabar-lhe a memoria e deixal-a duvidosa em vez de a consignar de maneira duradoura á admiração dos vindouros.

No mesmo anno em que perdeu o marido, illustrou Adosinda o seu governo com alguns novos actos politicos, pois, segundo refere Carvalho, «estando muy apoderada de las cosas del gobierno, habia dado tanta mano en todo á su sobrino Alfonso el Casto, que pudo entonces (á la muerte de Silo) juntar los del oficio Palatino y magnates, que eran los grandes de la casa y córte real, y de comun acuerdo levantaron por rey de Asturias

al mismo D. Alfonso el Casto, como todos nuestros historiadores afirman». Grande devia ser o prestigio das qualidades e virtudes da soberana hespanhola, para vêr assim submettidas á sua vontade todas as personagens do reino. O intento porém de elevar o sobrinho ao poder, iniciado já na politica que ella seguira, sahiu-lhe frustrado pela perfidia do bastardo do primeiro Affonso.

«Algunos hombres poderosos y malvados, á quienes nuestros historiadores pintan como tocados de la heregía de Elipando, y asimismo algunos prelados inficionados de este contagio, eligieron y levantaron por rey á Mauregato, hijo bastardo del rey Alfonso el Católico, habido en tiempo de su mocedad en una esclava, mora de nacion, pareciéndoles que no hallarian buen amparo por sus maldades en el castísimo y religiosísimo pupilo de Adosinda. Procuró Mauregato aprovecharse de la ocasion, y pidiendo auxilio al Amir de Córdoba, con el cual hizo el afrentoso pacto llamado *tributo de las cien doncellas*, embistió el reino de Asturias profanando los templos y talando las ciudades, hasta obligar al jóven Alfonso á refugiarse con su tia Adosinda en las montañas de Alava, desamparando el trono».

Tal é a tradição ácerca da usurpação de Mauregato; vejamos até que ponto é verdadeira.

Em primeiro logar observaremos que o auxilio que se diz ter sido solicitado dos mouros por Mauregato é destituido de todo o fundamento. Da historia d'aquelles remotos tempos só ha duas fontes authenticas: uma a chronica do monge de Albelda, outra a de Sebastião de Salamanca. A segunda, que é a mais explicita, só diz que Mauregato usurpou o throno a Affonso, sem dar a entender que elle, para levar a cabo a empreza, se houvesse utilisado do exercito de Abd-er-Rahman; e note-se que em vista do pouco respeito com que o bom do bispo salmaticense falla d'esse rei, filho de uma escrava, seria muito de estranhar que se não valesse do infame tributo das cem donzellas, se tal facto houvera chegado ao seu conhecimento, para pintal-o ainda com mais negras côres. A chronica albeldense

tambem não allude a semelhante cooperação da parte dos sarracenos. Por outro lado temos as historias dos sectarios do koran, onde se não encontra noticia alguma de guerra contra os de Afranc depois da excursão de 766. E n'este ponto os arabes merecem inteira fé, pois a ser isso verdadeiro não teriam calado um facto glorioso para as suas armas, dado que pelo esforço d'elles o usurpador Mauregato houvesse conquistado o throno.

Emfim, o tributo das cem donzellas só figura na historia hespanhola quatrocentos annos depois da morte de Mauregato; e, accrescenta Masdeu, «el celebre diploma de la batalla de Clavijo que atribuye este vergonzoso asiento á los primeros reyes de Asturias en general, tiene muchos y muy patentes indicios de ser apócrifo» [1].

Assim pois, na opinião dos mais prudentes historiadores modernos, Mauregato para subir ao throno só teve por auxiliares os inimigos do pae de Affonso, que contribuiram para o seu assassinio, e os taes varões que julgaram o pretendente bastardo mais apto para o governo que um moço que na occasião contava apenas vinte e quatro annos de idade. O resultado foi que, apesar dos esforços dos partidarios de Adosinda, Affonso teve que deixar ao seu inimigo o throno no mesmo anno em que a elle subira (783) [2].

[1] «Y es tan injustamente denigrativo de la fama de nuestros piadosísimos reyes que mereciera quemar-se publicamente como libelo infamatorio».

[2] Mauregato morreu em 788, aos cinco annos e mezes de um reinado pouco limpo, como era de esperar. Natural parecia que lhe succedesse o sobrinho, D. Affonso, eleito anteriormente e a quem elle usurpára o throno; mas não succedeu assim. Recahiu a eleição em D. Veremundo ou Bermudo, filho de D. Froila, irmão de D. Affonso o Catholico. Era diacono. A razão que tinham para afastar do throno o pupillo de Adosinda, era obvia: receavam que elle tratasse de vingar a morte de seu pae, assassinado pela nobreza. Bermudo foi homem de grande coração: apesar de ter ordens sacras, casou com uma senhora chamada por uns Numila, por outros Ocenda; n'aquelle tempo não era constante o celibato ecclesiastico. Uma das primeiras disposições de Bermudo foi chamar á côrte D. Affonso, que o ajudou a derrotar os mouros quando invadiram o territorio da Bureba.

A piedosa viuva de Silo, ou porque aborrecesse as coisas politicas, perdida a esperança de restituir o throno ao seu pupillo, ou por cumprir com o costume observado entre os godos por todas as rainhas que enviuvavam, retirou-se á egreja de S. João de Právia, que ella e seu marido haviam fundado, e que desde então começou a ser mosteiro [1].

Alli passou o resto da vida, e por sua morte (que se não sabe em que anno succedeu) foi depositada no mesmo sepulchro de seu marido. Assim o refere expressamente D. Alonso el Magno em um privilegio outorgado a favor da egreja de Oviedo, pelo qual lhe faz doação do mosteiro de S. João de Právia: «*monasterium sancti Joannis Evangelistæ, ubi jacet Silius Rex, et uxor ejus Adosinda Regina*», etc., etc.

Os historiadores antigos não dizem que Adosinda deixasse filhos. D'isto deduziram alguns modernos que os não deixou; outros pelo contrario, e entre elles Carvalho e Sandoval, opinam que Silo teve de sua mulher um filho chamado *Adelgaster*, baseando-se em um privilegio original de fundação do mosteiro de Santa Maria de Obona que o padre Yepes achára no archivo do mesmo mosteiro. Começa esta carta de doação ou privilegio com as palavras: *Ego Adelgaster filius Silonis Regis*, etc. O douto Morales, diz um critico, leu *Sigionis* ou *Gigionis* em logar de *Silonis*, e d'isto deduziu que o Adelgaster do codice era filho de um rei das Asturias e Jijon; repetindo desde então ou-

Aos tres annos de reinado (791) renunciou D. Bermudo a corôa, sobrevivendo muito tempo. Influiu no animo dos magnates; e estes, que comprehenderam o coração generoso, o valor e os grandes dotes de D. Affonso, a quem a historia denomina o Casto, porque teve no mais alto grau a virtude da pureza, não vacillaram em proclamal-o rei. Vejamos se o discipulo ficou áquem da mestra. Abramos a historia: «Rico en virtudes, amado de su pueblo, despues de cincuenta e dos anos de próspero gobierno, murió Alfonso el Casto soltero, aunque se supone que estuvo tratado de casar. Enterróse en Oviedo en la iglesia que fundara. Lloráronle los suyos, elogiáronle todos los escritores que de sus cosas hablan, y conserva la reputacion que adquirió en vida, de ser uno de los mejoros reyes de Espana».

[1] Por uma carta de Beato e Heterio consta que era monja professa em novembro de 783.

tros escriptores que os primeiros reis hespanhoes eram e se intitulavam reis de Jijon. Mas, continúa o mesmo critico, Morales errou na traducção que fez da palavra *Gigionis*, pois ainda mesmo que se não devesse lêr *Silonis*, nunca poderia significar a cidade de Jijon que em latim era *Gegia* e não *Gigio*. Como quer que seja, póde muito bem o mencionado Adelgaster ser filho de Silo e Adosinda, embora os historiadores o não digam, pois, como o mesmo Morales observa, « os filhos legitimos passam ás vezes em silencio quando não chegam a reinar ».

Francisco de Almeida.

MADRESILVAS

I

CELESTE...

Ás vezes gosto de te vêr assim...
Esse semblante dá-me um terno gosto...
Se alegre ris ainda, é porque emfim
A sorte que passou pelo teu rosto,
Não t'o ennublou, como me fez a mim.

Eu gosto de te vêr alegre e crente...
Não quero que tu soffras, porque embora
Eu por mim já não possa estar contente,
Vendo essa vida que o teu rosto córa,
Contento-me por ti unicamente.

Não sei se outrora já soffreste ou não...
Talvez... um sonho... uma illusão perdida...
Mas se assim foi, foi rapida a afflicção,
Que se um momento te offendeu a vida,
Não te offendeu decerto o coração.

Algumas vezes, logo que amanhece,
Vou passear nos campos indeciso;
E se o teu rosto meigo me apparece,
Eu chego a confundir-me... O teu sorriso,
Mais o sorriso duma flôr parece.

Que lindas côres o teu rosto tem!
Por muito tempo, contemplando fico
Essa expressão feliz que me faz bem...
E como nella então me identifico,
Chego a suppôr que sou feliz tambem.

Quando tu passas, que rumor de vida!
Quando tu fallas, que canção celeste!
Se olhas, a terra é muito mais florída...
Não sei que estranha perfeição te veste...
Tu és do céo e andas por cá perdida!...

II

ELLA

Tem o pallor das virgens de alabastro
Essa a quem eu sinceramente adoro,
E que me anima como a luz dum astro...
Vivo por ella num prazer bemdito,
Relendo o livro em que, a sonhar, decôro
O seu amor em letras de oiro escripto.

Tem a sagrada languidez das santas,
O olhar translúcido, o sorriso ardente,
E o fino aroma energico das plantas...
Reune á graça a esculptural belleza...
Sente-se ao vêl-a uma attracção vehemente,
Um pasmo de alegria e de surpreza.

*

Dizem os homens de infantil vaidade,
Num regosijo de impensada gloria,
Que ella é filha tambem da Humanidade...
— Ficção aérea de vaidades feita! —
Pois nunca ninguem viu na humana historia
Corpo tão bello ou alma tão perfeita.

Deslumbra a gente num clarão de graça
A sua dôce e angelical figura,
Quando, a sorrir, timidamente passa:
Faz-nos da vida um quadro ideal de côres,
De viço e aroma e de infantil frescura,
Como um jardim a rebentar em flôres.

Em vão desprendo e alargo a phantasia,
Como aguia enorme a procurar nos mundos
O reino em que essa virgem nasceria...
Pergunto-o aos astros, aos pharoes sidereos,
E elles ficam callados e profundos,
Como a noite cerrada dos mysterios!

Nada me falla dessa imagem santa...
Ninguem conhece a sua voz maviosa,
E o seu olhar que nos deslumbra e encanta...
Mas todos pasmam por a vêr tão bella!
Todos a adoram numa febre anciosa!
— E é tudo quanto eu sei da historia della. —

Alberto Bramão.

TRES DIAS EM DJEDDAH

Por acaso encontrei ha dias n'um maço de esquecidos papeis velhos o roteiro de uma viagem a Moçambique, onde registára dia a dia notas e impressões que deviam servir de urdidura ao trama de um livro, que por aquella época andava delineando.

Como não vale a pena que os bibliophilos se afadiguem em inuteis pesquizas, declaro categoricamente que esse livro jámais passou de um projecto, acariciado com affectuoso desvelo durante o periodo embryonario, para ser engeitado sem remorsos nem piedade, logo que pensei em coordenar os diversos apontamentos, respigados aqui e alli, sabe Deus com que afan! — tão despidos de interesse me pareceram depois no seu conjunto.

Creio ter havido quem já observasse que o progresso, demolindo as barreiras dos remotos confins do mundo, despira os livros de viagens dos attractivos e surprezas, que outr'ora os recommendavam aos espiritos sequiosos de noticias e informações ácerca de paizes, cuja existencia algumas vezes chegava a ser ignorada. Demais esta hypothese, na actualidade, não passaria de um archaismo inadmissivel, graças ao enxame de sabios, sahidos a tantos reis por mez, das colmeias geographicas disseminadas por todo o orbe terraqueo.

Desde que póde emprehender-se uma excursão á volta do mundo sem maior incommodo do que experimentaria Xavier de Maistre viajando ao redor do seu quarto, arca-se peito a peito com o impossivel para lhe arrebatar a nota pittoresca e palpitante que dê tom e vida á descripção de costumes e paizagens, já mil vezes descriptos pela penna de escriptores celebres, reproduzidos outras tantas pelo lapis de habeis artistas e diffusamente diluidos em palestras de viajantes, mais ou menos phantasistas, que não perdem opportunidade de se apresentar como heroes de anecdotas e aventuras, a que não póde oppôr-se immediata contraprova.

Nada ha que se me figure mais desconsoladamente semsabor do que amarrar as sonhadas peripecias de viagem á helice de um paquete, que nos escravisa sob a eterna tyrannia de uma tabella que tudo prevê e tudo regula, salvo apenas o recurso ao direito de asylo no ventre de algum tubarão. É muito commodo, mas ha tambem a concordar que é muito estupido, converter o livre arbitrio em pendulo de chronometro, para saber com a precisão de um calculo mathematico o dia em que se entra n'um porto, a estadia que n'elle se tem e o momento da sahida, da mesma sorte que as horas em que a sopa vai para a mesa e em que o creado vai ao camarote apagar a vela; quando não chega o auctoritarismo ao ponto de estar prescripto como no paquete em que embarquei: *The passenger are requested not occuped the bath room than ten minutes.* Não dou a traducção por me parecer que não sahiria coisa asseada.

Oh! o meu paquete, o meu paquete! Imaginem o famoso «Agra», da *British India Company!* Um vapor de carga em compassada cabotagem pelos portos barbarescos d'além do Mediterraneo! Quasi uma delicia comparado á ronceirice das tipoias da viação pre-historica! Oh! se me lembra! Na singradura de Suez a Aden, que se trata de encurtar o mais possivel por causa das insolações que tantas victimas produzem, divertiu-nos o «Agra» com a sua velocidade de carangueijo pelo espaço de quinze dias, em que nos foi dado antegostar a temperatura do caldeirão de Pero Botelho, para não a estranharmos

caso os nossos peccados não ficassem remidos com a penitencia da jornada.

A companhia *British India* com que fôra contratado o transporte da mala e passageiros do Estado, possue magnificos paquetes que rivalisam com os das principaes linhas do Oriente, mas a carinhosa solicitude dos nossos paternaes governos entendeu que devia poupar-nos o desgosto de nos privar do amoravel convivio dos genuinos representantes da população das docas britannicas, para os quaes um fardo humano vale um tudo nada menos que o fardo de mercadorias que se arruma ao canto do porão. Já me lembrei que sequestrando os conterraneos do Magriço e Mem Rodrigues á intimidade das louras *ladies* e dos esgrouviados *gentlemen*, o governo, na alta comprehensão dos seus deveres, procurou evitar as provaveis repetições das luctas cavalheirescas dos doze de Inglaterra, com grande proveito das instituições e da cotação dos fundos.

Póde, portanto, imaginar-se como seriam seccantes e enfadonhas as impressões com que me encontrei ao fim da minha viagem. Passando revista ás notas em que haviam sido condensadas, verifiquei serem tão monotonamente uniformes, como um diario de bordo em tempo de calmaria pódre. O dia de hoje era a copia fiel do dia de hontem, como havia todas as probabilidades para crêr que seria o prognostico do dia de ámanhã! Apenas uma recordação agradavel me ficára dos tres dias que passei em Djeddah.

Será esse episodio da minha triste peregrinação pelo mar Vermelho o que sobreviverá a todas essas notas, que no volver de quinze annos estavam já tão apagadas na minha memoria como no papel em que haviam sido escriptas.

I

N'um dos primeiros dias de julho de 1876 surgimos, por volta das tres horas da tarde, no porto de Djeddah.

A entrada da barra é protegida por enormes restingas de

areia e amiudados bancos de coral, que por vezes se erguem acima do nivel das aguas em denegridos recifes de fórma conica, dando á enseada o lugubre aspecto do campo de um cemiterio erriçado de pyramides funerarias.

O porto de Djeddah passa por ser um dos mais perigosos do mundo; que o é de todos os do mar Vermelho não soffre contestação. A sua passagem demanda muita canceira e muitos cuidados, porque é mister que a cada guinada o navio descreva caprichosos zig-zagues para não ir de encontro aos parceis que lhe embargam a marcha. Apesar de tantas contrariedades, é muito concorrido não só de vasos de marinha mercante como de guerra. Quando alli aportámos, estavam ancorados uns trinta vapores de grande porte.

O ancoradouro fica a algumas milhas distante da praia, onde só se póde desembarcar em pequenos botes, que ainda assim não estão isentos do perigo de encalhar sempre que se desviem na alheta do estreito canal que atravessa o baixo estendido ao longo da costa.

Do ponto d'onde avistámos a cidade, mostrou-se-nos ella sob um aprazivel aspecto, não obstante a completa ausencia de arvoredo, que dissolvesse o tom crú do panorama nos cambiantes de um colorido menos fatigante. Mal podiamos imaginar que fosse aquelle o antro do povo barbaro e selvagem de que nos fallavam a bordo.

Djeddah espreguiça-se com a descuidosa indolencia oriental n'uma vasta planicie á beira-mar. Circumda-a uma cintura de muralhas, em que distinguimos dois baluartes coroados de ameias. Para além do lanço em que foi rasgada a porta principal da cidade, succediam-se os brancos terraços das habitações n'uma extensa linha, recortada de espaço a espaço, no arrojo da phantasia do estylo arabe, pelas cupulas e minaretes das mesquitas, cujos tectos ponteagudos reluziam sob a acção dos raios solares, como se fossem construidos de placas metallicas sobrepostas á maneira das escamas no dorso de um crocodilo.

Djeddah perfaz com Medina e Méca a triade das cidades santas para os musulmanos. Sem embargo das vicissitudes poli-

ticas por que tem passado, das conquistas que successivamente a submetteram ao jugo de tribus e nações estranhas, e da sua situação no litoral que a expõe ao permanente contacto com forasteiros de diversas raças e crenças, é e continuará a ser tristemente celebre pelo espirito de intolerancia e fanatismo, que caracterisa os seus moradores. O iman que assiste do *mimbar* (pulpito) ás rezas na mesquita, os *ulémas* que explicam os textos sagrados, o *mufti* que define com a auctoridade de doutor da lei as questões do dogma, quando exercem o seu mister sacrosanto, collocam o alcorão ao lado do alfange para recordar aos crentes que o islamismo é ainda a mesma religião militante do tempo em que o propheta, perseguido pelos koraichitas, ordenava a seus proselytos que desembainhassem a espada tanto para combater inimigos como para convencer incredulos e indifferentes.

O entranhado rancor que os habitantes de Djeddah nutrem contra os *giaours* (infieis) principalmente christãos, denuncia-se nos coruscantes olhares ferozes, que lhes lançam na passagem com furia igual á com que lhe arremessariam dardos eivados de peçonha. A saudação que sae de seus labios tremulos de colera, é a palavra — cão — proferida com tão odiento asco, que bem patentcia o que os esperaria, se podessem metamorphosear-os no animal a que tão descaroavelmente os comparam.

Este odio por tanto tempo represado, explodiu em 1858, ennodoando com uma perpetua mancha sanguinolenta o nome de Djeddah. A guerra que n'aquelle tempo os inglezes sustentavam contra os *cypaios* sublevados, excitava a irritação latente a ponto de se premeditar a desforra que vingasse o sangue musulmano derramado nos morticinios da India. O pretexto que devia servir de rastilho á explosão, foi encontrado no dia em que uma mulher, perseguida pela justiça local, se refugiou no domicilio de um consul europeu.

A turba enfurecida exigiu a entrega da accusada, e como não se attendesse ao seu pedido, irrompeu impetuosa contra o consulado, onde nada escapou á sua crueldade.

O cheiro da carnificina embriaga os animaes ferozes, qual-

quer que seja a sua especie. As primeiras gottas de sangue que saboreiam, torna-os cada vez sedentos de mais sangue. Destruido o primeiro consulado, seguiu-se o ataque aos dois que restavam. Quanto era christão, ou ao serviço de christãos, foi immolado na enorme hecatombe d'essa nefasta noite. Miraculosamente, porque mal póde comprehender-se tanta energia n'uma donzella de dezoito annos, apenas escapou a filha do consul francez, Eveillard, que depois do assassinato de seu pae, desappareceu por entre a multidão que lhe saqueava a casa e conseguiu refugiar-se a bordo de um navio, onde foi a primeira a narrar a terrivel tragedia de que teve a fortuna de sómente ser mera espectadora.

O crime de Djeddah não permaneceu impune por muito tempo. Os governos da França, Estados-Unidos e Inglaterra, ultrajados no assassinato dos seus representantes e no saque dos consulados, exigiram ao governo suzerano da Sublime Porta a immediata reparação dos aggravos recebidos. A Inglaterra, porém, cançada das delongas da diplomacia, enviou uma esquadra a Djeddah, e apoderando-se de alguns dos principaes moradores, que haviam tomado parte no motim, enforcou-os summariamente nas vergas do navio chefe. As auctoridades locaes, prevendo que as represalias poderiam prolongar-se por tempo indeterminado, submetteram-se a todas as exigencias e satisfizeram de prompto a indemnisação pedida. A lembrança do severo castigo infligido tem evitado a renovação de scenas analogas á que tão cara custou aos seus promotores.

Djeddah é uma pequena cidade de pouco mais ou menos dezoito mil habitantes, situada na região do Téhama, ou terras quentes, entre a Arabia Petrêa e a Deserta. Politicamente está sujeita á suzerania do imperio ottomano; mas só reconhece como auctoridade legitima a do *cheriff* de Méca, que representa o sangue da descendencia do propheta. Commercialmente é afamada pelo seu grande mercado, a que concorrem as tapeçarias da Persia, os tecidos da costa de Coromandel, as perolas de Ceylão, as laminas de Damasco, o ambar da costa de Oman, os perfumes capitosos do Hedjaz, o tabaco e o café do Yémen, tudo

quanto ha de mais grato e mais invejavel para os povos do Oriente.

A sua grande importancia provém, todavia, de ser o principal porto de Méca, que dista uns noventa kilometros para o interior. Todos os annos, durante alguns mezes, affluem alli de diversas partes do mundo numerosas caravanas de peregrinos que vão cumprir o preceito religioso da visita á santa Kaaba, em Méca, onde está depositado o texto original do alcorão; visita que os mais fanaticos ou os mais abastados completam com a romaria ao tumulo do propheta em Medina.

A quadra da passagem das caravanas em Djeddah accentua-se por um movimento e animação que faz completo contraste com o indolente quietismo fatalista das cidades arabes. A cada instante desembocam pelas immundas ruas tortuosas no largo, que serve de vestibulo á porta de Méca, ondas humanas que se agitam no rapido volteio de uma dança macabra em trajos carnavalescos de variegados matizes e desusados feitios. Alli como nas successivas mutações de um kaleidoscopio distinguem-se, confundem-se, baralham-se todas as côres e todos os costumes; o *coufieh* amarello dos arabes, o *fez* vermelho dos ottomanos, a tunica azul dos *fellahs*, o alvo *bornous* dos kabilas, a cabaia de musselina dos hindús, as finas pelliças dos armenios, a mitra elliptica dos persas, o turbante iriado dos nubios, as largas calças carmezins dos berberes e as sandalias de cordas enroscadas até meia perna dos habitantes de Hedjaz. Com a variedade do vestuario vem a variedade das raças e a diversidade dos typos: o turco de Constantinopla, o morghreb de Tunis, os kalmukos do Volta, os negros do Senaar, os arabes do Egypto, os tcherkesses da Circassia, os tartaros de Bokkôra, os mouros das cercanias do Atlas, os mujojos dos Comoros, os turcomanos de Khiva, emfim representantes de todas as tribus, de todas as seitas, de todos os povos mahometanos.

A vida postiça da grande albergaria na jornada de Méca termina com o regresso dos peregrinos, sempre mais triste do que a ida, porque os *Hadjis* perderam o anterior contentamento, fatigados pelo cançaço da jornada, lancinados pelos raios

abrazadores do sol do deserto e minados pela febre de um mau estar causado pela nauseabunda agglomeração das turbas. Torna, pois, Djeddah a cahir na somnolencia da habitual modorra; extingue-se nas ruas o bulicio dos transuentes, e nos bazares póde o mercador calcular com pachorrenta minudencia os lucros deixados pelos forasteiros. No meio da tranquilla calma da cidade, ouve-se de repente por toda ella um grito de rebate. É o primeiro caso que apparece da peste trazida pelos peregrinos. O virus alastra-se pela estrumeira urbana; cahem victimas aos centos. O espectaculo não é novo, representa-se quasi annualmente. É um hospede com que se conta; não surprehende, nem sequer demanda grande ceremonia. O habitante de Djeddah é verdadeiro musulmano, o que quer dizer que reune predicados que mal se podem conciliar, ser religioso e ser fatalista. Volta-se para Méca a implorar a clemencia de Allah, como crente; depois como philosopho, cruzando os braços e olhando o chão, murmura resignado: *estava escripto!* E como tudo está escripto lá em cima, mergulha-se outra vez cá em baixo na costumada apathia.

Um pouco além da porta que dá para Méca, no vasto deserto, onde a vista se perde, apenas se descobre um pequeno *oasis* cercado de palmeiras. Affirmam os crentes que está alli a sepultura de Eva. Uma antiga princeza mandou recolher n'um mausoleu que alli edificou as cinzas da primeira mulher que, a avaliar pelo comprimento da lage tumular, deveria ser de descommunal altura.

Não é facil averiguar o fundamento da tradição musulmana. Mahomet ou o anjo *Namous* (Gabriel), que escreveu o alcorão, não foi mais explicito do que Moysés ácerca do logar que serviu de asylo aos paes da humanidade em seguida á expulsão do paraiso. Procurei indagar se algum escriptor arabe alludira a uma crença tão arraigada no espirito do povo, mas sómente me narraram uma lenda que parece não haver passado da tradição oral, e a que sinto não poder dar n'uma pallida versão o colorido da phrase e o perfume poetico que com tanta delicia m'a fizeram ouvir.

Reza assim a lenda:

Depois da desobediencia de Adão, Allah expulsou-o do paraiso, conjuntamente com os seus cumplices. Adão foi precipitado sobre uma montanha de Sérendib, Eva cahiu proximo a Djeddah, o diabo em Bassorá, a serpente no Hindustão, o pavão ao lado de Nézib.

Adão, vagabundo e angustiado, procurava no seu desespero a formosa Eva, cuja imagem transbordava da sua alma. Cada dia, na amargura do seu penar, invocava a clemencia de Allah, e lhe supplicava a restituição da meiga companheira, que tantas vezes repousára sobre o seu coração e com quem divagára lentamente sobre as eternas sombras do paraiso, agora a ambos para sempre vedado.

A penitencia não remira ainda a enormidade da sua falta, porque a colera de Allah não abrandava, e Eva continuava perdida para elle.

Uma noite, prostrado de fadiga, deitou-se sobre a terra depois de implorar a Allah o perdão do seu crime. Fecharam-se-lhe os olhos e adormeceu. O somno trouxe-lhe uma visão. Appareceu-lhe a mulher encantadora, que Allah formára da sua carne; aproximou-se com o sorriso nos labios e reclinou-se-lhe nos braços.

N'este momento surgiu o sol, emergindo dos oceanos antediluvianos, e a terra ergueu-se estremecendo para receber no seu seio a caricia dos raios do astro luminoso.

Alguns dias, depois, no logar em que Adão adormecera, germinára um arbusto que bem depressa se tornou uma arvore. Duas fortes raizes separadas subiram até ao tronco, que se bifurcára em duas vergonteas semelhantes a dois braços. A arvore cresceu, e attingiu a altura de cem pés.

Um dia a folhagem fez-se a cabelleira de uma enorme cabeça; os braços articularam-se e armaram-se de mãos; as duas raizes transformaram-se em vigorosos pés que sacudiram vigorosamente os torrões da terra que os embaraçavam. A arvore era um gigante.

O gigante caminhou sobre a terra, que reduziu á escravi-

dão, e foi o seu primeiro rei. Reinou quinhentos e sessenta annos e chamou-se Caiumarath.

*
* *

Fôra resolvido que os passageiros de primeira camara que iam a bordo do «Agra» permanecessem em terra emquanto o vapor estivesse fundeado em Djeddah.

Era um trasbordo extraordinario devido a caso de força maior. Havia algumas centenas de toneladas de carvão de pedra a descarregar, e a agencia não tinha meios de fazer com que o pó nos não incommodasse, talvez a ponto de se nos introduzir pelos pulmões dentro.

Como foi esta a primeira e ultima prova de humanidade que no espaço de cincoenta e dois dias de viagem recebi da empreza e dos seus empregados, aqui a deixo registada a par da minha surpreza e do meu reconhecimento.

Não havendo na cidade albergue que nos alojasse, ficou assente que iriamos para casa do vice-consul britannico, que era o agente da *British India*, e ahi seriamos mantidos a expensas da empreza nas mesmas condições em que estavamos a bordo. A mudança devia realisar-se na manhã do dia seguinte.

Eramos cinco os passageiros da primeira camara. Tres portuguezes e viajavam por conta do estado; dos dois restantes, um era inglez, outro francez. O inglez optára pelo «Agra» por ser parente e amigo particular do commandante; o francez porque a isso se vira obrigado, pois ficando-se a admirar os lindos olhos de uma viennense, que encontrára n'um café de Port-Said, perdera a passagem que tinha nas *Messageries Maritimes*, e quando se lembrou que devia partir quanto antes, não foi possivel achar outro transporte.

O inglez, — por fim o homem era escossez — tinha cabellos ruivos, faces vermelhas, ares de matamouros e a corpulencia de um touro: era coronel n'um regimento da India e dava pelo nome de Mac-Ennery.

O francez, magro, pallido e nervoso, era um fallador sem-

piterno. Herdára uma plantação de canna de assucar em Nossi-Bé, e chamava-se Lanzac.

Era este o companheiro que me mereceu uma secreta preferencia pelo seu espirito scintillante e a sua jovialidade a toda a prova, e tanto que até resistiu ao tedio que de nós todos se apossára a bordo.

Na noite da nossa chegada a Djeddah encontrámo-nos conversando acerca da nossa demora n'aquelle porto. Não lhe occultei o meu contentamento por ter uma folga para me conservar em terra.

— Seja feliz, disse-me elle. E se as aventuras que o esperam n'essa terra das Arabias, lhe permittirem lembrar-se dos ausentes, compre-me uma boceta de tabaco turco para o meu cachimbo e um fino collar de ambar para um destino ainda incerto.

— Porque? Não vem comnosco? perguntei eu.

— Limpei o pó das minhas sandalias no limiar da iniquidade. Nunca mais penetrarei os hombraes da casa dos philisteus! Desculpe-me a linguagem biblica, foi uma exigencia do prurido da côr local. Quero dizer que para inglezes, basta-me a amostra cá de bordo.

Tinha-me esquecido dizer que Lanzac era um incorrigivel anglophobo. As suas iras anti-britannicas descarregava-as á falta de melhor emprego sobre Mac-Ennery, que dava tratos á imaginação para não ficar em divida. Eram como dois gallos gladiadores, que mal se avistavam, investiam um contra o outro, terriveis, ameaçadores.

Lanzac sabia quatro ou cinco palavras inglezas. Eram as sufficientes para injuriar, ridicularisar e fazer experimentar amargos de bôca ao seu antagonista. O gesto, a entonação da voz e o volver dos olhos suppriam admiravelmente as lacunas da linguagem. Mac-Ennery fazia outro tanto, mas faltava-lhe a vivacidade e a graça nativa que davam a Lanzac uma grande superioridade na contenda.

Recordo-me ainda, quando entrámos no canal de Suez, vêr andar Lanzac radiante a pavonear-se em frente de Mac-Ennery;

fixal-o com desdenhoso sorriso e jogar-lhe por fim esta bisca:

— *Lesseps french, channel french... all good french! All right, very good. No english, no.*

Mas a expressão com que estas palavras foram acompanhadas e que provocou a geral hilaridade, é que não póde contar-se, nem sequer imaginar-se.

Mac-Ennery mordeu os labios de despeito, e recolheu-se ao camarote, como para protestar contra essa maravilha do seculo XIX, cuja realisação fôra julgada uma utopia pelos seus compatriotas.

Passadas talvez duas horas, o «Agra» fundeou. A passagem estava impedida, por haver sossobrado uma das dragas, que andam constantemente a limpar o leito do canal das areias despegadas das margens. Chegou a Mac-Ennery a maré da revindicta. Voltando flammante para junto de nós, dispara á queima-roupa sobre Lanzac esta mordaz apostrophe:

— *Canal français, ne vaut rien! Anglais ça serait bon... paquet «no stopped».*

Lanzac tomou o caso á boa parte, encolheu os hombros e trauteou-lhe a dois palmos do nariz a cançoneta com que o chasqueador espirito francez se vingou das derrotas que lhe infligiu o famoso general da rainha Anna da Inglaterra:

Malborough se va t'en guerre
Mironton, tonton, mirontaine.
Malborough se va t'en guerre
Nul ne sait quand il viendra.

Mac-Ennery doeu-se das coplas muito mais do que de todas as ironias com que Lanzac o estava de contínuo ridicularisando. Declarou ao commandante que era capaz alguma vez de agarrar o francez e atiral-o ao mar, se elle não tivesse emenda.

Lanzac ao saber isto, jurou que o ferrabraz nem sequer era capaz de matar uma mosca, e proseguiu sem maior novidade no seu mister de Cabrion do espadaúdo escossez.

(Continúa).

Augusto Sarmento.

REVISTA DE POLITICA INTERNA

A REVOLTA DO PORTO

Os acontecimentos de 31 de janeiro, com todas as suas scenas d'uma minuscula e ephemera guerra civil, lançaram na bonacheirona paz pódre dos nossos costumes uma estranha e imprevista nota de violencia e desvario. Já em si, já nos seus antecedentes e consequentes, esse episodio assume o inestimavel valor d'um symptoma typico, para os que de ha muito seguem de perto, com um vivo interesse de observação e fundas preoccupações moraes, a marcha pathologica dos complexos males que vão lentamente minando, decompondo, e até ameaçando de morte, o caduco organismo nacional.

De mistura com a mágua e a cruciante angustia do patriotismo, ferido pelo espectaculo da ignominiosa miseria em que nos dissolvemos, e desalentado, desesperado de impotencia ante a inevitavel fatalidade d'um imminente desastre — apossa-se de nós essa especie de satisfação intellectual, que não póde deixar de se sentir em face da gradual realisação de phenomenos previstos e de factos de longa data vaticinados.

É sob este ponto de vista, de serena e fria critica, que

encararei os recentes successos politicos. A hora é para uma profunda e recolhida analyse intima. Mal de nós todos — de todos! — se passarmos superficialmente a vista sobre essa pagina, manchada de sangue e enfarruscada de polvora, que ahi se accrescentou ao negro capitulo onde se archivam as desgraças e vergonhas dos derradeiros tempos. Mal de nós!... É que já nos não valem habilidades, nem salvam expedientes. Na altura a que as coisas chegaram, só um grande espirito de sacrificio e de renuncia, a maxima prudencia e o maximo tino, poderão minorar os duros effeitos da crise que nos ameaça. Observemol-a nas suas origens. Meditemos nas suas dolorosas consequencias. É mister encarar frente a frente o futuro; é indispensavel que a nação faça uma idéa justa, precisa e verdadeira da situação em que se encontra.

As linhas que seguem são, pois, uma modesta contribuição para esse grave e severo exame de consciencia. Não lhes conturba a limpidez das intenções qualquer reservado sentimento partidario ou pessoal. Inspiram-nas o puro amor da verdade e o mais recto e inabalavel proposito de absoluta imparcialidade critica.

I

Se, no inicio do actual reinado, alguem affirmasse que em dezoito mezes a propaganda republicana contaminaria e abalaria o exercito, a ponto de o levar á audaciosa tentativa d'um *pronunciamento* — ninguem, nem entre os conservadores, nem entre os proprios radicaes, daria a essa predicção o minimo credito. Sabia-se que o republicanismo lavrava com maior ou menor intensidade na classe militar, sobretudo entre os officiaes novos, a mocidade da Escóla do Exercito e os sargentos dos corpos da capital. Mas semelhante republicanismo não passava, aos olhos de todos, d'uma tendencia, d'uma inclinação politica, d'uma vaga opinião doutrinaria, absolutamente desprovidas, comtudo, d'essa força de crença e d'essa energia passional que impellem

os homens do campo das idéas para o campo da acção. D'um lado as tradições politicas d'um exercito que viveu tão longos annos envolvido em continuas guerras civis, do outro a relaxada tolerancia da sua disciplina, ou, melhor, da sua indisciplina — não permittiam estranhar que um ou outro official fizesse publicas affirmações dos seus sentimentos anti-monarchicos e do seu desaffecto pela dynastia e pelo dynasta. Isto, porém, a quasi ninguem se afigurava um perigo serio para as instituições, nem um possivel e provavel elemento de futuras conspirações militares. Não se acreditava na possibilidade *moral* d'um acto revolucionario. Suppunha-se absolutamente partida, na alma portugueza, essa rija mola propulsora da audacia. — Quem se atreve a soltar o grito? pensava-se: quem ousa dar o primeiro passo? — E, tranquillisados com esta cega confiança na indecisão e frouxidão do nosso querer — governantes, e a maioria até dos proprios governados, consideravam a ordem segura, e garantida (pelo menos nos actos, senão nas intenções) a fidelidade da força armada.

O episodio de 31 de janeiro veio desfazer cruelmente esta dôce illusão. O descuidoso optimismo dos ultimos annos, felizes e fartos, soffreu mais um rude e profundo golpe. A surpreza foi geral. Pois não eram pura fabula, não eram ingenuos sonhos da gente credula — esses vagos rumores de conjura e insurreição? Ousára realmente alguem soltar o grito da revolta? Atrevera-se um punhado d'homens a empunhar as armas contra o throno? Trocavam-se com effeito, nas ruas, reaes e verdadeiras balas, a serio, a valer?... Na vespera nem as auctoridades locaes o queriam acreditar. No dia immediato, na Arcada e nas Secretarias, os scepticos conselheiros entreolhavam-se boquiabertos, pallidos de assombro e terror...

Viu-se então que todos os desastres, todos os erros, todas as faltas d'um anno de vergonhas, de humilhações e de inepta politica, não tinham cahido em vão no espirito publico. E é n'isto que os acontecimentos do Porto se manifestam como um symptoma. Em si, pelo que foram, pela gente que os promoveu e dirigiu, valem realmente pouco, muitissimo pouco... Mas só

*

para espiritos excessivamente myopes e curtos podem não ser visiveis os elementos de agitação, que através d'elles se enxergam fermentando ao fundo da vida nacional. O 31 de dezembro foi a fistula peripherica, que, ao abrir-se, veio revelar o cancro interior.

Com effeito, a origem d'esse drama politico não póde deixar de ser procurada na historia dos ultimos tempos. Será illogico e absurdo, debaixo de todos os pontos de vista, suppôr que a revolta haja sido um facto esporadico, indeterminado, sem causas, sem motivos, sem raizes nas presentes condições moraes e politicas da sociedade portugueza. Por mais baixa idéa que se possa fazer dos predicados de intelligencia dos chefes do movimento — e não se lhe faz injuria nenhuma, considerando-os como um selecto bando de mediocridades — não é, comtudo, licito imaginar que elles se abalançassem a semelhante empreza, se apenas contassem com os elementos que na occasião appareceram em jogo. Alguem, por esses dias, observava com graça que *aquillo* fôra apenas um fragmento da tenia, que o doente havia expellido. O resto da bicha, incluindo a cabeça, ainda lá ficára dentro...

E a verdade é realmente esta. — O republicanismo em Portugal não representa precisamente uma reacção doutrinal, de principios e de idéas, contra a organisação juridica da sociedade. Se ámanhã uma revolução triumphasse e a Republica se estabelecesse, a unica alteração sensivel a produzir-se limitar-se-hia á suprema presidencia do Estado. Unicamente. Todas as demais *garantias* d'um programma republicano — o suffragio universal, a descentralisação administrativa, a liberdade de pensamento, etc. etc. (salvas algumas recentes alterações com relação á liberdade de imprensa e de reunião, que, ainda assim, a ninguem se afiguram perduraveis e definitivas nas suas fórmas actuaes) — tudo isso se acha já consignado nas nossas leis e assimilado pelos nossos costumes. O republicanismo, entre nós, representa apenas uma fórma de acção do descontentamento geral, que tem no abstencionismo retrahido o seu *pendant* de inercia e passividade. É, de envolta com a levedura de mui-

ta ambição irrequieta, é, a par da ingenua illusão dos que ainda crêem na panaceia dos systemas, um protesto de caracter moral, formulado contra a cynica corrupção e o sordido egoismo que a politica portugueza tem affectado nos derradeiros annos. Mas no fundo, bem no fundo, o que ha de seriamente ameaçador para a estabilidade das instituições vigentes é esse terrivel pessimismo civico que, alastrando a olhos vistos, cada vez aprofunda mais o invencivel abysmo que, n'esta desorganisada sociedade, se cava entre o Estado e os cidadãos, entre os governos e a nação... E não é já licito duvidar de que foi n'esse sentimento de dissidente hostilidade para com todo o existente, que se originou, em ultima analyse, a rebellião militar do Porto.

Dois factos importantes actuaram fortemente, de ha um tempo a esta parte, a favor da republicanisação do paiz e do exercito. Esses dois factos, quasi simultaneos, foram a questão ingleza, com todos os seus deploraveis episodios, e o exemplo da revolução brazileira.

A questão ingleza, evidenciando-nos a nossa fraqueza internacional e a nossa pusillanimidade diplomatica, susceptibilisou sobretudo os brios da classe militar, a qual (em sua honra seja dito) revoltava-se intimamente contra a falsa situação que lhe era creada pela irresoluta covardia dos politicos. Quem por essa occasião conversasse com militares, ácerca dos acontecimentos correntes, teria por certo ensejo de verificar quão vivo era n'elles este sentimento ante as hesitações continuas, as transigencias medrosas, a abjecta complacencia com que a nossa chancellaria correspondia aos desdens humilhantes ou ás brutaes imposições da Inglaterra. Os mais cordatos, os menos violentos, declaravam preferir uma ruptura de relações, com o perigo d'uma derrota, á vergonhosa inercia em que se achavam collocados. E observavam que tal attitude não fazia senão confirmar a accusação de inutil e parasitaria, que sobre a sua classe impendia. O paiz gastava annualmente, com o exercito, coisa de cinco mil contos, para ter n'elle uma garantia de independencia e de defeza: e, n'um momento em que o estrangei-

ro nos ameaçava e insultava, esse exercito ficava-se de braços cruzados e espada na bainha — fruindo, n'um doce egoismo burocratico, o seu quinhão da partilha orçamentaria. A este honroso e cavalheiresco sentimento juntou-se, para muitos, a convicção, mais ou menos vagamente fundamentada, de que só um novo regimen poderia transformar os viciosos caracteres da nossa politica, e abrir para o paiz rasgados horisontes de prosperidade, de economia, de moralidade administrativa, de ordem interna e de respeito no exterior. Além d'isto, esse espirito de liberalismo vago, absolutamente destituido de senso pratico no seu velho feitio romantico, que constitue o fundo moral e intellectual de todas as *gerações novas,* fazia vêr sob negras côres de tyrannia e despotismo uns certos assomos dictatoriaes e umas velhacas leis repressivas da liberdade de imprensa e de reunião, de que a ultima situação regeneradora se tornou ré perante o radicalismo doutrinario. E o exercito, originariamente revolucionario e liberal, tendo ainda presentes as tradições da Terceira e do Porto, da Patuleia e da Regeneração, começou a sentir pruridos d'uma intervenção na politica, para salvar a liberdade em perigo... Não é das menos positivas provas d'isto a famosa *Liga Liberal,* onde o elemento militar tem uma representação enorme e preponderante.

Por outro lado, o exemplo da revolução brazileira, d'essa rapida e facil mutação theatral de personagens e instituições, levada a effeito d'uma manhã para uma tarde, apenas com meia duzia de tiros de rewolver trocados entre o barão de Ladario e a escolta do general Deodoro — fez penetrar nas massas jacobinas a convicção de que tudo seria possivel fazer-se aqui, mais dia, menos dia, pelo mesmo processo; e conformou até certo ponto o prudente burguez com a hypothese d'uma republica implantada em identicas condições.

N'esta corrente de idéas, o partido republicano foi-se aproximando do exercito, que não repelliu, de fórma alguma, o seu contacto. Activou-se a propaganda, e iniciou-se por fim a conspiração. Entretanto os politicos, guiados por uma imbecil orientação conselheirística, continuavam a envidar todos os seus esfor-

ços para comprometter o throno e acarretar sobre elle a desaffeição geral. O gabinete regenerador, com uma notavel falta de comprehensão do verdadeiro estado moral do paiz, lançou-se n'uma desbragada politica partidaria, subalternisando tudo aos interesses e rivalidades dos seus influentes e da sua clientela, e dando o subversivo exemplo do mais desalmado e sceptico egoismo n'uma hora tão dolorosa e tão triste, como a que então atravessavamos. Mal aconselhado decerto, o nosso inexperiente monarcha ligou as suas responsabilidades a actos e medidas, d'um alcance mediocre para o restabelecimento da ordem publica (de cuja *apparencia* apenas se cuidou), mas excellentes para o effeito de lhe captar antipathias e malevolencias. A explosão patriotica de janeiro, em vez de aproveitada e dirigida como um excepcional ensejo para o inicio d'uma politica nova, foi primeiro contrariada, a medo, para ser, por ultimo, rudemente abafada. As primitivas incertezas do gabinete Serpa Pimentel em face das manifestações publicas, e as subserviencias do snr. Hintze Ribeiro para com a Inglaterra, exploradas logo pela propaganda republicana, imprimiram ao movimento uma errada direcção radical que, a breve trecho, lhe fez perder a sua originaria genuinidade patriotica. Desde esse momento, o republicanismo ganhou terreno — e as eleições de março passado, em Lisboa, foram d'isso uma prova bem eloquente.

Essas eleições primeiro, depois o periodo parlamentar com as differentes questões que suscitou, fizeram uma momentanea calmaria na agitação politica. A questão ingleza estava suspensa na mysteriosa incubação das negociações... O ministro dos estrangeiros, a todas as perguntas que no parlamento lhe dirigiam sobre esse grave assumpto, respondia vagamente, defendendo a sua reserva com o argumento das conveniencias diplomaticas. E assim se foi andando — até que o famoso tratado de 20 de agosto, a ominosa obra do snr. Hintze Ribeiro e do snr. Barjona de Freitas — estalou nos descuidados ocios da villegiatura, com todas as peripecias e consequencias que são do dominio publico.

A crise politica recrudesceu, então, e attingiu uma extrema gravidade. Se, n'esses dias de setembro e outubro, o paiz conservasse a intensidade emocional do principio do anno, o throno teria certamente ruído de envolta com o ministerio regenerador. E nunca, diga-se de passagem, nunca, á parte as suas consequencias, uma revolução teria sido tão opportuna, tão justificavel! Mas, por esse tempo, já as intrigas da vaidade ambiciosa e a rivalidade dos interesses haviam posto os partidos em guerra aberta. O patriotismo passára a ser uma pura palavra, hypocrita ou vã. A alma nacional, extenuada pela crise anterior, cahira de novo na sua passiva indifferença, na sua lethargica inercia. O movimento que derrubou o gabinete Serpa e rasgou o tratado de 20 de agosto — movimento bello ainda, apesar de tudo — não teve, porém, a energia, o vigor, o impeto da agitação de janeiro. Só o não reconheceu quem, então, não viu *por dentro* os homens e os successos. Salvou-nos, talvez, n'essa occasião um acaso, um d'esses instaveis e ingovernaveis elementos psychologicos, que muitas vezes n'um campo de batalha, só por si e contra toda a estrategia, decidem imprevistamente da victoria. Se o snr. Hintze e a sua maioria tivessem a mais um tudo-nada de audacia, se ministro e deputados não hesitam, não recuam perante as apprehensões e os receios da situação — o tratado passava na camara, sem a menor duvida. E o paiz curvar-se-hia, submisso e dominado, á violenta imposição do governo e do parlamento, como se curvou ante o golpe de mão de 11 de fevereiro, que pôz termo ás manifestações das ruas, e ante as leis dictatoriaes de março, que dissolveram a camara de Lisboa e remodelaram n'um sentido anti-liberal o regimen da imprensa.

Mas, se a gravidade da crise se não caracterisou por um vibrante, por um violento movimento de opinião, nem por isso ella deixou de apresentar outros symptomas de não menor importancia para os juizos do moralista. Não foi uma gravidade de *força:* mas foi — triste é dizel-o — uma gravidade... de *fraqueza.*

O espectaculo que a nossa politica offereceu, posteriormen-

te á queda dos regeneradores — é dos mais tristes, dos mais revoltantes que se podem conceber. Personagens e facções fizeram, sobre a melindrosa situação que o paiz de novo atravessava, o mais baixo, o mais ignobil jogo partidario. A longa crise ministerial de então, com toda a sua sordida intriga, todos os seus indecorosos episodios, a covardia d'uns, a velhacaria d'outros, a ambição d'estes, a perfidia d'aquelles, o egoismo de todos — ficará já agora constituindo, na nossa historia contemporanea, a mais clara, a mais lucida, a mais expressiva e eloquente prova da decadencia moral d'esta malfadada nação. Que hora negra! Mas tambem que grande hora desaproveitada para levar o paiz a romper com essa execravel oligarchia de politicos, influentes, burocratas, agiotas, que o dominam e o exploram da maneira mais cruel, formando o principal obstaculo e maximo estorvo a uma boa, sabia e fecunda administração! N'essa hora, um rasgo de energia e de audacia, inspirado por um sincero e ardente patriotismo — partisse elle do Rei com uma franca e honrada intervenção pessoal, partisse da grande massa do paiz com uma séria manifestação da sua soberana vontade! — teria talvez dado o grande golpe no peor de todos os inimigos da patria...

Não se fez, porém, isso, nem d'uma parte nem d'outra. E, de enredo em enredo, de combinação em combinação, de mallogro em mallogro — conseguiu-se por fim organisar o ministerio João Chrysostomo, cujo *extra partidarismo*, apesar de não ser mais do que um heterogeneo amalgama de elementos de todos os partidos, foi recebido com sympathia, e com agrado mesmo, por todos quantos vêem no *partidarismo* a causa-mãe dos nossos males.

Não é agora a occasião adequada para fazer a critica do modo como os homens, que constituiram esse gabinete, se têm desempenhado do arduo e espinhoso encargo que muito patrioticamente tomaram sobre os hombros. Manda, porém, a verdade que se affirme que, seja qual fôr o merito dos seus actos e medidas, a elles se não póde attribuir um aggravamento, pelo menos sensivel, das desgraçadas condições em que a fatalidade

das coisas e os erros dos derradeiros governos partidarios collocaram a politica nacional.

Todos os factos anteriores, porém, e, sobre elles, a crescente complicação da questão financeira, evidenciando aos mais optimistas toda a extensão da nossa miseria economica — foram lentamente accumulando os agentes de desorganisação interna, que nos promettem todo um periodo proximo de anarchia e desordem — e da qual a revolta do Porto não foi, quanto a mim, senão o primeiro symptoma revelador, o claro e prophetico signal dos tempos...

Comprehende-se bem como, ao geral dos espiritos, a monarchia appareça identificada com os erros e os crimes dos seus governos. Perante os codigos constitucionaes, os reis são irresponsaveis e os ministros os unicos responsaveis pela administração publica; mas, perante a opinião simples das massas, esta situação inverte-se: os gabinetes tornam-se, de facto, irresponsaveis, e sobre os thronos é que realmente impende a plena responsabilidade dos desastres e infelicidades politicas dos povos: e isto pela muito simples razão de que os ministerios passam — e os reis ficam... D'um dos nossos derradeiros monarchas me referiu pessoa, que com elle privou, que mais d'uma vez se havia de antemão recusado a sanccionar, com a regia assignatura, certos projectos dos seus governos. E tinha para isso este argumento supremo: «Presinto, dizia elle aos ministros, que essa medida, ainda que vantajosa e de alcance, será moralmente antipathica para a maioria da opinião publica. É facto que dos senhores parte a iniciativa. Mas, se eu assigno, é porque approvo e consinto: e as massas, apesar da Carta, não discriminam as nossas responsabilidades». E o monarcha tinha razão. Os thronos já se não mantêm com fundamentos juridicos. O direito divino passou á historia. Os reis têm hoje, para consolidarem o seu poder, dois unicos meios seguros: bons governos, garantindo a ordem pelo desenvolvimento da prosperidade publica e do bem-estar geral, e sympathias pessoaes, conquistadas com o exemplo de austeras virtudes particulares e civicas. A eterna macula da burlesca revolução brazileira foi e será sempre o

desthronamento d'um monarcha que, embora intellectualmente mediocre a despeito das suas pretensões a sabio e a philosopho, se identificou porém com as mais nobres aspirações do seu povo, e serviu-as com incomparavel patriotismo, com raro tino, com o maximo desinteresse e com a maior elevação moral. Ora estas verdades têm penetrado pouco a pouco nos cerebros, ainda os menos esclarecidos. Presentemente, os reis, ou se toleram por habito e tradição, ou se conservam pelo seu valor pessoal e por conveniencia publica, ou se aturam por fraqueza. A soberania popular, se não é um facto positivo, se não é uma força activa de que os povos façam uso em toda a sua extensão politica — é já, comtudo, para elles, a *consciencia* d'essa força. Salvo nas camadas ainda barbaras da plebe — a Monarchia é já por toda a parte, no nosso paiz, irreverentemente discutida. N'estas circumstancias, pois, imagine-se que brecha não terão ahi aberto, na arruinada muralha da antiga *fidelidade monarchica*, as desastradas administrações dos derradeiros annos, com o continuo e escandaloso espectaculo de desperdicios, corrupções, veniagas e negociatas, de um louco augmento de funccionalismo inutil, de *deficits* monstruosos patenteando, através d'um desgoverno de perdularios, uma absoluta falta de probidade administrativa, de rapidas e inexplicaveis fortunas de banqueiros e politicos feitas ao contacto financeiro do Estado — tudo isto, revelado, divulgado, esmiuçado, commentado por uma imprensa que, dia a dia, alarga mais a sua área de acção.

Espanta-se alguem, depois d'isto, de que em Portugal se pense em Republica? pasma-se de que esse termo deixe de ser um papão politico, ainda para os mais pacatos? estranha-se que entre um exercito, com tradições revolucionarias, a propaganda lavre intensamente tramando conspirações e pronunciamentos?

Com franqueza — tal espanto, tal pasmo, seriam denunciadores d'uma singular estreiteza de espirito critico.

II

Esboçado, a traços muito largos, o estado actual do espirito publico entre nós — passemos a observar de perto os successos de 31 de janeiro.

A revolta está liquidada. Terminaram os julgamentos; foram proferidas as sentenças, que um tribunal superior acaba de confirmar. Póde, pois, fallar-se d'ella desassombradamente, sem vislumbre de inconveniencia, e com tanta maior segurança quanto o processo revelou e assentou factos, esclareceu pormenores, apurou responsabilidades.

Disse atraz que o movimento nada significára por si, nem pelos homens que n'elle figuraram. E, na verdade, assim foi. Facilmente suffocado, sem repercussão no resto do paiz — apenas serviu para dar á Monarchia uma apparencia de força e de solidez. No fundo mesmo, essa pseudo-revolução não passou — sabe-se hoje — d'uma conjura de sargentos, originada, sem duvida, em manejos d'um mais largo plano revolucionario, mas d'elle scindido, não só pelas divergencias do partido republicano, como pela impaciencia e precipitação dos seus fautores. Os proprios chefes republicanos do norte foram levados um pouco *a reboque* n'essa aventura. Uma grande falta de prudencia e de reserva na conspiração, aggravada com inconfidencias e delações — comprometteram tudo. Algumas transferencias de sargentos, determinadas superiormente, fizeram suspeitar a estes de que o governo lhes andava no rasto da sua trama. E, receiosos de que as transferencias continuassem, separando e desaggregando por consequencia os elementos da projectada insurreição — anteciparam-na, impondo-se intransigentemente aos chefes civis. Assim veio para a rua, sem direcção, sem plano, sem commando, absolutamente desorganisada e ás cegas — essa especie de sangrenta parodia ao *15 de novembro* brazileiro.

Abster-me-hei de me referir aos elementos civis — porque d'estes uns se acham homiziados, outros já sob a acção condemnatoria da lei, outros emfim acabam de recuperar, com a

absolvição, a liberdade. Tão sómente farei notar que tanto Alves da Veiga, como Santos Cardoso, as duas principaes figuras do movimento, nem pelos seus dotes intellectuaes, nem pelo seu valor moral, eram personalidades que abonassem, garantissem ou caracterisassem superiormente uma revolução. Tudo se fez com os elementos infimos do partido — o que, pelo lado das pessoas, reduziu o movimento a proporções sobremaneira mesquinhas e inferiores.

Tudo o que se passou n'esse dia demonstrou-o á saciedade. Os actos dos revoltosos constituem uma série ininterrompida de inepcias e imbecilidades, desde o que se passou no Campo de Santo Ovidio até aos derradeiros episodios da concentração das forças insurrectas na casa da Camara. Tempo perdido em proclamações espectaculosas e em antecipado vivorio; uma boa fé pacovia na geral connivencia, pelo menos passiva, da guarda municipal — boa fé inexplicavel depois do dialogo travado no Campo entre o major Graça e o alferes Malheiro; absoluta falta de capacidade, de sangue frio, de previdencia e de energia nos chefes militares: — tudo isto concorreu para acarretar sobre os revolucionarios uma derrota, para evitar a qual, substituindo-a mesmo por uma rapida victoria, nada mais seria preciso de que uma cabeça serena, capaz de avaliar com presteza as circumstancias de momento, e de, com presteza tambem, resolver e providenciar. Felizmente, ainda, de toda essa charivarica escaramuça, alguns bellos exemplos de coragem e de bravura ficaram, a attestarem consoladoramente que o soldado portuguez não perdeu de todo, na longa paz pôdre que temos atravessado, as suas solidas qualidades militares. E foi tudo...

Um jornal monarchico fallou, por essa occasião, em *vencidos que estiveram prestes a ser vencedores*. Esta phrase revela bem quão fortuito e casual foi o triumpho da Monarchia. Com effeito, se a sublevação vinga no Porto, era de presumir que na tarde d'esse dia 31 de janeiro não fosse o capitão Leitão o Deodoro das forças republicanas... O successo anima os timidos e alenta os retrahidos, porque quem vence tem sempre razão. O dia 1 de fevereiro seria, acaso, fertil em surprezas, se os in-

surgentes batem ou fazem adherir a guarda, e se apoderam do telegrapho, do quartel-general e das repartições publicas... As acclamações com que de manhã os saudaram, rua do Almada abaixo e na Praça Nova — teriam decerto uma reedição, não menos estrondosa e bem mais geral. Não faltariam adhesões — civis e militares. E por esse paiz fóra, seria... seria o que Deus quizesse...

Não quero dizer, com isto, que no dia seguinte a Republica se tornasse entre nós um facto consummado, como aconteceu no Brazil. De maneira nenhuma! Nas nossas presentes condições politicas, o triumpho do movimento insurreccioual do Porto seria para a nação o inicio apenas de um longo periodo de desastres, provações e anarchia. E o lado mais criminoso d'essa tentativa está, sobretudo, n'isto: na sua insensata inopportunidade, na sua estupida e obtusa inconveniencia. No dia immediato ao do seu triumpho, a joven Republica vêr-se-hia a braços com difficuldades verdadeiramente insuperaveis pela sua magnitude propria, e esmagadoras para a reconhecida falta de superioridade politica do alto pessoal do partido. Teria, em primeiro logar, a questão financeira, entrada n'um periodo agudo, que se sentiria forçada a resolver, ou desastrosamente pela bancarrota, ou então vendendo o paiz, atado economicamente de pés e mãos, á judiaria plutocrata das praças estrangeiras, a qual, só farejando um negocio leonino, prestaria o auxilio dos seus capitaes a um governo revolucionario, posto á frente d'um paiz arruinado. Teria depois a liquidação do conflicto inglez, effectuada por meio d'um verdadeiro desastre colonial, porque a nossa fiel alliada não perderia essa occasião unica de fazer mão baixa no melhor do nosso dominio ultramarino, talvez com o ironico pretexto de o garantir á dynastia e ao governo legal portuguez, durante o periodo revolucionario... Teria ainda inevitavelmente a violencia d'uma invasão hespanhola, pois Canovas não toleraria, ao pé da porta, uma republica que alimentasse o ardor dos revolucionarios hespanhoes e que viesse a tornar-se n'um foco de conspirações e manejos contra o actual regimen politico dos nossos visinhos. E não seria, por ultimo, de estranhar que, si-

multaneamente com essa invasão, a Triplice Alliança fizesse, por connivencia monarchica e apoio á dynastia, uma demonstração naval nas aguas de Lisboa. Sem duvida, que seria grandiosamente bello vêr este pequeno povo, n'um impeto de energia, arrostar com todas estas difficuldades, e entre sacrificios e provações, soffrimentos e revezes, cahir, vencido heroico, no sólo da patria, defendendo o seu direito, a sua liberdade, a autonomia. Mas... não seria extremamente cedo para tal se esperar d'uma raça, que só a dura escóla de longas e pesadas desventuras poderá, já agora, corrigir dos seus vicios e fraquezas, redimindo-a pela dôr e robustecendo-a pelo ensinamento da resistencia ao infortunio? Em breve, esmagada por todos estes elementos hostis, a Republica tombaria; teriamos acaso (na melhor das hypotheses para a manutenção da nossa autonomia politica, de resto, em taes condições, já apenas apparente e nominal) a dynastia restaurada pela intervenção estrangeira, com estrangeiros a superintender nas nossas questões internas, sobretudo nos negocios da fazenda; e logo, n'um delirio terrorista de despotismo assustado — o peor, o mais cruel, o mais duro, o mais inclemente de todos os despotismos! — uma tyrannica legislação repressiva surgiria, iniciando um franco regimen de aspera defeza monarchica.

Felizmente para o paiz, a revolta mallogrou-se — o que, quanto a mim, não quer de fórma alguma dizer que o perigo passasse e que a ordem (a verdadeira *ordem* que dimana do bem-estar geral, mantido por uma sabia e fecunda administração) se restabelecesse de novo e solidamente. O que houve, na verdade, foi apenas um adiamento da crise que de ha muito se vem preparando pela accumulação de gravissimas faltas estadisticas, pela depauperação economica, pela desordem das finanças, pela corrupção dos costumes, por todos os elementos de desorganisação e desequilibrio que nos ultimos annos têm de continuo actuado sobre a sociedade portugueza. Mantidas as causas, mantem-se a probabilidade dos effeitos correlativos. E tudo em Portugal vai de molde para aggravar a condicionalidade d'essa crise, que, originariamente economica,

affectará sem duvida, no seu momento agudo, um caracter politico.

Já os Pangloss de ha meia duzia de annos se tornam em Cassandras agoireiras. Os que, não ha muito ainda, viam tudo em rosa, vêem agora tudo em negro. O pessimismo alastra. A convicção d'um desastre proximo entra em todos os espiritos. As provas, de resto, são evidentes e palpaveis. A recente operação financeira foi uma das mais significativas. E já me não refiro ao que ella moralmente exprime, quanto á baixa do nosso credito, nem faço reparo no seu caracter affrontoso e humilhante. O grave symptoma está em que, pela primeira vez, nos derradeiros tempos, viu-se um ministro da fazenda pessimista — e pessimista a respeito da sua propria obra; em que, pela primeira vez, a tremenda questão financeira foi posta e collocada no parlamento, sem hypocrisias, sem mentiras, sem euphemismos burocraticos mascarando a dura realidade das coisas. Mais trinta e seis mil contos a addicionar ás centenas de milhares da divida consolidada! Mais cerca de dois mil e seiscentos contos a inscrever nas despezas ordinarias do Estado! Onde a receita correspondente a este novo encargo? Como se lhe occorrerá? Com um novo augmento tributario? Impossivel! Ainda não ha um anno que foi lançado o ultimo addicional de 6 p. c. — que veio duramente pesar sobre a agricultura e as industrias, e encarecer as subsistencias pela consequente elevação de preços em todos os generos de primeira necessidade. Com economias, com reducções de despezas? Como, n'um paiz de mendigos que vivem da sopa economica do Estado, n'um paiz em que é preciso *metter obras* para dar de comer ao povo faminto, e em que a politica, enfeudada á Influencia egoista, não póde dar um passo sem lhe satisfazer todos os seus caprichos, todas as suas imposições, todos os seus interesses?! Com novos e successivos compromissos a curto praso? Mas em dois annos teremos de novo uma divida fluctuante esmagadora, com urgencias angustiosas, com difficuldades de toda a ordem, que, ou nos levará a um contracto mais ruinoso, mais lesivo, mais deprimente ainda do que aquelle que acabamos de realisar — ou então ati-

rará commosco, fatal, irremediavel, inevitavelmente, á voragem d'uma bancarrota!

Com encargos de divida, que nos absorvem cerca de 50 p. c. das receitas publicas; com *deficits* orçamentaes inextinguiveis e monstruosos; com um *deficit* commercial superior a dez mil contos, que saldamos, á custa da despopulação do paiz, pelos lucros da emigração, quer dizer pelas remessas monetarias do Brazil, «renda de um capital-gente que possuimos na America», na phrase d'um dos nossos mais eminentes economistas; com a capacidade tributaria limitada por uma agricultura em crise e por uma industria desprotegida e esmagada pela concorrencia estrangeira: com toda esta desordem nas finanças, com toda esta miseria e esta pobreza na economia, sem credito, sem recursos, sem fé nem confiança nos homens publicos, sem abnegação civica para entrarmos no caminho dos sacrificios salvadores — essa hypothese da bancarrota começa a tornar-se para a nação n'uma especie de certeza tão absoluta, tão categorica, tão irrecusavel, como, para os individuos, a certeza da morte.

A nossa imprevidencia, o nosso desleixo, vêem correr o tempo, aproximar-se a hora negra, n'uma apathia invencivel de fatalistas. Mas, quando o momento chegar, quando chegar o *dies irae* da fome e da miseria, quando o prestamista vir suspenso o seu juro e o empregado publico o seu ordenado — então, sob o latego do interesse ferido ou das necessidades insatisfeitas, essa apathia resolver-se-ha certamente n'uma convulsão violenta e desordenada. E se, n'esse dia, as tropas sahirem para a rua acclamando a Republica — a insurreição terá, talvez, um fim bem differente do que teve a de 31 de janeiro...

Symptomas claros o indicam. O recente movimento evidenciou bem a inconsistencia das instituições. O paiz não é, de facto, republicano: mas, tambem, a sua devoção monarchica afigura-se-me sobremodo problematica. O *opportunismo* já por ahi abalou e arrefeceu singularmente o velho fervor dynastico... E, com esta indifferença, coincide, por outro lado, o despertar d'uma vaga curiosidade do desconhecido e do imprevisto, d'um irreflectido e quasi infantil desejo do novo e do inex-

perimentado, e mesmo d'um tal ou qual prurido de agitação, que reaccionariamente se segue á frouxa molleza de longos annos de tranquillidade e socego. A opinião não se pronunciou abertamente pelos revolucionarios; mas não se indignou contra elles, nem lhes levou muito a mal a aventura. Senão haja vista este facto altamente significativo: é que não houve, nem no Porto, nem em Lisboa, nem no resto do paiz, uma unica manifestação de caracter publico, uma representação, um comicio, protestando contra o movimento e affirmando a adhesão das massas populares á Monarchia. Só as corporações têm ido á bicha, lentamente, arrastadamente (as mais d'ellas por condescender com reiteradas instancias e solicitações do alto pessoal politico dos respectivos partidos), fazer acto de fidelidade junto aos degraus do throno. E as que se puzeram na cabeça d'esse prestito official, como as camaras municipaes de Guimarães e do Porto, fizeram-no em termos taes de independencia e de desassombrada critica á situação do paiz, que as suas palavras lembraram aquelle historico *senão... não,* que trouxe ao cuidado dos negocios publicos um dos nossos velhos reis, em demasia frivolo e amante dos prazeres. O paiz não está desmonarchisado a ponto de se affirmar independentemente na urna contra as instituições vigentes, ou de as expellir de si mediante uma revolução popular. Não, decerto. Mas está-o já n'um grau sufficiente para aceitar um facto consummado, para applaudir um golpe de mão feliz e bem succedido. Acha-se na situação typica d'um certo personagem official, de quem me contaram que no dia da revolta, suppondo-a triumphante, dizia já philosophicamente resignado: « Emfim, o que eu desejava era que não corresse sangue: porque, quanto *ao resto,* se tem de ser ámanhã —seja hoje... »

Mas, ámanhã, mais do que hoje — estarão arredados todos os obstaculos, todas as difficuldades, para a consolidação d'um casual triumpho revolucionario, para a definitiva implantação d'uma Republica portugueza, absolutamente autonoma e independente, como tem sido a Monarchia? Não o creio. Embora liquidada a questão colonial, ou fallida pela bancarrota a Mo-

narchia, o perigo d'uma intervenção hespanhola, no caso d'um serio movimento republicano em Portugal, subsistirá no mesmo grau de probabilidade em que ao presente se encontra. E por traz d'essa intervenção (pense-se bem n'isto!), seja qual fôr o caracter que ella affecte, ha de fatalmente surgir a questão iberica — essa questão que é o ponto mysterioso, velado, sybillino, a grande e tenebrosa *incognita* d'este sombrio problema: o nosso futuro...

Sim, é a questão iberica que, através de tudo isto, mais uma vez se levanta no aspero caminho da nossa historia. Vivemos n'um equilibrio instavel, que a mais ligeira oscillação póde comprometter, inclinando-nos e precipitando-nos para o lado da Hespanha. E toda a nossa desordem interna — intellectual, moral, politica, economica, financeira — contém em si a ameaça d'essa fatal, d'essa decisiva oscillação. Sem duvida que a questão iberica é, para a Hespanha, um negocio tão grave como para nós. Não ha perspicacia de estadista capaz de prever todas as consequencias politicas, que para a Peninsula possam advir da entrada d'alguns milhares de soldados hespanhoes no territorio portuguez. Não será esta uma empreza em que qualquer homem publico do paiz visinho se embarque, sem n'ella meditar mais d'uma vez, entre a angustia e o receio de quem joga os proprios destinos n'um lanço incerto e arriscado. Mas as circumstancias do momento, e no fundo a acção instinctiva d'esse sentimento de integridade geographica, que é como que uma necessidade organica da Hespanha — podem, mais dia, menos dia, compellil-a a iniciar para comnosco uma politica bem differente d'aquella que ultimamente tem seguido. Da intervenção armada, no caso de novas agitações e novos *pronunciamentos*, ha já uma positiva ameaça. Simplesmente para restabelecer a ordem, apoiar a dynastia, manter o regimen monarchico representativo? Quem o sabe? Nem talvez os proprios que, n'esta hora, meditam e planeiam semelhante passo... Atraz dos projectos dos homens está a força das coisas, e além da acanhada zona, que a previsão historica consegue vagamente illuminar, erguem-se, impenetraveis, as trevas do Destino. A passagem da fronteira pelos re-

*

gimentos d'um novo Concha não poderá equiparar-se, hoje, em importancia e consequencias, á intervenção de 47. Da data d'esse facto, não será estranhavel que, na Peninsula, se comecem a contar os dias d'um novo cyclo politico. E, assim, póde bem ser que a revolução portugueza venha a tornar-se, para a Hespanha, na determinante inicial d'uma grande revolução iberica. Pelo menos é mais que provavel que ella inaugure na Peninsula uma éra de ebullição, de convulsões, de crises violentas, em que o velho problema iberico, em todas as suas fórmas, passe a ser debatido pelos canhões e pelas espadas.

É facto que as recentes eleições hespanholas, dando aos conservadores um consideravel triumpho, logo ao primeiro ensaio d'esse suffragio universal, promulgado pelos liberaes, que n'elle esperavam ter a sua grande arma politica, mostraram que lá, como cá, a grande massa do paiz está de ordinario com os governos, emquanto estes têm na mão, bem repleta e inexgotavel, a cornucopia orçamentaria, a transbordar continuamente de juros de divida, de ordenados, de gratificações, de subsidios, de obras publicas, de negocios, de favores e graças de toda a especie. É facto que os democratas hespanhoes se acham desunidos e fraccionados em grupos intransigentes, como, por seu mal, bem o provaram n'essa mesma campanha eleitoral. É facto que a Hespanha, ao contrario do que se dá comnosco, enriquece, prospera, robustece o seu credito, desenvolve as suas industrias, o seu commercio, a sua navegação, — seguindo assim um caminho politico diametralmente opposto ao das agitações revolucionarias. Mas, por sua vez, não é menos verdade que á Monarchia hespanhola falta uma sólida garantia dynastica, a qual de fórma alguma se póde julgar segura na pessoa d'esse pequenino Rei enfesado e doente, sobre cuja debil cabeça as mãos d'uma regente estrangeira amparam uma corôa, já mais d'uma vez rojada no pó das revoluções. A desunião dos democratas não é, tambem, um facto insanavel, uma circumstancia que ulteriores acontecimentos não possam vir a modificar. A riqueza e a prosperidade economica nem sempre são um detentor seguro das paixões partidarias, nem um infallivel

pára-raios para as tempestades politicas. E quanto á submissa docilidade da opinião publica, de que a recente victoria eleitoral de Canovas parece ser uma bem clara prova, não é isso, em Hespanha, elemento no qual seja prudente confiar em extremo. Sobre isto, pondere-se que quatro seculos de unidade politica não apagaram de todo, n'essa massa de antigos povos independentes, as *nuances* caracteristicas de cada um, expressas na variedade inconfundivel e resistente das suas tradições ethicas, politicas e litterarias, e na quasi hostilidade reciproca dos sentimentos de raça e de região. E pense-se igualmente, por outro lado, em que, na alma d'essa grande nação, a um tempo nossa irmã e nossa inimiga, se não obliterou tambem essa aspiração historica de absoluta unidade ethnica e geographica, nem essa alta ambição de grandeza politica em que se originou o gigantesco sonho da Monarchia Universal, intimo pensamento da sua historia na Renascença. Do concurso, pois, de todas estas circumstancias, do embate ou da fusão d'estas duas correntes psychologicas, no curso das quaes parecemos destinados a entrar em breve — que de estranhas e inesperadas mutações não virão a resultar para o actual modo de ser da Peninsula! Que de graves successos, de inesperados acontecimentos, de imprevistas surprezas historicas, nos não esperam para além d'esse nebuloso e annuviado horisonte, na direcção do qual vamos navegando a todo o panno, impellidos pela mysteriosa aragem da fatalidade!

E, comtudo, a esperança, a vaga e tenue esperança d'um renascimento moral da nossa raça, não póde já prender-se e apegar-se senão ás fortuitas eventualidades d'esse futuro, talvez não muito remoto! Não é, com effeito, impossivel que as desgraças, as miserias, as calamidades, as violencias, as humilhações d'um largo periodo de infortunio politico, fazendo-nos expiar as culpas e erros passados, acabem por nos retemperar a alma com a amarga lição da adversidade e do soffrimento. Não é impossivel que dos escombros da guerra, do sangue das batalhas, das lagrimas da servidão politica, de todas as attribulações e de todas as dôres d'uma nação vencida e esmagada,

renasça essa mysteriosa energia que galvanisa os povos cadaveres e os faz erguer n'um impeto de heroismo e de força. Não, não é impossivel, porque mais d'uma vez assim temos despertado do nosso abatimento secular!

Em meio de tão negras e crueis preoccupações, é esta a unica luz, a derradeira restea de claridade, que nos sorri entre as sombras d'um porvir, verdadeiramente tragico na sua mudez enygmatica de esphinge. Perdida a fé nas formulas e nos systemas, aferrado tenazmente á crença de que o unico segredo da grandeza collectiva das nações está na grandeza moral dos cidadãos, convicto de que as altas virtudes civicas precisam para se desenvolverem do rude estimulo dos perigos e dos sacrificios — só atravéz das convulsões d'uma violenta crise, ouso já agora sonhar para a minha desgraçada patria, ou uma miraculosa resurreição que a traga de novo á vida historica, pondo-a no caminho de imprevistos destinos, ou um grande e bello fim, uma morte heroica — digna, em tudo, do seu glorioso passado!

Luiz de Magalhães.

CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA

A Liga da Paz e a Liga da Guerra

A queda do gabinete Crispi e as declarações do novo ministro italiano ácerca da attitude do gabinete no que toca ás relações com as potencias estrangeiras, vem fixar mais uma vez as vistas do observador politico sobre o facto que domina a diplomacia europêa desde os ultimos doze annos e distribue as potencias continentaes em dois grandes grupos separados profundamente por ambições encontradas e arraigados resentimentos: a Triplice Alliança e a Intelligencia Franco-Russa. Attendendo ao caracter dominador d'este grande facto e ao papel tão importante representado pela Italia na sua conservação, não será nem superfluo nem inopportuno estudar o seu significado politico indagando as causas historicas da producção e os motivos permanentes da manutenção d'este systema de equilibrio, e tentando deduzir do conjunto dos dados actuaes a marcha provavel dos acontecimentos futuros.

A posição actual da politica europêa deriva de duas grandes guerras e dos tratados que registaram os seus resultados: a guerra franco-allemã com o tratado de Francfort, e a guerra turco-russa com o tratado de Berlim. As duas grandes guerras que as precederam, as campanhas da Bohemia em 1866 e da Lombardia em 1859, por consideravel que tenha sido a sua influencia na constituição da Allemanha e da Italia contempora-

neas, não podem ser contadas entre as causas remotas ou proximas do actual estado de coisas. Antes o seu significado diplomatico foi annullado pelos factos subsequentes. A intelligencia franco-italiana desappareceu e a Italia passou a alliar-se com a sua inimiga d'então, a Austria. O antagonismo secular das duas potencias que disputavam a hegemonia no seio da confederação germanica, depois de resolver-se pelas armas, foi substituido por um accordo de interesses e aspirações, em virtude do qual a Austria e a Allemanha se promettem reciproco apoio no caso d'uma aggressão possivel. Nem a paz de Villafranca nem o tratado de Praga podem pois ser mencionados entre as circumstancias determinantes do actual systema de equilibrio.

Não assim as duas grandes guerras que se travaram nos ultimos vinte annos. Pela primeira vez a França, reprimida nas suas ambições de expansão no Palatinado e na Belgica, e forçada á restituição das suas usurpações historicas nos Tres Bispados e nas cidades do Imperio, viu cessar a sua ingerencia nos negocios interiores da Allemanha e constituir-se na sua visinhança uma formidavel potencia militar, passar para essa potencia a preponderancia politica que acabava de perder, e após uma guerra desastrosa e uma paz severa assistiu a uma revisão da carta europêa, pela destruição da obra secular de Richelieu e de Mazarino. Esta guerra e esta paz são a primeira grande causa cujas consequencias não estão esgotadas. Ella deu origem ao profundo resentimento da alma franceza contra a Allemanha, resentimento em que collaboram a mágoa de vêr voltar ao seio da patria allemã provincias material e moralmente incorporadas na nacionalidade franceza, e a idéa insupportavel a um povo vaidoso e bellicoso de se ter annullado a sua supremacia politica e de se ter empanado a sua gloria militar. Este resentimento comquanto incapaz de levar a uma provocação e a um conflicto uma republica utilitaria governada por adventicios sem prestigio nem ambições, é bastante geral e arraigado para reduzir ao silencio as vozes inspiradas pela exacta apreciação dos factos consummados e das necessidades mais recentes, n'um paiz que de resto nunca primou pela energia do individualismo.

O resentimento da França contra a Allemanha não produz a guerra, mas impede a paz.

O outro facto capital é o tratado de Berlim e a guerra turco-russa que o precedeu. Induzida astutamente pelo chanceller allemão a dar largas á sua politica secular de expansão, a Russia empenhou-se n'uma grande guerra que lhe custou enormes sacrificios de homens e de capitaes, e teve de subscrever a um tratado em virtude do qual ficou francamente definido o seu antagonismo com a Austria no Oriente, e começou a declinar a tutela exclusiva exercida sobre as populações christãs dos Balkans. A cessão da Herzegovina e da Bosnia, o accrescimo da influencia germanica na Romania e da influencia austriaca na Servia, a resistencia tenaz e até hoje coroada de exito que sustenta o partido nacional bulgaro contra a ingerencia moscovita, são outros tantos factos a mostrar que o tratado de Berlim representa um cheque dado á politica russa, e que apesar dos esforços constantes e energicos a que esta se não tem poupado, a expansão do grande imperio pouco avançou na Europa desde a denunciação do tratado de Paris. A guerra de 1877 representa sim mais um grande passo na demolição da Turquia, mas é para recear que n'esses cacos da monarchia ottomana que alastram a estrada de Bysancio, a Russia ainda venha a cortar os seus pés de invasora.

Em ambos estes factos, tanto no tratado de Francfort como no tratado de Berlim, é visivel a mão forte e destra do homem de genio em quem o destino encarnou para fazer a mais recente revisão da Historia. É a mesma politica que repelliu os francezes para longe do Rheno, a que mantem os russos afastados dos Balkans. E é com sobrado fundamento que a consciencia nacional n'aquelles dois paizes toma a Allemanha para alvo do seu rancor.

Com effeito, é contra a influencia d'essa diplomacia successivamente creadora e conservadora que fez a unidade allemã, e feita ella não tem tido outro cuidado senão mantel-a e com ella o equilibrio europeu, que se dirigem os esforços das potencias interessadas n'uma revisão dos tratados existentes. A desforra

para uns, para outros a conquista, eis o programma da politica anti-germanica. A sua psychologia é simples e resume-se em duas palavras: o despeito do amor-proprio humilhado e da ambição frustrada.

Differente e mais complicada é a psychologia da Triplice Alliança.

Das tres potencias que a compõem, a Allemanha, a cujos esforços ella é devida, está essencialmente interessada na conservação da paz. Collaboram n'este sentido a satisfação de ter realisado a obra secular da sua unificação, o desejo de consolidal-a por uma longa acção administrativa e economica que demanda socego, o sentimento da gloria adquirida e da desforra alcançada pela derradeira grande lucta em que entrou, o caracter pacifico e o profundo bom-senso do povo allemão incapaz d'esses accessos de cesarismo militar que conduzem a França a illudir as suas questões internas pela guerra estrangeira, e finalmente a repugnancia de jogar n'uma cartada esse prodigioso resultado da astucia combinada com a violencia que se chama a Unidade germanica, verdadeira maravilha diplomatica do seculo e que arrancou o povo, em proveito de quem foi feita, á servidão moral e á oppressão physica. A recordação do passado e a satisfação do presente coincidem pois em confirmar a Allemanha nas suas resoluções pacificas.

A monarchia Austro-Hungara é mantida na paz pelas difficuldades enormes da sua vida interior inclinada á guerra pelas ambições de expansão para o sul. Um dualismo inscripto na constituição mascarando uma multiplicidade de elementos ethnicos, distinctos e de interesses politicos encontrados, um cahos de paixões furiosas e de reivindicações asperas, partidos que a divergencia dos innumeraveis pontos de vista fragmenta em fracções e que o ardor das recriminações praguentas accende em facções, uma resistencia ora affavel ora resoluta nos governos e uma crescente audacia de ataque nas opposições, o antagonismo tradicional de interesses de classes e o mais recente dissentimento de idéas de governo vindo complicar dentro de cada provincia as difficuldades de manter uma acção homogenea sobre um imperio em

que coexistem representantes de todas as grandes familias ethnicas e linguisticas da Europa, em summa uma Babel social construida sobre uma jangada politica, e ameaçando desmoronar-se a cada choque, eis o quadro da vida interna do velho imperio. E dando cohesão a este aggregado informe uma dynastia historica possuidora do amor e do respeito do paiz, uma grande cidade instrumento permanente d'acção central e de pensamento commum, e uma diplomacia duplamente interessada pelo instincto da conservação e pela tendencia de expansão em vigiar cuidadosamente os successos do sul, completam a descripção da vida interior pela indicação dos orgãos fixos em que reside e dos moveis superiores que inspiram a actividade da monarchia austro-hungara. Se esta ambição de expansão é um motivo permanente de conflicto, o sentimento da sua inferioridade militar em frente da Russia, da sua subalternisação diplomatica junto á Allemanha são bastantes para conter as velleidades bellicosas da gente austriaca. E se ajuntarmos que metade da população do imperio é composta de slavos e que os estadistas austriacos não ignoram as profundas sympathias que os prendem ao imperio moscovita veremos augmentar as probabilidades de que a paz europêa não seja rota por uma aggressão da parte dos austro-hungaros.

A monarchia italiana foi a ultima a entrar na Triplice Alliança, bem que a tardança não proviesse da falta de convite. Mesmo entrando para ella a Italia não fazia mais que continuar a politica de intelligencia com a Prussia que lhe rendeu o Veneto e Roma capital. Mas ao lado das razões que a conduziam a romper com a França, a saber: a rivalidade de potencias mediterraneas visinhas, as sympathias do partido catholico francez para com as reivindicações papaes, as repugnancias naturaes nas altas regiões italianas por um accordo com uma republica suspeita de proselytismo, militavam outras em sentido opposto, como a lembrança ainda recente dos serviços prestados pela França á dynastia e ao povo italiano, serviços reaes ainda que exagerados, o ruinoso estado das finanças e da economia nacional exigindo uma politica de abstenção e repouso, a sympa-

thia dos partidos avançados pela democracia franceza, sympathia poderosa n'um paiz que realisou a sua unidade pela connivencia da revolução com o throno, e finalmente a velha aversão da alma italiana para com a outra alliada da Allemanha, a Austria, que ainda hontem opprimia os italianos e que ainda hoje detém Trieste e o Trentino. Mas a occupação de Tunis pelos francezes fez pender a balança e lançou definitivamente a Italia na alliança germanica. Esta occupação que foi offerecida pelo principe de Bismark ao ministro italiano, e só depois de declinada por este foi permittida á diplomacia franceza, provocou cóleras universas na Peninsula e reduziu ao silencio as vozes favoraveis a uma politica de amizade com a França. E quando os publicistas francezes se indignam com a ingratidão italiana ou tornam o estadista Crispi responsavel por todas as manifestações de discordia entre as duas nações, esquecem-se de que essa tensão de relações data da expedição mandada pelo ministro Ferry, e que occupando uma região, que é como a continuação da terra italiana e que domina superiormente as aguas italianas, a França rasgou os titulos que possuia ao reconhecimento da sua alliada d'hontem e attentou gravemente contra os interesses e a dignidade da gente cisalpina. Bizerta é uma pistola apontada ao coração da Italia, e se a França accedendo ás suggestões de certos orgãos militares, procedesse á fortificação d'esse porto, teria dado sobejo motivo a uma declaração de guerra. Não é provavel porém que o faça. E a Italia luctando com formidaveis difficuldades economicas e tendo pela natureza da sua posição geographica muito a recear das consequencias d'uma lucta com a França, não provocará incidente algum d'onde possa resultar um conflicto. Tudo leva, porém, a crêr que, emquanto a vida politica da peninsula não soffrer uma completa transformação interna, a Italia persistirá na Triplice Alliança. E mesmo que essa transformação se désse, e que a republica fosse um facto na Italia como o é na França, nem assim esse antagonismo poderia supprimir-se, uma vez que com as monarchias não desapparecesse a idéa de patria com o orgulho collectivo e os interesses positivos que as constituem.

Assim dois grandes grupos, um dos quaes está ligado por tratados patentes, outro por communidade actual de sentimentos e aspirações, eis a distribuição das forças no systema de equilibrio em que a Europa entrou pela constituição das unidades allemã e italiana. Quaes são os recursos com que cada um d'esses grupos póde contar, no caso d'esse antagonismo ter de se resolver pelas armas? Questão complexa, que envolve, além do conhecimento technico dos elementos innumeraveis e tão distinctos de que se compõe a vida material d'um grande povo, o calculo d'essas forças immateriaes mas poderosas, impossiveis de pesar na balança ordinaria das coisas ou de traduzir na linguagem exacta da estatistica e que constituem a sua vida moral. É porém licito esboçar a largos traços o quadro d'essa dupla ordem de elementos nas cinco grandes potencias continentaes, sem concluir d'ahi nada sobre o resultado d'uma contenda sempre possivel, apesar da persistencia dos protestos pacificos.

Das tres potencias alliadas, a Allemanha é certamente a mais poderosa. Um imperio de cerca de cincoenta milhões de habitantes, um exercito que o conjunto das instituições militares e das condições sociaes tornam o primeiro da Europa, finanças boas que, attendendo aos recursos do imperio, attestam o bom juizo dos que o administram, uma marinha já consideravel e sempre progressiva, uma rêde de caminhos de ferro muito desenvolvida constituindo um instrumento estrategico de primeira ordem, uma administração que a continuidade da tradição, a divisão do trabalho, e a preponderancia das vistas de conjunto tornam uma incomparavel machina para recolher dados ou transmittir forças, a competencia nos que mandam, a confiança nos que obedecem, e o habito da cohesão integral perante a aggressão estranha, eis o quadro dos recursos materiaes e moraes da Allemanha. A nação, que a posse d'elles torna a primeira da Europa, deve essa preponderancia a duas qualidades: a capacidade de comprehender e a vontade de obedecer. Duplo caracter que assegura aos que o possuem a victoria final na batalha obscura da vida.

Na margem opposta do Rheno a França apresenta-nos o contraste d'uma nação poderosa pela riqueza do sólo e pela actividade e talento dos habitantes, mas que a incapacidade politica do seu espirito collectivo condemna successivamente á paralysia e aos accessos epilepticos. Um povo bellicoso e fertil em bons chefes militares e do qual as instituições creadas após a ultima guerra extraem um dos exercitos mais numerosos e aguerridos da Europa, uma frota formidavel que é apenas excedida pela britannica, uma administração vigorosamente centralisada e superiormente instrumentada, fronteiras defendidas pela natureza ou pela arte, enormes recursos economicos proprios d'um grande paiz a um tempo rural, fabril e commercial, costumes sociaes que exercendo uma verdadeira coacção sobre o individuo fazem da bravura uma virtude essencial e do patriotismo uma quasi religião, tal é o quadro das forças da França. Mas grandes como ellas são, é de recear que dada a falta de confiança do povo francez nos adventicios sem prestigio que se têm succedido no poder após a installação da terceira Republica, um revés qualquer nos começos d'uma guerra lance o corpo social n'uma d'essas crises que conduzem ás luctas civis, aos golpes de mão contra a auctoridade constituida e á preponderancia dos energumenos. Um organismo vigoroso, em todos os tempos sujeito a crises convulsivas, mas nos tempos recentes privado d'esses orgãos historicos em que reside a consciencia nacional, eis a imagem d'essa França, decapitada pelo abuso das aventuras revolucionarias e reduzida no interior a uma politica de expedientes e no exterior a uma diplomacia de espectativa.

A enormidade do imperio russo, a grandeza numerica da sua população, o estado mental primitivo da maioria dos seus habitantes, a ausencia d'esses obstaculos de ordem religiosa, politica ou economica como os que limitam a acção dos governos na Europa central e occidental, constituem para a grande nação slava outras tantas causas de força presente e futura superioridade. Mas se quizermos fazer o calculo exacto dos recursos actuaes da Russia devemos accrescentar que essa enorme

população está espalhada n'uma enormissima extensão, que essa região, a mais povoada da Europa em absoluto, é a menos povoada em relativo, que consequentemente os seus instrumentos de viação são insufficientes para os serviços de mobilisação do seu immenso mas disseminado exercito, que esse regimen despotico, que assegura ao seu governo o segredo nas decisões e a efficacia na acção, introduz o arbitrario e a corrupção no organismo administrativo subtrahido pela natureza das circumstancias á fiscalisação exercida pela imprensa e pela opinião independente. E qualquer que seja o futuro que a grandeza do territorio e o augmento formidavel da população reservem á Russia no systema europeu, é licito duvidar que os seus recursos actuaes a possam pôr a coberto d'uma invasão e d'uma occupação militar nas provincias occidentaes do imperio, caso ella se lance n'uma guerra com a Triplice Alliança. Esse corpo formidavel, mas de movimentos lentos, está em manifesta inferioridade para a offensiva e mesmo para a defensiva comparada com a robusta agilidade de movimentos d'um paiz densamente povoado e sarjado de vias ferreas como a Allemanha.

Nem a Austria, nem a Italia são equiparaveis pela grandeza dos recursos ás tres potencias a que nos vimos referindo. Mas se as graves difficuldades internas de ordem politica constituem uma causa de inferioridade para o imperio austro-hungaro, como as pessimas condições financeiras e economicas de paiz esgotado e as pessimas condições estrategicas de peninsula estreita e alongada o são para o reino italiano, é tambem forçoso convir que o contingente terrestre e naval d'estas duas potencias representam uma cifra formidavel quando accrescentada ás do imperio germanico. Total cuja importancia augmenta, se reflectirmos que os paizes da Triplice Alliança constituem uma extensão continuada através da qual os exercitos alliados se podem apoiar e soccorrer, ao contrario da França e da Russia irremediavelmente cortados em dois troços por toda a largura inimiga da Europa central.

A Historia tem ás vezes um modo singular de resolver os

problemas: supprime-os. E é este um dos processos da sua ironia. O futuro do systema de equilibrio por opposição de dois grupos de potencias em que a Europa entrou pela concordancia das aspirações de desforra da França com as ambições de expansão da Russia d'um lado, e pela convergencia de interesses e temores dos tres alliados d'outro, constitue um d'esses problemas capitaes. Não seria difficil, mesmo sem sahir do campo estrictamente diplomatico, apontar, em frente das razões que mantem esta alliança e aquella intelligencia, as forças que operam em sentido contrario, minando a conservação d'uma ou retardando a consolidação da outra. E estas seriam para a Triplice Alliança o antagonismo de interesses e sentimentos entre a Austria detentora de Trieste e de Trentino e recente opressora da gente cisalpina, e a Italia sua visinha e como ella interessada no Oriente. Para a intelligencia franco-russa seria a percepção muito clara para a diplomacia franceza da importancia formidavel que tomaria a Russia após uma guerra victoriosa contra as potencias centraes e do papel subalterno a que reduziria a França, sua alliada de occasião. Mas se sahirmos da ordem puramente diplomatica para a observação dos phenomenos sociaes veremos manifestar-se em toda a metade occidental da Europa uma corrente de opinião, cujo poder cresce todos os dias, e que tendo a sua séde n'essas massas quasi barbaras a que se tem dado o nome de Quarto estado, aspira a transformar os velhos moldes da actividade social e se distingue pelo ardor do proselytismo e um sentimento de solidariedade entre os trabalhadores que salta por cima das fronteiras. Não é pois de surprehender que, dadas certas condições, o systema de opposição puramente diplomatica e resultante de circumstancias historicas extrinsecas em que se dividem as grandes potencias continentaes, seja substituido por um regimen de antagonismo entre as duas metades oriental e occidental da Europa, expressor das profundas differenças entre os seus estados mentaes e os seus momentos sociaes.

G. de Corte-Real.

OS DECRETOS

DE

MOUSINHO DA SILVEIRA

« Em tudo é bom começar, e se cabe ao tempo e á experiencia o aperfeiçoamento, cabe ao enthusiasmo do amor do bem o principio ».

MOUSINHO DA SILVEIRA, Relatorio aos Decretos n.^{os} 22, 23 e 24 de 16 de maio de 1833.

I

A grande revolução de 1789, com que a França iniciou o periodo das liberdades modernas, representa na historia da humanidade o começo da idade viril, o advento da emancipação popular. Como o choque produzido pela queda d'um corpo na agua se propaga ao redor em circulos concentricos, assim aquella revolução se repercutiu, em 1813, na Hespanha com a famosa revolução de Cadix, e em 1820, em Portugal com a memoravel revolução do Porto. O atrazo intellectual em que se encontrava a peninsula hispanica, devido a tres seculos d'um estiolador dominio catholico, obstou á prompta transmissão das ondas revolucionarias, as quaes só passados vinte e quatro annos actuaram sobre a nação hespanhola, e ainda só sete annos mais tarde vieram influenciar a sociedade portugueza.

Todavia o movimento revolucionario, do mesmo modo que

a ondulação enfraquece á medida que se afasta do centro, perdeu muito da sua intensidade primordial ao manifestar-se, primeiro nas constituintes hespanholas e depois nas constituintes portuguezas.

A revolução franceza do fim do seculo passado transformou de alto a baixo as instituições da velha sociedade, derribando-as pela raiz, aluindo os seus fundamentos, extirpando os vexatorios direitos feudaes em que se firmavam. De facto o antigo regimen, no estado de decomposição a que tinha chegado, provocára essa grande crise, que não foi mais do que um ultimo golpe na ordem de coisas desmoronadas e ao mesmo tempo o começo d'uma reorganisação geral.

Na peninsula as revoluções de 1813 e 1820 não tiveram um caracter tão accentuadamente radical; no emtanto o grau de decomposição intima, attingido pelo antigo regimen, não era menos adiantado do que o da França em 1789; era sómente menos violento.

Em Portugal, particularmente, a revolução de 1820, gloriosa como o primeiro dos nossos movimentos liberaes, teve ephemeras consequencias. As côrtes constituintes, que se reuniram, occuparam-se unicamente de discussões de theorias mais ou menos brilhantes, de doutrinas mais ou menos democraticas, das quaes resultou a notavel constituição de 1822; mas, apesar dos principaes deputados não desconhecerem o estado desolador do paiz, a camara não votou as indispensaveis leis organicas para a transformação economica e social da nação portugueza.

Com a feitura d'uma constituição amplamente democratica julgavam ter cumprido em consciencia a sua missão. Ás côrtes ordinarias deixavam o encargo de reformar tudo o mais. Não comprehenderam que o codigo politico é, para assim dizer, a corôa do edificio. Ficou, portanto, de pé toda a legislação oppressiva e odiosa do antigo regimen.

Obrigaram o rei a regressar do Brazil para a metropole e impozeram-lhe o juramento da constituição, ao que elle bonacheironamente accedeu; mas em breve com a mesma facilidade,

impellido pelos manejos da sua devassa consorte, quebrou o juramento e implantou de novo o governo absoluto.

Como as liberdades da constituição de 1822 não tinham a garantil-as uma transformação social, foi quasi nulla a sua influencia sobre a nação. O povo, onerado pelos privilegios e gravames seculares, não conhecendo praticamente o beneficio que lhe adviria do novo regimen politico, conservou-se indifferente ao duello ferido entre absolutistas e liberaes.

Só dez annos depois se modificou a situação geral; só passado este praso de tempo é que o povo se começou a interessar verdadeiramente pelo regimen liberal, que antes via com indifferença, senão com hostilidade declarada, em razão de considerar os liberaes como *pedreiros-livres*, como inimigos da religião catholica.

A carta outorgada por D. Pedro IV era inferior, no ponto de vista democratico, á constituição de 1822; comtudo a opinião publica recebeu-a melhor, não por causa do seu valor intrinseco, do que não curava, mas porque a sua promulgação foi seguida, no periodo dictatorial da Terceira e da cidade do Porto, d'uma série de medidas rasgadamente radicaes, que allivia-ram o povo dos onus de origem medieval, que sobre elle pesavam.

Foi essa a obra importante de Mousinho da Silveira. Os decretos d'este ministro de D. Pedro, sem duvida o maior estadista do constitucionalismo em Portugal, contribuiram talvez mais do que o heroismo e a dedicação do exercito para a victoria decisiva da carta. Foram as sensatas medidas de enorme alcance revolucionario, decretadas por Mousinho, que dispozeram os animos da maioria da população a favor da causa de D. Maria II, sustentada e defendida por seu pae, D. Pedro IV, na qualidade de regente.

As leis demolidoras do antigo regimen, publicadas na *Chronica da Terceira* e depois na *Chronica constitucional do Porto*, precedidas de relatorios lucidamente escriptos, em que se analysavam as causas da miseria publica, circulavam no paiz inteiro, espalhadas pelos liberaes, apesar da rigorosa vigi-

*

lancia das auctoridades miguelistas, e eram lidas e commentadas com calor, dando occasião a confrontos desfavoraveis para o absolutismo. Debalde tentavam os partidarios de D. Miguel destruir a efficacia moral d'esses decretos fecundos e immorredouros, — decretos, que, na opinião de Almeida Garrett, encerravam «tão fortes germens de democracia, que nenhum plebiscito votado nos mais turbulentos comicios populares os conteve ainda tão poderosos» [1].

Razão tinha o grande escriptor para qualificar de tremendas as radicaes reformas de Mousinho. Tremendas, repetia elle, e explicava:

«Tremendas para todo o paiz a que se appliquem, por maiores que sejam os bens que d'ellas venham ou possam vir. Porque a terra, a industria, a familia, a governação, a administração, toda emfim a constituição material e social do reino foi revolvida de alto a baixo por essas leis formidaveis...» [2]

Outro escriptor de igual plana, Alexandre Herculano, aprecia assim os famosos decretos de Mousinho:

«Não tinham tanto o caracter d'uma nova edificação, quanto o d'uma demolição medonha. Mas a demolição, visto o estado do paiz, era muito mais importante do que a organisação. Seria preciso conhecer a fundo as velhas ruinas em que a nação se abrigava, para se saber apreciar o que havia de força e de audacia, e sobretudo de bom senso, n'essa obra gigantesca de desaterro. Era preciso arrancar as guelas do povo das garras do absolutismo que o estrangulavam. Para o conseguir, o mais seguro e o mais certo era cortal-as, e cada um dos decretos do duque de Bragança era uma terrivel machadada. Desde que fosse possivel tornarem-se leis do paiz, as velhas instituições cahiriam logo para nunca mais se levantarem» [3].

Foi realmente o que aconteceu.

Os decretos de Mousinho da Silveira arrancaram as raizes carcomidas do absolutismo, e prepararam o terreno para a implantação do regimen liberal na nossa nacionalidade. Os partidarios de D. Miguel viram completamente perdida a sua causa.

A importancia d'estes decretos, como origem primaria da

1 *Discursos parlamentares e memorias biographicas*, pag. 366.
2 *Ibidem*, pag. 365.
3 *Opusculos*, tomo II, pag. 196.

victoria do constitucionalismo em Portugal, leva-nos a estudal-os com certa attenção. Sempre interessantes, por definirem uma das phases mais salientes da historia patria, apresentam no momento que atravessamos, uma seducção particular, porque o regimen transitorio a que deram inicio, attingiu já o grau mais agudo da crise.

Vamos, portanto, analysal-os successivamente. Mas antes devemos mostrar o vulto extraordinario que os concebeu e que soube aproveitar a occasião opportuna, e *certamente unica*, como observa Garrett, em que dominava o espirito de D. Pedro, para converter em leis os seus arrojados planos de reformas.

Louco lhe chamavam os liberaes expatriados, que com elle no meio do oceano, n'uma pequena ilha, tudo esperavam do valor e da força do braço, ao vêl-o no silencio do gabinete legislar para uma nação inteira. Louco, sim, porque via mais do que elles, porque com a penna preparava o triumpho ao constitucionalismo.

II

Mousinho da Silveira, o louco sublime que fundou o regimen constitucional entre nós, era á primeira vista um homem vulgar. Dizem-no os seus eminentes biographos. O seu olhar não denunciava o genio ardente e audacioso do demolidor; a sua physionomia inexpressiva não revelava a energia de caracter, o são criterio, a mascula vontade do reformador. E no emtanto era um homem recto, ousado, dotado de uma boa alma e de uma lucida intelligencia.

Democrata sincero e leal, apesar de descender de uma familia de antiga linhagem, amava do coração o povo, a quem dedicou o melhor do seu talento, e presava acima de tudo a verdade. Portuguez de rija tempera, deve ser apontado aos novos como um modelo de força moral.

José Xavier Mousinho da Silveira, primogenito do doutor Francisco Xavier Gramido e de D. Domingas da Conceição

Mousinho da Silveira, era natural de Castello de Vide, onde nasceu em 12 de julho de 1780. Da sua educação, diz elle proprio no testamento — valioso documento moral — estas expressivas palavras:

«Dou graças a Deus por ter nascido de paes que trataram de me radicar no amor da verdade e da justiça, e no desprezo da vaidade do trajo e de qualquer outro fausto ou affectação, e devo a isto o não ter nunca alguma ordem ou titulo».

Mousinho da Silveira dedicou-se ás letras e seguiu a carreira da magistratura. Foi nomeado juiz de fóra de Marvão em 1808, e transferido para Setubal em 1813, onde ficaram por muitos annos na memoria do povo «os seus ditos agudos e originaes», diz Garrett, «e o seu caracter lhano e franco», accrescenta outro dos seus biographos [1].

Em 1817 foi occupar o logar de provedor em Portalegre, onde se achava quando o Porto proclamou a revolução de 1820. Como espirito superiormente illustrado que era, não pôde deixar de adherir com sympathia a esse movimento liberal, embora se não envolvesse directamente n'elle. A sua intelligencia e a sua probidade, demonstradas no exercicio das funcções publicas, haviam-lhe grangeado tal reputação, que os revolucionarios, entre os quaes contava amigos dedicados e intimos, logo o chamaram á capital para lhe confiarem o importante logar de administrador geral da alfandega de Lisboa. Para este cargo difficil requisitava-se um homem de lei experimentado, probo e austero, e nenhum melhor do que Mousinho o podia desempenhar cabalmente. Com effeito, não só o rendimento da alfandega subiu com a sua administração, como os particulares encontraram n'elle um juiz recto e desinteressado nas pendencias com o fisco, e o commercio e a navegação nacional um protector desvelado.

«Absorvido por estas graves occupações, escreve Garrett, não tomou parte nas contendas politicas em que tudo então fervia; antes, seu espirito recto e emi-

[1] *Jornal do Commercio*, n.º 6:484, de 19 de junho de 1875, dedicado a José Xavier Mousinho da Silveira.

neutemente pratico, naturalmente fugia d'aquellas supremas questões de theoria, d'aquellas luctas dogmaticas em que a revolução se gastava, tripudiando, para assim dizer, em torno da arvore dos preconceitos e dos abusos, que medrava e robustecia mais com esses tripudios, emquanto — segundo elle — era mister tomar, de ambas as mãos, o machado da reforma, decepar e extirpar» [1].

Os legisladores revolucionarios, inteiramente destituidos de senso pratico, votavam uma constituição quasi republicana, mas ao mesmo tempo, deixando de pé a velha organisação monarchica feudal, não chamavam a si o corpo da nação que, não vendo facilmente as vantagens positivas do novo regimen, se conservou impassivel e indifferente. Facil foi, portanto, ao conde de Amarante fazer triumphar a contra-revolução de 1823. Tinha o apoio da Santa Alliança e em especial da Hespanha, que era mesmo a fomentadora da reacção em Portugal, pelo seu agente directo, a rainha D. Carlota Joaquina. Em 26 de maio revoltou-se o infante D. Miguel contra seu pae e contra a constituição. Ao mesmo tempo as côrtes reclamavam do rei a demissão do ministerio.

Em 28 de maio nomeou D. João VI um novo gabinete, confiando a Mousinho a pasta da fazenda. Recusou este a nomeação, mas não lhe aceitou o rei a escusa e teve de se resignar a exercer o novo cargo. Todavia a reacção ganhava terreno e o proprio D. João VI via-se na dura necessidade de a sanccionar para não ser desthronado.

Os ministros nomeados em 28 de maio, entre os quaes figurava José Antonio Guerreiro, que foi depois ministro da regencia na ilha Terceira, conhecendo a inutilidade de todos os esforços para resistir á contra-revolução, demittiram-se immediatamente. Só ficou Mousinho da Silveira.

Porque? Como se explica esta resolução do estadista que tres dias antes se recusára a aceitar a pasta dos negocios da fazenda? Porque ficava agora, quando todos os outros ministros abandonavam os seus postos e as suas pastas?

Da sua representação ao rei, datada de 31 de maio, e que

[1] Ob. cit., pag. 353.

é um notavel documento historico, deduz-se que não se demittiu com receio de «accelerar os horrores da anarchia»; ficou no seu posto para «vigiar sobre a segurança e tranquillidade dos habitantes», para guardar o thesouro publico, e talvez ainda para encaminhar as coisas, se possivel fosse, para a salvação da liberdade.

Á representação de Mousinho respondeu D. João VI enviando-lhe uma proclamação para fazer publicar e chamando-o ao paço de Villa Franca para ir pessoalmente receber as ordens que tinha de pôr em execução.

Mousinho partiu logo e apresentou-se ao rei que, como sempre, o recebeu cordealmente. As primeiras palavras que o estadista dirigiu ao monarcha foram:

«— Senhor, V. M. não tem que escolher senão entre dois caminhos, ambos extremos e ambos perigosos. Ou Tito ou Nero».

«— Já escolhi, quero ser Tito»,

respondeu o rei, e talvez fosse sincero esse desejo; mas o seu espirito fraco, sempre vacillante no meio dos embates politicos e das intrigas domesticas, não o deixava ser coisa alguma.

Um ministro que fallava com desassombro ao monarcha e que timbrava de dizer sempre a verdade, não convinha ao partido absolutista e portanto não podia conservar-se por muito tempo no poder. As intrigas dos facciosos depressa o alijaram.

O ministro da justiça Marinho foi denuncial-o ao rei como pedreiro-livre. Confessou Mousinho da Silveira ter pertencido á maçonaria; mas assegurou ao rei a innocencia d'essa associação e observou ser isso um pretexto com que se pretendia afastar d'elle os seus mais dedicados amigos.

Mousinho pediu afinal a demissão, que lhe foi dada a 19 de junho de 1823, com todas as formulas de consideração e benevolencia, restituindo-o ao cargo de administrador geral da alfandega, nomeando-o conselheiro e conservando-lhe as honras de ministro e secretario de estado, o que ainda n'esse tempo era uma distincção excepcional.

Agradecendo a D. João VI esta honrosa demissão, Mousinho da Silveira disse-lhe:

«—Senhor, Deus sabe tudo, os homens nada sabem: e queira o mesmo Deus que V. M. tenha sempre, nos seus tempos felizes, homens que lhe digam a verdade com a mesma coragem com que eu a disse nos seus tempos desgraçados em defeza de V. M. e dos direitos dos homens».

E depois ainda ajuntou:

«—Estou sempre prompto para servir a V. M. em qualquer logar ou emprego, seja em Cabo Verde ou na Europa, seja no mais elevado, ou em alcaide; mas como V. M. me admittiu no seu conselho, e n'elle me conserva, devo dizer a V. M. que nunca forme juizo de alguem pelo que lhe disserem, mas sim pelos factos que observar; que deixe a cada um as relações entre Deus e elle, porque só Deus póde ajuizar d'ellas; que premeie as virtudes e que puna os delictos segundo as provas. Quanto a mim, servi com zelo nos tempos constitucionaes, servirei com zêlo n'estes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa, como do bem publico, governe quem governar».

Estas palavras memoraveis encerram uma defeza eloquente da liberdade de consciencia e uma proveitosa lição de moral applicada á causa publica.

Mousinho, deixando o poder, voltou ao exercicio da administração geral da alfandega, onde continuou a servir com zelo e proveito para a fazenda.

No dia 30 de abril de 1824, de execravel memoria, o infante D. Miguel á frente de facinorosos e de soldados embriagados, aprisionou seu proprio pae e soberano, e tel-o-hia assassinado com a acquiescencia da facção apostolica a que presidia D. Carlota Joaquina, se não temesse a attitude firme e resoluta do corpo diplomatico. O rei pôde fugir clandestinamente e pôr-se a salvo a bordo de uma das naus inglezas surtas no Tejo e assim fez gorar a conspiração.

Mousinho, que conquistára os odios dos facinorosos da Abrilada por ser liberal e amigo do rei, não podia deixar de ser incommodado. N'esse dia tremendo um agente da facção apostolica procurou o ex-ministro para o prender. Elle, que estava tranquillo em sua casa aguardando os acontecimentos, resistiu, recusou-se dar á prisão, protestando não poder ser preso,

como ministro honorario que era, senão por ordem escripta do secretario de estado. O magistrado judicial teve de ceder diante da energia de Mousinho; voltou, porém, em breve com a ordem do ministro do reino, que era um dos conspiradores.

Foi preso Mousinho da Silveira com muitos outros cidadãos dos mais considerados de toda a cidade, e restituido á liberdade logo que o rei reassumiu o seu predominio.

Apresentou-se immediatamente ao monarcha que o recebeu com as mais vivas provas de agrado e de consideração.

No resto do reinado de D. João VI e no periodo da regencia da infanta D. Isabel Maria, até ao regresso de D. Miguel em 1828, pôde Mousinho viver tranquillamente na melhor harmonia e amizade com as pessoas influentes dos dois partidos que disputavam o poder, e muito estimado e considerado pelo corpo diplomatico, em especial pelos embaixadores de França e da Inglaterra. Almeida Garrett dá mesmo esta nota caracteristica:

«Sua velha e constante amizade com a então omnipotente familia dos Guiões nunca foi alterada. Tão pouco se mudou depois quando a fortuna a desamparou, e a maior parte dos outros amigos se lhe foi com ella» [1].

Em 1828, um dos annos mais tempestuosos da nossa historia, Mousinho da Silveira, como a maioria dos homens notaveis de Portugal, n'essa época, teve de emigrar, e foi para Paris com sua familia. Ahi viveu rodeado da sympathia de amigos dedicados, entre os quaes se distinguiram pelas obrigações e favores que lhe prestaram e que elle com a usual franqueza sempre recordava e engrandecia, Antonio Sampaio e Osborne Henriques de Sampaio; no testamento lembra com gratidão, que a estes deve o não ter pedido esmola, quando foi emigrado.

«Assim viveu, diz o seu biographo e companheiro de emigração, Almeida Garrett, feliz quanto um desterrado póde sel-o, na grata conversação de bons amigos, e estudando praticamente as instituições e os homens, lendo bastante, meditando mais, e fazendo, á guisa de todos os emigrados, projecto sobre projecto, plano sobre plano. Dos seus, porém, deve dizer a justiça que nenhum era de en-

[1] Ob. cit., pag. 363.

grandecimento pessoal, que todos tinham por objecto a patria que deveras amou, e a liberdade da sua terra que sinceramente tinha no coração» [1].

D. Pedro, expulso do Brazil, resolveu como regente de sua filha, D. Maria II, tomar a direcção da causa liberal. Mousinho foi chamado pelo duque de Bragança aos seus conselhos, apenas este chegou á Europa, e mais tarde commissionado a Inglaterra com plenos poderes para contrahir emprestimos, fazer promessas, realisar contratos e emfim procurar meios de levar a effeito a expedição contra o governo absoluto que dominava em Portugal.

Em 3 de março de 1832, a bordo da fragata «Rainha de Portugal», surta no porto de Angra, o ex-imperador D. Pedro assume a regencia e nomeia Mousinho da Silveira ministro dos negocios da fazenda e interino dos negocios ecclesiasticos e da justiça. O resto do ministerio compunha-se do marquez de Palmella, que ficou com a pasta dos negocios estrangeiros e interinamente com a do reino, e de Agostinho José Freire, a quem coube a da guerra e tambem interinamente a da marinha.

Chegamos ao periodo mais glorioso da carreira d'este homem proeminente. Nomeado ministro por D. Pedro, de cujo animo inteiramente se apoderou, vai immediatamente aproveitar a sua influencia para pôr em pratica a radical reforma das instituições monarchico-feudaes, que bem sabia ser trabalho indispensavel para a sólida implantação do constitucionalismo.

Os homens de armas ridicularisariam essa obra gigantesca, realisada no silencio do gabinete, como uma futilidade inutil. Mas os seus effeitos, mais decisivos do que as victorias, só muito mais tarde se tornariam apreciaveis.

Garrett collaborou nos trabalhos de Mousinho; não é esta uma das menores glorias do grande poeta do romantismo; elle proprio recorda esse facto com certo desvanecimento.

III

O primeiro decreto, que encontramos na *Chronica da Terceira*, com a assignatura de Mousinho da Silveira, tem a data de

[1] Ob. cit., pag. 364.

7 de março de 1832. É o decreto n.º 4. N'elle se ordena o levantamento dos sequestros effectuados nos bens dos portuguezes, incluindo os rebeldes, residentes no continente ou em paizes occupados pela usurpação. Medida rasgadamente liberal e consequencia legitima do manifesto de D. Pedro, de 2 de fevereiro d'esse anno, em que promettia a maxima indulgencia aos seus inimigos, tinha por alvo, segundo as palavras do relatorio que acompanhava o decreto, «mostrar praticamente ao mundo, que não ha direito de fazer, nem mesmo aos malvados, o mal, que elles fazem, quando por um momento exercitam a sua vontade, e que os maiores criminosos têm sempre o direito de citar, e fazer observar a favor d'elles os preceitos da jurisprudencia universal».

O segundo decreto, que tem o n.º 5, traz a data de 16 de março de 1832 e extingue todos os dizimos nas ilhas dos Açores, excepto os dos cereaes, laranja e qualquer outra fructa de espinho, vinho, feijão e fava. Esta lei estender-se-hia a todo o reino, apenas fosse possivel, com as modificações exigidas pelas localidades, «e desde logo e para sempre» não seria mais pago «dizimo dos generos, chamados do mealheiro, nem das aves, nem dos outros animaes, nem dos seus despojos, nem de quaesquer avenças», etc. As corporações e as pessoas, a quem esta lei prejudicasse, offendendo os direitos adquiridos, seriam indemnisadas pelo estado. Era uma providencia acertadissima e de grande alcance, porque os dizimos constituiam um dos maiores gravames da nossa sociedade. No relatorio que precede o decreto, dizia o nobre ministro do duque de Bragança, que de facto o dizimo não consistia em 10 por cento, mas em 30, 40, 50 e mais por cento, conforme a maior ou menor fertilidade da terra, e a facilidade ou a difficuldade da cultura. O dizimo pesava não só sobre os generos agricolas mais generalisados, como os cereaes, o vinho, a fava, o feijão, a laranja e outra fructa de espinho, mas ainda mais sobre as hortaliças e as fructas, cuja cultura era de menor importancia e tinha menos extensão, e sobre os gados e outros animaes «alternativamente causas e effeitos da agricultura e da abundancia». N'este documen-

to descrevia-se assim a situação economica e financeira do paiz:

«O reino de Portugal geme curvado debaixo de um peso enorme de contribuições, e ao mesmo tempo não ha na Europa algum thesouro que receba proporcionalmente renda menor. Remediar este inconveniente, e fazer de modo que o povo pague menos, e o thesouro receba mais, é o problema das finanças».

E era esse o fito do grande estadista, o qual via admiravelmente os perniciosos effeitos de um tal systema tributario.

«A recepção de todos os dizimos e a maneira da execução é sobremaneira incommoda e gravosa aos povos, e sobretudo á classe pobre; restringe consideravelmente os esforços a que a industria é obrigada a recorrer para existir; por isso em Portugal e seus dominios é ao mesmo tempo rara e sobrepujante a povoação, rara porque limitada aos meios de subsistencia, que as leis lhe escasseiam; e sobrepujante porque é obrigada a emigrar, para ir buscar em terra estrangeira emprego para os braços, que na patria são insufficientes para manter a existencia».

Por decreto de 16 de março, do ministerio da justiça, mandou pôr em liberdade os presos civis por crimes politicos commettidos antes do estabelecimento do regimen constitucional nos Açores e todos aquelles que não tivessem ainda culpa formada; no relatorio correspondente diz:

«V. M., sabendo cumprir o que promette, faz que uma nação longo tempo vexada, veja renovar o tempo de Augusto, que, lançando no fogo as listas dos nomes dos seus inimigos, acaba as guerras civis, e veja renovar as acções de Marco Aurelio, que despreza e confunde os seus inimigos».

Inspirado n'esta ordem de idéas magnanimas, assigna, em 20, outro decreto, em que, dando por terminadas as circumstancias que obrigaram a regencia a tomar medidas de segurança e precaução, como a ordem dada a alguns individuos, que sahissem da ilha Terceira por differentes motivos, permitte o seu regresso ou a sua ida para qualquer parte do dominio constitucional.

Em 3 de abril nomeia, pela secretaria dos negocios ecclesiasticos, uma commissão de cinco membros do clero para formularem uma lista para suppressão das collegiadas e dos conventos de religiosos e religiosas, então existentes, «tomando em consideração o estado das ilhas dos Açores e a necessidade geral do reino, que não póde manter, depois da separação do Brazil, tão

grande numero de pessoas, que directa ou indirectamente vivam de trabalhos alheios». Representa este decreto os preliminares da famosa abolição das ordens religiosas decretada em 17 de maio para as ilhas dos Açores e mais tarde por Joaquim Antonio de Aguiar para todo o paiz.

O decreto n.º 7, de 4 de abril, marca o principio de outra grande reforma; foi a primeira machadada nos vinculos, cuja destruição definitiva só meio seculo mais tarde se legislou. Por este decreto aboliu todos os morgados e capellas, cujo rendimento liquido e livre de toda a pensão ou encargo e das contribuições directas, não chegasse a 200$000 reis; tornou facultativa a abolição dos vinculos de maior rendimento quando o administrador effectivo não tivesse successores; e emfim determinou a prescripção dos bens vinculados em certos casos. No preambulo do decreto lêem-se estas palavras realmente notaveis:

«As instituições dos morgados não são injustas em si, porque ellas nunca podiam fraudar os herdeiros necessarios, e quem dá a pessoas a quem póde não dar, tambem lhes póde pôr condições, nem outra coisa é um vinculo senão a condição de não alienar, e de passar para certa pessoa os bens havidos com esta designação; comtudo ellas se têm feito odiosas aos povos, apresentando o quadro hediondo de um irmão rico, e de muitos pobres; causando a immoralidade e os costumes dissolutos, e destruindo a circulação e os meios de industria e de trabalho».

Assim as instituições dos morgados são condemnadas pelo interesse social; não só davam origem a dissenções, a guerras, a odios e a invejas no seio das familias, como provocavam a dissolução dos costumes, a immoralidade, por se preferir tudo a um mau casamento, isto é, a uma alliança desigual, desenvolviam o desprezo pela agricultura, excitavam ao esbanjamento, á prodigalidade, e causavam a destruição, a ruina das propriedades.

O decreto n.º 8, de 6 de abril, reforma provisoriamente as alfandegas açorianas, emquanto não é possivel tirar todas as alfandegas nacionaes do cahos em que se encontram, dando-lhes uma organisação e um regulamento geral; acaba com os pagamentos dos ordenados a trigo, e torna o administrador respon-

savel pela administração interna e pelos actos dos seus subordinados.

Em 13 de abril, pelo decreto n.º 9, garantiu a liberdade do cidadão contra o abuso do poder, regulando os processos a seguir contra os juizes que violassem as garantias individuaes. Diz no relatorio o illustre ministro:

« O aperfeiçoamento social depende da execução das leis e cumpre aos empregados publicos dar exemplo constante do respeito, que todos devem ter á vontade geral. Entretanto a historia dos tempos passados mostra raros exemplos de punição dos empregados arbitrarios, e é da natureza dos governos absolutos o instincto de deixar habituar os povos ao soffrimento do arbitrio ».

Em 17 de abril publicou um decreto sob o n.º 10, abolindo a pena de confiscação de bens, qualquer que fosse o delicto, e em geral todos os sequestros para caução de penas pecuniarias.

Pelo decreto n.º 12, garantiu a propriedade do cidadão contra as invasões de todas as especies e sob qualquer pretexto, praticadas por individuos ou corporações. Esta prohibição refere-se a edificios, muros, plantações, sementeiras, machinas e quaesquer estabelecimentos de agricultura, industria ou manufactura. Quem julgar os seus direitos offendidos deve recorrer ás auctoridades empregando os meios legaes, e em caso nenhum destruir ou atacar a propriedade alheia ou contestada.

O decreto de 19 de abril, é um dos mais importantes, por ser um dos que mais contribuiu para a demolição das velhas instituições. Por esta notavel lei extinguiu as sisas, exceptuando as da transmissão da propriedade que reduziu a 5 por cento, e as da legislação especial da alfandega das Sete Casas, de Lisboa. No relatorio que precede este decreto vemos lucidamente descripto esse pesadissimo tributo que fazia gemer todo o reino.

No continente pagava-se sisa por tudo o que se comprava ou se vendia. Para os immoveis ou bens de raiz a sisa era de 10 por cento, quando o comprador e o vendedor eram da mesma povoação ou terra, em que estava situada a propriedade que se transmittia. Esta percentagem variava, porém, para mais em algumas terras. Se o comprador e o vendedor eram ambos

de terra differente d'aquella em que ficavam os terrenos ou predios da transacção, a sisa era o dobro, ou 20 por cento. Quando uma das partes contratantes residia na povoação ou localidade e a outra não, pagavam de sisa 15 por cento. Comtudo havia terras onde a sisa era sempre de 20 por cento.

As sisas dos moveis e semoventes eram de ordinario de 10 por cento, quando o comprador ou o vendedor não era da povoação. Estas sisas de 10 por cento, chamadas *das correntes*, eram arrematadas em hasta publica.

As pessoas da mesma localidade não pagavam sisa em cada contrato ou venda de objectos ou bens moveis; mas havia annualmente um lançamento denominado *sisa do cabeção*, ou *de ferrolho*, repartido por todos os habitantes, da parte necessaria para prefazer as avenças com o governo, ou *patrimonio real*, quando a importancia das sisas das correntes e a das sisas dos bens de raiz não cobriam a quantia avençada; Lisboa não estava avençada; pagava as sisas dos moveis nas Sete Casas. O mesmo succedia outr'ora em todas as povoações, antes do estabelecimento das avenças.

Quanto aos semoventes, o pagamento das sisas sempre se effectuava, embora o comprador e o vendedor fossem da terra, onde se realisava a transacção e o animal fôra creado. Só se exceptuavam as compras e vendas feitas nas *feiras francas*.

«As sisas, explica Mousinho da Silveira, em todos os casos se pagam de todas as mutações, de fórma que se um cavallo fôr vendido dez vezes por cem moedas, paga de sisa cem moedas, e se fôr vendido cem vezes por cem moedas paga mil moedas; um boi quantas vezes vendido, quantas paga sisa; e quando se vendem os despojos tambem estes pagam, e se estes se vendem mais vezes, mais vezes pagam, e vão pagando das fórmas differentes que as manufacturas lhes vão dando. Esta legislação monstruosa não é bem executada e ha milhões de abusos, os quaes têm sido outros tantos bens ou correctivos; porque nos paizes de leis semelhantes os povos existem, porque as leis se não executam; mas aonde ellas se não executam é impossivel que exista liberdade ou virtude civica: Portugal é um exemplo d'esta asserção; e além da má execução, os privilegios das sisas foram os meios de industria nos tempos antigos; sem elles o estado se teria dissolvido; não digo por isto que não foi justo o seu acabamento, digo sómente o effeito do bem parcial de não pagarem os privilegiados, para tratar do bem geral de não pagar pessoa alguma».

Mousinho da Silveira observa as desastrosas consequencias d'esta odiosa contribuição sobre o espirito do povo portuguez, que por causa d'elle se tornou a nação menos mercantil da Europa; apesar de fundar tantas colonias, não soube aproveitar as riquezas que d'ellas tirava e que iam engrandecer outros povos; não pôde desenvolver os generos da sua producção, crear industrias e manufacturas. Diz Mousinho que bastaram as sisas para o tolher.

A modificação d'este systema tributario pelo estabelecimento das avenças fôra um beneficio para as povoações, por as livrar da incommoda presença dos agentes do fisco; mas deu por seu turno pessimos resultados, excitando o odio entre os habitantes das differentes localidades, difficultando o commercio dos generos e impedindo a fundação de novas industrias. Aos privilegios pessoaes foram-se accrescentando paulatinamente os privilegios locaes; eram estes as *feiras francas*. Os povos para fugirem ás exigencias do fisco, viram-se forçados a ir comprar as mercadorias dos seus visinhos e vender-lhes as suas a logares distantes, nos dias em que se realisavam essas feiras. Corriam grandes riscos e faziam despezas; estavam sujeitos a roubos nos caminhos e dentro das feiras, perdendo frequentes vezes muito mais do que deviam pagar ao fisco.

A animosidade causada pelo pagamento das sisas das correntes originou o lançamento d'uma infinidade de impostos, taes como as licenças das camaras, os relevos, as leis de travessia, as posturas exclusivas «com que se arruina cada povoação para contrariar a industria das visinhas, sem a crear propria».

O decreto de 19 de abril acabou com as sisas das correntes, com as de cabeção ou ferrolho, e em geral com todas as restricções de povo para povo, afim de alliviar a população e fomentar a industria e a riqueza publica, desenvolver o commercio de exportação e de importação, e indirectamente augmentar as rendas do thesouro.

O decreto de 20 de abril, obedecendo ao mesmo pensamento, e sendo na verdade uma sequencia do antecedente, permitte a exportação de todas as mercadorias de producção, in-

dustria ou manufactura nacional, mediante o direito de 1 p. c. *ad valorem*.

O relatorio que o acompanha não é menos importante do que o anterior. Mousinho descreve-nos n'elle as inconcebiveis vantagens que desfructavam na capital as mercadorias de proveniencia estrangeira em detrimento das nacionaes. As pessoas abastadas todas fixavam residencia em Lisboa, onde viviam de comestiveis vindos de fóra do paiz, e consumiam productos estrangeiros, os quaes não pagavam direitos de entrada, ao passo que as mercadorias e os generos de origem nacional estavam sobrecarregados com as sisas impostas pelas Sete Casas e de dia para dia aggravadas com novos addicionaes. Elevavam-se a mais de 33 p. c. os impostos de consumo lançados sobre quasi todos os comestiveis creados no reino. E esta inaudita protecção aos productos estrangeiros subsistiu emquanto Portugal não teve divida publica; só quando se contrahiu o primeiro emprestimo, destinado a cobrir os encargos do exercito mandado ao Rossilhon, é que a capital permittiu o lançamento de direitos sobre os comestiveis estrangeiros.

A protecção tão extravagante como desnaturada, que o egoismo da capital sempre concedeu aos estrangeiros, explica-nos cabalmente como as fabulosas riquezas coloniaes, quando Lisboa era o emporio do commercio do mundo, atravessavam a nossa cidade sem deixar vestigios duradouros, sem fomentar o engrandecimento do paiz, sem crear riqueza publica, sem tirar emfim a população da miseria em que se debatia.

Os relatorios dos decretos de 19 e 20 de abril interessam enormemente pelos subsidios que contêm para a historia economica e financeira do nosso paiz.

O decreto n.º 15, datado de 20 de abril, destina o rendimento dos tabacos consumidos nas ilhas ao pagamento das dividas contrahidas pela Junta provisoria, e o n.º 16, de 21 de abril, determina que a venda do tabaco se faça por conta do estado, quer por via de arrematação a contratadores, quer por administração directa, e declara livre o fabrico e a venda do sabão.

O decreto n.º 20, de 14 de maio, representa um valioso beneficio para o povo da ilha do Corvo, que era vexado pelo imposto pago ao donatario da corôa, Pedro José Cauper. Reduziu a vinte os quarenta moios de trigo que pagavam annualmente e aboliu o imposto de 80$000 reis em dinheiro.

Em 15 de maio, pelo decreto n.º 21, acaba inteiramente com o infame imposto de importação de escravos, que ainda se cobrava nas ilhas dos Açores e da Madeira, apesar do vergonhoso trafico estar abolido pelas leis portuguezas.

Em 16 de maio, assignou D. Pedro, em Ponta Delgada, tres dos mais radicaes decretos de Mousinho. Têm os n.ºs 22, 23 e 24. O relatorio que os justifica, constitue um dos documentos mais gloriosos para o grande estadista. Pinta-se n'elle a desorganisação a que chegára a sociedade.

«Era absurdo, diz Mousinho, que as camaras dependessem dos generaes, que os juizes fossem fornecedores e que os ecclesiasticos fossem administradores e ás vezes soldados; era absurdo que a lei exigisse dos magistrados conhecimentos locaes, e ao mesmo tempo os retirasse, quando começavam a adquiril-os; era absurdo que os militares chamassem os julgadores, e os reprehendessem por maus fornecedores; e era absurdo tanta coisa e tanta, que a sua enumeração formaria um livro e não um relatorio.

«N'este cahos achou a carta o malfadado reino, e bastava o numero dos que viviam da confusão, da desordem e da faculdade de abusar invocando as leis, para ter surgido contra ella a cohorte de seus inimigos, os quaes poderam encobrir ao povo ignorante o mal individual, que presentiram na perda dos seus embustes, para lhe fazerem olhar como o maior dos males ao maior dos bens».

Descreve a nação como *um povo de juizes, jurisdicções e alçadas,* pois só na Relação do Porto chegou a haver trezentos desembargadores! Quanto ao erario não tinha dinheiro, nem meios de o obter, porque o povo era defecado em nome das leis, e «nunca foi achado remedio senão na multiplicação das causas do mal».

Mousinho estabelece assim a divisão dos poderes administrativo e judiciario:

«A necessidade da administração nasce das relações e das necessidades sociaes, e a necessidade dos julgadores nasce das fraquezas e das molestias do corpo social; a justiça é consequencia da administração, porque esta representa a união

*

dos interesses sociaes, e a justiça é o meio de reprimir os divergentes, o de os fazer entrar no circulo geral e na concorrencia do bem commum.

«A primeira é a acção da communidade social, a segunda o remedio dos males que vêm atacar o bem publico; todo o individuo por mais independente, são e bom, que seja, entra no dominio da administração; e para cahir no poder da justiça é necessario que exista uma divergencia contraria ás leis, ou pelo menos é necessario que as leis sejam escuras ou insufficientes, caso que demonstra quanto deve ser o cuidado de corrigir todas as leis, que forem em si mesmas principios de divergencia».

Expõe em seguida os principios que o guiaram na redacção dos tres decretos sobre a organisação e administração da fazenda publica, a organisação administrativa e a organisação judiciaria. Na impossibilidade de transcrevermos aqui todos os principios exarados no relatorio, sómente nos referiremos a alguns dos principaes, começando pelo registro civil ainda hoje só facultativo para os cidadãos portuguezes não catholicos.

«O nascimento, o casamento, a adopção, a separação dos conjuges, a maioridade, a naturalisação, a morte — lê-se n'esse memoravel documento — são da ordem publica, porque estabelecem a ordem pessoal e domestica; os actos que legalisam o estado das pessoas na familia, e por consequencia na sociedade, são da competencia da administração, estabelecida especialmente para formar e garantir a ordem publica.

«Na redacção dos actos do estado civil, o magistrado administrativo exercita uma jurisdicção passiva.

«O casamento interessa á administração publica, estabelecendo a ordem nas familias, e sendo causa permanente da povoação.

«O acto do estado civil das pessoas, e o casamento, dependem das instituições sociaes, e não das crenças religiosas».

Não menos notavel é o seguinte periodo ácerca da liberdade de consciencia:

«A administração não vê nas pessoas de outras religiões ou seitas mais do que cidadãos; porque sendo o negocio da crença, opinião pessoal, nada tem com o dominio das leis, nem das auctoridades».

N'estas linhas vê-se claramente implicito o principio da separação da egreja e do estado. Como este, muitos outros principios liberaes, que ainda na actualidade não se encontram em vigor, foram consignados e defendidos nos tres decretos de 16 de maio e no seu famoso preambulo.

No dia immediato um novo decreto de capital importancia foi submettido á assignatura de D. Pedro — o da abolição das ordens religiosas nas ilhas dos Açores, assente em bases de applicação generica. A sua extincção total no continente e em todos os dominios portuguezes foi decretada mais tarde, em 28 de maio de 1834, pelo ministro Joaquim Antonio de Aguiar.

Pelo decreto de Mousinho a abolição devia effectuar-se de uma maneira razoavel, ficando garantida a sustentação dos religiosos e a arrecadação dos bens das corporações, permittindo-se áquelles o seu egresso para o seculo, etc.; no mesmo decreto se davam providencias sobre as collegiadas e parochias. No relatorio, assentando como principio que «o trabalho é a base de todas as virtudes e de todas as riquezas», diz o grande estadista:

«Entre nós não ha proporção alguma entre a capacidade de achar materia contribuinte e a gente destinada a devoral-a; assim estão mal todos, ou porque não podem pagar, ou porque não são pagos.

«O clero, tomado no sentido lato, é um dos mais escandalosos exemplos d'esta desproporção; no reino e nas ilhas absorve maior rendimento que o da nação, e a priva de dois terços da sua capacidade contribuinte».

Um decreto de 18 de maio cria o juizo dos orphãos e estabelece a jurisprudencia das tutelas. Outro de 8 de junho tira da circulação nas ilhas as moedas de 100 reis de cobre.

Em 21 de junho, augmenta os beneficios feitos á ilha do Corvo pelo decreto de 14 de maio, elevando-a á categoria de villa e de municipio. Foi este o ultimo decreto assignado em Ponta Delgada.

Em 9 de julho entrou no Porto o exercito libertador; os decretos que se seguem, datados do paço d'essa cidade, são publicados na *Chronica constitucional do Porto*.

Em 12 d'esse mez declara por uma portaria relaxados todos os sequestros effectuados em consequencia de opiniões politicas e torna responsaveis os depositarios para com os respectivos proprietarios.

Em 14 decreta a extincção dos privilegios exclusivos, que gozava a Companhia de Agricultura das Vinhas do Alto-Douro, da venda do vinho e aguardente aos habitantes da cidade do

Porto e do fabríco da aguardente nas provincias do norte. N'este decreto, que se ligava ao systema geral da extincção de privilegios com o fim de libertar o commercio e desenvolver a industria e a agricultura, regulavam-se tambem os direitos sobre os vinhos e a aguardente.

O decreto de 30 de julho, complemento do de 16 de março, extingue os dizimos dos fructos da terra e das arvores, das pastagens, dos montados, dos córtes de madeira, dos animaes e seus despojos, e em geral de todas as producções. Só ficam provisoriamente em vigor nas ilhas dos Açores e da Madeira, e em quaesquer outros dominios, onde se não pague decima dos predios rusticos, e só emquanto se não modifique o systema geral das contribuições. As commendas das ordens militares, fundadas em dizimos, ficaram, por este decreto, simplesmente honorarias. Tambem n'elle se revogou a faculdade de apresentação de parochos e de beneficiados, de justiças, juizes e mais empregados publicos, ficando todas essas nomeações na attribuição do poder executivo. Os individuos que, por estas medidas, fossem prejudicados nos direitos adquiridos, ficavam com jús a indemnisação. No relatorio, que precede o decreto, faz a historia circumstanciada dos dizimos e indica os males que resultavam para a sociedade da sua conservação. Consigna n'elle tambem o pensamento systematico das suas reformas. Leiam-se estas palavras dignas de nota:

«O decreto que reduziu os dizimos, o das sisas, o do acabamento dos direitos de sahida e dos obstaculos oppostos ao commercio, o que proponho actualmente e muitos outros que faltam, são, como já tive occasião de observar, meios de obter que seja possivel trabalhar e viver, vendendo os fructos do trabalho a que nos chama a natureza das coisas. O meu objecto não é fazer, é deixar fazer; as minhas finanças não estão na contabilidade arithmetica; estão na riqueza publica, no augmento da materia contribuinte; a minha contabilidade é resultado necessario da porção que se póde tirar á materia contribuinte sem substar o seu progressivo accrescentamento: algum tempo teremos de soffrer privações; alguns interesses serão offendidos; mas o resultado é infallivel, e bem mais apressado do que se pensa».

E relativamente ás finanças affirma:

«O ponto não está em formar muitas correntes da unica nascente, que é o suor dos povos; mas está em augmentar a nascente...»

O decreto n.º 44, de 13 de agosto, é igualmente um dos mais gloriosos para Mousinho da Silveira, porque encerra a abolição dos chamados direitos reaes, provenientes das doações feitas pela realeza aos grandes ociosos, ou em paga de serviços prestados n'outras éras, e que eram a oppressão das classes laboriosas. N'este decreto definem-se os bens da nação tomada collectivamente, e revogam-se, além das doações dos bens chamados da corôa, da fazenda publica, os foraes, fóros, pensões, quotas, rações certas e incertas, laudemios, luctuosas e outros direitos e prestações; extinguem-se todos os prasos da corôa, relegos, reguengos, senhorios das terras, alcaidarias-móres, etc.

Mousinho, no relatorio d'este decreto, começa por confessar que aprendeu em Paris, durante a emigração, pelo estudo das transformações realisadas pela grande revolução, como foram as leis de interesse material que extirparam radicalmente o absolutismo. Depois de pintar largamente o quadro de horror e de immoralidade que resultava d'um estado de coisas, em que uma multidão de gente privilegiada vivia do suor alheio, termina por affirmar que este decreto, na parte relativa ás terras dos foraes, é d'uma transcendencia superior ao de 30 de julho — o da extincção dos dizimos — pois tinha em mira repartir riquezas, augmentar a fortuna geral, promover a povoação, emancipando a terra e dando-lhe senhores que a cultivassem ou alienassem.

Com este memoravel decreto terminou para assim dizer a missão reformadora do grande estadista. Depois só assignou dois decretos d'alguma importancia, o n.º 47, em 10 de outubro, extinguindo o privilegio e contrato das cartas de jogar, cujo fabríco, venda e importação ficou livre, e o n.º 48, em 21 de novembro, estendendo a todo o reino a liberdade de fabríco e venda de sabão, decretada em 21 de abril para os Açores.

N'esta longa enumeração só deixámos de mencionar varios decretos e portarias de simples expediente.

A obra grandiosa de Mousinho ahi fica apreciada nos seus

traços fundamentaes. Os seus decretos, como disse Garrett, referindo-se em especial ás leis de 16 de maio, de 30 de julho e de 13 de agosto de 1832, «são um grande monumento, são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de onde começa o novo» [1]. E affirmando que elles foram «golpes cerceos no tronco velho e caduco», accrescenta: «Se ha futuro para nós, ha de vir por alli. N'outro não pensem, ninguem o espere que o não ha».

Na realidade, o futuro de Portugal está no complemento da obra de Mousinho; as bases que elle promulgou, não lh'as deixaram completar; o novo regimen ficou esboçado, magistralmente esboçado, é incontestavel, mas ainda longe de ter uma perfeita organisação.

IV

Mousinho da Silveira foi demittido sêccamente do ministerio da justiça por decreto de 3 de dezembro, sendo nomeado para o substituir Joaquim Antonio de Magalhães. Na mesma data foi nomeado interinamente ministro da fazenda, durante a ausencia de Mousinho, José da Silva Carvalho. Em 12 de janeiro de 1833 o grande estadista foi exonerado definitivamente em virtude do que representára ao regente, diz-se no decreto, mas sem a minima phrase de consideração ou de louvor.

Perdera todo o ascendente no animo de D. Pedro, dil-o Garrett, e quer por intrigas, quer por qualquer outro motivo, o principe pagou com feia ingratidão os serviços relevantes e incomparaveis que Mousinho da Silveira prestou á causa da liberdade e da rainha.

Herculano, lamentando que elle não estivesse mais tempo no poder para concluir a sua obra, diz:

«Homem superior, não sabia agarrar-se á mesa d'um ministro, ou pôr a sua felicidade n'uma pasta. Sahiu, e foi para nunca mais entrar. Os liliputianos poli-

[1] Ob. cit., pag. 366.

ticos receiavam que caminhando ao lado d'elle, os esmagasse com o pé. Fizeram mais, votaram-no ao esquecimento, e elle sumiu-se na obscuridade» [1].

Mousinho da Silveira, que passára sempre entre os constitucionaes por maniaco e visionario, tornára-se intoleravel aos seus correligionarios, tanto pelo radicalismo das suas providencias, qualificadas por muitos de erros e despropositos politicos, como pela rigidez dos seus principios, recusando-se a sanccionar o menor ataque ao direito de propriedade [2].

Parece que a origem da demissão se deve procurar em desintelligencias com o ministro da guerra, por reprovar o expediente do pagamento dos generos para o exercito por meio de vales, e nas necessidades da guerra que obrigavam, para fornecimento do thesouro, a recorrer a meios que repugnavam á sua consciencia e que, portanto, não podia adoptar.

Mousinho sahiu do ministerio e por decreto de 12 de janeiro foi nomeado director geral das alfandegas do reino; pediu licença para ir a França e abandonou a cidade do Porto em março de 1833.

A extensão que já leva este estudo não nos permitte alongarmo-nos agora com certos factos da vida de Mousinho, dignos de menção, e fazer varias considerações sobre a conducta levantada e recta d'este homem, tanto durante a sua estada no poder, como posteriormente até ao seu fallecimento [3].

[1] Ob. cit., pag. 221.

[2] Não podemos lêr sem tristeza as paginas em que um benemerito liberal, o snr. Jose Simão da Luz Soriano, na sua notavel *Historia do cêrco do Porto*, facciosamente deslustra a memoria do maior vulto do constitucionalismo. Essas paginas (vol. I, pag. 538 a 542) são um lamentavel reflexo da animadversão geral dos liberaes contra o incomprehendido ministro. O snr. Luz Soriano diz que Mousinho «era um d'estes maniacos e visionarios politicos, a quem nada é capaz de arrancar da teima e aferro ás opiniões que professam, fundados no orgulho da sua sabedoria». A falsidade d'este julgamento é destruida pelo immortal Garrett, que foi amigo intimo de Mousinho, que larga cooperação teve nos seus trabalhos, que com elle disputou em muitos pontos, convencendo-o algumas vezes, e que o descreve como *um homem com quem a razão podia tanto e que não temia a verdade.*

[3] Completaremos este estudo quando o dermos á luz em volume conjuntamente com outros trabalhos litterarios sobre o constitucionalismo em Portugal.

A obra de Mousinho não teve continuadores; pelo contrario, uma boa parte d'ella foi abrogada, lançada no esquecimento, d'onde ainda hoje não sahiu. Mas sahirá em breve para salvação do paiz, — conservamos esta esperança.

Em fins de 1834, Mousinho regressou a Portugal para exercer o seu logar de administrador geral das alfandegas e tomar assento na camara dos deputados. O grande estadista fôra eleito pela provincia do Alemtejo.

Como deputado, defendeu a verdade e os interesses publicos, conseguindo evitar que se votassem as indemnisações para satisfazer a rapacidade das ambições pessoaes; procurou tambem, mas inutilmente impedir que os bens nacionaes fossem malbaratados em desgraçadas vendas, propondo que se applicassem para pagamento dos empenhos feitos pela guerra da liberdade.

Em 1836 rejeitou o logar que o gabinete Pamella lhe offereceu na camara dos pares; não sympathisava com a instituição da segunda camara, nem cria na sua efficacia. Demittiu-se pouco depois do seu cargo e foi viver para França. Em 1839 voltou novamente á camara, eleito pela sua provincia, e ainda ahi disse «algumas altas verdades, e fez algumas prophecias que o tempo se encarregou de realisar mais promptas e mais terriveis do que as que elle presagiára», — palavras de Garrett.

Não tornou á camara. Os ultimos nove annos da existencia, passou-os, ora em Lisboa, ora em Paris, votado inteiramente á familia, e pensando sempre no bem da sua patria e na solução dos mais graves problemas sociaes.

Pouco antes de morrer, presentindo talvez o seu proximo fim, fez testamento, — um testamento memoravel, sublime testemunho de amor de familia e de tranquillidade de alma. Tinha a consciencia de ter feito alguma coisa a bem da sua patria, de ficar na historia muito portuguez, e que depois de morto viria o tempo de lhe fazerem justiça.

Determinou no testamento que o sepultassem entre gentes boas e *que na vida d'elle se atreveram a ser agradecidas,* no cemiterio do pequeno povo da ilha do Corvo ou no da fregue-

zia da Margem, pertencente ao concelho de Gavião. Aquella gente agradecera-lhe a diminuição do imposto pago ao donatario; esta, os beneficios resultantes da extincção dos dizimos e dos direitos reaes. Sepultaram-no na freguezia da Margem, onde os seus restos estariam hoje esquecidos e perdidos para sempre, se não fosse a revelação do padre João Chrysostomo Antunes Ribeiro Coelho, de Castello de Vide, feita em carta á redacção do *Jornal do Commercio*, do desamparo em que se achava a sepultura, e a subscripção publica aberta por esta importante folha para um modesto monumento, que se erigiu em 1875.

O local onde descançam os ossos d'este patriota exemplar está marcado com um singelo e simples monumento; porém monumento sumptuoso e indestructivel á acção do tempo é o que elle para si proprio esculpiu na historia patria com os seus gloriosos decretos.

Teixeira Bastos.

O JORNAL D'UMA PRINCEZA RUSSA

I

A obra de que vamos fallar desenrola, dia por dia, doze annos d'uma existencia real, e talvez d'ahi lhe proviesse a enorme voga; no primeiro anno da sua publicação (1890) teve seis edições francezas, seis versões americanas e, em Londres, onde Gladstone se occupou especialmente d'ella n'um artigo, causou verdadeiro *furore*, tornando-se o livro da moda, o que anda nas mãos de todos e é quasi obrigatorio conhecer.

Chama-se a auctora Maria Bashkirtseff, e é tudo quanto ha de authentico em princezas... russas. Pertence por seu pae á antiga nobreza militar de provincia; a familia de sua mãe, os Babanines, vai remontar sua prosapia aos tartaros da primeira invasão.

O casamento de Bashkirtseff desandou, volvidos apenas dois annos, em uma ruptura, de que elle accusou a familia da mulher, e esta o insupportavel genio do marido; mais tarde Maria dá razão a sua mãe.

A moça e bonita esposa voltou á casa paterna, levando um filho e uma filha, que era Maria. Viveram algum tempo na Russia; mas quando a pequena completou nove annos foram, passando pela Allemanha, fixar a sua residencia na Italia. D'ahi

seguiram para Paris, onde em 1884 ella morreu d'uma tisica pulmonar, com vinte e quatro annos incompletos.

Estatura mediana, extremamente bem modelada, como uma estatua, espadoas magnificas, braços de deusa, ancas muito hespanholas, seio pequenino e perfeito, cintura breve, pé delicado, mãos finas e levemente rosadas no interior, como conchas de nacar, soberbos cabellos ruivo-dourados, grandes olhos escuros sob vigorosas sobrancelhas, tez finissima, d'um alvor, d'uma frescura de colorido incomparaveis! — ahi a têm descripta por si mesma. Repisa desvanecida nos proprios encantos; são-lhe frequentes as expressões: «estava linda, adoravel, arrebatadora», etc. «Quando penso no que serei aos vinte annos», exclama enthusiasmada, «faço estalar a lingua». Conta-nos minuciosas elegancias, descreve-nos as suas *toilettes*, fazendo valer o maior ou menor realce que lhe dão. Passa tempo esquecido ao espelho a remirar-se, a examinar os seus ares e attitudes, e indica-nos os que mais a favorecem. Em summa, se não podessemos reconstruir-lhe o physico, mesmo dispensando a encantadora glyptographia que acompanha a obra, a culpa não seria d'ella. E como o fim proposto é justamente o dar-se a conhecer, força é convir que a vaidade foi n'este caso um ingrediente de bom exito. Demais, a primeira impressão de enfado que nos assalta não tarda a ir-se amortecendo: vivas e sentidas descripções de outras bellezas nos fazem suppôr que a d'ella propria era apreciada como impessoalmente, com olhos de artista; e nas longas estações ao espelho vemos a vaidosa, metamorphoseada em observadora, acompanhar, nas alterações do seu aspecto, os effeitos especiaes da doença que a mina ou dos sentimentos e idéas que a possuem. Talvez lhe não concilie sympathias, mas em todo o caso despuerilisa o excesso de importancia dado aos proprios encantos, o facto de que ella os presava infinitamente como instrumentos de ambição.

Tocamos a nota fundamental d'esse organismo psychologico: uma ambição precoce, multipla, descommunal, inextinguivel: verdadeira hydra, medrando em todas as direcções, resarcindo-se promptamente de todas as desditas e desenganos. Des-

prezava os satisfeitos, como gente cega ou de rasteiros instinctos; não concebia um sentimento a que a ambição fosse estranha, e confessava altamente essa «paixão nobre», agradecendo-a a Deus, como indicio das grandezas que lhe destinava. «Gosto de subir escadas», dizia caracteristicamente, «porque me elevo».

Desde creança tivera aspirações loucas a coisas brilhantes; confusas ainda, mas immensas. Aos cinco annos enfeitava-se com flôres e rendas da mamã e, decotada, ia dançar para o salão: toda a familia então de admiral-a n'um extasi! era a grande dançarina Petipa, adorada por todo S. Petersburgo. Outras vezes — tinha uma voz promettedora — faziam-na cantar ao piano: era a primeira cantora do mundo! Depois, oradora, electrisava as massas; para conservar o throno, o tzar partilhava-o com ella, era uma soberana zelosa, estremecida, e havia entre ella e o seu povo scenas de fundente *pathos*. Ás vezes amava um ou outro heroe, que, ou a trahia, ou morria de accidente, sempre admiravelmente a horas, isto é: quando ella ia principiando a amal-o menos; das mortes lá se ia consolando, mas as traições causavam-lhe um asco, um desespero infindavel e... ella morria. Em seguida punha-se a amar outro.

Ao deixar o mundo phantasmagorico da infancia, para entrar no das sobrias realidades, em que vivem os adultos, principiou logo a sua cabecinha a cogitar nos caminhos por onde devia chegar ao apogeu desejado, triumphar, «vêr o mundo a seus pés». O precioso talisman, que devia realisar todas essas maravilhas, começou por tomar a seus olhos a fórma d'um casamento, oh! um tal casamento! Devia o noivo ser bello, sympathico e forte; possuir physica, moral e intellectualmente os caracteristicos do aristocrata; usar um nome illustre e pertencer socialmente á *verdadeira* alta roda: ella estabelece a distincção com uma insistencia e clareza amargamente expressivas; e um dos seus maiores motivos de desgosto com a mãe foi sempre o ter a pobre senhora, quer pela sua situação de mulher separada do marido, quer por deficiencia em tacto, difficultado á

estremecida Moussia [1] a apresentação que lhe convinha, n'aquella nata exquisita das vaidades humanas.

Devia tambem ser rico o futuro; «não póde haver bem-estar moral, sem que o lado material esteja satisfeito», pondera sentenciosamente Maria. Devia ser finamente educado, homem habil, ou com o tino preciso para se deixar dirigir pela sua azougada companheira.

Assim casada, tornar-se-ia o centro d'um brilhante circulo politico, litterario, elegante, beneficente, — *excusez du peu!* — Deslumbraria pela custosa e artistica magnificencia do trem de vida; seria em todos os refinamentos uma das indisputadas rainhas da moda; nos salões, apenas annunciado o seu nome, cessariam de subito as conversas e as cabeças se voltariam todas para a entrada; nas ruas, nos logares de reunião publica, um susurro acompanharia a sua passagem; seria o alvo de mil olhares de admiração, adoração e respeito, de cubiça, inveja e raiva: ella só occuparia a multidão. «A multidão, sim! ninguem é nada sem ella. Que me importa uma pequena fracção de espiritos superiores? Estou farta de obscuridade, mirro-me de inacção, aboloreço nas trevas. O sol, o sol, o sol! pouco me importa onde, como e d'onde elle venha; comtanto que venha... e não tarde!»

Frequentes vezes remata a enumeração dos seus castellos no ar com a phrase: «Deus me dê tudo isso!» E appetece dizer-lhe: *amen!* tão commovente é na sua ingenuidade e juvenil confiança.

Porque emfim, para a difficil conquista do talisman é certo que Maria não marchava, á semelhança dos heroes de magicas legendas, com armas e bagagens levissimas; contava com a sua fortuna e a sua nobreza, a que uma dóse de provinciana ferrugem não roubava fóros de legitima, para ajudar as suas incontestaveis seducções pessoaes: belleza, graça, esplendida voz; excepcional intelligencia, muito cultivada; rigorosa honestidade feminil, sob um trato ligeiro e apesar de certas excentrici-

[1] Diminutivo russo de Maria.

dades de conducta. Mas, para obter um talisman tão complexo, não basta que todas as fadas, boas madrinhas, derramem á flux sobre o berço da protegida os dons das suas fulgentes cornucopias; é precisa a cooperação de todos os genios do céo, da terra e do mar; é preciso emfim o favor do cego e supremo Acaso, para quem as fadas mais gentis poderão ser excellentes meninas, mas não têm força de empenho. Por isso Moussia chegava a desanimar. Esperava á beira do mar, attenta e anciosa, interrogando os ares, os ventos e as estrellas, vendo subir varias marés e deixando-as descer, sem fazer-se ao largo. Interrogava tambem arcanos menos simplices e baratos, as sybillas que lêem o futuro nos naipes, os videntes a frio que o lêem na palma da mão, os somnambulos que o lêem... sabe Deus onde, mas incontestavelmente alguma coisa lêem na bolsa dos credulos. As respostas, quasi sempre favoraveis, ministravam-lhe alento passageiro, mas nem por isso forçavam a mão ao destino.

E o amor? dirão. Que papel era o do amor n'esses planos? O amor não foi para Moussia. A sua intelligencia comprehendia-o, a sua docil phantasia deu-lhe occasionalmente guarida ephemera; jámais construiu elle no seu coração, como não raro no de creaturas, aliás insignificantes, o glorioso ninho, entretecido com as mais subtis e vivazes fibras d'um ser, cimentado com fragmentos de quanto o universo offerece de bello ás percepções, ninho, onde se incubam e d'onde tomam vôo os mais vividos e generosos affectos, a ponto de fazer pasmar que saiam hospedes tão loução, de tão toscas moradias.

Duas causas contribuiram notavelmente para essa isenção, de que ella ora se lamentava, ora se applaudia: a feição absoluta, radical, do seu espirito, que a levava a uma concepção do amor, tanto mais poetica e perfeita, quanto mais remota e intransigente, e um devorante habito de analyse, que despiedosamente lhe apontava todas as deficiencias do real, em face do ideal proposto.

« Susceptivel como sou, certos nadas, certas miserias offendem-me horrivelmente... mas vêde, lêde Balzac para essas

analyses ao microscopio; os meus debeis esforços, os meus incompletos esforços, não me farão comprehendida». «A vida sem amor é uma garrafa sem vinho — mas é preciso que o vinho seja bom!» Já vimos as condições que exigiria d'um marido... para o supportar. Para o amar, calculem até onde ellas iriam! Tambem o unico typo de homem, apto a inspirar o que ella considera *amor*, forneceu-lh'o um personagem de Ouida: *Hilarion*, especie de semi-deus, mais que humanamente poderoso e mais que humanamente amado por uma joven, bella e genial artista, *Gioia*. «Aos que me disserem que semelhante homem é uma invenção, direi que semelhante amor tambem o é. Não me venham com affirmações de que se ama gente com ordenado de mil e duzentos francos ou rendimentos de vinte e cinco mil francos por anno, gente que economisa em luvas, calcula os convites, etc. Isso já não é amor; não é, não!» Parecem-lhe casos morbidos, lastimosos delirios de que a gente satisfaz os impulsos para os curar; e se o não póde... morre ou mata. A não ser que haja o heroismo de vencer o accesso, applicando frigorifero estoicismo, ou emolliente resignação christã. Mas que têm essas desgraças de commum com o divino amor?

«Creio que nunca ficarei seriamente apaixonada, porque descubro sempre no homem a ponta da orelha: o quer que seja de comico ou desastrado, que faz parar a crystallisação». Aos vinte e tres annos, lendo Stendhal, reconhecia que, ou nunca amára, ou andára toda a vida apaixonada por um sêr imaginario; a contradicção não passa de apparente; um phenomeno explica outro.

Mas o peor resultado da sua tendencia analytica não era o desencantal-a quanto a este ou áquelle pretendente; era o ter medrado a ponto de se lhe substituir á propria vida. «Quando eu lhes servir phrases enternecidas, não vão tomal-as muito ao pé da letra. Dos dois *eu* que procuram viver em mim, um diz ao outro: sente alguma coisa, com a breca! Mas procure o segundo enternecer-se, que logo o primeiro, sempre a postos, o domina e absorve. E será sempre assim. Querem saber a ver-

dade? não sou nem pintora, nem esculptora, nem musica, nem mulher, nem filha, nem amiga: — tudo em mim se reduz a motivos de observação, reflexão e analyse. Um olhar, uma figura, um som, uma alegria, uma dôr, são immediatamente examinados, pesados, classificados, notados. Depois de escrever ou fallar, socégo: estou satisfeita».

E sentia vivamente esse vacuo interior, esse aniquilamento da vida profunda e intima, em favor da constante successão de agitações superficiaes e momentaneas. Procurava intensamente a sua essencia e não a encontrava. «Sou como agua gelada nas camadas interiores e agitada apenas á superficie, nada me deleita ou aflige realmente». «Esforço-me tantas vezes por palpar a verdade! Porque tudo o que penso e sinto parece-me exterior. Afigura-se-me que nada existe. Ainda não encontrei o que constitue a base, a essencia do meu sêr». Ás vezes chegava a perder momentaneamente a noção do real; tinha tristezas, cóleras e desesperos perfeitamente sinceros e comtudo perfeitamente voluntarios, estudados, *afinados a frio*, diz ella expressivamente: era o *eu* observador que, aproveitando qualquer impulso espontaneo do *eu* sensitivo, excitava-o, exacerbava-o, e, embebido no espectaculo que provocára, dava aqui um toque, outro além, como artista enamorado e conscienciosо. Despedindo-se um dia de sua familia para uma curta viagem, só, em caminho de ferro, desatou a chorar. «Que imaginam que eu fiz? puz-me a estudar do natural como se chora».

O famoso pintor Bastien Lepage inspirára-lhe certa amizade, feita de profunda admiração pelo seu genio e boa *camaraderie*, que talvez o futuro transformasse em um sentimento mais vivo; um e outro estavam doentes, ella tisica, elle com um cancro no estomago. Maria visitou-o emquanto pôde sahir; e, quando a doença a obrigou a ficar no quarto, Bastien fazia-se transportar para junto d'ella n'uma poltrona. Essas relações são talvez o que ha de mais gentil e commovente no commercio de Maria com os seus semelhantes; pois quando lhe annunciaram que o seu amigo estava condemnado pela

medicina, o que sobrenada no grande abalo, que então sentiu, é uma curiosidade absorvente do que se passará n'ella, quando Bastien morrer, « do que será aquillo ».

Comprehende-se, que sobre semelhante alma a *grande paixão* não exercesse forte e duradouro imperio. Apenas germinava n'ella um sentimento, a garra vivisectora empolgava-o, penetrava-o, desfiava-o e restituia ao amor um cadaver profanado, do qual, a despeito da tradicional cegueira, elle se afastava com nausea e horror.

« Muito gostava de amar, para saber o que é », eis a significativa phrase que lhe arranca a sua avidez de analyse. Seu pae vaticinou-lhe que nunca havia de amar, e uma das suas victimas predilectas, um tal Pacha, resignadamente lhe asseverava que para ella o amor nunca passaria d'um capricho. Pouco tempo antes de morrer, o seu espirito encontra como de passagem a unica fórmula de amor que lhe convinha: « Alguem que me comprehendesse perfeitamente, a quem podesse dizer tudo e em cujos discursos reconhecesse os meus proprios pensamentos — percebes, pequena? isso é que seria amor ».

II

É curta e não muito sensacionante a sua chronica romanesca. Tinha ella doze annos quando endereçava a Deus a seguinte curiosa oração: « Ó meu Deus, dá-me o duque de H...! amal-o-hei e fal-o-hei feliz; serei feliz tambem e então farei bem aos pobres ». Este H..., inglez pertencente á sociedade elegante e faustosa de Nice, apparecia-lhe como a encarnação de todas as superioridades. « É alto, forte e um pouco sobre o gordo; tem o cabello e o bigode ruivo-dourados, os olhos cinzentos, pequenos e vivissimos, o queixo e o labio como os do Apollo de Belvedere. Tem uma graça tranquilla e sorridente que é só d'elle, uma sobranceria quasi insolente, feita de indifferença, um ar encantador de capricho e fatuidade crueis — o quer que

*

seja de Nero»: a descripção destaca nitidamente a figura e deixa-nos a scismar na singular profundeza d'aquella intelligencia infantil. De resto, a intriga amorosa nunca passou d'esta altura: ella viu-o duas ou tres vezes nos passeios; elle talvez nem tanto. Sem embargo, era o objecto de férvido culto platonico: «Amo-o, escreve a pequena com divertida seriedade, amo este duque! e elle partiu! já não tenho para quem me vestir e ir ao terraço! Pobre de mim! desejo uma sombra que nunca poderei cingir nos braços. Apoquentam-me estes vestidos; já encommendei outros de Paris; as costureiras de Nice não prestam. Oh meu Deus! tem piedade de mim! Se elle voltar para o tiro aos pombos, é indispensavel que eu vá».

N'este gosto!

Sentia-se feliz só com pronunciar o seu nome; e quando inopinadamente o ouvia á mesa, no salão, fosse onde fosse, tinha rubores, palpitações, gritinhos abafados, retiradas bruscas. «A mamã só ralhou commigo uma vez... comprehendeu, sem duvida», commenta Moussia com circumspecção impagavel. Mas não contente com ter uma amante, o malvado casou-se. Oh! os suffocares, os palpitares, os empallideceres! os calefrios, os ciumes! as lagrimas, os soluços e os desesperos! No mais forte d'esse abalo, os deveres sociaes reclamavam a importante presença da nova Dido; precisou sahir a visitas: «Vamos, dissimulemos a nossa mágoa!... trago um vestido verde, os meus cabellos são de ouro, a minha tez de neve e rosas; estou linda como um anjo — ou uma mulher».

Durante alguns annos volvia saudosa a repensar no barbaro duque e prodigalisava-lhe epithetos illuminantes: lampada, facho, estrella, etc. Pouco antes de morrer encontrou-o n'um vulgar trem de praça, transformado n'um inglez gordo com suissinhas vermelhas até o meio da cara. «Que exaltação a minha!» foi o seu epitaphio unico.

Aos dezeseis, estando em Roma durante o carnaval, nasceu entre ella e um sobrinho do celebre cardeal Antonelli uma *inclinação* de que ella confessa ter-nos feito um verdadeiro romance. A quadra foliã forneceu-lhe um fundo e episodios inte-

ressantes; forneceu-lhe curiosos pormenores o mundo dos altos dignitarios ecclesiasticos, a que a familia de Pietro Antonelli pertencia: assim, o rosario que o hypocrita do rapaz, detestando os padres e o beaterio, deixava pender fóra do bolso para agradar ao pae; o tratamento a que o submetteu a mãe, quando elle teve a febre amarella, o qual consistia no engorgitar de agua benta e de papelinhos, trazendo escripto o nome da Virgem.

« Não imagina, contava elle a Maria, como estes Antonelli são duros ». E afim de amollecer essa dureza, a ponto de obter dinheiro para acompanhar aqui e alli os Bashkirtseff, o desabusado *clubman* sujeitava-se a confissões, a retiros temporarios em um convento, que faziam perder a sua amada em conjecturas, e mais tarde a moviam a risadas, apenas ouvida a explicação do eclipse. E a desprezo tambem. Depois de muito hesitar, o seu conceito fixou-se: « não passa d'uma creança: alegre, amavel, espirituoso; incrivel teimosia no meio de incrivel molleza ». Physicamente tambem a não satisfazia; embora lhe achasse um rosto bonito, parecia-lhe « mal feito, excessivamente magro, não sabendo andar, e sem *genre* nenhum ».

Ora uma rapariga, que julga tão fria e imparcialmente, não ama; com jubilo ella faz essa descoberta ao relêr-se annos depois, exclamando: « estou tão contente por vêr que nunca o amei! tão contente, tão livre, tão altiva e tão digna... do que ainda virá! » As suas palpitações de coração, ao lêr historias de cardeaes, não passavam de alvoroços da phantasia; mais tarde, quando apaixonada de pintura, sentia os mesmos phenomenos ao percorrer escriptos sobre pintores celebres. O rapaz adorava-a e continuamente lh'o repetia; a *coquetterie*, a inexperiencia, a curiosidade, a exaltação propria de annos juvenis, fizeram o resto; e não provocam mais do que um riso benevolo as longas vergonhas e arrependimentos que a ralaram, por ter concedido ao *cardinalino*, depois de entre ambos ser tratado casamento, uma entrevista na escada á meia noite, na qual lhe concedeu e retribuiu um beijo na face. Muito mais serio indicio de depravação que um e mesmo dois beijos, foi o ter sido a en-

trevista da parte d'aquella creança uma perfeita comedia, em que, actriz consummada, ella analysa constantemente a menor cambiante do seu jogo; e muito mais indecoroso do que escrever a Pietro, favor que todavia ella lhe recusou indignadissima, é o cynismo com que ella se compraz em nos distillar gota a gota no seu jornal, aquelle singular vomitorio!

A fortuna de Pietro era pequena, e a sua posição pouco brilhante; mas abria-se-lhe um futuro promettedor; aliás nem se comprehende que Maria se occupasse d'elle; infelizmente esse futuro dependia do papa e dos *duros* Antonelli, e a altiva, arrebatada Babanine não teve paciencia para supportar as hesitações e delongas, que punha em dar o seu pleno assentimento o poderoso tio cardeal. Rompeu relações, e sahiu de Roma.

Ficou-lhe d'esse *imbroglio* uma noção terrorista da omnipotencia dos «principes negros», que lhe fazia reprovar como inutil e até contraproducente, o expulsal-os legalmente de França. «A unica maneira, opina ella, de acabar com a especie, seria conceder-lhes toda a sorte de vantagens e garantias, dar-lhes terrenos, construir-lhes casas, uma cidade emfim; e quando todos os jesuitas do mundo estivessem reunidos lá dentro... fazer voar o ninho pelos ares».

Mas não pararam n'este radicalissimo alvitre os fructos do seu desengano: Maria principiou a duvidar do matrimonio como vehiculo de grandeza; já que os homens superlativamente amaveis e amantes não se encontravam tão facilmente, força lhe era elevar-se á gloria de per si, valer-se das proprias azas. Dedicar-se-hia a uma arte e dentro em poucos annos seria grande, seria celebre. Estaria ainda bella e moça; mais facil lhe seria então realisar o seu ideal. Quando não, casaria pacatamente, á burgueza, com a ajuda do seu dote. E pondera que em tal caso o melhor seria accommodar-se com algum principe italiano: um russo *comprado*, seria coisa medonha; em Paris, inutil procurar marido rico; e, a aceital-o pobre, os da Italia são mais commodos. E faz ainda outras reflexões: pasmosos dezesete annos de princeza!

Entretanto, vai *flartando* aqui e acolá, sempre dentro dos limites de inoffensiva discrição. Divindade insensivel, agrada-lhe aspirar o incenso dos holocaustos: «palavras de amor valem todos os espectaculos da terra... excepto os que a gente frequenta para se mostrar. Mas n'esses tambem se dá uma especie de hymno, de manifestação amorosa: olham-nos, admiram-nos e a gente expande-se, como uma flôr ao sol».

(Continua).

Izabel Leite.

COMO SE FÓRMA A LENDA! [1]

A minha mulher.

1891... fevereiro... 24.

Lembram-me ainda, como se me houvessem sido contadas hoje, aquellas historias de feiticeiras e de mouras encantadas, com que a velha tia Rosa nos prendia, em volta d'ella, n'essas longas e frigidas noites do inverno trasmontano.

A tia Rosa teria, por esse tempo, os seus oitenta e tantos annos bem puxados. Dotada d'uma prodigiosa memoria, a velha era um repositorio vivo de romances, de episodios, de anecdotas e de sentenças, que constituem a tradição e a philosophia proverbial d'uma provincia.

O curioso, porém, era: que a imaginação viva da tia Rosa tão naturaes os achava, tão verosimeis lhe pareciam, que, contava como succedidos na sua aldeia e no seu tempo muitos dos romances, dos episodios, das anecdotas e das sentenças, que a transmissão oral dos seculos tem trazido até nós.

Havia na sua figurinha interessante, nos seus gestos e in-

[1] Do livro em preparação: *De leve* (*Notas na carteira de um contista*).

tonações apropriadas um não sei que de meigo, de intimativo, de solemne ou de tragico, que attrahia, impunha, deslumbrava ou estarrecia.

E nós todos — uma grande bandada de pequenos — rimos e choramos, conforme appeteceu a essa prodigiosa velhita, que tão bem sabia prender-nos em volta de si — boquiabertos e interessados — n'essas longas e frigidas noites do inverno trasmontano.

Uma vez... oh! como é agro-dôce o recordal-o! nós todos — uma grande bandada de pequenos — tinhamos combinado ir quebrar, ás pedradas, a lampada que o *Pouca-roupa*, á boquinha da noite, ia accender, invariavel e methodicamente, diante da imagem de S. Sebastião!

A proeza, com que contavamos alarmar a povoação inteira, fôra planeada com tres dias de antecedencia, pelo Victor — garoto de doze annos e o mais velho de todos nós — n'esse meio tempo em que o magusto crepitava e as castanhas principiavam de estalejar...

Jámais um segredo foi conservado tão religiosamente em cabeças de creanças. Conspiradores emeritos não poderiam, por certo, cercar de maior recato as suas reuniões, de mais absoluto sigillo o seu proposito subversivo. E se algum houve, que mal agourou da empreza ou a cujo caracter repugnasse o attentado sacrilego, um temor, um reconhecimento tacito de cumplicidade delinquente o retrahiu e conteve, senão determinado para o embate, pelo menos resignado ao sacrificio.

Na vespera, a pequena guerrilha foi reconhecer, definitivamente a liça...

A noite ia chegando; e a escuridão manchava já a alameda de velhas carvalheiras que nos haviam de emboscar. Assim, na penumbra, a extensa alameda povoava-se de mysteriosas entidades imponderaveis, que o nosso espirito — accessivel ao ma-

ravilhoso pela quente imaginação da velha tia Rosa — avolumava, chegava mesmo a corporisar, ainda que subtilmente!...

...E quando, tempos depois, a figura rachitica do *Pouca-roupa* atravessou ao fundo a alameda, a passo demorado, fazendo balouçar a lanterna mortiça e tilintar o grande mólho de chaves, um invencivel temor supersticioso nos accommetteu a todos! Não era a figurinha corcovada do *Pouca-roupa* que se nos deparava, eram as fórmas agigantadas e pavorosas de qualquer lobishomem, que se abeirava de nós, fulminando-nos na sua acção catalytica!

E o Victor, como um general que espiasse nas attitudes pouco determinadas dos seus soldados, o momento solemne em que o triumpho se escapa, soltou, a geitos de eloquente, momentosa e opportuna proclamação:

— Lá vem o *Pouca-roupa!*

A solemnisada:

«...Do alto d'aquellas pyramides, quarenta seculos vos contemplam!!» não incutiu, sem duvida, mais coragem no animo dos soldados do heroe da Corsega, do que a banalidade do garoto trasmontano logrou accender no espirito d'essa grande bandada de pequenos!

Chegou emfim o dia aprazado!

A tarde passou-se em grossos preparativos, como se tão futil empreza reclamasse os mais serios cuidados! Tudo em ordem; nada faltava. Pedras, eram aos montes, juntas dos grossos troncos das carvalheiras seculares. Á ultima reunião ninguem se escusára... Que admira, se á luz do sol o *Pouca-roupa* não passava d'um enfezado homunculo, de quem nós todos troçavamos irresponsavelmente!...

Procurando distrahir as attenções e mesmo para illudir a desesperada impaciencia, combinamos reunirmo-nos todos, como era vulgar, em minha casa, á lareira, ouvindo as historias da tia Rosa...

E demais ficava perto: cem passos, se tanto; que era isso!

— Tia Rosa?... historias; queremos historias — intimei com desembaraço de dono da casa.

— Que quereis que vos conte, meus filhos?

— Uma qualquer; nós sahimos d'aqui a pouco. Já tenho licença da mamã...

— Sahir de noite! E os lobos?!

— Os lobos! — voltei perplexo.

— Não passamos da alameda — affirmou o Victor, muito determinado.

E a velha insistiu com a perigosa e provavel apparição dos lobos. A proposito vieram uns casos de pastores devorados, a quem os malditos deixavam apenas, para reconhecimento da identidade das victimas, os pés dentro dos grossos sapatos, o largo chapéo desabado e o cajado inutil...

Necessario foi portanto restringir, que não passariamos da ermida; e que mesmo eramos muitos para que houvesse a temer os maus encontros.

— Sósinho, sou capaz de ir até lá! — farçolou o Victor.

— Não queiraes experimentar! — defendeu a velha, expressando terror.

— Pois vou já! — tornou o garoto levantando-se.

— Ó Victor, antes de ires, deixa-te contar o que d'uma vez aconteceu, na minha terra — era eu ainda bem moça — ao hereje do sapateiro hespanhol.

E a velhita, esqueletica, pondo-se de pé, contou — com invejavel riqueza de colorido, com gestos os mais apropriados, com imitações onomatopaicas impressionantes de justeza, a que, por ultimo, a propria luz dubia da lareira accrescentava o poder terrifico — contou que: n'uma altercação de valentias, na taberna do *Pintasilgo*, o hespanhol apostára, um cantaro de vinho, em como era capaz de ir espetar a faca do officio na porta da igreja. A noite estava escura como a bôca d'um lobo. Chovia, se Deus a dava! O hespanhol arrotando de forte, em-

buçou-se na capa, sahiu e tomou a direcção da porta da freguezia. O vento gemia pelas arvores, que parecia os lamentos de almas penadas rogando preces. Os que estavam na taberna, viram-no formar e empregar a facada, que produziu um grande urro! De repente enxergaram que o vulto do hespanhol dera dois passos atraz, girára subitamente sobre o lado esquerdo e cahira redondo e de borco no chão! Animando-se uns aos outros correram a *elle;* abalaram-no... O hespanhol não buliu mais; estava morto, envolto na capa e a capa presa d'encontro á porta pela propria faca do hespanhol!

Castigo de Deus!

Ai, filhos, se lhe vissem a cara de Escariote com que ficou!... Que horror! Preto, muito preto, o bugalho dos olhos a estoirar; os cabellos em pé, como se tivesse visto lobo! E a mão direita, com que elle dera a facada?! Oh! a mão direita! tinha os dedos revirados, as unhas para a palma da mão! Nunca se vira um aleijado assim!

Não fôra enterrado em sagrado! Apodrecera ás vinte e quatro horas! A aldeia estava apavorada e cheia de fedor que *elle* deitava de si, um fedor a pêz e a enxofre, das caldeiras do *Pero Botelho!...* Que castigo, oh Virgem! vestido e calçado no inferno!

Entretanto chegára a hora.

Nem um de nós ousou acompanhar o Victor. O cadaver hirto, negro, desfigurado do hespanhol, a ferver nas caldeiras infernaes — quadro que a tia Rosa, com o magico poder da sua imaginativa e feliz descripção conseguiu desdobrar á nossa vista — ridicularisou até esse outro que tanto nos enchera de terror na vespera:

... a figura corcovada do *Pouca-roupa* atravessando ao fundo a alameda, a passo demorado, fazendo balouçar a lanterna mortiça e tilintar o grande mólho das chaves!...

Ficamos. Elle, muito pallido, e depois d'um momento de indecisão, foi-se, acoimando-nos mentalmente de «poltrões».

O que se seguiu, facil é hoje de recompôr a quem, como eu, o escutou no dia immediato, pasmado e respeitoso.

Lá fóra a noite escura como a bòca d'um lobo; o vento a gemer nas arvores, como lamentos d'almas penadas rogando preces; e o frio — um frio d'essas longas noites do inverno trasmontano — a arroxear as carnes dos retardatarios.

Ao fundo da extensa alameda de velhas carvalheiras — povoadas de mysteriosas entidades imponderaveis, subtilmente corporisadas, a fulminarem, na sua acção catalytica, o Victor — a lampada a bruxulear ao sabor da ventania e a ermida silenciosa e attenta como n'um desafio!...

O garoto, caprichoso e arrojado, avançou devagar, olhando em volta, parando a cada grupo de folhas que redemoinhava, a cada pequeno ramo que cahia, a cada subtil ruido que lhe abalava a contenção nervosa.

Assim, cercado de arvores gemebundas e espiado pela lampada bruxuleante, quantas vezes não sentiria desejos de dar costas, de fugir!...

... Chamando a si toda a assustada coragem, municiou-se com alguns dos seixos que a nossa previdencia depositára junto dos troncos das carvalheiras seculares e avançou para a ermida. A distancia, fez a pontaria, despediu a pedra. A pedra, atravessando por entre os varões de ferro que defendiam a janella, se não logrou alcançar o alvo, feriu a parede opposta e veio resaltar no pavimento da ermida, produzindo um grande estrondo, alarmante, temeroso, na calada da noite e do echoar da egreja...

...

Aproximou-se; apontou de novo; atirou segunda pedrada igualmente infructifera.

Tranzido de frio e quasi vencido pelo pavor ficou-se, os cabellos eriçados! O bruxulear da lampada era como que um ludibrio á sua reputação de fundibulario.

N'um ultimo esforço abeirou-se da janella; a escarnecedo-

ra lampada estava, se tanto, a quinze passos. Agora é que não havia falhar. Se bastava, quasi estender o braço!

A tremer de frio e de commoção, apontou. A pedra arremessada com a maxima força, partiu. Porém, dando de encontro a um dos varões, tirou um som agudo, estridulo, e recochetou, vindo apanhar o proprio atirador em pleno peito!...

As arvores gemebundas, a lampada bruxuleante, as vibrações metallicas do varão, a figura esqueletica da tia Rosa, o cadaver hirto do hespanhol, tudo concorreu para vencer a coragem do Victor, que, dominado e estarrecido, largou a correr para casa diante d'esse invencivel inimigo que o apedrejava!...

Ora, se o seculo xx tivesse obrigação de possuir tias Rosas e os meus netos consentissem em escutal-as boquiabertos e interessados, como ellas lhes contariam a cara de... Escariote com que ficou o Victor!

E, dada a degeneração crescente da especie, cuido que teriam a accrescentar que o Victor, fugindo, cahira, a meio caminho de casa, já pôdre e fedorento!

F. Sá Chaves.

DIORAMA

I

Nada de pretenções! Estes ligeiros versos
Esboços naturaes, vagos *croquis* dispersos,
Que emfim colleccionei e que publico agora,
Não têm a rima d'oiro, a rima bem sonora,
Nem talvez a palavra ardente e burilada
Que nos canta ao ouvido essa canção sagrada
Do Rythmo, e nos imprime a sensação divina
D'uma orchestra tocando um preludio em surdina...
Não! que ninguem pretenda achar conceitos bellos
N'uns versos que serão apenas bem singelos...

II

Pallidos menestreis de cabelleiras louras
Que andaveis a cantar em *poses* sonhadoras
As bellas castellãs dos tempos medievaes,
Tangendo o bandolim, todos sentimentaes,
E cuja tradição é hoje legendaria:
Tivesteis uma sorte immensa, extr'ordinaria,
Não vindo n'este sec'lo exotico e pedante,
Sec'lo no qual impera o *vil metal sonante*,
E aonde as castellãs, em vez d'um trovador,
Preferem um barão ou um commendador!

III

Como o passal do cura é branco e perfumado!
Trepadeiras em volta, as pombas no telhado,
E uma quietação suprema, inabalavel.
Certo, que o senhor cura, um velho respeitavel,
Cuja cabeça branca alveja á luz do sol,
E que não vê um pobre emfim que o não esmole,
É um velho feliz, cujo bom nome é tanto
Que tem creado até reputação de santo...
Mas moram mesmo em frente, umas reles visinhas
Que rosnam quando vão lá vêl-o umas sobrinhas...

IV

Noite silenciosa. O mar ao longe dorme.
Ouve-se o respirar cadenciado, enorme
Do peito do gigante. A espaços uma véla
Como uma solitaria e estranha sentinella
Corta as aguas de prata. E o mar então acorda
E erguendo-se espumante envolve e beija a borda
Do barco que prosegue a marcha vagarosa,
E escolta-o co' uma cauda immensa, luminosa...
No emtanto qual pupilla aberta sobre o espaço
A lua lança á scena um olhar morno e baço.

V

Como eu adoro o campo, esse tapete verde
Aonde ebrio de luz, o meu olhar se perde!
Vem já tombando a tarde. O sino d'uma ermida
Lança no espaço a nota idyllica e sentida

Do bronze. Pela estrada immensa e poeirenta
Passa uma lavandeira ao trote da jumenta.
E em grande bando alegre, os bons trabalhadores
De cigarro na bôca e de viçosas côres,
Caminham devagar, mangas arregaçadas,
Conduzindo em trophéo as pás e as enxadas.

VI

A capital suffoca. Enormes paredões
Erguem-se contornando as mil bifurcações
Das ruas. Lá de cima, o sol a prumo espalha,
No macadam chispante um fogo de fornalha.
Cheira muito a mar'zia. A custo e todo mágoa
O povoléo caminha. Homens pregôam agua.
Mas defronte de mim uma mulher heroica
Expõe em pleno sol, co' uma indiff'rença stoica
A languida cabeça e o busto delicado,
A vêr não vá passar acaso o namorado...

VII

Como a felicidade é má e egoista!
N'um flaccido abandono, e sob a minha vista,
Os noivos passam rindo um riso alegre e franco,
E ella, sustendo a cauda ao seu vestido branco
Embebe o negro olhar nos olhos fitos d'elle.
Que grupo tão feliz e tão risonho aquelle!
No emtanto, mais atraz um joven Lovelace
Caminha. Ao presentil-o a noiva occulta a face
Onde o rubor se estampa. E, ó meu pensar tão vario,
Eu penso em que é melhor ficar celibatario...

VIII

A musica produz em mim um não sei quê
De estranho. Ella tocava a *Carmen* de Bizet
Quando eu entrei na sala. O monstro de pau santo
Como uma fera a quem por mysterioso encanto
O domador subjuga, exanime, soltava
Dos dentes de marfim a nota que echoava
Na minh'alma d'artista absorta e commovida.
E uma lagrima ardente, a lagrima contida
Que queima, despontou no meu olhar. Incrivel!
Eu que odeio o piano, esse instrumento horrivel!

IX

Eu te invejo burguez boçal e corpulento
Que nunca exp'rimentaste o que é um pensamento
A martellar insano! A tua longa vida
Tem sido uma chalaça enorme e divertida.
Comes como um abbade e dormes como um justo;
Um desfalque no banco — eis o teu grande susto!
Tens predios, inscripções. E como isto não basta,
Tens uma mulher boa, affectuosa e casta
Que te adora talvez! E a tua mão callosa
Afaga d'um *bebé* a face côr de rosa...

X

A velha cathedral abre de par em par
O seu negro portão. Ouve-se resoar
A supplica d'um pobre humilde e desolada,
Que mostra á luz do dia a perna gangrenada.

E dentro, a perturbar a quietação da nave,
O velho sacristão d'aspecto nobre e grave
Passa açodadamente e com ranger de botas.
Na teia, a cochichar, agrupam-se as devotas.
E no confessionario, um padre rubicundo
Medita com prazer nas coisas d'este mundo...

XI

A baroneza é já uma senhora idosa,
Muito amiga de dar, muito religiosa,
Mas que não é beata. Os seus brancos cabellos
Formam-lhe sobre a fronte artisticos novellos,
E ás vezes através dos oculos dourados
Parecem scintillar-lhe os olhos já cansados...
Conversa muito bem. Tem graça. Hontem fui vel-a:
'Stava sentada a lêr junto d'uma janella
E não me presentiu. Na capa de *chagrin*
Do livro, pude lêr: *Mam'zelle de Maupin*...

XII

Eu tenho um cesto antigo, um cesto bem vulgar
Aonde muita vez costumo arremessar
Os meus velhos papeis, ha annos sepultados
No fundo da gaveta. Uns versos começados,
Uma carta qualquer, ainda perfumada
Cuja calligraphia um pouco complicada
Accusa mão de femea, alli jaz tudo! Tanto
Que o cesto tem p'ra mim um verdadeiro encanto,
E que não é sem um vislumbre de saudade
Que eu rasgo e lanço n'elle a minha mocidade...

*

XIII

Passa a tropa que vem d'um grande funeral.
A banda vai tocando. O estridor do metal
Irrompe pelo espaço, enorme, retumbante.
Logo atraz, segue a passo, o velho commandante.
E o sol que se espaneja em ondas esbrazeadas
Arranca chispas d'ouro ás folhas das espadas.
No emtanto, um capitão de buço retorcido,
Trota com ar gentil, todo desvanecido,
A ruminar talvez, com certa commoção
Que ainda póde vir a ser Napoleão!...

XIV

N'uma rua da baixa, um velho alfarrabista
Vende com ar velhaco, a bibliotheca mixta
Que tem no vão de escada: « Os classicos diversos,
Sciencias, livros d'arte, os bons romances, versos,
Tudo em segunda mão ». No seu olhar matreiro
A cubiça reluz na esp'rança do dinheiro.
E elle, que vende bem e por preço elevado
Féval, George Ohnet e o Montépin safado,
Compra por desfastio e com desdens crueis
Os livros de Flaubert; e dá quarenta reis...

XV

A doença embrutece. Ha oito dias sinto
O que qualquer Musset, emborcador d'absintho,
Deve sentir após continuas libações.
Sou, como um manequim sem nervos nem tendões,

Que um machinismo impelle e faz mover a custo.
Bebo, finjo que como, e durmo como um justo.
Aborrece-me tudo. Os livros, os jornaes
Detesto-os. Não trabalho. Uns versos bem banaes
Levam-me tempo immenso a martellar, e nada!
Como é bom ter saude e a bolsa recheiada!

XVI

A alcova é toda azul. Ao canto o leito d'*Ella*
D'uma brancura estranha. Uma pequena téla
Recorta na parede a fronte immaculada
Da Virgem, que agonisa, inerte, resignada.
A lampada suspensa e prateada, entorna
Na mysteriosa alcova uma luz baça e morna.
Longe, n'uma peanha e todo em *biscuit*
Cruza um satyro as mãos sobre a barriga e ri.
Quebra de vez em quando este socego enorme
A pendula n'um *tic* eterno e uniforme.

XVII

Inverno. A chuva cae, contínua, impertinente,
Tocando na vidraça uma canção plangente.
A rua larga, escura, é como um lago d'agua
E no vão d'uma porta uma mendiga! A Mágoa
Cresce no seu olhar faminto e já sem brilho,
E emquanto estreita ao peito o pequenino filho
P'r'o resguardar talvez da asperrima nortada,
A velha estende em vão a sua mão gelada
Á Caridade. Ó mundo! e a Caridade passa
No fôfo d'um *coupé*, sem vêr essa desgraça...

XVIII

Bairro mais que modesto. As casas muito brancas
Respiram honradez pelas janellas francas.
No meio da calçada, herculeos e trigueiros,
Martellam sem cessar os rudes calceteiros.
Varinas d'olhar negro, a mão sobre o quadril,
Passam mostrando um todo audaz e varonil.
No entretanto um velhote alcachinado, obeso,
Que a custo vem vergando ao seu enorme peso,
Lança-lhes com disfarce a vista cubiçosa
Sobre a perna roliça, um pouco musculosa...

XIX

O outono vem despindo os arvoredos. Ninhos
Deixam de palpitar nas urzes dos caminhos.
Uma tristeza enorme e desolada pesa
Como uma nuvem negra em toda a Natureza.
E emquanto as folhas vão juncando sem cessar
O sólo devastado, eu que sinto tombar
Tambem a pouco e pouco as crenças da minh'alma,
Comparo-a mentalmente á Natureza calma,
E esta melancholia immensa que me envolve
E como a nuvem negra e nunca se dissolve!

XX

A feira regorgita. Em cima d'um tablado
Um palhaço já velho, exotico e caiado
Grita co' uma voz rouca e n'um tom de falsete:
«Vae já principiar! Comprem o seu bilhete!

A vêr! A vêr!» No emtanto a companhia passa
Com bellos ouropeis. Ao vêl-a, a populaça
Solta uma exclamação de pasmo. A musical
Inferneira d'um bombo e d'uns sons de metal
Irrompe atroadora. E p'rante aquella scena
Guincha um macaco e ri d'uma maneira obscena.

XXI

Ás vezes ao lançar os olhos p'lo passado
Tão ermo d'affeições, tão triste e desolado,
Aonde não brilhou um clarão d'esperança
Nem cantos de mulher, nem risos de creança,
Que me dessem a paz e a luz do seu carinho;
Eu que encontrei a Dôr de pé no meu caminho
A perseguir-me sempre, inexoravelmente,
Eu sinto uma saudade immensa e persistente
D'essa época fatal, que o tempo arrebatou
E que não volta mais, pois nunca mais voltou!

XXII

Um poeta qualquer da geração antiga
Póde não ter talvez nada que se lhe diga,
Ser um homem de bem, uma bella pessoa,
Incapaz de insultar aquelle que o magôa
Ou de matar a mosca infame que o morder,
Mas o que com certeza elle não póde ter
É força p'ra fugir á classica rotina
E ser um Genio em vez de ser um *papa-fina*.
Existe ahi porém gente que applaude e lê
Serpa, o dôce Vidal e o luso Beranger.

XXIII

Como quem vai fumando um maço de cigarros
E fica a contemplar os turbilhões bizarros
Do fumo que se evola em nuvens pelo espaço,
Assim eu fui tecendo, alegre, sem cansaço
Estes versos banaes, que acabarão talvez
Por desequilibrar os queixos d'um burguez
No bocejo fatal, enorme e vingador
Com que um burguez esmaga um bardo massador.
E assim como esse fumo, hão de voar dispersos
Na prosa d'esta vida, os meus ultimos versos.

Lisboa, 1891.

Eduardo Pacheco.

CONTO DO MOINHO

— Então vossemecê é que era o dono d'este moinho? — perguntava um homem com apparencia de lavrador modesto a um mendigo abancado á mesma mesa da taberna engendrada nas paredes d'um moinho ao abandono.

Chovia. Dentro, no conforto egoista dos recolhidos, o taberneiro, pingando-lhe o nariz, medindo decilitros ao balcão, e a mulher cozinhando a uma lareira de achas que estalavam e aqueciam a mescla de hervas e caldo na panella, d'onde sahia o fumo confortante para a humidade da casa-terrea; o mendigo que fôra moleiro olhando para a espuma de meio litro de vinho que lhe pozeram diante, e o homem que ia alli combinar a venda de dois novos cascos e agora mastigava pachorrentamente sobre o prato de chispe com chouriço de sangue.

— Ó snr.ª Maria, traga lá uma rolinha para o moleiro beber este meio litro.

A mulher arrastou os tamancos até á mesa e depôz a tigela do caldo a que o calão dá o pittoresco nome. O outro, confortado, respondeu ao curioso que tinha sido o moleiro do moinho havia vinte annos.

Hoje tocava os sessenta. D'uma cara com rugas lustrosas no baço da côr torrada do sol e suja por uns pêllos ralos e quasi brancos, sahia-lhe o olhar vago que expressava a vida he-

sitante de vencido. Vivera com a mãe, alli, u'aquelle chão em que agora bebia. Elle sempre fôra bebado. Entrava no moinho altas horas, atirava-se sobre a enxerga, emquanto a velha vigiava para o chamar a mudar as velas quando mudava o vento. Era um inferno, ás vezes. Elle grunhia, praguejava; a velhita invocava o céo e as trevas, a Virgem e o diabo, para o fazer levantar. Quando elle ia a Lisboa com a fileira dos machos carregados de farinha, voltava de lá ainda em peor estado.

A mãe deitava cartas e sabia o livro de S. Cypriano. De dia vinham consultal-a as raparigas de Campolide, da Cruz das Almas e até das Amoreiras! A Rosa de Campolide, filha do serralheiro, desejava saber se o soldado da guarda municipal, que lhe comprára um annel de coral na feira das Amoreiras, casaria com ella. Tinha o meio mais simples. Embrulhava doze vintens na ponta do lenço e dirigia-se á Thereza do Moleiro para lhe deitar as cartas. A tia começava as invocações, não esquecendo o sacramental «S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, etc.»; e deitava as cartas. Vinha, por exemplo, uma dama de ouros, que era a Rosa, uma dama de espadas, que era uma mulher de más palavras e intrigante, um tres de copas, que significava boa surpreza, o az do mesmo naipe, que queria dizer calumnia, e, emfim, o valete de paus, que era o soldado. Thereza explicava: a mulher de más palavras gosta do homem e calumnía Rosa, mas elle tendo tentado esquecer a Rosinha, é forçado a apparecer-lhe — como vês por este tres de copas que significa surpreza — e casam.

Gabava-se tambem de ter prophetisado a fuga d'uma fidalga, que ao tempo morava na casa do Junot — o enorme casarão á esquerda das portas da cidade e onde o general era visitado pela condessa da Ega. Um rapaz do commercio tinha de olho a menina destinada pelo pae a individuo da sua origem. Logo não podia vêr tal namoro e ministrava a Leonor os mais estranhos e crueis castigos, improprios d'um «pae extremoso» — que assim se appellidava nos conselhos de familia e na hora solemne do chá com torradas o snr. Rodrigo de Mello Soares Coutinho, enternecido. Bem. Leonor decidiu mandar sorrateira-

mente vir Thereza e pediu-lhe que deitasse as cartas. Veio a tia, e depois da operação, explicou que as cartas diziam que só o rapto podia entregar Leonor a Augusto — pois que o dois de paus misturado com o tres d'espadas queria dizer lucta e muita lucta; porém o seis de ouros era escada e significava que a dama do mesmo naipe, que era Leonor, é bem de vêr, tinha de descer, se quizesse tombar nos braços do caixeiro. Tão convincentes foram as sortes, que d'ahi a tres dias a menina fugia com Augusto, e o extremoso pae, depois de ter mandado nocturnamente sovar o fatal raptor, consentiu — premio de consolação — no enlace, afim de remediar os inconvenientes sociaes.

Thereza, quando o moinho começou em decadencia por causa dos «malditos engenhos da cidade» — tinha designado as fabricas — sentiu-se penetrada de desanimo e começou praticando com fervor a religião. Um dia ouvira uma pratica na ermida da Cruz das Almas — os sinos tanto repicaram *dlim, dlão, dlim, dlão,* que conseguiram ferir um echo na surdez dos seus setenta e seis annos — e decidil-a a ir á festividade. Levou a alma de peccadora e trouxe o espirito de arrependida. Era na quaresma: fez confissão geral e, persuadida de que o deitar cartas era um medonho peccado, que um padre, do pulpito da Cruz das Almas, não hesitára em fulminar, inutilisou-as e apegou-se de devoção á Senhora da Agonia e ao Senhor Jesus da Boa Sentença.

Quando os moinhos soffreram o inicio da guerra que lhes arrancou as velas e deu aos arrabaldes de Lisboa, d'antes tão alegrados pelo aspecto das casitas alvejando no meio dos cerros e da verdura, o espectaculo de desolação e abandono, faça-se justiça ao Pedro Moleiro: — elle luctou contra a corrente — e chegou mesmo a fazer a dois padeiros da rua dos Douradores um discurso energico de murros no balcão. De dia quasi não provava o vinho. Chegava-se á porta do moinho e fazendo pala com a mão para tapar o jorro do sol, espraiava a vista pelos arredores; olhava para os Sete Moinhos, para os Terremotos, para a Senhora Sant'Anna, para os Arcos, para o Monsanto, e cada dia a sua curiosidade tinha um desalento mais

prostrador, uma irritação mais apunhalante. Pouco a pouco, das dezenas dos que trabalharam, viam-se aqui e além, um ou outro moinho que andava, que luctava. Eram os obstinados que tentavam alentar — ainda! — aquelles que a má sorte já prostrára. Quando o sol jorrava toda a clara animação d'um dia de maio sobre a herva verde, pascida pelos bois, mastigando-a com a sua paciencia de resignados, e ovelhas desinquietas que saltavam os vallados, apesar das pedradas certeiras dos guardadores; quando esse sol cahia sobre a terra, esboroada aqui, semeada além, nos dias em que o barulho dos riachos, os echos das encostas, o chiar dos carros, toda a agitação da natureza e dos animaes, toda a seiva, todo o vivificar, contrastava com a tristeza das moradias, em cima das serras, aos portaes appareciam caras espantadas de desesperados, de inertes, o olhar extatico dos que vêem os que têm vida e trabalho, com a inveja dilacerante e inexprimivel.

Morreu-lhe a mãe, uma noite. A ausencia! a ausencia! o abandono! o abandono! Só, sem alma com força para soffrer mudo o doloroso isolamento de desintellectualisado, a quem a mesma pobreza remediante ameaçava transformar-se, com a rapidez d'um abysmo inevitavel, em miseria prostradora: elle nada vê, a nada olha, a nada attende. Vendeu o moinho a um qualquer que lh'o adquiriu por bagatella com que pôde sustentar-se um anno, se tanto. Depois mendigou; e hoje — outro depois que tem quinze annos — mendiga ainda. Oh, mas está resignado. O vinho, o vinho é um bom vicio, acariciador e meigo, que não abandona os infelizes e a que elles se apegam com o frenesi tenaz dos naufragos. Elle ahi está na casa que foi sua, saboreando-o e comprimentando o lavrador pela boa colheita.

— Traga lá mais meio litro para o tio Pedro, snr.ª Maria, ordena o homem que lhe soubera a vida n'aquella meia hora de excitação.

— Ora Deus lh'o pague! diz o moleiro.

E reanima-se. Se elle, que anda por alli e que tem a enxerga n'uma estalagem proximo de Palhavã, não havia de vir

dar os seus passeios, mitigando saudades, aos sitios que o viram feliz! A snr.ª Maria e o seu homem têm dó do velho e dão-lhe os restos da comida que era mal empregada nos cães. É verdade os cães são bravios e alertos, pois que a cada passagem dos freguezes pelo carreiro do quintal, ladram com insistencia. E estão ainda ladrando, emquanto Pedro explica que têm caridade com elle, desde que um dia alli appareceu, depois d'uma ausencia de mezes, e viu o seu antigo moinho com signal de vida e feito casa de comer.

O olhar avermelhado pinga-lhe um sôro de commoção.

— Traga lá mais meio litro para o tio Pedro, ordena o prasenteiro sujeito, levantando-se.

— Muito obrigado a v. s.ª, rouqueja o moleiro, encostado á mesa, segurando com a mão a testa pendida e coçando com dois distrahidos dedos a crespuda cabelleira. E esgazeia o olhar para o liquido que barra a tijela; e bebe.

O lavrador põe mais seis vintens de vinho á disposição do seu amigo moleiro, e vai-se, deixando-o agarrado á banca, pensativo, seismatico, a barba pingada, a bôca arrotando baforadas quentes da combustão da fornalha interior.

— O tio Pedro tomba-nos debaixo da mesa e não nos sae de lá por hoje, observa a snr.ª Maria ao companheiro domestico.

— Ha de sahir, que em anoitecendo ponho-o fóra.

O discutido emborca os dois meios litros e resta inertemente olhando, olhando, no seu olhar vidrado de saudoso e de bebado, n'um extase feliz e comprehendido. Lá o levantam e o aconselham a que vá para casa, que se vá deitar. Convencem-no. É noite. Chove ainda. Uma chuva empurrada pelo vento zenidor entra-lhe nos ossos e dá-lhe, depois de encharcar-lhe os poucos trapos que o cobrem — ou o descobrem — uma sensação de mau estar. Treme. Encosta a cabeça pelos muros e bordeja. Vai descendo d'escantilhão a estrada de Campolide e, á esquerda, vê lume e pára. São os fornos de cal do Domingótas, onde a enorme fornalha deixa vêr a labareda rubra e tentadora. Cada vez treme mais — o moleiro. Alli dorme, ás vezes, quando o vi-

nho o não deixa chegar a Palhavã. Palpa o chão: está confortavel, está mórno. Uns palmos adiante, os dois fornos ou os dois buracos, deitando o calor que tenta, n'aquella noite de chuva açoitada e de vento uivante. Prostra-se ahi, bem conchegado, na atmosphera convidativa. E ronca em breve.

Mas parece que o dormir foi um tanto agitado, porque de manhã, quando um dos forneiros acordou estremunhado e foi examinar se os fornos estariam frios, deu com um homem lá tombado. Tiraram-no para fóra, apalparam-no, escutaram-no, sacudiram-no. O outro forneiro conhecia-o. Depois veio mais gente: todos concordaram que era o Pedro Moleiro e que estava morto.

M. Caldas Cordeiro.

Á PEQUENINA GUIDA

Não ha encanto no mundo
De mais suave expressão:
Visão de Graça num fundo
Feito de amor e perdão.

Pequenina miniatura
De um delicado missal,
Escripto pela Ventura
Com tinta primaveral,

A dôce luz dos seus olhos
Erra dolente, a cantar,
Como nas moitas de abrolhos
Se estende um manto de luar.

Se ella passa — que harmonia! —
Dentre as ramagens em flôr,
Na rosea sélva irradia
Um mar de som e de côr.

Nos beiraes, as andorinhas
Perguntam quem ella é:
Sonham servil-a sósinhas
Num pequenino *chalet*,

Onde em noites encantadas,
No seu idioma gentil,
Possam cantar-lhe as balladas
Dos astros, no mez de abril.

Um ramo de balsamina
Sonhou que um dia viveu
Dentro da flôr pequenina,
Naquelle lirio do céo...

E de azul que elle então era,
Logo ao romper da manhan,
Fez-se mais branco — ó chimera! —
Do que uma alma christan...

Disse o rio, com meiguice,
Um dia, ao entardecer:
— Se ella em meu seio cahisse,
Nem a molhava sequer...

E um Poeta, um Visionario
Que adora os poentes leaes,
Perdido num mundo *vario*,
De *variedades*... reaes,

Vendo a flôr dos Universos,
Mais alva do que o marfim,
Prendeu-lhe estes pobres versos
Nas azas de cherubim...

1891 — Lisboa.

Joaquim de Araujo.

TRES DIAS EM DJEDDAH [1]

II

No dia seguinte, immediatamente ao almoço, largámos para terra. Lanzac, persistindo no proposito que até então se me figurára simples brincadeira, teimou em ficar a bordo. Não houve considerações, nem pedidos capazes de o demoverem d'essa caturreira, impropria da sua idade e contraria á habitual annuencia a todas as diversões que se lhe propunham, quando não partiam da sua iniciativa, que na verdade era o que de ordinario succedia. Ao proprio Mac-Ennery, apesar do antagonismo que os distanciava, nunca havia recusado complacente páreo no jogo da malha, com que o rubicundo insular provocava a elaboração do chylo trabalhoso pelas avantajadas ingestões de *corn beef* e *boiled mutton,* amplamente regadas n'um diluvio de *pale ale,* a que no glossario da sua voracidade correspondia o modestissimo nome de jantar.

A bisbilhoteira ociosidade de bordo deu fóros de phenomenal acontecimento á obstinação de Lanzac, que aliás me parecia não ser caso para tantas quebradeiras de cabeça. Noventa e nove por cento dos compromissos de um coração tão soluvel como o producto das plantações de Nossi-Bé que os fomentavam, podiam resolver-se pela formula — *cherchez la femme.* O x da incognita encontrava-se facilmente, dada a hypothese de que a

[1] Continuado da pag. 478.

bordo não havia beldade que podesse desviar em beneficio proprio o fumo do incenso queimado pelos camarins dos cafés cantantes de Port-Said. Logo ou o desprendimento mundano apparentado por Lanzac era um ex-voto pendurado mentalmente nas aras da deidade viennense, ou a infallibilidade algebrica é um conto da carochinha. Conheço, porém, um proverbio arabe que diz: — esconde os teus projectos, os teus thesouros e o teu caminho, — e como a experiencia me convenceu da vantagem de acatar as maximas e os preconceitos do povo, entre que accidentalmente me encontre, evitei mostrar que me assenhoreára de um segredo que me fôra occultado.

A travessia até á praia fez-me por vezes scismar nos azares de uma excursão pelo deserto tanto, quanto a subida de curiosos em balão captivo póde equiparar-se á vertiginosa corrida do aereonauta, perdido na infinidade do espaço. Apesar de ainda não serem dez horas da manhã, o calor era offegante, e grossas bagadas de suor nos escorriam pelas faces ao mais ligeiro movimento. O sol dardejava sobre nossas cabeças ondas de fogo, cujas labaredas deveriam andar diluidas no ar que respiravamos. É certo que o *simoun* não levantava sob nossas pegadas torvelinos que ameaçassem sepultar-nos entre camadas de areias esbrazeadas, nem havia receios de algum bando de beduinos cahir de improviso sobre a nossa indefeza caravana, como alcateia de lobos esfaimados. Sentiu-se, todavia, o supplicio da sêde, que a ardencia do sol tornava excruciante, porque a provisão da agua, que se mettera no bote, esvasiára-se por entre as resequidas aduellas do barril em que fôra guardada. Para maior contrariedade subito estremecimento seguido de um roçar arrastado ao longo da embarcação, foi o triste annuncio de havermos encalhado; sendo o menor dos perigos que nos ameaçavam termos de ficar á espera que o fluxo da maré de novo pozesse o escaler a nado.

Felizmente que não nos sahiu o caso tão feio como ao principio se antolhára. É certo que com algum trabalho, sempre os remadores foram conseguindo safar-nos do baixo, de sorte que, depois de pouco mais de duas horas de trajecto, abi-

cámos á praia no ponto que mais se presta a caes de desembarque.

Passada a porta da cidade, a que uma sentinella turca se encostava somnolentamente, entramos n'um pequeno largo em que a concorrencia era mais que extraordinaria. A cada passo tinhamos de fazer alto, encolhendo-nos uns contra os outros para dar passagem a récuas de camellos, que os conductores atiravam sem maior reparo sobre quem se não apressasse a desviar-se ao grito que de tempos a tempos soltavam. Excessivamente polidos e attenciosos estes senhores guias de camellos!

Atravessado o largo á custa de varios e variados abalroamentos, seguimos por umas sujas veredas em torcicollos, a que o euphemismo arabe se compraz em chamar ruas. Tortuosas e sombrias comprehende-se que o sejam n'um paiz em que o sol tem a pertinacia de um flagello; a conveniencia, porém, de as aproveitar para monturo de despejos, é problema para ser resolvido com mais vagar pelos enthusiastas das maravilhas do Oriente.

A medida que me embrenhava n'essa encruzilhada de beccos e travessas, desfazia-se a agradavel impressão que, do mar alto, me havia causado a risonha perspectiva de Djeddah. E no emtanto um consideravel numero de habitações revelavam uma certa preoccupação artistica, traduzida no esmero do lavor dos portaes, no rendilhado dos rotulos dos balcões e nos arabescos pintados á similhança de azulejos.

Pela garganta de um d'aquelles interminaveis beccos desembocamos no principal bazar da cidade, que, ao contrario do que deveria suppôr-se em relação ao seu renome e importancia, não passa de uma rua tres ou quatro vezes mais larga e um pouco mais direita que as ordinarias.

Um toldo de taboado fórma uma especie de abobada que protege o terreiro contra os raios do sol; mas o que se ganha em sombra perde-se na recrudescencia da temperatura, em resultado do obstaculo opposto á renovação do ar atmospherico, e se outro tanto não digo a respeito da circulação da aragem, é porque me ensinaram a não murmurar de ausentes.

*

As lojas que ladeiam o bazar em todo o seu comprimento, poderiam sem grave offensa chamar-se pocilgas, tanto pelo acanhado do ambito, como pelo desalinho com que as mercadorias se acham amontoadas a trouxe-mouxe. É para notar que sendo este o maior bazar da cidade, é aquelle em que se acha insignificantemente representada a producção oriental, occupando um logar proeminente os artigos mais ordinarios da industria europeia, especialmente no genero contaria e pechisbeque. Uma guloseima, que na abundancia da offerta rivalisa com a massa de tamaras sêccas e a compota de conserva de rosas, é a do milho estalado ao calor do brazido, a que em algumas das nossas provincias se dá o nome de *freiras*.

De resto, o que no bazar me pareceu haver de mais confortavel são os cafés, em numero de cinco ou seis, não obstante esse conforto dever ser considerado n'um ponto de vista relativo.

N'um d'aquelles cafés uma caixa de musica moía a acompanhamento obrigado a tambores e campainhas, a *Casta Diva*, da Norma. Só um ouvido arabe supportaria tal charivari; mas eu, que não sou arabe, não me incommodei muito com elle, porque me transportára nas azas da phantasia desde os cafés cantantes de Port-Said até aos botequins de *camareras* em Lisboa, postos par a par no lisongeiro prisma por que os via a minha saudade. E olhei sorrateiramente para o interior do café arabe na esperança de surprehender os lascivos requebros d'essas famosas *bayadeiras*, cujas faces têm o branco mate das perolas, e os olhos scintillações roubadas ás estrellas do céo. Em vez das alegres sacerdotisas da Volupia appareceram-me, na mais hedionda das realidades, uns achavascados barbaças, tontos e dorminhocos como serventes das bodegas da Alfama.

Na Arabia tudo tem a sua lenda. O café, que se tornou uma das primeiras delicias na vida sensual dos orientaes, não devia ser exceptuado. Não o foi: e até mesmo póde affirmar-se que a gratidão dos arabes se manifestou na diversidade das lendas que celebram a superioridade dos seus attributos. Para amostra contarei a que me pareceu mais vulgarisada.

Refere a lenda que n'outros tempos um velho *molah* (er-

mitão), passando a noite em rezas e vigilias, antegostava em vida as delicias do setimo céo, reservado por Allah aos seus bemaventurados.

Eblis (o satanaz mahometano) para o tentar atormentava-o com um soporifero torpôr, que lhe cerrava as palpebras e interrompia as suas orações.

Desde esse tempo o *molah* nunca mais sentiu as dôces alegrias d'outr'ora, e na mágua que o compungia implorava o propheta que lhe revelasse o meio de triumphar das ciladas do inimigo.

Um dia o anjo *Namús* appareceu-lhe sob a fórma de um pastor, e mostrando um cafezeiro, disse-lhe que as suas cabras, quando comiam o fructo d'aquelle arbusto, passavam a noite inteira berrando e saltando, como se andassem soltas pelo campo.

O *molah* colheu uma grande porção de bagas, e mal chegou a noite, bebeu a infusão que com ellas preparára. D'ahi por diante, nunca mais a irresistivel somnolencia teve força para o desviar das suas rezas.

Conhecedor do segredo do providencial arbusto, o *molah* ensinou-o aos derviches que, por seu turno, o transmittiram a todos os crentes.

Mas *Eblis,* que não se dá por vencido com a primeira derrota, fez com que ao paladar musulmano fosse tão grato o aroma do café, que os filhos de Mafoma começaram a trocar as mesquitas pelas casas em que o precioso licor lhes era servido.

Debalde o corpo dos *ulémas* anathematisou o abuso da bebida, cujas virtudes haviam sido contraminadas pela sapa do vicio; os crentes jámais olvidaram a sua origem divina, e ainda hoje consomem o melhor do seu tempo, saboreando o fragrante nectar que tem o condão de fazer esquecer as miserias da vida.

Se alguma coisa ha de verdade na lenda, é inquestionavelmente a ultima parte. Eu presenciei repetidas vezes a assiduidade com que os orientaes frequentam essas casas, que são engodo para a perdição das suas almas, que talvez não valham muito, e para a renuncia á posse das *huris,* que decerto valem

infinitamente mais. Vi-os bastas vezes enfileirados ao longo das paredes dos cafés publicos, acocorados sobre modestos divans ou encruzados sobre alcatifas consumirem horas esquecidas no voluptuoso passatempo de acompanhar a dilecta beberagem com os haustos do *narghilé* sempre acceso, cujas espessas nuvens fumarentas iam seguindo com olhares distrahidos nas ondulantes espiraes phantasticas em que ellas se vaporisam, até de todo se confundirem no ambiente.

O grande aperto e o cansaço que experimentavamos, não nos permittiram um exame minucioso ao bazar. Felizmente não distava já muito o alojamento que nos fôra destinado, aliás faltar-nos-hia o animo para arrostar com a onda movediça, que se nos interpunha pelo caminho adiante.

Mr. Hickson, agente da companhia *British India*, era um dos primeiros exportadores do famoso café do Yémen, conhecido nos mercados pela designação de café de Moka. A sua casa, pelo menos na apparencia, era das melhores, senão a melhor de Djeddah. Construida ao gosto europeu, tinha comtudo os pateos interiores, as largas varandas e os espaçosos eirados das habitações arabes. Era isso mais um attestado do genio pratico inglez, que sobre a base das commodidades patrias sabe ir adaptando as que lhe póde proporcionar o meio a que o transporta o seu humor ashaveriano.

Ao rés do chão, o escriptorio e os armazens; era o recinto exclusivo das operações commerciaes, porque fôra d'ahi Mr. Hickson seria tudo quanto quizessem, menos homem de negocio. Pelo primeiro e segundo andar distribuiam-se os quartos particulares do dono da casa e dos seus empregados. No terceiro continham-se os aposentos destinados á vida em commum, quero dizer, salas de recepção e de jantar; excentricidade que julgo justificavel pelo facto de estar o seu pavimento ao nivel dos terraços dos predios contiguos, e por isso considerar-se o local mais fresco e arejado de toda a casa. Foi para ahi que nos conduziram.

Este andar era de uma construcção completamente original. Assentava n'uma espaçosa galeria, prolongada por todo o

comprimento do edificio sobre um terço da sua largura. As paredes exteriores d'este recinto, quer a da frente quer as lateraes, eram formadas por um seguimento de rendilhadas gelosias mouriscas, interrompidas de espaço a espaço por elegantes pilastras de madeira. Toda a galeria estava dividida em tres compartimentos, sendo o do meio o mais vasto: os dois restantes, n'um pavimento superior, eram isolados por tres amplos arcos, ao centro dos quaes descia uma larga escada, em meia laranja, formada por uns cinco degraus, atapetados de felpudas alcatifas persas. Dos vãos da arcada pendiam em vasos suspensos vistosos festões de orchideas e saxifragas; e nos remates dos degraus enfileiravam-se formosas talhas de Japão antigo.

O corpo central, onde vinha dar a escada de communicação com os andares inferiores, era a sala de jantar. Ao meio via-se uma mesa elastica, rodeada de cadeiras de nogueira americana, que na solidez e falta de elegancia denunciavam manufactura de origem britannica. No topo, á esquerda, era o mirante que dava para o mar. Estava ahi montado um tripé com um comprido oculo de alcance; duas estantes com livros, uma duukerque carregada de curiosidades, duas ottomanas e algumas cadeiras de balouço, completavam a guarnição d'este aposento, improvisado gabinete de estudo. Do lado opposto era o salão que, aparte a ausencia completa de estofos, cortinados e reposteiros, tinha os ornatos e a disposição de qualquer dos seus congeneres da commerciante *City*.

Mr. Hickson, depois de nos acompanhar ao salão, desculpou-se por ter de ir tratar dos seus negocios, a que a chegada do paquete dava sempre um extraordinario movimento. Recommendou-nos antes de se retirar, que nos distrahissemos conforme podessemos, examinando as suas collecções artisticas, os seus albuns e os seus *keepsakes;* e incumbiu Ismail, *drogman* do consulado, de nos fazer as honras da casa, ou de nos acompanhar no caso de querermos dar uma volta pela cidade.

Mac-Ennery desceu com o seu compatriota ao escriptorio da agencia, pelo que lhe deveriamos ficar muito reconhecidos, porque francamente Mac-Ennery sem Lanzac apresentava-se-

nos sob a desenxabida apparencia de uma lagosta a que falta o condimento de appetitosa *mayonaise*. Ficamos, por conseguinte, nós os portuguezes como em familia.

Por volta das quatro horas, como me parecesse que a força do sol declinava, convidei os companheiros a um passeio, para que aliás me pareceram pouco dispostos. Ambos pretextaram achaques que os impediam de sahir. Tomando-lhes mão da palavra, não insisti no convite, porque me sorriu a idéa de vagabundear a meu bel-prazer; e deixando-os em companhia — um da sua enxaqueca, outro da sua nevralgia, — sahi com Ismail.

Era o *drogman* um desalmado polyglotta, que professava pela correcção calepina a antipathia que o seu propheta nutrira pelo toucinho. O verboso mixtiforio da sua lavra poderia tomar-se por um arremedo da confusão linguistica de Babel. Imagine-se por consequencia quão prestimosos seriam os seus serviços de *cicerone*.

Pelo caminho julgo que me foi contando a historia da sua vida, de que fiquei percebendo, que nascera em Alexandria; que viera ainda muito novo para Djeddah em companhia de seu pae, o qual achando-se ao serviço do consulado francez, fôra assassinado na fatal noite da *Saint-Barthélemy* arabe. Se não foi isto positivamente o que o homem me contou, andava por ahi muito proximo.

Como tinha pressa de satisfazer a incumbencia de Lanzac, pedi a Ismail que me levasse ao bazar; mas elle, conhecedor das manhas indigenas, conduziu-me a uma loja, situada n'uma rua escusa, onde me asseverou que faria melhor negocio do que no bazar grande.

Nunca me persuadiria effectivamente que n'aquella ordinaria barraca estivessem accumuladas tantas preciosidades, se durante quasi meia hora não tivessem passado ante meus olhos riquezas que fariam inveja á favorita do *padischá*.

Não sei por onde se entrava para esta loja, elevada talvez um metro acima do leito da rua. Não vi porta que lhe desse accesso. O comprador tinha de subir a um estrado de madeira encostado á parede, d'onde através das janellas fazia acquisição

dos objectos que desejava; e não obstante o incommodo processo, affluiam alli os compradores á espera de vez, como ao balcão do bilheteiro os *aficionados* em dia de tourada de fama.

Quando ia a retirar-me com as minhas compras, senti mão estranha segurar-me o paletot que trazia vestido. Voltei-me apressadamente, pensando que a pratica Inglaterra, na expansão de uma bem conhecida industria nacional, se havia lembrado de aproveitar a concorrencia dos romeiros de Méca, enviando a Djeddah habeis representantes da philantropica associação de allivio ás algibeiras do proximo.

Em substituição, porém, do louro *pick-pocket*, que esperava apanhar com a bôca na botija, deparou-se-me uma preta carapinha, cujo possuidor, longe de se mostrar acobardado por ser descoberto em flagrante, começou por estender-me os braços como para me estreitar n'elles, proferindo algumas palavras para mim inintelligiveis, mas que pelo modo por que eram proferidas pareciam expressar um vivo contentamento.

Perguntei a Ismail o que dizia aquelle homem na sua algaravia.

— Diz que é um irmão, respondeu o *drogman*.

Um irmão!? A que proposito vinha esse inesperado parentesco, cuja revelação me produziu o effeito de uma bomba rebentada de subito sob meus pés? Ismail percebeu decerto na minha physionomia indicios do espanto que de mim se apossára e accrescentou logo:

— Irmão na fé... um christão da Abyssinia [1].

[1] A introducção do christianismo na Abyssinia foi devida a S. Frumencio, natural de Tyro e fallecido em Axum no anno 360 da éra christã. Dois seculos depois os abexins seguiram o nestorianismo, scisma dominante no Oriente, onde os seus proselytos eram denominados *christãos de S. Thomé*. Derivou d'ahi, segundo penso, a supposição de que fora este apostolo quem convertera os abexins, na sua passagem para a India.

Depois da commoção politico-religiosa por que passou a Abyssinia nos meiados do seculo XVII, do que resultou a perseguição e expulsão dos portuguezes e o morticinio de alguns dos seus missionarios, que novamente attrahiram aquelle povo ao gremio catholico, os abexins cahiram na heresia do monophysitismo, que apesar de condemnada pelo concilio de Chalcedonia, ainda hoje domina no Egypto.

Nunca tive pretenções a doutor da egreja para perder o meu latim, demonstrando a Ismail que tal parentesco só por coito damnado poderia advir, desde que um antigo concilio oppoz impedimentos ao consorcio da orthodoxia catholica com o scisma monophysita de Eutyches. Agitava-se em meu espirito uma outra ordem de idéas, que mais naturalmente occorrem a quem na terra do exilio sente, por suggestiva affinidade, despertarem-se-lhe as recordações da patria, que a ausencia e a incerteza do regresso tornam cada vez mais saudosa e estremecida.

Causou-me verdadeiro orgulho vêr appellidar-me por irmão esse preto maltrapilho, pária na sua terra e escravo fóra d'ella. A imprudencia do irreflectido appello devia contar por mais certo o attrahir sobre quem o fazia a animadversão de todos os fanaticos musulmanos que nos rodeavam. Era por isso que via n'elle a sinceridade do preito prestado á memoria de um punhado de portuguezes que, sobrelevando na audacia e nos resultados do commettimento a aventureira expedição de Jason e os trabalhos sobrehumanos de Hercules, arrostaram com os supersticiosos terrores da edade-média para arrebatar aos escarpados barrancos do tenebroso continente e ás tormentas de «mares nunca d'antes navegados» o segredo do lendario Preste João das Indias [1].

[1] A lenda do Preste João das Indias, vulgarisada na Europa pelo meiado do seculo XII, referia-se a um poderoso monarcha, que florescia n'uma remota região da Asia, na Tartaria ou no Cathay segundo uns, para além da Armenia e da Persia, no dizer de Marco Polo.

Os portuguezes, encarregados por D. João II e D. Manoel de descobrir a paragem d'este potentado e estreitar com elle relações de amizade, illudidos pela coincidencia do *negus* da Abyssinia professar como aquelle o nestorianismo e reunir cumulativamente as funcções de soberano e de sacerdote, deram-lhe o titulo de Preste João, julgando ser elle o representante do lendario personagem.

Ha tambem quem attribua o equivoco dos antigos portuguezes a um mal entendido do appello feito nos recursos ao *negus* nos termos: *rête ó djan-hoi* (ouve, ó magestade).

Os orientalistas modernos crêem que Preste João é o nome europeu de Togrul-Ung-Kan, chefe da tribu mongolica dos Keraítas, convertido ao christianismo pelos nestorianos, que o baptisaram com o nome de João, conferindo-lhe em seguida as ordens sacras.

Era de crêr que n'outro meio não me preoccupasse como então, a idéa de que o ruidoso contentamento que o misero abexim manifestava, invocando a nossa um tanto duvidosa confraternidade espiritual, podesse obedecer aos impulsos de outro sentimento mais mundano, despertado no impressionavel coração ethiope á voz de algumas gottas do sangue de João Peres da Covilhã ou dos expedicionarios de D. Christovam da Gama.

Dois nomes, quasi deslembrados pela historia, e que só por si dão eloquente testemunho do que foram e do que valiam portuguezes, comparados áquelles que, seguindo-lhes as pisadas, imaginam excedel-os, não chegando sequer a igualarem-se-lhes. João Peres da Covilhã, o primeiro europeu que penetrou na côrte da Abyssinia para firmar um tratado de amizade, que foi sellado com a renuncia do regresso á sua patria: D. Christovam da Gama, que com o sacrificio da propria vida assegurou á dynastia christã dos *négus* a integridade do territorio invadido pelos potentados musulmanos que o rodeavam!

Ainda hoje a orgulhosa Albion celebra com encomiasticos louvores a passagem do exercito de sir Roberto Napier através dos desfiladeiros da Abyssinia, o que o proprio heroe de Magdala proclamou como « uma missão espinhosissima que a rainha e o povo da Inglaterra lhe haviam confiado ». Como o glorioso feito se reduz a mais modestas proporções, ao recordarmos que trezentos e vinte e sete annos antes, os quatrocentos marinheiros de D. Christovam da Gama, sem os recursos da moderna arte de guerra, sem os dispendiosos preparativos de antemão accumulados e sem o auxilio de estradas e caminhos de ferro, atravessaram os mesmos desfiladeiros, disputando cada encruzilhada ás forças triumphantes do *cheik* de Zeilah e dos turcos seus alliados, ao passo que os quatorze mil soldados do exercito inglez eram acolhidos como amigos pelos vassallos descontentes do tyranno Theodoro! [1]

[1] Para tornar mais frisante o confronto entre as duas expedições, accrescentem-se os seguintes pormenores:

Depois de ter expurgado o mar Vermelho da frota dos turcos que se aprestava para nos atacar na India, ancorara D. Estevam da Gama em Massuah, quan-

Emquanto a minha imaginação seguia após estas saudosas reminiscencias, o abexim expandia o seu jubilo em loquazes demonstrações, que pouco a pouco tinham attrahido em volta de nós a turba dos transeuntes. Cahindo então em mim, comprehendi que não seria prudente continuar a chamar a attenção dos circumstantes, que já deixavam transparecer o descontentamento que esta scena lhes causava. Ismail creio que pensava da mesma fórma, pois que por vezes me havia reiterado o convite de aproveitarmos o curto espaço de tempo que nos faltava para a hora do jantar. Conseguiu por fim o cauteloso *drogman* que o attendesse; e pozemo-nos a caminho depois de eu ter deixado escorregar nas mãos do meu abexim o cubiçado *bekhechich* (gorgeta) que em todos os paizes, e mais ainda no Oriente, é optimo remedio para matar saudades.

Tendo manifestado a Ismail o desejo de vêr de perto o tumulo de Eva, levou-me á porta de Méca, assim chamada por

do recebeu o pedido de soccorro do *négus*, a quem o *cheik* de Zeilah, senhor já de grande parte da Abyssinia, fazia uma cruenta guerra.

D. Estevam confiou a seu irmão D. Christovam a força expedicionaria, composta de 400 homens escolhidos entre o pessoal da armada, dos quaes 150 ficaram sob as ordens immediatas do chefe e os restantes foram divididos por cinco companhias commandados por Manoel da Cunha, João da Fonseca, Francisco e Onofre d'Abreu e Francisco Velho. Esta pequena força levava comsigo 8 peças de artilheria (2 berços grandes e 6 pequenos) e 100 mosquetes encarretados. Os animaes de carga para transporte do material de guerra e viveres foram os que pode fornecer um *dedjaz* (nobre) encarregado pelo *négus* de acompanhar a expedição, que se effectuou em julho de 1541, isto é, na época em que o calor e as chuvas tornam mais difficultosa a marcha.

Esta força teve de seguir através de um paiz completamente desprovido de recursos, em que a agua que se colhe nos poços parece greda liquefeita, e em que os caminhos eram tão impraticaveis e os desfiladeiros tão ingremes que no dizer de um chronista «em alguns logares foi necessario descarregar os camellos e mulas que levavam a artilheria e munições para os soldados as passarem ás costas». E como se tudo isto não bastasse para difficultar a empreza, os invasores até então triumphantes sahiam em embuscadas contra os expedicionarios de D. Christovam da Gama, que perderam n'esses recontros mais de metade da sua gente, incluindo o proprio chefe. Reduzidos a 130 homens conseguiram ainda assim os portuguezes reunir-se ao exercito do *négus*, incutir-lhe o animo que já lhe

estar na direcção da cidade, que teve a dupla gloria de ser berço do propheta e do islamismo.

N'um dos angulos do terreiro que a precede, e ao abrigo de um vasto alpendre, sustido por toscas pilastras de madeira, notei um numeroso ajuntamento de crentes, encruzados como de costume em cima das esteiras que juncavam o sólo. N'aquelle agrupamento, uns escreviam sobre os joelhos em largas tiras de papel, outros seguiam com imperturbavel attenção os complicados hieroglyphos que a penna do escripturario ia traçando pachorrentamente. Disse-me Ismail que era alli o edificio do correio, onde os escreventes publicos costumavam vir fazer a correspondencia dos seus clientes. A mim tinha-se-me ao principio figurado um banco de ferrador de aldeia.

Ao passarmos diante do correio, suspenderam todos a sua tarefa, olhando-nos com ar de desconfiados, como se estivessem persuadidos que pretendiamos devassar os seus segredos. Não

faltava e finalmente coadjuval-o na consolidação de uma nacionalidade prestes a succumbir.

A expedição ingleza, aproveitando os conhecimentos que já havia do paiz e a experiencia do major Grant, um dos exploradores das origens do Nilo, foi planeada com grande antecedencia e de fórma que podesse realisar-se na quadra menos tormentosa e insalubre do anno. Foi assim que a campanha principiou em fevereiro de 1868 e já se achava terminada em maio do mesmo anno.

Cinco mezes levaram os engenheiros a construir o caminho de ferro que ligou a costa com as montanhas sobre que assenta o planalto que propriamente constitue a Abyssinia, e uma estrada de carros entre Sénafé e Zullah.

A expedição ingleza ia provida de apparelhos para distillar a agua dos poços afim de a tornar potavel, e de todas as provisões e recursos para qualquer eventualidade, que sem olhar a despezas foram encontrados na India, na Syria, no Egypto e até em Hespanha.

O pessoal combatente da expedição compunha-se de 500 officiaes de todas as armas; 4:500 soldados europeus e 9:000 cypaios, divididos pela seguinte fórma: 4 regimentos de infanteria europêa e 10 de cypaios; 5 baterias de artilheria; 1 companhia de engenheiros europeus e 7 de sapadores indianos.

Acompanhavam esta força 27:000 carregadores e auxiliares; 2:500 cavallos de sella e tiro; 16:000 muares; 1:600 cavallos de carga; 1:800 burros; 7:000 bois de tiro e 44 elephantes.

Com todos estes elementos, só por fatalidade deixará alguem de ser heroe!

me sentindo lisongeado com a suspeita de espionagem, que sobre mim pesava, afastei-me rapidamente sem poder examinar, como desejava, esta curiosa repartição do serviço postal ottomano.

Chegados á porta de Méca, tinhamos em frente de nós um deserto com o seu estendal de avermelhadas areias até se perder de vista no longinquo horisonte. A distancia talvez de dois kilometros, levantava-se o muro do pequeno cercado que rodeia o monumento, onde a crença popular assevera guardarem-se as cinzas da mãe do genero humano. Sobre este muro, excepcionalmente caiado de branco, debruça-se a cópa de umas rachiticas tamareiras que avultavam em todos os seus contornos com tal nitidez que as julgariamos ao alcance das mãos por um effeito de optica vulgarmente observado n'aquellas planuras sem fim.

Não se imagina como me vi satisfeito por me julgar livre de apertos e de contratempos causados pela mais rancorosa de todas as vigilancias! Até que emfim podia mover-me á vontade e ser senhor das minhas acções, o que não conseguira ainda desde que havia posto pé n'aquella negregada terra, que se me ia tornando insupportavel como um pesadelo! Respirei o ar rarefeito, que vinha do deserto como lufadas de uma furna em ebullição, com a sofrega voluptuosidade com que o prisioneiro, ao sahir da masmorra, haure a plenos pulmões a aragem que rescende ao grato aroma dos campos e da liberdade!

— Então, vamos? disse com impaciencia ao meu guia, vendo-o preparar-se para encher o cachimbo com a vagarosa pacatez, que esta delicada operação exige a todo o bom musulmano.

— Vamos aonde? perguntou elle fleugmaticamente.

— Ao tumulo de Eva, está claro!

— Não pensemos n'isso. É impossivel.

E antes de lhe perguntar o porquê, principiou elle a dar as suas razões. Em primeiro logar os beduinos, que andavam farejando ao redor das muralhas o passageiro que tivesse a im-

prudencia de sahir desacompanhado de imponente comitiva. Depois aproximava-se a hora do jantar, a que Ismail parecia muito empenhado que eu não faltasse, talvez principalmente para elle não faltar. Por ultimo a eventualidade de pernoitarmos fóra de portas, se não tivessemos tempo de voltar antes do sol posto, occasião em que se fecham para só se abrirem ao romper da manhã.

E como apesar de todas estas sensatas ponderações, me mostrasse contrariado por me parecer que Ismail com a velhacaria congruente com a respeitabilidade do seu caracter exaggerava de caso pensado os inconvenientes de uma excursão, que por qualquer motivo não lhe era agradavel, poz-se-me elle a moer a paciencia com uma descripção tendente a mostrar que ainda lhe devia ficar agradecido por me evitar uma canceira sem compensação possivel.

Aqui deixo o sentido das palavras do meu guia; e se a narração por elle feita não corresponder á verdade dos factos, sirva o meu depoimento para eterna execração da fraude de que, a meu pezar, me tornou connivente aos olhos da posteridade.

O tumulo de Eva não é sumptuoso como o do grande Mehemet-Ali, nem lugubre como o do austero sultão Haçan, nem magestoso como o do propheta, sobre cuja veneranda fronte desça a benção de Allah, clemente e misericordioso.

E pobre e triste como deveria ser a vida da que por sua desobediencia foi expulsa do paraiso.

Duas paredes parallelas, a distancia de seis passos e com duzentos de comprimento, encerram o corpo da mãe da humanidade. Oitenta passos a contar dos pés está uma pedra quadrada em que uns grosseiros traços pretendem figurar o umbigo de Eva; um zimborio, caiado de branco, resguarda esta pedra do rigor do tempo.

Diz a tradição que Eva, como boa musulmana, está sepultada com a face encostada á mão direita, voltada de frente para a santa Kaába, os pés para o norte e a cabeça para o sul.

A avaliar pela descripção que Ismail acabava de fazer, e segundo o seu proprio testemunho, nada de notavel me pareceu que podesse haver no jazigo, que a minha phantasia d'outra bem differente fórma imaginára. E ainda que não destoasse tanto do meu ideal, todas as suppostas magnificencias ficariam a perder de vista, comparadas ás assombrosas proporções da corpulencia da primeira mulher e á perspicacia do coveiro, a não ser que por um toque sobrenatural lhe fosse intuitivamente revelado o logar em que o patriarcha Abrahão havia de edificar o templo, que serviu de alicerce a Kaába mahometana [1].

Ismail, percebendo que a sua narrativa não me desviára da idéa que elle se esforçára por desvanecer, procurou distrahir-me por uma diversão similhante á que ama solicita emprega para a creança esquecer a teima por um brinquedo que se lhe nega. Entreteve-me a contar historias, porque me conhecia a predilecção que eu tinha pelas lendas do seu paiz. Eu ri-me interiormente d'aquella inoffensiva artimanha, ao passo que a mim mesmo ia perguntando em que escóla de philosophia aprenderia Ismail o aphorismo de que o homem não passa de ser uma creança em ponto grande.

Ismail, apontando para um morro, erguido a pequena distancia, disse-me com a emphase de que se servia nas occasiões solemnes:

— Aquelle serro nem sempre foi arido e triste como hoje se mostra. Tempos houve em que as palmeiras o sombreavam com a sua ondulante coma, e as estrellas do céo se espelhavam nas aguas do regato que alli serpeava entre renques de euphorbias e mimosas, como reptil de escamas prateadas n'um taboleiro de verdura. Mas um brado de maldição, repercutido de echo em echo, passou por alli como a furia desoladora do

[1] Houve já quem dissesse que a primitiva Kaába fora edificada pelos anjos no céo, servindo de modelo á que Adão construiu mais tarde, depois de expulso do paraiso. Esta opinião é insustentavel, porque é o proprio Koran que attribue a Ibrahim (Abrahão) a fundação da Kaába, como póde vêr-se no vers. 215 da *surata* (revelação) 1, feita em Medina.

Khamsin, e tudo ficou submergido no immenso mar de areias que se alonga a nossos olhos.

Esta é a lenda do deserto de Djeddah.

Era uma vez *cheik* dos derviches Hadji-Omar. Um dia caminhava elle acurvado sob os ardentes raios do sol e rijamente fustigado pelas nuvens pulverulentas que se erguiam da estrada. A sêde resequira os seus labios, a fadiga alquebrára-lhe as forças e o suor escorria em camarinhas pelas suas faces.

Á beira da estrada alastrava-se viçoso melancial, prenhe de refrigerantes fructos que o dono andava abrigando do calor sob a ramada de sêccas folhas de palmeira. Hadji-Omar parou supplicante em frente do feliz proprietario.

— Irmão, disse elle, em nome de Allah, clemente e misericordioso, dá-me uma d'essas melancias, que nas minhas orações lhe rogarei te cumule de prosperidades.

— Guarda lá as tuas rezas para quem t'as encommende e t'as agradeça, respondeu o outro na habitual rudeza para com os necessitados. Troca-me essa moeda que não corre por bons scquins de lei, e verás como te vendo as minhas melancias.

— Sou um pobre derviche mendicante; nunca possui dinheiro de meu. Sinto-me exhausto de forças; abraza-me a sêde, e uma só das tuas melancias bastaria para me reanimar.

— Deixa-me em paz! Não sustento ociosos, nem favoreço a calacice. Vai teu caminho; poderás encontrar por ahi algum poço que te refrigere, e não precisarás de te aproveitar do suor alheio.

Em vão o derviche se humilhou, redobrando de instancias; o mau homem não se condoía do infortunio dos outros. Foi então que, erguendo os olhos para o céo, Hadji-Omar exclamou:

— Allah, grande e omnipotente! Tu que no meio das areias do deserto fizeste brotar a fonte Zemzem para dessedentar Ismael, pae dos verdadeiros crentes, permittirás que uma das tuas creaturas morra de sêde e de fadiga?

Apenas o derviche havia proferido estas palavras, uma co-

piosa chuva cahiu do céo e o saciou, refrescando-o até á medulla dos ossos.

Á vista do milagre, o avarento reconheceu que tinha na sua presença um bemaventurado, aceito a Allah, e cortando uma melancia, lh'a offereceu ainda constrangido.

— Guarda para ti os fructos da tua horta, homem sem caridade, e que elles se tornem tão duros como o teu coração, e a terra que os creou tão esteril como a tua alma.

E logo as melancias se converteram em pedregulhos, e o chão n'um areal safaro e maninho.

Esta lenda, inspirada no que de mais sublime e amoravel ha na essencia do christianismo — a caridade e o amor do proximo, parecerá apocrypha aos que julgam que o islam santifica a incontinencia nos costumes, a insensibilidade na alma, o obscurantismo no espirito e a intolerancia na consciencia. É uma erronea supposição, que aceita como consequencias naturaes da fé as aberraçoes e, mais ainda, as depravações mysticas do fanatismo. A moral do Koran só accidentalmente differe da do Evangelho, porque Mahomet não foi um innovador no sentido generico da palavra, com um pouco menos de impostura seria quando muito o precursor de Luthero. Por mais que o propheta queira imprimir-lhe o cunho da inspiração divina, o mahometismo não passa de ser a mais ou menos disfarçada adaptação dos principios fundamentaes do christianismo aos costumes e tradições dos povos mais ou menos nomadas do Oriente. E se fôrmos a avaliar o espirito e a influencia de uma religião pelos erros e crimes commettidos em seu nome, como será julgada a caridade evangelica, accendendo as fogueiras do santo officio, — a piedade christã, arrastando á pia baptismal creanças roubadas ao amor de seus paes, — e a tolerancia catholica, trucidando á falsa fé milhares de victimas por uma divergencia de orthodoxia?

Emquanto Ismail me ia contando a sua lenda, dirigira-se pausadamente para o interior da cidade, seguindo a linha das muralhas. Eu acompanhava-o sem pensar sequer no que fazia, porque toda a minha attenção era pouca para decifrar o senti-

do das suas palavras. Ao terminar a narrativa, achavamo-nos junto de um pequeno reducto meio derrocado, por onde uma larga brecha escancarada daria facil accesso a sitiantes. Não me contive que não notasse a Ismail esta particularidade, perguntando-lhe se não receiavam que entrassem alguma noite por alli os beduinos, acampados extra-muros?

Ismail, apatetado com a minha pergunta, ficou pensativo. Quiz parecer-me que nunca pelo seu pensamento havia passado a idéa da possibilidade de uma tal occorrencia. Á vista do seu espanto, se o testemunho de tantos viajantes não fosse accorde em attribuir áquelles temidos salteadores do deserto uma audacia excepcional, diria que a imaginação arabe os tinha inventado para papão de creanças e desmancha-prazeres de forasteiros a que não se desejava satisfazer todos os caprichos. Mas não... o fatalismo faz adormecer os espiritos de que se apossa na cega confiança de que só acontece o que tem de acontecer. Se algum dia a cidade fôr invadida e saqueada por uma horda de bandidos, só então se cuidará de lhes tapar as entradas. Bem te conheço, imprevidencia, herança que nos ficou em casa desde a antiga dominação arabe!

Já o *muezzin* fazia a primeira chamada para a oração da tarde, bradando do alto das mesquitas em monotona cantilena: « Deus, Deus grande. Deus é Deus e Mahomet o seu propheta ». Ismail, voltando-se para o lado de Méca, descalçou as suas chinelas em signal de respeito; em seguida cruzou os braços sobre o peito e fez a sua oração, acompanhada de profundas reverencias. Finda a reza, cortámos em direcção ao consulado britannico.

Ao dobrar a esquina da primeira rua em que nos embrenhámos, lobriguei um vulto humano estacado em frente de uma casa de nobre apparencia. No primeiro andar havia uma gelosia aberta, a que assomára um busto de mulher. Do busto destacou-se um braço para deixar cahir alguma coisa que não cheguei a distinguir. A gelosia cerrou-se logo após; o vulto curvou-se a apanhar o objecto cahido, e desappareceu rapidamente na encruzilhada das travessas circumvisinhas.

*

Tudo isto passou ante meus olhos no vago de uma visão phantastica. Se não tivesse a certeza de que estava acordado, diria que fôra um sonho. Mas sonho ou realidade, impressionára-me devéras aquella scena romanesca. Romanesca? quem poderia asseverar que o fosse? A varanda das odaliscas não se presta facilmente aos devaneios do balcão das Julietas.

Ismail, que nada observára, teimava a entreter-me com historias de que não percebia palavra, absorvido como estava n'um labyrintho de conjecturas, que, a meu pezar, me preoccupavam.

De repente, quasi ao chegar a casa, um raio de luz perpassou no meu espirito. Foi bastante para me esclarecer. Podia bradar o meu *eureka*.

O vulto que tinha visto, reconhecia-o agora. Era Lanzac.

(Continua).

Augusto Sarmento.

IDÉAS E FACTOS

Summario: *A influencia da Hespanha na litteratura franceza e européa,* por F. Brunetière — *Saint-Marc Girardin, pedagogo,* por Th. Froment — *As aspirações inglezas,* por W. F. Stead — *Auctores portuguezes que escreveram em castelhano,* por D. Juan Valera — *A cozinha nacional,* philosophia e historia — *Os americanos afidalgam-se,* por John D. Champlin — *Os judeus na Russia,* por um anglo-russo.

A influencia da Hespanha na litteratura franceza e européa

Critica de F. Brunetière aos *Études sur l'Espagne,* de A. Morel-Fatio

A litteratura franceza, e mesmo a litteratura da Europa, em geral, devem duas coisas á Hespanha: o sentido do *cavalheiresco* e o do *romanesco.* Os *Amadis* tiveram em toda a Europa e particularmente na França, na côrte de Francisco I, de Henrique II, a fortuna que antes d'elles nenhum romance tinha tido, fosse em que lingua fosse. Para explicar este successo, basta que nunca tivesse havido romances mais *romanescos* nem mais *cavalheirescos.* Nunca houve romances mais *romanescos,* porque nunca se deu uma parte tão bella e tão larga ao que a vida, em todas as condições, por mais uniforme, monotona e regrada que seja, encerra de imprevisto, que escapa ao calculo, illude todas as previsões, e zomba da prudencia. E não será talvez isto mesmo a definição do romanesco? Nunca houve romances mais *cavalheirescos,* porque em nenhuns os golpes inesperados da fortuna acharam sempre um heroe mais bem prepa-

rado contra elles; com mais confiança em si, na força do seu braço, na virtude das suas armas, na grandeza da sua coragem, na justiça da sua causa; mais dedicado, de profissão, como o bom cavalleiro de la Mancha, ás victimas das traições da sorte; — nem, de resto, entre tudo isto, mais galante, mais sentimental e mais amoroso. Se os *Amadis* deveram, sem duvida, uma grande parte do seu triumpho ao que tinham de hespanhol, com certeza deveram uma outra ao que continham de maravilhosamente proprio para agitar as imaginações.

Devem ainda uma outra parte ao que havia n'elles de conveniente e de analogo á disposição geral dos espiritos no seu tempo. Se o *cavalheiresco* e o *romanesco* são necessidades do espirito humano, nunca a litteratura tinha cuidado tão pouco em satisfazel-as como, havia um seculo, na França e na Italia. Nem Boccacio é romanesco nem tão pouco Machiavel; e não se dirá que havia qualquer coisa cavalheiresca no romance de Rabelais ou no *Grande testamento* de Villon. É preciso não confundir o romanesco com o poetico. A Italia do seculo XV era poetica, sem duvida; ainda nos parece mais poetica a distancia; mas era principalmente naturalista, profundamente naturalista, no mais largo sentido da palavra; e era necessario que o fosse para poder luctar contra o espirito ainda sobrevivente da Idade-média. A França, essa era unicamente realista. Os *Amadis*, com o seu maravilhoso, restituiram as azas e o vôo ao devaneio. Appareciam na hora propria para satisfazer a necessidade que temos de esquecer algumas vezes a nossa condição — de abrir a janella, em certo modo, para respirar um ar mais puro, para abraçar um horisonte mais vasto. — Estabelecendo a religião do ponto de honra, se assim póde dizer-se, contribuiram talvez para reintegrar qualquer idéa de justiça n'este mundo novo, que então estava em caminho de fundar-se sobre o interesse como a sua unica base. E entre as razões do seu successo, não me espantaria que esta, que é a mais alta, fosse tambem a mais provavel ou mesmo a mais certa.

Os dramaturgos francezes do seculo XVII procuraram imitar a união do cavalheiresco e do romanesco, que constitue a

originalidade do drama hespanhol. Para fallar apenas de um dos maiores, o auctor do *Cid*, não concordarão que tem mais do que uma parte d'um auctor hespanhol? Como elles, como Calderon e Lope da Vega, é *romanesco*, e como elles, é *cavalheiresco*. Tem o gosto das acções que elle mesmo chamava implexas e que melhor se chamariam inverosimeis. Como o d'elles, o seu dialogo é brilhante, o seu estylo muitas vezes precioso e muitas vezes emphatico. Os seus heroes, como os do drama hespanhol, levam voluntariamente a religião do ponto de honra até á superstição, pois que a levam até ao crime. E, sem duvida, tem qualidades que os outros não tem. As acções dos seus heroes são raciocinadas, não obedecem ao impulso do temperamento ou do prejuizo. A dureza hespanhola tempera-se entre elles com um pouco de humanidade. O que os seus individuos poderiam ter de excessivamente inverosimil, disfarça-o habilmente, indo pedil-o emprestado á historia. As suas intrigas, quasi sempre, ao mesmo tempo que são «acções illustres», assentam sobre qualquer d'estas grandes questões que devem interessar a humanidade inteira. Tem talvez mais respeito pela sua arte que Lope e Calderon. Mas, além de tudo isso, tem qualquer coisa de hespanhol. Deve aos seus modelos um pouco d'este ar de grandeza que reina em todo o seu theatro. Seria menos *romanesco* se tivesse seguido menos os seus modelos, e é fóra de toda a duvida que seria tambem menos *cavalheiresco* — pois vemos que em Hespanha os proprios maltrapilhos são ou foram cavalheiros.

Seriam um estudo curioso as relações do espirito *cavalheiresco* com o genero que se chama *picaresco*. Deveremos crêr que ha uma poesia da desordem e do roubo? Que os Cartouche e os Mandrin sejam a seu modo especies de cavalleiros errantes, um genero de vingadores de offensas? Ou antes diremos que á maneira que uma sociedade se compõe e organisa, os cavalheiros d'outr'ora são os maltrapilhos de hoje? Rodrigo foi pelo menos um homem terrivel para se encontrar na estrada. Não póde haver uma maneira singular de entender o ponto de honra, que seria não fazer coisa alguma com os seus dez de-

dos, e, como Lazarillo de Tormes ou Estevanillo Gonzales, sem ter eira nem beira, querer viver como gentilhomem? Hoje, este ponto de honra levaria facilmente a sua gente á penitenciaria ou ao degredo! No tempo de Carlos v, diz-nos a historia que a levava igualmente á conquista do Mexico e do Perú. Mas, qualquer que seja a causa, é certo que ha uma relação entre os *Amadis* e os romances picarescos. São os productos do mesmo tempo, d'uma mesma civilisação, do genio da mesma raça.

O romance de costumes, este genero de romance que, sem desprezar uma justa combinação das aventuras, se applica e prende de preferencia á representação das diversas condições dos homens e da vida familiar quotidiana, veio de Hespanha. Minudencias até então reputadas um pouco baixas e quasi inconvenientes, mas que abundam precisamente no romance picaresco, o que se come e o que se bebe, e a maneira de o arranjar, foram julgadas litterarias por Le Sage no *Gil Blas*, não sem causar certo espanto e escandalo. Fielding mesmo, e Smollett, Smollett principalmente, o menor dos dois, imitaram-no sem duvida á ingleza, mas imitaram-no. Marivaux imital-o-ha tambem, não pondo muitas vezes em scena, nos seus romances e nas suas comedias, senão intendentes, lacaios, aldeões mais ou menos *parvenus*. O romance realista gostou sempre de demorar-se pelas cozinhas e pelas ante-camaras, onde de resto não é impossivel que, como o proprio Gil Blas, se aprenda muito sobre os costumes dos patrões.

Esta idéa de pôr a narração na bôca do lacaio ou do escudeiro, a unica especie de homem que n'aquelle tempo podia passar d'uma condição a outra, creado hoje d'um fidalgo que não lhe pagava, e que quando muito o sustentava, ámanhã quasi secretario do arcebispo de Granada ou semi-confidente do confidente do herdeiro da monarchia, veio de Hespanha. De lá vieram tambem a dureza da satyra e do gracejo que Le Sage sem duvida moderou, mas que nem por isso deixam de apparecer no *Gil Blas*. E porque não fariamos derivar da mesma fonte esta seccura que ainda agora caracterisa o romance rea-

lista? No mundo dos picaros não ha muito logar para as effusões do sentimento; e é de resto um caracter da litteratura hespanhola carecer muitas vezes ou mesmo habitualmente da humanidade. As *obras* de Santa Thereza ou as de Santo Ignacio de Loyola não fariam prova d'isto, se fosse necessaria?

A grande originalidade da litteratura hespanhola é ter salvo, no tempo da Renascença, e mais tarde ter transmittido ao resto da Europa, quasi tudo o que merecia ser salvo do ideal da Idade-média. O romantismo allemão, no seculo em que estamos, tentou qualquer coisa analoga; mas veio muito tarde; dois ou tres seculos de cultura classica deviam condemnar a tentativa a um mau resultado. Na Hespanha — e não obstante Cervantes — a tradição não se interrompeu. Não deixando de tomar a sua parte no movimento da Renascença, nenhum paiz, nenhuma litteratura soube preservar melhor a sua inteira originalidade. Ajudava-os sem duvida a sua situação no extremo da Europa, e principalmente as condições do seu desenvolvimento historico. Mas basta que o facto seja certo. Assim, todas as fórmas do *romanesco* e do *cavalheiresco*, por toda a parte contrariadas, mais ou menos sujeitas á imitação do modelo grego ou latino, desenvolvem-se alli livremente. Até ao meado do seculo XVII, quer dizer, até ao principio da sua decadencia, a Hespanha manteve o ideal da sua idade heroica. D'ahi a originalidade da sua litteratura; é a unica que verdadeiramente se tenha desenvolvido por si, sem interposição de modelo estranho, conforme o seu livre genio. D'ahi a natureza da sua influencia: o ponto de honra hespanhol impediu talvez o naturalismo italiano de invadir as litteraturas modernas. E d'ahi tambem a affinidade secreta do romantismo com a litteratura hespanhola se, na Europa inteira, o romantismo se define e caracterisa pelo esforço que fez para reatar, além da Renascença, a cadeia da tradição da Idade-média.

Saint-Marc Girardin, pedagogo, por Th. Froment

(*Le Correspondant*)

I. ELOGIO DO BURGUEZ. — II. PERIGOS DA INSTRUCÇÃO

I. Respondendo a uma carta do seu amigo Doudan, preceptor na familia de Broglie, Saint-Marc Girardin faz n'estes termos o elogio do «burguez»:

«E na verdade, depois de todas as aristocracias de maneiras, de estylo, de tom que V. se arrogou, só lhe faltava essa aristocracia de má saude! Viva com o seu corpo, meu amigo, é por meio d'elle que se vive... Porque emfim quando D. Quixote está doente, não é razão para que Sancho Pança o esteja tambem. Este bom Sancho, este admiravel typo do bom senso burguez, nunca V. o amou do coração; tomou-o por uma caricatura, emquanto que é a regra eterna do verdadeiro e do bom. A *burguezia*, meu caro duque, a *burguezia!* Só isso nos salva. Na litteratura seja burguez; porque não terá nem falsas exaltaçoes, nem investigações amphiguricas, nem gaiatice premeditada. Em politica seja burguez; não terá nem declarações revolucionarias, nem superstições realistas. Em moral seja burguez; terá uma linda mulher e lindos filhos, que tornará felizes sem trabalhos, nem sacrificios, nem dedicações exaggeradas. Na saude seja burguez; porque só se julgará doente quando devéras o estiver. Na amizade seja burguez; porque não se julgará só, e, sem quebrar a cabeça com idéas melancolicas, dirá: pois que amo, sou amado; porque é assim que isto se faz... Quando se ama, não se está só. Só os egoistas estão sós; porque esses não têm a força que attrae...»

II. «Pela palavra decadencia, diz Paulo Bourget, que é especialista na materia, designa-se o estado d'uma sociedade que produz um numero excessivo de individuos improprios para os trabalhos communs». Este estado, que os poderes publicos em nossos dias procuram augmentar com uma deploravel ceguei-

ra, inquietava, desde 1835, o patriotismo esclarecido de Saint-Marc Girardin. Comprehendia que a educação é um problema nacional, mas que não é no grau mais ou menos elevado da instrucção, como muito se tem julgado desde 1870, que um povo deve procurar o segredo da sua grandeza ou dos seus revezes. A grandeza d'um povo prende-se a causas mais profundas que o estado dos conhecimentos litterarios, historicos ou geographicos: depende principalmente da sua moralidade, das suas crenças; depende do espirito que o anima, espirito de disciplina ou de intriga, de fé ou de scepticismo, de solidariedade ou de egoismo, de hierarchia ou de zelo igualitario. Depende do bom emprego da sua actividade e das suas forças. Mas quando cada anno escolar vos trouxer a sua legião de capacidades com diploma, quer dizer, de ambições mais ou menos vãs, que fareis? e que sociedade vos prepara esta mania do ensino secundario universal ou esta chimera da instrucção integral!»

As aspirações inglezas, por W. T. Stead

(*The Review of Reviews*)

Depois de referir-se ás coisas d'Africa, diz-nos que, emquanto pesa sobre o Imperio o dever de tornar a lingua ingleza lei universal no velho mundo, aqui e além ha a feliz evidencia de que a Republica tem igualmente uma tarefa de semelhante natureza no novo mundo. Todas as republicas da America central e do sul hão de ser salvas da sua condição presente, mais ou menos de meia casta, e convertidas em republicas que fallem inglez. O trabalho progride, e hão de auxilial-o todas as revoluções e commoções, que parecem tão indigenas no mundo hispano-americano como os tremores de terra na cinta dos tremores de terra. A Argentina está hypothecada até á cabeça aos capitalistas inglezes: e não está menos enterrado o Uruguay, em que a republica está em perigo de despedaçar-se em diffi-

culdades financeiras. O Perú está pouco melhor do que em bancarrota, entregue nas mãos dos liquidadores inglezes. Se realmente vier a encontrar-se ouro em Venezuella, esta nação passará tambem para o dominio dos que fallam a lingua de Drake e de Cromwel. O Chili e o Brazil tinham conseguido até agora dar certa base á competencia politica e á respeitabilidade financeira da America do Sul. Janeiro, porém, viu revoltas em ambos aquelles estados, que parecem indicar que ambos vão pelo caminho apontado para todos os do seu genero. O Brazil, tendo-se desembaraçado do seu imperador, que era um rei Log, amavel e fidalgo, cahiu presa do rei Stork, na fórma d'um presidente dictador militar, o marechal Fonseca, cujo ministerio se demittiu, e que agora governa o Brazil pelas suas tropas. No Chili as coisas são mais sérias. O presidente Balmaceda, tendo-se desavindo com as poderosas familias chilenas que, como os nobres *whigs* da Revolução, tinham estabelecido uma oligarchia mascarada, viu-se em frente d'um movimento revolucionario em que os insurgentes pretendem desembainhar a espada em defeza da lei e da constituição. O que é de maior importancia, é o facto de se terem apossado da armada chilena e de se servirem d'ella no bombardeamento das cidades da costa em poder das tropas do presidente. Como o Chili é quasi todo costa de mar, a sua vida está nos couraçados, e parece que o presidente Balmaceda não tem n'ellas a melhor parte. Vencido ou triumphante, a sua lucta é importante principalmente como marcando mais um degrau no inevitavel desapparecimento dos homens latino-americanos diante dos que fallam inglez. Todas estas guerras e insurreições das raças hespanholas de meia casta serão em breve como as chronicas das guerras de gralhas, a que Milton tão desdenhosamente comparou as luctas que precederam o estabelecimento da raça ingleza nas ilhas britannicas.

Mas se aos que fallam inglez no hemispherio norte está confiada esta grande missão de dar uma linguagem, uma lei e um systema de governo pelo voto, e não pelas balas, universal em todo o novo mundo, fariam bem em guardar zelosamente o

caracter inglez da sua republica. Os francezes do Canadá multiplicam-se como coelhos, e o allemão ameaça converter todas as regiões do noroeste n'uma parcella da patria germanica. A estatistica da emigração em 1890 mostra que, emquanto augmenta o numero dos emigrantes — foi de 491:000 em 1890, contra 427:000 em 1889 — diminue o numero dos emigrantes que fallam inglez. De meio milhão de emigrantes do velho para o novo mundo, só 100:000 poderiam lêr uma gazeta ingleza. De 300:000 que fallam outras linguas 96:000 são allemães, e 62:500 italianos. Se a corrente continúa n'esta proporção, o novo mundo, em vez de fallar inglez, em breve será tão polyglotta como a Europa. Por isso o trabalho de educação e assimilação, hoje mais do que até agora, merece ser seriamente emprehendido.

Auctores portuguezes que escreveram em castellano, por D. Juan Valera

(*Revista Ibero-Americana*)

Depois d'algumas paginas que se referem á desnacionalisação da litteratura hespanhola e ao nenhum cuidado e interesse que á geração moderna tem merecido os classicos do seu paiz, considerações que bem podiam servir para nós portuguezes, o snr. Valera, passando a dar conta do livro [1] que é o objecto principal do seu artigo, diz-nos:

«Posto que D. Domingos Garcia Pérez seja portuguez de nação, passou a sua primeira mocidade em Granada, e estudou no collegio do Sacro-Monte, onde foi companheiro de Fernandes Guerra e onde, sem duvida, teve por mestres D. João do Couto e D. Balthazar Lirola, que haviam de inspirar-lhe o seu

[1] *Catalogo razonado, biografico e bibliografico, de los autores portugueses que escrebieron en castellano*, por D. Domingo Garcia Pérez, doctor en medicina y cirurgia, antiguo deputado de la nacion portugueza por la ciudad de Setubal. Madrid, 1890.

bom gosto em litteratura e o seu amor á de Castella e ao idioma de Castella. Dão prova d'isto o estylo facil e o castelhano castiço em que o seu livro está escripto; a grande cópia de noticias curiosas e interessantes que o livro contém sobre a vida e obras de quinhentos ou seiscentos auctores; e a multidão de composições, muito raras ou ineditas que as suas paginas encerram.

«Sem duvida, o snr. Garcia Pérez deve bastante, como elle mesmo confessa, a trabalhos anteriores dos criticos eruditos castelhanos que mencionamos já, e tambem aos trabalhos d'alguns egregios portuguezes, como Barbosa, Innocencio da Silva e Costa Silva; mas é de admirar o muito inteiramente novo com que soube enriquecer a sua obra.

«Esta segue a ordem alphabetica por nomes de auctores, que nos atreveremos a distinguir e classificar aqui.

«Uns são muito celebres em Portugal; são os principes das letras d'aquelle povo. O que escreveram em portuguez quasi sempre vale e importa mais que o que escreveram em castelhano. N'este numero podem incluir-se Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Mousinho de Quevedo, o padre Vieira e dois condes e uma condessa da Ericeira. Outros são tão illustres e tão dignos de sel-o em Portugal como em Castella; assim, por exemplo, Sá de Miranda. Outros, posto que portuguezes, alcançam mais fama e gloria pelos seus escriptos em castelhano, e são contados entre os nossos classicos, como Jorge de Monte-Maior, Gregorio Silvestre e D. Francisco de Mello. E outros que, embora menos gloriosos, são muito conhecidos em Hespanha pela sua fecunda applicação ao trabalho, como Faria e Sousa.

«É muito grande o numero dos dramaturgos portuguezes que, principalmente sob o dominio dos tres Philippes, escreveram em castelhano as suas comedias. O mais illustre foi Mattos Fragoso. Seguem-se os dois Pachecos, Caetano de Sousa Brandão e outros varios, entre elles algumas poetisas. De todos traz Garcia Pérez noticias biographicas e bibliographicas em abundancia.

«Mais interessante, e quasi sempre mais novo, é o que nos ensina o snr. Garcia Pérez sobre outros portuguezes, que tambem escreveram em castelhano, e são celebres pelo seu saber, pelas suas façanhas, pelas suas peregrinações e pelo brilhante papel que representaram na historia da peninsula, e ainda de todo o mundo, intervindo nas nossas descobertas, colonisações, missões e conquistas. Assim o infante D. Pedro; Garcia de Santo Estevão, companheiro do infante e narrador das suas viagens pelas *sete partidas do mundo;* o grande Fernão Mendes Pinto, cuja veracidade se vai limpando de suspeita, conforme se conhece melhor a Asia Central e o extremo Oriente; Pedro Teixeira, que nos descreveu a Persia; o eminente geometra e cosmographo Pedro Nunes; o astronomo Silva Freire e bastantes missionarios e medicos, escriptores, e amiudadas vezes peregrinos, que nos informaram da fauna, da flora, das linguas, usos, religião e costumes de terras e nações remotas.

«Não pequena parte do livro do snr. Garcia Pérez é occupada por outra linhagem de escriptores, que podem agrupar-se pelas suas crenças e raça, e cujos escriptos e vidas eram até agora muito pouco ou nada conhecidos, a não ser por homens de muita erudição ou muito consagrados a um estudo especial. Fallo da multidão de judeus portuguezes que, fugindo da Inquisição, foram quasi todos refugiar-se em Amsterdam e outras cidades da Hollanda e da França, onde escreveram em castelhano poesias, novellas, philosophia, religião, politica e outras sciencias. N'esta conta, posto que alguns possam ter-se por hespanhoes, como Miguel de Barrios, que nasceu em Montilla, ainda que de origem portugueza, põe o nosso auctor Manasés ben Israel, os Abarbanel e Abohad, Baruch Nemias, David Netto, Isaac Orovio de Castro, Samuel Silva, Moisés Pinto Delgado, Abrahão Pizarro, Abrahão Ferreira, Antonio Henriques Gomes, e a não poucos mais, mostrando notavel diligencia nas informações que dá das varias jornadas e dos escriptos de cada um d'elles.

«Alguns artigos do *Catalogo* do snr. Garcia Pérez têm notavel extensão e retratam habilmente a condição moral e a

vida do personagem a que se referem. Entre estes artigos merece mencionar-se o do famoso conde de Villamediana, poetisado pela sua tragica morte e pelos bellos romances historicos do duque de Rivas. A circumstancia do conde ter nascido em Lisboa, por seus paes alli terem ido quando Philippe II foi coroado rei de Portugal, faz que o snr. Garcia Pérez o inclua no seu catalogo. Da sua vida e dos seus escriptos ineditos publicou, ha poucos annos, um livro interessante o snr. Cotarelo y Mori. O assassinato do conde traz-lhe alguma sympathia; mas é justo declarar que, se a vingança foi criminosa e infame, quasi póde qualificar-se de merecida. Villamediana abusou do seu engenho, que o teve sem duvida, posto que estragado pelo mau gosto, pelo pedantismo e pela falta de senso moral, e abusou da sua riqueza, da sua posição, dos seus brios e outros bons dotes pessoaes, para ser insolente e satyrico, brigão, vicioso e com as mulheres violento e desenfreado. A sua questão com a marqueza do Valle, que foi sua amante, e a que por ciumes arrancou as joias que lhe tinha dado, rasgando-lhe os vestidos, esbofeteando-a e magoando-a a ponto de que esteve á morte, é uma acção tão brutal que não tem perdão, fossem quaes fossem as traições e infidelidades da victima. E não contente com o ultrage material, voltou a offendel-a ferindo-a na alma e calcando a sua honra n'um romance que fez circular, e em que a accusa de não ter bastado a sua riqueza á cubiça que ella tinha, e em que diz, alludindo ao glorioso Hernan Cortés, de quem procedia o titulo da marqueza, jogando com a palavra:

«Da herança da Cortés,
Que em herança te cabia,
Herdas ser cortezã,
Repudias a cortezia».

«D'outro personagem singular nos informa tambem muito detidamente o snr. Garcia Pérez, promettendo-nos quasi a publicação d'um curioso manuscripto que d'elle possue. É uma relação circumstanciada do que viu, fez e observou o auctor, durante alguns mezes do anno de 1605, que esteve como pre-

tendente em Valladolid, onde então residia a côrte. Pelo que póde presumir-se da amostra que se vê d'esta obra, ha n'ella muitos gracejos e chiste, posto que combinados com deploravel mau gosto, refinamentos de cultura emmaranhados e pedantescos, erudição impertinente e abuso dos trocadilhos. Ainda que o auctor, que se chamava Thomé Pinheiro da Veiga, natural de Coimbra, alcançou o emprego que pretendia, não parece ter sahido muito affeiçoado a Valladolid, nem bastante agradecido para não dizer mil horrores de tudo. A sua relação, não obstante, deve ser um retrato animado da alta sociedade hespanhola d'então. A ser o retrato fiel, essa alta sociedade estaria em bem mau estado. É triste ter de confessar que a corrupção devia ser grande; mas alguma coisa ha de tambem attribuir-se á mordaz maledicencia de que se fazia gala, e a certo odio contra Castella que sempre costumou crear-se com lastimoso vigor nas almas d'alguns habitantes das diversas regiões d'esta peninsula. Os hespanhoes, ou para que a palavra seja mais comprehensiva, sem amphibologia, os *iberos*, costumamos ser muito biliosos e com frequencia murmuramos mais de nós que dos estranhos. O snr. Garcia Pérez insere no seu livro umas quintilhas tremendas de Pinheiro da Veiga, por onde já se póde comprehender o tom e caracter pervertidos e desavergonhados da prosa. Se dérmos credito ás quintilhas, não havia em Valladolid, em 1605, senhora que não fosse perdida, nem galã que não fosse um tunante».

A cozinha nacional, philosophia e historia

(*Black and White*)

Cada nação tem um certo numero de pratos nacionaes, caracteristicos do gosto e temperamento nacional, a que são adaptados.

Ha uma certa difficuldade em communicar receitas, como deseja fazer *Black and White*, visto que os pratos nacionaes não são, de facto, o resultado da invenção de certo individuo,

um Carême, um Ude, um Gouffé ou um Soyer. São coisas nascidas, como o mytho, e como o mytho communicam-se por tradição. Raras vezes se encontram nas paginas dos livros de cozinha. São quasi abstracções, coisas que não podem exprimir-se em quantidades de ingredientes e fracções de tempo, e com referencia á acção do fogo, da agua e do gelo, ao uso da peneira, do passador e da colher, e ao addicionamento de condimentos.

Para comprehender a receita d'um prato nacional d'um povo estrangeiro, o cozinheiro e o proprio provador precisam, para apreciar o que comem, comprehender alguma coisa do caracter e muito do gosto d'aquelle povo. N'este ponto ha uma differença essencial entre a cozinha como arte, e a cozinha como sciencia. N'este periodico procuraremos tratar a materia scientificamente; isto é, apresentar ao leitor as receitas por meio de pesos e medidas, e cuidadosas determinações de duração de tempo; mas por mais que scientificamente se diga dos serviços culinarios, a arte terá sempre em que intervir. O homem méramente de sciencia esquecerá miudezas que o verdadeiro artista póde compensar pela intuição. A não ser que o cozinheiro-artista tenha um ideal, e a não ser que no trabalho o tenha sempre bem presente, arrisca-se muito a errar. N'estas materias a sciencia e a arte devem andar de braço dado.

Os pratos nacionaes, chegando até nós por lentos processos de evolução, são de certeza eminentemente bons e sadios; e, além d'isso, a sua idade, o sentimento que lhes anda associado, o interesse litterario que se prende com alguns d'elles, collocam-nos muito superiormente ao que se póde chamar os pratos « compostos », mesmo dos mais afamados mestres.

Um escriptor recente, descrevendo os methodos de cozinha d'uma nação estrangeira, julga com razão que o que um povo come e bebe é da maior importancia. Combate a dieta monotona do inglez, e, observando com uma bella sobriedade (que é para esperar que pratique como a préga), que o homem educado, consagrando-se a trabalhos mentaes, á maneira que sobe em cultura, faz bem em peccar por ascetismo e alimentar mais li-

vremente a alma que o corpo, inclina-se a que a maior parte da gente viverá bem e delicadamente com uma dieta intelligente e variada, partindo da base que o cuidado pelo seu jantar é no homem o primeiro passo na civilisação e nas graças da vida. Doutrina a que os auctores do artigo subscrevem.

Deixando de parte as innumeras receitas, apontemos ainda os caracteres da cozinha hespanhola e portugueza.

Os hespanhoes não assam nem cozem as suas comidas. Consideram barbaros estes modos de preparar a carne, tão impensadamente apreciados por nós. Preferem os guizados e n'isso alcançaram uma rara perfeição. O seu grande guizado nacional, a *olla*, é um guizado complicado. São talvez o povo mais sobrio, e a respeito de mesa o menos dado a luxo entre as nações da Europa. Nunca inventaram um môlho. As questões de cozinha occupam pequeno logar no seu pensamento e na palestra quotidiana, mas nem por isso os seus pratos deixam de ser sadios e bons.

O paiz, em geral, é pobre; a carne não é commum, o boi cevado, o carneiro e vitella gordos, são raros. Aves magras, creadas em liberdade, porcos parentes das aves por esse lado, e caça do javali á codorniz, são estas as comidas que se encontram em Hespanha. O leite é o raro luxo dos ricos, e a manteiga é substituida pelo azeite. Usam largamente a cebola e o alho, e a sobriedade da gente do campo mostra-se no facto de que, no sul, durante os calores do estio, vivem quasi inteiramente d'um prato frio, entre a salada e a sopa, o famoso *gazpacho*. Alguns dos pratos mais antigos da Hespanha hoje só se encontram nas colonias.

Se a arte da cozinha nacional é a arte de substituir alguns dos processos de assimilação por que os alimentos devem passar antes de nutrir-nos, os methodos da cozinha portugueza representam um desenvolvimento superior. Contam os viajantes que os selvagens comem o peixe e os animaes bravios que podem apanhar. O que se chamou «a agradavel melancolia da digestão» deve ser para elle um espaço de tempo mais melancolico que agradavel, e os observadores da vida selvagem dizem

*

que esta cocção interna do alimento (porque não é outra coisa) é um processo desagradavel e lento nas raças incultas. N'essas occasiões o selvagem está indolente, estupido e mau, meditando crimes e villanias contra os seus irmãos, deliciando-se em historias de assassinatos e de crueldades. No processo das gerações dyspepticas, a acção do fogo sobre a carne e as raizes comestiveis foi descoberta para abreviar essa longa miseria da digestão; entretanto inventou-se o espeto, a grelha, a cassarola e o forno. Por muito tempo, mesmo depois de tornar-se commum o uso d'aquelles instrumentos, póde dizer-se que o homem semicivilisado foi a sua propria cassarola, fazendo internamente a cocção dos alimentos. Hoje, a nação que descobriu que póde libertar-se de muitos dos seus incommodos pessoaes, substituindo-os pela cassarola de barro ou de ferro, é claro que está no carro do progresso. No orgulho da nossa civilisação esquecemos todos estes lentos degraus materiaes que levam a melhorar e alliviar a nossa sorte; olhamos para os methodos abstractos do progresso humano, e desprezamos os concretos de que são typo as mencionadas transformações da cozinha. Um homem que estivesse moralisando a respeito de cassarolas, ou que distinguisse entre uma grelha e uma frigideira, seria olhado friamente no meio de gente fina. O excesso de civilisação fez-nos talvez estreitos e intolerantes. Todavia, para o philosopho é manifesto que todo o progresso na direcção do pensamento racional e das graças da vida deve ser precedido pela reforma culinaria. Talvez a sabedoria do mundo não esteja ainda tão madura e velha que não deixe espaço para reformas n'esta materia.

A nação portugueza, em geral, póde dizer-se que chegou á *idade dos guizados*. É provavel que tenha alcançado este ponto relativamente alto antes de nós, inglezes, herdando a cassarola da conquista arabe, quando os saxonios e os bretões, nos intervallos da guerra, se contentavam em converter as suas lanças e espadas em qualquer especie de espeto primitivo. Como os hespanhoes, os portuguezes preferem o guizado, e sendo assim, se valem os argumentos precedentes, estão superiores a nós e a muitas nações da Europa a respeito de cozinha.

Posto que geographicamente tão proximo da Hespanha, Portugal differe d'esta nos seus methodos de cozinha, como no temperamento e no caracter, na historia do passado e nas aspirações presentes.

Os americanos afidalgam-se, por John D. Champlin, Jr.

(*The Forum*)

Já lá vai o tempo em que o americano atarefado pensava pouco nos seus antepassados. Posto que sufficientemente pratico para não se rir dos seus avós, se lhe acontecia lembrar-se d'elles, o seu espirito não era tão simples que attendesse os que ostentavam as suas genealogias, e não hesitava em traçar uma comparação ridicula entre o homem medieval, de sangue azul, com um vaso de ferro na cabeça e na mão uma espada de ferro, e o moderno homem de dinheiro, com um chapéo de sêda em vez de ferro e a mão cheia de dollars. O edito do rei francez, que prohibe a recepção em Versalhes de quem não pudêr provar quatrocentos annos de nobreza, era para o seu espirito um documento de loucura tão absurdo como a bulla do papa contra o cometa.

Mas esse americano á antiga passou á historia e a geração presente não o conhece. A accumulação da riqueza desenvolveu entre nós, com outras bençãos d'uma adiantada civilisação, uma classe ociosa com tempo para cultivar gostos aristocraticos. Esses gostos foram aggravados pela educação estrangeira. As nossas filhas trouxeram para casa com os vestidos de Worth e de Felix, o amor pelas instituições patricias; e os nossos filhos trouxeram, com as creações de Poole e de White, um grande respeito por tudo o que é inglez e um correspondente desdem pelos dias de simplicidade em que os seus paes poderiam gracejar com os privilegios aristocraticos.

Esta passagem da civilisação ao refinamento trouxe comsigo mudanças correlativas nas nossas idéas a respeito de genealogias e objectos semelhantes. Uma triste experiencia ensi-

nou ao americano que a posição de seus paes n'esta materia era insustentavel; porque em muitos casos se viu obrigado a dispender largas sommas para alcançar posição na Europa para as suas filhas quando uma pequena previsão da parte de seus avós teria salvado os dollars que lhe custaram a ganhar. Foi obrigado a apresentar precedencia na sociedade europêa a pessoas de fortuna comparativamente pequena, simplesmente porque ellas possuiam um escudo de dezeseis quarteis que elle descobriu poder ser comprado n'uma casa de heraldica por um preço ao alcance de todo o millionario. Estes e outros factos semelhantes mostraram aos olhos do americano rico a necessidade d'uma genealogia, e com a energia e a promptidão caracteristicas começou a emendar o erro dos seus antepassados. O homem de armadura, ridicularisado d'antes, occupa agora o logar de honra na sala. Pintou cimeira na carruagem, pôz cota d'armas sobre a chaminé, e publicou a genealogia da sua familia, exhibindo com minucioso cuidado os antecedentes dos seus progenitores inglezes, não se poupando a despezas para ligal-os com qualquer casa nobre ou historica. Difficilmente se encontrará familia de certas pretensões que não ostente o seu brazão e a sua genealogia e em muitos casos a sua galeria de antepassados.

O crescente pedido de genealogias e insignias heraldicas creou uma nova industria nos nossos grandes centros sociaes, e será rara a cidade que não tenha o seu collegio de heraldica, onde se poderão encontrar linhas de antepassados e cota d'armas, tão dignas de confiança como na mais antiga instituição de Londres. Estão inteiramente preparados para ligar as familias de elevada categoria na Inglaterra, ou para fazer uma linha inteiramente nova de antepassados do melhor modelo.

Nem sempre porém estas genealogias se estabelecem sem criticas e commentarios. Ha pouco tempo, uma rica familia americana notou que uma alteração insignificante na orthographia do seu sobrenome habilitava-a a ligar-se com uma antiga familia de cavalleiros e a adoptar as suas armas e genealogia. Se se tivesse contentado com a publicação d'uma genealogia segundo

o modo ordinario, e com gravar a cota d'armas sobre o seu tumulo, tudo poderia ter corrido bem; mas a vaidade levou-os a pôr na igreja em que repousavam as cinzas da familia ingleza qualquer coisa que tinha a apparencia de ser uma antiga inscripção em bronze, para commemorar os emigrantes seus antepassados. O visitante ordinario nunca teria percebido differença alguma entre esta fraude e os bronzes cavados pelo tempo em vez dos acidos; mas a familia que ha muito gozava o monopolio da ornamentação funebre da igreja, inquietou-se com o que considerou uma invasão dos seus direitos, e foi bastante mesquinha para descobrir e proclamar que a chapa tinha na margem superior a legenda «John Jones fecit, 1879». E assim se desfez em ridiculo o que sem essa culpavel falta de cuidado poderia ter sido um feliz enxerto.

Uma outra familia americana, com um nome famoso na historia ingleza e exaltado n'um dos seus ramos pelo titulo ducal, concluiu que a semelhança de sobrenome lhe dava igual direito ás propriedades heraldicas da familia, e começou a usar do respectivo brazão e de todos os mais distinctivos. Se o seu orgulho se tivesse satisfeito com a ostentação das insignias nas portas da carruagem, ninguem objectaria; mas quando se tentou a affirmar publicamente os seus direitos ao titulo ducal, que então estava vago, provocou a curiosidade dos genealogistas, que depois do necessario exame affirmaram que a familia americana era sómente de origem de lavradores e de fórma alguma estava ligada á casa ducal. Assim se desfez essa ambição; e para evitar o ridiculo viram-se obrigados a occultar o magnifico serviço da China e prata sobre que tão caro se mostrava a corôa ducal.

Os judeus na Russia, por um anglo-russo

(*The Contemporary Review*)

O imperador da Russia recusou receber a deputação ingleza que pretendia pedir-lhe protecção para os seus subditos israeli-

tas e devolveu a petição que com o mesmo fim lhe foi dirigida. E não só se recusou a revogar as leis que agora pesam tão duramente sobre os judeus, mas hoje mais do que nunca parece resolvido a mandar executal-as rigorosamente.

Amigos e inimigos do imperador reconhecem as suas excellentes qualidades pessoaes, as suas tendencias humanitarias e inclinações piedosas, as suas virtudes domesticas. Sendo assim, é claro que razões de muito peso e não mero capricho dictaram a sua politica. E a Inglaterra, intromettendo-se na politica interna da Russia, sujeitou-se a ouvir as palavras desagradaveis que o *Novoye Vremya* publicou em 18 de dezembro: « A solicitude da Inglaterra que reduziu á miseria os povos da India e do Egypto, que envenenou com opio o povo da China, que destruiu como insectos perigosos os indigenas da Australia, e que sob o pretexto de abolir o commercio de escravos extermina agora as numerosas raças da Africa — a solicitude d'um povo que faz estas coisas é por certo tocante ».

Quaes foram os motivos da politica do czar? Se considerarmos o que até agora se tem dito na imprensa ingleza, a politica do czar n'essa questão ou carece inteiramente de fundamento ou baseia-se nas considerações mais sordidas e perversas.

A politica do czar tem precedentes historicos, é tradicional. Catharina I, depois da annexação da Pequena Russia, ordenou a expulsão dos judeus d'aquelle territorio; Pedro II permittiu-lhes apenas visitar a Russia do Sul, sómente para irem ás feiras; a imperatriz Anna retirou-lhes a concessão, que lhes tinha feito, de visitarem o seu paiz para fins commerciaes; a imperatriz Isabel viu-se obrigada a publicar leis mais rigorosas; e Catharina II seguiu a mesma politica de fórma a só permittir aos judeus estabelecerem-se no governo da nova Russia.

A perseguição não tem motivos religiosos. Sustento que os russos são o mais tolerante dos povos em materia religiosa. Se não somos orthodoxos, olham para nós como homens perdidos, mas não augmentam a nossa desgraça perseguindo-nos. Antes nos lastimam. Durante toda a minha residencia n'aquelle paiz, inglez e hereje como sou, nunca fui atacado pelos russos sobre

as minhas opiniões religiosas. Não gozei esta immunidade na Inglaterra e n'outros paizes. Atacaram-me catholicos e dissidentes. Nas aldeias russas, tartaros, lutheranos e catholicos vivem ao lado do povo orthodoxo nas relações mais amigaveis.

A causa real das leis relativas aos judeus é a mesma que no tempo dos Pharaós, conforme nos diz o capitulo I do « Exodo ». Os filhos de Israel do seculo presente tornaram-se « excessivamente numerosos e excessivamente poderosos », e o moderno Pharaó esforça-se, a seu modo, por reduzir-lhes o numero e enfraquecer-lhes o poder. Bem ou mal, o czar e os seus conselheiros consideram que têm razões bastantes para olharem os judeus russos como uma ameaça para a estabilidade do imperio, pelo seu numero e pelas suas particularidades caracteristicas; e, obedecendo ás leis naturaes, procuram manter a propria existencia.

Skalkoffsky, vice-presidente da repartição de minas na Russia, um homem bem informado e que tem viajado, esclarece-nos sobre este ponto [1].

« O problema israelita na Russia, diz-nos, é um legado dos polacos. A nobreza polaca, ociosa e sem principios, incapaz como era d'acção independente, alegrava-se com a assistencia dos judeus explorando as aldeias esmagadas, e assim o seu paiz em breve se tornou o nucleo a que os judeus eram attrahidos. Quando uma parte d'aquella nação foi annexada á Russia, tornou-se imperativamente necessario abandonar a politica existente relativamente aos judeus, dizendo Pedro o Grande que já tinha patifes bastantes entre o seu povo, e a imperatriz Isabel que não queria beneficio material algum dos inimigos de Christo.

« A questão teve de ser seriamente pensada, e o governo, tomando o unico caminho praticavel, garantiu aos israelitas uma relativa liberdade de acção em certos districtos em que residiam ha seculos, e convidou-os mesmo a povoar uma parte da Russia do Sul então muito escassamente habitada; tomando, todavia, as mais apertadas medidas para evitar que a raça se espalhasse nas restantes partes do imperio.

[1] *Sovremennaia Rossia*, 2.ª edição. 1890.

« Entretanto a lei relaxou-se na applicação e os judeus espalharam-se pelo interior, dando causa a que se levantassem de todos os lados as mesmas queixas que contra elles havia nas provincias do sul. O remedio proposto pelos partidarios dos judeus era a abolição das leis que limitavam a liberdade de residencia, e permittir-lhes estabelecerem-se em qualquer parte da Russia, ajudal-os a perderem-se entre a população indigena.

« Infelizmente esta esperança só póde ser considerada como uma illusão. Vendo com que espantosa rapidez os judeus se multiplicam nas condições presentes, que devemos esperar se lhes permittimos viver a expensas de todo o imperio? As desordens em Rostoff sobre o Don, Ekaterinoslav e Nijni-Novgorod, demonstram plenamente a natureza insustentavel de tal theoria que de resto nunca foi partilhada pelo governo: n'essas cidades a proporção dos judeus é muito insignificante, e todavia as desordens provam que mesmo tão pequena dóse d'um corpo heterogeneo é mais do que o organismo popular póde supportar ».

Sobre a fecundidade dos judeus na Russia diz o mesmo auctor, cujas transcripções constituem a parte mais importante do artigo que vimos examinando:

« Conforme antigos escriptos, os judeus appareceram pela primeira vez em Kieff no seculo x, e desde então só nos governos do sudoeste alcançaram a enorme cifra de 2.000:000. (Hoje ha 6.000:000 de judeus na Russia). Perceber-se-ha a significação d'este numero se tomarmos em consideração os seguintes factos bem conhecidos. Com poucas excepções sem importancia, os judeus não se occupam pessoalmente em qualquer industria productiva, mas quasi invariavelmente têm uma posição de intermediarios, pequenos commerciantes, agentes, corretores, etc., entre o productor e o consumidor. Sem negar a utilidade d'este genero de commercio, é necessario ter presente ao espirito que uma tão enorme proporção de intermediarios está muito além das necessidades do paiz. Em França, onde a população excede quarenta milhões, a proporção dos individuos occupados em todos os ramos do commercio foi computada em 1.800:000, e não póde haver comparação entre o commercio da França e o dos

governos do sudoeste da Russia. Sendo essencialmente um povo migratorio, os judeus simplesmente inundam este ou aquelle ponto conforme a margem que apresenta ao commercio. Em Odessa, n'uma estatistica comparada dos nascimentos e dos obitos, em 1883, na classificação relativa aos varios crédos religiosos, os judeus mostram-se particularmente favorecidos: o augmento médio entre a parte christã da população, pelo excesso dos nascimentos sobre os obitos registrados, foi de 78,2 individuos, emquanto entre os judeus foi de 628,5! Assim o elemento israelita augmentava só pelos meios naturaes *oito vezes mais rapidamente* que o elemento christão. Semelhante disparidade póde observar-se relativamente aos casamentos. Durante um periodo de oito annos, a percentagem total dos casamentos contrahidos foi de 65,59 por cento entre os christãos e 34,41 entre os judeus. Comprehende-se a significação d'estes numeros se nos lembrarmos de que só os judeus constituem um quarto da população total de Odessa. Durante esses mesmos oito annos o numero médio dos nascimentos por cada casamento christão foi de 4,54; entre os judeus, de 4,63. A média dos obitos de creanças no mesmo periodo foi de 37,13 por cento entre os judeus e 48,08 entre os christãos, mostrando um excesso de 11 por cento na mortalidade d'estes ultimos. É obvio que os caracteres particulares d'este povo, a sua espantosa fecundidade, os seus casamentos precoces, e os frequentes divorcios no caso de uniões estereis, assim como a tendencia manifesta para o auxilio mutuo e a acção combinada, tendem a crear para aquella raça condições eminentemente favoraveis a um largo desenvolvimento» [1].

[1] É interessante aproximar d'estas palavras est'outras publicadas recentemente pelo dr. John Billings na *North American Review*: «Parece-me que podemos concluir que os judeus que têm estado nos Estados-Unidos por mais do cinco annos, têm decididamente uma menor proporção nos obitos e uma maior longevidade que a gente da mesma classe que os cerca, e que esta maior longevidade, juntamente com certos particulares de immunidade relativamente a certas doenças e excessivo perigo em outras, é devida em parte a particularidades hereditarias de estructura, ou, por outras palavras, a caracteres de raça, e em parte a

Referindo-se á influencia economica dos judeus diz-nos Skalkoffsky:

« Os judeus são, por excellencia, uma raça commercial. Na Russia gradualmente se insinuam entre todos os varios ramos das emprezas commerciaes. Os effeitos corruptores d'este movimento podem observar-se em toda a parte.

« O commercio de bebidas alcoolicas em todos os seus ramos está quasi inteiramente nas maos dos judeus, ainda que os numerosos methodos por que esta talentosa communidade o exerce torna difficil determinar com certa segurança toda a sua extensão. O methodo mais commummente empregado é ter o estabelecimento em nome d'um russo, que procura os papeis necessarios e em alguns casos toma parte na gerencia. Acontece mesmo que o judeu, que é realmente o proprietario, figura nos papeis como creado do proprietario. Estas fraudes são concebidas e executadas com notavel cuidado e intelligencia, de fórma que os cobradores do imposto e a policia são praticamente incapazes de descobril-as, e, excepto em poucos casos isolados, é permittido ao judeu dar-se a este commercio illicito com tranquilla segurança. Entretanto o systema applica-se com o verdadeiro descaro israelita. Assim, é officialmente conhecido que a percentagem das tabernas de todo o genero illegalmente dirigidas pelos judeus é de trinta e cinco em toda a Russia, emquanto nas provincias do sudoeste, onde os judeus abundam, a proporção das casas publicas que elles possuem, é quasi oitenta e nove por cento!

« Diz-se muitas vezes que o povo não soffre mais com os intermediarios judeus do que com os *koulaks* e os *miroyeds* (usurarios) indigenas. Não conheço um unico caso de resentimento publico de que fossem objecto os *koulaks* e os *miroyeds*, emquanto me são familiares os exemplos de demonstrações da

certo isolamento e modo particular de vida». E como consolação accrescenta o mesmo artigo: « Mostraram que podem resistir á adversidade, mas resta vêr so podem igualmente supportar a influencia da riqueza e da liberdade, e conservar os modos de vida que outr'ora lhes deram longos dias ».

J. M. L.

populaça contra os judeus. É obvio, por conseguinte, que a populaça distingue entre os judeus por um lado, e os seus perseguidores indigenas pelo outro.

« O *koulak* é um producto indigena, a sua educação e caracter moral não differem da educação e caracter da communidade em que as suas operações se realisam. É na maior parte dos casos illetrado, e, como os ignorantes em geral, possue uma sã apreciação dos inconvenientes adstrictos aos tribunaes. Não se contraría em associar-se ás patuscadas dos companheiros, e de modo algum está ligado a outros da sua profissão, trabalhando invariavelmente só para si. É natural, por conseguinte, que o povo veja no *koulak* meramente um dos seus, com nenhum ponto de differença, excepto a energia e a persistencia necessaria para o tornarem capaz de tirar um capital da fraqueza e da estupidez dos companheiros menos habeis.

« Com os judeus, a opinião popular baseia-se em condições inteiramente differentes. O judeu é o producto d'uma civilisação completamente estranha á commodidade em que vive. A sua religião, as suas tendencias moraes e os seus costumes, tudo differe materialmente dos costumes, da religião e das tendencias moraes do aldeão russo. Não é completamente illetrado, e muito longe de ter pelos tribunaes o horror que se observa no *koulak*, prefere esse meio de decidir as suas disputas e recorre a elle frequentes vezes. Nada tendo em commum com a communidade rural em que realisa as suas operações, não teme o ostracismo; nem, como o *koulak*, trabalha individualmente, mas está invariavelmente em estreitas relações com todos os judeus da visinhança que o auxiliam e aconselham. Com o *koulak* o aldeão trata em igualdade de circumstancias; com os judeus, um elemento inteiramente estranho á sua esphera, não tem terreno commum sobre que trate ».

O judeu tem, além de tudo o que fica apontado, uma grande repugnancia pelo serviço militar. Em 1878, do numero total dos recrutas que faltaram quando foram chamados, oitenta e sete por cento eram judeus.

Jayme de Magalhães Lima.

REVISTA DE POLITICA INTERNA

30 de abril.

Uma crise abortada, uma crise recolhida... O ministerio *extra-partidario*, depois d'algumas oscillações, retomou o seu equilibrio, aprumou-se — e ficou.

Um momento, porém, n'essa hora que pareceu ser a da agonia do gabinete, desenhou-se, esboçou-se vagamente, entre os boatos proprios de taes occasiões, a apparição ameaçadora d'uma outra situação politica, não *extra*, mas *contra-partidaria* — situação composta de homens mais ou menos isentos de responsabilidades politicas, pelo menos recentes, e aos quaes, dado o continuo insuccesso do nosso velho pessoal de estadistas em face da crise que atravessamos, bem se poderá chamar a ultima reserva da monarchia [1]. Como se vê, os partidos não estão em maré de rosas. Ou condemnados á inacção, á paz forçada, expressa na *expectativa benevola* para com um ministerio neutro — ou ameaçados d'um governo hostil, d'uma situação *à poigne*, disciplinadora, repressiva, cortando a direito por

[1] *A Provincia*, de 16 de abril de 1891, inseria o seguinte n'um telegramma do seu correspondente de Lisboa: «Se o gabinete insistir pela demissão collectiva, será encarregado de formar ministerio o snr. José Dias Ferreira». Por essa occasião varios jornaes publicaram *interviews* com o illustre jurisconsulto, em que mais ou menos se indicavam as linhas geraes do seu programma de governo.

todos os abusos e intransigente com todas as complacencias administrativas e todas as fraquezas estadisticas, que têm sido a causa constante e inalteravel da anarchia de que enfermamos...

Ao que se diz, essa situação, ainda agora mais uma vez esvaída como um phantasma, não andou longe de empolgar o poder ahi por outubro, quando se tratava de liquidar a laboriosa crise, aberta pela queda dos regeneradores [1]. O *extra-partidarismo* esteve já então para ser *contra-partidarismo*... Mas um acaso, um nada, um d'esses infimos grãos de areia que ás vezes parecem travar e suspender o movimento da roda do Destino — fez mudar inesperadamente o curso provavel dos acontecimentos. E os partidos, esmagados sob o peso das suas faltas, e reconheçendo a irrevogabilidade da sentença que os condemnava a um ostracismo mais ou menos prolongado, não poderam deixar de receber com relativa satisfação um governo que, longe de se lhes apresentar de viseira cahida e lança em riste, surgia com um ramo de oliveira na mão, pacifico e conciliador. Comtudo, por traz d'elle, as ambições facciosas, os interesses partidarios lesados pelo afastamento do poder, degladiavam-se n'uma guerra surda e obscura de intrigas. Para os dois grandes grupos monarchicos — regeneradores e progressistas — o ponto grave era o da successão ao gabinete actual. Aceitaram-no, pois, como uma tregua, um adiamento do seu pleito. E se o poder, em tão má hora, não fosse realmente um pesado fardo — podia bem dizer-se que o ministerio *extra-partidario* era o *tertius gaudet* do litigio.

A *expectativa benevola* foi assim o regimen naturalmente

[1] O mesmo diario portuense publicava, no seu numero de 11 de outubro de 1890, a seguinte communicação telegraphica da capital: «Hontem á tarde e durante a noite correram, e eram aceites com geral satisfação, noticias dando como resolvida a crise. Constava estar combinado um gabinete composto dos snrs. João Chrysostomo, Dias Ferreira, Antonio Ayres, Oliveira Martins, Antonio Ennes, conde do Valbom e Antonio Candido. As affinidades pessoaes e o facto de terem sido vistos juntos quasi todos estes cavalheiros, como que garantia a authenticidade da versão».

indicado para os partidos, n'este interregno de politica partidaria — regimen, de resto, mais d'uma vez violado na imprensa por impaciencias mal contidas, despeitos em fermentação, interesses feridos, pretenções denegadas, e recosidas indisposições pessoaes atalaiando um ensejo favoravel para o ajuste de antigas contas... A inadiavel urgencia de conjurar, por meio d'uma grande operação de credito, a crise financeira imminente, á necessidade de liquidar de vez a angustiosa questão ingleza, — missão especial do gabinete João Chrysostomo — veio juntar-se o grave incidente da revolta republicana do Porto, impondo ás facções um novo esforço de isenção e o dever de cerrar fileiras, dando ao governo toda a força e prestigio em face do inimigo commum.

Passado, porém, o perigo, essa especie de *modus-vivendi* politico soffreu novas infracções, cada vez mais amiudadas e mais violentas. O ministerio tornou-se o alvo d'uma guerra declarada, que, se não era ainda a campanha regular dos partidos, era já, comtudo, o escaramuçar ousado e vivo dos seus guerrilheiros e francos atiradores. Votára-se o emprestimo, liquidára-se a revolta, as novas negociações diplomaticas relativas á questão ingleza seguiam regularmente os seus tramites. Eram horas — clamava-se — do governo cumprir as promessas feitas, em pleno parlamento, ao assumir o poder. Eram horas de se entrar no caminho das promettidas economias e das promettidas reformas. Eram horas de se pensar nos gravissimos problemas de ordem economica, suscitados pela recente denunciação dos tratados de commercio e pelo novo aspecto que as questões economicas tendem a tomar, na Europa e na America, sob o influxo das idéas proteccionistas e do principio da nacionalisação do trabalho. Eram horas de se abrir o parlamento, de se fazer interferir os eleitos do paiz na direcção dos negocios publicos, da qual se achavam como que systematicamente afastados. Eram horas de se restabelecer solidamente a ordem ainda periclitante, como innumeros symptomas bem claramente patenteavam, e de reanimar a confiança politica da nação, que os acontecimentos haviam feito retrahir, etc. etc.

Ou exprimindo um voto sincero, ou acobertando um proposito politico, ou coincidindo mesmo com interesses individuaes — estas vozes, ora moderadas e cordatas, ora violentas e apaixonadas, manifestavam que o gabinete começára a declinar nas boas graças dos partidos. Uma desastrada reforma dos quadros da fiscalisação dos caminhos de ferro, emanada do ministerio das obras publicas, reforma dispendiosa e eivada d'esse corrupto virus do *afilhadismo,* tão exprobrado aos partidos, agora em desgraça, ateou as indignações da imprensa — e o fogo animou-se em toda a linha. A crise, que pairava no ar, no estado de boato, como uma nuvem ameaçadora saturada de electricidade, explodiu por fim nas altas camadas da atmosphera official. Os jornaes declararam-a aberta e em laboriosa resolução. Noticiaram-se diligencias para uma recomposição e combinações para uma situação nova. Indicaram-se nomes, denunciaram-se entrevistas e conciliabulos, revelaram-se planos e programmas... E quando já a imprensa publicava a nova lista ministerial, eis que inesperadamente tudo se suspende — situação nova ou simples recomposição — e o gabinete fica, intacto e completo, tal como se achava constituido na vespera.

Não entro na investigação das causas politicas ou na apreciação dos motivos particulares, que determinaram o aborto da crise pela reconsideração dos ministros demissionarios. Diz-se que foi um novo incidente da questão ingleza que impôz a manutenção do *statu-quo* governamental. Fosse o que fosse, o caso é que o ministerio *extra-partidario* ficou — mas ficou renovando a promessa d'uma politica energica, activa, diligente, reformadora, justiceira, que désse satisfação aos desejos da opinião publica, manifestados e expressos pela voz unanime da imprensa...

De tudo isto resalta, claramente, que a gente cordata reconhece a necessidade d'um governo forte, com energia, com decisão, com auctoridade e prestigio, que domine a anarchia reinante, liquide de prompto as questões pendentes e inicie com novos processos de administração essa messianica *vida nova,* ha annos ainda tão scepticamente troçada, e hoje reclamada

em altas vozes, como a grande panaceia para os nossos velhos males perigosamente aggravados... As classes conservadoras parecem, emfim, despertar do seu dôce sonho optimista — sonho embalado, durante largos annos, pela crença na brandura dos nossos costumes e pela fé cega na illimitada extensão do credito. Vê-se com pasmo que o paiz reponta já com a extrema audacia d'aquelles que o julgam seu exclusivo patrimonio e logradouro, e que esse credito, que se suppunha uma fonte inexhaurivel, tem enfraquecido sob a acção da esterilidade da nossa politica economica, como uma nascente ao cabo de longa estiagem. Os homens publicos batem contritos no peito, confessam as suas faltas e os seus erros, e convêm na necessidade de mudar quanto antes de rumo, sob pena de tudo se subverter n'um naufragio total.

Não ha ninguem, com effeito, que não reconheça a justiça e a razão d'este sensato e patriotico modo de vêr. De ha muito que o que por ahi toda a gente hoje reclama, apertando as mãos na cabeça, era insistentemente pedido por uma minoria de espiritos, cujas sombrias predicções de então despertavam apenas um desdenhoso sorriso aos que presentemente mais lastimam e choramingam a situação em que nos encontramos. Reprimir a anarchia, restabelecer a confiança publica, pôr um travão seguro na roda dos desperdicios, fazer presidir á administração dos dinheiros do Estado a mais severa e intransigente economia e a mais insuspeita honestidade, reduzir as despezas, promover o augmento das receitas, dar um golpe na nefasta influencia da burocracia, conter em respeito o egoismo politico dos partidos perante a suprema necessidade da salvação publica, corrigir todos os abusos, refrear todas as ambições illegitimas, restabelecer o equilibrio orçamental, fomentar o desenvolvimento economico do paiz — tudo isto é, sem duvida, o mais bello e o mais rasgado programma que um governo qualquer póde, hoje, propôr-se a realisar entre nós. Mas (o eterno *mas* do pessimismo!) muito fundamentadamente receio que tão excellente, tão energico remedio, venha já um pouco fóra de tempo...

Vejamos por quê.

Supponhamos um gabinete animado dos mais sinceros e vehementes desejos de iniciar essa politica de rigida disciplina e de severa economia. Supponhamos todos os membros d'esse governo, não só revestidos da maxima auctoridade moral, como armados, ao mesmo tempo, da mais inquebrantavel força de vontade e da mais indiscutivel competencia para a direcção dos negocios a seu cargo. Supponhamos, emfim, este grupo de homens desligado absolutamente de todo e qualquer compromisso partidario, e apoiado pela plena confiança da corôa, com todos os elementos de governo que essa confiança póde dispensar.

Pois bem: eu julgo não errar affirmando que semelhante governo, na hora presente e no estado em que o paiz se encontra, tem noventa probabilidades em cem de cahir logo, ao seu primeiro assomo de força, ao seu primeiro acto de hostilidade para com as ambições dos partidos e os interesses da burocracia.

É que são innumeros os obstaculos, incontaveis os elementos de opposição, com que um governo assim teria a contar.

Logo em primeira linha empecel-o-hia essa *toquade* republicana, que se apossou da nação após os recentes desastres da politica monarchica. Não dissimulemos a importancia d'este elemento. No meu artigo anterior forcejei por a avaliar com a mais imparcial exactidão, e não vale a pena repetir palavras tão recentes. O facto é innegavel. Não trato agora de discutir os fundamentos d'esta evolução da nossa psychologia politica. Os povos movem-se, como os individuos, mais por instinctos, do que por idéas e raciocinios. O nosso republicanismo é caracteristicamente instinctivo — uma nova fórma, apenas, do messianismo historico, em que temos vivido a partir do fim do seculo XVI. E é esse caracter instinctivo que não só lhe dá toda a sua força, como até, debaixo de certo ponto de vista, o torna sympathico e nobre na candida ingenuidade do seu fundamental erro critico. Não estamos em face d'uma idéa. Estamos em face d'uma paixão. E um cego impulso, uma attracção sentimental que nos

*

atira para o radicalismo. Ha n'isto qualquer coisa de doentiamente feminino, qualquer coisa de morbidamente hysterico. A nação está como uma mulher *toquée*. Nada a detem no seu allucinado amor. É possivel que depois da *queda* lhe sobrevenha a consciencia do seu erro. Mas ha de cahir, fatalmente, irremediavelmente — a menos que um imprevisto acaso a detenha na hora da crise.

Percebe-se bem como um governo auctoritario (e não póde deixar de o ser um governo ordeiro e disciplinador) ferisse com os seus actos, em mais d'um ponto, este estado de espirito das massas. Qualquer prurido de energia ou de repressão, o minimo acto de justiceira dictadura, affectará para essas massas, desnorteadas pelos preconceitos d'um erroneo liberalismo, um aspecto despotico de tyrannia, de propositos reaccionarios, de subserviencia monarchica — absolutamente antipathico e impopular. Tal especie de governo, para ter condições de exito, n'um paiz cuja situação economica chegou ao apuro em que entre nós a vemos, presume a existencia d'uma opinião publica, não só bem intencionada, como esclarecida, e d'um patriotismo não apenas sentimental, como o nosso, mas moral e pensante. Seria este o inexpugnavel reducto em que um governo justiceiro se poderia entrincheirar para romper as suas hostilidades contra os partidos egoistas, contra os financeiros rapaces, contra os burocratas revestidos d'uma subversiva omnipotencia. Mas esse ponto de apoio falta-lhe totalmente. A nação despertou da sua indifferença, da sua lethargia civica, para se lançar allucinadamente na esteira d'uma nova illusão messianica. E tudo o que, mesmo apparentemente, fôr de encontro aos preconceitos d'essa illusão — não fará mais do que aggravar a dissidencia em que o espirito publico se encontra para com o elemento governativo.

Mas ha mais. Um governo contra-partidario, um governo que se proponha metter na ordem as ambições facciosas, combater a prejudicial acção da Influencia especuladora e interesseira nos negocios do Estado, e isto d'uma fórma radical e absoluta — terá, desde o primeiro dia da sua existencia, colliga-

dos contra si, não só os dois grandes partidos monarchicos, como todos os partidelhos, grupos, patrulhas, bandos, em que se divide e subdivide a grande massa politicante do paiz. Disse-se ahi que o chefe d'um d'esses grandes partidos, vendo probabilidades do seu rival subir ao poder, dias antes de se manifestar a crise, declarára a El-Rei que não garantia a docilidade e obediencia dos seus correligionarios, se tal facto se désse, deixando subentender que o descontentamento da preterição levaria uma grande parte d'elles a passarem-se, com armas e bagagens, para os arraiaes republicanos. Não sei o fundamento que semelhante boato possa ter. Creio mesmo que elle não passa d'uma invenção da intriga partidaria. Mas, embora isto não seja verdade, embora tão grave declaração não houvesse sido feita ao chefe do Estado, nem por isso é menos provavel que numerosas defecções viessem a ter logar no campo monarchico de parte da facção preterida, no dia em que uma d'ellas fosse chamada a organisar gabinete. Ora, n'estes termos, supponha-se o que não seria quando, em vez d'um só partido hostilisado por um governo monarchico, o fossem todos, em massa, indistinctamente!

Porém, ainda que tal perigo d'uma grande deserção monarchica se não tornasse um facto, que força poderia sustentar um gabinete contra uma coalisão de todas as influencias politicas locaes? Como dominaria elle essa geral insurreição de interesses, que poria em armas toda a legião politicante desde os altos personagens da burocracia e os mais poderosos caciques provincianos até ao mais infimo e obscuro galopim sertanejo? Com que armas a combateria? Em que garantias de auctoridade se apoiaria para realisar os seus planos e tornar effectivas as suas medidas?

Ha annos, quando o republicanismo se limitava a puros esforços de propaganda jornalistica e a restrictas tentativas eleitoraes, seria acaso possivel fixar no exercito esse ponto de apoio indispensavel á alavanca d'uma politica justiceiramente reformadora. Então uma dictadura militar, honesta e habilmente aproveitada em beneficio do paiz contra a rapacidade devo-

rista da parasitagem partidaria, teria sido, sem a menor duvida, um remedio energico, seguro e efficaz — que talvez houvesse evitado a série de males que nos affligem. Hoje, porém, depois do que ahi se viu em 31 de janeiro, depois do que todo o mundo sabe a respeito dos sentimentos d'uma grande parte da classe militar, será sobremodo insensato que um governo monarchico conte inteiramente com o exercito para as suas vistas politicas.

Se o programma da moralidade (entendendo-se por este termo a repressão de todos os abusos administrativos, de todas as illicitas ambições de corrilhos e syndicatos politicos) encontra, no estado actual do paiz, tão precarias condições de effectividade — o programma das economias, por seu lado, não vê diante de si, ao que me parece, mais seguras esperanças de uma valiosa realisação.

Basta percorrer com a vista o nosso orçamento para se reconhecer que a politica das economias se tornou entre nós uma verdadeira chimera, emquanto um *krach* do Estado não venha fazer taboa rasa no regimen de communismo burocratico em que vivemos. N'um paiz cujas receitas e emprestimos se esgotam principalmente em juros de divida, em ordenados e em salarios por trabalhos publicos — reduzir as despezas do Estado, d'um modo apreciavel para o equilibrio orçamental, corresponde a nada menos do que a cercear as receitas, algumas d'ellas bem parcas, dos orçamentos particulares. Póde-se, é facto, cortar nos abusos de accumulações, gratificações e emolumentos, e nos desperdicios de inuteis e superfluos logares da alta burocracia. Póde evitar-se que funccionarios recebam indevidamente dos cofres do Estado, sob trinta mil sophismados pretextos, quantias que representam o verdadeiro rendimento de grandissimas fortunas. Mas todo esse poupar de verbasinhas é nada, absolutamente nada, em face da enormidade do nosso *deficit* chronico. Cotejem-se as recentes medidas tomadas a esse respeito pelo ministro da fazenda e as derradeiras contas do thesouro. A quanto montam as economias realisadas, segundo os calculos ministeriaes? A menos de 300 contos. A quanto monta, porém,

o *deficit* previsto para o exercicio corrente? A uma respeitavel cifra, que os mais comedidos fixam á roda de 14:000 contos e os mais largos no calcular (porventura os mais exactos) em cerca de 18:000! Como se vê, pois, algumas centenas de contos, um milhar mesmo ou dois, se quizerem (o que seria um milagre financeiro!) de deducções nas despezas do Estado — não passariam, ainda assim, d'um bem mesquinho palliativo para tão grande e tão aggravado mal. Porque, desgraçadamente, não se faz d'um anno para o outro o que se não tem podido, ou querido, fazer, n'um periodo de muitos annos. As receitas publicas têm, sem duvida, augmentado. Mas as despezas têm seguido uma marcha identica. Os mestres orçamentologos procuram illudir este facto com o sophisma das despezas ordinarias e extraordinarias. A verdade, porém, é que estas, pela sua constancia e persistencia, mantém-nos n'um regimen de *deficits* permanentes, que, suppridos provisoriamente pela divida fluctuante, acabam por, a seu turno, cahirem na voragem da divida consolidada, onerando os orçamentos futuros com novas verbas de encargos.

Elemento deficientissimo, como se vê, para restabelecer o equilibrio orçamental, o programma das economias, pelo systema das reducções, tem por outro lado o inconveniente de concitar contra o governo que, *a valer*, o ponha em execução, a hostilidade geral dos interesses que fére e molesta. Viu-se agora como, ao simples boato das intenções do ministro da fazenda a este respeito, logo os magnates aduaneiros se ergueram, revoltados e ameaçadores. O ministro reagiu, com uma decisão rara entre os nossos homens publicos, e levou a sua por diante. Os rebellados accommodaram-se. Mas não se fie muito d'esta apparente resignação. Deus sabe o que, a coberto d'ella, se trama na sombra! Além d'isso, o golpe foi cautelosamente superficial. Outra estocada mais funda — não sei o que dará de si. Lembremo-nos de como foi a terra o bispo de Vizeu, levado ao poder n'uma onda de triumphante popularidade. Embora todos vejam o perigo d'esta orçamentophagia que nos exhaure — ninguem se resigna a largar d'entre os dentes o seu bocado. O interesse é estupidamente cego, e a fome é imprevidente. Se os governos monarchicos

insistirem no expediente das reducções, não será de estranhar que o burocrata egoista, descontente tambem e convertido ao pessimismo politico desde que lhe tocam na bolsa, comece a ir lentamente engrossar as fileiras republicanas. E os republicanos hão de recebel-os de braços abertos, porque um partido, que quer vencer, aceita, sem escrupulos, todos os elementos de immediato triumpho que se lhe offerecem.

Resta ainda esse projecto de uma larga iniciativa de politica economica, projecto em torno do qual tantas esperanças continuam palpitando. Com effeito, dar um meticuloso balanço chrematistico ao paiz, formular o cadastro da riqueza publica, proceder a um escrupuloso inquerito das condições do trabalho nacional, atacar de frente a questão do nosso desequilibrio demographico promovendo por um acertado conjunto de medidas e de sabias disposições legaes a colonisação das regiões despovoadas, desenvolver a agricultura, acclimar industrias, intensificar o commercio, restaurar a navegação, organisar pratica e utilitariamente a exploração colonial — em summa, realisar esse largo, fecundo e sólido plano de governo, que em 1885 foi inspirado ao partido progressista por um dos mais altos espiritos do nosso tempo — constitue realmente a unica linha administrativa, racional e logica, para um paiz que, como o nosso, soffre, sobretudo, d'uma debilitadora anemia economica. Mas não nos illudamos tambem com isto. A politica economica não é um elixir mirifico, uma droga medicinal de effeitos instantaneos e immediatos, como essas tantas vezes proclamadas pelo charlatanismo d'alguns famigerados dentistas politicos. Essa norma administrativa e governamental é um criterio, não é um expediente; é um regimen de hygiene, não é um agente therapeutico de occasião. Presuppõe uma acção estadistica demorada de parte de quem a inicie — homem ou partido; e de fórma alguma se compadece com uma politica hesitante e frouxa, cortada de sobresaltos, infestada de intrigas, desorganisada pela concorrencia egoista dos interesses. Essas providas e sabias administrações (quando não são a resultante d'uma forte iniciativa particular, alliada ao bom senso nacional, ao patriotismo dos partidos e á competencia

dos estadistas) comprehendiam-se nas monarchias absolutas, em que o *ministro* omnipotente, um Colbert ou um Pombal, tinham, diante de si, garantidos pela vontade do Rei, largos annos para planearem, estudarem, iniciarem e dirigirem, sem contestações, a execução da sua obra. Hoje, porém, dada a mobilidade, a inconsistencia da nossa vida politica, como assegurar o exito d'uma iniciativa de resultados lentos e morosos, e cuja efficacia depende sobretudo da permanencia, constancia e unidade de uma ininterrompida acção dirigente e coordenadora? Se a propria obra de Pombal, firmada sobre a dura rocha do absolutismo, cahiu com o seu auctor, o que não será d'uma qualquer tentativa correspondente erguida sobre este sólo movediço da incerta politica eleitoral? A menor reviravolta de opinião, a menor oscillação partidaria, ou determinariam o abandono indifferente da obra começada ou dariam logo em terra com as suas primeiras edificações. Para que assim não fôsse, seria preciso que os partidos tivessem a hombridade de pôr fóra do ambito das suas intrigas, e acima d'ellas, essa alta esphera dos mais fundamentaes interesses da nação. Infelizmente não a têm — e é esta, quanto a mim, a causa principal da situação em que dolorosamente nos debatemos, desesperados e impotentes, como um animal incauto na armadilha em que se deixou cahir.

N'estes termos eu vejo (e com mágua o digo) asperamente erriçado de difficuldades, obstaculos e estorvos o caminho d'um qualquer governo de pulso, d'um qualquer governo disciplinador e justiceiro, que, nas alturas em que nos achamos, se abalance a deitar as mãos ás classicas redeas da desconjuntada carrimonia do Estado. Na sua frente (por maior que seja o valor dos homens que o componham) hão de erguer-se, insuperaveis, o desvario d'uns e o egoismo d'outros. No fundo de todos os problemas politicos ha um problema moral. E o nosso determina-se pela preponderancia, quasi absoluta, d'aquelles dois factores psychologicos. Diz o povo que se não póde fazer boa obra com má ferramenta. Nem com mau material — peço eu licença para accrescentar. Ora ha de, precisamente, ser esta a maxima difficuldade de quem, a estas horas, se propozer a compôr e restau-

rar um edificio, que parece votado a um desmoronamento fatal.

Seria excellente que assim não fosse! Seria excellente que, no jogo final das probabilidades favoraveis e contrarias a essa tentativa, prevalecessem as primeiras, apesar da sua exigua minoria. Nem ouso affirmar que tal não possa succeder. Só me parece, como já disse, que a salvadora therapeutica vai ser applicada um pouco fóra de horas. Mas, emfim, n'estes casos de prophetismo, é bom não desviarmos o espirito d'aquella salutarissima maxima do *Deus super omnia*, tão prudentemente proclamada pela sabedoria de todos os Bordas d'Agua. A fatalidade historica tambem é uma suprema e imperscrutavel providencia.

Luiz de Magalhães.

REVISTA DE CRITICA LITTERARIA

Dissonancias. Versos por Thomaz Ribeiro [1]

Eu não sei se este é um bom ou um mau livro. Não é como livro que o considero. Mas como documento. E como tal vou examinal-o.

E primeiro, é o documento d'um individuo. O seu auctor, o snr. Thomaz Ribeiro, é uma das figuras da penultima geração em que o paiz applaude um dos seus grandes poetas e a consciencia publica honra um homem de bem. Do homem não é descabido fallar, porque n'este escriptor, e isto para gloria d'elle, a penna nunca foi um mero instrumento de sensualidades de gabinete nem buril de chinezices litterarias. O que exprimiu, sentiu-o, e o que sentiu, exprimiu-o. Patriotismo raiano ou philantropia indefinida, catholicismo de semana santa ou caridade de kermesse, todas as vezes que elle pegou na penna para manejar a lingua do verso foi ao serviço d'uma convicção sincera ou na expressão d'um sentimento vehemente. A Arte pela Arte nunca foi o principio inspirador da sua Esthetica. A realisação da Belleza como fim soberano da producção litteraria parece mesmo incompativel com a estructura da sua alma vigorosa que vive com demasiada intensidade n'um momento dado para poder abstrahir de si n'uma creação desinteressada. A preponderancia da emoção e a incapacidade de vêr para além da sensação actual imprimem á sua obra um cunho de individualismo energico e por assim dizer de realismo lyrico. Mas esse modo de ser intimo que o exclue da grande arte tambem o preserva do dilettantismo, e dá aos seus livros um encanto viril que se mantem mesmo em frente da expressão de sentimentos que não partilhamos e que nos parecem particularmente facticios.

[1] 1 vol. in-12.º, *Lugan & Genelioux*, editores — Porto.

Este livro é uma prova do que fica dito. O snr. Thomaz Ribeiro começa dirigindo á geração nova palavras severas em que ha no fundo mais enternecimento que azedume. Que a geração nova não lh'o leve a mal. E preciso mesmo agradecer ao escriptor limitado mas nobre que se na confusão do seu espirito pôde dar maior importancia do que elles merecem a esses mesquinhos antagonismos entre novos e velhos, encontrou comtudo na abundancia do seu coração palavras fortes para affirmar essa grande solidariedade que deve prender o presente d'um povo ao seu passado e unir pelos laços da dedicação e do respeito os depositarios da tradição aos representantes da innovação. Mas dirigindo á geração nova palavras de censura dá a esta o direito de perguntar á penultima geração de que o snr. Thomaz Ribeiro é um dos vultos mais salientes, qual é o legado intellectual e moral que os velhos lhe confiam, que idéas e sentimentos inspiram as palavras d'estes e justificam as suas criticas.

É o que nos dirá o exame d'este livro, que, se tem um pequeno valor intrinseco, adquire comtudo um interesse consideravel se o encararmos como documento.

É que, quem lêr este volume tendo mais em attenção o seu conteúdo de opiniões e sentimentos que o seu valor formal de obra d'arte, encontrará n'elle envolto nas roupagens poeticas mas visiveis através d'ellas um conjunto de vistas e tendencias que são mais do que o modo de vêr d'uma simples individualidade, mas representam uma corrente d'opinião visivel não só nas espheras d'onde desce o governo mas ainda nas regiões em que se fórma a opinião. E se reflectirmos que o snr. Thomaz Ribeiro foi durante um periodo consideravel um dos poetas representativos d'essa burguezia liberal que vem governando pelo despotismo manso chamado constitucionalismo a adormentada sociedade portugueza, não será destituido de interesse observar qual é a sua attitude de escriptor perante os factos graves que se têm accumulado nos ultimos quinze mezes, e que por surprehenderem a gente culpada ou ignara que os preparou, nem por isso devem ser riscados do caderno das suas responsabilidades.

Se se quizessem reduzir á seccura de juizos criticos as expansões de sentimento compadecido ou indignado pelo espectaculo dos casos contemporaneos, e enfeixar n'um corpo de doutrina as vistas dispersas ao longo d'esses vinte ou vinte e cinco trechos lyricos, creio que se poderia resumir este livro das *Dissonancias* proximamente n'estes termos:

Portugal é um bello torrão habitado por muito boa gente; esta gente fez no passado grandes coisas e ainda hoje é capaz de fazel-as e mesmo em casos recentes tem-no demonstrado claramente; sinceramente abraçada com a dynastia que historica e positivamente encarna a sua independencia, este pequeno reino dá o exemplo da cordura nos costumes, da moderação nas leis, da tolerancia nas luctas politicas; principes illustrados e bondosos secundados por estadistas esclarecidos e patriotas insistem n'um afan coroado de exito por manter esta sociedade no elevado nivel a que se levantou desde a implantação do regimen constitucional; a liberdade na ordem politica, a caridade na ordem privada distinguem a actividade collectiva e resumem o espirito mais intimo d'essa sociedade que leva o respeito pela expressão do pensamento além das mais avançadas democracias e que riscando dos seus codigos a infamante pena de morte se collocou na vanguarda dos povos cultos. Mas uma fatalidade sinistra parece querer annullar todas essas vantagens naturaes ou adquiridas. Alguns espiritos perversos e muitos mais tresloucados rompem com a tradição de mutuo amor e fidelidade que prende a nação ao throno e faz d'este um penhor de autonomia e liberalismo. Estes espiritos desvairados por doutrinas que nem sempre comprehendem e seduzidos por chimeras perigosas de estrangeira origem levam a obsecação até á ingratidão e a injustiça até á calumnia. Á desordem nas idéas politicas vem accrescentar-se a confusão nas doutrinas philosophicas. Uma philosophia inspirada em pensamentos subversivos de toda auctoridade espiritual ou temporal, não contente com atacar a Egreja e o Christianismo, vai até contestar os dogmas fundamentaes de toda a religião natural e chega mesmo a querer rebaixar o homem ao nivel dos

brutos pela sua insolente theoria das origens animaes da especie.

A estas fatalidades interiores vem juntar-se outras d'ordem externa. Uma curia, esquecida dos grandes serviços que prestamos á Catholicidade nas plagas do Oriente, esforça-se por nos usurpar prerogativas que ganharamos á custa do nosso sangue. E uma potencia, nossa alliada de nome, nossa inimiga de facto, corôa a historia das suas longas espoliações procurando roubar-nos os ultimos restos do nosso patrimonio colonial e juntando á usurpação o insulto. Precipitado o paiz na desordem interna por uma fatalidade inexplicavel, a que não é talvez estranha a perversidade d'homens sedentos d'ouro, e impedido pelo seu isolamento diplomatico e pela sua pequenez material de castigar as insolencias do estrangeiro, que resta senão chorar no abandono de toda a esperança? E o poeta só quer da sua lyra a corda da dôr e da colera, e na angustia do seu desespero o patriota sente vontade de morrer.

O critico ouve-o com interesse e responde-lhe d'esta maneira:

Portugal é com effeito um bello torrão e a gente que o habita é realmente boa. Mas não ha phenomeno sem causa, e os factos de ordem social estão sujeitos a uma fatalidade tão rigorosa como a que domina o mundo das realidades physicas. Se o nosso espirito publico está anarchisado, se a nossa actividade exterior comporta desastres, não devemos attribuil-o á perseguição mysteriosa do destino, mas á acção de causas conhecidas. Essas causas, o observador aponta-as, o pensador deduze-as. Ellas distinguem-se em duas ordens. Umas são-nos communs com os povos da metade occidental da Europa, anarchisados pelo abuso do livre-exame applicado a todas as espheras da actividade social; outras são proprias d'uma pequena nacionalidade sem fundamento natural nem vocação historica, que após um momento d'expansão heroica se tem mantido independente graças a razões secundarias de equilibrio europeu, que é impedida pela sua mesma nativa nobreza de encontrar na prudencia utilitaria e nas rasteiras cubiças uma fonte de força e um motivo de actividade. Resulta das primeiras este espectaculo

nada raro d'uma sociedade que atravessa uma crise da consciencia religiosa e politica, e sobre a qual, operando ou perturbando a gestação de idéas vindouras, se despenha o tropel das chimeras malfazejas ou grotescas. Resulta das segundas o espectaculo quasi unico d'um povo sem vida publica nem consciencia collectiva, occupado a imitar os outros e a escarnecer de si, governado por uma dynastia que inspira o egoismo, representado por uma diplomacia que dirige o medo, administrado por uma oligarchia esbanjadora e corruptora, este miserando espectaculo d'uma sociedade sem litteratura nacional, sem actividade scientifica, sem costumes politicos, cujos melhores filhos se afundam na abstenção tediosa e na lamentação esteril, em que a indifferença é uma fórma da dignidade e o patriotismo um movimento de compaixão, e que, empolgada por subalternos sem capacidade nem pudor, se arremessa através da demencia impenitente e de ultrages reiterados para a bancarrota material e moral.

Estas coisas são tristes de dizer e de ouvir. E o snr. Thomaz Ribeiro confessa que tem vontade de morrer. Devemos darlhe credito e é justo não cunfundil-o com os vendilhões de patriotismo. Mas se o seu amargo desalento é um sentimento natural, a sua attitude de surpreza é que se não justifica. Os factos accumulados nos ultimos quinze mezes e que tão fundo feriram o seu coração de portuguez não vieram colher d'improviso os espiritos habituados a filiar os acontecimentos nas causas que os produzem. Que uma politica, exclusivamente inspirada pelo medo, conduza a desastres, e que uma pequena nação, que se lança nos braços d'uma grande potencia illustre pela deshumanidade do seu egoismo patriotico e pela avidez das suas cubiças mercantis, se veja espoliada e violentada á primeira velleidade de resistencia, não é para admirar. Que uma sociedade, que desde a Restauração se tem inspirado exclusivamente em sentimentos negativos, e desde a installação do regimen liberal se tem deixado explorar pelo anonymato dos interesses venaes, não disponha n'um momento de crise d'aquella unanimidade energica de sentimentos e d'aquelle tino fecundo proprio das

sociedades que têm a consciencia do seu valor historico e a experiencia da vida politica, é coisa que não espanta. Que na ausencia d'uma aristocracia que foi destruida, e de uma classe média que não chegou a constituir-se como força material e moral, dada a mesquinhez da actividade economica e a anemia da circulação intellectual, os assomos generosos da dignidade collectiva se não consolidem em obras de caracter permanente, mas desvaneçam-se ao simples contacto da intriga partidaria, é triste mas comprehende-se. São traços que derivam da noção d'esse Portugal lusitano e liberal de que o snr. Thomaz Ribeiro é um dos poetas representativos. E se eu lhe disser que uma nação, cuja diplomacia está no *D. Jayme*, cuja economia está na *Festa* e *Caridade*, cuja philosophia, cuja moral, cuja religião e cuja politica está na *Delfina* e nos *Sons que passam*, deve ter o seu mais recente capitulo de chronica poetica n'este livro das *Dissonancias*, o snr. Thomaz Ribeiro que póde não vêr a verdade, mas que é incapaz de lhe virar a cara, ha de pedir um instante para reflectir.

O snr. Thomaz Ribeiro escreveu um livro triste. A sua amargura é sincera e grande. Em certas passagens do livro ella degenera em misanthropia. O poeta diffama o homem e a sua tristeza condensa-se em pessimismo. É que n'essa natureza apaixonada mas incapaz de philosophia, as idéas geraes não vêm illuminar o espectaculo das coisas e corrigir as impressões da realidade. Ferido no vivo da sua sensibilidade de patriota, e surprehendido pela bancarrota dos ideaes a cujo serviço pozera o melhor da sua alma, a vida lhe parece uma debandada sangrenta, e o mundo uma visão sinistra e confusa. Falta-lhe a philosophia que dá a serenidade pela comprehensão, e algumas vezes aponta através da desolação da hora presente os lineamentos das futuras reconstrucções. Mas a philosophia nunca foi a vocação do snr. Thomaz Ribeiro. Ora a falta de philosophia é uma doença dolorosa. Camillo morreu d'ella. Este livro das *Dissonancias* lembra o revolver do suicida.

Moniz Barreto.

UM PROJECTO

DE

PORTO DE ABRIGO EM LEIXÕES

NO FIM DO SECULO XVII

« O porto de Leixões está votado, já se começou a construir, e até já soffreu as iras dos temporaes !

« Não tenho senão a louvar o ministro que fez passar o projecto approvando aquella obra, assim como não tenho senão a applaudir a Associação Commercial do Porto e todos os habitantes d'aquella cidade, que insistiram com o governo, que lhe fizeram vêr as utilissimas consequencias da realisação d'aquelle melhoramento e que o levaram a fazer um porto que, embora possa ser combatido por muitos, ha de sempre dar resultado, porque obras d'esta natureza não ficam esquecidas nem deixam de dar rendimento ».

ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, *Discurso sobre os melhoramentos do Porto de Lisboa na sala da Associação Commercial da mesma cidade.*

I

Entre os manuscriptos que pertenceram á Casa de Pombal, e que o governo adquiriu para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, encontram-se (Cod. 495 do respectivo Inventario, fls. 41, 49 e 52) tres documentos, os primeiros dois completos, o terceiro mutilado, constituindo o primeiro e o segundo uma proposta para o estabelecimento de um porto de abrigo em Leixões, e a

defeza e justificação do projecto; o terceiro, acaso a informação (?) respectiva.

Os dois primeiros papeis, escriptos com certo apuro calligraphico, não têm data nem assignatura. Collige-se .porém do texto, haver sido o plano d'esta obra elaborado no ultimo quartel do seculo XVII, e apresentado acaso a el-rei D. Pedro II, ao expirar do seu reinado. O terceiro manuscripto, de letra differente, e que, se estivesse completo, seria de valor, limita-se, no que ficou intacto, a um como que *apanhado* das razões expendidas nos dois antecedentes, e que, na altura em que o deixou a mutilação, cotejado com os originaes, se vê não abranger ainda todas as razoes que decerto compendiava.

Presumimos, pois, que ao cabo d'essa resenha deveria vir alguma conclusão confirmatoria ou infirmatoria da bondade do projecto, sendo assim destinado este papel, que está escripto em letra miuda, mas assás corrente, a dar ao Rei uma informação perfunctoria do assumpto, com o respectivo parecer.

Como o nosso fim essencial é meramente a divulgação d'esta curiosa noticia, limitar-nos-hemos a dar a summa dos dois primeiros papeis de que se trata (e de que se tirou cópia na integra), transcrevendo apenas, para aligeirar o texto, os trechos mais caracteristicos.

Não desconhecemos que um estudo comparativo da letra do terceiro documento com alguns outros autographos da época, que porventura existam em qualquer Secretaria d'estado (na do Reino principalmente) podendo conduzir ao conhecimento do punho que escreveu este, nos habilitaria a precisar a antiguidade positiva do primitivo projecto de estabelecimento do Porto de Leixões. Pareceu, comtudo, que podendo attribuir-se esse plano aos fins do reinado de D. Pedro II, se não deveria sacrificar ás delongas de uma investigação enfadonha e de resultado incerto, a immediata publicação da noticia. De maior momento seria, certamente, o saber-se quem fôra o auctor d'este projecto sobre cuja realisação deveriam pesar as vicissitudes de dois seculos mais, e é bem provavel que as desapparecidas folhas do truncado autographo nol-o déssem a conhecer; esse pormenor inte-

ressante, porém, não poderá já agora alcançar uma resolução satisfatoria, e o nome do homem que primeiro concebeu a idéa que ahi vêmos hoje realisada, tem de ficar para sempre, e segundo todas as probabilidades, totalmente ignorado.

Quem quer que fosse porém, nem as letras nem a sciencia devem n'elle ter sido extensas. Ainda mesmo admittindo, pelo que toca ás nórmas da grammatica, a hypothese, que temos por pouco provavel, de que os manuscriptos sejam meras cópias, e que a sua inculta orthographia haja de lançar-se á conta da ignorancia do copista, tudo que poderia ter acontecido seria haver este apanhado em successivos relances a trama essencial do discurso, trasladando-o sem mais cuidados como lh'o consentiria o illetrado pulso. N'isto porém ficava a imperfeição. A emphase tumefacta da phrase, a confusão dos periodos, as redundancias amiudadas e o emmaranhado das razões ahi continuariam, todavia, a denunciar no ignorado auctor d'esses manuscriptos um espirito inteiramente alheio ás regras e preceitos da estylistica. Ora, os auctores seiscentistas foram soporificos, decerto, mas não ignoravam nem as ordenações da grammatica nem os preceitos da arte de escrever, tal qual o seu seculo a professou, pedantesca, estofada de bastas frivolidades, entanguida, gongorica, mas alumiada ainda por laivos de criterio e predicados de fórma. — Falso, e sem gosto, havia um estylo, em summa.

A nossa impressão, pois, tende a vêr n'estes papeis uma cópia, calligraphicamente apurada, do projecto e da sua defeza, feita pelo proprio auctor; cópia determinada por differentes motivos, entre os quaes não seria difficil admittir o que tivesse por fim pôr sob os olhos do informador do projecto uma cópia do original offerecido ao Rei. E esta nossa impressão a propria falta de data e de assignatura em qualquer dos dois papeis a corrobora. Repete-se, com effeito, n'estes documentos um facto por nós observado em muitos outros da mesma Collecção. Á maioria dos informes, apontes, resumos de negocios, memorias, etc., n'ella encerrados, escriptos nos quaes, por sua natureza, a data e a assignatura dos respectivos auctores são obrigado complemento, faltam essas duas circumstancias. Está-nos a lembrar, entre ou-

*

tros, a Memoria que o coronel de artilheria Luiz D'Alincourt destinava á Academia Real das Sciencias de Paris ácerca do porto e canal da villa de Oeiras, obra emprehendida segundo os planos que deixára Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e que nunca chegou a acabar-se. Essa Memoria, que se acha n'esta collecção, e que por isso parece não ter chegado a ser enviada ao seu destino, escripta evidentemente pelo proprio punho do auctor, e acompanhada de cinco desenhos coloridos, representando a machina e respectivos córtes, da invenção d'aquelle perito hydraulico, para cavar o leito do rio de Oeiras e alhanal-o, nem tem data, nem a assignatura do auctor [1].

Este esquecimento de datas e de assignaturas toma as proporções de systema; e admittindo que os homens d'esse tempo se não importassem com a posteridade e se julgassem desobrigados de ter attenções com a Historia, ou nem sequer n'ella pensassem, o que é certo, é que semelhante falta prejudica immensamente os estudos que esses papeis hoje poderiam auxiliar, não só por não ser possivel assignar a todos uma época precisa, mas porque é natural a hesitação em dar credito a papeis faltos das duas circumstancias que mais poderosamente os authenticam.

Pelo que toca ao nosso alvitrista, tudo o que nos parece poder praticar de mais equitativo para com elle, será o entregarmos a obra, tal qual elle a propoz, ao juizo dos proficientes; elles a julgarão em face das escassas razões technicas por elle adduzidas, sendo de esperar, no emtanto, que se lhe leve em conta o atrazo relativo em que estava, no seu tempo, esta parte inte-

[1] O coronel Luiz D'Alincourt foi lente de mathematica nas aulas do seu regimento. A elle se refere, citando Valeré, outro militar francez, que leccionava em Elvas, o curioso Jacome Ratton. Na *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos*, do conselheiro José Silvestre Ribeiro, se dá noticia das Aulas de Mathematica dos antigos Regimentos de Artilheria e dos respectivos lentes (tom. I, pag. 302). Nos *Apontamentos para a Historia dos Melhoramentos do Porto de Lisboa*, que temos em preparação, daremos mais circumstanciada noticia das mallogradas obras da doka de Paço de Arcos e das do canal de Oeiras, bem como da Memoria de D'Alincourt, a que nos referimos no texto.

ressantissima da engenharia e da sciencia hydraulicas. Se a nimia confiança manifestada pelo auctor na facilidade de execução do seu plano acaso fizer sorrir os profissionaes, não lhes escapará, por certo, que, apesar da sua manifesta pobreza scientifica, não lhe deviam ser estranhas, segundo as suas proprias referencias, as obras de igual natureza, até então executadas em paiz estrangeiro.

Na defeza do seu projecto empenha, porém, o auctor, quem quer que elle foi, razões de ordem militar, commercial, administrativa e politica, e essas é que não podem deixar duvidas sobre a sua capacidade para comprehender o alcance e vantagens da obra que propunha. Os preponderantes do seu tempo poderiam julgal-o, como ha todo o motivo de crêr, um *utopista,* um *visionario;* os seus planos demonstram que elle era *apenas* um precursor incomprehendido. É essa circumstancia, principalmente, que torna este projecto digno de ser conhecido e apreciado por aquelles que o vêem hoje quasi convertido em realidade, emquanto á parte material, e o hão de vêr efficaz no tocante ás suas vantagens economicas e politicas, justificando assim largamente as previsões de quem primeiro o concebeu e aconselhou.

N'esta época ferozmente utilitaria que vamos atravessando, em que a parte generosa de qualquer melhoria publica inteiramente desapparece, submersa n'essa corrente de mercantilismo interesseiro, que não cura senão de alcançar resultados immediatos e individualmente aproveitaveis, não póde deixar de ser grata ao espirito, sequioso do bem, unicamente emprehendido pelo bem, uma idéa em que tudo o que póde interessar a uma dada communidade politica se pondera (segundo o modo de vêr dos tempos) e em que só o espirito humanitario e patriotico domina, sem que se pergunte á margem do papel que a contém: — *quanto ganho eu com isso?*

Esta idéa do Porto de Leixões de que vamos dar a summa, não é official, mas da simples iniciativa de um individuo.

O aproposito do projecto é ahi posto em evidencia por modo tão espontaneo; têm um cunho tal de sinceridade e de singeleza as razões com que é defendido o exequivel do melhora-

mento e justificada a sua utilidade, que não hesitamos em considerar estes documentos como fructo de verdadeira devoção pelo interesse publico, emanando da certeza do beneficio, alliada á sincera e, por fortuna, ainda hoje mesmo não rara ambição de ser util á terra do berço.

Vejamos agora o theor dos documentos que até aqui temos prefaciado.

II

Diz o primeiro papel:

« He tão notorio e patente o perigo que tem e naufragio que padesem os navios na entrada do Porto, que este lamentavel conhesimento por tantas vezes exprimentado, deve presizar o animo Real a buscarlhe o remedio mais conviniente, asim por esta rezão, como pellas utillidades que abaxo se deduzem.

« He o remedio mais util a obra cuja planta se offerese [1] pella qual se vera, como junto ao Lugar de Matuzinhos que dista da Cid^e do Porto hũa [2] ha hũa ansiada de mar emque dezagua o rio Leça pella parte do nasente que he donde com ella confronta, e logo pella parte do norte, ficando em meio huma ponte, se contenua o Lugar a que chamão Leça de cuja margem p^a a parte do sul corre pello mar adiante em fõrma de circolo un penhasco seguido, o qual em humas pt^es se descobre a todo o tempo, e em outras som^te na baxamar: Este penhasco ou teleira de penedos, fenaliza no mar antes de chegar a terra meio quarto de Legoa pouco mais oumenos, em cujo fim se pode fazer hum forte; e saindose da terra com hum paredão ou muro arteficioso que vá a intestar com o natural, se pode fazer na ponta delle outro forte ou castello q̃ fique em igual paralello a

[1] Não se acha junta. É provavel quo ficasse em poder do encarregado da informação, o auctor do autographo mutilado.

[2] A quem quer que copiou, ou o proprio auctor ou outrem, escapou decerto a palavra « legua », que deveria estar no original.

ao primr°, deixandose porem boca propusionada e entrada facil aos navios.

« Feita asim esta obra fica da parte de dentro huma ansiada ou mole capas de receber em si mais de trezentos navios, não so ordinarios, mas ainda os de mais alta quilha por ser profundissima a dª ansiada, na qual com toda a segurança e socego, podem estar ainda no tempo em que as tempestades mais soltas e desfeitas combatem com furia e braveza a costa e praias da comarca e distrito maritimo do Porto ».

Tal é a exposição essencial do plano. Passa depois o auctor a justificar as « rezoes que convidão e esforção a fazerse adª obra ».

Vêm em primeira linha as difficuldades naturaes da barra do Porto, accrescidas as que suscitam a inconstancia dos ventos, a feição contraria que elles apresentam n'aquella barra aos navios que a demandam, e a impetuosidade das correntes das aguas, « que désem dos montes no tempo do inverno », o que obriga os navios a esperar « pormonção conviniente não só dias e somanas [1], mas ainda mezes », expostos, além de tudo o já considerado, a « assaltos de Mouros e cussarios ».

[1] Deve notar-se que esta maneira de escrever a segunda das divisões do anno civil é herdada dos quinhentistas de baixa estofa.

Usava-a P.e Francisco Alvares, como se póde vêr na *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, (1540) e tambem a empregou Christovão Rodrigues de Oliveira, no seu *Summario* (1551).

Henrique Dias, na «*Descrição da Ilha de Samatra*», (1561) Hist. Trag. Marit., t. I, escreve:

«Vinda a manhãa, quarta feira, que foy de Trevas da *Somana* Santa...»

A troca do *e* pelo *o* póde explicar-se por vicio de incorrecta linguagem, adulteração a que o popular é propenso, queda para *arrastar*, desfigurando-a, a primeira syllaba de certos vocabulos, como nas palavras *arsenal* por *arsenal, menza* por *mesa, Farnando* por *Fernando, verludilho* por *veludilho*, etc., vicio tão peculiar ás camadas inferiores da população lisbonense dos nossos dias.

É natural que os auctores menos letrados se inclinassem mais á *sonica* do que á etymologistica, dominando assim nos seus escriptos, contra as regras da grammatica observadas pelos bons cultores litterarios, o imperio da viciosa prosodia popular, ignorante e desleixada.

Seguem-se depois os motivos de ordem economica, administrativa e politica. — As frotas do Brazil poderão recolher-se no « arteficioso porto », fazendo ahi as esperas necessarias, sem precisão de irem buscar as « rias de Galliza, cujo refugio lhe poderá faltar estando indeferentes a Corôa de Portugal com a de Castella ». Assim se livrarão as mesmas frotas de se fazerem ao mar, de que tantos damnos e destroços têm resultado, como attestam « quantos lamentão as memorias do passado e sentem as vivas lembranças do presente ».

A noticia do abrigo que se propõe, derramada pelos reinos estrangeiros, augmentará a concorrencia de navios, melhorando com isso o commercio no Porto e augmentando a riqueza no reino. Terá a proposta obra mais outra grande conveniencia, qual é a da immunidade que ella assegurará, por mar, em caso de invasão inimiga, não só aos logares de Leça e Mattosinhos, mas á propria cidade do Porto e á maior parte da provincia, pois sendo brava toda a costa, e não havendo em toda ella sitio que se preste a desembarque, « bem se deixa ver q̃ impedindo este com os fortes ou castellos, lhe não fica facil por aquella Provincia ter entrada ».

Tambem lograrão melhoria os direitos das alfandegas, que se verão augmentados com a affluencia de embarcações, agora seguras de commodo acolhimento. Sobretudo, porém, o que é para considerar, é a boa ordem que a obra ha de pôr na arrecadação dos « dirt^os riais », agora descaminhados por Galliza, aonde vão ter os navios do Brazil, por não poderem tomar o Porto. Este transtorno se remediará na « d^a bahia, pois nella se podem por guardas seguras que evitem toda a dezordem ».

Por ultimo, o auctor d'este projecto entende que:

« os homẽs de neg^co que se achão no Porto hãode concorrer com boa proção, pelas conviniencias q̃ se lhe seguem », tendo já « muitos delles por vezes manifestado o animo com que se achão de assistirem prontam^te com a parte que lhes tocar ».

III

Mandou o Rei examinar o que poderia haver de exequivel n'este projecto? Teve o auctor d'elle noticia de se vêr ás vesperas de passar por visionario, por utopista, por insensato ou ensandecido? Do segundo dos dois papeis que são assumpto a esta noticia (bem mais extenso este do que o primeiro), ha motivo para o inferir. O nosso alvitrista, com effeito, parece ter tido conhecimento, como hoje diriamos, *extra-officialmente*, dos obices que se lhe andariam suscitando. O modo indirecto que emprega para justificar a sua idéa, permitte esta supposição. Nas razões que coordena transpira uma tal ou qual ironia que parece responder á essencia das objecções com que, segundo todas as probabilidades, se lhe contrariára aberta e tencionalmente a proposta; e ainda que a phrase se mantenha commedida e cortezã, o remoque espirra-lhe dos bicos da penna logo ao encetar a defeza.

Eram dois os motivos que elle *suppunha* se dariam para lhe suspender ou lhe difficultar o intento; — nem a obra, a fazer-se, teria « firmeza, perseverança e perpetuidade », nem no patrimonio real « haveria dinheiro para a sua despeza ».

« *Parece falta de noticia* », escrevia, tratando de rebater o' primeiro d'esses dois motivos do provavel repudio da proposta, « parece falta de noticia, *ou conhesimento de semelhantes em Europa*, a opposição de não terem fundamento estas obras. Com mayores defficuldades, — allegava, — se fizerão e sustentão os diques de Hollanda e todo Flandes, muitas fortificaçoens maritimas, e molles fora de Hespanha, e nella a de Malega, e outras, e inda na foz deste Tejo parecerão mais impossiveis as q̃ nelle se fizerão e conservão, e na Bahia do Brazil a q̃ ahy se tem, sendo q̃ em qualquer daquellas p^tes não he menos inconstante a instabilidade do Mar, nem menos violenta a furia

de suas ondas e tormentas. Ora, — concluia, — se em outros portos, e margens, ou prayas do mar puderão fundarse, e se conservão edificaçoens semelhantes, com mayor rezão pode ser o mesmo nesta paragem ».

Como se vê, as poucas letras do alvitrista não o faziam de todo lerdo na habilidade com que se propuzera dar, envolto no remoque, um famoso *quinão* á ignorancia dos prudentes conselheiros da corôa, que se inclinavam, acaso, a rejeitar-lhe o projecto.

O desenvolvimento do raciocinio com que se propuzera defendel-o constitue uma como *explanatio* da parte technica da proposta. Damol-a, por isso, na integra, para que os proficientes e mais pessoas que conhecem os planos e as obras actuaes, possam ajuizar da competencia do primitivo auctor.

« Não so p^la banda do Oriente (explica elle) a terra, e pl^a do norte a mesma, e algũas penhas, mas pela p^te do noroeste e poente, defende a entrada dos navios, e embarcaçõẽs, aquella natural muralha q̃ debaxo da agua per todo aquelle lado, e em partes sobre a mesma agua, criou, sustenta, e descobre a Divina Providencia, de sorte q̃ o acrescentamt^o, q̃ por esta banda (q̃ he a do Occeano) lhe hade fazer a arte, não he tanto p^a impedir a entrada de vellas, q^do (por « como ») p^a formar e constituir o abrigo dos temporais, e o reparo dos assaltos da mayor braveza das aguas e descompostos ventos. E como tem tambem fundam^to, e seguro licerse e tão perto da face das aguas, nenhũa duvida ha em ficar segura a obra das pedras, ou paredão q̃ por sima se pozerem com a largueza e fortaleza necess^a e não menos na frente, ou banda do sul, onde hade de ser o mayor trabalho e difficuld^e, por ser mais alto o fundo e lhe faltar na mayor p^te aquelle natural licerse, para remediar o que, se lansão tantas pedras, q̃ bastem a formalo, e mostralo a vista sobre as aguas, per modo q̃ dahy p^a sima obre a arte de archytetura e esquadria, não sendo estes fundam^tos os menos seguros, como por expe-

riencia se ve em algũas torres dos fortes do Rio desta corte; porq̃ conglutinadas e unidas e incorporadas essas pedras com os embates, e rebates da agua salgada e ondas q̃ as combatem e apertão fazem, e formão hũa penha incontrastavel contra toda a força do Mar. Como a vista desta mesma Cidade estão os exemplos, não ha q̃ recorrer aos de fora, e cessa esta prim.ª duvida».

Dada a lição aos bècas e mais inexpertos, que, por sua preponderancia no espirito do monarcha teriam o poder de annullar a generosa iniciativa de que o seu boto espirito lhes não permittia comprehender nem a exequibilidade nem o alcance, passa o auctor a defender o seu projecto do segundo dos dois obstaculos que se lhe oppunham: — o da impossibilidade de pagar a corôa, obra de tanto custo.

Estabelece o auctor preliminarmente que toda a obra, «com os castellos acabados e tudo perfeito», póde custar entre cento e sessenta e duzentos mil cruzados, o muito, ou sejam 80:000$000 reis (!). Dispendendo Sua Magestade obra de vinte mil cruzados (8:000$000 reis) para dar principio aos trabalhos, suppõe o auctor que se poderá consummar o projecto «sem despeza alguma alheya» [1]. Nem seria preciso, sequer, convidar o bispo e o cabido a ajudarem a obra, se bem que interessados seriam um e outro nos lucros d'ella,

«.... e o meyo q̃ p.ª isto se ha, ou pode ter hẽ dar noticia aos homẽs do neg.º, e mercancia da Cid.e do Porto, em como quer e intenta fazer aquella obra, e que çomo os custos della hão de ser grandes, mas mayores ainda as utilidades, pois que não só hão de os referidos negociantes ficar com mui aventejados lucros, mas com melhor segurança suas fazendas, cidade e terra, hẽ rezão que elles ajudem aos gastos, contribuindo em

[1] E manifesto, até pelo seguimento do texto, que «alheia», n'este caso, se refere á concorrencia *estrangeira*. A corôa e o commercio portuense fariam sós a obra.

cada hũ anno, emquanto as obras durarem, com dez ou doze mil cruzados, q̃ poderão impor por sahida nas cousas q̃ embarcarem e forem pª fora, repartindo tanto a cada couza, ou genero, ou como lhes parecer mais suave sua impozição e exacção ».

Não duvída o auctor do projecto que, convidados os referidos homens de negocio

« .... da parte do dº Sºr *com as melhores palavras e mais eficases rezoens q̃ for possivel, hão de vir nisto,* porq̃ ja mtos estão desse acordo e com esse dezejo, e fazendose o manifesto a todos, com annunciação das esperanças e consequencias he de crer convenhão facilmente todos neste intento, e *inda a mesma Cidade havendo na Camara, e governo della zelosos* ».

Isto emquanto ao plano financeiro da obra.

Para o facilitar, porém, ainda o auctor d'elle recorria a corda mais sensivel. O expediente que propunha prova assás quanto elle conhecia bem o seu tempo e as aspirações d'aquelles de quem desejava a adhesão.

Até nós chegou ainda o odio tradicional das populações ao impolitico systema dos *aboletamentos*. Sabe-se, por outro lado, qual era a deploravel situação do nosso exercito, no artigo — *disciplina* —, ainda no tempo do grande ministro d'el-rei D. José, e antes que o conde de Lippe emprehendesse a sua severa reforma. Póde, pois, inferir-se dos factos, taes quaes a Historia nol-os deixou imparcialmente apontados, se seria ou não justificado o terror com que o soldado era recebido na povoação e no lar; se é ou não fundada a repulsão com que ainda hoje tantas das nossas povoações ruraes se resignam á calamidade de um aboletamento, apesar de tão differente em nossos dias, das terriveis consequencias que trazia nos tempos passados.

Fazer brilhar aos olhos dos pacatos negociantes portuen-

ses a esperança de se verem livres do *terço* da cidade e comarca, em sendo concluidas as obras do Porto de Leixões, tal o habilissimo expediente que o auctor do projecto insinuava ao Rei se devia pôr em pratica, para lhe assegurar a desejada adhesão e a boa vontade d'aquelles de quem se fazia depender o exito da obra.

Assim, segundo as idéas do proponente, as facilidades que haveria para se realisar a parte financeira do seu projecto seriam decisivas, se Sua Magestade quizesse significar ao Porto que, feita a obra, se mandariam metter nos fortes presidios d'ella os soldados do terço que na dita cidade e sua comarca « Sua Magestade tem mandado levantar »[1], sendo os que n'esses presidios fossem dispensaveis aquartelados no castello de S. João da Foz, que para esse effeito

« se reformará com tal grandeza e capacidade q̃ dentro delle possão ter os alojam^tos^, e quarteis necess^os^ a seu recolhimento escuzandolhes a molestia de os terem na Cidade, e seus arrabaldes, ... porque, como toda a gente e povo considera (accrescentava o proponente), hãode exprimentar mui grande vexação na assistencia delles, a cidade e seus arrabaldes, e em hũa e outra parte, vendosse co' a sperança de serem aliviados de tão pezado encargo, se hãode animar e mover com facilidade e fazer acceitação deste partido, q̃ certamente he o q̃ convem

[1] Suppômos — e é este um dos motivos por que attribuimos a data d'este projecto ao ultimo quartel do seculo XVII — que se quer referir o auctor d'elle, n'esta passagem, ao começo dos preparativos para a guerra da successão de Hespanha, gloriosa para as armas portuguezas, mas funesta aos interesses de Portugal.

Como é sabido, D. Pedro II, em vez de guardar a prudente neutralidade armada, unica attitude compativel com as melindrosas circumstancias d'então, veio, afinal, desvanecidas as proprias ambições, a deixar-se arrastar pela Inglaterra, *brindando* o reino com dois tratados, qual d'elles mais impolitico e ruinoso: — o de Methwen, que afogou a nossa industria, quando ella começava a desenvolver-se, e o da Quadrupla Alliança, que teve as batalhas d'Almansa e do Cava por funebre commentario.

ao dº Sºr e ao comum daquella cidade e sua comª, e inda deste Rnº».

IV

Servem as ultimas linhas do periodo acima transcripto de thema a um longo desenvolvimento de razões, boa parte das quaes tende a denunciar no ignorado auctor d'este projecto um militar e um estrategista, ao passo que nol-o apresenta como um administrador zeloso e previdente.

Os raciocinios, porém, desenvolvidos pelo auctor, acham-se encadeados por fórma tão confusa e fatigante, tão entrecortada de parenthesis, de incidentes e de repetencias, que nos vêmos obrigados a cortar, extractando-os, esses longos periodos, sem deixar de reproduzir, quando a proposito, alguns dos proprios termos do manuscripto que melhor aclarem e caracterisem o extracto.

A cidade do Porto (pondera o nosso alvitrista) é essencialmente uma cidade de commercio. Se a converterem em praça de guerra, e a inundarem de soldados, não faltarão descaminhos de tabacos e de fazendas, para se sonegarem aos direitos, «como a expriencia já começou a mostrar». Se, conservando-lhe o caracter de praça de guerra, fechada, lhe construirem os quarteis fóra das muralhas, «como se diz se hãode fazer», ainda muito peor será. A soldadesca e os moradores *extra-muros*, com a segurança de que de dentro da cidade ninguem lhes impedirá

«.... levarem dos navios o q̃ quizerem, e hir meter onde lhes parecer, e conduzir pª onde for sua vontº o q̃ for seu gosto divertir, hãode descaminhar tantas e tais couzas, q̃ do rendimtº com q̃ se acha de prezte a fazda real na sua Alª (alfandega), não ha de ter então a quinta parte...»

Além d'este inconveniente, os que hão de resultar dos roubos e latrocinios que sem duvida commetterão os soldados alojados nos quarteis e estancias exteriores, e a que se não poderá dar remedio, não devem deixar de considerar-se tambem.

Emtanto, preciso é advertir que não ha praça murada com os quarteis fóra d'ella. Semelhante erro o demonstraria o inimigo, porque vindo sobre a cidade, seria elle que para logo ficaria alojado e aquartelado, d'ahi incommodando e guerreando a povoação. Aboletar os soldados na cidade não tem, por igual, menores inconvenientes, pois que além do descommodo e oppressão dos moradores, a propria licença militar causará discordias sem conto, ruinas ao commercio, carestia nos generos, falta de mantimentos e provisões; inconvenientes todos escusaveis, porque o que importa é fortificar e segurar as fronteiras e praças d'armas da raia, quer o inimigo venha por terra, quer por mar, investir a cidade. Se por terra, lá se lhe ha de conter o impeto; se por mar, bastarão os dois padrastos do Mosteiro da Serra e cabeça do forte de Gaya para o acanhoar.

Por isso, o terço que vai levantar-se deve ser dirigido para as fronteiras, embora a cidade lhe pague, como é justo que seja. Dentro do Porto, que «não póde ter fortificação regular», é que essa força é por total escusada, porque se o inimigo consegue chegar á vista de suas muralhas, nem esse terço, nem outros mais bastarão para a defeza, condemnada como está a cidade, pelo sitio, á facil invasão.

Ha, porém, suspeitas de que o inimigo intenta penetrar no Porto por mar? Convirá atalhar-lhe o passo antes que logre pôr pé em terra, e para isso bastará o terço com alguma cavallaria, visto como a marinha (as margens da costa) é difficil de accesso e poucas paragens se apresentam aptas para o desembarque.

Não ha de ser, porém, da cidade que haverá de sahir a força destinada a obstar ao desembarque do inimigo, pois que sendo grande, — de legua, quando menos, a distancia en-

tre a cidade e as praias —, ao tempo que as tropas ahi chegarem, a tardança e o cansaço farão n'ellas seu officio; os adversarios desembarcados facilmente lhes passarão por cima, e a inutilidade da operação trará comsigo a entrança da cidade.

De todas estas razões conclue o auctor do projecto, que nos occupa, que é na mesma costa do mar que ao Rei e a seu reino convém fazer estanciar as tropas,

«.... e assim se entendeu, remata elle, no empenho da guerra passada, *tanto neste seculo, como no anterior*, pois nas occaziões della nunca se assentou em fortificar a Cidade, mas somte se cuidou em acudir aos sitios mais convinientes e perigosos das prayas e marinhas da costa, q̃ fora de certas paragens he tão defensavel e inaccessivel por natureza».

E n'esta passagem da defeza do seu projecto que o auctor d'elle nos deixa, por uma referencia que adduz em confirmação das suas asserções ácerca do bravio das costas do norte, conjecturar da provavel época em que a idéa do *Porto de Leixões* veio pela primeira vez á luz. Diz elle que é tal o inaccessivel das costas, que

«.... não pode a Rainha Izabella de Inglaterra, *no seculo antecedente a este*, persuadir o Draque (sic) inda que tão valeroso, exprimentado e astuto, a q̃ desse no Porto o desejado saque, nem tão pouco q̃ o Sr D. Antº, com o seu favor e amparo de sua armada, posesse pé em aquella terra, costa e praya, e conseguisse sua entrada de q̃ tanto o seu dezº affectou a sua posse, posto q̃ sua adversa fortuna, apezar dos seus disvelos o encontrasse, e frustrasse suas esperanças».

Confirma-se, pois, que o auctor escreve no seculo XVII, por isso que os successos politicos a que faz referencia pertencem ao «*antecedente a este*». E que a época que lhe assignámos, ou, mais precisamente, os annos provaveis da redacção d'este

escripto são os que decorrem de 1693 para diante, é o que temos por indubitavel.

Desde o principio d'esse anno, com effeito, se começou D. Pedro II a preparar para qualquer eventualidade que o levasse a romper a alliança com Luiz XIV. A mal inspirada ambição começava a fazer-lhe germinar no pensamento o secreto designio de se apresentar como candidato ao throno de Hespanha, ao passo que o monarcha francez cubiçava esse throno para o Delphim, seu filho.

Ora, como é sabido, boa parte do amago do seculo XVII foi occupada pelas guerras da Restauração, referencia a que o auctor do projecto já alludira, fazendo o remate das suas razões justificativas na parte estrategica da defeza do Porto. Esse terço, pois que «Sua Magestade tem mandado levantar», n'aquella cidade e sua comarca era, a nosso entender, o começo de realisação dos preparativos militares denunciados para França desde janeiro de 1693, preparativos que afinal só vieram a ser utilisados em favor do archiduque Carlos, em maio de 1704 [1].

V

Termina o auctor do projecto a sua, ainda que sensata, bastante mal disposta defeza, por fazer votos para que

«esta dilig^{a} e cuidado pela conservação e melhoras do Reino se encarregue a ministro de zelo, activid^{e}, intellig^{a} e capacid^{e} tal, q̃ saiba por, compor e dispor estas couzas como convem

[1] O abbade d'Estrées, embaixador de Luiz XIV, que chegara a Lisboa em fins de junho de 1692, já em janeiro do anno seguinte dava conta á sua côrte dos preparativos militares que se faziam em Portugal. (*Quadro Elementar*, tomo IV, parte II: Introd., pag. CCCXLVIII, em nota).

ao serviço real, escolhendo algũ dos sujeitos q̃ de fora mandar vir noticiosos de semelhantes emprezas, e a q̃ principalm^te encarregue esta occupação... »

Da verdade com que fallou, «*sem mais intresse q̃ o do zelo d'ella*», tambem o ignorado e generoso alvitrista se vangloria, protestando que o seu unico desejo é o de contribuir para as acertadas acções com que o Rei póde conservar e melhorar o seu reino, augmentar suas rendas, fazer respeitar a sua grandeza e assegurar, emfim, o socego a seus vassallos.

*

* *

Era um proficiente este homem? Era apenas um *curioso*, da cathegoria dos que passam a vida esteril atenazados pelo secreto impulso de uma idéa, util na sua essencia, mas prejudicada, a mór das vezes, no seu desenvolvimento pela impotencia do espirito, que teve a fortuna de a entrever, e a desdita de lhe malsinar o exito com a incapacidade, ou com a inefficacia dos meios que propõe para a sua realisação?

Por nossa parte, entendemos que a resposta não póde ser dada com consciencia e firmeza, sem que se tenham em conta, por effeito de um completo conhecimento, os elementos constitutivos da época em que este ignorado projecto se produziu: — os recursos litterarios, scientificos e administrativos. É bem possivel, com effeito, que da averiguação exacta do estado em que se encontrava entre nós cada um d'esses ramos de actividade intellectual, ao começar a desvanecer-se a somnolencia que atrophiou a nação durante todo esse carunchoso seculo XVII portuguez, resulte uma verdade que favoreceria as pretenções scientificas do auctor do *Projecto do Porto de Leixões*, do tempo de D. Pedro II. Essa verdade seria que o saber dos *profissionaes* d'essa época não tinha nem mais largueza nem mais solidez que o dos *curiosos* de todos os tempos — o que desde

logo tenderia a engrandecer o merito d'este homem, quem quer que elle foi, *profissional* ou *curioso* do seculo XVII [1].

Em todo o caso, tem elle por si um testemunho superior a todas as considerações: — foi inquestionavelmente um *vidente*, e, em consciencia, foi um *desinteressado* tambem. Devemos-lhe todos um duplo tributo: o da nossa admiração pela sua idéa, e o do nosso respeito pela sua isenção.

Lisboa, março de 1891.

Gomes de Brito.

[1] Ha nas *Recordaçoens* de Jacome Ratton uma passagem que pinta bem ao vivo o estado em que se achava em Portugal o estudo das sciencias mathematicas até 1762.

«Antes d'esta época, diz Ratton, eram as sciencias mathematicas tão pouco cultivadas em Lisboa, que precisando eu, nos meus primeiros tempos, de um mestre que mo ensinasse os elementos de geometria e algebra, não o pude achar; e fui obrigado a limitar-me aos livros elementares; dos quaes tirei as poucas noções que tenho...»

*

O JORNAL D'UMA PRINCEZA RUSSA [1]

III

Caso notavel! em todo este diario, que a acompanha dos treze aos vinte e quatro annos, não se nos depara uma d'essas vivazes amizades femininas, primeiro affecto que acolhe o olhar da adolescente ao ultrapassar o circulo familial, e cujo suavissimo perfume nasce da intima e perfeita confiança entre duas almas puras de virgens. Alguem lhe apontava como causa d'essa pouco animadora feição o não ter nada que occultar, não estar no caso de reciprocar segredinhos. Maria, comtudo, procura a raiz mais longe: na orgulhosa reserva, que lhe prohibia deixar entrever os seus intimos desgostos, lhe mostrava humilhações em confidencias e a fez andar durante mezes vexadissima, por se ter um dia descuidado a ponto de chorar nos braços da mãe. Distrahida, além d'isso, por mil gostos e ambições, habituada a dissecar os proprios sentimentos a sós, confiando os resultados ao papel, não lhe devia ser muito sensivel a falta d'uma amiga; nem a sua intensidade, o seu frenesi de vida a predispunham a comprehender as simples e delicadas bellezas

[1] Continuado da pag. 549.

d'esses tranquillos affectos. Accresce que era incapaz de dedicação.

Mas o egoismo, que aliás ella confessa, deve ser lançado em grande parte á conta dos que mais com elle soffreram, á sua familia, que, adorando-a, abandonou, por inintelligencia, a sua infancia á influencia de dois perniciosos agentes: o isolamento moral e o fetichismo votado aos *prodigios*. Habituada a vêr-se o alvo de todos os cuidados, caricias, pasmos, submissões e esperanças, a creança acabou por aceitar e partilhar, como coisa natural e corrente, essa injudiciosa idolatria; absorveu-se na contemplação e desenvolvimento de si propria, sem que algum influxo redemptor viesse fazer derivar parte d'esse interesse n'um sentido altruista. Nenhuma das muitas preceptoras que teve, possuia as excepcionaes qualidades, indispensaveis para a educação de tão precocemente pronunciado caracter: Maria exigia muito dos outros e pouco de si mesma; era difficil fazer-lhe aceitar um superior. E mesmo uma vez aceito, a pequena gostava de si propria, e reagia instinctiva e fortemente contra a mais remota e encapotada tentativa de modificar esse molde, que de resto ella via despertar admiração geral. Quanto a M.me Bashkirtseff e sua irmã, a quem ella chama as suas *mães*, reconhecia-lhes os extremos; d'ahi porém a admittir que ellas podessem dirigil-a no quer que fosse de importante!... E essa posição foi tacitamente consentida. «A mamã é intelligente, pouco instruida, sem tacto, sem *savoir-vivre*, com as idéas enferrujadas á força de só fallar em creados, em cães e na minha saude. Minha tia sempre é mais polida, e chega a *impôr* a quem a não conhece». Decididamente o jornal é pouco lisonjeiro para os Bashkirtseff; e nada prova a abnegação das duas *mães* como o ter sido publicado; cumpriram mais uma vez, como sempre, um desejo de Maria e guiou-as sem duvida a esperança de contribuir para que os outros a amassem e admirassem como ellas, crentes em que os erros, ahi confessados, ahi mesmo encontrariam attenuação. Maria não gostava de constranger-se nem fazia grande mysterio do seu pensar; o seu desapêgo, excentricidades, impaciencias e repentes bruscos deviam ser conhecidos:

mas o leitor reflectido sente-se levado a desculpal-a. Nenhum intelligente criterio educativo lhe aproveitára na idade plastica os soberbos dotes; e o mesmo ambiente nocivo, no qual cresceu a sua infancia, a acompanhou até o tumulo.

Demais, aquella donzella encantadora, espirituosa, rica, requintadamente elegante e poetica, sempre vestida de branco, dormindo sob doceis de sêda azul, banhando-se em perfumes depois d'um passeio com mau tempo, cercada de luxo e conforto, tendo dois carros ás ordens, usando pelliças de dois mil francos, trazendo no bolso como brinquedos d'um dia dois diamantes de vinte e cinco mil, que appetecera por uma phantasia passageira; aquella dilecta da natureza e da fortuna, a quem não requeimava um amor infeliz, nem pungia a ausencia ou perda d'um sêr amado, a quem nada deprimia a dignidade, nada restringia a liberdade, nada açaimava o capricho — era infeliz, soffria muito. O seu diario deixa-nos uma impressão dolorosa, febril, atormentada; e não é quando ella mais fortemente se queixa: quando a laryngite, de cuja ultima transformação ella morreu, lhe rouba a sua esplendida voz, á qual o illustre Wattel predissera maravilhas, cuidando fallar a uma qualquer italianasita, pobre e sem protecções; ou quando a mesma tenaz inimiga lhe vela o ouvido, chegando a ameaçal-a de completa surdez... — ella, a brilhante Bashkirtseff! imaginem... Mas não fallamos d'essas tribulações, referimo-nos ao mal-estar incessante, que se exhala de entre as linhas, que alli soluça e freme. Soffria — e então de quê? da unica dôr esteril, que não corrige, não melhora: das imperfeições, do desequilibrio do proprio caracter. «Não posso durar; hei de morrer breve... não sou regularmente organisada, tenho uma porção de coisas a mais, outras tantas a menos, e um genio que se gasta; não posso durar... Se fosse deusa e tivesse todo o universo a meu serviço, acharia o serviço mal feito».

Comprehende-se que o «interior» dos Bashkirtseff não fosse precisamente o céo. Mãe e filha amavam-se devéras, e comtudo não podiam conviver sem se exasperarem até ás lagrimas.

E as viagens em familia, então! os mil e um embrulhos, as perguntas e observações deslocadas, affectadas, parvalheiras, a discordancia dos gostos, as questiunculas, as recriminações, ou os suspiros e attitudes de absoluto alheamento, appareciam-lhe como um tal supplicio que, depois de algumas experiencias, renunciou ás viagens que a sua saude ou os seus estudos reclamavam. As pequenas miserias da vida domestica irritavam-na a ponto de achar ao nihilismo uma grande vantagem: a de fazer saltar pelos ares todos os «interiores». Desabafos evidentemente; pois algures admitte que *outra* familia lhe seria um elemento importante de felicidade. A familia seria uma instituição mais que humanamente perfeita se a gente podesse escolher os seus parentes. Este *truism*, de que ninguem por certo discordará, é, mais do que a ninguem, applicavel aos que, á similhança da nossa auctora, têm antipathias cegas, quasi physicas, contra as quaes se quebram os esforços da razão e da vontade.

IV

O pae foi de todos os seus proximos parentes aquelle com quem menos viveu; a morte d'elle deixou-a comparativamente fria, provocando apenas á mistura com essas lagrimas faceis — o mais barato dos tributos de saudade — um certo remorso por lhe não ter acudido á cabeceira, apenas o soubera doente: ter-lhe-hia assistido aos ultimos instantes, teria cumprido o seu dever. N'isto sobrevem-lhe uma duvida: seria realmente seu dever ir, quando lh'o não pedia o coração?

Um dia Maria surprehende-nos tomando uma attitude de anjo conciliador, procurando restaurar a harmonia entre seus paes: é que das reflexões sobre o casamento, inspiradas pelo desagradavel episodio de Pietro Antonelli, resultava que era conveniente regularisar perante a sociedade pechosa a situação da sua familia. Portanto foi a Poltava e trouxe de facto o pae comsigo: mas, depois de quatro pouco deleitosos mezes de con-

vivio domestico, o santo egoista regressou a casa, aggravando o descontentamento da filha com certas excentricidades financeiras. O jornal vinga-a: não é possivel imaginar papel mais indecorosamente *lamecha* do que elle ahi desempenha, trazido pelo beiço no gentil e complicado cabeção que a filha soube armar á sua vaidade paternal. Haviam-se apartado, era ella pequenina; e ao encontrarem-se dezeseis annos mais tarde, trava-se logo entre os dois o seguinte caracteristico dialogo:

Ella — Recebeu a minha carta? (era de ralhos por lhe não estar preparada na gare uma recepção conveniente).

Elle (expressivamente) — Sim.

— É que eu estou afeita a ser servida.

— Tambem eu; e sou caprichoso como um diabo.

— E eu como dois.

— Estás afeita, bem sei, a que todos andem atraz de ti como tótós.

— Exactamente, como tótós; sem o que, nada feito.

— Pois não me serve o systema.

— É pegar ou largar.

Bashkirtseff pegou; porém Maria não teve motivos de exultar com a captura. Todavia o fidalgo incorria de longe em longe em curtos delictos de absenteismo para visitar a familia na capital, e a sua herdeira apparecia tambem occasionalmente entre os amaveis selvagens de Poltava, fornecendo-lhe essas excursões paginas attrahentes. Em Petersburgo divertiu-se muito; o grupo que formava com duas outras donzellas, grupo que apparecia em toda a parte, era conhecido pelo das tres Graças. Encantam-na as boas condições dos caminhos de ferro, o aspecto e maneiras dos empregados, a bondade e ingenuidade do povo, o seu amor ao tzar e á religião; os nihilistas apparecem-lhe então como perversos desmancha-prazeres, satanazes perturbadores d'esse paraiso; chama-lhes infames, blasphemos e *immundos!* Em Poltava, os camponezes interessam-na; enlevam-na as suas caras pacientes e respeitosas de bois mansos, a admiravel belleza e elegancia das suas mulheres, o pittoresco dos trajos, os bailaricos, ceremonias e outras usanças. Em compen-

sação a *sociedade* provinciana é criticada sem dó: as idéas alli abolorecem nos cerebros que se dão ao luxo de as ter; nenhuma noticia do que vai pelo mundo penetra o espesso ambiente; os mexericos mais chatos e ensossos resumem a conversação: demais, o que tem esse nome em França, o discorrer com indifferentes sobre assumptos impessoaes, é desconhecido n'aquellas paragens; qualquer conversa entre um rapaz e uma menina, acorda suspeitas de namoro. Tudo o que possa parecer um passatempo intelligente causa horror; come-se e bebe-se muito; as senhoras, que acham as modas de Paris exaggeradas e só acreditam nas costureiras de Kharkoff, frequentam muito os bailes; os rapazes jogam e embriagam-se entre funambulas e dançarinas. Certo fidalgo seguiu uma *estrella* de circo até o Caucaso e aprendeu n'essa peregrinação as habilidades do officio, que depois exhibia complacentemente. Reina uma singular combinação de meticulosidade excessiva e moralidade muito inferior; e os inconvenientes disparates do theatro são taes que escandalisam a desempoeirada Maria. Ha pela nobreza uma veneração de sabujos; um principe aggride a murros e pontapés o seu cocheiro, que adormecera de ebrio: «isto que em qualquer outro nem despertaria a attenção — tanto pareceria corrente! — n'elle é considerado encantador!» Quando este mesmo *boxer* e um seu irmão regressaram ao dominio paterno, visinho do dos Bashkirtseff, foi Maria chamada expressamente de Paris para uma caçada em honra d'esses *bons partidos*. Mas os principes cortezmente se esquivaram á pesca... quero dizer, á caça, e Maria é a primeira a metter a riso o desapontamento dos seus e os mallogrados preparativos, incluindo a sua magnifica *toilette* de velludo, com a qual era impossivel ser feia. Não ha episodio da caçada que não dê azo ao seu bom humor, tão vivo quanto raro, com todo o encanto de um raio de sol em dia de tempestade. Inclinava realmente para a tristeza; certa apparencia de animação disfarçava habitualmente o seu intimo desconsolo, mas vinham-lhe terriveis accessos de melancolia que nada podia disfarçar.

Era muito supersticiosa tambem: reputava de mau agouro

partir-se um espelho, ter tres velas a arder no mesmo quarto, avistar com o olho esquerdo a lua nova, etc. O conjunto das crenças e opiniões religiosas de Maria, bastante heterodoxas, como era de esperar, não está á altura do costumado vigor, da quasi brutalidade de concepção que os seus esboços de *atelier* revelam: é vago, desconnexo, fluctuante. O seu Deus, sobre cuja existencia e funcções ella, demais, esmóe flaccidamente uns insignificantes arremedos de controversia, chega a fazer rir: é um ultimo bordãosinho, um ultimo recursosinho de que a sua alma nada mystica, toda terrena, se vale quando não vê ás difficuldades solução mais positiva e satisfatoria. Precisava de um Deus que se occupasse de todas as suas coisinhas e com quem fallasse de tudo; era um velho habito como o collete de espartilho; não podia dispensal-o. E invocava-o a torto e a direito: já vimos que lhe pedia simplesmente... o duque de H...; outras vezes, que a fizesse bonita, que lhe fortalecesse a voz, e que lhe arranjasse um bom casamento, ou, quando mudava de residencia, que a ajudasse a installar-se depressa e confortavelmente... Em outras occasiões, então, dispensando o Eterno d'esses preclaros officios, pedia-lhe meramente... a sua neutralidade! É exacto: persuadia-se que Deus, vendo como ella, com tudo se accommodava e tirava partido de tudo, se divertia a suscitar-lhe obstaculos; e ao dar começo a um quadro supplicava-lhe já não que a auxiliasse, mas ao menos que se conservasse neutro. Para o propiciar executava ás vezes para cima de sessenta genuflexões, tocando com a fronte no chão, gymnastica religiosa que a deixava sem folego. Em uma d'essas crises de fervor oriental, levanta-se á procura do livro santo; mas encontra debaixo da mão um romance de Dumas e lê-o até o fim: «não é exactamente o Evangelho», pondera a original devota.

Outro seu processo para alliciar o Omnipotente era prometter esmolas aos pobres. Costumava dal-as; era naturalmente compassiva e generosa; mas tanto nos seus impulsos caridosos como em qualquer acto que lhe parecesse de indole a merecer approvação geral, não podia furtar-se a introduzir uns laivos de cri-

tica, frieza, scepticismo, o quer que seja emfim de menos sympathico; e as effusões de reconhecimento desagradavam-lhe tanto que, a não poder evital-as, abstinha-se do beneficio. E não é simplesmente por um delicado pudor do bem, é tambem para afastar a incrivel suspeita, de que ella professasse ruidosamente a virtude, e não lhe pezasse armar á sympathia e consideração, *comme ces bourgeois!*

Já se presente aqui o convivio de artistas; já Maria frequentava o atelier Julian, o mais considerado que então havia para senhoras em Paris e onde ainda se recorda, como a idade heroica do curso, « o tempo da russa », que se impunha ás collegas pelo original da loquela, pelas *toilettes* e relações no grande mundo, pela terrivel vehemencia das iras, pela amabilidade *bon-enfant* e tambem pelo talento. Foi lá que ella passou o melhor dos seus ultimos oito annos, luctando contra as difficuldades da arte, trabalhando mais de sete horas por dia para obter a preeminencia que o seu orgulho a compellia a conquistar em tudo quanto emprehendesse. Para medir bem o arrojo da empreza, cumpre ter em vista que entre as alumnas de Julian algumas havia com muita habilidade e já quatro a cinco annos de sério exercicio, vantagem que Maria nunca tivera. Aos dez annos, na Suissa, puzera a tratos a paciencia do seu idoso professor de desenho, recusando copiar de estampa os tradicionaes chalets, com janellas feitas de um tronco de arvore, como as janellas dos verdadeiros chalets não são.

Metteu-se então a copiar do natural, « mas, diz ella ingenuamente, não foram por diante aquelles estudos ». Mais tarde, como distracção, tomou em Nice algumas lições de pintura, e Gordigiani, tendo examinado em Roma os seus trabalhos, prophetisára-lhe futuro brilhante. É certo que desde tenra idade ella nos revela o temperamento artistico, a percepção prompta e justa das massas, das linhas, das côres, do caracter, quer seja o de uma paizagem, quer o de uma physionomia; e, após alguns dias de experiencia, os mestres declararam-na excepcionalmente, prodigiosamente dotada, vaticinaram-lhe fama em breve prazo e não lhe vedaram o aspirar á gloria. Ma-

ria realisava, é certo, progressos extraordinarios; pois ainda maiores conseguiria, se lhe não faltasse o preciso methodo para o aproveitamento da sua actividade. Jurára a si propria que dentro em cinco annos seria celebre, e esforçava-se desesperadamente por que o juramento fosse cumprido; mas havia tantas coisas a roubar-lhe attenção e tempo...: a leitura, a musica, a *toilette*, a vida mundana, esse engenho tão sabiamente calculado para *matar* todas as horas de uma existencia! sem fallarmos nos contratempos occasionados pela sua vacillante saude.

Mil preoccupações estranhas vinham intrometter-se nos momentos consagrados ao estudo; a sua phantasia erratica e fastienta levava os pinceis a espairecer aqui e acolá, por todos os pontos emfim que a descançassem da tarefa proposta. Fileiras de quadros lhe redemoinhavam na imaginação; deleitava-se em projectos de concentrar n'esta ou n'aquella téla uma complicação de intenções profundas, elevadas, subtis, quintessenciadamente poeticas; e de tal modo se apurava, se avultava a concepção, que, no momento difficil de lhe dar fórma sensivel, nenhuma fórma estava á altura do seu desejo. Faltára-lhe a dura disciplina que aniquila momentaneamente o homem em proveito da obra, que o deixa cego voluntario, para evitar que o seduzam os vãs phantasmas das realidades que elle quer um dia palpar, e que aguardam os que sabem esperar, perseverar, abster-se. Desarmada, a productora succumbia aos estereis regalos do dilettantismo.

Tomavam-na então desanimo profundo, estagnada indifferença, desprendimento universal: « Nem dinheiro quero. Para que? bastar-me-iam duas blusas pretas por anno, roupa que para usar á semana eu propria lavaria aos domingos, comida simples... comtanto que não fosse requentada, nem levasse cebolas ». Apesar do sorrir que esta creancice desperta, ajuizaremos de qual o abatimento, o cansaço, a humilhação que podiam provocar tal sêde de paz modesta e obscura na alma ambiciosa de Maria. Fogem-lhe exclamações como: « a pintura não me serve, hei de enforcar-me! » ou então « appetece partir a ca-

beça!» Ou delibera reflectidamente matar-se, caso dentro em cinco annos não tenha ganho reputação; e regozija-se do socego que essa resolução lhe traz. Ora, para reanimar a esmorecida esperança, procura as celebridades que principiaram tarde; mas chega sempre á conclusão de que dezesete annos é tarde demais para uma mulher; ora parece querer demonstrar a si propria que a causa da sua relativa inferioridade não está n'ella, não é fundamental; attribue-a ao meio anti-artistico em que mergulha ao sahir do *atelier*, á obrigação de andar sempre acompanhada: inveja a liberdade que os homens disfructam de irem sós, a toda a hora, a toda a parte, liberdade que ella julga constituir tres quartos da felicidade commum e metade do talento. «Imaginam que a gente póde receber impressões fortes e fecundas, quando anda sempre atrellada á familia, ou á dama de companhia? Toda a espontaneidade, toda a frescura de espirito são manietadas por esse enervante e estupido constrangimento». E vê n'isso um sério obstaculo a que haja grandes artistas femininos; mas não tem o feitio de apostolo; deixará que outros gritem, preguem e se tornem ridiculos para obter em muitos annos algum pequeno progresso; contentar-se-ha com mostrar á sociedade uma mulher, que chegou a ser alguma coisa, a despeito das desvantagens que a sobrecarregavam.

A emulação que lhe inspirava uma sua collega, hoje celebre, passára a um d'estes supplicios que nos fazem comprehender o inferno: a idéa fixa. Taes idéas, quando nascidas de qualquer fórma de inveja, são inevitavelmente falsas, embora assentes sobre factos incontroversos: o mais assombroso relevo de realidade achata-se, aniquila-se perante as proporções sempre crescentes do monstro, que foi pouco e pouco perdendo toda a connexão com o mundo das coisas existentes. Haveria no céo delicias como as que o allucinado imagina perder? Terá nunca o mais diabolico engenho de algoz inventado torturas moraes comparaveis ás de taes idéas fixas?

Dava-se em Maria uma singular coexistencia de extrema audacia e extrema desconfiança; abalançava-se denodadamente

fosse ao que fosse e todavia precisava ser constantemente animada. Desfalleceria se lhe faltasse o alimento quotidiano de applauso; e comtudo os triumphos não a tornavam feliz; só os saborearia, se inesperados; só lhes ligava apreço, quando alcançados por outrem. Menções honrosas, medalhas, celebridade nascente em volta do seu ultimo quadro, o mesmo que foi ultimamente adquirido pelo museu do Louvre, que toda a imprensa elogiou e muitas *illustrações* reproduziram, — tudo isso compensou mal o emprego dos seus annos juvenis áquella interessante desequilibrada, que teve, ao menos, todas as torturas dos homens de genio. Devia restar-lhe a lugubre consolação de que ha sêres maravilhosamente organisados para a dôr, e, n'esse caso, venturosos ainda os que podem glorificar-se de tão nobre martyrio e como ella são crucificados com a fronte voltada para as alturas.

V

Que lhe reservaria o porvir, se, debellando a doença, vivesse mais uma dezena de annos? Teria por uma série de importantes trabalhos fixado o seu nome entre os gloriosos da pintura? É licito duvidar. No seu ultimo quadro, que representa em tamanho natural seis rapazitos de escóla em animada conversa a uma esquina, o desenho é largo, a pincelada suave e segura, e justa a caracterisação. Mas sem contestar-lhe o merito, recordaremos apenas que está alli o fructo de oito espinhosos annos de trabalho, de lucta tão dolorosa que nos occorre não ser essa a carreira que melhor lhe quadraria. E n'esse ponto era tanto mais facil errar, quanto a sua intelligencia não tinha o estreito e bem definido caracter especialista, antes, felizmente dotada em muitas direcções, parecia em tudo exercer-se com facilidade: quiz pintar? pintou, como esculpiria, como cantaria ou tocaria, como seria actriz ou escriptora. A universalidade das suas aptidões parecia designal-a para a mais universal de todas as artes, a da palavra; e não é improvavel que finalmente se dedicasse á litteratura. A par de vibrante

temperamento artistico e do amor de analyse, caracteristico da actual época litteraria, o seu jornal revela-nos apreciaveis e progressivas qualidades de estylo, o que é importante quando se reflecte que era escripto muito ao correr da penna. A auctora destinava-o evidentemente á publicidade; mas como um retrato que devia conservar a sua memoria entre os homens «se morresse antes de chegar a ser celebre» e offerecido aos naturalistas psychologos, como documento humano. Deixando aos entendidos o decidir se o especimen representa uma addição valiosa ao que ha de averiguado sobre a psychologia da donzella, é incontestavel que, apesar de certos embellezamentos romanescos, indicados e confessados por ella propria, o conjunto impressiona como verdadeiro. «Que mais informações lhe posso eu dar», respondeu a um jornalista alguem que a conheceu de perto, se «ella propria disse tudo, tudo?» A considerar o jornal como monumento litterario, achamos-lhe o defeito capital de apresentar diluida em 987 paginas, materia que seria vantajosamente distribuida por 300; o resultado é que os bastos trechos notavelmente pensados e escriptos que encerra, não o salvam de uma leitura fraca e enervante.

A instrucção de Maria era ao mesmo tempo vasta e incompleta: recebera lições de chimica, musica e anatomia, conhecia familiarmente os originaes dos classicos latinos e gregos, fallava perfeitamente, além do russo, o inglez, o francez e o italiano; lia muito: historia, metaphysica, sociologia e romances; lia tudo e avidamente. Mas, á semelhança do que succedera com outras partes da sua educação, os conhecimentos que se bebem nos livros e o processo por que elles se bebem, foram n'ella abandonados ás combinações do acaso e do proprio capricho; o programma de estudos que antes dos dezeseis annos ella redigiu em Nice, excitando a admiração dos pedagogos, não foi levado a effeito; a miudo ella se queixa de que as suas excellentes qualidades para o estudo fiquem maninhas por falta de um guia. Ninguem lhe estendeu a mão para a ajudar na judiciosa canalisação da sua actividade mental: as consequencias foram aqui a exuberancia, além o desperdicio, acolá a estagnação e a insalubrida-

de. Não raro carecia de um grande esforço para pensar com vigor e lucidez, e nem sempre esse esforço era bem succedido; já vimos o pouco alcance das suas noções religiosas; não era muito mais longo o das suas idéas politicas, se é que devamos chamar idéas á notação mais ou menos incoherente dos echos exteriores. Porém mesmo ahi somos compellidos a admirar uma qualidade rarissima e preciosissima que é ao espirito o que é ao corpo o sangue puro e forte: a boa fé intellectual, a candida sinceridade com que encara esses problemas difficeis e deixa transparecer as suas incertezas, a sua insufficiencia, quando lhe era tão facil affectar superioridade, refugiando-se no indifferentismo do desprezo, ou disfarçar a ignorancia em humorismo sarcastico.

Tudo bem pensado, não nos parèce que no mundo positivo do escriptor moderno Maria Bashkirtseff conseguisse produzir obra original e vigorosa, lidando com grandes massas de idéas. Um curso methodico de seria e significativa leitura tornaria sem duvida mais igual, claro e poderoso, o jogo das suas faculdades, mas deveria contentar-se com resultados moderados; e seria isso possivel áquella indole fogosa e extrema? Evidentemente não; apenas fixada a nova missão, ella concentraria a sua formidavel intensidade de querer, e todos os seus projecteis passariam além do alvo. Ora, pondo de parte o embaraço da sua precaria saude, já não é facil haver no espirito de uma mulher de vinte e quatro annos, que foi creança precoce, a elasticidade requisita para soffrer um processo fundamental de rearchitectação e abundante assimilação de materias estranhas, sem deformação, sem perda das suas qualidades caracteristicas. E ella nada lucraria em transformar n'uma incolor e confusa miscellanea de conhecimentos o seu valioso orgão intellectual, simultaneamente bistori subtil de psychologo e poderoso reflector artistico, manejado por uma alma sedenta de verdade e que succedia ser a de uma senhora de espirito e de gosto. Tal qual era, se tivesse o tacto de nada emprehender de excessivo e deixar á acção do tempo o encargo de ir completando e harmonizando o seu talento, Maria podia inquestionavelmente legar ás letras mono-

graphias preciosas. Mas é levar longe de mais o fanatismo dos bellos escriptos, o desejar a prolongação de uma existencia tão atribulada sob apparencias de risonha; nem ficaria bem á litteratura actual, já tão opulenta, vir carpir essas mealhas junto ao sepulchro, ainda recem-coberto, que engoliu a radiosa creatura.

A impressão dominante que nos deixa o jornal de Maria Bashkirtseff é a da piedade; e, recapitulando a sua curta vida, poderemos exclamar com ella: «quanto é de enternecer a minha sorte! Nice, quinze annos, as tres Graças, Roma, as loucuras de Napoles, o canto, a pintura, tantas aspirações, tantos projectos, tantas esperanças... e morrer com vinte e quatro annos, no limiar de tudo isso — e sem ter conhecido sequer o amor!»

Izabel Leite.

OS POETAS DO NORTE

KLOPSTOCK

Poucos são os que, entre os povos latinos, conhecem o alcance politico, litterario e artistico, do notavel poema que appareceu na Allemanha nos fins do seculo passado.

Os movimentos intellectuaes que se operam n'aquelle paiz, tão distante, passam muitas vezes desapercebidos por nós, os povos do meio dia.

Apesar da Allemanha ter exercido grande influencia na Europa no seculo passado e principios d'este, ignora-se geralmente nos povos latinos a sua historia litteraria.

A maior parte das pessoas que ouvem fallar da *Messiada*, de Klopstock, julga que se trata d'uma obra mystica inspirada na Biblia e na theologia.

Muitos criticos têm cahido, effectivamente, n'esse erro e convencido d'elle pessoas aliás instruidas.

A *Messiada* não appareceu ao acaso, e nem exprime os sentimentos individuaes do seu auctor. Marca uma época notavel na historia litteraria da Europa; pertence a uma escóla philosophica, e pretende abrir caminho á moderna litteratura, filha da Revolução.

Esta obra importante deriva da moderna philosophia, começada na Allemanha por Leibnitz, e continuada depois por Kant e Ficht, que lhe deram nova phase. Além d'isto, foi precedida pelo importante movimento critico-litterario iniciado em Zurich por Bodmero. Teve em vista crear escóla, definir bandeira e extremar o campo d'uma litteratura.

Klopstock desejou animar o christianismo philosophico do seu tempo, conciliando com a razão a religião do amor, da paz e da fraternidade do genero humano. Quiz, com o seu poema, cantar a Revolução, ou a liberdade dos povos, por meio das doutrinas puras de Christo; e ao mesmo tempo pretendeu fundar definitivamente a nova escóla litteraria a que aspiravam as modernas gerações, influenciadas pelas theorias de Bodmero e de outros criticos de Zurich.

O seu poema veio levantar a cruzada a favor da liberdade politica contra o regimen absoluto dos reis, e a favor da liberdade litteraria contra as regras oppressoras e convencionaes da escóla classica. Iniciou na Europa o romantismo, que proclamou a liberdade do poeta e do artista, entregando-os ás suas inspirações proprias, e libertando-os da auctoridade dos mestres, ou da imitação. D'aqui o seu grande successo tanto dentro como fóra da Allemanha.

Emquanto o seculo XVIII francez cahia, ora nos exageros da metaphysica cartesiana, que veio a morrer esteril em Port-Royal, e ora nos excessos, nos desvarios e no negativismo da escóla materialista; e emquanto a litteratura oscillava entre o classicismo e os contos immoraes e obscenos, na Allemanha seguia-se diverso caminho.

Philosophos, moralistas, publicistas, historiadores e poetas, esforçaram-se por definir os principios da Revolução, e por incutir nos povos crenças sãs e vivificantes.

Innegavelmente que o seculo XVIII francez é mais negativo que affirmativo em suas doutrinas e principios. Os encyclopedistas pensam mais em protestar contra os erros e abusos do passado, do que em estabelecer as bases da futura sociedade a que todos aspiravam. São sublimes na lucta contra os dogmas fir-

mados nas fogueiras e nos carceres, e contra o jugo politico das monarchias absolutas, filhas d'esses dogmas igualmente absolutos e immutaveis. Mas não tiveram noções claras da liberdade e do futuro.

Tanto a philosophia que inspirou Rousseau e a que inspirou Condillac, como a litteratura de Voltaire, são austeras e frias; não confortam; falta-lhes coração.

Emquanto os revolucionarios francezes tudo negam, no seu odio ao passado, Leibnitz procura conciliar a fé com a razão.

Kant e Ficht proclamam, é verdade, o individualismo germanico; mas sabem-no harmonisar admiravelmente com o sentimento geral da humanidade, a que o prendem com doces laços.

A escóla kantiana é toda de equilibrio, de harmonia e de conciliação. É esta uma das suas sublimes virtudes que mais nos encantam. Ninguem, como Ficht, se mostrou mais devotado á patria e á humanidade. Poucos philosophos a historia apresenta mais sympathicos.

Kant pretende conciliar o mundo ideal com o mundo real, a escóla idealista com a experiencia e observação, ou com a escóla materialista.

As idéas universaes e absolutas são para elle leis abstractas da intelligencia humana; não têm valor fóra do campo da experiencia. É preciso applical-as ao mundo exterior, ou objectivo, não sómente para nos serem conhecidas, como tambem para terem existencia real. É esta a base fundamental da sua admiravel escóla.

Kant procura equilibrar tanto o mundo intellectual como o da consciencia. As crenças religiosas não se encontram n'esta escóla nova em tão violento conflicto com a razão, como nas escólas dos livres pensadores francezes. Ha mais harmonia entre as faculdades intellectuaes e os sentimentos moraes da consciencia humana.

Além das escólas de Leibnitz e de Kant, fundou-se na Allemanha a escóla philosophica christã, que teve por chefes Herder e Lavater.

Estes livres pensadores quizeram fundar a philosophia da

humanidade, tomando por typo Jesus, que por ella derramou seu sangue e foi sacrificado.

Duas obras sublimes produziu esta escóla: a *Historia da humanidade*, por Herder, e a *Messiada*, de Klopstock. É este um poema de livre pensador, e não d'um fanatico ou devoto. Sae das escólas ou seitas philosophicas, e não da egreja e dos concilios.

O poeta rompe com os livros sagrados; e compõe o seu poema segundo as suas livres opiniões e as suas inspirações proprias. Vai até onde o levam os seus impetos e o seu livre enthusiasmo por aquelle que se sacrificou pelo bem da humanidade. O seu christianismo nada tem de orthodoxo; o poeta introduziu até em seu poema novidades, que não podem deixar de ferir os mais zelosos defensores da fé e da egreja.

A revolução franceza é sceptica e descrente em materia de religião. Klopstock, o revolucionario allemão, quer fazer a revolução em favor dos povos opprimidos, cantando aquelle que prégou a religião do amor, do sacrificio pelo bem do seu semelhante, da paz, da caridade e da justiça, e cantando aquelle que morreu pela verdade.

No momento em que toda a Europa gemia sob o despotismo dos reis e poderosos, e era sequiosa de liberdade, aquelle poeta surgiu com um canto ao que já na antiguidade prégára a liberdade, igualdade e fraternidade, e por isso fôra perseguido pelos reis e tyrannos da terra!

Jesus foi o primeiro dos revolucionarios. Elle insurgiu-se contra a tyrannia, contra o egoismo dos que disfructavam seus bens e haveres, com esquecimento completo dos que soffrem e padecem; elle insurgiu-se contra as injustiças feitas aos fracos e pequenos, contra as desigualdades sociaes; finalmente, desejou fazer uma completa revolução em favor dos humildes e escravisados.

Os principios fundamentaes de Christo eram exactamente os da revolução do seculo passado.

O canto de Klopstock é um novo appello aos espiritos descrentes e influenciados pelas theorias francezas para essa reli-

gião do amor, do bem, da verdade e da justiça, como base da futura sociedade.

Klopstock define a religião santa amiga da humanidade, filha de Deus, instructora da virtude, repouso do coração, inspiradora dos sublimes pensamentos e fonte da piedade; mas espada cortante nas mãos dos fanaticos e sacerdotisa de sangue e de mortandade.

Diz elle: «... filha do primeiro rebelde, deixas de ser religião; és escura como a noite eterna; causas horror pelas victimas que immolas, e pelos montões de cadaveres que sacrificas junto aos altares. Violadora da justiça divina! Teus pés estão nos infernos e tua cabeça ameaça os céos» [1].

Eis o christianismo e a religião do poeta, amiga da humanidade, instructora da virtude e inspiradora das acções sublimes. Ao mesmo tempo o poeta, em versos eloquentes, combate o fanatismo, cujos pés estão no inferno e cuja cabeça ameaça os céos.

Já vêem os nossos leitores que não se trata d'uma producção litteraria filha do fanatismo religioso e d'um esteril mysticismo.

Klopstock pertence aos que entendem que a religião é a base da moral e da sociedade; mas não a religião que esmaga o pensamento e esteia o despotismo. A sua religião é a de Christo, a dôce amiga da humanidade. Elle protesta contra um Deus tyranno, mau e vingativo; o seu Deus é todo amor, paz e justiça, e o protector do povo tyrannisado.

O poeta canta o christianismo moderno, passado pelo crisol da critica e harmonisado com o espirito do seculo, ou da Revolução.

A *Messiada* é como um todo completo da philosophia, da moral, da politica e da litteratura da escóla de Herder e Lavater, ou a consubstanciação de toda esta escóla, derivada da de Leibnitz e da de Kant e Ficht.

O poeta com admiravel arrojo vasou nos moldes bellos da

[1] Canto IV.

poesia e da arte todo esse mundo de idéas, de principios, de crenças e de aspirações. Extraordinario monumento poetico, que encerra em si, e ao mesmo tempo, uma revolução intellectual, moral, politica, litteraria e artistica!

O *Fausto* de Gœthe foi precedido pela *Messiada* de Klopstock. São dois poemas do seculo XIX, embora filhos de escólas e de épocas differentes.

A *Historia da humanidade* por Herder e a *Messiada* de Klopstock completam-se. O que aquelle fez no campo da historia fêl-o este no campo da poesia.

Uma e outra obra representam uma escóla, uma revolução e uma época.

E é preciso notar o papel historico que o christianismo representa na vida dos povos germanicos. Foram estes povos que rejuvenesceram a religião christã, paganisada pelo povo romano. Sem elles esta religião acabaria por desapparecer entre os povos da antiguidade, identificados completamente com o espirito, habitos e costumes, e com as seculares tradições da mythologia.

No tempo de Carlos Magno, a *Biblia* foi traduzida para o allemão, afim de que os povos a estudassem e se identificassem melhor com suas doutrinas e sua historia.

Foi a religião christã que deu origem á poesia nacional germanica dos *minnesingers*, ao importante cyclo litterario de *San Graal* e ás lendas nacionaes, em que se fundaram tantos poemas notaveis. Foi ainda a Reforma que originou a poesia popular dos *mestres-cantores*.

O espirito do christianismo acha-se completamente identificado com a historia dos povos germanicos.

Por isso não é para admirar que os revolucionarios da Allemanha quizessem vêr ainda no christianismo o meio de se fazer a futura revolução politica a favor da liberdade. E note-se que o movimento critico-litterario da época restabeleceu a corrente interrompida das tradições populares da Allemanha. Foi n'esta época que se publicaram as collecções completas dos poemas e das poesias da velha Germania. A essas

collecções se deve o despertar da moderna litteratura d'este paiz.

A *Messiada* começa por cantar a vinda de Jesus á terra, para tornar os homens felizes. É o canto da redempção da humanidade pelo novo christianismo.

Deus annuncia á assembléa celeste a sua resolução de resgatar os homens:

«Sou, diz elle, o Deus da caridade; tal era quando criei os mundos e tal ainda sou ao cumprir o mais profundo e sublime dos mysterios».

O seraphim Elôa, em nome do Sêr Eterno, annuncia com phrases de amor e de enthusiasmo a santa redempção. As suas palavras confortam e parecem sahidas do proprio coração de Jesus.

Ainda os que não acreditam em mysterios e em coisas da religião sentem-se subjugados pelas ternas palavras do seraphim, interprete das vontades do Deus de caridade.

Experimenta-se a alegria e a felicidade celeste que elle annuncia aos bemaventurados, aos justos e piedosos.

«Seraphins, diz Eloa, e vós almas dos antepassados do Mediador, começae a festa da eternidade, que de hoje em diante não mais terá fim. Os filhos da Terra, ainda sujeitos á morte, juntar-se-hão aqui perto de vós, de geração em geração, até que sejam cumpridas todas as coisas. E revestidos, depois do julgamento final, de seus corpos, gozarão aqui d'uma felicidade completa».

Diz que os soffrimentos do Messias serão o começo da solemnidade a que o Sêr Supremo chama a salvação filha da alliança eterna.

Em todo este discurso do seraphim não encontra o leitor uma phrase só de colera, de odio e vingança, como se encontra nas producções litterarias religiosas, sobretudo catholicas. Tudo é n'elle paz, concordia, amor e alegria, por o Sêr Eterno deliberar-se a attender á sorte dos homens, infelizes e desgraçados. É isto o que caracterisa todo o poema, genuina expressão do coração de Christo.

Gœthe, fallando de Klopstock, diz muito bem o seguinte:

«Por instincto e coração a sua mocidade foi pura. Sua educação, séria e profunda, levou-o a tomar em muita conta, não sómente a sua pessoa, mas tambem as suas acções.

«E ao mesmo tempo que elle regula attento a marcha da sua conducta e da sua vida, volta-se, com presentimento de toda a sua força, para o assumpto mais sublime que se podia imaginar. Elle devia glorificar *pela segunda vez* o Messias, cujo nome assignala virtudes infinitas.

«O Salvador era o heroe que elle meditava acompanhar no meio da baixeza e dos soffrimentos terrestres, até aos mais altos triumphos celestes».

Klopstock afasta-se, quer dos protestantes, e quer dos catholicos; é puramente christão á maneira moderna. Elle identifica-se por tal fórma com a figura sympathica de Jesus, que, tirando á sua religião o que de odioso e cruel accrescentaram os homens, consegue dominar todos, protestantes e catholicos, e os proprios indifferentes em materia de fé.

«A paz celeste, continúa Gœthe, que Klopstock sentiu na concepção e execução d'este poema, communica-se ainda hoje a todos os que lêem os dois primeiros cantos, *conseguindo calar n'elles exigencias a que uma progressiva cultura não renunciaria voluntariamente*».

Afastando-se da Biblia, e rompendo com prejuizos religiosos, Klopstock, com inteira independencia e liberdade de poeta, faz figurar na vida de Jesus os nossos primeiros paes. Representam no seu poema a humanidade justamente reconhecida por aquelle que morreu e se sacrificou por ella.

Nada mais commovedor do que a dedicação de Adão e Eva por Jesus. Elles acompanham-no até aos seus ultimos momentos, como se elle fosse seu proprio filho.

É um pensamento bello e original, o qual dá muito encanto e interesse ao poema.

Gabriel annuncia o milagre da Redempção; entre as vozes dos que lamentam a perdição dos homens distingue-se particularmente a de Adão.

Este exulta ao ouvir annunciar aquelle grande dia. Cheio da mais terna alegria, pede a Gabriel lhe faça vêr em fórma humana o Redemptor da sua raça. Á sua supplica fervente, o anjo diz com voz amigavel que fará conhecer ao Salvador o seu desejo, e que, se fôr da vontade d'este, vêl-o-ha tal como elle é, a grandeza divina na humildade.

O apparecimento de Jesus aos nossos primeiros paes é um dos episodios mais interessantes e sentimentaes do poema.

Adão pede a Jesus lhe faça conhecer os resultados da Redempção. Jesus accede por meio de uma visão, em que o poeta allude á queda dos thronos e ao triumpho proximo da Revolução.

Adão vê, de um lado, os reis oppressores e tyrannos, e do outro, os povos suas victimas.

« É a recompensa, diz o poeta, de muitos desgraçados e infelizes conduzidos por anjos e coroados de luz brilhante ».

Entre as victimas notam-se grandes homens, innocentes e nobres, que soffreram pacientemente desgraças sobre desgraças.

Começa o julgamento terrivel.

Uma victima, que toda a sua vida fôra observadora fiel da virtude, levanta-se; e perante Deus accusa um d'esses reis culpados, que o entregou aos rigores do infortunio.

« Vivia, diz elle, na minha obscuridade dôce e tranquilla; o céo tinha-me dado tres filhos. Este homem, perverso e barbaro, aproximou-se de mim com um sorriso falso e enganador.

« Carregado de ouro, seduziu meus filhos, atormentados pela miseria, e tornou-os culpados como elle. Morri de dôr.

« Juiz Supremo! afastai da vossa presença este corruptor; manchou o sangue meu, e desviou meus filhos da innocencia, para os tornar similhantes a si.

« Julgai-o. E que todos os tormentos dos condemnados que perdeu e desgraçou caiam sobre elle mesmo ».

Apparecem depois os martyres do christianismo accusando os imperadores romanos das perseguições barbaras que ordenaram contra elles.

Um rei, justo e bom, commovido ante o espectaculo de tantas victimas innocentes, volta-se para os justos que o rodeiam, e considera-se feliz por ter sempre conservado sentimentos humanitarios; por nunca se ter deixado cegar pelo brilho das grandezas e do poder, e por se não ter esquecido, em tempo algum da sua vida, de que era igual aos mais homens e aos que governára. E bemdiz os momentos em que a presença dos infelizes o commovia e obrigava a soccorrel-os.

« Vêr, diz elle, seus olhos enternecidos e animados pelo santo reconhecimento, era já para mim a maior das recompensas. Valia-me isso mais do que a corôa que cingia ».

N'esta occasião, levanta-se outro rei; e estendendo as mãos para os mais, depõe arrependido contra elles:

« Minha vida cobriu-se de opprobrios; presentemente sou um criminoso confesso e julgado. Desconheci a grandeza de alma que elevou estes justos acima do pó da Terra. Hoje reconheço que fostes os sêres mais abjectos da humanidade, e os mais impios dos filhos dos homens ».

O seraphim Eloa abre um livro, cujas folhas se dispersam do alto dos céos; e profere contra os reis a sentença seguinte:

« Não ha medida para o peso de vossas calamidades, numeros para as contar, nem palavras para as exprimir. Desgraça e maldição eterna sobre vossas almas. Profanastes a dignidade mais augusta da Terra. Fostes elevados bem alto; os povos foram reunidos em volta de vossos thronos. O theatro era vasto; a recompensa podia ser dada nobre e humanamente; podia ser grande e gloriosa. Os céos tinham as vistas fixadas em vós, mas afastaram-nas, quando viram vossas acções, as guerras sanguinolentas, o opprobrio do genero humano ser, em todos os seculos, assumpto para o riso insultante e feroz do inferno; e quando viram esses favoritos rastejantes a vossos pés enganar-vos e tornar-vos incapazes de seccar uma lagrima e de recompensar a virtude ».

O olhar fulminante, diz o poeta, do Sêr Supremo era santo, magestoso e terrivel ao mesmo tempo. Elle baixa seus olhos para os reis; afasta-os, e cala-se. N'este momento a terra tre-

me debaixo dos pés dos reis aterrados; uma terrivel tempestade precipita-se sobre os thronos e do seio de espessas nuvens surgem os anjos da morte.

Os reis fojem espavoridos, mas um tremor de terra prostra-os; e elles cáem aos pés dos anjos da morte, abrindo-se n'este momento os abysmos do inferno, onde todos são precipitados.

Os anjos entoam hymnos de alegria. Estava triumphante a causa da justiça, a causa dos povos subjugados e tyrannisados pelos reis.

Tal é o que Jesus faz vêr a Adão, o pae dos homens.

O poeta annuncia uma segunda Redempção, ou a futura revolução social e politica, sob a influencia das doutrinas revolucionarias de Jesus.

A condemnação dos reis diante das suas victimas, conduzidas por anjos e tendo suas cabeças coroadas de luz, é a perdição da revolução franceza, que o poeta abraçou no principio com enthusiasmo.

Este canto valeu a Klopstock a honra de ser nomeado cidadão da republica franceza pela Convenção.

E aqui têm os nossos leitores que se trata de um poema eminentemente social e revolucionario, e não de uma obra mystica, como se crê geralmente. É filho do grande e poderoso movimento intellectual do seculo XVIII. Tem as mesmas aspirações, obedece á mesma corrente de idéas e tem em vista impellir a humanidade para uma mudança completa das leis e instituições sociaes e politicas, a bem da liberdade.

Klopstock viu no christianismo puro a verdadeira formula da Revolução. E com o seu poema terno, sentimental e de amor, desejou fallar ao coração dos reis, dos principes e poderosos, para, em nome da religião que professavam, interessal-os na causa dos povos e da liberdade.

Eis o que é a *Messiada*.

Klopstock afasta-se inteiramente da litteratura classica; a sua composição poetica assenta exclusivamente no campo do sentimento, ou do coração.

São os dôces affectos d'este, que elle pretende infundir nos seus contemporaneos e nos povos, para os tornar dignos da liberdade. E assim canta o amor para com Deus, para com os homens e a humanidade, o amor da patria e da familia, o sentimento da amizade e até mesmo o amor do homem pela dôce companheira da sua existencia, apesar de se tratar d'um assumpto tão sublime e divino. Finalmente, é um canto puro e sincero de todos os ternos sentimentos que estreitam os homens e os povos entre si.

Nada mais encantador do que o amor de Adão e Eva pela terra, seu paiz natal, por todos os seus filhos, e por aquelle que, fazendo-se homem, se fez tambem seu filho adorado e querido.

Na hora extrema de Christo, Gabriel conduz a côrte do céo ao Monte das Oliveiras.

Adão é o primeiro que alli chega. Elle saúda em phrases ardentes a terra onde nasceu.

« Paiz natal! eu vejo-te ainda mais uma vez, oh terra!

« Ha tantos seculos, que tu, minha mãe, recebeste em teu seio tranquillo os ossos meus. Nunca mais pisei estes campos onde repousam os mortos! Eis-me presentemente n'elles. Eu te saúdo, globo terrestre, que encerras os ossos de meus filhos. Estes ossos queridos serão todos reanimados. Ah! meus filhos amados! vós todos resuscitareis ».

O poeta canta o amor da patria em mais de uma passagem do seu poema. Não se póde exprimir com mais verdade e sentimento o amor de mãe, representado em Maria, mãe de Jesus. O encontro d'ella com Portia, mulher de Pilatos, é dos episodios mais ternos e sentimentaes do poema, uma das suas passagens mais bellas e interessantes.

Commove até ao fundo da nossa alma a entrevista das duas, tentando salvar a vida de Jesus entregue á justiça e proximo a ser condemnado.

Portia conta a Maria como foi convertida á nova religião, e promette empregar todos os esforços para salvar o filho que ella mesma adora e admira.

O sentimento da amizade está representado em S. João Baptista, que segue todos os passos de Jesus e até penetra na casa da audiencia do pae de Caifáz. Elle ouve as interrogações e accusações que são dirigidas á victima; quer interceder a favor d'ella, mas n'este momento é levada presa para o tribunal, afim de lhe ser lavrada a sentença de morte. S. João Baptista empallidece, quando vê Jesus em poder de Philon. Elle pede-lhe que lhe permitta morrer, antes que veja extinguir-se a luz de seus olhos; mas só Deus tal poderá. Então dirige ao Sèr Supremo ardente supplica, para que não consinta que morra o melhor dos filhos de Adão, e que desperte nos juizes o sentimento de humanidade.

Klopstock faz-nos sentir com muita verdade os momentos agonisantes por que passa S. João Baptista, ao assistir ao julgamento d'aquelle que ama como seu proprio irmão.

É profunda a dôr de S. Pedro por ter renegado do mestre. Elle foge de todos; em vão procura um allivio, e nem mesmo póde ouvir as palavras consoladoras que lhe dirigem seus discipulos. A subida d'elle ao Calvario, onde encontra Maria e S. João Baptista, immoveis como estatuas e mudos, junto á cruz, é uma passagem commovedora.

O amor está representado em Cydelia, filha de Jairo, e em Samida, filho da viuva de Naim.

Tratando Klopstock de todos os affectos do coração humano, não podia esquecer o primeiro de todos. O poeta dedica-lhe quasi todo o canto xv.

O amor de Semida por Cydelia é um amor casto, sincero e puro, o verdadeiro amor.

A passagem mais bella e sublime do poema é, a nosso vêr, a morte de Christo. Não é possivel desenhar-se um quadro mais pathetico, nem exprimir-se melhor a sympathia universal dos povos por aquelle que morreu por elles.

Adão é o primeiro que celebra a morte de Christo. Ao vêr este suspenso na cruz, cae desfallecido. Deus faz-lhe sentir as delicias da vida eterna e a felicidade que sobrevirá á morte do Salvador. Adão volta a si.

« Meus filhos! vós sois os filhos queridos, que elle resgatou. Vinde, filhos de Adão, para junto de Jesus. Que todos os que estão cobertos de grandezas em seus palacios magnificos deponham aqui as suas corôas. E vós, humildes, sahi de vossas choupanas, e vinde tambem ».

O mesmo Adão e Eva são os que, em nome da humanidade, celebram a Resurreição.

« Corre, diz Eva, fonte da vida feliz; sacia as almas que, similhantes ás sequiosas gazellas do deserto, pedem sofregas tuas ondas vivificantes. Fonte que corres de regiões saudaveis! traz-nos d'esses sitios que banhas as frescas auras que dão aos cansados peregrinos forças novas, e confirmam em suas almas a dôce esperança da Resurreição ».

E tambem caracteristica d'este poema a maneira como Klopstock trata todos os que condemnaram Jesus. Elle desenha-os com sinceridade, e não os torna odiosos. Philon, por exemplo, tem veneração pela antiga lei de Moysés, com que foi educado, e lamenta do coração que o povo a abandone por uma nova e sem auctoridade. Elle pede a condemnação d'esse que tentou alterar leis sagradas e levantou contra ellas o povo predilecto de Deus e de Moysés. É o passado que falla pela bôca d'elle.

Ainda outra novidade arrojada do poeta: este faz apparecer Abrahão e seu filho Isaac no Golgotha, supplicando a seus povos que se voltem tambem para aquelle que os quiz salvar.

Abrahão e Isaac ajoelham e pedem a Deus misericordia para o povo hebraico; Isaac vê aproximarem-se da cruz muitas almas conduzidas pelo cherubim. É a reunião, diz o poeta, das almas de todas as raças humanas. O cherubim mostra a estas Jesus crucificado. Sensibilisadas e cheias de eterna felicidade, todas se inclinam diante do martyr da humanidade. Sublime e bello pensamento!

Este poema, verdadeiramente nacional, offerece ainda mais outra novidade arrojada: Klopstock, em vez de seguir a mythologia pagã, como os poetas classicos, serve-se da mythologia germanica, não só para vincular o seu poema ao genio nacio-

nal e á historia patria, como tambem para embellezar algumas passagens da sua composição poetica. È mais um protesto contra o classicismo fanatico pela mythologia pagã.

Elle mesmo não duvida prender á vida de Christo alguns episodios da sua vida intima, o que prova mais uma vez que este poema é uma producção livre, espontanea e independente, do seu auctor.

Klopstock segue Milton e Shakespeare, e afasta-se novamente dos classicos, no desenho dos demonios, que Dante pinta com o grosseiro e feio fetichismo antigo. Ainda n'esta parte o poeta segue a moderna litteratura e identifica-se com o espirito dos seculos modernos. O seu poema é todo do futuro e da Revolução.

A acção da *Messiada* não é tão amplamente desenvolvida, como no admiravel poema de Milton. È mais uma elegia, que um poema épico. Como epopêa, é trabalho acanhado e imperfeito.

O mesmo assumpto é mais proprio para um poema elegiaco, do que para um poema épico.

A morte de Christo veio pôr termo ás luctas humanas. Depois d'ella, tudo na terra será paz, amor, piedade e concordia. Os homens e os povos devem congraçar-se e amar-se, como filhos do mesmo Deus e de um pae commum. Os reis serão depostos dos seus thronos por suas tyrannias, e os povos, libertos, governar-se-hão por si mesmos, sob os principios da liberdade, igualdade e fraternidade, ou sob os principios do Messias. Eis o pensamento dominante do poema, bem pouco proprio para uma epopêa.

A *Messiada* é a fonte mais abundante, fresca e saudavel, dos ternos sentimentos que sahiram do coração de Jesus. Ahi superabundam todos os affectos humanos. A sua leitura enternece ainda os corações mais empedernidos.

Diz muito bem Heinrich: « Parece que os versos não são bastantes para traduzirem essa multidão de emoções que acodem de tropel na alma do poeta. As expressões pittorescas e variadas parecem brotar da sua penna com essa inesgotavel fecundidade da vegetação primaveral ».

Litterariamente este poema tem em vista reagir á escóla classica e ás suas regras convencionaes, e fundar a litteratura dos seculos modernos.

Bodmero, Brintinger, Baumgarten e outros criticos levantaram essa cruzada contra a litteratura grega e romana, que até ahi supplantára a litteratura da moderna Europa, e não lhe permittia desenvolver-se. Esses criticos ergueram a voz contra esse jugo funesto, que abafava o espirito dos seculos modernos e matava a sua litteratura propria. Elles investigaram e descobriram quaes eram as bases verdadeiras d'esta litteratura. Proclamaram então a liberdade do poeta e do artista, entregues ás suas proprias inspirações, como a primeira lei da litteratura moderna. Extremaram depois o campo da poesia do campo da sciencia, confundidos na escóla classica. Acharam aridos para a poesia os assumptos scientificos e os discursos academicos das obras dos classicos. E estabeleceram que a poesia tinha seu verdadeiro imperio só no campo do sentimento e da phantasia. Por fim, protestaram contra as regras convencionaes, que estragam, e estragaram, com effeito, tão bons poetas.

A verdade, a sinceridade e a espontaneidade devem, segundo aquelles criticos, ser as tres grandes bandeiras da moderna litteratura.

Foi Klopstock o primeiro que abriu caminho a essa moderna escóla, e iniciou n'ella as novas gerações. D'aqui o enthusiasmo com que o seu poema essencialmente revolucionario foi acolhido tanto dentro como fóra da Allemanha. Todos os jovens poetas d'este paiz se agruparam em volta de Klopstock e proclamaram-no seu chefe e mestre.

Estava definitivamente fundada, não só a moderna litteratura europêa, como a moderna litteratura nacional da Allemanha.

A obra de Klopstock exprime admiravelmente esse periodo de exaltação contra as regras convencionaes, o ardor dos primeiros impetos da escóla nascente, e o enthusiasmo do poeta, já entregue aos impulsos livres do seu coração e da sua

phantasia, sem obedecer a regras fixas, nem amoldar-se a modelos estranhos.

Representa a idade infantil da moderna litteratura europêa e germanica, o romantismo, sua primeira fórma ou maneira.

Já vêem os nossos leitores que a *Messiada* é uma obra revolucionaria, tanto no fundo como na fórma. Representa um dos monumentos litterarios mais importantes dos seculos modernos, e o primeiro marco da moderna litteratura.

Sentimos que o espaço não nos permitta tornar mais conhecido este insigne poeta, bem como as suas poesias, que despertaram nos povos germanicos as tradições e o amor da patria. Por si só fizeram uma revolução, como a *Messiada*.

Tal é este precursor da revolução franceza, que ainda hoje muitos ignoram.

Junius.

A ANTHROPOLOGIA, O CARACTER

E O

FUTURO NACIONAES

I

Á influencia da raça sobre o caracter nacional, progressivamente deprimido e quasi exhausto, pospõem os que vêm trazendo o seu depoimento ao inquerito d'um fim de patria, causaes de ordem valiosa — a historia, a geographia, o clima — embora não tão predominantes como a ethnica. Effectivamente, concede-se á especial situação geographica do paiz, a origem remota da mediocre representação do portuguez em todas as manifestações reveladoras d'um povo que quer viver — mediocre quando chega a evidenciar-se, nulla como caracteristica normal. Tal situação, n'esse presupposto, deploravel, impelliu a invadil-a, em épocas varias, povos ethnogenicamente diversos, os quaes, fundindo-se com os elementos indigenas ou expulsando parte d'elles, demorando-se levemente ou fixando-se de vez, prescreveram leis, alteraram linguas e costumes, introduziram novos habitos, impozeram porventura outras religiões, e por ultimo, em lucta continua, nefasta ou vantajosa, restringiram ou alargaram territorios. D'estas invasões innumeras, levadas a fim com desiguaes intercadencias, derivou a cruel heterogeneidade d'um povo, sem traço algum decisivo que o marque fundo e forte, que o revele por assignaladas tendencias sob qualquer aspecto de actividade intelligente ou astuciosa, que o denuncie emfim por um caracter dominante, original, todo seu, inilludivel e irrefragavel: — *nós somos isto!*

*

Homens de sentimento, pusillanimes quando melancolicos, futeis pela verificada incapacidade intellectiva que não permitte a concepção e elaboração da obra mental, duradoura e de futuro, inertes quanto a faculdades iniciadoras, até nas mais urgentes solicitações da vida, restam, como episodio fugaz da sua intervenção na historia, as navegações d'outr'ora, documentos incontrastaveis da rapace ambição dos homens, com a coragem cega pela avidez do ouro, heroes e traficantes, typos perfeitos de assignalada pirataria, e ao diante, para satisfação de todos nós, padroes de immarcescivel gloria. N'isto se quéda a ephemera contribuição dos portuguezes nos universaes destinos.

Essas affirmativas, que são talvez exactas e verificaveis, não se filiam todavia n'um quadro de investigaçoes directas, ordenadas e de consequencia assente, antes obedecem a um criterio, por assim dizer, intuitivo, servido por uma observação que é pouco decisiva quando se pretende demarcar o caracter permanente do transitorio, tudo o que póde modificar um povo e o grau da adaptação correlativa.

Nas suas linhas geraes é, por exemplo, ponto averiguado que á rotina obtusa do minhoto se contrapõem subidas qualidades de sentimento e de espirito do algarvio; condições de meio e condições de existencia, grau de capacidade e grau de cultura determinam, d'um modo generico, a feição d'essas populações, surprehendida apenas nos aspectos exteriores, levemente e com pressa. E isso, que os factos não negam, basta realmente para fazer o necrologio d'um povo. Mas d'ahi a estar definido, com uma precisão anatomica, d'onde se vêm, o que se foi e é, e até onde se póde ir, vai muito ou quasi tudo.

Para a consecução de tal desideratum e acquisição dos seus legitimos resultados, cumpriria observar, no inquerito ao povo portuguez, o plano geral estabelecido, n'outro logar e de ha muito, para identicas pesquizas (Broca). Adoptado o methodo preceituado, investigar-se-hiam as origens do povo, tanto quanto possivel, desde os tempos exhistoricos; então e nos periodos historicos subsequentes indagavam-se as invasões que provoca-

ram as misturas determinando-lhes as percentagens; procuravam-se os vestigios das suas emigrações e das suas luctas; inquiria-se-lhe a archeologia e a historia, a religião e a lingua, a tradição e a litteratura; buscava-se-lhe a influencia mesologica na geologia, na orographia, na paizagem, no clima, na flora e na fauna; estudava-se-lhe com desvelo a vida, na familia, na moral, nos sentimentos, na educação intellectual e physica, na alimentação, no vestuario e na habitação; observava-se a acção modificadora d'esses factos já adquiridos no individuo e no grupo, a par e passo que se fixavam os limites de variação provenientes de herança e de atavismo; e por ultimo, não como accessorio, mas como contribuição imprescindivel, completavam-se as observações que precedem com as anthropometricas e as de ordem physiologica e pathologica.

Certo que este plano requer um numero avultado de trabalhadores, fazendo obra em campos diversos e sem affins apparentes; mas só assim era licito traçar d'um modo quasi indiscutivel a physionomia tambem quasi inedita d'um povo, affirmando então d'alto quando perguntados: *ora aqui está o portuguez!*

Por outro lado é manifesto e sabido que, por intermedio de qualquer das sciencias que collaboram no estudo definitivo das raças, se ha conseguido incontroversamente limitar a área de dispersão d'um povo e até a sua influencia derivativa; estão n'este caso, e em logar de evidencia, a philologia e a archeologia. Tão exacta é a affirmação enunciada que, assente pelos linguistas a fixação de taes gentes n'uma região certa, as investigações ulteriores dos archeologos condisseram, corroboradas ainda e posteriormente pelo exame anthropometrico. Mas estes casos, de resto profusos, não implicam a autonomia d'essas sciencias quando desejosos, é claro, de alcançar solidamente o problema em toda a minudencia e certeza. Os casos dubios, apparentemente irresoluveis ou provisoriamente á margem, provêm, em grande parte e para um dado paiz, do desigual progresso nos ramos varios de observação; pois que, caminhando parallelamente, subsidiam-se e completam-se mesmo, como se

vai averiguando dia a dia. Exemplo: os textos dos antigos geographos offerecem lacunas e o mobiliario historico e prehistorico falhas; a interpretação, pelos que trabalham n'essa esphera, teve pois restricções; restam todavia e em geral indicios fugitivos que levem a outra ordem de inquirições, não similares quanto a methodo, mas concludentes muitas vezes quanto a resultado.

Por este esboceto se vê que o problema ethnico é, mesmo lá para fóra, d'uma solução tardia, embora concorram para tal empenho actividades numerosas, solicitas e intelligentes. Entre nós, os trabalhos de valor que a tal respeito estão effectuados, se são incompletos ainda menos são lidos; de modo que, assumptos de raça no periodico ou na cathedra representam impunemente, n'este povo de verbo e de vasio, filaucia e audacia.

II

Aparte varios capitulos de historia, de ethnologia e de philologia abordados por alguns homens de intelligencia e vontade, os estudos do dominio puramente anthropologico resumem-se em algumas monographias sobre a paleontologia humana. Esses trabalhos tiveram, como precedente inicial, as investigações archeologicas que um acaso fortuito instigou a realisar. Authenticada de pouco a coexistencia do homem com os sêres do periodo quaternario e agitada ainda a controversia relativa á antiguidade das fórmas humanas ancestraes, os estudos geologicos do sólo portuguez tiveram uma *entente* no proseguimento do seu intuito primitivo, tão importantes se revelaram certos materiaes exarados em algumas alluviões da bacia hydrographica do Tejo.

Colligidos e estudados havia a estabelecer um de dois factos: ou os documentos recuavam para além da época precitada a existencia do precursor humano, o que seria abalar o espirito ainda surprezo da opinião sabia, ou era errada a determinação e classificação geologica dos depositos que, a despeito de tudo e com uma notavel insistencia, impunham manifestos ves-

tigios d'um sêr que se denominaria ao diante o *homem terciario*. Realmente a chronologia geognostica e a natureza lacustre dos sedimentos eram pontos averiguados por factores de valor: disposição dos estractos e possança, flora e fauna. Accrescia que o clima de então fôra mais proprio para a vida do que o brumoso dos tempos diluvianos, em cuja éra a existencia do homem mal se contestava já; para os animaes da época, tão parentes dos de agora, excellentes as condições do meio cosmico; a contemporaneidade do homem com os animaes de grande talha, perfeitamente admittida pela verificação irrecusavel da coexistencia do mastodonte, por exemplo, com o homem fossil americano; a apparição e frequencia do simio anthropomorpho, absolutamente assente; e por ultimo as leis da evolução natural, de acquisição recente, em accordo pleno com a realidade d'esse élo: o anthropopitheco.

Mas, não obstante, resolver-se Carlos Ribeiro a denunciar publicamente factos cuja verosimilhança e quasi certeza se evidenciavam tão funda e nitidamente, era commetter uma audacia a que o ruido provocado em torno da anthropo-archeologia oppunha obstaculos serios. Coincidiu felizmente com a descoberta do nosso geologo a de Bourgeois, padre francez, o qual, apesar das bronzeas imposições do dogma, teimou em vêr nos silex extrahidos do aquitaniano de Thenay o trabalho intencional d'um sêr intelligente. Taes affirmações demoveram Carlos Ribeiro a encetar com os seus silex e quartzites uma dolorosa romagem, desde a celebre sessão da Academia de Lisboa e subsequentes congresso e exposição de Bruxellas e Paris, até á reunião, na capital portugueza, de varios homens eminentes da palæoethnologia europêa.

Foi então, como é certamente do conhecimento de todos nós, que a questão se discutiu com a amplitude para que simultaneamente concorreram a analyse dos documentos archeologicos e o exame dos terrenos que os encerravam. Unanime na aceitação do segundo ponto, o congresso dividiu-se ao pronunciar-se pelo primeiro; mas a sua importancia inquestionavel, com precedentes d'uma impeccavel solicitude e methodo,

marcou por fim uma época nobre no registro avarissimo da nossa representação scientifica.

Parallelamente, outros homens haviam iniciado então relatos e memorias descriptivas dos despojos legados por essas vetustas civilisações. Do Minho ao Algarve foi uma azafama de indagação e pesquiza; as grutas sepulchraes, as cavernas, os dolmens, as cryptas megalithicas e as citanias occuparam bons espiritos de curiosidade e de estudo; entrou-se na interpretação ethnographica d'esses famosos constructores extinctos, averiguando-se-lhes, pela ceramica, armas, adornos e insignias, pelos amuletos e trepanações, pelos vestigios da sua vida agricola e mineira, por mil outras observações de grata meticulosidade, a origem, a descendencia, a arte, a industria, a guerra e o culto.

Ora os restos humanos encontrados em alguns megalithos e estações pre e protohistoricas, é que deram naturalmente ensejo ás investigações de caracter puramente anthropologico.

Do registro craneometrico de varias peças osseas de Mugem deduziu Paula e Oliveira — o lucido e infeliz anthropologista extincto — factos que assignalam a passagem, no sólo portuguez, de raças, ao tempo, desconhecidas para nós; os brachycephalos com os mesmos caracteres dos da série de Orrouy, descripta por Broca, e identificada por Quatrefages e Hamy com os do grupo de Furfooz; os sob-brachycephalos, sem parentesco com os dos typos europeus conhecidos, mas com analogias e caracteres privativos dos de algumas raças mongolicas; o dolichocephalo com particularidades morphologicas e simultaneas dos typos de Canstadt e de Furfooz. Em identicas circumstancias estava já descripto um outro n'uma noticia que, sobre os esqueletos humanos descobertos no cabeço de Arruda, publicára Pereira da Costa; e ainda á raça de Furfooz se attribuia o celebre craneo do Valle de Areeiro, cuja descripção abria a monographia ácerca dos despojos osteologicos depositados no nosso museu de geologia.

Os vestigios das populações prehistoricas e romanas de Cascaes foram objecto d'uma memoria desgraçadamente não

terminada e já de publicação posthuma: sepulturas, ossuario, mobiliario rico, indicios de interessantes tradições para a historia e ethnologia peninsulares. Fundando-se mesmo na similitude d'um d'esses ritos funebres que igual e parallelamente vigoraram na Europa central e occidental, Paula e Oliveira procurou determinar a raça constructora d'esses tumulos. Assente que essas populações estavam isentas de toda a mistura com as romanas invasoras, e que provavelmente eram autochtonas as primeiras camadas d'esses povos a que os historiadores chamam iberos, restava estudar se foram realmente os celtas que dominaram então o elemento indigena, posta de parte, naturalissimamente, a influencia ephemera de carthaginezes e phenicios. A historia, a ethnogenia e a anthropologia do ramo celtico peninsular, sendo demasiado obscuras, tornam sobremodo vaga esta indicação. Forçoso esclarecel-a pois. Ora, attendendo á analogia do rito funerario enunciado e a aproximações chronologicas de peso, o povo que governou as Gallias e, de conquista em conquista, abordou a Asia Menor depois de invadidas a Italia e a Grecia, poderia naturalmente ter tão pouco exercido o seu dominio na Hespanha, tanto mais que a invasão das Gallias pelos kymris (de Thierry) concorda com a entrada dos celtas na peninsula. Este nome de celtas tinha ainda para os antigos, como se sabe, uma grande latitude; accrescentando, por um lado, que os verdadeiros celtas se assemelhavam profundamente aos gaulezes no tocante a costumes, religião e lingua, e reparando, por outro, no caracter aguerrido dos ultimos, natural é inclinarmo-nos a suppôr os velhos invasores da peninsula como gaulezes verdadeiros. A incontestavel luminosidade d'estes pontos de vista com que abruptamente fecha a incompleta memoria, ia ser corroborada pela analyse osteometrica: « Je vais montrer combien l'examen des ossements justifie cette conclusion ». Seguem apenas os registros anthropometricos, e da sua interpretação, comparação e inferencias nada mais resta!

Ainda os craneos de Cesareda, localidade cujas grutas motivaram um magnifico estudo de Delgado, foram descriptos pelo

infeliz anthropologista; e o balanço d'esta pequena herança scientifica, rapidamente tracejado ahi, avulta sobremaneira quando se verifica que em tanto se finda a locubração anthropologica séria levada a cabo no paiz.

Resumida assim a iniciativa e realisação dos nossos trabalhos anthropologicos, dá vontade de perguntar á conspicuidade d'esses homens que nas escólas fornecem as publicas luzes — politicos e geometras, industriaes e zoologos, chimicos e *brasseurs d'affaires:* — Oh! senhores! pois não ha ahi um sequer que saiba medir um craneo?

III

Na peninsula a anthropologia entrou devéras com o pé esquerdo. Ha annos, quando alguns homens se reuniram em Madrid para constituirem uma sociedade destinada ao estudo das raças humanas, levantou-se uma celeuma vehemente de protesto; que pretendia fazer semelhante instituição — perguntára toda a imprensa — n'um paiz essencialmente catholico?! E tão vigorosa foi realmente a campanha que se esperou a demissão do ministerio para definitivamente a installar (Zaborowski). Dois annos passados a *Societad antropologica española* succumbia sob uma desolante esterilidade de obra e desdem publico.

Algum tempo depois o medico Ferraz de Macedo alcançára em Lisboa a permissão de estudar em sua casa os craneos já convenientemente exhumados dos cemiterios municipaes. A breve trecho foi detido para reflectidas e ponderosas averiguações da policia; as folhas, desde as que militavam sob a egide rubra da Incorruptivel, até ás que defendiam regimens senís e idos, deram-se pressa em informar o publico de que o distincto anthropologista tinha em vista obter assucar refinando os ossos; invocou-se a paz e o respeito devidos á querida memoria dos mortos; descobriram-se substancias occultas a extrahir dos encephalos (!); registraram-se, a sério, tenebrosos conciliabulos pela calada da noite, sob uma luz livida de morte, pios agoirentos de aves mythicas, rumores de almas e diabos á mistura. A li-

cença do edil foi cassada, não sem prévia arenga no senado; e o medico, para pacificação e contento de todos, abandonou os estudos e foi-se embora.

Ora a reluctancia por esta ordem de trabalhos, que se observa ainda em pessoas a que chamam cultas, não promana manifestamente de opiniões semelhantes ás do periodismo de então. A litteratura franceza de vulgarisação espalhou já entre nós noções muito exactas dos intuitos e methodos anthropologicos; o que se não comprehendeu ainda foi a opportunidade de installar laboratorios e abrir cursos, regateando-se-lhes até, como defeza, serviços praticos e de applicação reconhecida. É desnecessario, todavia, que a iniciação de novos trabalhos scientificos se justifique pela somma de beneficios immediatos e de caracter egoistamente utilitario; mas quando o não fosse na essencia — e o estudo do homem, mais que nenhum outro, é, em sciencias naturaes, o fundamental — a anthropologia deu já logar a reconhecer-se-lhe indiscutiveis vantagens, quando aos seus resultados se recorreu para a organisação scientifica das colonisações e do recrutamento dos exercitos.

De facto, para que, sob o ponto de vista anthropologico, o futuro progressivo d'um paiz não esteja á mercê de desventuras, sobretudo na sua validade e na sua fecundidade (Lagneau) o recrutamento deve ser feito tendo em conta e simultaneamente a prosperidade nacional e a aptidão militar. Esta ultima está dependente da idade, da conformação e da estatura. Na primeira ha a buscar o periodo da vida em que o homem é já corporalmente forte para exercer sem perigos o mister; e como esse periodo, tal qual a idade pubere, provém de condições de vida — facil ou difficultosa — e ainda mais da origem ethnica, á anthropologia cabe designar-lh'o, consoante as populações que habitam os logares tomados ethnologicamente como unidades territoriaes. A idéa d'uma boa conformação exclue doenças ou predisposições morbidas que tanto derivam da acção mesologica como da hereditariedade ethnica; requer, ao contrario, um peso, uma força de tracção horisontal e um perimetro thoracico certos, cuja valorisação generica é dada igualmente pela ethnolo-

gia. A estatura, por ultimo, varía menos por condições de miseria ou fortuna do que pela ethnogenia; é, antes de tudo, a expressão da raça (Boudin). Para que esta selecção obedeça, pois, a um criterio scientifico e positivo, ha a conhecer, embora de leve, o quadro geral de informações que o prévio inquerito anthropologico revelou, completando-o, na occasião opportuna, com os exames individuaes. Então já os precedentes ethnicos e concorrentes com a ascendencia e a origem geographica, ajudam a decidir d'um modo mais seguro a aptidão real ou apparente dos indigitados.

Mas, se estes são os preceitos a que um bom recenseamento militar tem de subordinar-se, forçoso é, por outro lado, attender a que os desastres são quasi irremediaveis quando o tempo de fileira é bastante extenso para deshabituar o soldado da anterior occupação profissional, e, em virtude da exiguidade de recursos, manter-se prudentemente celibatario. Escolhido vigoroso e forte subtrahe-se assim á terra o elemento mais capaz de trabalho, restituindo-lh'o alguns annos depois com vicios novos e a necessidade de lucros faceis. A certeza evidente d'estes factos, de ha muito adquiridos, toca de perto a prosperidade das nações, e tanto mesmo que ás instituições de toda a ordem se hão juntado as anthropologicas, naturalmente chamadas a intervir dentro dos limites do seu objectivo.

Para as nações coloniaes, o conhecimento da vida moral e social do indigena, e bem assim o das populações da metropole d'onde convirá recrutar elementos civilisadores, é ponto capital para o bom exito da colonisação. Antes mesmo da anthropologia constituir sciencia definida, todos sabiam que a colonisar regiões geographica e ethnologicamente diversas, deveriam ser chamados homens geographica e ethnologicamente distinctos. Sendo, pois, de facil alcance a averiguação precisa das questões fundamentaes que interessam á prosperidade colonial quanto á adaptação do europeu e ao aproveitamento maximo do elemento indigena, não a realisar préviamente é, ou desconhecer a significação do estudo positivo das raças, ou negar-lh'a.

A ligeira documentação da importancia pratica d'esta scien-

cia, não referindo já o extraordinario impulso que os seus methodos trouxeram em favor da criminologia, prova, ao menos, que a anthropologia, apesar d'uma vida curta, delibera já, lá fóra, em materias cuja complexidade contrasta com a simplicidade das linhas aqui exaradas. Quando, porém, isto não fosse real, nem por isso se legitimava a opinião dos que exigem utilidades immediatas da sciencia das raças; « a verdadeira sciencia, a que no futuro conduz ás mais brilhantes applicações, é essencialmente desinteressada » (Topinard).

Competia-nos, parece, não só proseguir os ensaios de anthropologia prehistorica tão illustremente iniciados e n'uma terra onde os materiaes abundam, mas ainda encetal-os no vivo. Aproveitar o material do Museu de Anthropologia, crear uma dependencia n'uma escola superior ou, melhor ainda, installar um laboratorio autonomo com pessoal restricto mas escolhido na competencia e no trabalho, não sobrecarregava em demasia um thesouro exhausto, é certo, embora com inexplicaveis e singulares prodigalidades diariamente e por todos confessadas. Do modo como se estabeleceria o instituto, da sua dotação, dos seus meios de acção e de trabalho, do programma definitivo dos seus propositos, diriam a seu tempo os technicos e não um escripto de propaganda que apenas registra a falta e aponta a necessidade mais que opportuna de a remediar.

O que precedentemente se relata basta comtudo para convencer, a quem ignora ou não crê na importancia dos estudos anthropologicos, da contribuição notavel que prestariam a investigações d'outro dominio, mais adiantadas e prosperas. Confesse-se que sem a realisação systematica d'esses trabalhos o que ordinariamente se pensa e diz sobre o caracter e o futuro nacionaes póde ser acaso exacto, mas não é por emquanto scientificamente justificado. Para traçar o papel e o destino d'um povo, carece-se hoje de lhe *fazer a anthropologia;* e — que diabo! — ainda que o seu futuro nos importe mediocremente, legue-se ao menos a quem vier a anatomia da carcassa.

Rocha Peixoto.

UM CASO SIMPLES

Fui ha dias acompanhar a bordo um amigo que seguia para o Rio. Pouco antes do embarque, ao chegarmos ao caes do Sodré, vi rente da muralha um rapaz espadaúdo, aldeão do norte, que abraçava, chorando, um velho magro, de rosto franzido, e requeimado como uma cabeça antiga de santo modelada em barro. Ia para o Brazil, o rapaz, e elle viera acompanhal-o, pedindo-lhe até á ultima hora que o não deixasse...

Fugiu-lhe, por fim, dos braços, e saltou d'um pincho na catraia, que o levou com outros para bordo do navio, emquanto o velho monologava, entre lagrimas, uma queixa longa, agitando para o rio o lenço vermelho.

D'ahi a pouco estava na tolda do transporte e ouvi, para a prôa, d'entre a leva de emigrantes, um toque estranho de pifaro, modulando uma canção dôce e barbara. Era o rapaz que tocava, lançando ainda ao velho um ultimo adeus nas notas agudas da sua frauta de pegureiro.

O ar estava morno e dôce como um contacto assetinado do azul puro, sem uma nuvem.

Junto da margem nevavam bandos de gaivotas. Na esbranquiçada poeira luminosa, os montes da Arrabida avultavam n'uma mancha igual, de scenario antigo e simples, emquanto o casario alvo do Barreiro e aldeias proximas lembrava outra chuva de gaivotas brancas, que houvessem pousado, além, ao rez da onda, sob a alegria do sol vivo. Para o levante, roçando pelo Montijo, a vista ia perder-se no manto d'agua, que chispava largo e aberto como outra barra. Os pinhaes do Alfeite, sobre a tira avermelhada das barreiras, davam n'um tom espesso e quente de velludo verde negro um fundo grave á *ma-*

rinha luminosa da bacia, cortada de velas em fuga. Estreitando logo o rio ao angulo do pontal, os outeiros da Outra-banda oppunham sob a luz crúa a sua muralha sombria, forrada aqui e além d'um farrapo verde, ou cortada d'uma ravina. Em frente, a cidade faiscava, no comprido amontoado irregular do casario branco, d'onde, raro, sobresahia uma nodoa de jardim. Descendo para o poente, e além das tapadas, os outeiros, de curva molle, desdobravam emfim por detraz da linha dos ultimos bairros e povoações da margem direita um ondulado panno de verdura macia, remendado a manchas de sepia.

A um e outro lado do *Transporte* corriam veleiros os botes pintalgados, enfunando as latinas, ou singravam n'um sulco fundo, levantando á frente um rôlo de vaga, as fragatas, de prôa forte, e arredondada em papo de ave. De espaço a espaço largava da ponte do caes um vapor, silvando, e abrindo no verde glauco, ao ladear os navios ancorados, uma esteira de espuma. As mastreações baloiçavam de manso, junto á linha da muralha, e por todo o rio, sob o dia calmo, feito de luz, tudo parecia arfar, como a ondulação branda da agua, n'uma inspiração larga e dôce da vida, d'esse ar salgado de maresia, que convida ás viagens. O velame d'um brigue, que descia a corrente, erguia-se ao longe, sobre o céo vago da barra, como uma torre fluctuante, palacio de sonho, onde se iria longe, muito longe, por sobre as aguas do mar, em busca de thesouros, de maravilhas... á maneira d'outr'ora. Á beira d'agua, erguendo-se leve, a torre de Belem parecia desprender-se da margem, ir fluctuar tambem, levada n'uma irresistivel maré...

E, trilando no ar puro e leve, o pifaro do pastor, que emigrava, dizia uma canção dôce e barbara, da aldeia distante, onde se vive preso á terra... Era um canto vago e baloiçado, em que a melodia, agitada n'um movimento de dança lesta, vinha morrer logo n'uma toada longa, de echo demorado, ralentado andamento d'uma melancolia estranha, d'onde de novo irrompia o periodo de notas leves e desfiadas, como se a ronda seguisse, depois da pausa...

E subia, subia, vibrando na manhã leve esse canto das

montanhas, emquanto o tocador e os companheiros, cerrados n'um grupo, e alongando os olhos á cidade faiscante, viam, através d'um véo de lagrimas, erguer-se ao longe: a aldeia alcandorada n'um serro, entre pinhaes bravos e soitos, os rebanhos e os bois da lavoura deixando o aprisco, a colmeia a zumbir sobre a flôr amarella dos giestaes á borda das estradas, os moinhos rodando pesados no açude da ribeira e, logo á luz d'alva, as noivas morenas tecendo no tear...

*
* *

... A noite, já tarde, seguia por uma rua estreita e humida, entre casas baixas de vicio, d'onde sahiam bafos mornos de miseria devassa, quando a uma janella de rez-do-chão, na penumbra, ouvi uma voz velada de mulher cantando uma canção estranha, de toada longinqua... A estrophe em que esse canto se enlaçava dizia:

« O que o vento é para o fogo
é ausencia para amor,
se é pequeno apaga-o logo,
se é grande fal-o maior...»

Fiquei um momento parado e suspenso... Era aquella a mesma canção que ouvira de manhã no pifaro do pegureiro emigrante, mas cantada agora, no seu mesmo sabor de cantiga barbara e casta, por uma bôca murcha, prostituida a beijos avinhados... no fundo d'essa alfurja...

Então, sem bem saber como, liguei na mesma historia dolorosa — o destino dos dois... Eram talvez da mesma aldeia, noivos promettidos, ou, quem sabe? irmãos...

E vi, n'uma luz crúa de realidade, todo um caso tragico do tempo, agonia, dispersão de antiga familia rural...

Lisboa — Maio de 1891.

Silva Gayo.

IDÉAS E FACTOS

Summario: *A situação da Italia — A crise do ensino secundario,* por Marcelin Berthelot — *Os pobres,* por Rainsford — *A influencia da democracia na litteratura,* por Edmundo Gosse — *Windthorst.*

A situação da Italia

É muito longo e notavel o artigo que publica a *The Contemporary Review* sob a epigraphe *A dynastia de Saboya, o Papa e a Republica,* e assignado por *um estadista do continente* (a continental statesman). Baseia-se em extensas considerações historicas, todas tendendo a provar que a politica da casa de Saboya é como uma descida por um plano inclinado, ao fundo do qual está a revolução. Jupiter priva da razão aquelles que quer perder. Destitue-os da capacidade de aprender no passado e prever o futuro. A coroa da Italia, filha do Latinismo e da Revolução, é infiel á sua origem dual quando se consagra aos interesses do pan-germanismo e do Direito Divino. Mina a sua propria base e combate contra o principio que justifica a sua existencia. Não ha necessidade de insistir no facto de que a coroa veio por um lado do Latinismo, por outro da Revolução: esta dupla origem é manifesta em toda a sua historia.

Os beneficios da alliança allemã:

As forças effectivas tiveram de ser augmentadas com espingardas, artilheria, munições, vasos de guerra, fortificações — e tudo isso é caro. Em poucos mezes o thesouro publico da Italia ficou vasio, e os recursos da lavoura e da industria esgotaram-se pela suspensão das exportações para França. As letras de cambio italianas, não sendo descontadas em França, eram devolvidas. O commercio perdeu a sua base principal, e as classes operarias viram-se sem trabalho. Estes foram os fructos que já produziu a politica germanico-dynastica da côrte do Quirinal. Examinemos as consequencias moraes e politicas a que deve levar.

Quando a Italia se alliou á Allemanha, as suas condições internas eram boas. A sua situação externa era invejavel. Não tinha inimigos.

Essa alliança trouxe-lhe dois inimigos terriveis: a França, com quem não devia ter outras relações senão as de amizade e respeito de visinhos; a Russia, que está muito longe das suas fronteiras e esphera d'acção, para que possa haver conflicto entre os seus interesses.

Os perigos internos:

Disse que as condições internas da Italia eram boas; podia ter accrescentado que eram tranquillas. Esta tranquillidade é, todavia, relativa. A Italia tem dentro das suas fronteiras duas fontes de fraqueza, uma das quaes é de pequena importancia emquanto a paz se mantiver, mas póde tornar-se perigosa no momento em que esta se alterar.

Estas duas fontes de fraqueza são o Radicalismo e o Papado. Aquelle ficou desagradavelmente surprehendido com a solução monarchica dada á independencia italiana, de que o Radicalismo foi o verdadeiro creador. Mas porá de lado essa solução, com a condição de que o monarcha empunhe a espada da liberdade e não a da reacção. O Papado está vencido mas não submettido.

A moderna monarchia italiana nasceu, pois, com duas doenças internas, que a obrigam a uma extrema circumspecção na marcha do seu desenvolvimento. Uma d'ellas — o Radicalismo

— é facil de conter. Cresceu e viveu com a monarchia, partilhando os seus perigos, fadigas e glorias. Diz-se que a monarchia uniu os radicaes em vez de dividil-os. Elles mesmos o julgam de boa vontade. Bastaria para consolal-os do sonho vão d'uma republica; — para citar uma phrase de Crispi n'uma entrevista famosa. Acham no rei o melhor dos presidentes republicanos. E porque não, se «Republica» simplesmente significa para os republicanos liberalismo e democracia, fóra ou dentro do seu paiz? O outro inimigo da monarchia é infinitamente mais difficil de contentar. Nada póde abrandar o seu rancor. Banido d'uma soberania que exerceu durante seculos, não se deve esperar que em tempo algum venha a perdoar a «usurpação» dõ monarcha que tomou o seu logar. A sua constancia em pedir o que perdeu é extremamente perigosa; porque, cahindo do poder temporal, não deixou de ter na mão a organisação secular, que é o mais perfeito typo de governo de que nos dão exemplo as sociedades humanas, passadas ou presentes. Os ministros do papa espalham-se por todo o globo. Em qualquer parte estão no seu elemento social, e igualmente á sua vontade na habitação do pobre e no palacio do rico. Não ha hierarchia tão poderosa como a dos agentes do papa, porque o seu dominio é a consciencia humana. Ligam o marido á mulher e o velho á creança. Um adversario, manejando este poder moral, não se destroe tomando posse dos seus estados, ou mesmo por um plebiscito que dê sancção nacional e moral a um tal acto. Se tem de ser conquistado, será mostrando continuamente que o novo governo é mais capaz do que jámais foi o poder pontifical, de dotar o povo com os beneficios civis. A paz externa e a prosperidade interna são por conseguinte as duas causas que a monarchia italiana se obrigou a realisar no dia em que pôz toda a Italia debaixo do seu sceptro, com Roma por capital.

Como a monarchia desempenhou a sua missão:

A principio a monarchia pareceu attender a estas necessidades. Em paz com todas as nações, conteve o patriotismo irreflectido e ardente que facilmente arrancaria á força os pedaços de territorio nacional que ainda permaneciam sob o domi-

*

nio estranho, em vez de esperar o tempo e as circumstancias de realisar a sua obra. A monarchia desenvolveu tambem a riqueza interna e curou as feridas economicas e financeiras abertas pela espada da revolução libertadora. Durante este periodo inicial, que foi de onze annos, as commodidades da vida augmentaram para toda a população. O peso da conscripção militar era leve, comparado com o de outros paizes. O povo aceitou sem murmurar os pesados impostos que o novo estado de coisas tornou inevitaveis.

Foi chegando a este ponto de prosperidade que a monarchia se deixou apossar da vertigem militar e dynastica, e subordinou os seus destinos e os do seu povo aos das outras nações.

Somos forçados a julgar severamente esta fatal mudança de direcção. Nenhuma coisa que lhe anda ligada póde justificar-se, ou sejam os loucos receios que a occasionaram, ou a situação interna e externa que creou ao povo italiano, cujos interesses estão collocados sob a salvaguarda da monarchia. Os receios são chimericos, sob o aspecto militar ou sob o aspecto dynastico. A Republica franceza não pensa em ameaçar a Italia ou as instituições com que ella se dotou. Nascida no meio d'um desastre que pôz em perigo a existencia da França como nação, só tem e póde ter um unico objecto — a saber, recobrar força e preparar-se para um ataque do estrangeiro, que o vencedor de 1870-71 meditou. Qualquer propaganda revolucionaria fóra das suas fronteiras, ou qualquer actividade militar, a não ser relativa á Allemanha, seriam julgadas criminosas por toda a nação franceza.

N'estas circumstancias, só um rei fraco, no habito de ceder aos seus cortezãos ou á imaginação doente d'uma rainha que, noite e dia, tem diante dos olhos o espectro de Maria Antoinette, poderia deixar-se levar pelo receio de planos francezes com o fim d'uma aggressão e da deposição da monarchia italiana.

As consequencias:

Tendo examinado extensamente as consequencias da politica de allianças, em que a Italia se envolveu, n'um caso de

guerra, pretende o articulista que serão as mesmas, e igualmente desastrosas, pela ordem natural das coisas, independentemente de qualquer eventualidade.

A politica da casa de Saboya apoia-se em armamentos gigantescos, esgotou o thesouro e foi uma causa geral de desordem financeira. Tendo perturbado profundamente as relações commerciaes entre a Italia e a França, destroçou a agricultura e o commercio, e produziu um estado de miseria geral nas cidades e nos campos. Umas breves estatisticas habilitarão o leitor a fazer idéa do estado em que cahiu a infeliz nação. No orçamento de 1881, o ultimo da politica de neutralidade, a despeza do reino, ordinaria e extraordinaria, foi de 1.229.578.938 liras. Em 1889, o oitavo anno da politica das allianças, a despeza ordinaria e extraordinaria foi de 1.740.578.938 liras. O thesouro está pois sobrecarregado com mais cerca de 90:000 contos de reis do que quando a Italia se não desviava da politica neutral, e assim a politica das allianças augmentou os encargos do imposto em 40 por cento.

Em 1881 a politica de neutralidade habilitava o governo a annunciar um excesso de receita no valor de 9:000 contos de reis; em 1888-89 o systema das allianças accrescentou aos *deficits* precedentes um novo *deficit* de 40:000 contos de reis aproximadamente.

Não é tudo. Emquanto o estado pede mais impostos, decresce a capacidade tributaria da nação. Uma fatal submissão ás idéas da Allemanha, que é interessada em manter más relações entre a França e a Italia, levou o governo italiano a quebrar as relações commerciaes entre os dois paizes. N'este capitulo, o mal torna-se extremamente grave. Em 1887 as exportações da Italia chegaram a 1.109.659.531 liras. Em 1888 desceram a 967.412.939 liras, apresentando assim uma baixa de 142.246.592 liras; e em 1889 de 150.000.000 liras, sendo a exportação apenas de 950.645.760 liras. Facilmente póde imaginar-se que embaraços devia trazer ás innumeras familias industriaes esta baixa de mais d'um oitavo das exportações. Mas a ruptura das relações commerciaes, tendo-se dado em condi-

ções que levam á irritação politica, teve consequencias ainda mais graves na ruina do credito publico.

O mercado monetario francez, que desde tempos immemoriaes foi aquelle sobre que as finanças italianas principalmente se apoiaram, fechou-se de repente. O papel italiano deixou de ser negociavel, e as letras commerciaes deixaram de descontar-se. D'aqui a extrema difficuldade que o estado encontrou em resolver estes embaraços por meio de expedientes financeiros. D'aqui tambem a paralysação d'um grande numero de industrias que dependiam do credito concedido pelos bancos francezes. A primeira entre estas industrias é a das edificações, a suspensão da qual acabou com o ganha-pão de tanta gente, e trouxe o flagello do pauperismo com a costumada miseria a tantas cidades italianas. Que póde tocar mais o coração do que o espectaculo, por exemplo, na capital, de regiões inteiras cobertas de casas meio acabadas, que estavam destinadas a ser habitações esplendidas, mas que agora começam a assemelhar-se a ruinas. Nunca talvez a architectura cara foi reduzida tão promptamente e tão notavelmente a um estado de ruina como nas esplendidas proximidades da Villa Ludovisi, a Porta Salaria, a Porta Pia, Prati di Castello, cada uma das quaes é uma cidade de grandiosos palacios, sem tectos, sem portas e sem janellas.

Um governo, que tão mal empregou o seu poder, facilmente será derrubado sem uma guerra. A miseria da nação e dos seus membros individuaes poderá ser bastante para derrubar a dynastia, se não se emendar promptamente no fatal caminho em que entrou. Não é surprehendente que homens, governando um povo, já não sejam capazes de aprender as lições da historia? Se quizerem ter o trabalho de saber por que se realisaram as revoluções modernas, encontrarão uma causa entre todas: a revolução ingleza em que Carlos I perdeu a cabeça, a revolução americana, que terminou pela independencia dos Estados-Unidos, e a grande revolução franceza de 1789, todas foram provocadas por questões de impostos. Se estas revoluções tiveram logar no tempo em que os povos se curvavam sob o peso

do direito divino dos reis, como imaginar o governo da Italia que póde impunemente, no seu proprio interesse, accumular impostos sobre impostos? A politica presente da Italia, com guerra ou paz armada, deve inevitavelmente produzir a revolução, que não póde ter outra sahida senão a republica. Esta solução seria a unica completa, porque resolveria simultaneamente as questões politicas e religiosas.

O papado nunca póde reconciliar-se com a monarchia. Está mais do que provado pelos acontecimentos de todos os dias; a cohabitação pacifica de dois soberanos na mesma capital, na qual um d'elles vive n'um palacio tirado ao outro, já não é possivel. As suas differentes pretensões ás honras e prerogativas soberanas devem ser uma interminavel fonte de conflictos.

Seria differente com uma republica. Não ha um espirito no Vaticano, desde o elevado pensamento do papa até ao menos esclarecido dos monsenhores, que creia seriamente na possibilidade de restaurar o poder temporal, como existiu nos seculos passados. Todos se applicam á descoberta d'uma nova formula, e o maior numero vê-a na republica. Uma republica federal não póde temer o poder espiritual do papa no mesmo grau que a monarchia italiana. Semelhantemente, o Summo Pontifice não póde vêr objecção alguma em gozar, n'uma republica da confederação latina, prerogativas analogas ás que a lei de garantias italiana lhe concede. Só sob esta condição póde encontrar solução a questão do poder civil e religioso, ha tanto tempo insoluvel.

Quando isto acontecer, Roma, conforme o dito de Mamiani, pertencerá a Cola Rienzi. Mas pertencerá tambem ao papa, e não só Roma, mas Paris, Madrid, Lisboa e talvez Bruxellas; e n'esse dia ter-se-ha realisado um grande progresso na Europa.

Taes são as eventualidades, fataes á casa de Saboya, a que abriu a porta no dia em que, no seu terror da republica, se lançou na santa alliança dynastica. Que se apresse a voltar atraz, e ainda é possivel salvar-se. Se a idéa republicana germina por toda a parte no mundo latino, a memoria de Victor

Manoel é querida do povo italiano e protege a sua raça. Mas não deve haver irresolução dilatoria. Agora é a occasião propria. Amanhã póde ser muito tarde. Parece imminente uma crise nas coisas da Italia. O novo ministerio, que se resignou a aceitar a triplice alliança, sem grande zelo de servir o seu objecto, é embaraçado por intrigas no parlamento e na côrte, e a prophecia de Guiseppe Mazzini póde realisar-se brevemente, apparecendo ao mundo Francisco Crispi como «*o ultimo ministro da monarchia*».

A crise do ensino secundario, por Marcelin Berthelot

(*Revue des Deux Mondes*)

O ensino secundario atravessa n'este momento uma crise geral, na França e na Allemanha principalmente. Os principios sobre os quaes o ensino classico assenta desde o seculo XVI, são hoje contestados pelo espirito democratico e utilitario que domina cada vez mais as nossas sociedades modernas; o protesto levantado pelos encyclopedistas do seculo ultimo não cessou de crescer e de encontrar um apoio cada vez mais poderoso na opinião publica. Seria necessaria, na opinião do articulista, uma revolução profunda; mas ainda não chegou a sua hora. Quando chegar, e está talvez mais proxima do que se julga, o ensino secundario, sob as suas formulas presentes, está sem duvida destinado a desapparecer na nova evolução scientifica e utilitaria que se prepara; como desappareceu o ensino escolastico e dialectico da Idade-média, em presença do ensino classico inaugurado pela Renascença.

O objecto do ensino secundario e do seu destino foram muitas vezes definidos, *à priori*, conforme a opinião ou o systema que cada um tem sobre o fim ideal da educação e sobre o caracter que deve imprimir ao individuo. Pedirei licença para guiar-me por outro criterio e examinar, *à posteriori*, o que por

um lado procuram e querem as familias, fazendo educar os seus filhos, e o que pelo seu lado a sociedade tem o direito de reclamar, sob o duplo aspecto das carreiras particulares e da educação geral.

Quando um pae de familia manda o seu filho a um estabelecimento de ensino secundario, a sua preoccupação principal é assegurar o futuro da creança, quer dizer, dar-lhe uma educação que mais tarde lhe permitta o accesso a uma carreira util e de que possa viver: medicina, direito, professorado, industria, commercio, exercito, marinha, profissões administrativas. Mas deseja tambem que o seu filho seja comprehendido nas classes reputadas superiores, e para isso procura assegurar-lhe a educação geral e os conhecimentos d'um homem fino, ou pelo menos o verniz d'esta educação. Tal é o duplo fim que domina as familias quando entregam os filhos ao ensino secundario publico.

Um dos caracteres do ensino secundario em França é a intervenção do Estado. Em nome de que principios? Considerada a materia em geral, conservamos sempre qualquer coisa das concepções da cidade antiga, segundo as quaes o Estado deve ser o educador dos cidadãos e affeiçoal-os a um certo typo conforme com o fim social que o Estado considera o melhor. Na Idade-média, e até ao fim do seculo XVIII, o Estado considerava-se como destinado a assegurar a auctoridade exclusiva dos principios catholicos e monarchicos, considerados como a propria base da sociedade. Hoje, esses principios perderam a sua força e foram substituidos por um objectivo bem differente, o do livre pensamento e da democracia. A idéa da patria, que a Idade-média quasi tinha esquecido, reappareceu desde o seculo XV e tomou uma força que cresce todos os dias. É uma das concepções dominantes dos povos modernos, e a sua constituição em grandes corpos de nacionalidades, n'estes ultimos tempos, não fez senão fortifical-a, seja qual fôr o destino que um futuro remoto lhe reserva. Assim a maioria dos francezes consideram o Estado como obrigado a assegurar ao ensino secundario publico um caracter nacional, moderno e republicano.

Passando a examinar o objecto especial do ensino secundario, nota Berthelot que a creança e o homem em que esta ha de converter-se, não são séres passivos, recipientes, nos quaes se armazena a bem ou a mal uma certa somma de doutrinas e de sciencias, distribuidas d'uma maneira mais ou menos harmonica: doutrinas e sciencias que mais tarde se encontrarão na sua memoria, taes quaes lh'as ensinaram, no momento dos exames e mais tarde nas escólas de applicação e na vida inteira. Longe d'isso, o que se trata de desenvolver na creança, ao mesmo tempo que a memoria e a habilidade momentanea em responder a um examinador, é aptidão para o trabalho e a actividade pessoal; trata-se de excitar a curiosidade e a iniciativa do rapaz, e provocar no seu espirito a elaboração propria e em certo modo a digestão d'estes conhecimentos precocemente accumulados. Devemos solicitar por primeiros ensaios de instrucção os gostos e as aptidões, com o fim de podermos distinguil-os e aproveital-os; mas não se póde chegar a este resultado essencial senão deixando á creança certos ocios para desenvolver-se no sentido particular que prefere: é preciso sómente obrigal-a ao trabalho. Ora são estes ocios do trabalho e dos gostos pessoaes que tendem a desapparecer nos nossos systemas de ensino secundario.

A concepção actual dos exames e dos programmas é decerto a causa principal que concorre para alterar a marcha do ensino secundario e viciar os seus resultados. Quando se trata d'um exame, o estudante vê-se na presença de programmas indefinidamente extensos. Em logar de ser convidado a profundar uma sciencia que lhe agrade, deve, em theoria pelo menos, abordar a universalidade dos conhecimentos humanos: o mais das vezes sáe d'essas difficuldades aprendendo de cór um manual, e perde para sempre o gosto de todas as sciencias, reduzidas para elle a estereis formularios. Quando tem de preparar-se para o concurso a uma escóla superior, todo o tempo e todo o esforço são poucos para bem conhecer as minudencias infinitas das questões do exame, definidas ao mesmo tempo pelos programmas e pela rotina, ou pela phantasia pessoal dos exami-

nadores. Emquanto os candidatos futuros se consagram inteiramente a esta tarefa, muitas vezes com um esforço excessivo que lhes esgota a saude, abdicam da sua individualidade e, absorvidos pelo mecanismo da preparação, perdem, elles tambem, a curiosidade e o amor da reflexão original. As idéas de justiça e de igualdade, que são os fundamentos legitimos da instituição dos concursos, produzem assim effeitos particularmente nocivos ao desenvolvimento geral da nação, assim como ao recrutamento mesmo das funcções a que miram estes concursos: o que o Estado reclama, são os homens mais intelligentes e os mais capazes de desempenharem os serviços publicos, e não aquelles que se amoldaram com a mais completa perfeição mecanica a um certo exame.

Recordemos as phases successivas por que ha alguns seculos tem passado a instrucção dos adolescentes. Sabe-se que foi pelos fins do seculo XII que se constituiu o regimen das universidades e que este nome apparece pela primeira vez: os quadros geraes constituidos n'essa época, successivamente alargados e aperfeiçoados, subsistiram até ao seculo XVI. O objecto principal do ensino era então a logica, reputada a arte por excellencia; ensino essencialmente dialectico, vasio de substancia e de noções positivas. Deviam ser um espectaculo estranho essas disputas sustentadas durante mezes por estudantes de quatorze ou quinze annos. Não lhes desagradavam, porque já Platão observava que a creança tem um gosto particular nas disputas vãs; exercita assim em vão o seu instrumento cerebral, como o recemnascido exercita o seu apparelho muscular, sem fim apparente nem utilidade determinada. No seculo XV, os proprios theologos começam a desprezar a escolastica e a exaltar o culto das letras e a eloquencia; ao lado dos cursos de logica, estabelecem-se então cursos de moral e de rhetorica. Em 1452 accrescentou-se aos estudos as regras da versificação; é a data da apparição do verso latino, que tomou no ensino uma importancia crescente nos seculos XVII e XVIII, para ser eliminado sómente em nossos dias. Cinco annos depois, a faculdade das artes instituiu lições extraordinarias de grego. Não obstante, o

exercicio fundamental nos estudos e nos exames era sempre a disputa oral, que ás vezes degenerava em rixa; além d'isso, as composições escriptas não estavam em uso. Na Idade-média, a educação, essencialmente escolastica e theologica, mirava á dialectica, considerada como o seu fim superior. A Renascença mudou o fim, e introduziu na educação esta idéa da preponderancia da cultura litteraria, sobre a qual vivemos até ao seculo presente. Depois, no seculo XVII, no collegio de Juilly, e mais tarde em Port-Royal, o francez é já o fim e o instrumento geral do ensino; por uma consequencia inevitavel, o logar do latim e do grego nos estudos diminue. Ha muito se tinha deixado de fallar o latim, no uso corrente das aulas, e o seu emprego como lingua universal da sciencia, já restricto no seculo XVII, cessa no seculo XVIII; resultado extremamente grave, porque, perdendo o seu emprego pratico, o ensino do latim perde tambem esta vitalidade que por tanto tempo o tinha sustentado e passa definitivamente ao estado de lingua morta. Um novo espirito começava a animar a sociedade franceza do seculo XVIII. A concepção da Renascença lançára a terra, dois seculos antes, a da Idade-média, em nome das tradições renovadas da civilisação antiga; por sua vez empallidecia diante das idéas novas da philosophia, reclamando a igualdade dos direitos de todos os homens e o advento do reino da sciencia e da razão. O velho systema d'uma educação puramente classica e rhetorica não tarda a ser contestado, como tudo o mais. « Porque, exclamava Diderot, estudar nas nossas escólas, sob o nome de bellas-letras, linguas mortas que não são uteis senão a um pequeno numero de cidadãos; estudal-as seis ou sete annos, sem chegar a aprendel-as, e sob o nome de rhetorica ensinar a arte de fallar antes da arte de pensar, e a de dizer bem antes da de ter idéas? » O objecto das escólas publicas, accrescentava, é a utilidade. N'essas linhas havia uma nova concepção do fim do ensino, que vai crescer e representar um papel cada vez mais consideravel, primeiro no tempo da Revolução e depois em nossos dias.

A cultura classica constitue uma parte da força moral dos

povos, e por isso mesmo concorre para o seu poder e prosperidade material; talvez nenhum povo mais do que a França, nos tempos modernos, aproveitou mais este prestigio. Foi principalmente sobre o estudo dos monumentos litterarios e artisticos creados pelos gregos e pelos romanos que esta cultura se fundou; e foi por ella que se manteve. Tal foi a concepção do ensino classico, contra a qual cedo se levantaram protestos, uns em nome da theoria do progresso e da evolução indefinida do espirito humano, as outras dictadas por sentimentos puramente utilitarios. Todos os progressos modernos são devidos, não a dissertações dialecticas ou litterarias, mas ás descobertas positivas das sciencias physicas, mathematicas e naturaes.

Se as condições materiaes da vida humana mudaram; se a accumulação dos capitaes e o augmento da força productiva do trabalho humano augmentaram gradualmente as commodidades geraes e deram ao trabalhador uma independencia relativa e direitos que outr'ora não possuia e que tendem a augmentar todos os dias para felicidade da raça humana; estes progressos não são devidos nem aos estudos litterarios, nem ás discussões escolasticas, religiosas ou philosophicas. Devem-se essencialmente ao desenvolvimento da sciencia e ao da riqueza geral creada pelas suas descobertas. A chimica, a mecanica e a physiologia transformam a agricultura: qualquer que seja a morosidade com que se modificam as praticas dos lavradores, ensinamos-lhes a fazer render um campo, n'um determinado tempo, com a mesma somma de trabalho e a mesma despeza, uma quantidade de trigo muito superior á que esse mesmo campo produzia outr'ora. É em virtude dos progressos da sciencia que hoje todo o mundo, ou quasi todo, come em França o pão de trigo, d'antes reservado para alguns privilegiados. É em virtude dos progressos da chimica que o assucar, genero raro e excepcional no seculo ultimo, é produzido hoje em quantidades colossaes e tornou-se um dos alimentos usuaes das populações. Todas as industrias modernas dos metaes, da pedra, da madeira, do trabalho dos materiaes de todo o genero, assentam nas descobertas geraes da chimica e da mecanica. O extraordinario

desenvolvimento das vias de communicação abriu ao commercio e á industria dominios indefinidos; permittiu uma repartição geral dos bens e das riquezas entre todos os povos civilisados, ao mesmo tempo que tendia para uma certa communidade de idéas e de educação moral e intellectual das nações: o seu caracter fundamental é não pertencer exclusivamente a nenhuma nacionalidade e constituirem o dominio geral da humanidade.

Quanto ao valor educativo das sciencias, as mathematicas dão-nos a clara noção da demonstração e habituam-nos a formar longas séries de idéas e de raciocinios, methodicamente ligadas e sustentadas pela certeza final do raciocinio, suscitam n'um alto grau a concepção dos signaes e dos symbolos, instrumentos necessarios que augmentam o poder do espirito humano, resumindo sob uma fórma condensada e em certo modo mecanica um conjunto de relações; emquanto as sciencias naturaes desenvolvem outras faculdades não menos essenciaes, intellectual e moralmente, a observação e a experiencia.

D'estas e d'outras muitas considerações vem Berthelot a concluir que dois ensinos parallelos e dotados das mesmas prerogativas, um fundado essencialmente sobre as letras antigas, mas com uma certa cultura scientifica, outro fundado essencialmente sobre as sciencias, mas com uma certa cultura litteraria moderna, tal parece ser a fórma mais desejavel do nosso tempo e aquella a que seremos levados pela força das coisas.

Os pobres, pelo rev.mo dr. W. L. Rainsford

(*The Forum*)

Que fazer em beneficio do pobre? Tal é a interrogação que o rev.mo Rainsford deu por epigraphe ao seu artigo.

Na geração passada ou na que a precedeu, muita gente pensou que não seria de visionario suppôr que o novo mundo poderia escapar a alguns dos dolorosos males que tão triste-

mente affligiram o velho mundo. O mais novo e o mais bello dos povos podia certamente ser poupado pela disciplina da pobreza e da miseria herdada. Parecia isto razoavel e provavel aos nossos avós; sabemos agora que não póde ser. Emquanto, sob as condições mais livres da nossa vida continental, a confiança propria e a energia individual se alimentam e desenvolvem em alto grau entre o povo, não podem por meio algum banir ou vencer os males d'uma inevitavel privação. Gradualmente o rico torna-se mais rico e o pobre mais pobre. Achamos que as leis da existencia humana são as mesmas em ambos os hemispherios; a lucta pela existencia é a mesma velha lucta.

É escusado demorar-nos nos muitos esforços parcialmente satisfatorios para tratar o problema do pobre. Esses esforços augmentam em força, influencia, numero, intelligencia e efficacia, e cada anno fazem maior bem; todavia não estamos nem devemos estar satisfeitos com elles. Sentimos que apenas arranhamos a terra com uma grade quando era necessaria uma charrua a vapor. Não obstante os nossos esforços, a horrivel e desoladora maré da pobreza sobe mais depressa do que podemos levantar os diques para contel-a. Os homens que pensam e sentem, reconhecem que alguma coisa é necessario fazer, posto que não saibam ao certo o que seja; e o acolhimento feito ao plano do general Booth é a prova de que um grande numero de homens e de mulheres capazes estão desejosos de pôr em acção o seu sentimento, logo que lhe appareça um chefe.

Qualquer esforço digno de fazer-se, para reduzir a corrente da pobreza, deve prender-se com as fontes de que ella deriva; e porque não alcançaram essas fontes, têm sido estereis muitos esforços feitos para alliviar o pobre. Entre as origens da pobreza está em primeiro logar a propria indifferença do pobre, a apathia no que respeita á sua propria condição; não se ajudam entre si, não fazem o que podem fazer. Uma outra origem da peor especie de pobreza é a embriaguez.

A embriaguez e outros vicios devem ser embaraçados por modificações na existencia material dos pobres, na habitação, nos logares publicos de recreio e descanço, e principalmente nas

condições da educação das creanças. Emquanto a rua fôr o unico logar de recreio para a creança, os maus espiritos entre ellas — são os que governam esses infernos — exercerão uma poderosa influencia sobre os companheiros, que escapariam ao contagio se os pozessemos em melhores condições. O principal trabalho a realisar em beneficio da pobreza deve ser feito entre as creanças; as nossas forças e o nosso tempo são limitados, e precisamos semear onde as sementes melhor poderão crescer. É difficil vir auxiliar com proveito os que desde a mocidade seguiram um mau caminho, mas as creanças podem salvar-se.

Mesmo suppondo que abundavam estes meios externos de auxiliar o pobre — e não é assim — uma melhoria radical seria impossivel emquanto não entrasse em acção uma força interior de cooperação entre os proprios pobres. Como creal-a e desenvolvel-a? Nenhum plano que deixe de a incluir é digno de consideração. Não hesito em dizer que o desenvolvimento d'essa força póde e deve ser o trabalho da egreja christã em todos os seus ramos. Os methodos ethicos e meramente philantropicos são bons e alcançam um bom resultado temporario, porque são inspirados por homens inconscientemente christãos de sentimento, espirito e propositos; mas tarde ou cedo os movimentos meramente ethicos serão abandonados. São necessariamente duvidosos em certos pontos, em que duvidar é cortar os nervos do esforço. São duvidosos, por exemplo, relativamente á immortalidade pessoal; e tarde ou cedo todos os que entrarem na lucta terrivel com a desgraça e com o peccado vêm a perceber que, se esta vida é tudo, o seu fim não merece a lucta, e a propria vida humana não merece o trabalho que custa para fazel-a e conserval-a boa. Hesitaremos em aconselhar ao pobre que dê o ser a creanças cujas penas serão mais vivas que as dos seus paes, e cujos prazeres podem ser mais raros. Este trabalho de desenvolvimento pertence pois, não ás sociedades ethicas, mas á egreja christã. Crê no valor do homem, porque vê n'elle uma centelha da eternidade. Aceita os mandamentos do seu mestre como leis divinas só por si obrigatorias. As suas palavras e actos são perfeitamente simples; nunca pensou na abolição de toda a

pobreza, mas distinctamente mandou que os homens, á maneira que apreciassem e obedecessem ao seu evangelho, deviam unir-se cada vez mais estreitamente, esquecendo e ignorando as coisas que por um breve tempo os separaram. Declara que todos temos em commum as verdades mais intimas e eternas da nossa natureza. A fraqueza, o erro, a pobreza, são motivos para nos unirmos aos nossos irmãos, e não para nos afastarmos; porque no prevalecimento d'estas forças de união e de amor sobre as forças de separação e de desunião, reside a esperança da nossa especie — a que ella chamou a vinda do reino do Filho do Homem.

Desenvolvendo o seu pensamento praticamente, mostrando quaes os meios materiaes necessarios á egreja para realisar o seu fim relativamente aos pobres, os edificios e as instituições que era preciso levantar e crear, o auctor termina por insistir mais uma vez nas altas obrigações da egreja christã na presente conjunctura. Um dia o Estado vêr-se-ha obrigado a decretar grandes mudanças. A philantropia particular, as associações de caridade, nunca podem remover inteiramente males que um dia concordaremos em considerar intoleraveis. Mas hoje muito póde fazer-se. O dever n'este momento é aproximar os homens mais intimamente, lançar uma ponte sobre o largo e profundo abysmo que separa o rico do pobre.

A influencia da democracia na litteratura, por Edmundo Gosse

(*Contemporary Review*)

Considerando a influencia da democracia na litteratura, é inutil exhortar ou persuadir. O que póde interessar em certo grau deve ser o estudo, sem prejuizos, dos signaes do tempo. Esta fórma de investigação raras vezes se tenta com um espirito inteiramente aberto, em parte, sem duvida, porque é inquestionavelmente difficil de sustentar.

Ganhamos pouco comparando a nossa situação moderna

com a das antigas republicas. O parallelo entre o estado da litteratura no nosso mundo e o de Athenas ou Florença é puramente academico. Seja qual fôr a fórma do governo, a litteratura foi sempre aristocratica ou pelo menos oligarchica. A protecção particular dada ás artes pelas republicas illustradas cercadas de tyrannias barbaras foi muitas vezes do mais valioso caracter, mas não se assemelha a coisa alguma que possa repetir-se modernamente. A essencia da democracia é não conhecer laços mais estreitos que os do globo, e a sua victoria marca-se pela destruição das barreiras que protegiam e amparavam os velhos estados livres intellectuaes.

A mais pura e a mais elevada fórma da litteratura, a mais rara e a mais valiosa, é a poesia. Se puder mostrar-se que a influencia da conquista popular do poder favoreceu o desenvolvimento da grande poesia, tudo o mais póde reconhecer-se em identicas condições. Infelizmente, ha muitas circumstancias que contrariam as nossas vistas e tornam altamente difficil dar uma opinião sobre este ponto. Pareceu-me sempre ser um dos traços mais singulares e mais animadores da nossa historia litteraria recente que Tennyson, durante quasi meio seculo, tivesse alcançado na affeição popular o extraordinario logar que occupa. Poderiamos congratular-nos por este facto, tomando-o como um exemplo da acção da democracia sobre a litteratura; mas um momento de reflexão mostra-nos que proceder assim é pôr o carro adiante do cavallo. Examinemos com cuidado as obras de Tennyson e difficilmente descobriremos uma pagina que fosse inspirada pelo gosto popular. Foi elle que dirigiu o gosto litterario; não pensou em seguil-o. Ha uma curiosa excepção; é Roberto Browning. Têm observado os criticos que as suas obras introduzem na poesia ingleza qualquer coisa desconhecida até aqui, a repudiação da reconhecida attitude oligarchica do poeta dirigindo-se ao publico; Browning mostra igual interesse por todos, é o companheiro de todo o mundo, da rainha ao aldeão, e metade do que se chama a sua faculdade dramatica é o resultado do seu genio para contrahir amizade com todas as especies do genero humano. Uma pessoa espirituosa disse ultima-

mente do mais popular e do mais democratico dos poetas vivos francezes, François Coppée, que o seu brazão é *des rimes riches sur la blouse prolétaire*. Mas o facto capital para o critico dos versos de Coppée é, não a circumstancia accidental d'elle escrever sobre o pobre, mas o ponto essencial de que as suas rimas são mais ricas e o seu verso mais perfeito que os de qualquer dos seus contemporaneos. Podemos estar certos de que a democracia não teve effeito algum sobre a sua prosodia, e o resto é meramente materia de selecção.

Parece que, de facto, quanto mais estreitamente examinamos os exemplos superiores da classe mais nobre de litteratura, mais nos persuadimos de que a democracia por duvida teve alguma acção sobre elles, considerados na sua generalidade. Encontramos o mesmo phenomeno na sciencia, na historia e no romance. A democracia foi profundamente modificada pelos escriptos de Darwin; mas n'essas obras podemos vêr a mais pequena concessão aos desejos ou ao juizo das massas? Darwin convenceu-se de certas theorias. Para a maioria do publico essas theorias eram incriveis, desagradaveis, impias. Com immensa paciencia, serenamente, tratou de provar o seu modo de vêr, desenvolver a sua exposição; e gradualmente o corpo frio da opposição democratica fundiu-se em volta d'aquelle fervente atomo de calor, e, em resposta á sua ininterrompida radiação, aqueceu tambem. Tudo o que póde dizer-se, é que a nova condição democratica é um melhor conductor do que foi a velha condição oligarchica. Darwin produz o seu effeito mais firme e rapidamente que Gallileu ou Spinoza, mas não mais seguramente, com o auxilio externo igualmente pequeno. No que respeita ás summidades da litteratura, póde dizer-se que a influencia da democracia sobre ellas é quasi nada. Dá-lhes um circulo mais largo de ouvintes, um conhecimento mais prompto, mais leitores e, por conseguinte, um mais prompto alcance d'aquelle grau de conforto material necessario para proseguir nas suas investigações. Assim, pois, até onde chega a nossa experiencia, podemos perder o commum receio de que as summidades da litteratura ficarão submergidas na democracia.

*

A litteratura, todavia, não se limita aos escriptos de cinco ou seis homens que, em cada geração, representam o que ha de mais brilhante e de mais independente. Dos chefes, na sua indisputavel grandeza, a hierarchia intellectual desce á classe inferior e mais larga de trabalhadores que em certo modo se prendem aos vestidos da litteratura, como meio de viver. É nas linhas médias d'esta vasta pyramide que devemos attentar, para vêr mais distinctos signaes da influencia da democracia. Aqui, onde tudo se ganha ou perde pelo appello ás multidões, conforme ellas o reclamam, podemos esperar vêr muito distinctamente os effeitos da democracia. Vejamos primeiro os pontos maus. O alargamento possivel do circulo dos seus leitores póde despertar n'um auctor, que ganhou certo nome, o desejo de o tornar ainda maior n'um outro campo, para que elle realmente não está preparado; e assim, por motivo de cubiça, prejudica a litteratura, desviando-o das materias para que era mais apto. Um auctor teve certa aura com determinado thema e, para comprazer com o desejo publico, póde ficar ligado a esse thema, depois de o ter esgotado. Cedendo á pressão da opinião publica, que constantemente estorva o escriptor que se inclina a deixar o caminho repisado da mediocridade, um auctor, pelo receio de desagradar, póde deixar de augmentar as esplendidas originalidades da litteratura. Em todos estes casos, sem duvida, temos exemplos da influencia directa da democracia na litteratura, e d'um genero pernicioso. Vejamos os beneficios. Dirigir-se a um largo numero de ouvintes tem por effeito dar ao escriptor, cujas obras são esplendidas, mas não de interesse universal, a opportunidade de reunir, em separado, um numero sufficiente de leitores para sustental-o. O estado medianamente são d'uma democracia, e o habito que ella alimenta d'uma franca, immediata e completa discussão, preserva o leitor com tendencias para a excentricidade de ir muito longe na sua loucura. Além d'isso, póde suppôr-se que o espirito democratico anima a expressão directa, a simplicidade, a viveza e a lucidez. Digo póde suppôr-se, porque não vejo que, com toda a sua liberdade, o seculo dezenove tenha ido mais longe n'esta direcção do que o

foi o duro seculo XVIII. Em geral, pois, acho muito difficil descobrir que a democracia, tal qual é, affecta a qualidade de tão boa litteratura como a que possuimos. Póde ser que estejamos ainda sob a tradição oligarchica, e que uma revoluçao social, quebrando repentinamente os nossos habitos e paralysando talvez a profissão das letras por alguns annos, seja seguida por uma nova litteratura, d'uma classe decididamente democratica. Estamos a fallar do que actualmente vemos, e não de vagas visões, que podem perpassar através do espelho do futuro.

Mas, quando passamos da qualidade da melhor litteratura para a sua quantidade, é impossivel conservar tão indifferente ou optimista attitude. Em resultado da democracia, o que era ainda considerado como o campo da litteratura, foi invadido por companheiros de todo o genero, tão activos e numerosos que ameaçam desapossar os proprios soldados; gente com os mais variados trajos, desde os farrapos até aos vestidos de córte, mas só conforme n'isto, que não vêm vestidos como soldados da litteratura. O amor pelas partes mais distinctas da litteratura, e mesmo a concepção de que essas partes existem, não é commum entre os homens, e não é obvio que a democracia levasse a animal-o. Até aqui a tradição do estylo foi commummente respeitada, nenhuma voz levantando-se abertamente contra ella; mas para a grande maioria das pessoas não passa d'um mysterio, e d'um mysterio que é suspeito. O alargamento do circulo dos leitores meramente significa um augmento das pessoas que, sem ouvido, são admittidas ao concerto da litteratura.

Quando as gazetas vêm cheias dos acontecimentos correntes na vida social e politica, o genero mais grave de livros vende-se lentamente e a mais alta critica desapparece das revistas. Podemos imaginar um estado de coisas em que uma tal agglomeração se torne chronica, quando o systema nervoso do publico demandar tão incessantes commoções de actualidade, que não deixe tempo para pensar ou para sentir. Podemos chegar áquella condição, em que Wordsworth pintou a França de

ha noventa annos, « perpetuamente vária, mudando incessantemente, sem um espirito superior, carecendo igualmente de livros e de homens! »

Quando nos sentimos inclinados a presagiar tão horrivel queda na barberie, póde soccorrer-nos reflectir como em breve, não obstante e com o auxilio da democracia, a França se libertou d'essa oppressão de inanidade. A pobreza intellectual d'aquelle paiz no principio d'este seculo e a apaixonada avidez com que, voltando a tranquillidade politica, se lançou nas occupações artisticas e litterarias, devem avigorar os nervos dos pessimistas que, á mais leve aproximação d'uma condição semelhante na Inglaterra moderna, declaram que o nosso prestigio intellectual cahiu, para não mais reviver.

É nos escriptores que precisam de ser pagos regularmente, que a democracia produz o peor effeito. Não é o desprezo do publico, é a facilidade com que por meio de bagatellas se póde apanhar dinheiro das algibeiras do publico, que constitue um perigo para a litteratura. Vende-se uma enorme quantidade de baixos productos, e o perigo está em que os auctores capazes de muito melhores coisas, serão seduzidos para augmentar essas desgraçadas obras por motivos de dinheiro. Emquanto provavelmente não se vendiam mais de 119 exemplares de *Friendship's Garland*, do famoso escriptor inglez Matthew Arnold, vendiam-se 119:000 exemplares do livro d'um bobo em voga. Em vista d'estes factos, não é possivel dizer que a democracia compra sabiamente, posto que compre bem. É isto que me faz recear, como disse, que o espirito democratico influa desvantajosamente mais na quantidade que na qualidade da boa litteratura. Os bons auctores escrevem como teriam escripto em quaesquer circumstancias, avaliando as suas obras só por si, e gozando o estado de felicidade de que fallou William Morris, « a felicidade só possivel aos artistas e aos ladrões ». Mas emquanto produzem d'esta feliz maneira, a democracia, que honra os seus nomes e desenvolve uma inexplicavel curiosidade relativamente ás suas pessoas, gradualmente os extermina, emprestando os seus livros em logar de compral-os, e reduzindo-os as-

sim a um nivel justamente abaixo da possibilidade de viver puramente pela litteratura.

Windthorst

Quasi todas as revistas estrangeiras consagram artigos mais ou menos importantes a Windthorst, o chefe, ha pouco fallecido, do partido catholico na Allemanha. De todos esses artigos um dos melhores, senão o melhor, é o da *Revue des Deux-Mondes*, assignado por G. Valbert. É d'ahi que transcrevemos os periodos que vão lêr-se sobre o notavel adversario de Bismarck.

Windthorst foi um incomparavel chefe de partido. Durante vinte annos soube conservar o seu rebanho reunido em volta da sua pequena figura, guardando-o de toda a injuria, preservando-o ao mesmo tempo das emprezas do lobo e das divisões intestinas, das deserções, das sizanias, das infidelidades. Impunha-lhe esta disciplina severa que faz a força dos exercitos, e, senhor absoluto, salvava as apparencias pelos seus agrados. O seu partido compunha-se de elementos muito heterogeneos: seculares, frades, grandes senhores, burguezes, arraia miuda, conservadores feudaes e democratas. Ala direita e ala esquerda, estava-se sempre d'accordo, harmonisavam-se todos os movimentos, as manobras executavam-se com uma precisão militar, e, por mais baixo que fallasse, a voz do chefe era sempre ouvida. Todavia, não só nada tinha para dar, mas nem sequer para prometter; não levava as suas tropas á conquista do poder. Na Prussia, não são as maiorias que fazem e desfazem os gabinetes; nem Windthorst nem os seus logares tenentes tinham probabilidade alguma de vir a ser ministros. Batiam-se com ardor pelo triumpho d'uma causa sagrada, sem esperar outra recompensa senão a honra de vêl-a bem servida e a alegria das batalhas ganhas. Os partidos confessionaes são talvez os unicos de que possamos esperar taes dedicações e taes obediencias. A fé é um cimento romano difficil de substituir.

Windthorst possuia todas as qualidades do verdadeiro politico. Tinha o temperamento, uma abundante provisão do que os inglezes chamam os espiritos animaes, este vigor de espirito e de corpo que permitte darmo-nos, e mesmo prodigalisarmo-nos, sem necessidade de calcularmos a despeza, a faculdade de reparar facilmente as nossas perdas e de cansarmos o inimigo sem que elle nunca nos canse. O homem que não é ao mesmo tempo muito apaixonado e muito indifferente, capaz de se exaltar e alternativamente brincar com as coisas e com as difficuldades, o homem que não tem o gosto dos riscos, dos acasos e o amor dos golpes, mesmo dos que recebe, porque está certo de pagal-os, nunca será um chefe de partido. Como lord Beaconsfield, Windthorst podia dizer: «Todos os que me morderam, acharam d'aço o meu calcanhar». Os desastres não o desanimavam, não fazia má cara á derrota; tinha uma imperturbavel confiança na victoria final e communicava-a aos seus soldados. Na politica só os optimistas chegam a alguma coisa.

A sua eloquencia assemelhava-se a elle; como elle, era sempre de bom humor. A sua palavra não tinha pompas nem brilho; desprezava os effeitos oratorios, os longos trechos d'um folego, as phrases enfeitadas. Era essencialmente facundo, claro e preciso, solido e muito subtil na sua argumentação, sempre prompto a replicar, o mais artificioso dos advogados. Apimentava os seus discursos com gracejos, ironias, uma malicia muitas vezes acerada, e as frechas lançadas por este falso *bonhomme* ficavam na ferida. Observava sempre as conveniencias, e conforme o auditorio variava de tom e de fórma. Fez-se applaudir pelas camaras, acclamar pelas multidões, e, quando tinha de lidar com Bismarck, era um estadista fallando a um estadista. O chanceller nunca pôde dizer d'elle o que outr'ora tinha dito d'um orador solemne e empolado: «Julguei na verdade que me tomava por uma assembléa popular».

Tendo nascido diplomata, pôz a sua diplomacia ao serviço dos interesses d'um partido. Bismarck tinha introduzido na politica interna o systema das negociações; e encontrou em

Windthorst um negociante do seu pulso. O chefe do partido do centro não se pagava com vagas promessas e boas tenções; exigia penhores, solidas garantias. Nunca entregou a mercadoria sem ter a certeza de receber o seu preço. Bismarck só encontrou na sua longa e espantosa carreira dois homens que não pôde dominar. Um é um czar muito reservado, que o embaraçou e desolou pelo seu silencio; o outro era um hanoveriano que fallava muito, mas que soube provar-lhe que, em contrario do proverbio, as palavras ás vezes são masculinas.

Educado no seminario de Osnabruck, Windthorst algum tempo hesitou em ser padre ou jurista. Decidiu-se pelo direito, que estudou nas universidades de Goettingue e de Heidelberg. Depois de ter sido advogado, e em seguida conselheiro do tribunal, entrou na politica em 1849; chefe do partido governamental, presidia em 1851 á segunda camara do Hanover, e alguns mezes depois foi feito ministro da justiça; mas não o foi por muito tempo, e esperou nove annos até que essa pasta lhe fosse novamente confiada. O conde de Borries, então ministro do interior, tinha-lhe votado uma aversão particular. Em vão Windthorst apparentava conservar-se modestamente desviado das coisas publicas e não se intrometter em coisa alguma; era mal visto perante Pharaó e os seus servos, e, quando vinha ao Hanover, a policia vigiava-o. O que havia de peor para elle e para as suas legitimas ambições, era a invencivel desconfiança que inspirava ao seu soberano. Era conservador, mas não tinha prejuizos, e Jorge v considerava os prejuizos como a unica garantia séria dos bons sentimentos e da boa conducta. Este rei, zeloso da sua auctoridade, firmemente convencido de que Deus lhe mandava governar em pessoa o seu reino, suspeitava sempre dos seus ministros; accusava-os de invadirem as suas funcções, de quererem reduzil-o ao triste papel d'um principe constitucional. A cegueira augmentava-lhe a desconfiança. Condemnado á noite eterna, não podendo decifrar as physionomias, lêr no rosto, julgando das intenções secretas apenas pelo som da voz, temia continuamente que o enganassem, que lhe occultassem qualquer coisa. Todo aquelle que tivesse alcançado re-

putação de habilidade era-lhe suspeito; pensava que os habeis são todos um pouco velhacos, e só gostava dos funccionarios unicamente occupados dos seus deveres profissionaes. Todavia, quando o conde Borries cansou todo o mundo com o seu pedantismo, Jorge v consentiu a admissão de Windthorst no novo gabinete; mas persistiu em cousideral-o um servo d'uma fé duvidosa, que precisava de ser vigiado. Não admittia a responsabilidade collectiva dos ministros, entendia que era o unico presidente do conselho, e não queria bem a Windthorst por exercer sobre os seus collegas o ascendente d'um merito superior. Accusava-o de falta de franqueza, e ás vezes suspeitava que meditasse traições secretas. Eram erros d'uma imaginação prompta em desvairar-se, verdadeiras injustiças de cego; e Windthorst provou depois que era lealmente dedicado ao seu soberano.

Desde os primeiros mezes de 1865, Jorge v estava descontente com o seu gabinete. Um incidente desgostou-o d'elle inteiramente. Os seus ministros propuzeram-lhe e fizeram-lhe aceitar uma extensão do direito de suffragio, procurando demonstrar-lhe que esta reforma não tinha importancia alguma politica e era destinada apenas a simplificar o processo eleitoral. O projecto de lei foi apresentado á camara, que o votou, e, no correr da discussão, alguem o qualificou de medida liberal. Esta palavra offendeu os ouvidos do rei, extremamente sensiveis a quanto envolvesse suspeita de liberalismo, e terminantemente recusou a ratificação do projecto. Os ministros declararam-lhe que, se elle mantivesse a sua recusa, vêr-se-iam obrigados a apresentar a sua demissão. O rei aproveitou o ensejo, e em vão o conde Platen instou para que elle offerecesse um logar a Windthorst no novo ministerio. Windthorst enganára-o, Windthorst tinha participado da nova conjuração dos Grutli; Windthorst, tentando exercer pressão sobre a sua vontade sagrada, tornára-se culpado d'um crime de lesa-magestade. Não queria mais ouvir fallar d'este falso amigo, mais perigoso que um inimigo declarado, e é assim que fazem os principes para merecerem as suas desgraças.

D'ahi a algum tempo rebentava a grande crise allemã;

Jorge v allia-se com a Austria, o seu reino é invadido por um exercito prussiano e perde a corôa para sempre. São casos em que se reconhecem os verdadeiros amigos. Windthorst conservou-se inviolavelmente fiel ao rei decahido. Não o seguiu no exilio, não se recolheu á vida privada; mas pôz-se á frente do partido de protesto do Hanover. Jorge v, emendando tardiamente o seu erro, escolheu-o para mandatario, e encarregou-o da vã empreza de reivindicar os seus bens confiscados. Os hanoverianos, que reclamavam o seu rei, mandaram Windthorst ao Reichstag constituinte de 1867. N'esta assembléa, como na segunda camara da Prussia, o deputado de Meppen foi o chefe do partido guelfo. Este partido era apenas um pequeno grupo, e a tarefa de dirigil-o tão modesta como ingrata. Windthorst não tinha ainda encontrado a occasião de mostrar o que era; foi Bismarck que lh'a deu desde 1871.

Durante a campanha da França, Bismarck teve grandes alegrias; mas teve tambem desgostos, feridas de amor proprio, ciumes, invejas, contestações dos seus serviços e da sua gloria. Quiz assegurar a sua omnipotencia contra todos os riscos da fortuna. Qualquer que fosse o seu desprezo pelos partidos, e posto que declarasse que o flagello do nosso tempo era «a adoração byzantina das maiorias», tratou de crear uma que fosse bem sua e lhe servisse de baluarte contra todos os ataques. Para este fim, devia obter o apoio dos liberaes-nacionaes, numerosos e muito desinquietos. A primeira satisfação que lhes deu foi supprimir a divisão catholica do ministerio dos cultos, que passava por ser governada pelos conselhos d'uma illustre familia polaca, parente da casa da Prussia. Esta era-lhe suspeita. Procurou assim o prazer de, ao mesmo tempo, ganhar amigos e aniquilar um inimigo. Pouco tempo depois, fez-se uma lei sobre a inspecção das escólas. Desde esse dia declarava-se guerra á Egreja, e ia-se proceder a medidas bem mais graves ainda. Os deputados catholicos impressionaram-se, harmonisaram-se, formou-se o partido do centro, e Windthorst foi o seu chefe.

O artigo de Valbert passa em seguida a recordar as phases e incidentes capitaes da longa lucta que desde então se tra-

vou entre o chanceller e Windthorst como representante do seu partido. São de hontem, póde dizer-se, os esforços de todo o genero, diplomaticos e internos, que o engenho de Bismarck empregou para subjugar o seu adversario, esforços vãos, se nos lembrarmos que por fim teve de vir a transacções e cedencias. Parece todavia que a queda de Bismarck foi mais prejudicial que util a Windthorst. Assegura-se que nos ultimos mezes a sua auctoridade era mais contestada, que certo numero de catholicos perguntavam se, tendo mudado as circumstancias, não convinha mudar de methodo, entrar n'um accordo definitivo com o novo imperador, descansar armas, abrindo assim a possibilidade de ter parte nos favores e chegar um dia ao poder.

*
* *

Na *Review of Reviews*, H. Stead diz-nos que é difficil conceber maior contraste do que o que existiu entre o fallecido Jeronymo Napoleão, o cynico epicurista que herdou todo o egoismo dos Napoleões, e Windthorst, o honesto e bravo pequeno ultramontano cuja morte foi quasi uma calamidade publica. Dos seus ultimos momentos conta-se uma curiosa anecdota. Windthorst viveu muito simplesmente, e morreu como viveu, acompanhado apenas de duas mulheres, suas parentes. Succumbia rapidamente, entrando já na inconsciencia do moribundo, quando se levanta do leito e, como se estivesse no Reichstag, começa a pronunciar um discurso em favor d'uma proposta combatendo uma lei contra os jesuitas. N'um timido e silencioso respeito, as duas mulheres ouviram-no, fallando com o mesmo vigor e a mesma precisão que tinha na tribuna, onde imaginava estar. Depois, terminado o discurso, deixou-se cahir sobre o travesseiro e nunca mais fallou.

Jayme de Magalhães Lima.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES

AS CARTAS

(2.ª Série)

I

A MADAME DE JOUARRE

(*Trad.*)

Lisboa, junho.

Minha excellente madrinha. — Eis aqui o que tem « visto e feito », desde maio, na formosissima Lisboa, *Ulyssipo pulcherrima*, o seu admiravel afilhado. Descobri um patricio meu das Ilhas, e meu parente, que vive ha tres annos construindo um Systema de Philosophia no terceiro andar d'uma casa de hospedes, na travessa da Palha. Espirito livre, emprehendedor e destro, paladino das idéas geraes, o meu parente que se chama Procopio, considerando que a mulher não vale o seu tormento, e que os oitocentos mil reis de milho d'uma quinta bastam, e de sobra, a um espiritualista — votou a sua vida á Logica e só se interessa e soffre pela Verdade. É um philosopho alegre; conversa sem berrar; tem uma aguardente de muscatel excellente; — e eu trepo com gosto duas ou tres vezes por semana á sua officina de Metaphysica a saber se elle, conduzido pela alma dôce de Maine de Biran, que é o seu cicerone nas viagens pelo Infinito, já entreviu emfim, disfarçada por traz dos seus derradeiros véos, a Causa das Causas. N'estas piedosas visitas vou, pouco a pouco, conhecendo alguns dos hospedes que n'esse terceiro andar da Travessa da Palha gozam uma boa vida de cidade, a doze tostões por dia, fóra vinho e roupa lavada.

Quasi todas as profissões influentes em que se occupa a classe-média em Portugal estão aqui representadas com fidelidade, e eu posso assim estudar, sem esforço, como n'um indice, as idéas e os sentimentos que no nosso Anno da Graça formam o fundo moral da nação.

Esta casa de hospedes offerece encantos. O quarto do meu primo Procopio tem uma esteira nova, um fresco leito de ferro, uma chita vistosa nas janellas, rosinhas e aves pela parede, — e é mantido em methodico asseio por uma d'estas creadas como só produz Portugal, bella moça de Traz-os-Montes, que arrastando os seus chinelos com a indolencia grave d'uma nympha latina, varre, esfrega e arruma todo o andar; serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarolla as louças; prega esses botões de calças e de ceroulas que os portuguezes estão constantemente a perder; engomma as saias da Madama; reza o terço da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro visinho, que está decidido a casar com ella quando fôr empregado na Alfandega. (E tudo isto por tres mil reis de soldada). Ao almoço ha dois pratos, sãos e fartos, de ovos e bifes. O vinho vem do lavrador, vinhinho leve e precoce, feito pelos veneraveis preceitos das Georgicas, e semelhante decerto ao vinho da Rethia — *quo te carmine dicam Rethica?* A torrada, tratada pelo lume forte, é incomparavel. E os quatro paineis que ornam a sala, um retrato de Fontes (estadista, já morto, que é tido pelos portuguezes em grande veneração), uma imagem de Pio IX sorrindo e abençoando, uma vista da varzea de Collares, e duas donzellas beijocando uma rôla, inspiram as salutares idéas, tão necessarias, de Ordem Social, de Fé, de Paz campestre e de Innocencia.

A patrôa, D. Paulina Soriana, é uma Madama de quarenta outonos, frescalhota e roliça, com um pescoço muito nedio, e toda ella mais branca que o chambre branco que usa por sobre uma saia de sêda roxa. Parece uma excellente senhora paciente e maternal, de bom juizo e de boa economia. Sem ser rigorosamente viuva — tem um filho, já gordo tambem, que roe as unhas e segue o curso dos lyceus. Chama-se Joaquim, e por

ternura Quinzinho; soffreu esta primavera não sei que duro mal que o forçava a infindaveis orchatas e semicupios; e está destinado por D. Paulina á Burocracia que ella considera, e muito justamente, a carreira mais segura e a mais facil.

— O essencial para um rapaz (affirmava ha dias a apreciavel senhora, depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadosinho está certo no fim do mez.

De resto, D. Paulina está tranquilla a respeito do Quinzinho. Pela influencia (que é toda-poderosa n'estes Reinos) d'um amigo certo, o snr. conselheiro Vaz Netto, deputado e director geral, ha já no Ministerio das Obras Publicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, á espera do Quinzinho. E mesmo como o Quinzinho foi reprovado nos ultimos exames, já o snr. conselheiro Vaz Netto lembrou que, visto elle se mostrar assim desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Lyceu, e entrar immediatamente para a repartição...

— Que ainda assim (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidencias) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprego, como v. exc.ª vê: era pelo gosto.

A carreira do Quinzinho está pois agradavelmente garantida. De resto, supponho que D. Paulina vai juntando um peculio prudente. A casa, bem afreguezada, tem agora sete hospedes — e todos fieis, solidos, gastando, com os extras, de quarenta e cinco a cincoenta mil reis por mez. O mais antigo, o mais respeitado (e aquelle que eu precisamente já conheço) é o Pinho — o Pinho brazileiro, o commendador Pinho. É elle quem todas as manhãs annuncia a hora do almoço (o relogio do corredor ficou desarranjado desde o Natal) sahindo do seu quarto ás dez horas, pontualmente, com a sua garrafa d'agua de Vidago, e vindo occupar á mesa, já posta, mas ainda deserta, a sua cadeira, uma cadeira especial de verga, com almofadinha de

vento. Ninguem sabe d'este Pinho — nem a idade, nem a familia, nem a terra de provincia em que nasceu, nem o trabalho que o occupou no Brazil, nem as origens da sua commenda. Chegou uma manhã de inverno n'um paquete da Mala Real; passou cinco dias no Lazareto; desembarcou com dois bahus, a cadeira de verga, e cincoenta e seis latas de dôce de tijolo; tomou o seu quarto n'esta casa de hospedes, com janella para a travessa; e aqui engorda, pacifica e risonhamente, com o seis por cento das suas inscripções. É um sujeito baixote, vagaroso, de barba grisalha, pelle esverdinhada, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta d'ouro pendente d'uma fita de sêda, que elle, na rua, a cada esquina, desemmaranha do cordão d'ouro do relogio para lêr com attenção e lentidao os cartazes dos theatros. A sua vida tem uma d'essas quietas regularidades que tão admiravelmente concorrem para crear a ordem nos Estados. Depois de almoço, calça as botas de cano, lustra o chapéo de sêda, e vai muito devagar até á rua dos Capellistas, ao escriptorio terreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado n'um môcho, junto do balcão, com as mãos cabelludas encostadas ao cabo do guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela rua do Ouro, com uma pachorra que lhe permitte a observação, parando a olhar uma mulher de olhos mais picantes ou algum coupé de melhor parelha, alonga os passos para a tabacaria Sousa, ao Rocio, onde bebe um copo de agua de Caneças, e repousa até que a tarde refresque. Segue então ás vezes até á Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado n'um banco; ou dá a volta ao Rocio, sob as arvores, com a face erguida e dilatada em bem-estar. Ás seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos de marroquim, enverga uma larga quinzena de ganga, e janta, repetindo sempre a sopa. Depois do café dá um «hygienico» pela Baixa, com demoras pensativas, mas risonhas, diante das vitrines mais alumiadas; e em certos dias sobe o Chiado, dobra a esquina da Rua Nova da Trindade, e regateia, com placidez e firmeza, uma senha para o Gymnasio. Todas as sextas-feiras entra no seu banco, que é o *London Brazilian*. Aos

domingos, com um methodo prudente e são, visita uma costureira, moça ordeira, que mora na rua da Magdalena. Cada semestre recebe o juro das suas inscripções.

Toda a sua existencia é assim um continuo repouso. Nada o inquieta, nada o apaixona. O universo, para o commendador Pinho consta de duas unicas entidades — elle proprio, Pinho, e o Estado, que lhe dá o seis por cento: portanto o universo todo está perfeito, e a vida perfeita, desde que elle, Pinho, graças ás aguas de Vidago, conserve appetite e saude, e que o Estado continue a pagar fielmente o coupon. De resto, pouco lhe basta para contentar a porção d'Alma e Corpo de que apparentemente se compoe. A necessidade que todo o sêr vivo (mesmo as ostras, segundo affirmam os Naturalistas) tem de communicar com os seus semelhantes por meio de idéas ou sons, é em Pinho pouco exigente. Ahi pelos meados d'abril, sorri e diz desdobrando o guardanapo — « temos o verão comnosco »: todos concordam e Pinho gosta. Por meados d'outubro, corre os dedos pela barba e murmura — « temos comnosco o inverno »: se outro hospede discorda, Pinho emmudece, porque detesta controversias. E esta honesta permutação d'idéas lhe basta. Á mesa, comtanto que lhe sirvam uma boa sopa, n'um prato bem fundo, que possa encher duas vezes — fica prompto a dar graças a Deus. O *Diario de Pernambuco,* o *Diario de Noticias,* alguma comedia do Gymnasio, e por vezes uma Magica, satisfazem e de sobra essas outras necessidades de intelligencia e de imaginação, que Humboldt encontrou mesmo entre os Botecudos. Nas funcções do sentimento Pinho só pretende modestamente (como revelou um dia ao meu primo) « não apanhar uma doença ». Com as coisas publicas está sempre agradado, governe este ou governe aquelle, comtanto que a policia mantenha a ordem, e que não se produzam nos principios e nas ruas disturbios nocivos ao pagamento do coupon. E emquanto ao destino ulterior da sua alma, este bom Pinho (como elle a mim proprio me assegurou) — « só deseja depois de morto que o não enterrem vivo ». Mesmo ácerca d'um ponto tão importante, como é para um commendador o seu mau-

soléo, Pinho pouco requer; — apenas uma pedra lisa e decente, com o seu nome, e um singelo *orae por elle.*

Seria porém um erro, minha querida madrinha, o suppôr que tudo quanto é humano é alheio a Pinho. Não! Estou certo que Pinho respeita e ama a humanidade. Sómente a humanidade, para elle, tornou-se, no decurso da sua vida, excessivamente restricta. Homens, homens serios, verdadeiramente homens, merecedores d'esse nobre nome, e dignos de que por elles se mostre reverencia, affecto, e se arrisque um passo que não canse muito — para Pinho só ha os prestamistas do Estado. Assim, o meu primo Procopio, com uma malicia bem estranha n'um espiritualista, contou-lhe ha tempos em confidencia, arregalando os olhos, que eu possuia muitos papeis! muitas apolices! muitas inscripções!... Pois na primeira manhã que voltei, depois d'essa revelação, á casa de hospedes, Pinho, ligeiramente corado, quasi commovido, offereceu-me uma boceta de dôce de tijolo, embrulhada n'um guardanapo. Acto tocante, acto profundo, que explica aquella alma! O Pinho não é um egoista, um Diogenes de rabôna preta, sêccamente retrahido dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Ha n'elle toda a humana tendencia de amar os homens seus semelhantes, e de os beneficiar. Sómente quem são, para Pinho, os seus genuinos «semelhantes»? Os prestamistas do Estado. E em que consiste para Pinho o acto de beneficio? No acto vulgar, adoptado por todos, n'estes tempos de individualismo — na cessão aos outros d'aquillo que nos é a nós inutil. Ora Pinho não se dá bem com o uso da goiabada — e logo que soube que eu era um possuidor de inscripções, um seu semelhante, capitalista como elle, não hesitou, não se retrahiu mais ao seu dever humano, praticou logo o acto de beneficio (que em circumstancias como as minhas toma o caracter d'acto de amabilidade) e lá veiu, ruborisado e feliz, trazendo o seu dôce dentro d'um guardanapo.

É o commendador Pinho um cidadão inutil? Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez a ordem d'uma nação, não ha mais prestadio cidadão do que este Pinho,

com a sua placidez de habitos, o seu facil assentimento a todos os feitios da coisa publica, a sua conta do banco verificada ás sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em hygienico recato, a sua reticencia, a sua inercia. D'um Pinho nunca póde sahir idéa ou acto, affirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, collado sobre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando tambem, Pinho apresenta todos os caracteres d'uma excrescencia sebacea. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inoffensivo que um lobinho: e nos tempos que vão, em que o Estado está cheio de elementos morbidos, que o parasitam, o sugam, o infeccionam e o sobreexcitam, esta inoffensibilidade de Pinho póde mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritoria. Por isso o Estado, segundo corre, o vai crear barão. E barão d'um titulo que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é n'elle simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta á Familia e á Religião. O pae de Pinho chamava-se Francisco — Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito Barão de S. Francisco.

Adeus, minha querida madrinha! Vamos no nosso decimo oitavo dia de chuva! Desde o começo de junho e das rosas, que n'este paiz de sol sobre azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Phebo, está chovendo, chovendo em fios d'agua cerrados, continuos, methodicos, imperturbados, sem sopro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantise, formando das nuvens ás ruas uma trama subtil de humidade e tristeza, onde a alma se debate e definha, como uma borboleta presa nas teias d'uma aranha. Estamos em pleno versiculo XVII, do capitulo VII do Genesis. No caso d'estas aguas do céo não cessarem, eu concluo que as intenções de Jehovah, para com este paiz peccador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Alliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca, segundo os modelos hebraicos ou assyrios. Se por acaso d'aqui a tempos uma pomba branca fôr bater com as azas á sua

vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca, levando commigo, entre outros animaes, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tendo baixado as aguas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do coração — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

REVISTA DE POLITICA INTERNA

15 de junho.

Tres factos importantissimos enchem o espaço de tempo decorrido desde a data da ultima chronica até hoje: a crise financeira, a constituição do ministerio actual e a solução diplomatica da questão anglo-lusa.

I

A CRISE FINANCEIRA

A crise financeira, que lançou e conserva o commercio e as industrias no meio dos maiores embaraços, assumiu, felizmente, por agora, um caracter quasi exclusivamente metallico. Não representa, geralmente, uma liquidação desastrosa de imprevidentes emprezas financeiras, de aventurosas especulações de Bolsa, como a crise de 1876, de tão negra memoria para a praça do Porto. Dois factores importantes concorreram para a sua determinação: d'um lado as condições geraes do mercado monetario europeu, aggravado, para nós, com a baixa do cambio do Brazil, especie de eclusa que governa e dirige, engrossa ou mingua as correntes de ouro que nos advem d'esse grosso trafico nacional da emigração sul-americana — do outro a desconfiança capitalista fomentada pelas agitações e pelos inciden-

tes, mais ou menos alarmantes, de que tem sido cortada a velha paz pôdre da nossa vida politica, a partir do *ultimatum* inglez de 11 de janeiro. Este ultimo factor não é de tão diminuta importancia, como á primeira vista se poderá julgar. O egoismo nacional manifestou-se mais uma vez, e por uma fórma eloquente, n'este episodio da nossa historia economica. Perante a anarchia da politica, a impotencia moral ou a incapacidade intellectual dos homens de Estado, o descredito dos partidos, a indisciplina do exercito, a fome da burocracia, a avidez dos especuladores da Finança — o paiz, na phrase d'um meu amigo e talentosissimo publicista, «protestou silenciosamente, mettendo o seu dinheiro na algibeira». Aqui pelo norte esta retirada, esta dragagem do metal veio-se fazendo lentamente, paulatinamente, durante mezes, como n'um proposito obscuro de conspiração. Em vez de se servir dos famosos direitos politicos para se oppôr, por meio do seu *volo* soberano, á errada direcção das coisas publicas, a boa gente que tinha a perder foi impondo a papelada, aferrolhou o ouro nas burras, e ficou-se, como muito expressivamente diz o povo, a vêr os touros de palanque, na consolada attitude de quem se safou a tempo d'um perigo imminente. Um *sauve qui peut* sem alarme, sem barulho, sem panico... Uma boa partida pregada aos mariolas dos politicos. Que se arrangem agora... Apuros para o commercio? embaraços para o governo? As industrias paralysadas, os operarios com fome, as casas bancarias em riscos de fallencia, muita desgraça em perspectiva, a anarchia imminente? Que importa tudo isto? A patria — é cada um em sua casa com a sua mulher e os seus filhos. — A esta prudente e segura philosophia se devem, em parte, as difficuldades financeiras, em cuja apertada rêde o paiz se debate e cujos emmaranhados fios os politicos, esbaforidos e atarefados, buscam habilmente deslindar.

Não se imagine, porém, com um optimismo imprudentemente confiado, que a crise actual representa apenas um puro caso de infundado temor capitalista; nem se affirme que não existem de facto complicações graves, fundas lesões organicas na nossa physiologia financeira. Se, com effeito, a crise manifes-

tou um caracter principalmente monetario, determinado pelos motivos atraz expostos, e aggravado pela necessidade impreterivel d'uma forte exportação de ouro para pagamentos commerciaes no estrangeiro, necessidade imposta pelo estado das relações cambiaes entre o Brazil e o mercado europeu, deve, por outro lado, notar-se bem claramente que ella se iniciou ou revelou por dois factos d'uma feição bastante mais complexa e grave: a quebra do Banco do Povo e a suspensão de pagamentos do Banco Lusitano. Ambos estes factos são expressivos e symptomaticos d'um estado de coisas, que decerto se teria liquidado por meio d'um *krack* geral, se a moratoria de 10 de maio não viesse pôr os estabelecimentos bancarios a coberto d'uma desastrosa *corrida*. E se a fallencia do Banco do Povo representa apenas a paixão do gozo e do luxo, satisfeita á custa do suor dos que trabalham, á custa das economias quasi avaras dos pobres, sob a incuria de direcções desleixadas, e á sombra das viciações d'uma escripturação fraudulenta, constituindo um caso que devemos esperar seja isolado e excepcional — a crise do Banco Lusitano, como toda a gente o sabe, ainda que nem todos o digam, tem as suas raizes nas aventureiras especulações da *Norte e Leste*, nas grossas negociatas das suas emprezas constructoras, em todo esse fermento de obscuras machinações capitalistas que a grande companhia trouxe para o nosso meio financeiro, desde aquelle celebre golpe de mão de setembro de 84, em que o *grupo portuguez* lhe empolgou de improviso a direcção.

Em tudo isto se sente a nefasta influencia d'essa Plutocracia, que é a verdadeira fórma social da sociedade contemporanea, e a cuja insaciavel e malefica avidez de vampiro os nossos politicos não souberam, ou não poderam, ou não quizeram prudentemente subtrahir-nos. Quando avisos sensatos, conselhos seguros e bem intencionados, rompiam, com uma nota pessimista, entre as litanias dos fanaticos d'essa religião orgiastica do Capitalismo, dançando, em ronda delirante, junto aos icones de ouro do Milhão e do Gozo — todo o mundo se escandalisava com esses desmancha-prazeres, com esses prophetas agoureiros, que

andavam a decifrar as legendas sinistras rabiscadas pelas paredes d'esta Babyloniasinha em festa. Viu-se agora que os mal-humorados Danieis tinham o seu tanto ou quanto de razão...

Tivemos, num momento, sob os pés, a sensação do abysmo, do insondavel sorvedouro de miserias e desgraças, até cuja aresta fomos cegamente marchando. Se o governo de então hesita, se se prende em escrupulos de dar alarme da situação, se não decreta, como decretou, a moratoria, suspendendo a vigencia da legislação commercial — estavamos decerto a estas horas em pleno drama de ruina e anarchia. Teriamos entrado de vez no epilogo tragico d'essa alta comedia da Finança, que ha annos se vinha representando no paiz, entre apparatosas decorações de obras monumentaes, de grandiosos melhoramentos, dokas enormes, vias ferreas urbanas, avenidas luxuosas, palacios magnificentes, festas deslumbradoras de banqueiros, kermesses mirabolantes de caridade mundana, etc. etc.

Comtudo, o perigo, momentaneamente conjurado pela moratoria, subsiste sem que tenhamos visto n'este interregno medida segura e decisiva para o afastar de vez. Ha, é verdade, a combinação financeira levada a effeito em Paris pelo snr. Marianno de Carvalho, e que põe temporariamente o Estado a coberto de difficuldades quanto aos compromissos da divida externa. Mas, internamente? Que haverá ahi ao findar a moratoria? Como se liquidarão todas as difficuldades amontoadas n'estes dois mezes? O retrahimento do metal continúa, o agio exerce-se desaforadamente explorando sem escrupulos a situação. O commercio sente aproximar-se o dia 10 de julho em que os seus compromissos anteriores, se lhe tornarão outra vez exigiveis e vê os seus cofres vazios pela paralysação dos negocios n'estes derradeiros tempos. Os bancos descontam pouco e com difficuldade, e a taxa do juro eleva-se d'um modo gravoso. As industrias, para evitarem as consequencias d'uma *over production,* reduzem os dias de trabalho. Escasso o metal em circulação, retrahido o credito, paralysado o commercio e o trabalho, e em vigencia de novo, em breves dias, a legislação

commercial com os seus rapidos processos de julgamento e execução — não é com effeito, estranhavel que se se tema que o fim da moratoria venha a ser, desde logo ou mais tarde, assignalado pelas catastrophes d'alguma *sexta-feira negra.*

Deve, comtudo, esperar-se que o governo (onde ha quatro antigos ministros da fazenda e um que das questões financeiras tem feito a sua especialidade parlamentar) tome as necessarias medidas para minorar, tanto quanto cabe na acção do Estado, as desastrosas consequencias que da conjuncção d'estas circumstancias podem muito naturalmente advir. Aproxima-se um dos momentos mais graves da crise actual. E se á melindrosa situação dos negocios, ao egoismo dos especuladores e ao panico dos medrosos se juntar a incuria ou a inhabilidade dos governantes — podemos considerar-nos então irremediavelmente perdidos.

II

O NOVO MINISTERIO

Da crise financeira — sahiu a crise ministerial, que deu de si um novo gabinete *neutro,* ainda presidido pelo snr. João Chrysostomo. Vai longe, já, esse episodio politico. Não vale pois a pena remontar ao *genesis* da presente situação — se bem que o assumpto fosse fertil em curiosos estudos de psychologia e de ethica. Deve, porém, accentuar-se que os partidos continuam (ostensivamente pelo menos...) votados a um exilio, que se não prevê bem como nem quando terminará. A presente situação não se classificou a si mesma de *extra-partidaria,* como a que a antecedeu. Em todo o caso não é tambem partidaria — se bem que a presença do snr. Lopo Vaz na pasta do reino garanta ao ministerio francas adhesões regeneradoras e, por seu lado, os progressistas tenham iniciado uma concentração de forças, tanto em Lisboa como nas provincias, que tem o seu ar d'uma chamada ás armas... para o que der e vier.

N'estes tempos que vão correndo, tempos de surpreza e de imprevisto — o mais avisado é aceitar os factos consummados, pondo de parte, á positivista, as questões de origem. As coisas são o que são: disse-o quem o sabia. Os ministerios, na sua qualidade de coisas politicas — são tambem o que são. E a expressão mais verdadeira do seu *ser* está, indubitavelmente, no *ser* dos homens que os compõem. Os ministerios são os ministros.

Aceitando, pois, sem considerações sobre a sua constituição, o actual gabinete — não me parece, comtudo, descabido observal-o e estudal-o nos elementos que o formam. Alguem notou, logo nos primeiros dias da sua existencia, que, sendo o ministerio presidido pelo snr. João Chrysostomo, e tendo, entre os seus membros e n'uma pasta da mais superior importancia no momento, um homem como o snr. conde de Valbom — espontaneamente, nos circulos politicos e no jornalismo, se lhe começasse a chamar o *ministerio Marianno-Lopo*. A observação mostra apenas como instinctivamente o publico reconheceu que as duas grandes molas da situação eram o novo ministro da fazenda e o novo ministro do reino.

Com effeito, o snr. João Chrysostomo representa no gabinete esse espirito de dedicação, de sacrificio, de devoção civica, que, se por igual animasse os novos como anima aquelle honrado velho, bem menos difficil tornaria o problema do nosso futuro. Chamado já duas vezes *in extremis*, em horas angustiosas de crise, quando apertava a urgencia de rapidas soluções politicas, quando se appellava para a sua lealdade e para o seu prestigio militar, o venerando estadista alinhava os seus gabinetes um pouco *à la diable*, como um general decidido a um extremo esforço, ante a expectativa d'um desastre vergonhoso, improvisa um exercito com os primeiros elementos que lhe apparecem. Clara intelligencia que os annos não toldaram e que a longa lição dos homens e das coisas deve ter desanuviado de toda a illusão — comprehende, decerto, a inutilidade de todas as tentativas, o irremediavel mallogro de toda a resistencia. Mas, velha alma de soldado, duramente temperada no sentimento do dever, não recua, não hesita, não tergiversa, quando lhe dizem

que avance — ainda mesmo quando nenhuma esperança o alente, quando nenhuma confiança lhe inspire a empreza politica de que toma o commando. Seria para elle uma graça, um favor, que o dispensassem d'esse encargo. Mas, se é preciso, vai, a direito, resolvido a tudo, com o primeiro troço de homens que se lhe apresentam á chamada — sem lhes olhar para as fardas ou para as armas... Além d'isto, pelo seu prestigio militar, o velho general no poder representa, mais ou menos, uma garantia de disciplina no exercito, desde que n'elle começaram a levedar as ambições politicas. Na crise de outubro era coisa assente que elle entraria em qualquer combinação ministerial. Na derradeira crise reclamaram de novo o seu auxilio — talvez, em parte, com este fundamento.

N'estas condições, percebe-se bem como a presença do snr. João Chrysostomo não tenha, n'este ministerio, uma especial significação politica. Póde talvez dar-lh'a mais o snr. conde de Valbom, cuja entrada brusca e inesperada para o gabinete ficou para muitos envolvida n'um certo mysterio, pois que geralmente se sabia o seu nome mais ou menos compromettido em outras combinações politicas. Um dos pontos enygmaticos da situação é a presença, no governo, d'esse *vieux de la vieille*, forte e accentuada personalidade politica, tenaz, voluntariosa e absorvente, que não se póde suppôr disposta a um papel secundario, nem levada ao poder por uma innocente saudade da cadeira ministerial. Além d'isto, ligado, ao que parece, aos interesses politicos d'um certo grupo, não ha indicios de que com elle rompesse ou de que os seus amigos lhe levassem a mal a sua entrada no ministerio. Já ha quem n'elle queira vêr o proximo successor do presidente do conselho. E este vago rumor não faz mais do que confirmar o meu juizo a respeito da alta importancia que assume a sua resurreição estadistica.

O snr. Franco, o snr. Vilhena e o snr. Moraes Carvalho não têm, na presente situação, os primeiros papeis. Á parte os seus meritos — sobrepujam-nos as fortes personalidades dos seus collegas. De resto, dos tres o unico *politico* de sangue é o snr. Franco. E elle o unico que póde influir nos destinos politicos da situação, o uni-

co que poderá contrabalançar a absorvente supremacia do snr. Marianno ou do snr. Lopo. Muitissimo intelligente, muitissimo trabalhador, muitissimo ambicioso (no bom sentido do termo), muitissimo vaidoso tambem, d'uma honestidade pessoal acima de toda a contestação, indomavel de genio, intrepido, ousado, dispondo d'um real temperamento de orador — o actual ministro das obras publicas é, sem duvida, uma das poucas figuras superiores, bem marcadas, bem accentuadas, dos derradeiros recrutamentos politicos. É um homem que quer dirigir, influir, mandar, dominar por instincto, por uma imperiosa necessidade organica, pela propulsão irresistivel d'uns nervos vibrateis e d'um sangue de fogo. Já não é assim o snr. Vilhena, um bello espirito fleugmatico, um correcto conselheiro em formato diamante, mais propenso á administração do que á politica, preferindo á lucta parlamentar os serenos trabalhos de gabinete e a omnipotencia da secretaria. Pela sua vez o snr. Moraes Carvalho, ministro por hereditariedade e por finalidade ontologica, é apenas para muitos uma esperança que acaba de achar ensejo de dar prova de si. Em boa hora a dê!

Reservei para o fim o snr. Lopo e o snr. Marianno, porque as suas figuras são, n'este monumento politico, como as duas principaes cariatides que o sustentam. Sobre elles repousa o systema d'essa hybrida construcção ministerial, onde não deixam de haver uns certos laivos de architectura... bysantina. Um na pasta do reino, outro na da fazenda — aos seus hombros estão, presentemente, as mais graves responsabilidades da administração publica.

Entre esses dois homens que o azar do recrutamento partidario casualmente separou — ha profundas affinidades moraes, laços de caracter e de intelligencia que os liga e os aproxima através dos dissentimentos, mais formaes do que substanciaes, do sectarismo politico. No baralho da politica tem-nos separado as côres: mas são evidentemente do mesmo naipe... Ambos superiormente intelligentes, ambos frios, astutos, dotados do genio expedientifero dos estadistas *habeis*, ambos eximios na intriga politicante e incomparaveis na grande arte da galopinagem,

ambos com esse dom de attrahir, de captar e de conservar uma larga clientela de co-interessados ou de simples enthusiastas pessoaes, ambos desprendidos de doutrinas e de escrupulos nos processos, e convertidos scepticamente, praticamente, ao opportunismo e ao machiavelismo mais accentuado — differem tão sómente n'essas particularidades, n'essas caracteristicas idiosyncrasicas, individuaes, sem as quaes toda a personalidade desapparecceria.

O snr. Lopo é, da cabeça aos pés, no seu aspecto externo, um impeccavel conselheiro. Tem as mais graves maneiras burocraticas, o fallar unctuoso e correcto, uma seriedade que nunca se desmancha, nunca se desapruma. Ao contrario, o snr. Marianno é o menos conselheiro de todos os conselheiros. O habito não foi capaz de o fazer monge. A farda de secretario de Estado não lhe imprimiu o caracter da alta confraria. E hoje, ministro, capitalista, director de companhias poderosas, intimo dos banqueiros, é exactamente o mesmo Marianno que era quando, simples deputado, simples jornalista, simples professor, a sua pobreza desinteressada lhe conquistára entre os seus partidarios uma reputação catoniana. Além d'isto, emquanto o snr. Lopo faz arma politica da sua molleza apathica, adiposa, de lymphatico, fazendo-a passar muita vez por uma finissima reserva, prenhe de mysteriosos designios, o snr. Marianno trabalha á alta pressão d'uma actividade incansavel, ruidoso e fallador, vivo e instavel como uma bola de mercurio, estimulado por um temperamento irrequieto de fura-vidas. Um é o homem dos planos lentamente amadurecidos, esperando com uma pachorra de pescador á linha os resultados das suas dissimuladas artimanhas; o outro é o homem dos expedientes rapidos e dos golpes de mão audaciosos e imprevistos. Pesca a vapor — com rêde de arrastar...

Na presente situação, porém, o *grande homem*, o *salvador*, o *messias* é o snr. Marianno. Disse-se que a sua ascensão ao poder fôra reclamada pela opinião publica. Por uma *certa* opinião publica — sem duvida. Valha a verdade que a *outra* não protestou. É que, apesar dos seus erros, das suas faltas, das suas

inconsequencias, dos seus grandissimos peccados politicos — esse homem tem um estranho condão de sympathia. O seu real talento, as suas vastas faculdades, as suas aptidões praticas, a sua actividade incomparavel, o seu largo conhecimento dos negocios, a influencia creada n'uma já longa vida publica, conquistaram-lhe na politica uma d'estas posições de que facilmente se não apeia um homem; mas, sobre isto, o seu feitio plebeu, resistente á influencia das grandezas, a sua simplicidade, os seus modos chãos, a sua inesgotavel pilheria de jornalista gavroche, que vai direita ao espirito das massas em linguagem viva e pittoresca de calão, em esfusiadas magnificas de *sueltos*, de piadas, de troças, de ditos, de alcunhas; o seu lendario cigarro brejeiro; as suas *gamineries* politicas; as suas partidas de galopim; e por ultimo a sua alegre bonhomia, a sua bondade mesmo, porque, no fundo e pessoalmente, é bondoso, dedicado, sem odios, sem rancores, sem reservas de vingança contra os que mais o ferem e combatem: — tudo isto lhe tem conservado, entre oscillações mais ou menos pronunciadas, uma aura de popularidade como poucos dos homens publicos contemporaneos gozam. Esquecem-se-lhe as maldades como a um *enfant terrible* que as faz com graça. É dos politicos mais discutidos, mais abocanhados, mais malsinados nos seus intuitos, mais desprestigiados pela suspeição, mais injuriados e desacreditados que ahi ha. É aquelle, porém, para com o qual o publico sente um mais decidido fraco de tolerancia e de indulgencia... Parece ás vezes irremediavelmente perdido, desgraçado, condemnado pela opinião, como quando foi do celebre episodio da *outra metade*. Em dois annos eil-o, porém, de novo no poder, encartado em salvador da patria...

É facto que o paiz desconfia um pouco da conversão d'este Saulo politico — recordando o seu passado, não limpo de culpas e de impiedades... Sorri mesmo, scepticamente, das suas palavras e das suas promessas. Ha maliciosos que dizem que a patria, que elle quer salvar, é a *Norte e Leste*, enterrada até ás orelhas no atoleiro das suas negociatas, e o Banco Lusitano, n'ellas e por ellas compromettido. Para alguns a sua

ascensão ao poder no momento em que se liquidam, do modo que se vê, antigos erros e velhas faltas, de cujas responsabilidades o illustre ministro quinhôa largamente — explica-se e justifica-se pelo bem conhecido aphorismo que diz que «mordedura de ... politico se cura com o pello do mesmo». Observam outros que a *claque* que o applaude *manibus pedibusque*, que o acompanha e o espera ruidosamente nos cáes e nas *gares*, é constituida apenas por um mundo de gente de negocio, mais ou menos envolvida na especulação, que d'uma manobra do seu homem esperam o almejado ensejo de se pôrem a salvo da rascada em que se metteram... Mas, no fim de contas, aquelles mesmos que assim fallam acabam por se conformar com elle, encolhendo os hombros e achando-lhe graça — quando mais não seja. «Aquelle diabo do Marianno... Lá fino é elle... Se elle quizesse!» E á espera que o estadista se resolva a querer esse quer que é por que Portugal vagamente suspira — deixam-no furar, trepar, empoleirar-se de novo...

Não sabemos se chegou, por fim, a occasião do snr. Marianno se decidir a *querer*... Affirmam uns que sim. Outros duvidam. No emtanto, para quem pensa que não é o querer d'um homem que muda, d'um dia para o outro, os destinos d'um paiz, para quem pensa que nas democracias os estadistas não valem só por si — pelo seu talento, pela sua competencia, pela sua honestidade — mas pelas forças sociaes que representam, quer dizer, pelo caracter dos que os tomam para chefes, dos que os elegem como procuradores e advogados das suas idéas e dos seus interesses — é licito indagar a natureza d'essa clientela, na qual, em ultima analyse, se consubstancia a verdadeira força politica do homem de Estado. Ora, encarados sob este aspecto, não só o snr. Marianno como o snr. Lopo, se me afiguram assás difficilmente collocados no seu presente papel de *salvadores*. Em que reside a força politica do snr. Lopo? Na sua larga influencia eleitoral, n'esse grosso exercito de *caciques*, de mandões locaes, cujos interesses, caprichos, egoismos, ambições, elle tem zelosamente servido, com presumivel detrimento dos interesses do Estado. Em que reside a força politica do snr. Marianno?

Na sua influencia financeira, nos favores concedidos á turba de *brasseurs d'affaires*, de aventureiros da finança, de banqueiros e banqueirinhos, que enxameiam como gafanhotos assoladores sobre a laboriosa seára da riqueza nacional. Taes são — todos o sabem — as clientelas dos dois ministros.

Hão de concordar, pois, que com estes elementos d'um refinado egoismo — a Influencia e a Agiotagem — os dois illustres salvadores da patria hão de vêr-se mais d'uma vez seriamente embaraçados, no decurso da sua ardua missão... Desde que a uma e a outra se não dispensem, com mão liberal, estradas e negocios, subsidios e emprestimos, que são o soldo d'esses troços mercenarios de lansquenets, avidos de despojos e saques — os dois cabecilhas arriscam-se a vêr voltadas contra si as armas dos proprios guerrilheiros... E assim — ou transigem com a sua gente — e adeus salvação da Patria! — ou se decidem a reprimil-a, e podem contar com uma insurreição — que muito naturalmente lhes será fatal.

Pondo, porém, de parte, momentaneamente, estas apprehensões, registremos que o actual ministro da fazenda, mal sobraçou a pasta, iniciou logo os seus trabalhos com aquella expedita resolução que lhe é peculiar. Homem de estado eminentemente moderno (como o appellidam), pratico como os que são, desprendido de preoccupações, de formulas, de respeito pelas praxes e costumes, eil-o que se mette no *Sud Express* e vai a Paris, em pessoa, á laia de *commis-voyageur* politico-financeiro, collocar o *stock* de papelada do emprestimo dos tabacos, agenciando sobre elle uma especie de garantia para o *coupon* externo até abril do anno proximo. Ninguem dirá que este expediente inicial não seja do maior alcance para um paiz que, n'este amargurado anno que vai correndo, se tem sentido, mais d'uma vez, a dois passos da bancarrota. Ao mesmo tempo os jornaes estrangeiros, publicando *interviews* com o ministro portuguez, deixaram entrever uma parte dos seus planos, comprehendendo a reorganisação do Banco de Portugal, a reforma do systema monetario, a reducção do *deficit* por meio de convenios feitos sobre as obras do porto de Lisboa e a exploração dos dominios da Africa Oriental, etc.

etc. Como, porém, essas *interviews* fossem desmentidas por ordem do ministro (as *interviews* — note-se — mas não os planos n'ellas revelados) acho mais razoavel não antecipar juizos nem criticas prematuras, e acaso descabidas. Só notarei que essa politica de expedientes, sem duvida habilmente inaugurada, não me parece sufficiente como *recipe* salvador. Afastar, adiar difficuldades, é decerto indispensavel para desafogar uma situação embaraçosa e dar tempo a preparar e a pôr em acção processos estadisticos mais complexos e fecundos. Mas por si só — não basta. Adiar — não é resolver. Bem ao contrario — é accumular e aggravar. Todo o nosso mal está em que, ha bons vinte annos, n'este santo paiz, nenhuma difficuldade se resolve: — todas se adiam. Assim, quando os expedientes se esgotarem, o cataclysmo, sempre provisoriamente conjurado, ha de ser tanto mais grave, quanto mais protrahido. Então a força das coisas solverá por si o que a incapacidade ou o egoismo dos politicos não foi capaz de solver...

III

O TRATADO E O PROBLEMA COLONIAL

Vai muito longa esta chronica, e ainda tenho de me referir a um facto da mais alta importancia politica: ao tratado anglo-luso e á nova phase, de caracter pratico, em que parece entrar o nosso problema colonial.

São de todo o ponto dispensaveis quaesquer vistas retrospectivas sobre uma questão, que tão intensamente prendeu a attenção publica. De resto, quando, passados muitos annos, se estudar no seu *ensemble* a historia synchronica da expansão ingleza e do retrahimento portuguez no Continente Negro, os derradeiros successos terão o exclusivo valor d'um episodio n'uma série de factos, que está bem longe de vêr o seu fim. A questão africana continúa de pé. Illudidos andam os que julgam que se

lhe poz um ponto definitivo com o derradeiro tratado. O tratado representa simplesmente uma tregua n'essa lucta fatal de raças. O sonho da ligação dos nossos dominios de costa a costa está desfeito, rôto, como uma bola de espuma que embateu na dureza de qualquer coisa de consistente e forte. Entre Angola e Moçambique cravou-se como uma cunha a expansão da futura Inglaterra sul-africana — a colonia do Cabo. A cunha é a *South Africa:* Rhodes é o masso potente que a martella de continuo, que a enterra, apertando contra o mar a nossa influencia e a nossa dominação.

Em toda esta pendencia, não foi a Inglaterra que tivemos pela frente. Salisbury foi um instrumento, primeiro dos escocezes do Blantyre, depois da gente do Cabo e dos especuladores financeiros da *Chartered.* Por si, talvez a Grã-Bretanha nos tivesse deixado em paz. Mas o regimen do seu imperio colonial vedava-lh'o. O individualismo caracteristico da raça transfunde-se em todas as suas instituições. O imperio colonial inglez tende a ser, de facto, uma pura federação. A sua unidade é mais commercial e moral do que politica. O *self government* dos grandes nucleos ultramarinos, em que a raça não domina apenas os elementos indigenas, mas constituiu como que uma segunda nação — colloca-os em face da metropole n'uma situação especial de independencia, que tem em si a virtualidade de futuras emancipações. A Australia, o Cabo, porventura a India (se a expansão russa na Asia não transpozer um dia a barreira do Afghanistan) fornecerão á historia colonial ingleza novos factos de desaggregação, como o dos Estados-Unidos no fim do seculo passado.

Assim a Inglaterra não negociou livremente comnosco o derradeiro tratado. Resalta isto, em mais d'um ponto, do recente *Livro Branco.* A pressão da *South Africa* é evidente. E a pressão da *South Africa* quer dizer a pressão de Rhodes, que, por sua vez, exprime as ambições do Cabo, de cujo governo o famoso *africander* é primeiro ministro. No documento 100 communica o snr. Soveral á chancellaria portugueza: « Marquez de Salisbury disse-me que o que elle desejava era paz e concilia-

ção. *Que nenhuma solução definitiva se podia tomar antes da chegada de Rhodes e Loch*». No documento 103 o mesmo diplomata, annunciando a chegada de Rhodes a Londres, informa o snr. Bocage: «Creio que (Rhodes) não discutirá com o Marquez de Salisbury a questão de direito (o direito de Portugal aos territorios em litigio) *mas unicamente a necessidade inadiavel de dar satisfação a todo o custo aos interesses do Cabo para evitar um grande descontentamento, senão a separação*». A ameaça é terminante. No documento immediato, 104, o snr. Soveral, expondo uma longa conferencia que sobre a questão do Mutassa tivera com lord Salisbury, põe na bôca do primeiro ministro de Sua Magestade Britannica as seguintes palavras: «Que Rhodes dizia (a Salisbury) que era já grande erro negociar e marcar uma linha qualquer, *que seria uma barreira mais tarde para a natural expansão da raça anglo-saxonia*». Mais adiante (documento 162), ainda sobre a mesma questão do Mutassa, o poderoso estadista inglez toma quasi ostensivamente o aspecto subalterno d'um procurador da *South Africa*. Diz elle ao nosso ministro em Londres: «O que a companhia *South Africa* deseja é a construcção do caminho de ferro. Sobre este ponto é que convém chegar o mais depressa possivel a um accordo. Conseguido isto, seremos muito conciliadores, *très coulants*, emquanto á linha territorial».

A questão do Mutassa, a que me tenho referido, é toda ella uma flagrante prova da sujeição do *Foreign Office* á politica local do Cabo. Vale a pena recapitulal-a, por isso, em termos breves. O Mutassa é um regulo feudatario do Gungunhana, cujos dominios assentam no planalto de Manica. Como feudatario do Gungunhana, era-o nosso tambem, visto o famoso potentado negro ser indiscutivel vassallo da corôa portugueza. Apesar d'isso, apesar da vigencia presumivel do tratado de 20 de agosto em 14 de setembro, pois ainda não havia sido abandonado como foi, um agente da *Chartered*, Colquhoun, fórça o regulo a um tratado, mais ou menos sincero, pelo qual elle cede as suas terras á famosa companhia, aceitando a soberania ingleza. Immediatamente o intendente dos negocios indige-

*

nas em Manica, o snr. João de Rezende, protesta contra essa violação do territorio e da soberania portugueza. Mais tarde, quando Paiva de Andrade e Manoel Antonio de Sousa vão desfazer a intriga á aringa do Mutassa, são surprehendidos e aprisionados pela gente da *South Africa*, que os interna nos territorios inglezes da Mashonaland, e estende a sua occupação do Mutassa a Massiquece — séde da companhia portugueza de Moçambique. Protesto do governo portuguez reclamando: 1.º a immediata libertação dos prisioneiros sem excepção alguma; 2.º a completa evacuação de todos os territorios reservados para Portugal pelo tratado de 20 de agosto de 1890 e mantido pela convenção de 14 de novembro ultimo; etc. Os prisioneiros são postos, com effeito, em liberdade, e Salisbury ordena a evacuação de Massiquece apenas, allegando duvidas sobre a situação geographica de Mutassa com relação á linha fronteiriça convencionada no tratado de agosto e no *modus vivendi* de novembro. D'onde lhe provém, porém, essa duvida? Revela-o claramente o documento 107 — telegramma do snr. Soveral ao snr. Bocage: «Marquez de Salisbury, escreve o nosso representante, disse-me hontem o seguinte: — O snr. Rhodes telegraphou-me dizendo que tinha a certeza de que Mutassa estava fóra da linha do tratado de 20 de agosto, isto é, que estava situado em territorio attribuido á Inglaterra por esse tratado. O snr. Rhodes, accrescentou s. exc.ª, é o primeiro ministro do Cabo da Boa Esperança, e eu não posso contradizer sem provas a sua categorica asserção. Se o governo portuguez tem documentos que possam elucidar esta questão, peço-lhe que m'os communique. Auctoriso-o a transmittir ao seu governo a seguinte formal declaração: Se se provar que Mutassa está em territorio portuguez, segundo a demarcação do tratado de 20 de agosto, farei immediatamente o mesmo que vou fazer com Massiquece. Obrigarei a companhia a evacuar esse territorio».

N'estes termos a nossa diplomacia entra a fundo não só na questão geographica, como na questão juridica da validade do tratado de Colquhoun com o Mutassa. É uma argumentação cerrada, firme, vigorosa, habil, onde se não desdenha um mo-

tivo, nem se perde uma prova. Invocam-se os proprios mappas dos cartographos inglezes para a questão territorial e as proprias disposições da Carta Real que constituiu a *Chartered British South Africa Company*. Todas as observações inglezas são formalmente desfeitas. Os documentos 90, 104, 105, 109, 110, 112, 117, 118, 119, 142, 144, 153, 156, 162, 168, 170 e 197, são de todo o ponto honrosissimos para os nossos diplomatas. Salisbury ainda pretende entrincheirar-se n'uma negativa da sua promessa (documento 111), mas o snr. Soveral contradil-o d'uma fórma brilhante, levando-o positivamente á parede com o documento 115. Por fim os *memorandum* e allegações portuguezas ficam sem uma resposta categorica, porque ninguem poderá considerar como tal o tardio, deficiente e lamentavel documento, assignado por lord Salisbury, que no Livro Branco tem o n.º 166. Salisbury desculpa-se a cada passo com a *Chartered*. No documento 117 communica o snr. Soveral que o primeiro ministro lhe dissera que « quanto a Mutassa não podia ceder ». No documento 137 diz o nosso representante que « não recebera ainda resposta ao seu *memorandum*, que provava á evidencia achar-se Mutassa em territorio portuguez », que « tinha, depois d'isso, insistido verbalmente », mas que « não dirigira nova nota sobre o assumpto por lhe parecer que havia (por parte da Inglaterra) desejos de proseguir as negociações e por não querer sacrificar o tratado ao *modus vivendi* ». Por ultimo, batido na discussão, Salisbury appella para um perfeito *non possumus*, desmascarando por fim os seus intuitos. No documento 243 escreve o snr. Soveral: « Passei depois ao tratado... Primeiro disse-lhe que não comprehendia bem a linha ao sul do Zambeze (proposta no contra-projecto inglez). S. exc.ª disse-me então que era a seguinte: « o planalto para elles e a vertente para nós ». Perguntei se não havia meio de o levar a transigir; respondeu que não, que lhe era completamente impossivel fazer concessão sobre esse ponto ».

Ora esta reservada e nunca justificada insistencia do primeiro ministro tem uma completa e cabal explicação no documento 92. E um officio do nosso consul no Cabo, dirigido ao snr.

Bocage. Transcrevel-o-hei na integra por me parecer que está n'elle a chave da questão.

« Cabo da Boa Esperança, 13 de dezembro de 1890 (recebido em 9 de janeiro de 1891). — Ill.mo e exc.mo snr. — Confirmando o meu telegramma com data de 12 de dezembro, cumpre-me communicar a v. exc.a que me consta que Mr. Cecil Rhodes deve brevemente partir para Inglaterra, afim de se entender com lord Salisbury a respeito das questões territoriaes entre Inglaterra e Portugal. Tem havido diversas conferencias entre Mr. Rhodes e outros intimamente ligados com a *British South Africa Company*, em que se tem discutido a conveniencia de fazer alterações aos limites fixados pelo tratado de 20 de agosto. Mr. Rhodes parece ser de opinião que se deve deixar a Portugal todos os terrenos baixos, *mas não ceder uma pollegada dos «plateaux» de Mashonaland, bem como a parte de Manica em que se deu o ultimo conflicto*, que parece estar ainda occupada pelas forças da *British South Africa Company*. Um telegramma de Londres em data de 10 do corrente dizia que sir James Fergusson havia declarado na camara dos communs que a *British South Africa* havia sido intimada a respeitar o *modus vivendi*.

« Não obstante que o *modus vivendi*, do qual ainda não tenho communicação, parece estabelecer que todos os tratados feitos posteriormente a 20 de agosto não seriam reconhecidos pela Inglaterra, *parece que a companhia ingleza pretende o contrario, e está usando de toda a pressão para que o governo inglez mantenha o tratado com Mutassa, que ella entende que lhe dá a posse de Manica.* — Deus guarde a v. exc.a, etc. »

Como se vê, Salisbury achou-se entre a espada e a parede n'este deploravel incidente. Sem provas para oppôr ás da nossa diplomacia, reconhecendo o perigo de nos dar razão e de se atravessar no caminho das ambições do Cabo — manteve-se durante mezes perplexo, n'uma attitude pouco invejavel para uma figura politica da sua importancia.

Foi d'esta difficil situação do primeiro ministro inglez que, com muita habilidade, o snr. Bocage soube tirar partido. As ne-

gociações, por parte de Portugal, tornaram-se n'um libello permanente contra a *South Africa*. Salisbury não podia de resto tomar a defeza declarada d'uma entidade que o compromettia a cada instante, e que com o maximo despejo lhe assoberbava a pretendida omnipotencia. Mais d'uma vez os diplomatas portuguezes pozeram com fina crueldade em relevo esta melindrosa situação do seu adversario. A impressão que, assim, se colhe do *Livro Branco* é altamente lisongeira para o decoro nacional. Podemos, sob este ponto de vista, considerar a recente campanha diplomatica como um triumpho moral para nós. Não ha uma transigencia que nos humilhe, uma phrase menos altiva que nos enxovalhe os brios, um desfallecimento sequer no que toca a pontos de honra e de dignidade. Capitulamos em mais d'um ponto, cedemos mais d'um direito, abdicamos de mais d'uma pretensão; mas, capitulando, sahimos da praça com honras de guerra, a bandeira ao vento, os soldados armados. O snr. Bocage cumpriu nobremente o que prometteu: resalvou até ao fim a honra nacional. E a grande differença entre os dois tratados está sobretudo n'isto: o de 20 de agosto era a solução, a todo o preço, d'uma pendencia-trambolho, que impedia um partido de tratar desassombradamente dos seus interesses; o de maio foi a composição, não vantajosa, mas decente e não aviltante, d'um litigio aggravado pelos erros dos negociadores do convenio anterior e cortado de repetidos e difficeis incidentes, propositadamente provocadores, como outros tantos laços armados á discrição e habilidade da nossa diplomacia e ás susceptibilidades do sentimento nacional. O anterior *Livro Branco* não se lia — sem se córar. Este póde deixar-se correr mundo á vontade, que não nos faz senão muita honra. Ha alli não só muita actividade, muito zelo, muito interesse patriotico — mas mesmo muita habilidade, muito tacto, muita firmeza. Não desmanchamos um momento da correcta attitude que adoptamos — digna sem fanfarronadas, deferente sem subserviencias. Fallamos de pé e de fronte erguida — não recuando nunca na affirmação dos nossos direitos e reclamando sempre com energia contra os attentados que os visavam. Em

confronto com os nossos, os documentos de origem ingleza são, sob todos os aspectos, d'uma notavel inferioridade. Hesitações, duvidas, evasivas, carencia de provas, pobreza de argumentos — é o que os caracterisa. Em boa verdade o snr. Bocage lavou-nos da nodoa de 20 de agosto e de todas as vergonhas das negociações dirigidas pelos snrs. Hintze e Barjona. Honra lhe seja!

Quanto ao tratado em si — recommendam-no sobre o de 20 de agosto dois merecimentos principaes: — libertou-nos a Africa Occidental da co-exploração ingleza, resalvando-a completamente para a nossa soberania e para os interesses da economia nacional, e expurgou do convenio as clausulas deprimentes que tão vergonhosamente maculavam o instrumento diplomatico que este veio substituir. Não nos livrou de encargos como o da via ferrea do Pungue, com o compromisso das tarifas, não nos livrou do entreposto do Chinde, não nos livrou da clausula da liberdade religiosa, e obrigou-nos, para o conseguirmos, a decretar antecipadamente a liberdade de navegação do Zambeze e do Chire; mas as compensações territoriaes dadas ao norte do Zambeze conservam em nosso poder velhos dominios, attestados pelos prazos da corôa, o principio da arbitragem para os casos litigiosos foi consideravelmente ampliado, e, por fim, as condições das partes contratantes soffreram uma apreciabilissima nivelação que, se bem que platonica em resultados praticos, nos resalva por inteiro os brios e defende os melindres de dignidade.

Facto é que a nossa soberania na Africa Oriental nos fica mutilada em mais d'um ponto, que Moçambique se póde considerar uma colonia semi-alienada, que os seus encargos vão augmentar sobre um *deficit* já de si altamente gravoso. Quasi abandonada durante muito tempo, com diminutas relações commerciaes com a metropole, pouco mais representando para nós do que um rendimento aduaneiro, insalubre em toda a linha costeira — as novas pesquizas auriferas nas regiões altas do interior, como Manica, deixaram-nos um momento entrever n'ella um novo Brazil mineiro. A concorrencia ingleza acaba, porém, de nos repellir para as baixas palustres. Do planalto de Mani-

ca fica-nos a vertente. De novo, o sonho do Ophir se desfez como uma miragem n'um deserto...

Por outro lado, reconhece-se que a expansão ingleza, como atraz ficou provado, nos ha de apertar cada vez mais contra o littoral, a despeito de quantos tratados possamos vir a fazer, tratados que serão para ella puras teias de aranha no dia em que se lhe torne indispensavel avançar sobre o oceano. Nas derradeiras negociações, Salisbury chegou a propôr-nos o reconhecimento da independencia do Gungunhana. Para que? muito simplesmente para os inglezes poderem intrigar á vontade junto d'elle, para o indispôrem comnosco, para o armarem contra nós, para o fazerem o instrumento das suas ambições. A *South Africa* sustentou, mais d'uma vez, que o Gungunhana não era tal nosso vassallo e que assim nós nenhuns direitos tinhamos á costa entre o Limpopo e o Zambeze, porque toda essa região pertencia ao poderoso chefe negro... Porque não hão de, pois, mais tarde, reapparecer opportunistamente estas opiniões, quando a nova colonia anglo-saxonia se achar demasiado embaraçada e incommodada com a nossa occupação littoral?

A consciencia d'estes perigos e a consideração da nossa ruina financeira, impedindo-nos talvez mesmo a realisação dos melhoramentos materiaes, a que, em virtude do tratado, nos compromettemos para com a Inglaterra — pozeram de novo na ordem do dia o alvitre da reducção do nosso dominio colonial. E, n'esta corrente de idéas, o snr. Ferreira de Almeida apresentou no parlamento uma proposta para a venda de alguns d'esses dominios, devendo o producto d'essa alienação ser destinado, não só á amortisação da divida externa, como ao fomento economico dos territorios que conservassemos.

Esta proposta, que, ha meia duzia de annos, seria geralmente recebida nas pontas das lanças, não teve agora o dom de alvorotar o *chauvinismo* nacional, e, se bem que ainda não discutida no parlamento, tem-no sido larga e longamente na imprensa — onde lhe não tem faltado defensores.

A muitos parecerá estranho que ás nossas intransigencias do anno passado, em materia de concessões territoriaes no

Ultramar, se siga, a tão breve trecho, um tal accesso de desprendido utilitarismo. Mas, como ha dias me observava em carta um velho amigo, que hoje exerce em Africa um cargo de alta confiança, o portuguez é um Quichote com intermittencias de Sancho. São, de resto, assim todos os povos em decadencia, que tiveram um grande passado historico. *Noblesse oblige* — é facto. Mas mais do que a nobreza — obriga a negra fome... Seriamos, com effeito, um povo indigno e abjecto se não vibrassemos ante os insultos do estrangeiro... Mas seremos tambem, me parece, um povo singularmente insensato, se nos recusarmos a examinar friamente questões que os sentimentos e os instinctos não poderão nunca resolver por si sós.

Em boa verdade, a respeito de colonias, eu julgo por igual admissiveis duas politicas: a politica tradicional, a politica da *integridade,* e a politica economica, positiva, pratica, que não attende só ás tradições, mas tambem aos interesses, que, considerando o passado, não deixa, comtudo, de olhar para o futuro. Uma e outra me parecem igualmente dignas, aceitaveis e patrioticas. Patrioticas, repito — porque é tão legitimo o patriotismo que emana d'um sentimento instinctivo, como o que provém d'um raciocinio sereno e frio. Porque esta questão da venda de alguns territorios do Ultramar não é uma vaga theoria de administração, nem um facto que se possa considerar exclusivamente em si; é um caso que se prende, em nexo intimo e intrinseco, com as condições da nossa vida social, no mais lato sentido d'esta expressão.

Mantenhamos a integridade dos nossos dominios — se é que temos elementos para os explorar a todos, não direi já com proveito, mas ao menos sem sacrificios que nos levem á ruina. Mas não hesitemos em alienar o que se nos torne esmagadoramente oneroso, não duvidemos vender aquillo cuja exploração e manutenção sobrepujem os nossos recursos. As colonias são padrões de gloria, brazões de nobreza, retalhos, pedaços de patria distante — não ha duvida. A metropole, porém, sempre é a *terra-mater* da Patria; e o sólo que se ensopou de sangue portuguez em Ourique, em Aljubarrota e em Montes-Claros, não

deve ser preterido nos seus anteriores direitos ao nosso amor e ao nosso interesse. Por nos não atrevermos a podar os ramos — não vamos nós deixar o tronco definhar e morrer. É doloroso, é cruel, offende, em mais d'um ponto, o nosso orgulho de raça e o nosso sentimento nacional — bem o sei e bem o sinto. Mas tambem as amputações são dolorosas — e, comtudo, o operador não trepida em sacrificar um membro para salvar uma vida.

É que o nosso patriotismo colonial é, sobretudo, um *patriotismo historico*. Vive d'uma tradição e não d'um plano: vive do passado e não do futuro. Não attendemos a que os tempos são outros e a que, se os nossos velhos processos de exploração ultramarina se tornaram já impraticaveis, nós nos temos mostrado sobremaneira incapazes de applicar os processos novos. Mesmo a nossa esperança nas futuras riquezas, que nos hão de advir dos dominios coloniaes, tem o seu quê d'uma superstição. É ainda o sonho semi-barbaro da Idade-média, o sonho dos thesouros fabulosos, dos rios de areias d'ouro, das montanhas de pedraria rara... Em tornar as colonias mercados da industria nacional não se pensa, como inversamente se não pensa em promover o fomento d'aquellas industrias que encontrariam n'essas regiões amplos mercados. Em activar a exploração agricola de fórma a abastecermo-nos exclusivamente dos *nossos* generos coloniaes e a pôl-os no commercio externo em concorrencia com os de outros paizes — é isso coisa que pouco nos prende os cuidados...

Comtudo, eu não applaudo a venda de qualquer parcella de terras ultramarinas, como um abandono duro e egoista inspirado n'um sentimento de abjecto chatinismo, como um acto de brutal interesse ou de renuncia ás nossas tradições. Mas applaudil-a-hia, caso ella representasse um expediente salvador, um grande acto de administração, um positivo sacrificio de patriotismo que antepõe um dever a um sentimento. Uma alienação, n'estas condições, com uma segura garantia de que o seu producto fosse proficuamente aproveitado em bem da riqueza publica, saldando dividas esmagadoras, desenvolvendo a explo-

ração dos dominios conservados, augmentando os nossos recursos de defeza maritima — seria como a carga que se lança ao mar para salvar o navio em perigo, como o lastro que se alija para fazer subir o balão, prestes a vir esmagar-se contra o sólo.

Se, porém, se vende para o producto da transacção se escoar pelos secretos vasadoiros do mundo dos negocios, indo enriquecer *brasseurs d'affaires,* politicos e burocratas; se se vende para, ainda em cima, os tristes restos d'esse regabofe se esbanjarem em *melhoramentos* espaventosos e inuteis — então deixemos estar tudo como está, quando mais não seja para se evitarem novas torpezas e maiores miserias. Então acabemos, com uma pertinacia de maniacos, agarrados a esses farrapos da nossa passada gloria, procurando ainda, envolvidos n'elles, apparentar a magestade de melhores tempos. Teremos ao menos o merito d'um cabeçudismo — que póde dar a illusão d'uma nobre intransigencia...

Luiz de Magalhães.

REVISTA LITTERARIA

Fastos da Dictadura militar no Brazil, por FREDERICO DE S.

O volume que é objecto d'estas curtas notas, representa a reunião de seis artigos publicados nas paginas da *Revista de Portugal,* de dezembro de 1889 a junho de 1890, artigos que constituem uma campanha politica que foi seguida com interesse em Portugal e produziu funda impressão no Brazil. Comquanto as condições politicas que provocaram esse vigoroso protesto tenham cessado de operar e a grande nação americana tenha sido restituida á normalidade da sua vida collectiva, a proximidade recente dos factos historiados e a actualidade persistente dos homens discutidos faz que o interesse d'esse escripto se não tenha obliterado. E como os sucoessos sobre que pesa a mão do publicista são d'aquelles que se prendem com os mais graves problemas da Sciencia politica, e o talento acerado e lucido do escriptor os narra e commenta com um raro poder de expressão, resulta que o exame d'essas paginas não é descabido n'esta secção especialmente reservada á noticia de obras recommendaveis á attenção publica pelo seu conteúdo philosophico de idéa ou pelo seu valor esthetico de fórma.

O auctor d'esses artigos, que persiste em guardar um anonymo o qual seria superfluo romper, é um espirito inclinado a observar e capaz de comprehender. Vocação de publicista fecundada por viagens innumeras e pela assistencia nos grandes centros europeus, viu muito, ouviu muito, reteve muito. A sua conversação sob apparencias de mundanismo e uma predilecção visivel pela anecdota espirituosa e frivola communica uma multidão de factos expressivos ou suggestivos e não esconde um conjuncto de opiniões e tendencias coordenaveis n'um ideal politico. Esse ideal, um pouco inglez

no fundo, mas verdadeiro inda que incompleto, anima d'uma ponta a outra este livro tão digno de approvação pela solidez experiente da doutrina como digno de louvor pela generosidade corajosa dos sentimentos.

O estylo é excellente. A propriedade da expressão, a vivacidade do movimento, o imprevisto e o acerado do sarcasmo, a abundancia dos pormenores uteis, a mesma caprichosa graça da eloquencia improvisada mas correcta satisfazem o juiz mais severo e collaboram para forçar primeiro a attenção e depois a adhesão. É preciso possuir um verdadeiro talento litterario para interessar o leitor indifferente por successos que se passam do outro lado do Atlantico, e para o guiar sem fastio através do campo atravancado de factos especiaes da administração, da diplomacia e das finanças. O auctor dos *Fastos* consegue isto. É que o seu talento litterario é real. Nada lhe falta, nem mesmo a plenitude periodica da prosa que accelera e disciplina como uma musica os pés velozes do raciocinio. Ha poucos escriptores portuguezes capazes de conduzir a phrase com esta firmeza de mão.

Criticos rigorosos observarão talvez que este livro dos *Fastos* não escapa a dois defeitos: a falta de serenidade e a falta de variedade. Mas é preciso não esquecer que o livro de que nos occupamos não é nem uma dissertação de direito publico, nem uma composição de litteratura historica. É a obra d'um polemista e d'um jornalista, isto é, a defeza aggressiva d'uma these contestada, e o commentario interessado de acontecimentos diuturnos. E se mais d'uma vez a paixão aguça a ironia ou cospe o insulto, é que se trata dos destinos d'um grande estado; se de quando em quando a monotonia do assumpto se faz sentir no repizar dos casos parecidos, é que o chronista póde historiar, pintar, julgar os seus personagens, mas não pode forçal-os a ser originaes ou variados na irregularidade.

Essa irregularidade, servindo-me d'um termo que o auctor dos *Fastos* achará brando, inspira-lhe movimentos de indignação. É que entre os sentimentos d'esse caracter vivo conta-se o patriotismo. Este patriotismo manifesta-se pelo interesse activo pelos destinos do seu paiz e pela resolução corajosa de lhe dizer a verdade. Falta-lhe talvez para que esse sentimento seja integral aquelle enternecimento das entranhas que provoca no animal humano a lembrança da terra em que nasceu, e aquelle sublime orgulho que deriva da consciencia dos destinos historicos da sua patria. Espirito cosmopolita saturado de cultura parisiense e ideaes britannicos, e filho de um paiz latino que apenas começa a sua vida collectiva e que naturalmente a começa d'um modo animal, comprehende-se que lhe falte aquelle affecto instinctivo proprio dos simples, e aquella confiança prophetica na missão ideal da sua raça que já se deixa vêr em certos escriptos brazileiros, por exemplo no ultimo livro de José Verissimo. Mas se o auctor dos *Fastos* não ama o seu paiz á maneira dos simples ou dos philosophos, ama-o e serve-o á maneira dos estadistas e dos publicistas. E se a fria severidade com que

são descriptos e julgados certos aspectos da sociedade brazileira póde ferir o amor-proprio em extremo susceptivel de certos patriotas brazileiros, é justo comtudo relevar-lhe essa impessoalidade ás vezes desdenhosa de mundano e de critico á conta da sinceridade do sentimento que lhe inspira os commentarios luminosos e graves, á installação do novo regime: a rosa dada não se vejam os espinhos.

Não é nossa intenção acompanhar o auctor dos *Fastos* nas suas excursões, ou melhor expedições através das extensas e agitadas provincias da administração dictatorial, nem apurar quanto valem ao certo as finanças do ministro Barbosa ou a diplomacia do ministro Bocayuva. Nem o queremos nem nos seria possivel fazel-o á falta de dados positivos directamente observados. O que buscamos n'este logar exclusivamente destinado ao exame de idéas e factos d'um interesse geral é apurar o pensamento fundamental que domina, explicando-os os acontecimentos narrados n'este livro e frisar a lição moral que d'elle resulta e que o auctor não quiz tirar.

A Revolução brazileira deriva, na opinião do auctor dos *Fastos,* da coexistencia de dois elementos: um partido republicano cheio de audacia e de espirito de propaganda, e um exercito duplamente desmoralisado pela natureza das instituições militares e pelo abandono dos poderes publicos. D'um lado uma facção numerosa, ardente, estimulada pelo exemplo unanime do regimen politico dos estados americanos, inclinada pela natureza das suas doutrinas a romper bruscamente com o passado, e impellida ao emprego da violencia por ambições impossiveis de satisfazer dentro da legalidade vigente. D'outro lado uma força armada mal organisada, mal instruida e mal paga, na qual o soldado subtrahido á vida do regimento se achava desmoralisado pela dispersão nas villas do interior em guarnições de 20, 10, 5 e até 2 homens; na qual a exorbitancia do numero e a continuidade da paz difficultava as promoções dos officiaes, que o desamor da carreira levava a preoccupações estranhas a ella, transformando-os n'aquillo a que o auctor chama pittorescamente *bachareis d'espada;* d'um exercito emfim que o abandono dos poderes publicos e o exemplo dos chefes naturaes mantinha no mal-estar e predispunha á revolta. Do connubio d'esses dois elementos, que tinham fatalmente de entender-se e dos quaes um possuia a força e o outro a audacia, devia resultar uma Revolução. E na ausencia d'uma classe civil capaz de submetter o elemento militar ao jugo da Lei e de oppôr ao elemento radical a energia das resistencias conservadoras, essa Revolução devia triumphar. Foi o que succedeu.

São os primeiros resultados d'essa Revolução que o auctor dos *Fastos* narra e commenta. Com que abundancia de pormenores, com que sciencia dos negocios, com que indignação documentada e com que contagiosa eloquencia o leitor só poderá medil-o lendo o livro. D'esta leitura, a impressão que se recebe é deprimente. O espectaculo das revoluções é feio. Reti-

rada a parte minima de sentimentos generosos que ha sempre nos movimentos collectivos fica a explosão dos instinctos naturaes, aquillo a que Carlyle, na sua forte linguagem de puritano, chamava o fundo diabolico da natureza humana, e que em estylo exacto significa o conjuncto voraz das concupiscencias e das vaidades que a mão da Lei sujeita ao freio e ata á charrua. Em todas as provincias da administração publica, na diplomacia como nas finanças, na organisação do ensino como na organisação do credito, nas relações com a população e a opinião como nas relações com as potencias estrangeiras e as corporações constituidas o publicista segue os passos da dictadura e denuncía os erros filhos da incompetencia e os desmandos proprios das paixões investidas do poder supremo pelas surprezas da força. E ao lado das violencias impostas pelas condições da dictadura ou derivadas do caracter dos dictadores surgem as violencias independentes da acção da dictadura ou penosas á vontade dos dictadores, as desordens inseparaveis do interregno da Lei, das explosões demagogicas, do exemplo que vem do alto, das connivencias dos interesses, das capitulações da covardia. E sommada com a desordem material que é grande e deploravel avulta no total a desordem moral que é maior e inda mais deploravel, porque ella consiste na castração das vontades submettidas ao anonymato da tyrannia irresponsavel, e na corrupção dos corações privados de toda a capacidade de respeito pela natureza impura e pela origem recente d'um regimen em que a Auctoridade foi gerada na rua, como um cão, do coito abjecto do Gladio com a Rhetorica. Conclue-se que uma revolução é má mesmo quando é necessaria; que não se appella impunemente para o tribunal da Força; que aquelles que foram conduzidos ao poder pela violencia podem ser expulsos do poder pela violencia; que este pensamento os desvaira; que o instincto da conservação e o panico da imaginação lhes inspira os actos mais deploraveis; que o mesmo facto que impossibilita a segurança nos governantes destroe a confiança nos governados, e que, em resumo, sahindo da legalidade para a violencia uma sociedade regressa áquelle estado que apresenta a desordem das idades barbaras sem adquirir a sua energia creadora.

A esta lição moral que o auctor dos *Fastos* tirou, ajunta-se porém uma outra que o auctor dos *Fastos* não quiz tirar. Se a violencia que se insurge contra a lei para derrubar a auctoridade constituida é criminosa, não o é menos a incuria que deixa accumular as causas e preparar as condições que tornam possiveis as surprezas da Força, e os golpes de mão das ambições inconfessaveis. A travação dos elementos que compõem a realidade faz que cada um deva responder não só pelos actos proprios mas tambem pelos alheios. O circulo das responsabilidades moraes das resoluções politicas tem por medida o raio das suas consequencias logicas. E se, como o affirma o auctor dos *Fastos,* os resultados naturaes da Revolução brazileira

foram funestos aos interesses materiaes, á integridade de costumes e ate á dignidade diplomatica da nação brazileira, é justo lançar as culpas não só ao marechal Deodoro da Fonseca que fez essa revolução mas ao imperador D. Pedro de Bragança que a deixou fazer.

A sagacidade do auctor dos *Fastos* não escapou a importancia d'este ponto de vista. A calorosa apologia do imperador, que constitue uma das paginas mais eloquentes do livro, tem o aspecto d'uma refutação antecipada de objecções possiveis. Mas por finamente escripto que elle esteja, é justo confessar que n'esse fragmento a exactidão da critica não está á altura da generosidade dos sentimentos. O homem illustre que os acasos do nascimento pozeram e mantiveram durante mais de meio seculo á testa do grande imperio americano, merece que o critico o saude ao passar em frente d'elle, e é duplamente respeitavel pela rectidão de intenções que manifestou no throno e pela dignidade simples que tem mostrado no exilio. Mas, feitas as restricções devidas a favor da sua applicação e da sua cultura, a Historia ha de pronunciar que nem pela intelligencia nem pela vontade o velho imperador esteve á altura da sua missão de principe. A Historia dirá que para este litterato amador de bellos livros, e para este philosopho namorado da nobreza das cogitações do espirito, letras e idéas não foram o espelho que reproduz ou concentra a vida, mas a cortina que guarda a vista do espectaculo demasiado crú da realidade, e ao abrigo da qual é dôce repousar e scismar. A Historia ha de julgar que no corpo das suas opiniões de publicista e no programma da sua actividade de estadista, houve graves lacunas que tiveram funestas consequencias; que o seu optimismo de liberal empedernido o impediu de ver a realidade das paixões humanas e a rudeza dos instinctos naturaes; que a sua errada concepção da natureza do Poder politico o levou a vêr um mandato onde existe uma missão e preparou o seu espirito para as resignações da derrota; que a sua aversão humanitaria pela guerra o conduziu ao desamor e ao desleixo das instituições militares; que a sua tolerancia anarchica em frente da expressão do pensamento permittiu a propaganda do desprestigio e a sementeira da revolta; que emfim por estes dois ultimos factos elle serrou por suas proprias mãos os pés do throno em que se sentava, collaborou na propria queda e tornou-se solidario com os seus inimigos nos golpes que elles vibraram contra a prosperidade da sua patria. A este juizo geral da Historia, o moralista poderá ajuntar que este homem bom foi por sua bondade causa de grandes males, e que este homem justo não amou a Justiça o bastante para aborrecer e prevenir as violações do Direito, mesmo quando estas houvessem de se exercer contra si proprio.

Ha uma profunda theoria moral, de largas applicações politicas, germanica pelo fundamento philosophico, hispanica pelo conteúdo moral, e filha legitima d'esse monismo idealista que através das suas variações his-

toricas e mau grado a grandeza dos problemas com que arca, permanece até hoje a mais penetrante e comprehensiva interpretação do mundo, e a mais capaz de conciliar no seu amplo seio as realidades da natureza bruta com as aspirações da consciencia humana. Essa theoria affirma a unidade do Direito e do Facto na identidade da Materia e do Espirito. Ella intíma as origens animaes e aponta as raizes longiquas do instincto que precedem e condicionam a floração suprema da Razão e da Moralidade. Repousando sobre uma concepção do methodo que affirma a unidade da Intelligencia em todas as suas operações, ella enriquece o seu conteúdo doutrinal com todas as acquisições da experiencia no dominio dos factos mentaes e sociaes. Ella aprende com os psychologos que o Homem é um sêr impellido por paixões brutas, mas capaz de conceber e amar idéas racionaes. Ella aprende com os sociologos que um agrupamento humano patenteia phenomenos que ficariam occultos na consciencia do individuo, e que a travação social envolve uma especie de creação moral. Ella reune estes dois factos para subordinal-os a uma concepção superior do destino final da solidariedade humana, e cheia de desconfiança critica do valor dos homens e de confiança piedosa na nobreza do Homem, ella celebra sobre as ruinas d'um liberalismo vazio e d'um optimismo nescio, a Religião da Ordem com o rito da Força.

Moniz Barreto.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

INDICE

Pag.

Alma posthuma, por *D. João de Castro*. 306

Anthropologia (A), o caracter e o futuro nacionaes, por *Rocha Peixoto*. . 689

Caracteristicas de Portugal na Europa e na historia da humanidade, por *Jayme Batalha Reis* 346

Cartas de Fradique Mendes, por *Eça de Queiroz*. 731

Caso (Um) simples, por *Silva Gayo* 700

Chronicas da politica europêa, por *G. de Corte-Real* 67, 224, 501

Communidades (As) de Gôa, por *Jayme de Magalhães Lima*. 40

Como se fórma a lenda, por *F. Sá Chaves*. 550

Conto do moinho, por *M. Caldas Cordeiro* 567

Decretos (Os) de Mousinho da Silveira, por *Teixeira Bastos* 511

Diorama, por *Eduardo Pacheco*. 557

Economia publica portugueza, por *A. Malheiro Dias* 383

Episodios militares, por *F. Sá Chaves* 267

Escóla (A) de Barbizon, por *Jayme de Magalhães Lima*. 319

Fontes de bronze em Portugal, por *Sousa Viterbo* 398

Giria (A), por *J. M. de Queiroz Velloso* 153

Gustave Flaubert, por *Manoel Caldas Cordeiro* 281

Idéas e factos, por *Jayme de Magalhães Lima* 289, 413, 595, 703

Instrucção (A) primaria em Portugal, por *J. Simões Dias* 331

Pag.

Jornal (O) d'uma princeza russa, por *Izabel Leite* 538, 658

Lição (Uma) historica, por *Izabel Leite*. 121

Madresilvas, por *Alberto Bramão* 464

Museus regionaes, por *Rocha Peixoto* 184

Novos (Os), por *Silva Gayo* 198

Pegureiros (Os), por *Monteiro Ramalho* 52

Pequenina (A) Guida, por *Joaquim de Araujo*. 573

Pessimismo (O) e a philosophia positiva, por *Teixeira Bastos*. 249

Poetas (Os) do norte, por *Junius* 672

Praticas e theorias da dictadura republicana no Brazil, por *Frederico de S.* 74

Projecto (Um) de porto de abrigo em Leixões no fim do seculo XVII, por *Gomes de Brito* 639

Rainha (A) Adosinda, por *Francisco de Almeida*. 444

Realidades da revolução franceza, por *F. d'Ayalla* 16

Revista (A) v

Revista de critica litteraria, por *Monix Barreto* 235, 633

Revista de critica litteraria, por *Julio de Mattos* 377

Revista litteraria, por *Monix Barreto* 763

Revista de politica interna, por *Luiz de Magalhães* 479, 620, 739

Sonetos, por *Joaquim de Araujo* 64

Tedio, por *Acacio Antunes*. 195

Tratado (O) com a Inglaterra e a situação de Portugal, por *Spectator* . . 1

Tres dias em Djeddah, por *Augusto Sarmento*. 467, 575

Vida (A) conjugal, por *Jayme de Magalhães Lima*. 211

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Pres. Prudente
BIBLIOTECA
Adquirido de Cobral
Oferta de
21 / 11 / 74
Cr$ 175,00

"COBRAL"
LIVROS EM COLEÇÃO
DISTRIBUIDORA DE MATERIAL ESCOLAR
M. L. C. [illegible] E
Rua [illegible], 749 - Fone, 3-2228
PRESIDENTE PRUDENTE — S.P.



